

ALFAGUARA

A. M. Homes

Que sejamos perdoados

"Relaxe
e aproveite
o delicioso
humor negro
de Homes."
*Independent
on Sunday*



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ALFAGUARA



A. M. Homes

Que sejamos perdoados

"Relaxe
e aproveite
o delicioso
humor negro
de Homes."
*Independent
on Sunday*



ALFAGUARA



A. M. Homes

Que sejamos perdoados

Tradução
Débora Landsberg



Copyright © 2012, A. M. Homes.
Todos os direitos reservados.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
May We Be Forgiven

Capa
Thiago Lacaz

Imagem de capa
David Jordan Williams / Getty Images

Preparação
Agnaldo Holanda

Revisão
Fátima Fadel
Eduardo Rosal

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H727q

Homes, A. M.

Que sejamos perdoados [recurso eletrônico] / A.M. Homes; tradução Débora Landsberg. - 1. ed. -
Rio de Janeiro: Objetiva, 2014

recurso digital

Tradução de: *May We Be Forgiven*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

442 p. ISBN 978-85-7962-340-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Landsberg, Débora. II. Título.

14-14517 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Quer a minha receita para um desastre?

Agradecimientos

Que seamos perdoados

Para Claudia, a quem tenho muita gratidão

“Que sejamos perdoados”, uma fórmula mágica, uma oração, a esperança de que de algum modo eu saia dessa vivo. Já houve algum momento em que você pensou — estou agindo assim de propósito, estou fazendo merda e não sei por quê.

Quer a minha receita para um desastre?

O sinal de alerta: ano passado, Dia de Ação de Graças na casa deles. Vinte ou trinta pessoas sentadas às mesas que se espalhavam da sala de jantar até a sala de estar e paravam de repente perto do banco do piano. Ele estava na cabeceira da mesa grande, tirando peru do dente, falando de si. Eu o observava enquanto ia e voltava da cozinha carregando pratos — as pontas dos dedos mergulhadas em uma gosma indescritível, mistura de molho de cranberry, batata- -doce, pickles de cebola e restos de peru. A cada percurso de ida e volta da sala de jantar para a cozinha, o ódio que sentia dele aumentava. Cada pecado da nossa infância, a começar pelo nascimento dele, vinha à tona. Ele veio ao mundo onze meses depois de mim, de início doente, sem oxigênio suficiente durante o parto, e recebeu atenção demais. E depois, embora eu tentasse sempre lhe repetir como ele era horrível, ele agia como se acreditasse ser um presente dos deuses. Deram-lhe o nome de George. Geo, era como gostava de ser chamado, como se fosse algo bacana, algo científico, matemático, analítico. Geode, eu o chamava — como uma rocha sedimentária. A autoconfiança sobrenatural, a cabeça divinamente arrogante salpicada de fios de cabelo louros eriçados chamava a atenção dos outros, dava a impressão de que ele sabia das coisas. As pessoas pediam sua opinião, sua participação, mas eu nunca entendi aquele fascínio. Quando tínhamos dez e onze anos, ele já era mais alto que eu, mais robusto, mais forte. “Você tem certeza de que ele não é filho do açougueiro?”, meu pai perguntava, brincando. E ninguém ria.

Eu estava carregando pratos e travessas pesadas, caçarolas empastadas de restos do jantar, e ninguém reparou que era preciso ajudar, nem George, nem seus dois filhos, nem seus amigos ridículos, que na verdade estavam a seu serviço — dentre eles uma moça do tempo e vários âncoras reservas, homens e mulheres, de costas eretas e cabelos duros de spray fixador como Ken e Barbie —, nem minha esposa sino-americana, que detestava peru e nunca perdia a oportunidade de nos lembrar de que sua família comemorava tal data com pato assado e arroz grudento. A esposa de George, Jane, tinha passado o dia inteiro cozinhando e limpando, servindo, e agora raspando os ossos e a gosma em cima de uma lixeira gigantesca.

Ela se pôs a lavar a louça, empilhando os pratos sujos um em cima do outro e mergulhando os talheres engordurados na pia de água

quente cheia de sabão. Lançando-me um olhar, tirou o cabelo do rosto com as costas da mão e sorriu. Voltei para buscar mais.

Olhei para os filhos deles e os imaginei fantasiados de Peregrinos, de sapatos pretos de fivela, fazendo os trabalhos domésticos das crianças peregrinas, carregando baldes de leite como touros humanos. Nathaniel, doze anos, e Ashley, onze, estavam sentados à mesa que nem dois idiotas, encurvados, ou melhor, enrolados, como se tivessem sido derramados nas cadeiras, verdadeiramente invertebrados, olhos voltados para suas telinhas, seus dedões as únicas coisas que se mexiam — um mandando torpedos para amigos que ninguém nunca tinha visto e o outro matando terroristas no universo digital. Eram crianças ausentes, de personalidade ausente, de moral ausente e, exceto nos feriados, praticamente ausentes de casa. Foram mandadas para internatos numa idade que outros considerariam precoce, mas que Jane certa vez confessou ter sido causada por uma espécie de necessidade — houve alusões a problemas inespecíficos de aprendizagem e baixa capacidade de os meninos se relacionarem, além da insinuação sutil de que as imprevisíveis flutuações de humor de George tornavam a vida em casa abaixo do ideal.

Em segundo plano, dois televisores competiam aos brados pela atenção de ninguém — em um estava passando futebol americano e no outro o filme *Poderoso Joe*.

“Sou um homem que veste a camisa da empresa, com o coração e a alma”, declarou George. “O presidente da Área de Entretenimento da companhia. Estou sempre de olho aberto, vinte e quatro horas por dia.”

Havia uma tevê em cada cômodo; o fato é que George não aguenta ficar sozinho, nem mesmo no banheiro.

Parece que também não se aguenta sem a reafirmação constante de seu sucesso. Os mais de doze Emmys vazaram do escritório e agora se espalham pela casa, junto com vários outros prêmios e condecorações talhadas em cristal cortado, todos celebrando a capacidade de George de avaliar a cultura popular, de nos levar de volta a nós mesmos — claro que de um jeito ligeiramente zombeteiro, sob a forma mais conhecida como o seriado cômico de trinta minutos ou a hora do noticiário.

A travessa de peru estava no meio da mesa. Estiquei o braço por cima do ombro da minha mulher e a levantei — a bandeja estava pesada e balançou. Empenhei-me para reunir forças e consegui manusear a travessa enquanto equilibrava uma caçarola de couve-de-bruxelas e bacon na curvatura do outro braço.

Aquele peru, uma “ave tradicional”, seja lá o que isso for, tinha sido cuidadosamente aberto de ponta a ponta e temperado à

base de ervas, a ponto de ninguém pensar que era tão ruim assim um animal ser decapitado, ter a bunda recheada de cranberry e migalhas de pão num rito anual. A ave fora criada com um objetivo em mente, uma data verdadeira em que seu dia de ser devorada iria chegar.

Eu estava de pé na cozinha da casa deles descarnando a carcaça enquanto Jane lavava a louça, de luvas azul-claras, coberta de espuma até os cotovelos. Meus dedos estavam enterrados na ave, o corpo oco ainda quente, as melhores partes do recheio amontoadas. Cavei com os dedos e levei o recheio aos lábios. Ela me olhou — minha boca úmida, gordurenta, meus dedos dobrados no que teria sido o ponto G do peru caso ele tivesse essas coisas —, tirou as mãos de dentro da água e veio em minha direção, para me plantar um. Não foi amistoso. O beijo foi sério, molhado e cheio de desejo. Foi assustador e inesperado. Depois disso, ela arrancou as luvas e se retirou. Eu permaneci segurando a bancada, agarrando-me a ela com os dedos engordurados. Com força.

A sobremesa foi servida. Jane perguntou se alguém queria café e voltou à cozinha. Eu a segui feito um cachorro, querendo mais.

Ela me ignorava.

“Você está me ignorando?”, indaguei.

Ela não disse nada e então me entregou o café. “Será que você não pode me permitir um prazer bobo, uma coisinha à toa que seja só minha?” Ela se calou. “Creme e açúcar?”

Do Dia de Ação de Graças até o Natal e adentrando o Ano-Novo, eu só pensava em George fodendo Jane. George em cima dela ou, numa ocasião especial, George embaixo, e uma vez, fantasticamente, George pegando-a por trás — o olhar dele fixo na televisão que ocupava a parede inteira —, a tarja deslizante com as últimas notícias correndo na parte inferior da tela. Não conseguia parar de pensar nisso. Estava convicto de que, apesar de seus encantos, George não era lá muito bom de cama e de que tudo o que sabia sobre sexo havia aprendido nas páginas de uma revista lida às escondidas enquanto cagava. Pensava no meu irmão fodendo a esposa; pensava nisso constantemente. Sempre que eu via Jane, ficava de pau duro. Usava jeans largos e pregueados e duas cuecas para conter meu entusiasmo traiçoeiro. Esse ardil, porém, criava certo volume no meio das minhas pernas e, o que me preocupava, dava a impressão de que eu havia ganhado peso.

Mais para o fim de fevereiro, são quase oito horas da noite quando Jane telefona. Claire ainda está no escritório: ela está sempre no escritório. Outro homem pensaria que a esposa está tendo um caso; penso apenas que Claire é esperta.

“Preciso da sua ajuda”, diz Jane.

“Pode contar comigo”, vou respondendo, antes mesmo de sequer saber qual é o problema. Imagino que esteja me ligando do telefone da cozinha, o fio comprido espiralado enrolado no corpo.

“Ele está na delegacia.”

Dou uma olhada no horizonte de Nova York. Nosso prédio é feio, de tijolos brancos estilo pós-guerra, sem graça, mas estamos no alto, as janelas são amplas e temos um pequeno terraço onde podemos sentar para comer as torradas do café da manhã. “Ele fez alguma coisa errada?”

“É o que parece”, ela diz. “Eles querem que eu vá buscá-lo. Você não pode fazer isso? Não pode ir buscar o seu irmão?”

“Pode contar comigo”, digo, repetindo-me.

Minutos depois estou saindo de Manhattan rumo a Westchester, o vilarejo que George e Jane chamam de lar. Telefono para Claire do carro; sou atendido pela secretária eletrônica. “Aconteceu algum problema com o George e vou ter que buscá-lo e levá-lo para casa, para a Jane. Eu já jantei; deixei comida para você na geladeira. A gente se fala mais tarde.”

Uma briga. No trajeto até a delegacia, é o que imagino. George tem propensão a isso: uma espécie de reatividade atômica que permanece sob a superfície até que alguma coisa lhe sirva de gatilho e ele irrompa, derrubando a mesa, socando a parede ou... Não foi só uma vez que fui alvo de suas frustrações, uma bola de beisebol arremessada nas minhas costas, atingindo-me na altura do rim e me deixando de joelhos; um empurrão na cozinha da minha avó que me lançou de costas numa porta de vidro, quando George quis me impedir de pegar o último pedaço de brownie. Imagino que tenha saído para beber depois do trabalho e desagradado alguém.

Trinta e três minutos depois, estaciono do lado de fora de uma pequena delegacia do subúrbio, uma caixa de bolo branca construída lá por 1970. Há um calendário com uma moça peituda que certamente não deveria estar pendurado em uma delegacia, um jarro de balas,

duas mesas de metal que geram um ruído tão alto como o de um acidente de carro se você as chuta sem querer — o que eu fiz, ainda derrubando uma garrafa vazia de Dr. Pepper diet. “Eu sou o irmão do cara que está aí. Você ligou para a esposa dele”, anuncio. “Estou aqui da parte de George Silver.”

“Você é o irmão?”

“Sou.”

“Ligamos para a esposa dele, ela está vindo buscá-lo.”

“Ela ligou para mim, estou aqui para buscá-lo.”

“A gente queria levar o cara para o hospital, mas ele se recusou a ir; ele não parava de dizer que era um homem perigoso e que a gente devia levá-lo para o ‘centro’, prender e ponto final. Na minha opinião, acho que o cara precisa é de um médico. Ninguém sai de uma situação dessas ileso.”

“Quer dizer que ele se meteu numa briga?”

“Acidente de trânsito, bem feio. Não parece que estava alterado; passou pelo bafômetro e consentiu em fazer teste de urina, mas na verdade ele devia ir ao médico.”

“A culpa foi dele?”

“Ele ultrapassou o sinal vermelho e avançou sobre uma minivan. O homem morreu com a batida, e a esposa estava viva quando o resgate chegou, no banco de trás, ao lado do garoto sobrevivente. A equipe de resgate teve de usar uma ferramenta hidráulica para retirar a mulher, mas ao ser solta ela faleceu.”

“As pernas dela foram parar longe do carro”, alguém acrescenta, vindo de uma sala nos fundos. “O menino passa bem. Ele vai sobreviver”, informa o policial mais jovem. “Seu irmão está lá nos fundos, vou buscar.”

“O meu irmão vai ser acusado de algum crime?”

“Por enquanto, não. Haverá uma investigação completa. Os policiais perceberam que ele parecia desorientado no local do acidente. Procure levá-lo para casa, procure um médico e um advogado. Essas situações às vezes ficam complicadas.”

“Ele se nega a sair”, declara o policial mais novo.

“Diga que não temos espaço para ele aqui”, o mais velho aconselha. “Diga que os criminosos de verdade estão para chegar e que, se ele não sair agora, vai virar mulherzinha durante a noite.”

George sai, desganhado. “O que é que você está fazendo aqui?”, ele me pergunta.

“A Jane me ligou e, além do mais, o carro estava com você.”

“Ela podia ter vindo de táxi.”

“Está tarde.”

Conduzo George pelo estacionamento apertado, noite adentro, sentindo-me obrigado a segurar seu braço, a levá-lo pelo cotovelo, sem

saber se estou impedindo sua fuga ou apenas o escorando. De qualquer modo, ele não se desvencilha, apenas se deixa levar.

“Cadê a Jane?”

“Está em casa.”

“Ela está sabendo?”

Faço que não com a cabeça.

“Foi horrível. Teve uma luz.”

“Você viu a luz?”

“Talvez eu tenha visto, mas foi como se não fizesse sentido nenhum.”

“Como se não tivesse nada a ver com você?”

“Como se eu não soubesse.” Ele entra no carro. “Cadê a Jane?”, ele pergunta de novo.

“Está em casa”, repito. “Põe o cinto.”

Ao virar para estacionar o carro na garagem, os faróis penetram a casa e flagram Jane na cozinha, segurando um bule de café.

“Você está bem?”, ela indaga, tão logo entramos.

“Como é que eu poderia estar”, diz George. Ele esvazia os bolsos na bancada da cozinha. Tira os sapatos, as meias, as calças, a samba-canção, o paletó, a camiseta, a regata, e enfia tudo na lixeira da cozinha.

“Quer um café?”, Jane lhe oferece.

Nu, George permanece de pé com a cabeça inclinada como se escutasse algo.

“Café?”, ela oferece de novo, gesticulando com o bule.

Ele não responde. Sai andando da cozinha, cruza a sala de jantar e vai para a sala de estar, onde se senta na escuridão. Está nu em uma poltrona.

“Ele arrumou briga?”, Jane indaga.

“Acidente de carro. É melhor você ligar para o seguro e para o advogado. Vocês têm advogado?”

“George, a gente tem advogado?”

“Vou precisar?”, ele pergunta. “Se for precisar, liga para o Rutkowski.”

“Ele não está normal”, diz Jane.

“Ele matou gente.”

Há uma pausa.

Ela serve café para George e leva à sala de estar a xícara junto com um pano de prato, com que lhe cobre o genital, como se pusesse um guardanapo sobre o colo dele.

O telefone toca.

“Não atende”, diz George.

“Alô”, ela diz.

“Perdão, ele não está em casa no momento, quer deixar recado?”, Jane escuta. “Sim, entendi, está claríssimo”, ela diz e então desliga. “Quer uma bebida?”, ela pergunta sem nenhum alvo específico e depois serve um copo para si mesma.

“Quem era?”, procuro saber.

“Amigo da família”, ela afirma, e está claro que se refere à família dos que acabaram de morrer.

Ele passa um bom tempo sentado na poltrona, o pano de prato protegendo os genitais, a xícara de café sobre o colo de um jeito elegante. Uma poça se forma debaixo dele.

“George”, Jane diz com voz suplicante ao ouvir algo parecido com água gotejando, “você está com um probleminha”.

Tessie, a velha cadela, levanta-se de sua cama, aproxima-se e fareja.

Jane corre para a cozinha e volta com um maço de papel toalha. “Vai acabar com o polimento do chão”, ela diz.

Em meio a tudo isso George fica inexpressivo, como a casca oca abandonada por um réptil que troca de pele. Jane retira-lhe a xícara da mão e a entrega a mim. Pega o pano de prato molhado do colo dele, ajuda-o a se levantar e enxuga-lhe a parte de trás das pernas e a bunda com o papel toalha. “Deixa que eu te ajudo a subir a escada.”

Eu os observo galgando os degraus. Vejo o corpo do meu irmão, flácido, a barriga balançando um pouco, os ossos dos quadris, a pélvis, a bunda achatada — tudo tão branco que parece brilhar no escuro. À medida que sobem vejo abaixo de sua bunda e enfiados entre as pernas seus testículos caídos, de um rosa arroxeado, balançando como os de um leão velho.

Sento no sofá deles. Cadê a minha mulher? Será que a Claire não tem curiosidade de saber o que houve? Será que não se pergunta por que não estou em casa?

O ambiente recende a urina. Os papéis toalhas molhados estão no chão. Jane não volta para limpar o xixi. Faço isso e depois torno a me sentar no sofá.

Fito em meio à escuridão uma máscara tribal antiga de madeira, com cabelos feitos de fibra de cânhamo adornados com uma pluma e repleta de contas tribais. Fito esse rosto desconhecido que

Nate trouxe de uma excursão da escola à África do Sul, e a máscara parece retribuir meu olhar como se tivesse vida, com vontade de dizer algo, zombando de mim com seu silêncio.

Odeio esta sala de estar. Odeio esta casa. Quero ir para casa.

Mando um torpedo para Claire explicando o que aconteceu. Ela responde: “Aproveitei que você tinha saído e continuei no escritório; acho melhor você passar a noite aí para o caso de a situação degrading ainda mais.”

Numa atitude obediente, durmo no sofá com um lençol pequeno e fedorento cobrindo meus ombros. A cadela Tessie me faz companhia, esquentando meus pés.

De manhã, há telefonemas apressados e conversas sussurradas; uma cópia do boletim do acidente rasteja para fora do fax. Levaremos George ao hospital, e eles buscarão alguma coisa, alguma explicação invisível que o livrará da responsabilidade.

“Eu estou ficando surdo ou tem alguma merda acontecendo por aqui?”, George quer saber.

“George”, Jane diz com clareza. “A gente tem que ir ao hospital. Arrume suas coisas.”

E ele arruma.

Eu os levo. Ele se senta ao meu lado, vestindo calças de cotelê surradas, uma camisa de flanela que tem há quinze anos. A barba está desigual.

Dirijo pouco à vontade, preocupado com a possibilidade de que seu ânimo complacente se altere, de que tenha um flashback, de que exploda e tente segurar o volante. Os cintos de segurança são bons, impedem movimentos bruscos.

George começa a recitar uma cantiga infantil, daquelas monótonas.

“Olho aberto”, ele me diz, “senão você vai conseguir o que queria”.

No pronto-socorro, Jane vai ao balcão com os dados do seguro e o boletim de ocorrência e explica que o marido havia se envolvido num acidente de carro fatal na noite anterior e parecera desorientado no local da batida.

“Não foi isso o que aconteceu”, George urra. “A porra do carro esportivo era que nem uma nuvem branca grandona na minha frente;

eu não conseguia ver por cima dele, não conseguia ver ao redor dele; eu não tinha como não avançar para cima dele como se fosse uma coisa qualquer de alumínio, como uma porra de um almofadão. O airbag também avançou para cima de mim, me esmurrou, me tirou o fôlego, e quando eu finalmente saí, vi o pessoal do outro carro espremido que nem lasanha. O menino do banco de trás não parava de chorar. Minha vontade foi de dar um soco nele, mas a mãe estava me olhando, os olhos dela saltando para fora da cabeça.”

Enquanto George fala, dois homens robustos se aproximam por trás. Ele não percebe que estão chegando. Eles o seguram. Ele é forte. Defende-se.

Quando revemos George, ele está em um cubículo no fundo do pronto-socorro, braços e pernas amarrados à maca.

“Você sabe por que está aqui?”, um médico lhe pergunta.

“Sou ruim de mira”, declara George.

“Você se lembra do que aconteceu?”

“A verdade é que eu nunca vou esquecer. Saí do trabalho por volta das seis e meia, fui dirigindo para casa, resolvi parar para comer alguma coisa, o que eu não costumo fazer, mas estava cansado, esta parte eu assumo. Eu não vi a mulher. Assim que percebi que tinha batido em alguma coisa, eu parei. Fiquei com ela. Me agarrei a ela. Ela estava se esvaindo, tinha um líquido vazando, tipo um motor quebrado. Fiquei enjoado. E tive ódio dela. Tive ódio dela por aquela cara de espanto, por estar cinzenta, pela poça que estava se formando debaixo dela. Eu nem sabia direito de onde aquilo vinha. Começou a chover. Tinha gente com cobertas. De onde vinham as cobertas? Ouvi as sirenes. As pessoas passavam de carro ao redor da gente, eu via quando fixavam o olhar em nós.”

“Do que é que ele está falando?”, indago, imaginando se estou confuso ou se é George que está totalmente desorientado. “Não foi isso o que aconteceu, o acidente não foi assim, talvez tenha sido outro, mas não foi o dele.”

“George”, Jane interpela. “Eu li o boletim da polícia... Não foi isso o que aconteceu. Você está com a cabeça em outro lugar? Em algum sonho que você teve ou em alguma coisa que você viu na tevê?”

George não apresenta nenhum esclarecimento.

“Algum histórico de transtornos mentais ou neurológicos?”, o médico pergunta. Todos negamos com a cabeça. “Em que ramo você trabalha?”

“Direito”, declara George. “Estudei Direito.”

“Por que os senhores não deixam que a gente se encarregue dele por enquanto? Vamos pedir uns exames”, o médico diz, “e depois continuamos a conversa”.

Novamente passo a noite na casa de George e Jane.

Na manhã seguinte, no trajeto que fazemos para vê-lo, eu me pergunto em voz alta, “Será que esse é o lugar certo para ele, a ala psiquiátrica?”.

“Estamos no subúrbio”, ela diz. “Que perigo pode ter uma ala psiquiátrica suburbana?”

Ele está sozinho no quarto.

“Bom dia”, diz Jane.

“É mesmo? Não tenho como saber.”

“Já tomou o café?”, ela pergunta, vendo a bandeja diante dele.

“É comida de cachorro”, ele reclama. “Leva para casa e dá para a Tessie.”

“Você está com um bafo horrível. Já escovou os dentes?”, indago.

“Eles não fazem isso pela gente?”, retruca George. “Nunca estive em um manicômio.”

“Não é um manicômio”, corrige Jane. “Acontece que você está na ala de saúde mental.”

“Eu não posso entrar no banheiro”, ele diz. “Não consigo me olhar no espelho — não consigo.” Ele começa a parecer histérico.

“Quer que eu te ajude? Posso te ajudar a se lavar”, diz Jane, abrindo a nécessaire que deixaram ali para ele.

“Não a obrigue a fazer isso”, eu peço. “Você não é nenhuma criança — pode parar com isso — pode parar de dar uma de zumbi.”

Ele cai no choro. Fico surpreso com o tom que adoto ao falar com ele. Saio do quarto. No momento em que me retiro, Jane está molhando uma toalha na pia.

À noite, depois do expediente, Claire vem ao hospital. Traz comida chinesa da cidade para nós quatro. Para alguém de ascendência chinesa, Claire é incrivelmente pouco seletiva no tocante à comida chinesa: no que lhe diz respeito, tudo é sempre igual, são variações sobre o mesmo tema. Requentamos os pratos no micro-ondas com uma etiqueta “PARA USO DO PACIENTE — NÃO COLOCAR PRODUTOS MÉDICOS”. Higienizamos as mãos com o frasco de álcool gel preso a todas as paredes de todos os ambientes. Preocupo-me em não pôr nada em cima dos móveis, evitando deixar que algo toque alguma superfície; receio de repente estar ingerindo germes fatais. Examinio a comida chinesa e noto um

verme, que mostro discretamente a Claire.

“Não é um verme, é um grão de arroz.”

“É uma larva”, sussurro.

“Você está doido.” Ela usa o próprio garfo para pegar aquilo.

“Arroz tem olho?”, questiono.

“É pimenta”, ela decreta, esfregando os olhos.

“De onde foi que veio esta comida?”, pergunto.

“Daquele restaurante que você gostava, na Terceira Avenida”, ela diz.

“Aquele que a vigilância sanitária fechou?”, pergunto, meio alarmado.

“Soube que você vai fazer uma viagem importante em breve”, diz Jane, nos distraindo.

“Vou passar uns dias na China”, diz Claire.

“Ninguém ‘passa uns dias’ na China”, George resmunga.

Claire, sim, passa.

George, negando-se a comer, só se permite chupar a mostarda apimentada direto dos pacotinhos de plástico. Autopunição. Ninguém o impede. “Sobra mais para mim”, fico tentado a dizer, porém me calo.

“Quando você vai?”, pergunta Jane.

“Amanhã.”

Passo outro pacote de mostarda para George.

Mais tarde, a sós, Claire me pergunta se George e Jane têm armas. “Se não, eles deviam arrumar uma”, ela diz.

“Do que você está falando? Eles deviam arrumar uma arma? É assim que as pessoas acabam morrendo, você arruma uma arma e alguém te dá um tiro.”

“Só estou querendo dizer que eu não ficaria surpresa se a Jane chegasse em casa uma noite dessas e a família do pessoal que o George feriu estivesse à espera. Ele destruiu a vida deles e vão querer se vingar. Fica com ela; não deixa ela sozinha; a Jane está vulnerável”, aconselha Claire. “Imagine se fosse você. Se você pirasse, não ia querer que alguém ficasse comigo e ficasse de olho na casa?”

“A gente mora num prédio com porteiro. Se eu pirasse, você ficaria numa boa.”

“Isso é verdade. Se alguma coisa acontecesse com você, eu ficaria muito bem, mas a Jane não é que nem eu. Ela precisa de alguém. E você também devia fazer uma visita ao menino que sobreviveu. O advogado vai te dizer para não fazer isso, mas faz assim mesmo. O George e a Jane precisam saber com o que estão lidando. Não é à toa que eu sou gerente para a região da Ásia”, diz Claire. “Estou sempre pensando.” Ela batuca a lateral da cabeça. Pense. Pense. Pense.

E, portanto, no dia seguinte visito o menino, mais por uma espécie de culpa familiar e menos pela necessidade de calcular o custo impraticável de deixar o menino “inteiro”. Paro na loja de presentes, em que as opções são limitadas a cravos de tons claros, colares religiosos e doces. Escolho uma caixa de chocolates e cravos azul-bebê. O menino está no mesmo hospital de George, na ala pediátrica, dois andares acima. Está sentado na cama, tomando sorvete, os olhos fixos na televisão — *Bob Esponja Calça Quadrada*. Tem uns nove anos, é robusto, e uma única sobancelha se arqueia em seu rosto, em forma da letra “M”. O olho direito está arroxeadado e um grande pedaço da lateral da cabeça foi raspado: uma linha substancial de pontos está exposta à atmosfera. Entrego os presentes à mulher sentada ao lado do menino, que me diz que ele está se saindo tão bem quanto seria de se esperar, que há sempre alguém lhe fazendo companhia, um parente ou uma das enfermeiras.

“Do que ele se lembra?”, indago.

“De tudo”, declara a mulher. “Você é da seguradora?”

Faço que sim. Mexer a cabeça é a mesma coisa que mentir?

“Você tem tudo o que precisa?”, pergunto ao menino.

Ele não responde.

“Eu volto daqui a uns dias”, digo, ansioso para ir embora. “Se você se lembrar de alguma coisa, é só me falar.”

É engraçado notar a rapidez com que algo vira rotina, uma maneira de fazer as coisas. Fico com Jane e é como se brincássemos de casinha. Naquela noite eu tiro o lixo e tranco a porta; ela prepara o lanche e pergunta se não vou subir. Vemos um pouco de tevê e lemos. Leio qualquer coisa que George andava lendo, seus jornais e revistas, *Media Age*, *Variety*, *The Economist* e um livro volumoso sobre Thomas Jefferson que está ao lado da cama.

Ocorreu o acidente e então... tudo acontece. Não acontece na noite do acidente nem na noite em que todos estivemos no hospital. Acontece na noite seguinte, na posterior àquela em que Claire me disse para não deixar Jane sozinha, na noite depois que Claire parte para a China. Claire vai viajar, George degradingola, e então as coisas acontecem. Algo que jamais deveria acontecer.

A visita noturna ao hospital termina mal. Por motivos que não ficaram claros, George é trancafiado em um ambiente acolchoado, os braços amarrados ao corpo. Jane e eu nos revezamos para espreitar através da janelinha. Ele aparenta estar péssimo. Jane quer entrar para vê-lo, a enfermeira avisa que é melhor não, mas ela insiste. Jane

vai ao encontro dele, chama seu nome. George ergue os olhos na direção dela; ela afasta o cabelo dele do rosto, enxuga-lhe a testa franzida; e ele se volta contra ela, segura-a contra a parede com o corpo e a morde várias vezes, o rosto, o pescoço, as mãos, machucando-lhe a pele em diversos pontos. Os ajudantes correm e o tiram de cima dela. Jane é conduzida ao andar de baixo e tratada no pronto-socorro, seus ferimentos são desinfetados e tapados e ela recebe alguma espécie de injeção, tipo vacina contra raiva.

Voltamos para a casa. Jane esquentava brownies de cem calorias no micro-ondas, eu jogo sorvete sem gordura em cima, ela espirra chantilly zero caloria neles e eu os alegro um pouco mais com granulado de chocolate. Lanchamos em silêncio. Ponho o lixo para fora e tiro minha roupa, a mesma roupa que estou usando há dias, e visto um pijama dele.

Eu a abraço. Quero ser um bálsamo. Estou com o pijama dele, ela ainda está vestida. Não acho que alguma coisa vá acontecer. “Eu te peço desculpas”, digo, sem saber o que estou dizendo. E então ela, que está colada em mim, põe as mãos nas laterais da saia e a desliza para baixo. Ela me aperta contra si.

Houve uma vez em que quase contei a Claire sobre o Dia de Ação de Graças. Na verdade tentei contar, certa noite, após o sexo, quando senti muita proximidade com ela. Quando comecei a contar a história, Claire se sentou e apertou o lençol contra o corpo; então voltei atrás no que iria dizer. Mudei. Deixei de fora o beijo e mencionei apenas algo sobre Jane ter roçado em mim.

“Você estava no caminho e ela estava tentando passar ao seu lado, não te pegar”, disse Claire.

Não mencionei ter sentido a cabeça do meu pau pressionada contra o quadril da minha cunhada, as coxas dela fechadas.

“Só você mesmo para achar que ela estava dando em cima”, diz Claire, enojada.

“Só eu mesmo”, repeti. “Só eu mesmo.”

Jane me puxa para junto de seu corpo; seus quadris são estreitos. Minha mão desliza para dentro de sua calcinha. É uma nova selva. Ela suspira. A sensação de tocá-la, de sentir aquela maciez particular, é incrível. E penso, isso não está acontecendo de verdade — está?

Sua boca está em mim; ela estica o braço para pegar alguma coisa, uma espécie de creme, começa frio e depois esquentada. Ela me acaricia, olhando-me nos olhos. E de novo sua boca está em mim e não tenho como dizer não. Ela puxa o meu pijama para baixo, rapidamente sobe em cima de mim, começa a me cavalgar. Então explodo.

Encharcado em seu cheiro, mas abalado demais para tomar um

banho ou para adormecer na cama deles, espero ela dormir; depois desço até a cozinha e me lavo com detergente. Estou na casa do meu irmão às três da madrugada, ensaboando meu pau na pia da cozinha dele, secando-me com uma toalha em que se lê “LAR DOCE LAR”. Acontece outra vez de manhã, quando ela me encontra no sofá, e mais uma vez de tarde, depois de visitarmos George. “O que foi que aconteceu com a sua mão?”, George pergunta a Jane no dia seguinte, ao notar as ataduras. Ele está de volta ao quarto, sem nenhuma lembrança da noite anterior.

Jane cai no choro.

“Você está horrível”, ele diz. “Vai descansar.”

“Tem sido difícil”, comento.

Naquela noite abrimos uma garrafa de vinho e fazemos tudo de novo, de forma mais lenta, ponderada, intencional.

O hospital lhe dá alta, ou, o que é mais provável, ele simplesmente resolve ir embora. De maneira inexplicável, ele consegue sair despercebido no meio da madrugada. Chega em casa de táxi, usando o dinheiro que achou no fundo do bolso. Não encontra as chaves, portanto toca a campainha e a cadela late.

Talvez eu tenha ouvido essa parte, a cadela latindo.

Ou talvez ele não tenha tocado a campainha e talvez a cadela não tenha latido. Talvez George tenha pego a chave de reserva escondida dentro da pedra falsa no jardim perto da porta e, como um intruso, tenha entrado de fininho na própria casa.

Talvez tenha subido a escada imaginando que se espalharia na cama, mas seu lugar já estava ocupado. Não sei por quanto tempo ele ficou ali. Não sei quanto tempo esperou para pegar o abajur da mesa de cabeceira dela e quebrá-lo na cabeça da mulher.

Foi nessa hora que acordei.

Ela estava gritando. O golpe único não havia bastado. Ela tentou se levantar; o abajur nem havia se quebrado. George olha para mim, pega o abajur de novo e o brande contra ela. O vaso de porcelana que serve de base explode na cabeça dela. A essa altura já saí da cama. Ele joga para o lado o que sobrou do abajur, há sangue escorrendo pelos seus dedos, pega o telefone e o atira em mim.

“Anda, pede ajuda”, ele diz.

Estou em pé de frente para ele, usando seu pijama. Somos

iguais, como mímicos, temos os mesmos gestos, os mesmos rostos, o queixo da família, a testa do meu pai, as mesmas personalidades descombinadas. Eu o encaro, sem saber como aquilo vai terminar. O som de um gorgolejo perturbador me impele a discar o telefone.

Sem querer, deixo o telefone cair. Inclino-me para pegá-lo e o pé do meu irmão me atinge abaixo do queixo com um chute forte; minha cabeça se vira com um estalo. Estou deitado quando ele sai do quarto. Vejo a camisola do hospital por baixo de suas roupas, pendurada como uma cauda. Ouço os passos pesados de George descendo a escada. Jane solta um ruído alarmante. Estico o braço, puxo o telefone para perto e disco “zero”. Disco zero como se estivesse em um hotel, como se esperasse alguém responder. Existe uma longa documentação, uma espécie de ensaio oral a respeito do que o botão é capaz de fazer por você, e me dou conta de que levará muito tempo para que uma pessoa de verdade apareça. Desligo e após várias tentativas trêmulas consigo ligar para a emergência.

“Uma mulher foi espancada. Corram”, digo, e lhes dou o endereço.

Faço esforço para me levantar, vou ao banheiro e pego uma toalhinha, como se isso fosse ajudar, como se pudesse limpar o sangue. Não consigo nem achar a ferida: sua cabeça é um mingau, sangue e cabelo e osso e abajur, e apenas seguro a toalhinha e espero.

Leva uma eternidade. O caminhão de bombeiros chega primeiro. A casa treme quando o veículo estaciona. Deixo Jane e vou até a janela. Eles avançam sobre o gramado com todo o equipamento antifogo, capacetes e casacos, imunes ao borrrifo do sistema de irrigação que é acionado pouco antes da aurora.

Não sei se ele abre a porta ou se eles entram por iniciativa própria.

“No andar de cima”, eu berro.

Eles logo estão em cima dela. Um fica afastado, falando como se narrasse para o rádio. “Temos uma mulher de meia-idade, ferida aberta na cabeça com massa exposta; traga maca comprida, ventilação completa, kit de primeiros socorros; peça apoio de paramédicos e da polícia. Quem é a mulher?”, indaga o narrador.

“Jane. Mulher do meu irmão.”

“Você está com a carteira de motorista ou algum outro documento dela?”

“A bolsa dela está lá embaixo.”

“Histórico médico relevante, alergias, alguma doença

crônica?”

“A Jane tem algum problema de saúde?”, grito para o andar de baixo.

“Um golpe de abajur na cabeça”, diz meu irmão.

“Alguma outra coisa?”

“Ela toma um porrilhão de vitamina”, declara George.

“Ela está grávida?”, indaga o narrador.

Só a pergunta já me deixa trêmulo.

“É melhor que não esteja”, responde George, e é inevitável pensar que há certa contundência nisso.

“Estabilize o pescoço”, diz um dos bombeiros.

“Não é o pescoço, é a cabeça”, retruco.

“Afastese”, manda o narrador.

Os paramédicos chegam, enfiam uma prancha laranja embaixo de Jane, amarram-na com o que parece ser fita adesiva e envolvem sua cabeça em gaze — ela parece uma múmia, uma morta em combate, ou talvez uma Shriner a caminho de uma convenção.

Jane faz barulho, um rosnado grave e gutural, quando cinco homens a levantam e levam embora, deixando para trás um rastro de entulho estéril e pegadas marcadas. Ao fazer a curva, batem numa vasilha, e com um estrépito ela se quebra. “Desculpa.” Saem pela porta da cozinha e entram no fundo da ambulância com mais rapidez do que qualquer um imaginaria.

George está na cozinha tomando uma xícara de café. Tem sangue nas mãos e respingos de alguma coisa no rosto, fragmentos do abajur: cacos. “Nada de estacionar no gramado”, ele diz ao primeiro policial que aparece. “Faça o favor de informar à sua tropa.”

“Qual de vocês é o senhor Silver?”, o policial pergunta. Presumo que seja investigador, porque não usa uniforme.

Ambos levantamos a mão ao mesmo tempo: “Sou eu.”

“Vamos dar uma olhada nos documentos.”

George se apalpa como se procurasse os dele, sacudindo a camisola hospitalar.

“Somos irmãos”, declaro. “Sou o mais velho.”

“Então — quem fez o que com quem?” Ele pegou o caderninho.

George beberica o café.

Não digo nada.

“A pergunta não é complicada; de uma forma ou de outra, nós vamos colher as digitais no abajur. Colham”, o investigador ordena. “Usar uma equipe inteira de perícia.” Ele tosse. “Então... tem mais alguém na casa, alguém que a gente deva procurar? Se não foi um de vocês que golpeou a cabeça dela com o abajur, vai ver a pessoa que fez isso ainda está nesta casa, talvez tenha feito outra vítima.” Ele se cala, esperando que alguém se pronuncie.

O único som é o tique-taque do relógio da cozinha. Quase perco o controle quando o cuco pula, cuco, cuco, cuco... seis vezes. “Vasculhem a casa”, o investigador grita para seus policiais. “Certifiquem-se de que não tem mais ninguém. Qualquer evidência... ensaquem. Nisso está incluído o abajur.”

Ele novamente volta sua atenção para nós. “Manhã de segunda-feira... eu tive de sair da cama para vir aqui. A questão é que minha mulher... toda manhã de segunda ela dá para mim, sem me perguntar nada, simplesmente porque ela quer que eu comece a semana feliz. Então, não estou muito disposto a gostar de vocês.”

“Mas que porra foi que passou por essa sua maldita cabeça, seu merda?”, George solta.

Dois policiais robustos se movimentam para bloquear a porta da cozinha. De repente, não existe saída.

“Algema nele”, ordena o investigador.

“Eu não falei contigo”, diz George. “Estava falando com o meu irmão.” George olha para mim. “E esse pijama aí é meu”, ele aponta. “Dessa vez você foi em frente e chegou às vias de fato.”

“Não vou poder te ajudar dessa vez”, digo.

“Eu cometi algum crime?”, indaga George.

“Difícil saber, não é”, retruca um dos policiais ao algemá-lo.

“Para onde vocês estão levando ele?”, pergunto.

“Tem algum lugar especial para onde você gostaria que ele fosse?”

“Ele estava no hospital. Deve ter saído ontem à noite — reparou na camisola debaixo da roupa?”

“Então ele fugiu?”

Faço sinal de que sim.

“E como foi que ele chegou em casa?”

“Não sei.”

“Eu andei, porra, na escuridão de merda. Seu chupador de boceta.”

A ambulância leva Jane, os policiais levam George, sou deixado para trás com um policial que aguarda a equipe da perícia. Começo a subir os degraus, o policial me impede: “Cena do crime”, explica.

“Roupas”, justifico, balançando as pernas do meu pijama; na verdade, as pernas do pijama de George.

Ele me escolta até o quarto, que parece ter sido alvo de um tornado, o abajur aos cacos no chão, sangue, a cama desfeita. Tiro o pijama do meu irmão e, sem nenhuma explicação, pego emprestadas roupas limpas dele, que ainda estão dentro do saco plástico da lavanderia, penduradas na porta do closet.

“Deixe as sujas no quarto”, diz o policial. “Nunca se sabe o que vai entrar na jogada.”

“Você tem razão”, concordo, e voltamos ao primeiro andar.

Enquanto o policial me segue escada abaixo, tenho a estranha sensação de ser um suspeito. Passa pela minha cabeça que seria uma atitude inteligente ligar para o advogado de George e lhe dar notícias sobre a reviravolta, mas não me lembro do nome dele. Também me pergunto se o policial não está me vigiando, se eu deveria tomar a precaução de não fazer gestos bruscos, tentar pegar alguma coisa e assim por diante. Além disso, como me afastar dele para fazer uma ligação particular?

“Acho que vou pôr um pouco de roupa na secadora.”

“Espera”, diz o policial. “Você pode fazer isso depois. As roupas molhadas vão continuar molhadas.”

“Tudo bem.” Sento-me à mesa da cozinha e, como quem não quer nada, pego o telefone e vasculho o identificador de chamadas, imaginando que o nome do advogado estará ali e me soará familiar. Bingo! “Rutkowsky.”

“Tudo bem se eu usar o telefone?”

“É você que vai pagar a conta.”

“Tudo bem se eu der uma saidinha?”

Ele assente.

“Estou atrapalhando alguma coisa? Ou pode falar agora?”, pergunto a Rutkowsky, o advogado, quando atende.

“Quem fala?”

“Silver, Harry Silver, irmão do George Silver.”

“Estou a caminho do fórum”, diz o advogado.

Estou parado na entrada da casa, descalço na grama molhada. “Aconteceram novos fatos.” Faço uma pausa. “George abandonou o hospital ontem à noite e Jane sofreu uma lesão, um abajur bateu na cabeça dela. A polícia está aqui, esperando a perícia, e...”

“Por que você está aí?”

“Me pediram para fazer companhia a Jane enquanto meu irmão estava no hospital.”

“Cadê a Jane?”

“Ela foi para o hospital.”

“E o George?”

“Ele também foi levado.”

“Então foi séria a coisa por aí?”

“Foi.”

“Quando os policiais chegarem, trate de segui-los mesmo se mandarem você se retirar. Vá aonde eles forem. Não permita que mudem nada de lugar, e se pedirem a você para tocar em alguma coisa ou mudar alguma coisa de lugar, não tire a mão do bolso. Eles podem tirar fotos, podem pegar objetos com pinças e pôr em sacos.”

“Os vizinhos estão olhando pelas janelas.”

“Encontro você na casa às quatro e meia; até lá, não mexa na cena.”

“Vou deixar a chave embaixo da pedra fajuta que fica ao lado da porta, para o caso de você chegar e eu ainda não ter voltado.”

“Para onde você está indo?”

“Para o hospital.”

“Me dá o número do seu celular, caso eu precise falar contigo.”

Eu lhe passo o número, e ele desliga. Na minha cabeça, ouço a voz de Jane: “Com camisinha?”

Sim. E onde elas estão agora? Sumidas, usadas, acabadas, jogadas na lixeira da cozinha, cheias de esperma.

Entro na casa. “Você se importa se eu fizer um cafezinho fresco?”

“Não vou te impedir”, diz o policial. “Este cachorro estava aqui esse tempo todo?” O policial aponta para Tessie, que lambe a água dos meus pés. A tigela dela está seca. “Essa é a Tessie.”

Dou água fresca e ração à cadela.

A equipe da perícia já está no gramado da entrada e começa a vestir os uniformes, pondo macacões brancos Tyvek no chão e depois entrando neles como se preparassem uma operação com materiais perigosos, calçando por fim botas e luvas de látex. “Não, sério, não se preocupem”, declaro. “A gente não tem nenhuma doença contagiosa e o tapete já está um horror.” Eles não reagem. “Alguém aceita um café?”, ofereço, mostrando minha caneca. Não é comum eu beber café, mas nessa manhã já estou na minha quarta caneca: tenho meus motivos. Seguindo as instruções, eu os acompanho de cômodo em cômodo. “Então vocês usam película e digital?”

“Isso”, diz o fotógrafo, sem parar de tirar fotos.

“Muito interessante. E como você sabe o que fotografar?”

“Senhor, faça o favor de se afastar.”

Antes de partirem, o policial pega o caderninho. “Umas perguntinhas antes de eu ir. Tem umas peças faltando, uns furos na história.”

“Por exemplo?”

“Você estava fazendo sexo com ela quando o seu irmão chegou?”

“Eu estava dormindo.”

“Você anda mantendo uma relação com a esposa do seu irmão?”

“Estou aqui porque meu irmão estava no hospital.”

“E a sua esposa?”

“Ela está na China. Foi a minha mulher que sugeriu que eu ficasse com a esposa do meu irmão.”

“Como você descreveria sua relação com o seu irmão?”

“Próxima. Me lembro de quando eles compraram a casa. Lembro que eu os ajudei a escolher as coisas... os azulejos da cozinha. Depois do acidente, eu confortei a Jane.”

O policial fecha o caderninho com um estalo. “Está bem, então. A gente sabe onde te achar.”

Quando o policial vai embora, descubro a bolsa de Jane na mesa do vestíbulo e a reviro, surrupiando seu celular, as chaves da casa e, inexplicavelmente... batom. Antes de pôr o batom no bolso, eu o abro e passo “Fúcsia Doce” nos lábios.

Do carro, ligo para Claire na China. “Aconteceu um acidente: a Jane está ferida.”

“Devo voltar para casa amanhã?”

Na China, amanhã é hoje, e onde estamos hoje é amanhã lá. “Fica onde você está”, eu digo. “É complicado demais.”

Por que Claire estava tão disposta a abrir mão de mim? Por que me atirou nos braços da Jane? Estaria me testando? Ela realmente confiava em mim tanto assim?

“Estou indo para o hospital agora e ligo de novo quando eu tiver mais informações.” Uma pausa. “Como vai o trabalho?”

“Bem. Ando me sentindo podre, comi alguma coisa esquisita.”

“Quem sabe não foi uma larva?”

“Liga para mim mais tarde.”

Quando chego ao hospital, eles me dizem que Jane está no centro cirúrgico e que George continua no pronto-socorro, algemado à maca nos fundos da sala.

“Seu burro de merda”, ele diz quando abro a cortina.

“O que foi que aconteceu com a sua cara?” Aponto para uma fileira de pontos novos acima do olho.

“Pode chamar de presente de boas-vindas pela minha volta.”

“Dei comida à cachorra e fiquei lá até a polícia terminar, depois liguei para o seu advogado. Ele vem mais tarde.”

“Eles não me querem mais aqui por causa da maneira como eu ‘fugi’. A verdade é que ninguém me falou qual era a regra para sair e que eu precisava de permissão para ir embora.”

Uma faxineira do hospital entra com um esfregão de metal e um balde.

“Ele tem alguma doença contagiosa?”

“Não, é só violento; entre”, digo.

Um jovem médico aparece com uma enorme lente de aumento com lâmpada. “Meu nome é Chin Chow e estou aqui para limpar seu rosto.” O médico se debruça sobre ele, arrancando cacos de seu rosto. “Você não tem tetas”, George diz ao médico.

“E isso é bom”, retruca Chin Chow.

Vou à sala de enfermagem. “Meu irmão levou pontos na cabeça... eles não existiam quando ele saiu de casa hoje de manhã.”

“Vou anotar que o senhor gostaria de conversar com o médico.”

Volto até onde está George, seu rosto agora é uma tela de bolinhas cor de sangue. “Chow Fun me beliscou a cara inteira tentando me arrancar uma porra de uma confissão: ‘Ah, o que lhe trouxe aqui hoje? A noite em casa foi dureza?’ Ele cavou uma porrada de buracos na minha cara sem anestesia. ‘Para’, eu pedi centenas de vezes. ‘Para. Para. Para.’ ‘Ah, que bebezão, chora, chora, chora. Você já está bem grandinho, tem que agir que nem homem.’ Ele não era médico coisa nenhuma, era um policial disfarçado tentando me arrancar uma confissão.”

“Sério? Acho que ele só estava tentando puxar conversa. Duvido que saiba por que você está aqui.”

“Sabe, sim, ele falou que vai ler no *New York Post* alguma coisa sobre mim.” Depois de dizer isso, George cai no choro.

“Ah, vai, não começa.”

Ele murmura mais um pouco e em seguida, fungando e bufando, para de chorar. “Você vai contar para a mamãe?”

“Sua esposa está passando por uma cirurgia no cérebro e sua preocupação é se eu vou contar para a sua mãe?”

“Você vai?”

“O que você acha?”

Ele não responde.

“Quando foi a última vez que você visitou a mamãe?”, pergunto.

“Tem umas semanas.”

“Umas semanas?”

“Talvez já faça um mês?”

“Quantos meses?”

“Sei lá, porra. Você vai contar para ela?”

“Por que contaria? Metade do tempo ela nem sabe quem ela é. Que tal fazer assim: se ela perguntar de você, eu digo que você foi transferido para outro país. Mando chá da Fortnum & Mason e deixo que ela pense que você ainda é um bambambã.”

Ele se contorce na maca. “Coça a minha bunda, por favor? Minha mão não chega lá. Você é meu camarada”, ele diz, respirando fundo de tanto alívio. “Meu camarada quando não é um grande filho da puta.”

Uma servente leva a bandeja do almoço para George e, braços e pernas amarrados, ele consegue se contorcer o bastante para derrubar tudo no chão com os joelhos.

“Um por cliente”, a moça do almoço declara, “tente outra vez amanhã”.

“Põe ele no soro para não desidratar”, ouço a enfermeira dizer sem perder o embalo.

“Eles não estão de brincadeira”, digo a ele quando ela puxa a cortina, seringa na mão, com quatro caras fazendo o coro atrás dela. “Por falar em almoço, vou até a cantina.”

“Você pode até não morrer hoje”, ele diz, “mas eu vou te abrir feito uma lata de sardinha”.

“Quer que eu traga alguma coisa?”, ofereço, interrompendo-o.

“Cookies com gotas de chocolate”, ele pede.

No começo da fila da cantina, pego uma bandeja e vou rodeando cubas fumegantes de legumes mistos, massas recheadas, bolo de carne, sanduíches frios feitos na hora, pizza, pães doces, cereal; vou de um lado a outro e no fim minha bandeja está vazia. Dou outra volta e escolho a sopa de tomate com arroz, um saco de biscoitos Goldfish e uma caixinha de leite.

Quando rasgo o pacote, biscoitos alaranjados se espalham, sujando a mesa e o piso ao meu redor. Cato o que consigo. Não são como eu lembrava; não sei se é o Goldfish de modo geral ou defeito

do pacote de cem calorias: são menores e mais achatados e agora vêm com expressões faciais. Boiam de lado, me olhando com um olho e um sorrisinho de doido.

Mastigo pensando na “larva” da comida chinesa, na maneira como o homem da delicatessen ao lado do meu prédio diz “alôz com tomate”. Mastigo imaginando a panela de sopa no fogão da minha mãe, sopa que quando esfriava formava uma película membranosa sobre a superfície... e que ela me servia aquele coágulo viscoso que eu sempre comia imaginando ser na verdade sangue.

Vou tomando a sopa fingindo ser sangue, fingindo que estou fazendo uma transfusão em mim mesmo enquanto Jane está lá em cima passando por uma “craniotomia com evacuação cirúrgica”. Foram essas as palavras que eles usaram. Imagino um aspirador cirúrgico imaculado sugando os pedaços de porcelana do osso. Imagino-a saindo disso tudo com placas de aço parecidas com uma armadura e sendo obrigada a usar um capacete de futebol americano vinte e quatro horas por dia.

Será que ela ao menos estava se dando conta do que estava acontecendo? Será que acordou pensando “Isso não é real, é um sonho horrível”, e em seguida, quando deu por si, teria sentido uma dor de cabeça lancinante? Teria pensado algo como “Aff, meu cabelo está uma bagunça”?

Ela estava em cirurgia, minhas sementes derramadas dentro dela, nadando perdidas freneticamente: embora tenhamos transado com proteção, também transamos sem. Será que alguém me descobrirá nadando ali? Será que também preciso de um advogado?

A sopa me aquece, lembrando-me de que não como desde ontem à noite. Um homem com os dois olhos roxos passa, bandeja de almoço na mão, e penso na vez em que meu pai esmurrou o meu irmão e o deixou prostrado, sem muita razão. “Não se engane quanto a quem manda aqui.”

Penso em George: o amassado na placa do revestimento da parede porque ele “escorregou” e bateu seu pé ali com tudo, a xícara de café que inexplicavelmente voou de sua mão e se despedaçou contra a parede. Penso numa história que Jane me contou certa vez de quando estavam saindo para o brunch de domingo. Ela disse que George, ao sair de ré da garagem, bateu o carro em uma lixeira. Ele então teria ficado tão bravo que atropelou a lixeira várias vezes, passando a marcha para a frente e invertendo e voltando outra vez, com isso fazendo as crianças balançarem de um lado para outro. Só teria

parado quando Ashley vomitou. Será que explosões contra objetos inanimados indicam que um dia o sujeito vai querer matar a esposa? É realmente tão chocante assim?

No banheiro masculino do hospital, enquanto lavo as mãos olho-me no espelho. O homem que vejo é mais o meu pai do que eu. Quando foi que ele apareceu? Não tem sabão; esfrego gel antisséptico no rosto. Como arde. Quase me afogo na pia tentando me enxaguar.

Meu rosto está pingando, minha camiseta está molhada e o dispensador de papel toalha está vazio. Aguardando secar, gravo o nome de Jane na parede de blocos de concreto com a chave do carro.

Um funcionário do hospital quase me pega no flagra, mas desvio a atenção dele com uma confrontação: “Por que não tem papel toalha?”

“Não usamos mais. Sustentabilidade.”

“Mas minha cara está molhada.”

“Tenta papel higiênico.”

Faço isso, mas fiapos ficam presos na barba por fazer e eu pareço ter atravessado uma nevasca de papel higiênico.

Segunda-feira, no final da tarde, Jane sai da cirurgia; é transportada pelo corredor acoplada a um enorme respirador mecânico, a cabeça coberta como uma múmia, os olhos roxos e esverdeados. O rosto dela parece uma almôndega. Um tubo emerge sob a coberta, um saco plástico de urina na ponta da cama.

Eu a beijei ali embaixo ontem à noite. Ela disse que ninguém tinha feito isso, e então a beijei de novo, intensamente. Namorei-a ali embaixo. Usei a língua, ninguém nunca ficará sabendo.

Estou dizendo a mim mesmo que fiz o que me mandaram. Claire me disse para ficar. Jane me queria, ela me apertou contra si. Por que estou agindo como um fraco? Por que estou procurando alguém para culpar? Pergunto-me: “Em algum momento você pensou que devia parar, mas na hora não conseguiu ou não parou?” Agora entendo o sentido de “Simplesmente aconteceu”. Um acidente.

O médico me informa que, se Jane sobreviver, ela jamais será a mesma. “Mesmo neste breve período em que estive conosco, houve uma piora. Ela está retrocedendo, fechando-se em si. Limpamos a ferida e fizemos drenagens para reduzir o inchaço. O prognóstico é desfavorável. A família dela já sabe? Os filhos?”

“Não”, respondo. “Eles estão longe, no colégio interno.”

“Informe-os a respeito da situação”, o médico recomenda, deixando-me sozinho.

Será que ligo direto para as crianças ou ligo para a escola delas antes? Ou ligo para os diretores das respectivas escolas e explico: A mãe deles está em coma e o pai está algemado e talvez o senhor deva sugerir que interrompam os estudos e façam as malas? E será que revelo logo como a situação está ruim? Será que interrompo as crianças no meio do dia para informar que a vida que eles tinham acabou?

Entro em contato com a menina primeiro. “Ashley”, eu digo.

“Foi a Tessie?”, ela pergunta, antes que eu possa dizer mais alguma coisa.

“Seus pais...”, falo com hesitação.

“É divórcio?” Ela desata a chorar antes que eu prossiga, e uma menina mais calma pega o telefone.

“A Ashley não pode falar no momento.”

Ao garoto, eu declaro, “Seu pai enlouqueceu. Talvez seja melhor você vir para casa, ou talvez você não queira voltar para casa, talvez você nunca mais queira voltar. Eu me lembro de quando seus pais compraram a casa, me lembro de ter escolhido algumas coisas”.

“Não sei se eu estou entendendo.”

“Sua mãe sofreu um acidente”, explico, perguntando-me se devo lhe dizer como a situação está ruim.

“Foi o papai?”, ele indaga.

Sou pego de surpresa pela objetividade da questão. “Foi”, respondo. “Seu pai bateu na sua mãe com um abajur. Tentei contar para a sua irmã, mas não consegui chegar até esse ponto.”

“Eu ligo para ela”, ele diz. Sinto gratidão por não ter que passar por isso de novo.

Estou parado no corredor vazio banhado pela insípida luz fluorescente. Um homem de jaleco branco vem em minha direção; ele sorri. Eu o imagino como um mágico malvado arrancando o jaleco e revelando uma toga de juiz. “É possível que seu irmão soubesse que você estava trepando com a esposa dele e por isso tenha abandonado o leito hospitalar e ido para casa?”

“Vou guardar meus comentários por enquanto. Já me sinto péssimo pela coisa toda”, digo em voz alta no corredor, embora ninguém me escute.

Vou para a sala de espera destinada aos familiares dos pacientes. De novo, telefone. “O George bateu na Jane com um abajur”, digo à mãe da Jane.

“Que horror”, ela exclama, sem se dar conta da gravidade do que acabo de lhe contar. “Quando foi que isso aconteceu?”

“Ontem à noite. Seu marido está em casa?”

“Claro”, ela diz, num tom meio vago.

De longe, ouço a pergunta dele: “Quem é?”

“É o irmão do marido da sua filha”, ela explica. “Aconteceu

alguma coisa com a Jane.”

“O que foi que aconteceu com a Jane?”, ele indaga, pegando o telefone.

“O George bateu com um abajur na cabeça dela.”

“Ela vai prestar queixa?”

“É mais provável que ela morra.”

“Isso não é piada que se faça.”

“Não é piada.”

“Filho da puta”, ele xinga.

Quero ir para casa. Quero a minha vida de volta. Eu tinha vida própria. Estava no meio de alguma coisa quando tudo isso aconteceu, não estava? O que estava acontecendo? Não estou com a minha agenda, mas tinha que ter alguma coisa, um horário com o dentista, jantar com amigos, reunião de professores. Que dia é hoje? Olho no relógio. Daqui a cinco minutos vou dar uma aula. Vinte e cinco alunos de graduação vão encher a sala de aula e se sentar com apreensão em suas carteiras, cientes de que não se prepararam, cientes de que não leram os textos. A disciplina: “Nixon — o fantasma na máquina”, um exame minucioso do que não foi examinado. Eles se sentam feito idiotas esperando que eu lhes diga o significado de tudo, que lhes dê conhecimento mastigado. E enquanto se empertigam com torpor, escrevem cartas à reitoria: um reclamou que lhes era solicitado que escrevessem em sala de aula; outro calculou o custo por aula de cada uma das vinte e duas aulas do semestre e fez uma lista de coisas que poderia comprar com o mesmo valor ou com menos.

Ainda não avaliei o custo do estresse que é vê-los me olhando com cara de paisagem por noventa minutos duas vezes por semana e aparecerem na minha sala nos horários de atendimento, dirigindo-me um “E aí?” como se fôssemos velhos amigos e sentando-se como se fossem os donos da sala para em seguida me dizer que não conseguem captar “a perspectiva” das coisas que falo. E antes de ir embora ainda querem que eu lhes afague a cabeça e diga: “Você é um bom sujeito”, por nada, sem motivo nenhum. Há neles certa sensação casual de merecimento, o tipo de coisa que, quando eu tinha a idade deles, gerava um sermão por mau comportamento e uma semana de suspensão.

Nesses anos todos, nunca deixei de aparecer, tendo de remarcar aulas somente duas vezes, uma devido a um tratamento de canal e outra por causa de problemas na vesícula.

Telefone para a universidade, telefone para o meu

departamento, telefone para a secretária do coordenador da faculdade em que atuo: secretária eletrônica em todo lugar. Não consigo achar uma pessoa de verdade para conversar. O que vai acontecer se eu não aparecer, por quanto tempo os alunos vão ficar sentados lá? Ligo para o escritório da Segurança. “Aqui quem fala é o professor Silver. É uma emergência.”

“O senhor precisa de um paramédico?”

“Eu já estou no hospital, mas tenho uma aula para dar daqui a dois minutos; será que alguém poderia ir até lá e pôr um bilhete na porta avisando aos alunos que cancelei a aula?”

“Um dos nossos homens, um segurança?”

“Isso.”

“Essa não é nossa função.”

Tento outra tática. “Mas é claro que é função de vocês. Se ninguém aparece, se ninguém com autoridade toma as rédeas, pode haver um tumulto. É uma disciplina de política, e você sabe o que isso quer dizer... ideias radicais são liberadas, os alunos se sentem poderosos, ouça bem o que eu estou lhe dizendo!”

“O que escrevo no bilhete?”

“O professor Silver teve uma emergência familiar e não virá dar aula. Ele pede desculpas e promete compensá-los.”

“Está bem. Então, qual é o prédio e a sala?”

“Será que você poderia olhar para mim? Nunca presto atenção nos nomes e números.”

“Espere um instante”, ele pede. “Silver, hoje não tem aula. O senhor é do Departamento de Artes e Ciências, seu pessoal está em recesso. Festa na praia...”

“Ah”, exclamo. “Esqueci. Esqueci completamente. Obrigado.”

Eu tinha vida própria. Estava fazendo alguma coisa.

Mais tarde, encontro com o advogado na casa. Ele chega em um carro, seus funcionários em outro. Carregam bolsas pesadas e lembram exterminadores.

“Alto da escada à direita”, eu digo, mandando-os para o segundo andar.

“Que merda foi essa que aconteceu aqui?”

“Como assim, ‘o que aconteceu aqui?’”

“Este quarto está uma bagunça.”

“Você me falou que não era para mexer em nada”, grito do térreo.

“Está um puta fedor.”

Tessie me segue escada acima. Na metade do caminho, sinto o cheiro.

“Mas que merda”, diz o advogado.

A cadela parece sentir culpa.

Tessie, sozinha em casa, fez uma espécie de limpeza e expurgação: lambeu o sangue de Jane do chão, deixou pegadas rosadas de sangue pelo piso inteiro e depois parece que teve uma diarreia bem em cima da cama.

Tessie me olha como se dissesse: “A situação andava louca por aqui. Alguma coisa tinha de acontecer.”

“Tudo bem, menina”, eu digo, descendo a escada e pegando uma caixa de sacos Hefty. A cadela me havia feito um favor. Qualquer evidência que pudesse restar nos cobertores tinha sido destruída. Enfio os lençóis em dois sacos, abro as janelas e espalho por ali um recipiente inteiro de desinfetante.

O lixo já foi tirado. O advogado está indo embora com seus homens. “A situação está longe de ser classificada como satisfatória”, um homem diz a outro na saída.

“Não diga, Sherlock.”

Estou parado na cozinha, obcecado com os lençóis. Será que estarem no lixo já basta? Será que levantaria suspeitas caso os levasse à caçamba? O que aconteceria se ateasse fogo neles? Será que os sinais de fumaça de merda se espalhariam por vários quilômetros?

Telefone para uma loja de colchões que tem o serviço de entrega rápida. “Quando conseguem me entregar um colchão?”

“Onde ele seria entregue?”

“Sycamore, 64.”

“E o que o senhor está procurando? Tem algo específico em mente: Serta, Simmons, felpudo, com travesseiro acoplado?”

“Aceito sugestões, tem que ser king-size, macio mas não macio demais, duro mas não muito duro, algum que seja no ponto.”

“O que o senhor está procurando custa dois mil e oitocentos. É um colchão com box.”

“Não é meio caro?”

“Posso fazer por dois mil seiscentos e cinquenta com a entrega e, se o senhor comprar a nossa capa para colchões, ganha garantia de

dez anos. Normalmente custa cento e vinte e cinco, mas para o senhor eu faço por cinzinho.”

“E vocês levam embora o velho?”

“Sim.”

“Mesmo se estiver manchado?”

“Todos ficam manchados.”

“Quando?”

“Aguarde um instante.”

Tiro o cartão de crédito de Jane do bolso.

“Hoje, entre seis e dez da noite.”

Pego um balde de água quente, um escovão, um rolo de papel toalha, Mr. Clean, Comet, uma garrafa de vinagre e as luvas de látex que Jane usou no Dia de Ação de Graças. Choro ao calçar as luvas.

Estou apoiado nas mãos e nos joelhos, esfregando. O sangue está escuro, seco e escamoso. Molhado, aquilo amolece e vira um redemoinho rosa, espalhando-se como suco de beterraba no papel toalha. Corto o dedo ao raspar em um estilhaço, um caco de porcelana que perfurou minha pele, e meu sangue se mistura à bagunça. Depois, uso um tubo de Krazy Glue para fechar a ferida. Durante o trabalho tenho a sensação de que estou sendo observado, espionado. Sinto algo passar, roçar na minha perna. Quando me viro para olhar, algo desliza sobre meu corpo, aos pulos. Escorrego no assoalho molhado, caindo de bunda. Tem um gato sentado na penteadeira, encarando, o rabo balançando de um lado para outro.

“Filho da puta”, eu digo. “Você me assustou.”

Ele pestaneja e me olha, os olhos verdes vivos como esmeraldas reluzindo.

Criatura de hábitos, paro somente quando o trabalho está terminado, o balde de água sanguinolenta esvaziado, os trapos jogados fora. Trabalho e depois vou olhar o que tem para o jantar. Parado junto à porta aberta da geladeira, reviro as sobras, o que havíamos comido na noite anterior. Dou mordidas aleatórias nas coisas, pensando em Jane, em nosso lanche noturno, em nós dois fazendo amor. Faço um prato e me deito no sofá, diante da televisão.

O eco do tiro me acorda. Passa pela minha cabeça que George fugiu de novo e tenha vindo me matar.

Toc, toc, toc.

Alguém bate à porta com força.

Tessie late. O colchão chegou.

“O bom é que colchão não quebra”, comenta um dos

entregadores durante a batalha para levá-lo escada acima. “Eu trabalhava com televisores com tela de plasma. Aquilo sim era um inferno.”

Eles pegam o colchão velho e o box sem tecer comentários.

Quando estão de saída, um flash dispara no gramado.

“Mas que...” Flash, flash, flash.

Um dos homens larga sua ponta do colchão que será levado de volta e se lança na escuridão. Ouço ruídos de luta vindo dos arbustos. O homem do colchão aparece portando uma câmera cara.

“Me dá a câmera”, diz um estranho, levantando-se do canteiro de flores.

“Quem é você?”, indago.

“A câmera é minha”, diz o estranho.

“Não é mais”, o homem do colchão anuncia, e a arremessa à rua.

Tenho que ir para casa. São quase onze horas. Tranco a casa, conduzo Tessie até o carro, ajudo-a a subir e tomo o rumo da estrada. Tessie treme.

“Nada de vacina”, afirmo. “Nada de veterinário. A gente vai é para a cidade, Tessie.”

A cadela solta gases terríveis. Paro à margem da rodovia e Tessie explode na beirada da pista.

“A viagem foi boa?”, o porteiro da noite me pergunta. Não respondo. “Suas correspondências, suas entregas”, ele diz, enchendo meus braços, “e suas roupas limpas”. Ele encaixa os cabides no meu dedo torto.

“Obrigado.”

Ele não fala nada sobre a cadela, cuja guia enrolei no punho.

O apartamento tem certo aroma, familiar mas azedo. Quanto tempo fiquei fora? É como se tudo estivesse congelado no tempo, tivesse sido congelado, não apenas durante o tempo que passei fora, mas talvez toda a década precedente. O que outrora era moderno, sofisticado, parece o cenário de um filme de época, Edward Albee por volta de 1983. O telefone é de botões e fio enrolado, raramente usado. Os braços do sofá estão puídos. O carpete está irregular ao longo de certo trecho, uma rota bastante percorrida de cômodo a cômodo. As pilhas de revistas datam de ano e meio atrás.

E ainda assim fico contente por estar em um lugar onde tudo é familiar, onde eu poderia ficar cego e continuar sabendo os caminhos. Afundo-me naquele lugar, tenho vontade de mergulhar nele, quero

que nada do que aconteceu seja verdade.

A orquídea ainda está florescendo. Ponho água nela e, como se assistisse a uma sequência em *time-lapse*, em uma hora as pétalas caem, como se subitamente libertadas, saltando para a morte certa no armário lá embaixo. De manhã, restará somente o galho despido.

Da geladeira vaza o odor azedo de leite coalhado, metade de uma toranja seca, um vidro de creme de amendoim perene, um pouco de pão de centeio esbranquiçado e peludo nas bordas, arroz-doce velho formando um olho de boi verde no pote de plástico da delicatessen. Num frenesi, abro todos os armários e jogo fora o que passou da data de validade. Pergunto a mim mesmo: será que todo mundo organiza as coisas da mesma maneira, copos aqui, pratos ali, empacotados e enlatados juntos? Onde se aprende isso, o agrupamento de artigos afins? Ponho o lixo no corredor e peço comida chinesa. O homem reconhece meu telefone e diz, “Há quanto tempo! Está ligando tarde hoje. Sopa apimentada, arroz frito com frango, porco moo shu?”

Enquanto espero, pego o elevador até o porão, destranco o armário do depósito e luto contra uma enorme mala azul antiga. De volta lá em cima, abro a mala sobre a cama e começo a enchê-la. Sem saber muito bem no que estou pensando, faço a mala como se para me fortalecer, para me minimizar. Presumo que quando Claire voltar já não serei mais bem-vindo. Abrindo as gavetas, o guarda-roupa, o armário de remédios, fico impressionado com a harmonia com que aquele monte de coisas coexistem, com o modo como se inclinam, se aninham, descansam lado a lado sem tensão ou julgamentos. As dela: fio dental, escova de dentes, produto de depilação, rímel; as minhas: líquido para gargarejo, spray nasal, cortador de unhas. Tudo isso íntimo, tudo isso humano, tudo isso dividido entre coisas minhas e coisas dela; há pouco em comum.

Nós nos casamos tarde; Claire já tinha sido casada uma vez, por pouco tempo. Demorei dois anos para levá-la para conhecer meus pais. A primeira coisa que ela lhes disse: “Foi um casamento simples, só amigos.”

“Por que você a escondeu de nós por tanto tempo?”, minha mãe perguntou. “Ela é linda e tem um bom emprego. Você achava que a gente não iria aprovar?”

Minha mãe segurou-lhe as mãos. “A gente imaginava que

havia algo errado contigo — algum motivo para ele não te trazer aqui, tipo uma fenda palatina ou um pênis ou algo desse gênero!”, ela declarou, erguendo as sobrancelhas como se dissesse, O que você acha disso?

O que é uma mala de viagem? Não existe lógica no que entra na bagagem — umas poucas fotos, bugigangas da minha infância, um par de ternos, sapatos, a bolsa de lona com o rascunho mais recente do manuscrito inacabado sobre Nixon, o relógiozinho preto que fica na mesa de cabeceira dela. Não quero muito, não quero ser óbvio; deixo meus objetos preferidos de propósito: não quero ser acusado de abandonar o barco.

Muito depois da meia-noite, a campainha toca. Dou uma gorjeta ótima ao entregador e me sento à mesa, comendo direto das caixas, comendo como se estivesse há dias sem me alimentar. O gosto é incrível, quente, apimentado, as texturas são um deleite, tudo, dos cogumelos viscosos e do tofu aos cubos duros de carne de porco. Ponho molho de ameixa nas panquecas e encharco tudo em molho de soja. A quantidade extrema de sódio e glutamina me traz de volta à vida.

Tessie fica sentada, paciente, aos meus pés. Eu lhe dou uma tigela de arroz branco; o amido fará bem ao estômago dela. Ela come às pressas. Dou mais, e ela torna a soltar gases fétidos.

Penso em procurar no computador, pesquisar no Google “Efeitos adversos de beber sangue”, mas não quero deixar um registro eletrônico de minha visita.

“Tessie, quantos anos você tem? Já tem doze? Isso quer dizer que você já passou dos cem em idade de gente... você é do tipo que Willard Scott devia louvar. Quem era aquele gato? Você o conhece de algum lugar? Você não me pareceu dar muita importância à presença dele.” Continuo: “Vou te contar o que tenho em mente: a gente passa a noite aqui e volta para lá de manhã, em plena luz do dia. Que acha?”

Estou falando com um cachorro.

Ligo para Claire na China, imaginando que deva fazer uma última tentativa.

“Estou em uma reunião”, ela diz.

“A gente pode se falar mais tarde.”

“A Jane melhorou?”

“Ela está respirando por aparelhos.”

“Fico contente por ela estar se sentindo tão melhor”, declara Claire.

A métrica do verso é igual; o resto se perdeu na tradução.

Na cama, puxo um travesseiro do lado dela para perto, contra o peito, sentindo saudades dela de um jeito rotineiro, Claire olhando por cima do meu ombro enquanto faço o balanço do talão de cheques, insistindo que seria melhor termos contas separadas e uma conta conjunta. Claire no banheiro, secando a saída do chuveiro com o rodo furtado de um posto de gasolina. Claire na pia da cozinha enchendo um copo de água e depois lavando e secando o copo e o guardando. Claire, que não deixa nada fora do lugar, nada ao acaso, sempre atenta. O que eu gostava nela, é claro, havia se tornado o problema: ela não estava presente. Pedia muito pouco de mim. E isso indicava que ela não estava presente e dava muito pouco em troca.

Tessie circula, parecendo confusa. Pego uma toalha do banheiro e crio um lugar para ela ao lado da cama. Ela é uma perdigueira velha, comprada quando filhote numa época em que havia esperança e planos, quando ainda parecia que tudo acabaria bem.

Dormimos.

Ela pula em minha direção, golpeando-me com um travesseiro. “Sai da minha casa, sai da minha casa”, ela repete. Um homem de terno e gravata está atrás dela. “Por enquanto, basta. A gente pega ele de novo mais tarde”, ele diz. Corro para a porta; um sujeito está lá, trocando a fechadura.

Desperto. Quem era ela? Era a Claire, era a Jane?

A cadela quer sair. A cadela quer café da manhã. A cadela quer voltar para a casa dela.

As crianças estão chegando, combinações foram feitas, carros foram contratados para levá-los para casa. Telefonemas foram feitos sem que

eles soubessem.

“E quanto às crianças? Para onde é melhor elas irem?” Os pais de Jane perguntam, em uma teleconferência.

Não gosto das crianças, penso comigo mesmo, mas fico calado.

“Elas podem ficar comigo”, a irmã de Jane, Susan, oferece. “A gente tem um quarto sobrando.”

“Um escritório”, diz o marido de Susan.

“Tem cama”, frisa Susan.

E gêmeos de coleira à procura de encrenca. Estou pensando nos bebês terroristas de Susan, que estão sempre em movimento, muitas vezes correndo em direção a um precipício. Imagino Susan e o marido de férias com as crianças, fazendo competições na praia em que deixam os gêmeos à solta e veem quem vai ser o primeiro a pegar um deles.

“Eles têm um cachorro”, digo.

“Você é alérgica”, a mãe lembra a Susan.

“Bom, é pedir demais dos meus pais”, decreta Susan. “Dois adolescentes de mente perturbada.”

Também é pedir demais das crianças. Ficariam loucas se fossem controladas por avós que passam boa parte do tempo discutindo a regularidade de suas evacuações e se devem ou não tomar mais suco de ameixa.

Ignoro a menção à mente perturbada. Eles não são nem mais nem menos perturbados do que nós todos.

“As crianças têm de ficar na casa delas”, opino.

“Nós temos a nossa vida”, retruca Susan. “A gente não pode abrir mão de tudo, e, além disso, eu nem gosto daquela casa, nunca gostei.”

“A questão não é a casa”, digo.

Enquanto conversamos, subo a escada rumo à suíte principal. Já fiz a cama e guardei o abajur “do conjunto” que ficava na mesinha de George no armário. Até onde é possível, tudo parece normal. Pego uma planta do peitoril da janela da cozinha e ponho na mesa de cabeceira do lado de Jane na cama.

Nathaniel chega em casa primeiro; o carro para na entrada da garagem e ele desce, arrastando uma enorme bolsa de pano.

Com uma das mãos na coleira de Tessie, seguro a porta da cozinha. A cadela fica aliviada ao ver o menino.

“Oi”, eu digo.

Ele não responde. Larga a bolsa e fala com a cadela. “O que está acontecendo por aqui, Tessie?”, ele diz, desgrendando as orelhas dela. “O que é, menina? É doideira!”

Ele se vira para mim. “Posso dar um biscoito para ela?”

“Claro”, respondo, surpreso pelo pedido de permissão. “Dá um

cookie para ela, dá dois. Você está com fome? Quer um sanduíche?”

Sem esperar a resposta, tiro as coisas da geladeira e as empilho na mesa: pão, queijo, fatias de peru, mostarda, maionese, tomate, pepino, as mesmas coisas que Jane e eu beliscamos a semana passada inteira. Pego um prato para ele, mais faca e garfo e guardanapo.

“Você não vai comer nada?”, ele indaga, depois de preparar o sanduíche, quando está prestes a devorá-lo.

“Estou sem fome.”

“Tem refrigerante de baunilha?”, ele pergunta. Parece estranho pedir algo tão específico numa hora como essa. Revirando a geladeira, na prateleira de baixo, no fundo, há seis garrafas de Dr. Brown’s. Pego duas.

Ashley chega com apenas uma malinha de rodinhas Meu Querido Pônei que é claramente uma relíquia da infância.

E já vai se ajoelhando ao lado da cadela. “Tessie”, ela diz. “Ah, Tessie.”

“Quer um sanduíche?”

“Um copo de leite”, ela diz.

Encho um copo para ela.

Ela bebe. “Está quase”, ela comenta.

Faço que sim.

“O leite... está azedando”, ela explica.

“Ah”, exclamo. “A gente compra mais.”

Faz-se um breve silêncio.

“O papai está voltando para casa?”, Ashley indaga e eu não sei muito bem o que dizer.

“Não”, informo.

“Cadê o nosso carro?”, Nate pergunta.

“Eu não sei se a mãe de vocês chegou a mencionar, mas essa situação toda começou quando o pai de vocês sofreu um acidente. O carro está na oficina, mas estou com o meu. Vocês querem ir ao hospital?”

As crianças assentem. Nem chegaram a subir a escada. Não fizeram nada além de acariciar a cadela.

Quando estamos prestes a sair, sinto um lampejo de lembranças da infância, meu tio Leon me empurrando porta afora, os nós dos dedos enterrados nas minhas costas, meus ossos aceitando os nós com grande abalo, temor e dependência. Ainda dói.

Seguro a porta para as crianças. “Não tem pressa”, digo.

No hospital, caminhando pelo estacionamento, Ashley pega a

minha mão.

“Como é que vai ser?”, Nate pergunta.

“A mãe de vocês está no Tratamento Intensivo, então tem muita luz. Ela está ligada a um bando de aparelhos: tem uma máquina que ajuda a respirar, e também tem um tubo ligado à veia dela através do qual é medicada e alimentada. A cabeça está enfaixada por causa da cirurgia e ela está parecendo um panda: os dois olhos estão roxos.”

“Meu pai socou ela nos olhos?”, Nathaniel me pergunta.

“São hematomas da cirurgia.”

No elevador, Ashley aperta minha mão com tanta força que dói; ela a espreme ao longo do corredor e UTI adentro.

A mãe de Jane irrompe em lágrimas quando as crianças entram.

“Para, você está assustando os meninos”, o marido dela pede.

“Gente demais, gente demais, gente demais”, diz a enfermeira, enxotando as pessoas.

As crianças ficam a sós com a mãe.

Os pais de Jane estão no corredor me encarando. “Filho da puta”, diz o pai.

“Vamos tomar um café”, ele sugere à esposa.

Eu me espremo contra o vidro. Ashley segura a mão de sua mãe. Eu a imagino quente, apesar de flácida; ela acaricia a bochecha e a face com a mão inerte, se afixando, se dando o afeto da mãe. Nathaniel está parado ao lado dela, chorando e depois se obrigando a parar de chorar. Pouco depois, ao encostar a cabeça na barriga da mãe, Ashley logo levanta o rosto com um sorriso e aponta para a barriga. “Murmurou”, ela anuncia, através do vidro, como se o ruído que acabava de ouvir fosse um sinal de melhora.

Quando a enfermeira informa que precisa fazer algo com Jane, levo as crianças à cantina.

“O que é que vai acontecer agora?”, questiona Nathaniel, enquanto saboreia seu segundo almoço.

“Vocês têm que passar todo o tempo que quiserem com a mãe de vocês, mostrar a ela quanto vocês a amam e perceber quanto ela ama vocês.”

Quando Ashley pede licença para ir ao banheiro, Nathaniel se inclina em minha direção.

“Você trepou com a minha mãe?”

Não respondo.

“Ela estava a fim de você; ela provocava o meu pai falando de você.”

De novo, fico calado.

“Cadê o papai?”, Ashley pergunta ao voltar para a mesa.

“Está aqui.”

“Neste hospital?”, inquire Nate.

Faço que sim. “Vocês querem vê-lo?”

“É bom a gente ver?”, Ashley me pergunta.

“A decisão é de vocês.”

“Preciso imaginar que ele morreu”, diz Nate. “É a única forma de eu entender isso. Que ele fez o que fez e depois apontou a arma para si.”

“Não teve arma nenhuma”, digo.

“Você entendeu o que eu quis dizer. Por que você não segurou ele, por que não matou ele?”, Nate questiona.

Por que não agi assim?

Bastante familiarizado com a estrutura do hospital, levo as crianças ao pronto-socorro. George está estacionado em um corredor dos fundos, amarrado a uma cadeira, curvado como se estivesse dormindo há dias, o rosto endurecido pela barba por fazer.

“Ou a gente dá um sedativo a ele ou ele fica fora de controle”, a enfermeira comenta, ao me avistar.

“Esses são os filhos”, eu digo, “Ashley e Nathaniel”.

“Ele comeu bem no almoço e estamos esperando para ver como está sua disposição”, a enfermeira explica, um pouco mais animada.

“Isso é tipo... o temperamento dele?”, Ashley indaga.

“É a papelada que nos diz para onde ele vai daqui para a frente”, diz a enfermeira.

George abre os olhos.

“As crianças estão aqui”, anuncio.

“Oi, pai”, cumprimenta Ashley. Nathaniel não se pronuncia.

“Desculpa”, diz George.

Há um silêncio incômodo. Todos olhamos para o chão, para os desenhos que o piso forma.

“George, eu queria te perguntar... tem um gato que arranha a porta da cozinha, ele é cinza, de olhos verdes e o rabo tem uma mecha branca. Ele já entrou na sua casa algumas vezes. E como me parece que ninguém dá comida a ele, eu comprei ração.”

“É a Muffin”, diz George. “A nossa gata.”

“Desde quando vocês têm uma gata?”

“Há anos. A caixa de areia dela fica no banheiro de hóspedes. É bom você limpar.”

“Ela gosta de comida enlatada”, Ashley diz com a voz calma.

“O que é que você queria fazer?”, Nathaniel pergunta ao pai.

“Não faço ideia”, responde George. “Que dia é hoje?”

Retornamos à UTI. O médico está lá. “Ela está se recuperando bem da cirurgia”, informa ele.

“Claro que está, ela é uma boa menina”, diz o pai de Jane.

“Ainda não há sinais de atividade. Já pensaram em doação de órgãos?”, o médico indaga.

“Isso a ajudaria? Uma doação?”, o pai de Jane pergunta.

“Ele está falando da mamãe ser doadora”, Nate esclarece.

“Não é preciso estar morto para isso?”, a mãe de Jane questiona.

“É algo para se ter em mente. Em breve a gente vai ter mais informações”, diz o médico.

“A gente pode ficar se vocês quiserem, ou então ir embora e voltar depois do jantar”, digo às crianças.

“Vamos dar um tempo”, diz Ashley.

Eu os levo ao shopping. “É aqui que vocês vêm normalmente? É isso o que vocês fazem quando estão com a mãe de vocês?” Compro tênis e sorvete de iogurte para eles. O shopping se torna incômodo por seu vazio; é um dia útil, não tem quase ninguém por lá.

“Por que você está sendo tão legal?”, Nathaniel questiona.

Não digo nada.

“É uma porcaria. Essa situação toda é uma porcaria”, ele declara. De volta ao carro, Nate pede, “Você me leva para dar uma volta?”

“Onde?”

“Eu quero sair daqui.”

“Você tem bicicleta? Quem sabe, depois que a gente chegar em casa, você não dá uma volta? O tempo anda bastante bom.”

“Não estou perguntando se eu posso dar uma volta”, ele diz. “Estou pedindo para você me levar para dar uma volta.” Há uma pausa. “Tomei uns comprimidos.”

“Como assim, ‘uns comprimidos’?”

“Não muitos, só o suficiente.”

“Suficiente para se matar?”

“Não, fica tranquilo. Estou péssimo.”

“Onde foi que você pegou?”

“No armário de remédios de casa.”

“Como você sabia quais tomar?”

Nate me fita como se dissesse: posso ser jovem, mas não sou burro.

“Tudo bem, aonde você quer ir?”, pergunto.

“Num parque de diversões.”

“Você está brincando, né?”

Parece que não.

Devido à insistência de Nate, telefono para o parque de diversões e descubro que, por causa do calor atípico e fora de estação deste inverno, eles não estão fechados. “O dono achou melhor manter o pessoal empregado e dar folga se nevar um dia... — o que não aconteceu até agora”, o cara explica. Nate vai de brinquedo em brinquedo, montanha-russa, Zipper, Bungee Rocket, Torre do Terror, Gravitron, que gira tão rápido que ele fica grudado à lateral com uma expressão no rosto como se tivesse sido lançado por um túnel de vento.

“Você acha esquisito?”, ele indaga enquanto nos dirigimos ao próximo brinquedo.

“Quem sou eu para julgar?”

“Eu sou portador de uma doença”, ele diz.

“Como assim?”

“Como se supostamente existisse algo de errado comigo.”

“O que é que você está querendo dizer?”

“Você acha que é verdade?”, ele pergunta.

“Você acha?”, retruco.

Ele encolhe os ombros.

“Você quer andar em algum brinquedo?”, pergunto a Ashley, que aos onze anos segura a minha mão e parece ter seis. Ela nega com a cabeça. “Tem certeza? Eu vou com você.” Ela encolhe os ombros.

“Sinto falta da neve”, ela lamenta, balançando a cabeça com tristeza. “Quando eu era mais nova, nevava no inverno.”

“Vai nevar de novo”, digo.

“Quando?”, ela pergunta.

“Quando você menos esperar”, respondo.

Deixamos Nate na montanha-russa. Ele parece se aliviar com os rodopios, com as várias vezes em que avança pelo ar. Ashley escolhe algo chamado Cadeiras Voadoras; parece ser bastante inocente.

Assim como o shopping, o parque está vazio. Nate e Ashley têm seus próprios atendentes, maquinistas de brinquedos que são como guias turísticos automatizados. Caminham conosco de brinquedo

em brinquedo, ligando cada um deles e fazendo um passeio de teste antes de permitir que as crianças embarquem.

“Não é complicado passar o dia em um parque de diversões deserto?”, pergunto a um dos maquinistas.

“Melhor que ficar sentado no sofá de casa com a minha mulher”, confessa o cara, encolhendo os ombros como se o idiota fosse eu.

“Minha mãe está no hospital”, Ashley conta ao operador quando ele está ligando o balanço. “A escola mandou a gente voltar para casa. Nosso pai bateu na cabeça dela.”

“Brutal”, o maquinista diz, e aquilo soa um pouco como se dissesse “Au-au”, como se fosse mais um latido do que uma fala.

O Cadeiras Voadoras se levanta aos poucos do chão. Estou na cadeira à frente de Ashley, suspenso por seis metros de corrente galvanizada. Dá uns giros graciosos formando um círculo amplo, erguendo-se mais e mais, e depois alça voo, rodando em velocidade crescente. A cadeira balança muito, inclina, e agora voamos alto e depois descemos. Estou zozinho, nauseado, tentando achar algo em que me fixar, algo que não se mexa. Fito as cadeiras desocupadas à minha frente, o céu azul lá em cima. Estou perdendo o senso de equilíbrio; temo desmaiar, acabar deslizando da cadeira e cair no chão.

Nate está à nossa espera quando aterrissamos. Tropeço ao descer do brinquedo e bato a cabeça nas correntes.

Seguimos para a Casa Mal-Assombrada. Todos embarcamos em compartimentos individuais e o trem bate nas portas duplas e adentra as trevas. Lá dentro está quente e o cheiro é de meias suadas. Acima de nossas cabeças, há uivos e gritos estridentes de mortos, madeiras se partem e fantasmas caem do céu, parando a centímetros do nosso rosto antes de serem recolhidos. A trilha sonora maquinal é pontuada por um som assustador de asfixia.

“O que é isso?”, indago.

“É a Ashley”, diz Nate.

“Você está sufocando?”, pergunto, desafivelando o cinto de segurança e tentando me virar para olhá-la.

“Ela está chorando”, explica Nate. “O choro dela é assim.”

Enquanto raios lampejam ao meu redor e subimos um morro em direção a um castelo escuro, viro-me e tento rastejar do meu compartimento para o dela. De repente, luzes estroboscópicas faíscam e, como num filme em câmera lenta dos Irmãos Marx, estou de quatro em cima do vagão. O trem segue em direção à porta cerrada do castelo e, pouco antes de chegar nela, faz uma curva fechada e sou atirado para fora, indo bater numa parede. Nesse movimento, estico o braço para me agarrar em qualquer coisa a fim de me equilibrar, preocupado com a possibilidade de aterrissar no trilho condutor, se é

que ele existe em uma casa mal-assombrada. E então tudo para. Está um breu. “Não se mexa”, ouvimos de uma voz que vem de cima. Ashley continua chorando, soluçando na escuridão. Passado um minuto, a Casa Mal-Assombrada é inundada por uma forte luz fluorescente; todos os segredos da noite são revelados: as paredes de papel machê malfeitas, os esqueletos amarrados de qualquer jeito e suspensos por cabides de arame, a tinta amarela e roxa que brilha no escuro por todos os lados.

“Mas que porra é essa”, o operador exclama, descendo até os trilhos.

“Desculpe”, digo eu.

“Vai catar coquinho”, ele me diz.

“A menina estava chorando.”

“Está tudo bem, querida?”, o operador pergunta a Ashley, preocupado de verdade. “Alguém se machucou?”

Todos negamos com a cabeça. “Estamos todos bem.”

O operador pega o cabo da frente do trem e nos arrasta pelos trilhos, abaixando a cabeça diante das portas da frente, e assim saímos à luz do dia.

“Certeza de que todos estão bem?”

“Melhor impossível, dadas as circunstâncias”, declaro. Dou vinte paus ao cara. Não sei muito bem o motivo, mas me parece necessário.

“Vamos para casa”, digo às crianças, conduzindo-as ao estacionamento.

“Estava tudo bem até a hora da Casa Mal-Assombrada”, diz Nate.

“Foi bom”, digo.

Para o jantar, tiramos do freezer o espaguete com molho preparado pela Jane.

“Adoro o espaguete da mamãe”, comenta Ashley.

“Ótimo”, concordo, preocupado com o fato de haver apenas mais dois recipientes no freezer e eles precisarem durar uma vida. Pergunto-me se espaguete com molho pode ser clonado. Se tivermos uma amostra e passarmos o cotonete naquele molho, será que alguém é capaz de fazer mais porções do molho que a Jane fazia?

Espaguete e brócolis congelado, além de refrigerante de baunilha e bolo inglês Sara Lee. Seria de se imaginar que a situação está sob controle.

A gata passa, abanando o rabo contra meus tornozelos debaixo da mesa. Ashley se levanta e me mostra o armário onde há, muito bem-organizadas, quarenta latas de comida de gato.

“O de salmão é o preferido dela”, afirma Ashley.

Após o jantar, levo as crianças de volta ao hospital. Tudo está um pouco mais sossegado; a UTI está na penumbra, com um quê de brilho na escuridão. O espaço amplo é dividido em oito quartos com paredes de vidro, dos quais seis estão ocupados.

“Alguma novidade?”, pergunto à enfermeira.

Ela faz que não. “Nada.”

As crianças visitam a mãe. Nathaniel trouxe uma redação que escreveu para a escola. Lê em voz alta e depois pergunta se ela acha que precisa de algo mais. Aguarda uma resposta. A máquina sopra sua ventilação mecânica. Depois de ler a redação, ele faz um relato do parque de diversões, conta-lhe do garoto da escola a respeito do qual ela já parece saber bastante, explica que ele calculou que, quando estiver em tempos de começar a faculdade, os estudos custarão cerca de setenta e cinco mil dólares por ano, e que quando for a vez de Ashley, custará mais de oitenta. Ele lhe diz que a ama.

Ashley acaricia os pés da mãe. “É bom?”, a menina indaga, passando creme nos dedos e nos tornozelos da mãe. “Quem sabe amanhã eu não trago esmalte de casa e faço suas unhas.”

Mais tarde, ando pela casa, apagando as luzes. É quase meia-noite. Ashley está no quarto dela, mexendo com brinquedos antigos; todas as bonecas das prateleiras estão no chão e ela está no centro.

“Hora de dormir”, anuncio.

“Um minutinho só”, ela diz.

Nate está na outra ponta do corredor, no quarto dos pais, espalhado na cama deles, adormecido e totalmente vestido. Tessie está com ele, a cabeça no travesseiro, substituindo Jane.

De manhã, uma van para do lado de fora. Um homem desce, descarrega seis caixas. De dentro, vejo-o carregando as caixas, uma a uma, até a porta da frente. De início, imagino que seja uma bomba enviada pelos parentes que sobreviveram à família que George matou. Mas há algo tão metódico, tão cuidadoso no jeito como o cara trabalha que fica nítido que ele é outro tipo de profissional. A última coisa que sai da van é a enorme planta. Está tudo enfileirado quando ele toca a campainha.

Tessie late.

Abro a porta com cuidado.

“Entrega”, ele diz. “O senhor poderia assinar?”

“Claro. O que é isso?”

“São os pertences do senhor.”

“Pertences meus?”

“Artigos de escritório”, menciona o cara, virando-se para ir embora. “Como é que eu vou saber? Não passo de um mensageiro. Oito da matina e já estou ouvindo perguntas. Será que não se mancam, não?” Ele volta para a van, gritando ao longo do caminho.

Arrasto as caixas para dentro da casa. São os objetos do escritório de George.

“Você pediu alguma coisa?”, Ashley pergunta.

“É para o seu pai”, digo, e nós três arrastamos tudo até o escritório dele e fechamos a porta.

“Eu posso ficar com a planta?”, Nate pede.

A decisão de desligar as máquinas que mantêm Jane viva, de doar seus órgãos, foi tomada. “Eu não preguei o olho esta noite”, a mãe dela diz. “Resolvi uma coisa e depois mudei de ideia e depois resolvi de novo e então mudei de ideia.”

“Quem vai falar para as crianças?”, alguém pergunta.

“É melhor você”, o pai de Jane diz, espetando o dedo na minha direção. “Está tudo na sua conta.”

Nate e Ashley são levados à sala de reuniões; pedem que eu os acompanhe. Sentamo-nos, esperamos por muito tempo e então, enfim, o médico aparece. Ele traz ressonâncias, boletins e gráficos.

“A mãe de vocês está muito doente”, ele anuncia.

As crianças assentem.

“Não há como consertar o dano sofrido pelo cérebro dela. Então vamos deixar que o corpo dela ajude outras pessoas cujos corpos podem melhorar. O coração dela pode servir para ajudar alguém cujo coração não está funcionando. Faz sentido para vocês?”

“O papai matou a mamãe”, Ashley diz.

Não há muito mais o que dizer.

“Quando vocês vão desligar os aparelhos?”, Nate indaga.

O médico se segura. “Vamos levá-la à sala de cirurgia e retirar as partes que podem ser transplantadas.”

“Quando?”, Nate quer saber.

“Amanhã”, responde o médico. “Hoje todas as pessoas que vão receber a ajuda da mãe de vocês vão receber telefonemas e vão dar entrada no hospital próximo de onde vivem e os médicos deles vão começar os preparativos.”

“Podemos vê-la?”, Ashley pergunta.

“Sim”, o médico diz. “Vocês podem vê-la hoje e amanhã de manhã também.”

Sabe-se lá como, a polícia é avisada e um policial aparece com um fotógrafo. Eles nos pedem para sair do quarto, fecham as cortinas em torno da cama e começam a tirar fotos. O flash branco espoca várias vezes por trás da cortina, iluminando as silhuetas do policial e do fotógrafo. Uma questão inevitável me passa pela cabeça: Será que estão tirando fotos em close, será que estão puxando as cobertas? Estão tirando fotografias dela nua? Os flashes de luz chamam atenção; as outras famílias nos olham de um jeito esquisito, mas em silêncio. Derrame, infarto, queimadura — ASSASSINATO — conhecemos uns aos outros pela doença ou causa da morte, e não pelo nome.

Quando os policiais terminam, nós voltamos. Olho para a coberta. Se a abaixaram, o que viram? Qual é a aparência de uma mulher com morte cerebral? Receio saber a resposta: a de uma mulher morta.

Rutkowsky, o advogado, e eu nos encontramos no estacionamento do hospital e entramos juntos para falar com George. “Ele nunca perguntou como ela está”, conto ao advogado.

“Vamos presumir que ele esteja fora de si”, diz o advogado.

“George”, Rutkowsky e eu dizemos ao mesmo tempo quando a enfermeira puxa a cortina. George está em uma cama, encolhido em forma de bola.

“A sua esposa, Jane, sofreu morte cerebral; os aparelhos dela serão desligados e as acusações contra você serão alçadas a assassinato, ou homicídio culposo, ou qualquer coisa com a qual a gente consiga fazê-los concordar”, declara o advogado. “A questão é que, depois que isso acontecer, eles vão pôr a roleta para girar e as suas opções vão ficar mais limitadas. Estou negociando para você ser mandado para algum lugar, para uma instituição com a qual trabalhei no passado. Quando chegar, você vai passar por um período de desintoxicação e depois a gente espera que eles consigam tratar a sua psicose latente. Entende o que eu estou falando, está captando o rumo que eu vou tomar?” O advogado se cala.

“Ela estava chupando o pau do meu irmão”, diz George.

E nada mais é dito por alguns minutos.

“Como é que ela vai ficar?”, George pergunta, e não sei exatamente o que quer ouvir com aquela intervenção. “Bom, não importa, sem dúvida vão fazer um belo chapéu para ela.”

A enfermeira nos diz que precisa de um momento a sós com George. Aproveitamos a deixa e vamos embora.

“Você tem um minutinho?”, o advogado me pergunta.

No saguão do hospital, ele pede que eu me sente. Põe a enorme bolsa na mesinha ao meu lado e começa a desempacotar uma série de documentos. “Dadas as condições físicas e mentais tanto de Jane como de George, você agora é o responsável legítimo de duas crianças menores de idade, Ashley e Nathaniel. Além disso, você é o responsável provisório e o procurador médico de George. Com esses papéis, você está recebendo uma responsabilidade tanto fiduciária quanto moral. Você se sente capaz de aceitar tal responsabilidade?” Ele me olha, esperando uma resposta.

“Sinto.”

“Você é o curador de ativos, bens imóveis e outros itens que serão transferidos para as crianças quando atingirem a maioridade. Você tem o poder de procuração sobre as transações, ativos e investimentos.” Ele me entrega uma chavezinha mestra; é como ser doutrinado numa sociedade secreta. “É a chave do cofre deles — não tenho nem ideia do que tem dentro do cofre, mas sugiro que você se familiarize com o conteúdo.” E então ele me dá um novo cartão de banco. “Desbloqueie isso do telefone fixo da casa de George e Jane. O senhor Moody, contador, também tem acesso às contas e vai monitorar seus usos. É um sistema de freios e contrapesos: Moody monitora você, você monitora o Moody e eu monitoro vocês dois. Entendeu?”

“Entendi”, respondo.

Ele me entrega um envelope pardo. “Cópias de toda a papelada referente a isso, caso alguém peça.” E então, estranhamente, o advogado pega um saquinho de moedas douradas de chocolate e o balança diante dos meus olhos.

“Geli?”, pergunto.

“Você está pálido”, ele diz. “Minha esposa comprou uma centena desses troços e por algum motivo caiu nas minhas mãos o dever de me livrar deles.”

Pego o saquinho de moedas de chocolate. “Obrigado”, eu digo. “Por tudo.”

“É essa a minha função”, ele afirma ao partir. “Minha ocupação.”

Onde está Claire?

Ela se perdeu no caminho. Estava indo para casa e então mudou de rota. No decorrer do trajeto, começou a receber ligações de amigos. Recebi um telefonema hostil do Havaí, onde o avião passou

por problemas mecânicos. Acusatório.

“No que você está baseando seus comentários? Em fofocas?”, indago.

“No *New York Post*”, ela declara.

“E esse é o novo jornal acima de qualquer suspeita?”

“Vá se foder”, ela retruca. “Vá se foder. Vá se foder, vá se foder.” E ela bate com o telefone na parede. “Você está ouvindo? Eu estou socando a parede com o meu BlackBerry. Seu imbecil de merda.”

“Você agora está no viva voz”, eu digo, apesar de não ter mudado a opção do áudio. “Estamos todos aqui no hospital, as crianças, os pais da Jane, o médico. Eu sinto muito se você está chateada.” Estou mentindo. Estou sozinho no que antes era uma cabine telefônica, mas acabou sendo despojada do equipamento; é uma cabine envidraçada e vazia... impotente.

“VÁ SE FODER!”

O dia do limbo. Há a estranheza de saber que amanhã Jane estará morta. Quando o telefone da casa toca, a voz de Jane atende: “Oi, não podemos atender no momento, mas deixe seu nome e telefone que retornamos a ligação. Se você está tentando falar com o escritório do George, o número é 212...”

Ela está aqui, permanece na casa; deparo-me com ela num canto, esvaziando a lava-louças, passando o aspirador, dobrando as roupas. Ela estava aqui agorinha mesmo... espera, ela já volta.

No dia seguinte, no hospital, a mãe de Jane desmorona à beira da cama e tudo é adiado até ela ser atendida e reanimada. “Dá para imaginar como é tomar uma decisão dessas a respeito da própria filha?”, ela pergunta, ao ser empurrada pelo corredor em uma cadeira de rodas.

“Nem consigo imaginar, e é por isso que não tive filhos. Corrigindo, consigo imaginar, e é por isso que não tive filhos.” Digo isso achando que estou falando sozinho, dentro da minha cabeça, sem me dar conta de que na verdade estou falando com todo mundo.

“A gente imaginava que você não pudesse ter filhos”, diz a irmã de Jane.

“Nem tentamos”, afirmo, embora não seja exatamente verdade.

A família se reveza, despedindo-se de Jane a sós. Sou o último. Na testa dela há a marca do batom de sua mãe, como um sinal hindu feito de sangue e terra. Eu lhe dou um beijo; a pele de Jane está

quente, mas desabitada.

Ashley acompanha a maca pelo corredor. À espera do elevador, ela sussurra alguma coisa no ouvido da mãe.

Nós permanecemos ali, embora não haja razão para permanecer. Sentamo-nos na sala de espera da UTI. Através do vidro vejo a moça da limpeza tirando a roupa de cama, lavando o chão, preparando tudo para o próximo paciente.

“Vamos para a cantina”, digo.

Nos corredores, as pessoas passam correndo. Levam caixas térmicas com os rótulos “Tecido humano” ou “Órgão para transplante — córnea humana”. Vão e vêm. Através da ampla janela de vidro da cantina, vejo um helicóptero chegando, aterrissando no estacionamento e decolando.

O coração dela acaba de ir embora.

Por um lado, é como se o tempo tivesse parado, e, por outro, o tempo é vital, as pessoas estão acelerando o passo. Para onde você vai quando termina, quando está tudo concluído? A cada hora, a cada órgão retirado, ela se vai mais um pouquinho. Não há como voltar atrás. Acabou. Mesmo.

“Que bom que ela pode ajudar outras pessoas, a Jane ia gostar”, a mãe dela afirma.

“O coração e o pulmão dela não deviam ser desperdiçados”, diz o pai de Jane. “Os olhos dela eram tão bons, tão bonitos, quem sabe não serve para alguém; quem sabe alguém não consegue ter uma vida legal, apesar de a dela ter virado uma merda.”

“Não fale assim na frente das crianças”, a mãe dela pede.

“Eu mal abri a boca. Se alguém quisesse ouvir o que eu realmente gostaria de dizer, palavras não me faltam.”

“Estou ouvindo”, declaro.

“Não estou falando com você. Você é um babaca, é tão responsável por isso quanto o filho da puta do seu irmão. Seus vermes.”

E ele tem razão. É inconcebível que a situação termine desse jeito.

O marido da irmã de Jane vai escolher o caixão. Ele quer que eu pergunte a Nate se ele quer ir junto, para ajudar na organização. Pergunto, mas ele não me escuta, está com os fones nos ouvidos. Cutuco seu ombro: “Você quer ajudar na organização?”

Ele me olha sem entender.

“Organização. É outra forma de falar no planejamento do

funeral. O marido da Susan vai à funerária para escolher o caixão... você quer ir? Eu participei quando era a minha avó”, comento, como se tentasse dizer que não é tão ruim assim.

“A gente faz o quê?”

“Olha caixões, escolhe um e pensa no que a sua mãe devia usar como última roupa.”

Nate se nega balançando a cabeça. “Pergunte para a Ashley”, ele sugere. “Ela gosta de escolher coisas.”

Na mesma noite, Nate vem me visitar no sofá. “Você já procurou o nome do papai no Google?”

“Não.”

“Ele não matou só a mamãe, ele matou uma família inteira.”

“Foi um acidente. Foi esse o ponto de partida para essa coisa toda.”

“Todo mundo tem ódio dele. Tem postagens dizendo que ele arruinou a empresa, dizendo que ele era agressivo no escritório... principalmente com as mulheres. Diz que teve vários processos por causa de agressões contra funcionárias, mas que foram abafados com acordos.”

“Não é novidade”, digo a Nate. “As pessoas sempre tiveram opiniões fortes a respeito do seu pai.”

“É difícil para mim ler tudo isso”, afirma Nate, quase histérico. “Uma coisa é eu achar que ele é um imbecil, mas outra é quando estranhos falam coisas cruéis.”

“Você quer sorvete?”, ofereço. “Tem metade de um bolo da Carvel no freezer.”

“É do aniversário da Ashley.”

“Isso quer dizer que ninguém pode comer?”

Nate encolhe os ombros.

“Você quer um pedaço?”

“Quero.”

Usando uma faca serrilhada enorme, serro nacos; o sorvete está velho e pastoso e duro feito pedra, mas melhora à medida que derrete e, quando terminamos, já está delicioso. Quando acabamos, Tessie limpa nossos pratos com a língua.

“Ela é a pré-lavagem”, comenta Nate.

Nate se deita comigo no sofá, sua cabeça do lado oposto à minha, seus pés fedorentos próximos do meu rosto. Quando adormece, desligo a televisão e ponho os pratos no lava-louça. Tessie vai atrás; lhe dou um biscoito.

Uma limusine preta e comprida para rente ao meio-fio da casa. As crianças se reúnem, vestidas com suas melhores roupas. Encho meus bolsos de lenços descartáveis e de guloseimas.

“Nunca fui a um funeral”, diz Ashley.

“Eu já fui, quando o filho de alguém do trabalho do papai se matou”, Nate acrescenta.

Na recepção funerária, dois homens abrem as portas para nos receber. “Os parentes mais próximos estão à esquerda, recebendo as condolências”, um deles anuncia.

“Nós somos os parentes mais próximos”, diz Nate.

O homem nos guia pelo corredor. Os pais de Jane estão lá, a irmã com o marido.

Há algo excruciante nessa parte. Estranhos ou, pior ainda, amigos, se agacham diante dos joelhos das crianças, tocando-as, abraçando-as, séries de rostos estressados pressionados contra os deles, rostos que são como caricaturas. Há a falta de jeito de gente com a sensação de que precisa dizer alguma coisa quando não há nada a dizer. Nada.

Meus pêssames pela sua perda. Ah, pobrezinhos. O que será de vocês? A mãe de vocês era uma mulher maravilhosa. O que é que o pai de vocês tem a dizer para se justificar? Não consigo nem imaginar. O pai de vocês vai para a cadeira elétrica?

Eles se sentem livres ou obrigados a dizer qualquer porcaria que lhes passa pela cabeça.

“Sinto muito, sinto muito, sinto muitíssimo”, as pessoas não param de dizer às crianças.

“Está tudo bem”, Ashley lhes responde.

“Não está bem, não”, Nate diz a Ashley. “Para de falar que está tudo bem. Não está, não.”

“Quando as pessoas dizem que sentem muito, você pode simplesmente agradecer”, instruo.

Somos conduzidos à capela para a cerimônia e nos sentamos nos bancos como faríamos num casamento, a família de Jane de um lado, nós do outro. Atrás de nós estão as pessoas que conhecem a família de Jane, pessoas cujos filhos frequentaram a mesma creche, pessoas que conheciam Jane da academia, amigos e vizinhos. O âncora do Dia de Ação de Graças está presente, assim como o assistente de George, um gay que estava sempre pronto para ajudar as crianças. Era ele quem lhes arranjava ingressos bons, passes para os bastidores de eventos.

O caixão está na parte da frente da sala.

“Ela está ali de verdade?”, Ashley indaga, apontando para o caixão com a cabeça.

“Está, sim”, respondo.

“Como a gente vai saber se colocaram as roupas certas nela?”, Ashley pondera.

“É uma questão de confiança.”

O marido de Susan se aproxima de mim. “Gostou do caixão?”, ele pergunta. “É de primeira qualidade. Numa situação dessas me parece crueldade ser mão de vaca.”

“Você está pedindo a minha aprovação?”

Penso no funeral de Nixon. Ele sofreu um derrame em casa, em Nova Jersey, numa segunda-feira à noite, pouco antes do jantar. A empregada chamou uma ambulância e levaram-no, paralisado mas consciente, à cidade de Nova York. O prognóstico inicial era bom, porém seu cérebro começou a inchar; ele entrou em coma e morreu. O caixão de Nixon foi levado de avião de Nova York a Yorba Linda, onde a população formou uma fila sinuosa nas ruas sossegadas em uma noite gélida e passaram horas esperando para vê-lo. Pensei em ir, fazer uma espécie de peregrinação como a dos mórmons que se congregam na montanha ou das tietes que vão a um show do Grateful Dead.

Em vez de ir vê-lo, assisti pela tevê.

Quarenta e duas mil pessoas passaram pelo caixão de Nixon no decorrer de vinte horas. O fato de que não fui uma delas é motivo de arrependimento. Assisti pela televisão, mas não senti nada. Não tive a experiência genuína, a noite de frio partilhada. Só fui a Yorba Linda uma vez, anos depois da morte de Nixon.

“Como é que eu vou contar para o pessoal da escola?”, Ashley pergunta.

“Eles já devem estar sabendo”, Nate diz.

“Não é justo”, retruca Ashley.

Passo umas balinhas para Ashley.

A irmã de Jane vê e vem correndo do lado deles da sala. Senta-se no banco atrás de mim, inclina-se e sussurra.

“Desde quando você entende de bala?”

“Eu não entendo”, respondo sem nem me virar para ela.

Não gosto de crianças, mas sinto culpa; mais que culpa, sinto-me responsável; pior que isso, acho que a vida daquelas duas crianças está acabada.

E eu, sob estresse, relembro histórias de uma vida que não é a minha. Chupo uma bala; enfio umas jujubas na boca sem oferecê-las a Susan.

“Cadê os gêmeos?”, pergunto a Susan.

“Com a babá”, ela diz. O botox tão recente que o rosto nem se mexe.

Uma mulher mais velha se inclina e puxa o cabelo de Ashley. “Essas pobres coitadas dessas crianças com esses cabelos lindos.”

A música começa.

O rabino aparece. “Amigos, familiares todos, em especial os pais de Jane, sua irmã, Susan, e seus filhos, Nathaniel e Ash.”

“Ninguém chama ela de Ash”, Nate diz categoricamente.

“Como compreender uma morte como essa, uma vida interrompida? Jane era mãe, filha, irmã e amiga. E também foi vítima de um crime, com o qual lhe foi interrompido o curso natural da vida.”

“Nunca gostei do George”, a mãe dela diz em alto e bom som durante a cerimônia. “O George foi um babaca desde o primeiro encontro.”

O rabino prossegue: “Da morte de Jane vem uma ruptura da tradição; quando um judeu morre, ninguém pergunta se haverá ritual de purificação ou funeral, mas o que dizer do corpo? A família de Jane optou pela doação de órgãos. Assim, os órgãos de Jane que continuaram saudáveis, viáveis, poderiam salvar a vida de outras pessoas; eles fizeram o mitzvá de dar um pouco do sopro de vida de Jane aos outros. Um dos propósitos da cerimônia fúnebre é ajudar os amigos e a família a se adaptarem ao caráter definitivo da perda sofrida. E embora as circunstâncias da morte de Jane nos invoque a tentar entender essa lógica, celebramos a vida dela e a vida que agora ela dará aos outros. *HaMakom yinachaim etchem batoch shar avlai Zion v’Yerushlayim*. Que Deus lhe conforte junto a todos os outros enlutados de Sião e Jerusalém”, o rabino profere. “Essa é a expressão de condolências tradicional do judaísmo.”

“Viramos órfãos?”, Ashley pergunta.

“Mais ou menos.”

“Yit-gadal v’yit-kadash sh’mey raba, b’alma di v’ra hirutey, vyam-lib mal-hutey b’ha-yey-hon uv’yomey-hon uv’ha-yey d’hol beyt yisrael ba-agala u-vizman kariv, v’imru amen”, o rabino entoia.

“Nós sempre fomos judeus?”, Ashley questiona.

“Sempre.”

A cerimônia termina e um dos convidados se vira para mim e diz, “Dadas as circunstâncias, acho que o rabino se saiu muito bem. O que você achou?”

“Faz parte das minhas normas não resenhar funerais.”

“Se os convidados pudessem permanecer em seus lugares até a família se retirar, ficaríamos muito gratos”, pede o rabino.

O caixão de Jane passa diante de nós; o âncora do Dia de Ação de Graças é um dos carregadores.

Os pais de Jane saem com Susan entre eles. Reparo que a expressão dela não muda quando chora: lágrimas de palhaço.

Nate, Ashley e eu vamos embora após o caixão ser transportado; entramos na limusine, enquanto Jane é colocada no carro fúnebre.

“Espero nunca mais ter que fazer isso”, diz Nate.

“A gente já pode ir para casa?”, pergunta Ashley.

“Não”, responde Nate. “Tem algum... pós-festa?”

“A gente vai daqui para o cemitério. Em volta da cova, umas palavras são ditas e o caixão é sepultado na terra.” Pergunto a mim mesmo se devo lhes contar a parte de jogar pás de terra na própria mãe, ou se é melhor não mencionar certas coisas. “E depois do cemitério a gente guarda a *shivá* na casa da Susan. As pessoas que conheceram a mãe de vocês vão lá visitar e vamos almoçar.”

“Quero ficar sozinho”, declara Nate.

“Não é opcional.”

“Quem é que manda esses carros? E eles fazem outros tipos de serviço?”, Nate quer saber.

“Tipo o quê?”

“Tipo ser motorista de astros do rock, ou será que eles só trabalham com funeral?”

Inclino-me e pergunto ao motorista, “O senhor trabalha só com funeral, ou trabalha com funeral e com astros do rock?”

O motorista nos olha pelo retrovisor. “Eu, eu trabalho com funeral e com aeroporto. Não gosto de rock. Eles te contratam para um serviço de duas horas, mas quatro dias depois você ainda está parado na frente de um hotel, esperando o cara decidir se quer sair para comer um hambúrguer. Eu gosto de rotina e programação.” Ele faz uma pausa. “Vocês deram sorte com o tempo. Espero que não se ofendam com o meu comentário, mas não existe nada pior do que trabalhar num funeral quando o tempo está ruim. Deixa todo mundo de mau humor.”

Na limusine, a caminho do cemitério, as crianças estão concentradas em seus aparelhos eletrônicos. Por um lado, não é correto se concentrar em jogos virtuais quando se está indo enterrar a mãe; por outro, quem seria capaz de criticá-los? Este é o último lugar do mundo onde gostariam de estar.

O lote reservado a Jane fica entre o de sua tia e sua avó, entre câncer de ovário e derrame. Ela está com sua gente. Morreram de doenças e de velhice, mas nunca houvera uma vítima de violência doméstica. É diferente... é pior.

As crianças sentam-se em cadeiras dobráveis atrás dos avós. Apesar de fazer um belo dia, como está frio todo mundo fica de casaco, as mãos no bolso. Quando o caixão está sendo abaixado, uma série abafada de sussurros, uma corrente de surpresa, se espalha pelo

grupo.

“O papai veio”, diz Ashley.

Todos nos viramos para olhar e, claro, ele está saindo da porta de trás do carro com dois negros robustos em roupas de médico a seu lado.

“É muita cara de pau”, diz a mãe de Jane.

Ao nosso redor as pessoas sussurram, murmuram, contorcem-se.

“Ela era a esposa dele.”

“Até serem separados pela morte.”

“Ele podia pelo menos ter esperado a gente ir embora”, diz Susan.

“Ele ainda tem direitos”, alguém defende.

“Até ser julgado culpado.”

A escolha do momento fora errada. George devia ter ficado no carro, permanecendo escondido até todo mundo ir embora. Ele guarda distância até a cerimônia de sepultamento terminar.

“Será que a gente não devia ir falar com ele?”, Nate indaga.

“Agora não”, respondo. “A gente vai vê-lo em breve.”

Quando a procissão fúnebre estava saindo do cemitério, avistamos George ajoelhado diante do túmulo, de óculos escuros, as mãos algemadas à frente do corpo. Tive a impressão de vê-lo empurrando a terra com as próprias mãos em direção ao túmulo, as duas mãos ao mesmo tempo, unidas pelos punhos.

Alguém com uma teleobjetiva tira fotos.

“A vovó e o vovô odeiam a gente”, diz Nate.

“Eles estão desnorreados.”

“Eles estão agindo como se a culpa fosse nossa.”

A *shivá* é observada na casa de Susan. É longe, a uma hora do cemitério. Após perfazermos cerca de quarenta e cinco minutos do percurso, as crianças começam a reclamar. Pergunto ao motorista se podemos fazer uma parada. A limusine comprida desvia da procissão, espera todos os carros passarem; então entramos num McDonald's.

“Você são meus convidados”, digo a todos, inclusive ao motorista.

“Eu achava que ia ter almoço na shivá”, diz Nate.

“O que é que você prefere comer: hambúrguer ou salada de ovos?”

“Vou encobrir as provas”, diz o motorista ao chegarmos à casa de Susan.

“Imagino que você vá esperar, não?”, questiono.

“O senhor está sem carro?”, ele indaga.

“Meu carro ficou na casa onde você buscou a gente.”

“Em geral, a gente deixa as pessoas e pronto. Mas eu espero. Vou me basear no tempo: o valor por hora é setenta e cinco, com um mínimo de quatro horas.”

“A gente não vai demorar tanto assim.”

O motorista encolhe os ombros.

Os gêmeos estão à solta. Correm pela casa, perseguidos por um cachorrinho que impõe aos idosos o risco de tropeço. O hall de entrada é de azulejos espelhados permeados de veios dourados. Só olhar para eles já me deixa nervoso: meu reflexo se parte em vários pedaços e me pergunto se aquilo é alguma espécie de “espelho mágico” capaz de expor meu estado interno.

Susan está guiando um passeio pelo jirau reformado, mostrando aos amigos de Jane como havia “derrubado” o teto e “empurrado” a parede para trás para terem uma sala ampla e uma sala de jantar; e como “retomaram” a garagem e criaram um espaço que serve tanto para momentos de lazer como para o café da manhã, após receber acabamento com porta francesa e deques “por todo lado”.

“Fizemos tudo o que conseguimos imaginar e fomos além”, orgulha-se Susan.

E dá para notar.

Os visitantes são as mesmas pessoas do funeral, amigos, vizinhos, bons samaritanos e babacas curiosos que não tinham nada de estar ali. Apesar de ter comido um cheeseburger duplo, rodeio a mesa da sala de jantar, onde a refeição foi posta. Azeitonas pretas descaroçadas e tomates-cereja me encaram, inexpressivos. Abacates e alcachofras, ovos cozidos com páprica, salmão defumado, roscas e salada de macarrão; estou olhando para isso tudo, e de repente eles viram partes do corpo, órgãos: a gelatina é como um fígado; a salada de macarrão, massa craniana. Sirvo-me de Diet Coke.

Um homem mais velho se aproxima com um olhar determinado e me estende a mão.

“Hiram P. Moody”, ele se apresenta, aperta a minha mão, “contador do seu irmão. Não tenho dúvida de que você está de cabeça cheia, mas o que eu quero que você saiba é que, em termos fiduciários, você ficará bem”.

Devo ter lhe lançado um olhar estranho. “Você não tem com o que se preocupar”, ele afirma. “Do ponto de vista financeiro, você está

em boas condições. George gostava de jogar, ele se arriscava, fazia uma aposta aqui e outra ali, mas digamos apenas que ele tinha um bom senso de oportunidade.”

“Perdão?”, eu digo, achando difícil acompanhar o que Hiram P. fala.

Ele assente. “Vou direto ao ponto. Você e as crianças vão ficar muito bem. Eu pago as contas. Se você precisar de alguma coisa, é só avisar. Sou muito mais do que o cara que faz a declaração do imposto de renda, com quem você fala uma vez por ano. Sou o cara a quem você recorre, o cara que controla o dinheiro, e agora você terá de contar comigo. Tem uns papéis que você precisa assinar... não tem pressa”, ele assegura. “Imagino que você já saiba que é o tutor legal das crianças, além de tutor e procurador médico do seu irmão, e a Jane foi bem específica quanto a você ser o testamenteiro de todos os bens. Jane temia que a irmã não tivesse os mesmos princípios que ela.”

Assinto. Minha cabeça balança como se eu fosse uma marionete com pesos.

Hiram P. põe um cartão de visitas na palma da minha mão. “A gente se fala em breve”, ele diz. E quando viro para me afastar, ele grita: “Espera aí, tenho uma coisa melhor. Abre a mão.” Eu abro e ele a estapeia com alguma coisa. “É ímã de geladeira”, ele explica. “Foi a minha esposa que fez. Tem todos os dados, até o meu celular... para emergências.”

“Obrigado”, eu digo.

Hiram P. me segura pelos ombros e me dá uma combinação de aperto de mãos e abraço. “Conta comigo para o que você e as crianças precisarem”, ele fala.

É inexplicável, mas meus olhos se enchem de lágrimas. Hiram P. se aproxima a fim de me abraçar quando estou levantando a mão para enxugar os olhos. Talvez não tenha sido a mão, talvez tenha sido o punho fechado; talvez eu não fosse exatamente enxugar os olhos, e sim esfregá-los de mão fechada. Meu punho entra em contato com a parte de baixo do queixo de Hiram P. num golpe curto porém ligeiro que o atira contra a parede. O retrato que está pendurado atrás dele balança no parafuso, inclinando-se.

Hiram P. gargalha. “É isso que eu adoro em vocês, vocês são muito doidos. Então... me liga”, ele diz. “Quando você estiver pronto para isso.”

Sento-me ao lado de Ashley e Nate no sofá de couro modular de

Susan. Uma mulher de idade mais avançada se acomoda perto de nós. “Eu conhecia a mãe de vocês. Fazia as mãos dela... as unhas dela eram lindas. Ela falava muito de vocês, tinha muito orgulho dos dois. Muito orgulho mesmo.”

“Obrigada”, diz Ashley.

Nate se levanta e vai procurar o que comer. Volta com um prato de frutinhas para Ashley.

“Você é um bom irmão”, eu o elogio.

Uma mulher se inclina em direção às crianças, revelando seu colo flácido, enrugado. Desvio o olhar. Ela estende a mão. Ninguém a aperta. A mão, com um diamante enorme, pousa sobre o joelho de Nate. “Eu era a dentista dela. A gente tinha conversas incríveis... bom, em geral, quem falava era eu, ela estava com o tubo de sucção de saliva na boca, mas era uma grande ouvinte. Ela era uma boa pessoa.”

“Você tem alguma coisa?”, Nate me pergunta.

“Que tipo de coisa?”

“Tipo um Valium, um Ativan, quem sabe uma codeína.”

“Não”, respondo, surpreso. “Por que eu andaria com uma coisa dessas?”

“Sei lá. Você tinha bala, jujuba de ursinho... e lenços descartáveis. Imaginei que você tivesse remédio.”

“Tem algum que você costume tomar quando está chateado? Algum remédio que o médico receitou?”

“Eu pego as coisas do armário da mamãe e do papai.”

“Ótimo.”

“Tudo bem, deixa para lá, achei melhor perguntar.” Nate se afasta.

“Aonde você vai?”

“Ao banheiro.”

Vou atrás dele.

“Você está me seguindo?”

“Você vai espiar o armário de remédios?”

“Preciso mijar”, diz Nate.

“Se você vai espiar, eu vou junto. A gente olha junto.”

“Que ideia de merda.”

“Melhor ou pior que você olhar sozinho?”

Eu o sigo até o banheiro e tranco a porta.

“Eu preciso mijar mesmo.”

“Então mija.”

“Não com você parado aí.”

“Fico de costas pra você.”

“Não dá”, ele retruca.

“Não confio em você.”

“Quando eu voltar para a escola você não vai ter como me seguir até o banheiro. Alguma confiança em mim você tem que ter. Agora me deixa mijar.”

“Você tem razão, mas no instante em que você quebrá-la, você está fodido”, asseguro, abrindo o armário.

“Omeprazol dele, contraceptivo dela, Prozac dela. Aciclovir: que legal, eles devem ter herpes; oxycodona para as costas dele.”

“Oxycodona está bom”, afirma Nate. “Oxi é legal.”

“Aqui, toma”, digo, pegando um comprimido rosa e branco para entregar a ele.

“É o quê?”

“Benadryl.”

“Nem precisa de receita.”

“Isso não quer dizer que não funciona; é um sedativo forte.”

“O que mais tem aí? Diazepam, é Valium genérico... vou pegar dois desse.”

“Não.”

“Que tal um só? É o que as pessoas tomam quando têm medo de avião.”

“Que tal quatro? É o que as pessoas tomam para fazer colonoscopia”, sugiro.

“Você é engraçado”, Nate diz, tomando um comprimido e enfiando o frasco no bolso.

“Devolve o frasco. Vai que eles têm uma câmera aqui, aí eles vão botar a culpa em mim.”

Quando estamos atravessando o corredor, o pai de Jane me segura pelo braço. “Você devia cortar seu pau fora. Você devia ser obrigado a viver sem alguma coisa que você considere valiosa.”

Ele me dá um empurrãozinho e se afasta para falar com a dona do bufê. Percebo que o namorado corpulento da dona do bufê está vindo ao meu encontro e imagino que vão pedir que eu me retire. Assim, costuro o caminho em meio ao aglomerado de gente na tentativa de evitar o cara, ponderando que é melhor encontrar a Ashley; é melhor dizer às crianças que já é hora de irmos embora. O namorado da dona do bufê me aborda antes que eu consiga falar com as crianças.

“Já provou o atum?”, ele indaga.

“Hum, não”, digo. “Não, ainda não provei, não.”

“Não deixe de provar”, ele recomenda. “Sou eu que faço, com atum fresco.”

“Que bom”, digo. “Vou provar.” Estou trêmulo. “Tenho que

ir”, digo ao Nate.

“Está bem”, concorda Nate. “Vou chamar a Ashley.”

“Aonde a gente vai?”, Ashley indaga.

“Não sei”, respondo. “Não estou acostumado a falar para ninguém o que eu estou fazendo. Não estou acostumado a ir aos lugares com alguém.”

“Você não pode deixar a gente aqui”, diz Nate.

Hesito. “Vou visitar a minha mãe.”

“Você vai contar tudo o que aconteceu para ela?”

“Não”, afirmo.

Saímos à francesa. Digo ao motorista da limusine o nome do asilo, ele o procura no GPS e vamos embora.

“Não seria uma boa a gente levar alguma coisa para ela?”, Nate sugere.

“Tipo o quê?”

“Uma planta.”

“Está bem.”

“Acho bom a gente levar uma coisa que possa deixar lá, isso dá a ideia de que alguém se importa com ela”, explica Ashley.

Quando o motorista da limusine passa por um florista, peço-lhe para parar. Gastamos vinte minutos discutindo o que levar. Finalmente nos decidimos por uma violeta africana, supondo que é a mais adequada ao ar quente e seco do asilo.

O asilo cheira a merda.

“Alguém deve ter sofrido um acidente”, comento.

Quanto mais nos afastamos da porta da frente, menos o ambiente cheira a merda e mais a produtos químicos e a gente velha.

“Passamos a sua mãe para um quarto semiprivativo. Ela precisava de mais companhia”, a enfermeira me informa.

Bato à porta dela, ninguém responde. “Oi, mãe”, cumprimento, abrindo a porta.

“Olá.”

“Sou eu”, declaro. “E eu trouxe mais gente.”

“Entrem, entrem.” Colocamos os pés no quarto e percebo que é a mulher da outra cama, imaginando que fomos visitá-la. “Cheguem mais perto”, ela pede. “Não enxergo bem.”

Vou à cabeceira de sua cama. “Sou o Harry. Estou aqui para

ver a sua vizinha. Sou filho dela.”

“Como você sabe?”

“Ela estava lá em casa quando eu estava crescendo”, brinco.

“Como a senhora se chama?”

“Não sei”, ela responde. “Que diferença faz o nome?”

“A senhora sabe cadê a minha mãe, sua vizinha?”

“Estão fazendo uma reunião social regada a sorvete, do tipo faça seu próprio sundae, lá na sala de jantar. Mas os diabéticos são proibidos de participar, eles nos obrigam a usar esta pulseira vulgar.” Ela ergue o braço: em torno do punho há uma pulseira amarela em que se lê **DIABÉTICO** em letras garrafais, e no outro punho ela usa uma pulseira laranja que diz **NÃO RESSUSCITAR**. “É por isso que os meus olhos estão tão ruins... foi o açúcar que acabou com eles.”

Enquanto ela fala, minha mãe é trazida de cadeira de rodas de volta ao quarto, segurando um sundae enorme com as duas mãos. “Me disseram que eu tinha visita”, ela diz. Reparo que ela também usa pulseiras, uma azul que diz **DEMÊNCIA** e aquela laranja, **NÃO RESSUSCITAR**.

“Estava conversando com a sua colega de quarto.”

“É cega como um morcego”, mamãe comenta.

“Mas não sou surda”, diz a colega de quarto.

“Já fazia tempo que vocês dois me deviam uma visita”, mamãe diz a Nate e Ashley. “Como vão as crianças?”

“Ela acha que vocês são o George e a Jane.”

“Ela sabe da mamãe?”, Ashley cochicha.

“Não falem pelas nossas costas bem debaixo do nosso nariz, é feio”, a mulher da outra cama repreende.

“Que bom te ver”, diz Nate, abraçando mamãe.

Ashley lhe entrega a planta, que ela põe no colo, mas ignora.

“Está trabalhando muito?”, mamãe pergunta a Nate. “Enchendo a mídia de porcaria? As crianças estão na escola? A que era problemática melhorou?”

“As crianças estão ótimas”, afirma Nate. “Os dois são brilhantes, cada um à própria maneira.”

“De onde será que veio esse brilhantismo?”, a colega de quarto cutuca. “Eles foram adotados?”

“É isso, mãe”, eu digo. “A gente só queria fazer uma visitinha; a gente volta logo. Está precisando de alguma coisa?”

“Como o quê?”

“Não sei, você é quem sabe”, digo.

“Da próxima vez que você vier, você poderia me trazer uma coisa”, a colega de quarto pede. “Traz alguma coisa sem açúcar; eu não mereço ser castigada só porque sou diabética. Olha só para mim, eu não sou gorda, não como demais. E olha só para ela, ela está comendo sorvete.”

“Com chantilly, calda quente e uma cereja coroadando”, mamãe diz e sofre um breve engasgo. “Engoli o talo”, ela justifica. “Me esqueci de cuspir.”

“Bem feito!”, diz a colega de quarto. “Eu consigo dar um nó no talo da cereja usando só a língua.”

“Aposto que não consegue mais”, diz mamãe.

“Claro que consigo”, diz a outra. “Menina, pega uma para mim que eu mostro para vocês.”

“Eu pego?”, Ashley questiona.

“Não tem por que não pegar”, respondo.

Ashley vai à sala de jantar e volta com uma cereja ao marasquino. Ela a entrega à colega de quarto da minha mãe, o suco vermelho pingando como sangue em cima do cobertor branco. A velha enfia a cereja na boca; percebemos vagamente que vai de um lado para outro.

“É mais difícil com dentadura”, ela justifica, dando um tempo, “mas estou progredindo”.

E *voilà*, ela cospe a cereja na mão, o talo amarrado em um nó.

“Como foi que a senhora fez isso?”, Ashley quer saber.

“Questão de prática”, ela explica.

“Bom, mãe, agora a gente tem que ir.”

“Tão rápido”, diz a colega de quarto. “Vocês acabaram de chegar.”

“O carro está esperando lá fora; é uma longa história.”

“Então está bem”, ela diz. “Vocês me contam da próxima vez.”

No começo da manhã de segunda-feira, as crianças são conduzidas de volta para a escola levando o almoço que preparei com as sobras da geladeira.

Agora que os dois se foram, o tique-taque do relógio da cozinha se torna ensurdecedor. “Esse relógio sempre esteve aí?”, pergunto a Tessie. “Sempre foi alto desse jeito?”

Ponho a louça na lavadora, sirvo água fresca e ração a Tessie e à gata e guardo coisas até não ter mais nada para fazer. Ando em círculos pela casa.

Para onde se vai depois disso? Imagino-me indo embora, saindo para nunca mais voltar. A cadela me olha. Está bem, então, sair e deixar um bilhete para o carteiro instruindo-o a mandar os bichinhos para

George no hospício... animais são muito terapêuticos.

Antes disso acontecer, eu tinha vida própria, ou ao menos acreditava ter; a qualidade, o sucesso dela não vêm bem ao caso. Eu estava prestes a fazer alguma coisa...

O livro. Agora é a hora de terminar o livro. Sinto um alívio imediato por me lembrar de que realmente havia algo, uma missão... o livro. Arrasto a bolsa de lona com o manuscrito de mil e trezentas páginas, coberto de um complexo sistema de adesivos e marcadores que parecem totalmente indecifráveis, e ponho ali em cima da mesa da cozinha.

Sento-me. O suor escorre pelas minhas costas, embora eu não sinta calor. Meu coração bate cada vez mais rápido, o mundo parece estar acabando, a casa prestes a explodir. Corro até o armário de remédios e tomo o comprimido rotulado “Para ansiedade, tomar quando necessário”. Estou tomando o remédio de George, pensando em George. Tenho que sair da casa. Está frio dentro de casa, um frio cruel. Com toda a rapidez que me é possível, junto meus pertences, meu manuscrito, meus blocos de papel em branco. Se eu não sair agora mesmo, alguma coisa vai acontecer. Pego as minhas coisas e corro porta afora.

Lá fora, o céu está claro, o ar está ameno. Fico parado.

O livro. Vou trabalhar. Vou para a biblioteca da cidade e vou escrever meu livro. Eu vou. Entro no carro; estou sem as chaves. Estou usando as calças de George. Entro na casa correndo, pego as chaves do carro, meu telefone. Tessie abana o rabo, como se pensasse que voltei por causa dela. “Vou para a biblioteca, Tessie, tenho que escrever o meu livro. Juízo, menina.”

Reformada pela última vez em 1972, a biblioteca é perfeita para a minha missão. Seu visual moderno é do mesmo estilo que uma igreja unitarista ou um centro comunitário. O vestibulo ostenta um quadro de avisos que vai do chão ao teto coberto de anúncios de serviços comunitários de “café e conversa”, programas como “Mamãe e eu” e uma mesa repleta de informações de como tirar o título de eleitor e panfletos sobre “Como se preparar para desastres”. Só consigo pensar no lamento da sirene Thunderbolt da defesa civil que disparava por três minutos uma vez ao mês, às onze da manhã, ao longo dos meus anos escolares. Depois que entro, espalho o conteúdo da minha bolsa em uma mesa comprida e começo a ler o que já escrevi, tentando ser ao mesmo tempo crítico e generoso: uma mistura impossível. Dou um salto, pegando de onde parei. Quando foi a última vez que trabalhei

nisso? Tenho blocos e uma caneta que não é usada há tanto tempo que agora nem funciona mais. Pego emprestado um toco de lápis grosso, um lápis tipo bastão, do balcão de informações, e volto para a minha cadeira, pensando que talvez seja melhor examinar o que há de novo no mundo da Nixonologia antes de continuar o livro. O próprio Nixon escreveu dez livros, sendo que o último, *Beyond Peace*, foi finalizado semanas antes de sua morte. Títulos como esse, *Beyond Peace*, me enervam, como se uma parte dele soubesse que o fim estava perto: o primeiro volume da autobiografia de Ronald Reagan, lançado no início da década de 1960, tinha o profético título *Where's the Rest of Me?* Existe espaço para outro livro sobre Nixon? As pessoas vivem me perguntando, e eu digo: “Bom, você certamente já ouviu falar da viagem de Nixon à China, mas sabia da loucura dele pelos imóveis de Nova Jersey? E do interesse que tinha no bem-estar dos animais?” Verifico a coleção da biblioteca e acho algumas obras que merecem ser relidas. Tenho exemplares dos livros no apartamento de Nova York, no que chamo de Biblioteca Nixon, que Claire chama de *sua* Biblioteca Nixon em vez de *a* Biblioteca Nixon.

Encho os braços de livros e marcho até o balcão de retirada.

Em retrospecto, gostaria de ter me afastado. Gostaria de ter me sentado com os livros, de tê-los lido do princípio ao fim e os deixado ali mesmo, em cima da mesa, que era o lugar deles. Eu queria retirá-los para estar preparado, para não deixar pedra sobre pedra.

Pus os livros no balcão e entrego a carteirinha da biblioteca à mulher.

“O cartão não é do senhor”, diz a bibliotecária.

“Ele saiu do meu bolso”, declaro, tirando tudo o que está dentro dele.

“Não é do senhor.”

“Tem razão”, eu digo. “É do meu irmão. E esta calça é do meu irmão, e essa carteira de motorista é dele. Estou retirando esses livros para ele.”

“O seu irmão matou a esposa”, ela afirma.

Respiro fundo. “Meu irmão não pode vir aqui e pegar os livros, então eu vou pegar para ele.”

“Vou marcar a carteirinha como roubada. É possível que o senhor seja processado.”

“Pelo quê?”

“Não interessa muito pelo quê”, diz a bibliotecária. “Vivemos numa sociedade litigiosa, é assim que as pessoas expressam a raiva que sentem. E mancharia a sua reputação.”

“Devolve a carteirinha.”

“Ah, não”, diz a bibliotecária. “Aqui no verso está escrito que o uso da biblioteca é um privilégio sujeito a revogação.”

“Se a carteirinha não é minha, como ela pode ser revogada?”

“Falta de uso”, retruca ela.

“É por causa do meu objeto de estudo? Tem alguma coisa no Nixon de que você não gosta?”

“Não”, diz a bibliotecária. “É você. É de você que eu não gosto.”

“Você nem me conhece.”

“E jamais vou conhecer”, ela diz. “Vai. Sai antes que eu dê queixa.”

“De quê?”

“Assédio.”

Lá fora, tropeço em um buraco na calçada, minha bolsa voa, meu manuscrito, com adesivos e tudo, cai como se tivesse sido despejado. De mãos e joelhos no chão, recolho as folhas. Curvado, olhando para o sol, reparo na caixa de devolução de livros. Penso em uma ou duas coisas que talvez deposite ali uma noite dessas, depois que a biblioteca fechar. Tenho essa ideia e no mesmo instante penso no Texas School Book Depository. Um telefone toca. Tateio os bolsos e primeiro pego o de George e depois o meu. O nome “Claire” aparece na tela.

“Alô”, atendo, ainda no chão.

“Quem está sabendo da história verdadeira?”, ela indaga.

“Você está em casa.”

“Quem está sabendo?”, ela repete.

“Não sei quem está sabendo”, digo enquanto termino de recolher a papelada.

“Você sabe do que eu estou falando.”

“Se você quer saber para quem eu contei, eu não contei para ninguém.”

“As pessoas estão sabendo”, declara Claire. “Está no *New York Post* inteiro, e tem fotos de um colchão ensanguentado sendo tirado da casa e você parado, com cara de idiota.”

“Eu devo ter perdido o jornal desse dia.”

“Estava dentro do caderno. Na primeira página, no canto direito, lá embaixo, tinha uma foto do seu irmão jogando terra no túmulo de mãos algemadas.”

“Você acha que o advogado dele encenou a situação?”, indago.

“Por falar em advogados”, ela diz, “você vai precisar de um. Além disso, já chamei uma empresa de mudanças”.

“Para onde você vai? Você não precisa se mudar, Claire: o apartamento é seu.”

“Eu não vou a lugar nenhum. É para você. Para onde você

quer que eu mande as suas coisas?”

“Para cá, manda para a casa do George e da Jane.”

“Ótimo”, ela diz.

E desliga. Levanto-me, ponho a bolsa de lona no ombro e desço a rua, ligeiramente torto. Passo pela loja de artigos de tênis e a lavanderia e paro na Starbucks. Estou tentando estabelecer uma rotina. Estou tentando fazer as coisas que os outros fazem.

“Café tamanho médio”, peço.

“Grande?”

“Médio.”

“Grande”, a garota repete.

“*Non parlo italiano*”, digo, apontando para o copo de tamanho médio.

Ela me entrega o café, que está fervendo, e pego uma mesa. Tiro as folhas do manuscrito da bolsa e as ponho em ordem. Um grupo de mulheres me encara; uma chega a apontar o dedo para mim.

“O que foi?”, digo bem alto, encarando-as também.

“Você parece aquele cara”, um garoto lança enquanto limpa as mesas com um pano que cheira a vômito.

“Que cara?”

“Sabe aquele cara que matou a mulher? Ela vinha aqui com essas mulheres depois da academia. Elas vêm muito aqui”, ele informa. “Você é novo por aqui.”

Ele começa a limpar a minha mesa, como se quisesse dar o recado de que devo me retirar.

“Está bem”, eu digo, levantando-me e carregando o café. Afinal, ele me custou quatro dólares. Mas eu nem quero o café. Tem um cara do lado de fora que parece ser mendigo e tento dá-lo a ele.

“Você está me dando o seu café?”, ele questiona.

“Estou.”

“Você bebeu?”

“Não bebi”, asseguro.

“Por que eu iria querer o seu café? E se você tiver botado uma droga nele?”

Olho para o homem e penso que ele me parece familiar, uma mistura de sujeito que faz reformas em apartamentos e de Clint Eastwood.

“Sabe como é...”, ele diz, “a verdade é que eu não tomo café”.

“Ah!”, exclamo, derramando café quente no meu pulso sem querer.

“Eu venho aqui pelo bolo de limão e o chá.”

Assinto, ainda com a ideia de que conheço o cara de algum lugar. “Então está bem”, digo, sentindo a bolsa de lona escorregar do meu ombro. “Boa sorte.”

“Para você também. Faço votos de que ache alguém que aceite o seu café.”

Ponho o copo de café no teto do carro, destranco a porta e jogo a bolsa lá dentro. DeLillo, eu penso ao bater a porta. DeLillo, repito mentalmente, quando ligo o motor. Era o maldito Don DeLillo. Teria adorado conversar com ele sobre Nixon. Piso no acelerador e vou embora. O para-brisa traseiro fica ensopado de café preto no mesmo instante. Pelo retrovisor, vejo o copo quicando na rua que deixo para trás.

De volta à faculdade. Estou preparado para a aula? Dou o mesmo curso há dez anos. Claro que estou preparado. Mais que preparado, estou no piloto automático.

Eu me perco a caminho da faculdade. Nunca tinha vindo deste sentido. Geralmente vou de casa, sei o caminho de cor. Estou atrasado. No carro, o telefone toca. Passo raspando por uma mureta ao tentar tirar o celular do bolso. É Claire, de novo. Ela não diz nada.

“Claire”, chamo. “Alô, você está aí? Está me ouvindo? Estou no carro, Claire, indo para a faculdade. A gente tenta de novo mais tarde.”

Corro para pegar minhas correspondências na secretaria do departamento. Há poucas coisas na minha caixa: o cartão-postal de uma aluna dizendo que pede desculpas, mas vai perder as próximas duas aulas porque a avó, que é do Maine, está muito doente. O carimbo é do correio de Daytona, Flórida. Infelizmente, a assinatura é um borrão, então não sei nem para quem fazer uma advertência. A única outra correspondência é um memorando interdepartamental. “O diretor do seu departamento gostaria de agendar um horário para conversar com você.” Enfio a cabeça no escritório da secretária do departamento. “Com licença, eu não sei se isto aqui é mesmo para mim.”

“É, sim”, ela diz. “Ele quer mesmo conversar com você.”

“Então vamos agendar um dia?”

Ela entra no escritório do diretor e volta praticamente segundos depois. “Almoço na quarta-feira da semana que vem, seu evento anual. Ele falou que você já sabe de todos os detalhes, você tem anos de experiência.”

“Ótimo”, declaro. “Obrigado.”

Destranco a porta da minha sala compartilhada; os dias do professor Spivak são terça, quinta e sexta, os meus são segunda e quarta, das duas às três da tarde. Aguardo. Ninguém aparece por ali.

Pego o manuscrito que se tornou meu companheiro de viagem e o ataco, fazendo anotações desenfreadas, sugerindo revisões a mim mesmo, um professor corrigindo o próprio trabalho. Cinco minutos antes da aula, tranco a sala. No meio do campus, sou quase decapitado por um frisbee, que atinge a parte de trás da minha cabeça. Ninguém pede desculpas ou pergunta se me machuquei. Enfio o frisbee na bolsa e sigo em frente.

Na sala 304 do Donziger Hall, fico de pé, recebendo cada um dos alunos. Eles mal erguem os olhos ao vagar sala adentro. “Boa tarde, espero que as férias de vocês tenham sido agradáveis e produtivas. Vocês têm um trabalho a entregar. Passem eles para a frente e depois a gente entra logo na nossa conversa sobre Nixon, Kissinger e as Negociações de Paz de Paris.”

Um punhado de folhas vem em minha direção. Um título chama minha atenção: “boquete ou guerra: O paradigma da testosterona”. Outro me parece promissor: “Checkers e Buddy e o papel dos cães da Casa Branca na formação da opinião pública”.

“Só tem doze trabalhos aqui... quem foi que não entregou?”

Meu telefone toca. Atendo apenas porque, por alguma razão maldita, não consigo desligar o aparelho sem atender. “Ah, oi, Larry, estou em sala, literalmente no meio da aula; posso te ligar depois?” “Meu advogado”, explico à classe. “Emergência familiar.” E um dos alunos abafa o riso. Ponto positivo: pelo menos um deles acompanha as notícias.

Ao longo de noventa minutos, falo poeticamente sobre as complexidades do processo de paz iniciado em 1968, após uma variedade de adiamentos, inclusive o debate sobre a “disposição dos assentos”. O Vietnã do Norte queria que a conferência fosse feita em uma mesa redonda, em que todos os participantes pareceriam estar em pé de igualdade, mas o Vietnã do Sul achava que uma simples mesa retangular que demonstrasse fisicamente os dois lados do conflito já bastava. Resolveram a questão colocando o Norte e o Sul sentados à mesa redonda enquanto os outros participantes de relevância ficavam em mesas quadradas individuais em torno deles. Prossigo apresentando detalhes sobre Nixon, Henry Kissinger e o papel de Anna Chennault, que lidou com a sabotagem nos bastidores das Negociações de Paz de Paris de 1968. Os sul-vietnamitas se retiraram das negociações às vésperas da eleição, ajudando Nixon a vencer e preparar o terreno para a continuação da guerra. Kissinger ganhou o Nobel da Paz por seu “empenho” em 1973, junto com o vietnamita do

norte Le Duc Tho, que se recusou a receber o prêmio.

A partir daí, um surto de ideias me leva a divagar: regalo os alunos com histórias sobre Martha Mitchell. Não a Margaret Mitchell, autora de *E o vento levou*, que descartou o pretendente respeitável, John Marsh, e se casou com Red Upshaw, um contrabandista que costumava surrá-la, e depois o abandonou e voltou para Marsh. Não, estou falando de Martha Mitchell, esposa do antigo procurador-geral John Mitchell, também conhecida como “A Boca do Sul”, que era alcoólatra, afamada por ligar para as pessoas de madrugada e dizer coisas do gênero “Meu marido é o porra do procurador-geral dos Estados Unidos”. É a sra. Mitchell abastecida de álcool que acho cativante. As alegações que fez de que a Casa Branca estava envolvida em atos ilegais foram definidas como sintomas de doença mental e menosprezadas. No fim, veio a vingança, e sua experiência foi considerada uma síndrome legítima, recebendo o apelido de “Efeito Martha Mitchell” e descrita como um processo por meio do qual um profissional de saúde mental vê a percepção do paciente acerca de acontecimentos aparentemente improváveis como delírio, quando, na verdade, são factuais.

Eu desfilio, dou voltas, projeto um filme cheio de detalhes. É a melhor aula que dou em anos. “Opiniões? Perguntas?”, indago. Os alunos não piscam, letárgicos. “Então é isso, até a semana que vem.”

Saio revigorado, amando Nixon mais do que nunca. Faço o caminho de volta para a casa de George, esforçando-me para lembrar qual rua leva a qual lugar. Quando entro na cidade, tudo já está fechando: a lanchonete, a loja de roupas femininas. Há uma família desastrada em frente à sorveteria 31 Flavors pingando chocolate. Estaciono perto do restaurante chinês. As letras chinesas em neon vermelho podem dizer qualquer coisa. Até onde sei, significam “Coma merda e morra”, em mandarim.

Levo os trabalhos dos alunos. O estabelecimento é conduzido por uma família que cacareja sem parar enquanto serve tigelas fumegantes de sopa e montinhos perfeitos de arroz branco. Meu telefone toca outra vez. “Claire, qual é o sentido de ficar me ligando se você não vai falar nada. Conversa comigo. Eu sei que sou um merda, mas eu posso te escutar. Eu aguento qualquer coisa que você falar. Estou num restaurante chinês. Pedi panqueca de cebolinha, que você detesta, e camarão apimentado, e, sim, eu sei que você é alérgica a camarão, mas eu não sou.”

A casa está um breu. Tessie parece nervosa; deixo que saia para fazer

as necessidades e lhe dou razão. A gata se esfrega na minha perna, balançando o rabo.

“Não me esqueci de vocês”, anuncio. “Já me esqueci de vocês alguma vez?”

Só quando Larry me liga outra vez é que lembro que me esqueci de retornar o telefonema dele. “Desculpa, a vida anda esquisita.” Eu rio. “Bem esquisita.”

Sento-me no sofá, controle remoto na mão, mudando de canal, percebendo que a televisão é tão grande que a iluminação do ambiente muda drasticamente cada vez que aperto o botão. Gosto mais dos velhos televisores em preto e branco, eles são mais confortáveis para os olhos.

“É o Larry”, ele repete.

“Eu...”, começo a dizer algo.

“Não fala nada, escuta”, ele diz. “Tenho uma notícia para te dar: a Claire me pediu para ficar do lado dela.”

“Mas você tem um casamento feliz.”

“Para representá-la, não para me casar com ela. Vou ser o advogado dela.”

Desligo a televisão. “Larry, nós somos amigos; a gente se conhece desde a quarta série.”

“Exatamente”, diz Larry.

“Não estou entendendo.”

“Eu estava esperando esse momento. Nunca me esqueci do jeito que você e o seu irmão me trataram. Eu era o novato, vinha de Newark.”

“Ah!”, exclamo, sem me recordar de verdade.

“Você fez a dança do ‘judeu novo’ e depois seu irmão me falou que eu teria que pagar três dólares por semana se quisesse continuar vivo.”

“Você até que se deu bem”, afirmo. “Eu tinha que pagar era cinco.”

“Irrelevante”, diz Larry. “A Claire acha que há fundamentos a favor dela. Você tem advogado, alguém com quem eu deva conversar?”

“Você é meu advogado.”

“Não sou mais.”

“A Claire não quer marcar uma hora para a gente se sentar e falar dos nossos bens partilhados, de aposentadoria e plano de saúde, quem fica com o quê e esse tipo de coisa?”

“Não. Ela deixou tudo isso na minha mão.”

“Isso não é conflito de interesses?”

“Para mim, não”, declara Larry.

“Bom, se você vai ser advogado dela, quem vai ser o meu?”

“Você não conhece mais ninguém?”

“Não, eu não fico por aí fazendo amizade com ‘a lei’.”

“Tenho certeza de que o George tem advogado. Além disso, tenho que pedir que você pare de ligar para a Claire. Ela falou que você não para de ligar para o celular dela deixando recados.”

“Eu não estou ligando. O celular dela liga para mim o tempo todo, eu atendo mas ela não fala nada.”

“Não vou entrar nesse disse me disse. Isso tem que parar.”

Não digo nada.

“Então está certo”, diz Larry. “Tem mais uma coisa — o relógio. Ela disse que você pegou o relógio da mesa de cabeceira dela. É um relógio portátil preto de dez por dez centímetros da marca Braun.”

“Eu compro outro relógio para ela”, asseguro.

“Ela não quer um relógio novo”, pontua Larry. “Ela quer o relógio dela.” Faz-se um longo silêncio. “Ela não está pedindo mais nada, nem pensão, nem nenhum tipo de auxílio. Fui autorizado a lhe oferecer duzentos mil dólares para você nunca mais falar com ela.”

“Isso me magoa”, digo.

“Posso chegar até duzentos e cinquenta”, diz Larry.

“Não é questão de grana, é a Claire nunca mais querer falar comigo, com a ofensa extra de ela imaginar que, para conseguir isso, ela precisa me pagar.”

“Então, você vai aceitar os duzentos?”

“Duzentos e cinquenta”, retruco.

“E você vai mandar o relógio dela.”

“Tudo bem”, digo. E encerramos.

Preciso tomar um ar. Ponho a coleira em Tessie. Ela hesita em sair da entrada da casa e, quando nos aproximamos da calçada, preciso realmente puxá-la.

“Vamos, Tessie”, incentivo-a. “Eu sei que você gosta de casa, mas cachorro tem que sair para passear. Eu preciso sair para passear; vamos dar a volta no quarteirão e pronto?” A cadela senta na beirada do gramado e não se mexe. “Bom, não vai pegar bem eu ir sem você”, explico. “Um homem andando sozinho é suspeito. Um homem passeando com o cachorro está cumprindo seu dever.” Dou uma puxada forte na coleira e Tessie uiva ao pisar na calçada.

“Você está legal? Puxei com muita força?”

Nunca caminhei por essas ruas à noite. É meio emocionante, meio apavorante. Há uma sensação fajuta de tranquilidade, longas

entradas de garagem, casas no fundo... luzes acesas, emanando uma espécie agradável de melancolia... a algazarra distante das crianças brincando, cães latindo.

No decorrer do percurso, Tessie estanca para comer coisas estranhas, blocos pretos. Uso o celular para enxergar melhor. Penso em bosta de cavalo, mas acho esquisito, não se vê muitos cavalos por ali.

Na manhã do dia seguinte, a secretária do advogado de George telefona. “Tem uma caneta à mão?”, ela pergunta.

“Tenho.”

“Tenho informações a passar para o senhor. Seu irmão foi transferido para The Lodge, Pavilhão Mohonk, Quarto B. Eles querem uma lista dos remédios guardados no armário: data, dosagem, farmácia, médico. E qualquer informação sobre o médico ou psiquiatra pessoal seria de grande ajuda. Revire os recibos do cartão de crédito dele: a gente quer saber de qualquer coisa diferente nos últimos seis meses. Nesse meio-tempo, a queixa já foi apresentada.” De início, imagino que esteja falando que o cartão de crédito de George foi usado para pagar alguma coisa, como acontece quando de repente cancelam porque alguém tenta comprar um trator pela internet com o número de seu cartão. Mas ela prossegue: “O promotor público está dizendo que ele saiu do hospital com a intenção de fazer algum mal.”

“Ah, eu acho que não foi assim, não”, digo, surpreso.

Algo na janela chama a minha atenção: uma mulher toda paramentada com trajes de equitação, chicotezinho na mão, perambula em cima de um cavalo gigantesco e com jeito de ter custado muito caro. Está frio lá fora, e quando o cavalo passa vejo o vapor ondular sob suas narinas enormes.

“Estão considerando homicídio doloso ou homicídio privilegiado. O cerne da questão é que, na opinião deles, não foi um acidente.”

“Talvez ele tenha voltado para casa porque estava com saudade da cachorrinha. Ele é muito apegado a ela.”

“Como se ele precisasse abandonar o hospital de madrugada para ir dar um biscoitinho à cadela?”, a secretária indaga.

“É, isso mesmo”, respondo.

“Até parece, meu senhor”, ela diz. “Vou te mandar o endereço do Lodge por fax.”

Enquanto espero o fax, acho uma bolsa de acampamento no closet e a encho de camisas polo, calças de moletom, calças cáqui.

Pego meias, cuecas, a escova de dentes dele, pasta de dentes, kit de barbear, tênis e calções de banho. Nunca se sabe. A cadela late. Um ruído vem da fresta da porta... um bilhete escrito à mão desliza no chão. “Temos uma coisa para você.” Abro a porta...

A rua está deserta.

É um belo dia para um passeio de carro. Dito isso, ainda estou surpreso com a lonjura do Lodge, que fica no norte do estado, embrenhado nas montanhas, uma mansão rústica das Adirondack com guarita.

Um homem sai e me pede para abrir o porta-malas. Usa um espelho para olhar debaixo do carro, passa um detector de metais pelo meu corpo e na bolsa. “Se importa se eu guardar isso?” Ele está com o macaco do carro na mão. “A gente não deixa você ir embora sem ele. Somos muito cuidadosos.”

No alto da montanha um manobrista pega o carro e eu entro levando a bolsa para George.

Há um balcão enorme na recepção. Parece mais um hotel do que um hospício.

“Vim ver o meu irmão.”

“Qual é o nome dele?”

“George Silver.”

“Não é permitido visita.”

Levanto a bolsa. “Pediram para eu trazer as coisas dele.”

Ela pega a bolsa e tira tudo, empilhando de qualquer jeito as roupas e cuecas sobre o balcão.

“Ei, eu dobrei tudo.”

“Isto aqui é um hospital psiquiátrico, não um desfile de moda”, ela diz, entregando-me a escova de dentes elétrica, o desodorante, a pasta de dentes. “Somente produtos lacrados, e nada de eletrônicos.”

“Quando é que eu posso visitar?”

“Novos pacientes, cinco dias sem visitas.”

Ela põe os produtos rejeitados na bolsa. “O senhor quer levar ou eu jogo no lixo?”

“Eu levo. Então... o que posso fazer agora? Tem uma máquina para eu comprar refrigerante, ou algum lugar onde eu possa tomar um café?”

“Na cidade o senhor encontrará muitos lugares para comer.”

“Olha só”, eu digo. “A esposa dele morreu e a gente ainda não pôde conversar sobre isso.” A mulher assente. “Estou achando que isso aqui é tudo menos uma incursão pela saúde mental. Passei três horas

dirigindo para... para quê?... para trazer cueca limpa?”

“Chega”, a mulher vocifera. E então se recompõe. “Posso lhe dar uma cópia do nosso vídeo promocional.” Ela enfia a mão debaixo do balcão e me dá uma embalagem lisa. “Tem todas as informações sobre nós, uma descrição do programa. Não podemos fazer uma visita guiada com o senhor: somos muito ciosos da privacidade dos nossos clientes. Vou anotar que o senhor gostaria de receber um telefonema do médico. As visitas de parentes são agendadas com antecedência. Não aceitamos visitas informais... é muito tumulto.”

“Eu fiz uma viagem longa de carro.”

“Fez sim”, diz a mulher. “O senhor gostaria de escrever o bilhete?”

“Foda-se o bilhete”, murmuro, virando as costas para ir embora.

De um orelhão no Burger King, ligo para o advogado; o celular é inútil ali em cima: não há sinal. Despejo moedas no telefone. “Você me tirou do fórum para reclamar que eles não aceitaram a sua pasta de dentes e que você ficou magoado?”

“Exatamente. Dirigi até o quinto dos infernos para vê-lo. Eu podia ter mandado as roupas dele por FedEx. Não aceitaram nem a escova de dentes, e ele não vai ficar nada feliz com isso.”

“Tenho certeza de que vão contar para ele que você esteve aí. Dar as caras já vale alguma coisa”, afirma o advogado. “Tenho que ir.” Ele desliga sem dar mais explicações.

No posto de gasolina da autoestrada, o celular volta a ter sinal, mas descubro que meu cartão de banco está bloqueado.

“Sim”, o atendente confirma, falando comigo da Índia, e não de Patterson, Nova Jersey, “seu cartão foi bloqueado”.

“Por quem?”

“Proteção contra fraudes. O senhor sabe a senha?”

“Jesus é gozador”, berro. Todas as pessoas do posto me encaram.

“Não use linguagem ofensiva”, diz o homem ao telefone.

“Não estou usando, é essa a minha senha.”

O silêncio é rompido somente pelos batucos das teclas. “Quinze dólares numa cantina hospitalar; uma compra na floricultura?”

“Eu fiz essas compras. Quem foi que cancelou o cartão?”

“Não posso informar esse dado ao senhor, mas estamos enviando cartões novos; o senhor irá recebê-los dentro de sete a dez dias.”

“Você pode mandar o cartão para o lugar onde estou hospedado, já que eu não estou na cidade?”

“Infelizmente, só podemos mandar para o endereço que consta no cadastro.”

“Não pode usar celular”, alguém grita para mim.

“Você está querendo matar todo mundo?”, outro cara resmunga.

“Afasta do carro, seu merda.”

Uma das mãos na mangueira da bomba de gasolina, a outra no celular, olho para todos que parecem estar com ares de indignação.

“Não sabe ler não é, seu imbecil?”, um dos caras berra e aponta para uma das placas afixadas às bombas: “Faíscas de celulares e outros eletrônicos portáteis podem inflamar vapores da gasolina. Não fale ou mande mensagens ao abastecer.”

Tiro a mão da bomba; a mangueira escorrega do tanque e a gasolina molha meus sapatos. Afasto-me do carro e berro ainda mais alto, “Estou num posto de gasolina a centenas de quilômetros da minha agência”, explico, gritando ao telefone. “Eu pediria o seu nome, mas você vai me dizer que é John ou Tom ou algum outro nome que ‘parece’ americano, mas na verdade seu nome é alguma coisa tipo Abimanyu.”

“O senhor gostaria de falar com um supervisor?”

“Por favor.”

Entro no carro e giro a ignição, preparando-me para a explosão, que não acontece. A supervisora pega o telefone e eu repito a história, terminando com o fato de que não tenho dinheiro vivo e estou num posto de gasolina a centenas de quilômetros de casa.

“Parece que a conta foi congelada devido a uma ação penal pendente”, diz a supervisora.

“Você congelou minha conta bancária; eu não congelei minha conta.”

“O senhor precisa de dinheiro?”, ela indaga.

“Preciso.”

“Tem uma linha de empréstimo imobiliário ligada a essas contas que, por algum motivo, não foi bloqueada; o senhor pode usá-la para fazer saques. A quantia disponível é de sessenta mil dólares, e o senhor pode usar o caixa eletrônico para sacar até mil dólares por dia, não incluindo as taxas da transação.”

Na lanchonete do posto de gasolina eu faço um saque e embolso o dinheiro.

Já é fim de tarde quando chego à cidade de George. Essa é a parte vagarosa do dia, em que parece que tudo paira no ar, inacabado, até o momento em que os drinques podem começar a ser servidos. Se fôssemos gatos, estaríamos todos dormindo nesse horário.

Em vez de ir para casa, dirijo-me à sinagoga. Preciso de aconselhamento. Estaciono. Desligo o motor, mas não consigo sair do carro. É como se estivesse preso. Seria possível o rabino sair para conversar comigo? Será que existe templo drive-thru? Ligo para as Páginas Amarelas e pego o número. O telefone do templo é automatizado. “Para aulas de religião, aperte dois; para a agenda do templo, aperte um; para falar com o escritório do rabino Scharfenberger, aperte três.” Aperto o três. Uma mulher atende: “*Ni hao.*”

“Eu gostaria de falar com o rabino.”

“Rabino está muito ocupado.”

“Sofri uma perda há pouco tempo. O rabino discursou no funeral. Ele apertou a minha mão.”

“O senhor é membro da congregação?”

“Meu irmão é membro; meu sobrinho fez o bar mitzvah dele aí.”

“Quem sabe o senhor não se associa e então nós conversamos.”

“Não moro aqui.”

“O senhor faz doação.”

Há algo muito esquisito na voz da mulher... é como se sua fala fosse uma tradução. “Não quero ser rude, mas seu sotaque é incomum: de onde a senhora é?”

“Sou uma judia chinesa. Mulher adulta adotada.”

“Quantos anos tinha quando foi adotada?”

“Vinte e três. Família foi buscar bebê, mas não gostou dos bebês oferecidos e me escolheu. Bom negócio para todos. Brincamos: sou um bebê grande e novinho. Não acho muita graça. Adoro ser judia, festas boas, sopa boa.” Ela se cala. “Então, quanto é a sua doação?”

“A senhora está me dizendo que eu tenho de comprar o tempo do rabino?”

“A comunidade judaica precisa de muitas coisas, golpe duro do esquenta de piranha.”

“Esquema de pirâmide?”

“Sim, dinheiro virou fumaça. Quanto o senhor dá?”

“Cem dólares.”

“Não é muito bom, o senhor pode melhorar.”

“Quanto a senhora sugere?”

“Mínimo quinhentos.”

“Tudo bem, e quanto tempo com o rabino pelos quinhentos?”

“Vinte minutos.”

“A senhora é uma boa judia”, afirmo. “Bom homem de negócios.”

“Mulher”, ela diz.

Dito o número do meu cartão de crédito, ela me põe em espera por um minuto, ouço a música antiga, o som dos judeus atravessando o deserto.

“Cartão rejeitado.”

“Por quê?”

“Não falam. Liga para cartão de crédito e me liga de novo. Tchauzinho, *shlepper*.”

Ela realmente me chamou de *shlepper*, me chamou de “bicão” em iídiche?

Ao tirar o carro do estacionamento do templo, quase sou atingido por um caminhão de entrega.

Quando chego à casa, há outro recado no chão, debaixo da fresta da porta: “Tenho um serviço a fazer com você. Você precisa estar em casa.”

“Tessie, quem é que deixa esses recados? Você vê quando eles aparecem ou uma mão anônima enfia os papéis por debaixo da porta? Como é a mão, o que ela quer comigo?”

Tessie me olha como se dissesse: “Olha, camarada, eu sei que você está se esforçando, mas eu mal te conheço, e tem acontecido tanta merda esquisita ultimamente que nem sei por onde começar essa explicação.”

Algo está diferente: nada grande, mas a impressão estranha de que os objetos mudaram de lugar; por exemplo, deixei o jornal dentro ou fora quando saí? E a pilha de correspondências que venho guardando junto à porta da frente não me parece igual. Tem uma lata de refrigerante em cima do balcão. Toco nela; a lata está fria.

Meu coração entra numa marcha acelerada.

Olho para Tessie. Seu rabo balança sem parar.

“Oi?”, eu grito. “Tem alguém em casa?” Muito estranho. “O-oi...”

Um barulho lá em cima.

“Quem está aí? Nathaniel, Ashley? Identifique-se.”

Meu coração bate no peito como se tivesse se soltado. Juntando as mãos, engrosso a voz: “Aqui é o sargento Spiro Agnew, da delegacia de polícia. Sabemos que você está dentro da casa. Saia com as mãos na cabeça.”

Há um baque forte, como se algo caísse. “Que merda!”, alguém diz.

“Ok, então, estou subindo. Estou com a minha arma, mas prefiro não ter de usar esta arma pesadíssima, potente, enorme. Wallace, aguarde minha ordem para avançar...”

Bato o pé no primeiro degrau da escada quatro vezes — como numa tentativa de imitar o som dos pés de duas pessoas galgando-a. Tessie me olha como se eu fosse louco. “É o último aviso. Wallace, ligue para a delegacia e pede para mandarem o caminhão da SWAT.” Tessie me olha de soslaio, como se dissesse: “Quem é esse tal de Wallace?” Pego o taco de beisebol de Nate do porta-guarda-chuva e subo a escada.

“Não atire”, diz uma voz feminina.

“Onde você está?”

“No quarto.”

Entro com o taco empunhado, pronto para usá-lo. É Susan quem está lá, os braços cheios de roupas da Jane, roupas em cabides formando pilhas altas. “Você não vai me matar, vai?”

“Não tinha me dado conta de que você tem a chave.”

“Usei a que fica embaixo da pedra falsa.”

Olho para as roupas que ela tem nos braços. “Você achou o que estava procurando?”

“Eu queria algumas coisas da Jane. Você acha esquisito?”

Encolho os ombros.

“Posso levar embora?”

“Leva o que você quiser. Leva uma tevê — cada cômodo tem uma. Se quiser um pouco de prata, tem bastante lá embaixo, em bolsinhas de veludo.”

“Será que eu dou uma olhada?”

“A decisão é sua. Ela era sua irmã; a esta altura, você está roubando da sua sobrinha e do seu sobrinho.” Dou um passo para o lado para que ela possa descer ao térreo.

“Cadê a sua arma?”

“Que arma?”

“Você falou que tinha uma arma grande, potente; só estou vendo o taco do Nate.”

“Eu menti.” Largo o taco e ajudo Susan a levar as coisas para o carro. “Ela tinha um montão de sapatos”, comento.

“Ela tinha pé bom”, diz Susan. “Tudo calçava bem nela.”

“Pé bom e casaco de visom”, comento.

“Onde você acha que o casaco está guardado?”, pergunta Susan.

“Você procurou no armário do vestíbulo?”

“O babaca matou a minha irmã, pelo menos eu fico com o

casaco.” Susan entra na casa outra vez, abre o armário do vestíbulo e o revira. Ela acha o casaco, prova-o e caminha rumo à porta, interrompendo os passos para me olhar, fazendo uma espécie de provocação: “Você vai me impedir?”

“Como eu falei, o que você quiser, é seu.” Eu lhe estendo a mão segurando a lata de refrigerante. “Isto aqui também é seu?”

“Pode ficar”, ela diz.

Tomo um gole. “Você sabe alguma coisa sobre a correspondência? Alguém anda me deixando bilhetes esquisitos no meio da correspondência.”

“Por exemplo?”

Mostro-lhe um dos recados.

“Você está ferrado”, ela diz.

“Como?”

“Deve ser da família do pessoal que o George matou, querendo vingança.”

“Será que é melhor eu mostrar para a polícia?”

“Não sou uma boa pessoa para te dar conselhos”, ela declara, entrando no carro. Ela se retira.

Vou à loja de ferragens e materiais de construção em busca de alarmes contra ladrões e também para comprar luminárias noturnas e temporizadores para as lâmpadas do segundo andar. Após Susan entrar sem aviso prévio, os bilhetes serem deixados embaixo da porta, e também o fato de que nos últimos vinte e dois anos morei em um apartamento de um quarto, dezoito andares acima da rua... notei que o estresse de ficar sozinho na casa anda me incomodando.

Tem uma mulher no corredor de baterias com algo escondido numa fronha que ela tenta desesperadamente pôr para funcionar. Não é minha intenção encarar, mas é o que faço. Observo, hipnotizado, enquanto ela enfia as mãos na fronha e tenta fazer alguma coisa.

“Então, o que tem aí dentro da fronha? O coelhinho precisa de pilha?”

Ela me olha. “É tão óbvio assim?”

Dou de ombros. “Não.”

Ela me estende a fronha e eu dou uma olhada ali dentro. É um enorme vibrador rosa com os testículos cheios de esferas e orelhas de coelho estranhamente compridas.

“Ele simplesmente parou”, ela explica. “Vai em frente, aperta o botão.”

Obedeço, e ele gira em semicírculo e soa como um carro que

não liga, como um motor que não dá partida. “Vai ver que queimou”, digo.

“Rá-rá”, ela diz.

“É sério, o problema pode não ser só a pilha”, diagnostico. Pego a fronha da mão dela e, mexendo as mãos discretamente dentro do invólucro, abro o compartimento, ponho quatro pilhas e... *voilà...* o coelhinho está pronto para o uso. Ligo o aparelho e, através da fronha, o vejo girar e dançar. “É uma coelhinha animada”, comento, devolvendo a fronha à mulher.

“E também se dobra”, diz ela. “Dá para mudar o ângulo e também a vibração.”

“Ótimo”, digo. Dentro da fronha, o coelhinho continua a dançar; com todas aquelas contorções e trocas de direção, por pouco não parece uma cobra.

“Só para você saber: isto aqui nunca aconteceu”, ela impõe. “Se um dia eu vir você outra vez, não te conheço.”

“Eu também não”, afirmo, deixando-a no corredor das baterias e me dirigindo à seção de proteção domiciliar. Acho um sistema de alarme fácil de instalar que pode ser “adestrado”. Compro um, apesar de não saber o que aquilo significa. Descubro que “adestrado” quer dizer “programado para falar”. Você pode escolher que seu aparelho diga “LADRÃO, LADRÃO” ou “INVASOR, SAIA IMEDIATAMENTE” em voz bem alta, ou que soe um alarme ensurdecedor, ou pode ainda gravar uma mensagem própria, tipo uma voz chorosa dizendo “Querido, não foi à toa que entrei com uma liminar...”

Ponho a sacola no carro e vou ao restaurante chinês. Estão começando a me reconhecer.

“O senhor quer de sempre, o senhor quer diferente?”, eles perguntam.

“De sempre”, respondo.

“Senhor é homem solitário”, o garçom diz quando me traz uma tigela de sopa.

De volta à casa do George, dou comida à cadela e a levo para passear. Depois instalo os temporizadores, ajustando as lâmpadas nos quartos de Nate e Ashley para se acenderem às seis e meia da tarde e se apagarem às dez da noite. Os quartos estão arrumados, vazios, como quartos de catálogos e não quartos habitados. Penso nesses quartos entulhados das crianças como monumentos à experiência, com coleções que definem a vida que tiveram até aqui: a pedra de uma praia, a flâmula de um jogo, um chapéu que serve de lembrança de

uma viagem em família. Aqui, tudo foi editado para receber o que cabe ordenadamente na prateleira. Tudo é estável, como se a vida tivesse sido suspensa ou talvez protelada. E essa quietude me deprime. Penso em Nixon e no seu hábito de fazer anotações, Nixon e seus blocos de papel infundáveis, suas fitas, sua biblioteca vasta e infelizmente incriminadora com suas memórias. Penso em Richard M. Nixon, batizado assim em homenagem ao Ricardo Coração de Leão, filho do rei Henrique II, soldado corajoso e letrista, e me dou conta de que não sei muito a respeito de Nixon e sua relação com os objetos. Tento gravar na mente que preciso revisitar o assunto.

Volto ao térreo e ligo para as crianças na escola. “Você está podendo falar?”, pergunto a Nate.

“Estou”, diz ele.

“Não estou interrompendo seus estudos ou o treino de futebol americano?”

“Não tem problema”, diz Nate.

“Hum”, murmuro. “Então, eu só queria te dar um oi e saber como você está.”

“Bem”, é a resposta dele.

“Você está bem — que ótimo”, digo.

“Não estou fazendo nada”, Nate declara, e em seguida faz uma pausa. “Só que ela não telefona, está tudo muito sossegado, sempre me esqueço de que a mamãe morreu, e eu meio que gosto disso. É melhor quando eu me esqueço; melhor que ela não tenha morrido. Quando lembro, passo mal.”

“Eu imagino”, digo, e então faço uma pausa. “A que horas seus pais costumavam te ligar? Tinha um horário marcado, uma ou duas vezes por semana?”

“A mamãe ligava todos os dias antes do jantar, entre 17h45 e 17h55... Não me lembro de o papai ter ligado.”

“Deve ser muito estranho mesmo”, constato, e faço outra pausa. “A Tessie está bem. Tenho levado ela para passear. A impressão é de que ninguém fazia isso, ela não gosta de sair do terreno da casa; mas depois que eu consigo fazer ela atravessar a entrada da garagem, ela vai numa boa.”

“Tem uma cerca invisível”, diz Nate.

“Deve ter. Ela foi muito bem-adestrada. Só sai do terreno quando eu puxo. É uma luta para ela sair.”

“É porque a cerca dá choque nela.”

“Que cerca?”

“A porra da cerca invisível”, ele diz.

“Cerca invisível existe mesmo?”

Nate suspira, aflito. “Tem uma caixinha na coleira da cadela que é o transmissor; se você for sair de casa com ela, tire isso, senão

ela leva um choque. Mesmo se você for sair de carro com ela, tem que tirar a caixinha.”

Olho para a coleira da cadela; a caixinha está lá, totalmente óbvia. Nate continua, “Tem uma caixa maior instalada na parede da área, perto do alarme contra ladrões, que controla a cerca invisível. Os manuais de todos eles ficam na gaveta debaixo do micro-ondas.”

“Incrível que você saiba de tudo isso.”

“Não sou retardado, morei nessa casa a vida inteira.”

“Tem um alarme contra ladrões? Acabei de comprar um sistema de segurança para instalar aqui.”

“A gente quase nunca usa, porque uma vez ele disparou e assustou todo mundo.”

Enfio a mão no bolso para pegar o recibo da loja de ferramentas. “Tenho que saber alguma senha para ligar e desligar o sistema?”

“Está tudo no manual”, garante Nate. “Leia o manual.”

“Está certo, então”, digo.

“Melhor eu desligar”, diz Nate.

E tento gravar na mente que preciso telefonar de novo em breve, por exemplo amanhã, às cinco e quarenta e cinco.

Ashley não pode atender. É o que sua colega de quarto informa. Está na enfermaria da escola com faringite séptica. Ligo para a enfermeira.

“Por que a escola não me avisou?”, exijo saber.

“Quem é o senhor?”, indaga a enfermeira.

“Sou o tio dela”, afirmo, incrédulo.

“Não ligamos para os tios, ligamos para os pais.”

“Bom”, digo, preparando-me para dar uma bronca, “percebe-se que você está atrasada nessa história...”

Nesse instante, a gata vomita uma bola de pelo e apenas digo à enfermeira que ligarei de novo no dia seguinte e espero falar com Ashley, que no momento mande lembranças a ela.

“O senhor está na lista de contatos?”, ela questiona, mas já estou desligando.

Quase vomito também, ao catar a bola de pelo para jogar no lixo. Tanto a cadela como a gata me olham de um jeito patético quando estou ajoelhado esfregando o tapete com água com sabão e esponja.

Assim que termino, entro na conta da Jane na Amazon e

mando uns livros para Ashley. É superfácil: Jane fez uma lista de presentes no computador. Escolho alguns e clico “enviar para Ashley”. Gasto uns trocados a mais com o embrulho de presente. “Melhoras”, digito. “Com muito carinho, Tessie (sua cachorrinha) e sua gata, também conhecida como Vomitadora de Bolas de Pelo.”

Um pouco depois, o tinido estridente da caixa de correio pega Tessie de surpresa. Ela late desbragadamente quando outro bilhete entra por debaixo da porta. “O dia de amanhã chegará”, é o que diz esse.

“Pois é”, digo a Tessie, “o dia de amanhã chegará, e é bom eu me preparar”. Meu celular toca, me dando um susto. “Alô?”

“É o irmão do George Silver?”

“Quem está falando?”, pergunto.

“O doutor Rosenblatt, do Lodge”, ele se apresenta, pronunciando “Lodge” como se aquilo devesse ter um significado especial, como se a palavra em si fosse codificada.

“Você ligou para o meu celular.”

“Você está podendo falar?”

“Mal te ouço. Ligue para o telefone fixo, estou na casa do George.” Corro para o escritório de George e atendo o telefone que fica na mesa dele assim que começa a tocar.

Estou parado do lado “errado” da mesa, olhando para a cadeira de George, para a estante que fica atrás da mesa, para as etiquetas com preços ainda grudadas no verso dos porta-retratos.

“Devo me sentar?”, pergunto.

“Faça como for mais confortável para você.”

Dou a volta na mesa e me acomodo na cadeira do meu irmão, de frente para as fotos dos filhos dele; George, Jane e as crianças; Tessie; Tessie, George, Jane e as crianças.

“Pelo que você sabe, seu irmão já sofreu lesões cerebrais, concussões, comas, qualquer outro acidente além deste mais recente, sobre o qual tenho anotações?”

“Não que eu saiba”, respondo.

“Doenças como meningite, febre reumática, malária, uma sífilis que não foi tratada?

“Não que seja do meu conhecimento.”

“Uso de drogas?”

“O que ele diz sobre isso?”

Há um silêncio incômodo. O médico recomeça: “Na sua experiência, o seu irmão usa drogas?”

“Ele se automedica, remédio para isso, remédio para aquilo.”

“Seu irmão é viciado em sexo?”

“A questão é a seguinte”, começo a teorizar, “por mais que você imagine conhecer uma pessoa, tem certas coisas que nunca sabe a respeito dela”.

“E quanto à infância? Ele parece não se lembrar de muitas coisas. Vocês eram castigados, espancados ou levavam palmadas?”

Num ato inesperado, eu rio.

“Qual é a graça?”, o médico pergunta.

“Não faço ideia”, digo, ainda aos risos.

“Existem regras”, diz o médico. “Limites que não existem à toa.”

Paro de rir. “Não éramos espancados, assediados, nem tiravam vantagem da gente de forma nenhuma. Se alguém foi espancado, foi porque o George desferia os socos. Ele é do tipo valentão.”

“Então na sua experiência o seu irmão é um valentão?”

“Não só na minha, na de outras pessoas também, muitas outras. Posso dar nomes e telefones — as consequências ainda são sentidas.”

O psiquiatra apenas grunhe.

“Como você descreveria o seu irmão?”

“Grande”, digo. “Inescapável”, digo. “Na verdade, ele é pequeno, médio e grande, isso varia. Ele é uma pessoa cujo tamanho varia, cujo estado de espírito varia. Às vezes ele é muito intolerante com os outros.”

“Na sua experiência com ele, ele é dado à intolerância?”

Calo-me por um instante. “E quanto a você?”, indago. “Como você descreve a si mesmo e aquilo que você faz?”

Ele não morde a isca. Talvez nem tenha percebido que era uma isca.

“Nossa abordagem é tratar a pessoa como um todo, a família, a comunidade em que a pessoa vive. A saúde mental começa em cada indivíduo, mas a doença mental descontrolada se espalha exponencialmente.” À medida que fala, seu entusiasmo cresce, como se a ideia de uma nação inteira com doenças mentais fosse incrível, uma excelente tempestade de desafios. Ele toma fôlego para se acalmar e retoma o tom de voz mais modulado. “Fizemos uma bateria de exames no seu irmão: sangue, tomografia do cérebro, testes de inteligência padronizados... e nos perguntamos se você se disporia a fazer esses exames para termos uma base de comparação.”

“Não sei se quero que examinem a minha cabeça.”

“Não precisa decidir agora.” Ele faz uma pausa. “Deixe-me perguntar outra coisa: além da sua mãe, vocês têm algum outro parente da geração dos seus pais que esteja vivo?”

“A irmã do meu pai.”

“Você estaria disposto a fazer uma visita a ela e perguntar algumas coisas?”

“Talvez”, digo, relutando em admitir minha curiosidade acerca dos motivos que levam a família inteira a não falar com a tia Lillian há anos. Será que houve uma briga?

Enquanto o médico fala, uso o computador de George. Como num reflexo, começo logo a fazer pesquisas no Google. Primeiro, olho a previsão do tempo dos próximos dez dias no Weather Underground e depois, sem pensar, digito “Sexo + subúrbio + NYC” e milhares de sites aparecem, como se o computador em si entrasse em hiperatividade. Escrevo o código postal e preencho uma pesquisa rápida. Sou um HOMEM procurando uma MULHER entre trinta e cinco e cinquenta e cinco anos.

Qual é o meu e-mail?, o computador quer saber. Meu endereço de e-mail. Mihous13@aol.com, que me parece algo que deixei para trás, como se fosse de outra pessoa de outra época. Crio um novo, AtGeodesHouse@gmail.com, garanto que já passei dos dezoito anos e *voilà*. É impressionante a rapidez com que se pode achar mulheres nuas na internet.

O médico está perguntando sobre alergias alimentares: amendoim, trigo, glúten... “George era chato com comida? Tinha problemas com roupas, se irritava com as etiquetas? Ele se sacudia ou se contorcia?”

“Fazia era os outros se contorcere... de dor. Ele jogava pedras”, informo, “bem na cabeça das pessoas”.

“De novo”, diz o médico, “essa é a sua opinião”.

“Ele sempre jogava pedras que atingiam a cabeça das pessoas”, reformulo.

“Pontaria ruim”, diz o médico. “E quanto à comida?”

“Ele não jogava comida.”

“Ele comia com alegria?”

“Na nossa geração, não existia a alternativa de não gostar de alguma coisa: ou você comia ou não comia. A gente usava as roupas que os nossos pais compravam para nós, ou usava as roupas que tinham sido do primo. Não podia escolher.”

“Ele teve problemas na escola?”

“Ele gostava da escola. Era grande para a idade e tinha muita gente com quem podia implicar. É engraçado, porque em casa meu pai se dizia o chefe, o que o George não engolia muito bem.”

Vejo seios, montes de seios. Ao que consta, mulheres

fotografam os próprios seios e colocam as fotos na internet; dependendo da distância que se propõe a percorrer, você pode sair com uma mulher que é grande, pequena, gigantesca, sutil ou não.

Preencho fichas, descrevo-me, meus hobbies, minha renda, cor dos olhos, tipo de cabelo, tudo às pressas para encontrar uma mulher que talvez queira me encontrar, que talvez queira algo mais que só me encontrar.

“Então — na sua casa eram só vocês dois?”

“Ah-hã.”

“E o George e a ex-esposa tiveram dois filhos?”

“Não era ex-esposa, era esposa.”

“Tiveram dois filhos?”

“Correto.”

“E os filhos, onde estão neste momento?”

“Na escola. O Nate está bem e a Ashley está na enfermaria com faringite séptica.”

Minha mente vaga pelo que está na tela; fico contente porque estou fazendo isso com supervisão profissional, apto a dedicar apenas parte da atenção ao que está diante dos meus olhos, e igualmente satisfeito porque meu “supervisor profissional” — isto é, o psiquiatra do George — não tem nem ideia do que estou fazendo. Se ficasse a sós com esses sites, eu me sentiria oprimido. É muito mais do que eu já havia imaginado. Por que nunca fizera isso antes?

O médico percebe minha distração. “Como as crianças lidam com o pai?”

“Bom, como ele matou a mãe delas, acho que a situação mudou. Acho que ainda não está claro até que ponto. A última vez que eu o vi, ele estava no cemitério quando elas estavam enterrando a mãe.”

Vejo foto atrás de foto, um autêntico catálogo corpulento da anatomia humana. Quem diria que as pessoas se anunciam de forma tão explícita, exibindo suas partes nuas! É tão... reino animal!

O médico continua a falar: “Gostaríamos de incentivá-lo a vir aqui. Você poderia pernoitar, passar um tempinho com a gente?”

“Não posso”, digo, sem escutá-lo de verdade. “Estou na casa do George e tenho que cuidar dos bichos.”

“Quem sabe você não os traz para cá? O George tem saudade da cachorra.”

On-line, alguém escreveu: “Seus peitos estão cheios de leite? Eu j’adore leite materno e queria conhecer uma mulher lactante ou

grávida para me alimentar durante o dia. Se você quiser, também posso enfiar minha cara no meio das suas pernas e te lambar até você ter orgasmo atrás de orgasmo a ponto de você me pedir para parar. Não exijo recíproca. Sou branco, casado, não uso drogas e não tenho doenças, não fumante, gentil e respeitoso. Gostaria de ter encontros regulares na sua casa.”

“Você acha que vai vir aqui um dia desses?”, o médico pergunta de novo.

Os anúncios são tão específicos, provocam uma excitação tão desconfortável, que preciso desviar os olhos do computador por um instante.

“Já estive aí”, declaro, distraído. “Outro dia mesmo, fui dirigindo até esse inferno aí com as coisas dele e não diria que minha experiência foi exatamente boa.”

“Sim. A expectativa é de que uma visita agendada seja melhor.”

“Veremos”, retruco; estou a milhões de quilômetros de distância.

“A gente se fala em breve”, diz o médico.

“Está bem”, digo. “Pode ligar a qualquer hora. Estou sempre aqui.”

Estou sob o clarão do computador, curvado como um velho acorçado enquanto isso durar. A gata e a cadela vêm ver se estou bem.

“Mãe Suburbana procura amigos para almoçar, SC.”

Confundo “SC” com “Suprema Corte” e me pergunto que diabos a justiça tem a ver com mulheres do subúrbio marcando encontros. Pesquiso “SC” no Google e descubro que é uma sigla para tudo, de Sociedade dos Cultivadores a Sociedade de Cardiologia e Sem Compromisso. Este último é que me parece ser o sentido mais moderno e almejado.

A certa altura, entre duas e meia e três da madrugada, adormeço diante do computador no meio de um bate-papo, e a mulher com quem converso pergunta: “Você está mandando as mensagens enquanto dirige?”

“Não”, digito, “não dormi ao volante, e, sim, na mesa”. A mulher com quem eu conversava é (ou dizia ser) mulher de um policial, esperando o marido chegar em casa. Ela explica que controla a angústia em relação ao trabalho do marido fazendo sexo pela internet.

Na noite seguinte eu entro de novo, ávido por alguma coisa, pensando que seria bom ter alguém com quem dividir minha sopa de wonton.

Faço um anúncio próprio. Há uma foto corporativa de George no computador dele, tirada uns anos atrás, quando seu cabelo estava melhor, quando era mais magro. Faço o upload como se fosse minha. “Sozinho em casa: Homem de Westchester à procura de companhia; alma cansada almejando nutrição — vamos marcar um encontro para tomar alguma coisa, você é minha convidada. SC.”

Um minuto após publicá-lo, uma mulher me manda uma mensagem: “Eu te conheço.”

“Duvido.”

“Não, é sério”, ela afirma.

“Fico contente em conversar com você, mas confie em mim: ninguém me conhece.”

“Foto por foto”, ela sugere.

“Ok”, concordo, e me sinto em um jogo de cartas... Vamos lá: pescaria. Vasculho o computador de George e acho uma foto de férias, vara de pesca na mão. Mando essa.

Ela me envia uma foto de sua vulva raspada.

“Acho que estamos fora de sintonia”, digito.

“George”, ela escreve, me apavorando.

“?”, digito.

“Eu trabalhava para você. Fiquei sabendo do acidente.”

“Não estou entendendo”, escrevo, sabendo muito bem do que ela está falando.

“Sou a menininha do papai. A gente finge que a mamãe deu uma saída. Você pede para olhar o meu dever de casa. Levo até o seu escritório no Rockefeller Plaza, 30, 8º andar. Faço o que você manda — nunca desobedeço o papai. Você me pede para chupar o seu pau, me diz que tem gosto de biscoito. Você tem razão. E aí eu me debruço na sua mesa, meus peitos derrubam as canetas do mata-borrão enquanto você me pega por trás. A porta do escritório está aberta, você gosta da possibilidade de alguém entrar.”

“Me conta mais”, digito.

“Poxa George, não tem problema. Não estou mais na empresa. Pedi demissão. Arrumei um emprego melhor. Minha nova chefe é lésbica.”

“Eu não sou o George”, digito.

“E a sua foto?”, ela escreve.

“Sou o irmão do George.”

“Você não tem irmão, é filho único”, ela digita. “Era isso que você dizia para todo mundo, você era filho único, o queridinho da mamãe.”

“Não é verdade.”

“Que seja”, ela declara. “Tchau e boa sorte, George.”

Ali no escritório da casa do George, acho uma câmera digital pequena, tiro umas fotos minhas, transfiro-as para o computador e vejo que estou horrível: eu não tinha noção. Refugiado no banheiro do segundo andar, simulo uma repaginada, penteando-me, barbeando-me, aparando uns pelos, usando o gel da Jane para arrumar os pelos do peito, que recentemente adquiriram certo tom cinzento de aço. Visto uma das camisas passadas do George e tiro fotos de novo, me despindo pouco a pouco, camisa desabotoada, sem camisa, calça desabotoada, de zíper aberto, nu até o cós da cueca. Faço o upload dessas fotos, crio um perfil: “Já ouviu falar do Professor Solitário?”

De manhã, pergunto-me se aquilo de fato aconteceu ou se é só um sonho pervertido. Tomo banho, preparo o café da manhã, passeio com a cachorra. Mantenho distância do escritório de George até nove e meia.

Vejo que recebi mensagens:

“No intuito de ser plenamente sincera, digo que sou uma pessoa em processo de transição.” Imagino que venha de uma mulher que perdeu o emprego ou que esteja se divorciando. “Vivi como homem durante trinta e cinco anos, mas faz três anos que sou mulher. Me vejo como uma garota normal que procura um homem normal. Caso não se interesse... um simples ‘não, obrigado’ basta.”

“Mãe suburbana com tempo livre entre as atividades dos filhos. Podemos nos encontrar na minha minivan. Vou gozar para você.”

“Estou péssima”, escreve a seguinte. “Nem me peça para entrar em detalhes. Na semana passada aumentei a dose do remédio, o que me deu forças para escrever esta mensagem. Agora, quero trepar. Adoraria te receber ou me encontrar com você para um PF. Vamos almoçar juntos!”

Respondo à mensagem: “O que é um PF?”

“Prato feito? Dã.”

“Desculpa, todas essas siglas de internet me confundem.”

“O que você gosta de comer?”

“Sou fácil”, digito. “Uma lata de sopa me satisfaz.”

Ela manda um endereço. “Nada de bizarrices, hein?”

“Combinado”, respondo. Nem acredito que estou fazendo isso.

A mulher mora a onze quilômetros da casa do George. Chego lá, estaciono meu carro atrás do dela com nervosismo, toco a campainha. Uma mulher totalmente normal atende. “Você é você?”, indago.

“Entra”, ela convida. Sentamos na cozinha. Ela me serve uma taça de vinho. Batemos papo enquanto ela tira as coisas da geladeira. Percebo que estou olhando fixo para um quadro branco grande com uma tabela-agenda multicolorida. Os nomes Brad, Tad, Lad, Ed e EU estão escritos à esquerda, e segunda, terça... no alto. Cada nome tem a própria agenda: futebol americano, aula particular, excursão da escola, ioga, festa tradicional, tudo na cor correspondente, Ed em vermelho, EU em amarelo.

“Você tem uma microempresa?”

“Só a família”, ela diz.

“Cheryl é seu nome verdadeiro?”

“É sim”, ela diz.

“Não é o nome virtual?”

“Só tenho um nome”, ela afirma. “Se não fosse assim eu ficaria confusa. E Harold é o seu nome verdadeiro ou é Hairy Old Codger cifrado?”

“Recebi esse nome em homenagem ao pai do meu pai”, explico. “Ele veio da Rússia para cá.”

“Que tal a gente ir para a sala de jantar?” Cheryl me conduz até a sala, onde a mesa está posta. Ela oferece um prato depois do outro, canapé, ensopado de carne, torta de salmão.

“Não preparei isso tudo só para você”, ela deixa claro. “Uma amiga minha é dona de bufê e eu ajudei em uma festa ontem à noite. São as sobras.”

“Está muito gostoso”, elogio, enchendo a boca. “Faz muito tempo que não como outra coisa que não comida chinesa.” Parte de mim tem vontade de perguntar, “Você faz isso sempre?”, mas se ela dissesse que sim, ficaria enojado e instigado a ir embora, e a verdade é que não quero ir, portanto não pergunto.

“É para eu sentir pena de você?”, ela quer saber.

“Não”, respondo.

“Você tem filhos?”, indago, para desviar a atenção do meu segundo prato de ensopado.

“Três meninos: Tad, Brad, Lad. Dezesseis, quinze, catorze. Dá para imaginar? Parece que eu pari três bebês?”, ela levanta a blusa, exibindo a barriga lisa, até a curva inferior dos seios.

“Você está ótima”, digo, perdendo o fôlego de repente.

“Quer um café?”, ela oferece.

“Por favor”, respondo.

Ela vai à cozinha. Escuto os barulhos normais do preparo de café. Ela volta, xícara de café na mão... e nua.

“Ah!”, exclamo. “Só vim mesmo para te conhecer, conversar, a gente não precisa, você sabe...”

“Mas eu quero.”

“É, mas...”

“Mas o quê? Nunca ouvi falar de homem que não quer sexo de graça”, ela diz, indignada. E me entrega o café. Bebo às pressas, queimando a garganta.

“É que eu não...”

“Não o quê? É bom você se explicar, garotão, senão vai ter gente magoada por aqui.”

“Nunca fiz isso.”

Ela amolece. “Bom, para tudo tem uma primeira vez.” Ela pega a minha mão e me leva ao segundo andar. “Quer que eu te amarre? Tem gente que só consegue relaxar quando é contido.”

“Estou bem assim, obrigado”, eu digo. “Prefiro ficar solto.”

Lá em cima, ela pergunta se quero uma massagem. Penso em dinheiro, mas ela passa óleo nas duas mãos e em ambos os lados do meu pau e me diz que vai me sovar que nem pão. É um pouco medicinal de início, mas não é desagradável, e depois ela põe meu pau na boca e sinceramente jamais imaginei que pudesse ser tão fácil. Claire nunca queria chupar meu pau, ela falava que meu saco tinha cheiro de umidade.

E então... a porta da frente bate. “Oi, mãe.”

Sua boca se afasta do meu pau, mas a mão me segura com firmeza, como se ela se recusasse a deixar o sangue recuar.

“Tad?”, ela grita.

“Brad”, o garoto responde com leve irritação.

“Oi, filhote, está tudo bem?”, ela grita lá para baixo.

“Está tudo bem, só esqueci o meu taco de hóquei.”

“Ok, até mais tarde”, ela diz. “Fiz brownie — estão na bancada da cozinha, pode comer.”

“Tchau, mãe.”

E a porta se fecha com um baque.

Por um instante eu acho que vou ter um infarto, mas quando ela retoma seu belo trabalho, a sensação passa rápido.

Vou para casa, tiro um longo cochilo e começo a pensar no dia seguinte. Finalmente encontrei algo com que me ocupar, uma forma de passar o tempo. Vou fazer isso todos os dias. Vou me levantar cedo, trabalhar no Nixon das seis da manhã até o meio-dia, sair para almoçar com uma mulher por dia, ir para casa, levar Tessie para

passar e ter uma boa noite de sono.

Uma única sessão, uma vez por dia. Avalio a possibilidade de tentar duas vezes por dia, no almoço e no jantar, nos dias em que eu não lecionar, mas tenho a impressão de que é exagero; é melhor manter um ritmo regular, comportar-me como um atleta em treinamento.

“Até onde você está disposto a ir?”, uma mulher indaga.

“Em que sentido?”

“Quilometragem”, ela escreve.

É um equilíbrio delicado. Por um lado, não quero ficar perto demais de casa, para evitar encontros inesperados; por outro, de repente me torno cuidadoso com o tempo: tenho coisas a fazer e não quero passar o dia dirigindo. Tudo é fascinante, da variação de lugares às mulheres em si, as diversas nuances de decoração e desejo. No máximo quarenta quilômetros, parece-me razoável. Quando estou de saída, uma mulher tenta me pagar. “Ah, não”, declaro. “O prazer foi meu.”

“Eu insisto”, ela diz.

“Não posso aceitar. Vai ficar parecendo que estou aqui a trabalho, como se fosse...”

“Prostituição”, ela completa. “Era isso que eu estava querendo, um homem que aceite ser pago, capaz de sentir tanto o prazer quanto a humilhação.”

“Eu não posso aceitar”, reitero. “Fiz isso por mim, para ter prazer”.

“Sim”, ela diz, “mas para que eu tenha prazer eu preciso te pagar”.

Ela me força a aceitar os vinte dólares. Vinte dólares... é só isso que eu valho? Imaginava que fosse mais. Talvez seja isso o que ela queira me mostrar?

Depois disso, de cada casa, cada mulher, eu levo algo. Nada grande, nada de valor, mas uma quinquilharia, algo pequeno como uma meia sem par, algo que chame minha atenção.

Numa quarta-feira, espero ansioso por um almoço em horário mais cedo que de costume porque minha correspondente é muito espirituosa e engraçada. “A que se deve tudo isso? Por que você faz essas coisas?”, ela escreve.

“Só Deus sabe”, respondo. “Mas estou louco para conhecer você.”

Chego na casa, uma moderna construção do início dos anos 1960 com paredes de vidro, aninhada na esquina de uma rua sem saída. Dá para ver dentro da casa — extremamente estilizada, como um cenário de filme —, um lugar por onde as pessoas passam, mais ao estilo de um aeroporto ou museu do que de uma residência familiar aconchegante. Toco a campainha e vejo uma menina de nove ou dez anos inesperadamente aparecer na extremidade oposta da casa e vagar de cômodo em cômodo, janela a janela, tapete a tapete, até chegar à porta da frente.

“Sua mãe está em casa?”, indago quando ela abre a porta.

“Por que você quer saber?”, ela questiona.

“Ela e eu marcamos de almoçar cedo.”

“Ah, é você o cara. Entra.”

Ponho os pés na casa. “Está tudo bem? Você não devia estar na escola ou sei lá onde?”

“Eu devia, mas não estou.”

O vestíbulo é um cubo dentro de um cubo — dá para ver o interior da cozinha, a sala de estar, sala de jantar e até o quintal.

“Então, sua mãe está em casa? Talvez seja melhor eu ir embora; fala para ela que o John esteve aqui, John Mitchell.”

“Eu posso fazer o almoço para você”, diz a menina, “tipo um queijo-quentão ou qualquer coisa assim”.

“Não quero te ofender, mas não acho uma boa ideia você usar o fogão sem a sua mãe em casa.”

A menina põe as mãos na cintura. “Quer que eu te diga a verdade?”

“Quero.”

“A mamãe está na cidade. Ela e o meu pai foram almoçar juntos para ver se eles se entendem.”

“Ah, saquei”, declaro, recuando, preparando-me para ir embora.

“Pois é, né...” — ela faz uma pausa para causar impacto — “meu irmão e eu resolvemos fazer a nossa própria versão daquele programa de tevê, *Predador*. Meu pai fala que é incrível a burrice das pessoas. E a gente sabia que a minha mãe estava tramando alguma coisa, mas não sabia o quê.”

E então o irmãozinho dela sai do banheiro, onde havia se escondido, e puxa minhas mãos para trás — prendendo-as em

algemas.

“Olha”, eu digo, “em primeiro lugar, vocês estão fazendo tudo errado, porque não cometi crime nenhum. E, segundo, você me algemou da maneira errada — se você cortar a minha circulação, não consegue nada. Você tem que afrouxar”. O garoto nem pestaneja.

Balanço as mãos. “A algaema está apertada demais, está machucando.”

“Eu acho isso bom”, diz o menino. “Tem que machucar.”

“Afrouxa, por favor”, peço. E o menino faz que não. “Deixa mais frouxa.”

Ele não cede.

Penso em me jogar ali de joelhos, fingir que minha boca está espumando, ou em simular um infarto. Questiono até que parte seria uma dramatização e até que parte seria realidade, pois de fato estou sofrendo um ataque de pânico. Cogito me atirar no chão, mas olho para o assoalho duro de ardósia e considero que é grande o risco de eu quebrar as patelas.

“Quantos anos você tem?”, pergunto, na tentativa de me distrair.

“Treze”, responde a menina. “E ele tem quase onze.”

“Os seus pais nunca disseram que vocês não devem abrir a porta para estranhos? Como é que vocês sabem que eu não sou uma pessoa perigosa, um monstro?”

“Minha mãe não iria almoçar com uma pessoa perigosa”, justifica o menino.

“Não conheço a mãe de vocês muito bem.”

“Olha só pra você”, diz a menina. “Você não mete medo.”

“A gente vai precisar de mais coisa para prender ele?”, o menino pergunta à irmã. “Que tal eu amarrar as pernas dele? Eu tenho corda de pular.”

“Não”, ela diz. “Daqui ele não vai sair.”

O menino puxa o meu braço com força. “Senta”, ele diz, empurrando-me, e fico surpreso com sua força.

“Ei”, digo. “Pega leve.”

Quando já estou sentado no sofá da sala de estar — se é que dá para dizer que estou sentado, tendo os braços presos atrás do corpo —, as duas crianças param diante de mim, como se esperassem que eu dissesse alguma coisa. Entendo a deixa.

“Está bem”, digo, “como é que vai ser? Tem alguma câmera escondida por aí?”

“A gente tem uma câmera”, diz o menino. “Mas está sem bateria.”

A sala de estar é toda branca — sofá branco, paredes brancas. A única cor destoante é de duas poltronas vermelhas.

“Então, o que é que há?”

“Para resumir: nossa vida é um porre”, declara o menino. “Nossos pais não nos dão atenção, o papai trabalha o tempo todo, a mamãe só quer saber de ficar mexendo nos aparelhos eletrônicos, e eu nem me lembro da última vez que nos divertimos juntos.”

“A gente acha que ele está tendo um caso”, acrescenta a menina.

“O que é um caso mesmo?”, o menino pergunta à irmã. Ela sussurra no ouvido dele e ele faz cara de nojo.

“Por que você acha que ele está tendo um caso?”, indago.

“Toda vez que o celular dele toca, ele vai correndo atender longe dela. E minha mãe grita para ele, ‘Se é do trabalho, por que é que você não pode atender aqui?’”

“A gente entrou no computador da mamãe. Ela também anda fazendo umas coisas estranhas e a gente acha que o nosso pai está sabendo, mas não temos certeza.”

“Quantas vezes você fez aquilo com ela?”, questiona o menino, interrompendo a irmã.

“Fiz aquilo?” E então me dou conta do que é que ele está me perguntando e fico vermelho. “Nunca”, afirmo. “Não conheço a sua mãe. Batemos papo na internet e ela me convidou para almoçar.”

“Foi simples assim?”, pergunta a garota.

“Foi.”

“Você tem mulher?”, a menina questiona.

“Sou divorciado.”

“Filhos?”, o menino quer saber.

“Não.”

“Tá, mas ela é casada e tem filhos”, diz a menina.

“É”, confirma o menino.

“Entendo”, eu digo. “Vocês já tentaram conversar com a mãe de vocês, perguntar para ela o porquê de tudo isso?”

“Não dá para conversar com ela”, diz o menino. “Ela não conversa. Ela só faz isso aqui.” Ele faz movimentos repetidos bem esquisitos com os dedos.

“Minha mãe só fala com o BlackBerry dela. O dia todo, a noite toda. Ela acorda de madrugada por causa de gente do BlackBerry do mundo inteiro. Escuto ela digitando sem parar até no banheiro”, diz a menina. “Uma vez, meu pai ficou com tanta raiva que jogou o celular no vaso e deu descarga. Ficou preso no cano e eles tiveram que chamar o encanador.”

“Não foi uma boa ideia”, diz o menino.

“Ficou *muito* caro”, diz a menina.

Passamos um tempo sentados. As crianças preparam petiscos: suco de abacaxi, cerejas ao marasquino, pão branco com fatias de

queijo amarelo. São obrigados a dá-los na minha boca por conta das algemas.

“Tenta não deixar cair migalha”, pede a garota.

Quase engasgo com uma cereja. “É bom dar uma olhada na validade disso aí”, recomendo.

“O que é mergulhar o saquinho?”, a menina indaga enquanto me dá outra fatia de pão sem casca.

“Não sei”, declaro com sinceridade.

Ela limpa os cantos da minha boca com um guardanapo e me deixa dar um gole na caixinha de suco.

“É alguma coisa que os adultos fazem; estava em um dos e-mails da minha mãe”, explica o menino.

“Não é legal ler os e-mails dos outros; os e-mails são particulares”, digo.

“Deixa pra lá”, diz a menina. “Depois eu procuro no Google.” Ela afasta a caixa de suco de mim.

“Vocês têm algum bicho?”, pergunto.

“Eu fui encarregado do peixe da minha turma durante as férias da escola”, diz o menino.

“Você gosta da escola?”

Ambos me lançam um olhar inexpressivo.

“Vocês têm amigos?”

“Estão mais para conhecidos. Não são exatamente amigos, são conhecidos. Tipo... se a gente sai por aí e vê essas pessoas, a gente dá tchauzinho ou acena com a cabeça, mas não conversa com eles nem nada.”

“Vocês têm babá?”

“A mamãe despediu. Nossa mãe falou que não gostava de ter alguém por perto o tempo todo”, diz o menino.

“A gente tem um segurança eletrônico. Todos os dias, às três da tarde, a gente tem que bater o ponto; se a gente não bate, primeiro dispara um bipe e, se a gente não faz nada, ele liga para uma lista de pessoas, e se ninguém encontrar a gente, ele liga para a polícia.”

“Como é que vocês batem esse ponto?”

“É só discar um número e digitar a senha.”

“Vivo me esquecendo da minha”, diz o menino. “Então escrevo na mão.” Ele levanta a palma da mão: “1 2 3 4”, escrito à caneta.

“A gente também tem chips”, declara o menino, levantando-se.

“Obrigado, mas estou tentando cuidar da alimentação”, digo.

“Não chips de comer — estou falando de um chip implantado debaixo da pele para eles poderem nos rastrear”, explica.

“Tipo... se alguém quiser saber onde é que a gente está agora, vai saber que a gente está em casa. Sempre acho que eles podem não ter instalado o software”, diz a menina. “Ou que eles não estão nem

aí.”

“Olha, meninos, espero que vocês não me levem a mal, mas, apesar de vocês terem me raptado e me aprisionado contra a minha vontade, achei vocês gente boa. Vocês prepararam um lanche gostoso pra nós, mostraram que se preocupam com os seus pais e gostariam que eles demonstrassem que se preocupam com vocês. E na verdade vocês não estão pedindo muito. Que tal oferecerem um cartão de “Fiquem Livres da Prisão” aos seus pais? Oferecer a eles a liberdade que merecem e pedir que deem vocês dois à adoção? Vocês já pararam para imaginar quantas pessoas não adorariam ter filhos domesticados — quer dizer, que sabem usar o vaso —, brancos e que falam inglês?”

“Nossa, nunca tinha pensado nisso”, diz a menina.

“Vocês podiam arrumar uma família legal, que faça questão de que vocês frequentem a escola, façam o dever de casa e passem fio dental nos dentes.”

“Quem sabe você não adota a gente”, diz o menino.

Faço que não. “Está claro que fui atacado pela Síndrome de Estocolmo”, digo.

“O que é isso?”, a menina indaga.

“Depois você procura no Google”, eu digo. “Tenho muita coisa para fazer: cuidar dos filhos do meu irmão e tentar terminar um livro sobre Richard Nixon. Vocês sabem quem ele foi?”

“Não.”

“Foi o trigésimo sétimo presidente dos Estados Unidos. Ele nasceu na cidadezinha de Yorba Linda, na Califórnia, numa casa que o pai dele construiu com as próprias mãos. Nixon foi o único presidente da história dos Estados Unidos a renunciar ao cargo.”

“O que quer dizer ‘renunciar’?”, indaga o menino.

“Quer dizer que ele saiu no meio do mandato”, explica a irmã.

“O pai dele deve ter ficado muito zangado”, diz o menino.

“Que horas são?”, pergunto.

“Por quê?”

“Tenho que dar aula esta tarde. Será que posso usar o banheiro de vocês?”, peço.

“Fica ali”, aponta o menino.

“É um lavabo”, diz a menina.

Deslizo até a ponta do sofá e balanço os braços. “Não dá para ir ao banheiro com os braços presos atrás das costas”, digo.

“É óbvio”, diz a menina.

“Tudo bem”, diz o menino, aproximando-se para me soltar. Ele se complica na hora de usar a chave.

“Procure se esforçar”, eu digo. E, sabe lá por qual razão, incentivá-lo a se esforçar o tranquiliza, e segundos depois a algema se abre e eu vou em direção ao banheiro.

“Tenho uma notícia para dar a vocês”, digo ao voltar, totalmente preparado para lutar contra eles caso seja necessário. “Estou indo embora, mas insisto que vocês conversem com os seus pais — vocês merecem coisa melhor. E quero que vocês saibam que o que aconteceu aqui hoje foi um sucesso, vocês conseguiram me convencer a nunca mais fazer isso, a não marcar mais encontros pela internet — não é nada seguro. Esta experiência foi como um programa Tratamento de Choque para adultos.”

“O que é Tratamento de Choque?”

“Tem a ver com eletrochoque”, a menina mais velha declara.

Não tenho forças para corrigi-la. “Então é isso”, digo ao abrir a porta.

A garota faz cara de choro. “Tenho medo de que isso não dê em nada”, ela diz.

“Você tem a vida inteira pela frente. Da próxima vez que eles deixarem vocês sozinhos em casa, liguem para a escola, expliquem que vocês não estão tendo apoio para desenvolver o potencial que têm, que vocês são rastreados que nem cães perdidos. Vocês são novos, mas estamos falando da vida de vocês, vocês precisam tomar as rédeas dela.”

“Ele tem razão”, diz o menino.

“Você é muito convincente”, diz a menina.

“Tchau.” Vou para o carro, ciente de que os olhos deles estão em mim.

Eu os imagino indo de cômodo em cômodo, janela em janela, para me observar atravessando a entrada da residência com seu belo paisagismo, que fede a prosperidade e ao uso cauteloso de pesticidas. É meio-dia, meio da semana e, afora o fato de que as plantas vicejam, não há outros sinais de vida.

Dirijo pensando que eles poderiam ter me machucado de fato. Poderiam ter me amarrado, me acorrentado a um aquecedor — havia aquecedores? — ou me aprisionado no porão como numa espécie de projeto de ciências. Poderiam ter me retalhado com uma serra circular e me colocado em um freezer abandonado. Se o que disseram sobre os pais era verdade, levariam uma eternidade, ou pelo menos até o Quatro de Julho, para alguém me encontrar ali. Minha cabeça está girando. Fui feito de refém; sou o idiota da internet; sou um desastre. Algo vibra enquanto dirijo; a princípio imagino que seja o carro, mas ao parar no sinal vermelho olho para baixo e vejo minhas pernas tremendo sem parar.

Vou direto para a faculdade. A secretária do departamento me olha com preocupação. “Esperava que você tivesse recebido o recado.”

Não faço ideia do que ela está falando.

“Seu almoço hoje?”

Começo a suar. “Eu não almocei”, declaro, sentindo a cereja marasquino subindo até a garganta.

“Você não havia marcado o seu almoço anual com o doutor Schwartz?”

Havia me esquecido completamente.

“Ele teve uma emergência dentária”, ela disse; “deixei um recado na sua casa. Hoje de manhã o professor Schwartz quebrou um dente, durante o café com o corpo docente, e teve de ir direto fazer um tratamento de canal dentário. Como ele quer te ver o mais rápido possível, vamos reagendar para amanhã, ao meio-dia.”

“Está combinado”, afirmo.

Horas de expediente na sala do departamento. Tenho que pôr um ponto final. O que quer que eu esteja fazendo ou achando que estou fazendo com essas “senhoras da sociedade”, tenho que dar um basta. Hoje eu escapei ileso; da próxima vez, pode não ser bem assim. Verifico minha agenda. Marquei de encontrar uma mulher amanhã — a única coisa de que me lembro a respeito dela é que durante nossos bate-papos ela fez várias referências ao programa de televisão dos anos 1960, *A Feiticeira*. Minha impressão, ou talvez tenha sido uma fantasia, foi de que ela tinha em mente algo semimágico e precisava de um cara para compor o enredo. Por outro lado, minha experiência dessa manhã me leva a vislumbrar um viés mais sombrio na situação: agora imagino que talvez seja uma bruxa suburbana praticando magia negra, e para isso use os patifes idiotas que mordem sua isca.

Tento entrar no meu e-mail pelo computador da faculdade. Não consigo acessar a internet. Com certo frenesi, sinto a necessidade de cancelar meu perfil agora, neste instante — não daqui a dez minutos, mas neste segundo, enquanto estou firme e decidido, e antes de perder a determinação. Vou correndo falar com a secretária do departamento. “Tem alguma razão para eu não estar conseguindo entrar na internet?”, indago.

“O servidor caiu”, ela explica.

“No campus inteiro?”, pergunto, imaginando que talvez possa ir à biblioteca e fazer o que pretendo de lá.

“É, o sistema inteiro caiu. Se você precisar olhar o seu e-mail, pode usar o meu telefone.” Ela saca o celular — uma dessas bizarrices

do século XXI com tela sensível ao toque.

Ora bolas! Se eu entrar no meu e-mail pelo Android dela ou que diabos seja o sistema, deixarei rastros eletrônicos, os mesmos que também deixaria entrando naquele e-mail se usasse o computador da faculdade. Com pouco trabalho — o equivalente a uma varredurazinha eletrônica — poderiam rastrear meus passos, o que os levaria direto à “Feiticeira101”.

“Não precisa”, digo, tudo agora de súbito parecendo menos urgente. E na verdade fico contente porque o servidor caiu — a pane acabou de me salvar de mim mesmo.

Dirijo-me à sala de aula, pronto para discutir as origens do apelido “Tricky Dick”. Começo apresentando a figura de Helen Gahagan Douglas, atriz e esposa do ator Melvyn Douglas. Ela cumpriu três mandatos no Congresso nos anos 1940 — e nesse período inclusive teve um caso com o então congressista e futuro presidente Lyndon B. Johnson. Em 1950, Helen Douglas se candidatou ao Senado dos Estados Unidos, concorrendo com Nixon. Nixon tirou proveito da opinião anticomunista, aludindo a uma suposta afinidade “vermelha” de Helen, e lançou uma campanha para difamá-la, distribuindo panfletos contra Douglas impressos em papel rosa. Helen Gahagan Douglas perdeu a eleição, mas cunhou o apelido que Nixon jamais superou: “Tricky Dick” — junção de “traíçoeiro”, adjetivando o apelido comum para seu nome, Richard.

Mais tarde, “Tricky Dick” foi usado para fazer referência a diversas condutas de Nixon, do uso pessoal de fundos da campanha, passando por espionagem, roubo, escutas telefônicas, tramoias contra adversários e atos talvez piores. Quando Nixon estava em baixa ele era cruel, e quando perdia ou fracassava ficava mais cruel ainda. Sua autoconfiança ia um pouco além da conta. Na famosa entrevista que concedeu a David Frost em 1977, ao ser questionado sobre a legalidade de alguns de seus atos, Nixon disse, absolutamente convicto: “Bom, quando é o presidente que faz isso, significa que tal ato não é ilegal.”

A classe continua me fitando, todos inexpressivos. Repito a frase: “Quando é o presidente que faz isso, significa que tal ato não é ilegal.” Eles assentem. “É verdade?”, indago. E eles parecem confusos. “Reflitam sobre isso”, eu peço. “Aluguem o filme.” Fecho meus livros e saio.

“Esqueci da minha reunião com o Schwartz”, conto a Tessie assim que ponho os pés dentro da casa. “Eu tive um dia estranhíssimo e me

esqueci completamente desse compromisso.” Ajoelho-me e olho bem nos olhos da cadela. “Tessie, você não ia acreditar se eu te contasse o que eu passei hoje.” Entro no computador e cancelo meu “encontro” de amanhã.

“Como assim você está cancelando?”, a mulher responde.

“Eu preciso cancelar”, escrevo.

“Você quer remarcar?”

“Neste momento, não.”

“Se você cancelar este encontro comigo não vai ter outra chance”, ela escreve.

“Não tenho alternativa, é a minha avaliação anual no trabalho.”

“Seu pau não vai mais subir”, escreve a mulher.

“Sua hostilidade me deixa sem palavras.”

“Vá se foder.”

“Seja boazinha”, digito. “Eu sei onde você mora, você me deu o endereço, lembra?”

“Você está me ameaçando? Meu marido vai quebrar a sua cara...”

“Seu marido? Você falou que nunca foi casada.”

“Opa. Bom, tenha um bom dia e boa sorte com a reunião. Você sabe que eu estou só brincando, não é? Se quiser marcar outro dia, me manda um e-mail e a gente combina.”

Tiro o cabo do computador da tomada. Preciso fazer mais que desligá-lo. Não quero que o monitor entre apenas em modo de descanso de tela, e sim que apague de vez.

A avaliação anual. Preparo-me para o almoço com o Schwartz. Pesquiso tudo relativo a Nixon e atualizo meus conhecimentos sobre livros recentes e vindouros sobre o assunto. Reviso a lista de alunos da minha aula e tento associar o nome aos rostos para o caso de ele mencionar o filho de um amigo de um amigo. Estudo o relatório anual da faculdade e organizo minhas opiniões acerca da situação do ensino superior. Parto lembrando a mim mesmo de que sou referência em certo tema e de que sou um profissional singular, sou um especialista em Nixon.

Schwartz. Por um lado, conheço-o há anos; por outro, ele mudou de rumo, leciona menos, agora fala mais na tevê. Sua área de especialização, a história da guerra, faz dele o cara a quem se recorre para comentar praticamente qualquer assunto. Imagino que ele vá me pedir para aceitar mais trabalho, que ele dirá “Já chega dessa

bobagem de uma turma só por semestre, você tem tanto a dizer, sua experiência é tão valiosa, precisamos de você mais do que nunca — será que você não pode aceitar mais uma ou duas turmas?”

Nosso almoço remarcado não é mais no restaurante habitual, em que sempre peço Wiener schnitzel e ele pede fígado acebolado; depois fazemos piadas sobre nossos pais e rimos do fato de que nunca comíamos essas coisas quando éramos pequenos, mas agora que temos a idade que nossos pais tinham nós as adoramos. Nesse restaurante de hoje, só consigo pensar na minha mãe saindo com as amigas e comendo queijo cottage e pêssego em calda.

“Você escolheu este aqui por causa do seu dente?”, pergunto a Schwartz.

“Meu dente está bom”, ele diz. “Viemos aqui por causa dos tempos. Vou querer a sopa”, ele diz à garçonete.

“Xícara ou tigela?”

“Xícara”, ele diz.

“E o que mais?”

“Uma água com gás”, ele pede.

“E o senhor?”

Mudo de ideia, estava pensando em um sanduíche de peru com fritas; porém, encomendo: “Omelete grego.”

“Batatas à moda da casa ou fritas?”

“Tanto faz”, eu digo, com um súbito nervosismo. “Melhor à moda da casa.”

“Então... como andam as coisas?”, Schwartz pergunta.

“Coisadas”, respondo.

“Você vai acabar de escrever aquele romance um dia?”

“Estou levantando informações, na verdade está mais para não ficção.”

“Você está levantando informações desde que ele deixou o gabinete.”

“Eu ainda não acabei”, declaro. “A história ainda está em desdobramento: aos poucos mais fatos vão sendo revelados, com reflexos na situação atual.”

“Vou ser curto e grosso, então, pois você tem muito com o que se ocupar”, ele diz.

A garçonete ainda nem serviu a água.

“Você está com a gente há muito tempo, mas as coisas estão mudando...”

“Você tem outra disciplina em mente para eu lecionar? Presidências Comparadas, George W. Bush Jr. *vs.* Richard Nixon, ou Quem É o Verme Mais Vil?”

“Na verdade, a gente vai ter que buscar outra alternativa. Temos um novo professor que adota uma forma nova de ensinar

História, futurística.”

“O que você quer dizer com futurística?”, indago com um tom mais indignado do que eu pretendia.

“Em vez de estudar o passado, os alunos vão explorar o futuro — um mundo de possibilidades. A gente acha que vai ser menos deprimente que assistir a reprises dos filmes de Zapruder.”

“Ah”, eu digo. “Ah.” E nada mais.

“Você vai terminar o semestre, é claro.”

Assinto — é claro.

A comida chega.

“Espero que você não brigue com a gente. O Nixon está morto; seus alunos não eram nem nascidos quando Nixon estava na presidência.”

“Você está sugerindo que a gente deixe de ensinar História?”

“Estou dizendo que a sua disciplina não tem relevância.”

“Permita-me discordar”, eu digo.

“Não discorde”, ele diz. “Você não tem nem noção. Sua classe está cheia de alunos que precisavam cursar uma matéria de história para cumprir as exigências, e isso porque a disciplina de ‘Internet e Artefatos Americanos’ já estava com a turma lotada. Acredite no que eu estou te falando: eles não dão a mínima para o Nixon.”

“Mas alguns dos artigos estavam muito bons.”

“Eles compram na internet. Pegam artigos sobre outras pessoas e mudam os nomes — porque, francamente, a essa altura eles nem vendem mais artigos sobre Nixon. Então eles devem ter comprado um artigo sobre o Clinton e feito as adaptações necessárias.”

“Não”, exclamo, realmente surpreso.

“Sim, senhor. A verdade é que fizemos um teste de avaliação do seu curso. Mudamos o título ‘A Ética de Monica Lewinsky’ para ‘Quebra de Confiança no Watergate’, em um *paper* que lhe foi entregue. Você deu a um artigo que não era sobre um escândalo de espionagem, e sim sobre o escândalo de um boquete, uma nota B+.”

“Eu dei nota seguindo a média?”

“Você está fora de sintonia”, ele declara.

“Sou professor. O normal é a gente estar fora de sintonia. Lembra as jaquetas com couro nos cotovelos e os cachimbos?”

“Não neste século.”

“Que tal eu dar um curso versando sobre assassinato, sobre memórias, sobre o meu irmão assassino, sobre a derrocada dos Estados Unidos?”, sugiro; dado o momento, é inevitável eu achar que isso tem algo a ver com o que aconteceu com George.

Schwartz não se comove. “Em todo caso, não dá mais para eu salvar sua pele a essa altura — a gente não tem dinheiro. Escreva o seu livro, escreva uns livros, e aí a gente volta a conversar.” Levanta a

mão e sinaliza para a garçonete que quer a conta. “Sabe”, ele diz, “agora tem um monte de faculdades que dão cursos pela internet; quem sabe você não dá uma ou duas disciplinas pela internet só para não perder a mão?”.

“É só isso?”, eu digo. “Depois desses anos todos? Meio almoço e tchau?”

“Não era minha intenção te apressar”, Schwartz diz, “mas não tenho mais nada a dizer”.

Em busca de aconselhamento. Lembro-me de ter notado numa igreja local certas reuniões no fim da tarde. Passo por ali, vejo carros parados do lado de fora, luzes acesas no prédio antigo. Uma sensação de ternura e acolhimento emana do lugar. Estaciono e entro, perambulando pela capela do andar de cima.

“A reunião é lá embaixo”, o zelador me avisa.

A reunião já está em andamento quando entro de fininho na sala e ocupo uma cadeira nos fundos. Os homens e mulheres reunidos têm uma atitude de familiaridade; percebo que não só todos se conhecem como se conhecem há muito tempo. Sou o estranho. Sinto que se mexem um pouco nas cadeiras para poderem me olhar. Por fim, chega a minha hora.

“Oi, meu nome é Nit.”

“Oi, Nit”, dizem em uníssono. O eco de suas vozes me leva a tomar fôlego: é o eco de aceitação e acolhimento.

“O que te traz aqui hoje?”, alguém pergunta.

“Fui despedido”, declaro. Faço uma pausa e depois recomeço: “Trepei com a mulher do meu irmão, então logo depois meu irmão chegou em casa e a matou. Minha esposa deu entrada no divórcio. E agora, hoje, depois de lecionar na mesma faculdade há anos, me avisaram que este vai ser o meu último semestre. Estou morando na casa do meu irmão enquanto ele fica no manicômio. Estou tomando conta do cachorro e do gato dele, e há pouco tempo comecei a usar o computador dele — aquela coisa: entrar na internet, visitar vários sites. Tenho marcado almoços com mulheres — em geral a gente não almoça, só faz sexo. Muito sexo.”

“Você estava bêbado?”, alguém questiona.

“Não”, respondo. “Nem um pouco.”

“Você tem problema com bebida?”

“Bebo raramente. Acho que eu devia beber mais. Estava observando vocês lá de fora. Vocês me pareceram simpáticos, amáveis e acolhedores.”

“Sinto muito, Nit”, o grupo diz em uníssono.

“Você vai ter que sair”, acrescenta o líder, e minha sensação é de que fui expulso da ilha. Levanto-me da cadeira dobrável e saio, passando ao lado de uma cafeteira velha de alumínio com a luz acesa, o litro de leite integral, o açúcar, os sonhos, todas as coisas que eu estava desejando. Fico tentado a ir a um bar para me tornar alcoólatra de um dia para outro e assim poder voltar.

“Tem outros lugares para gente com esses seus problemas”, indica um dos homens.

“Todo mundo tem seu lugar certo”, uma mulher me diz.

Sento-me no estacionamento, imaginando a reunião prosseguindo sem que eu esteja lá, todos eles falando de mim pelas costas — ou será que simplesmente tocam em frente com os trabalhos?

Quando estou saindo com o carro do estacionamento, Claire liga para o meu celular. “A gente devia vender aquela vaga”, ela diz.

“Claro”, digo. “A gente pode fazer isso se você quiser. Tem certeza de que você não quer ficar com a vaga?”

“Não dirijo, lembra? Vou vender a vaga para o pessoal do andar de cima.”

“Aqueles com filhos que berram e correm dia e noite de um lado para o outro, bem em cima das nossas cabeças?”

“Isso”, ela diz. “Eles têm uma minivan e me ofereceram vinte e seis mil dólares.”

“Vinte e seis mil?”

“Teve uma guerra de lances, já que as vagas são poucas.”

“Uau.”

“Vão pagar em espécie.”

“Ótimo, então cada um fica com cinquenta por cento.”

“Na verdade, fui eu que paguei quando compramos a vaga”, ela me lembra.

“Então por que você está me contando?”

“Só queria que você soubesse”, ela declara. E desliga.

Sonho com Nixon. Nixon, as Histórias Noturnas. A ideia é de que Nixon tinha um confidente; de que todas as noites, quando não conseguia dormir, ligava para um amigo e eles conversavam, e às vezes o amigo lia para ele obras como *Moby Dick* e *Memórias do subsolo* e

os livros de Paul Johnson, *Journey into Chaos* ou *Inimigos da sociedade*, e às vezes assistiam à tevê juntos. Nixon gostava de saber que seu confidente estava acordado na mesma hora que ele e que nunca estava sozinho de fato. Estar sozinho o assustava.

Noite de sexta-feira. Quando ela já está terminando, depois de guardar o esfregão e o balde e de ir ao banheiro para colocar de novo suas roupas normais, Maria, a moça da limpeza, diz: “Senhor, não posso mais trabalhar aqui. Sinto saudade demais da dona Jane. Fico triste quando venho aqui. Fico aqui trabalhando e o senhor passa o dia todo sentado aí. Não te conheço. Sei que o irmão do senhor matou a dona Jane. E o que vai ser daquelas crianças lindas, que agora não têm mais mãe? Por favor diga a elas que a Maria mandou um beijo, mas para o senhor eu digo é adeus.”

Pego minha carteira. Dou-lhe quinhentos dólares. Ela pega trezentos e devolve duzentos. “Não tenho dívidas”, ela afirma. E eu não entendo o que ela quer dizer.

“Vou dar o recado para as crianças.”

“Ótimo”, ela diz. “E precisa comprar mais Mr. Clean e Windex.”

“Obrigado, Maria.”

Segunda-feira de manhã, um caminhão estaciona na frente da casa, um caminhão branco com um inseto gigantesco montado no teto. Dois caras de terno branco descem, descarregam grandes latas de spray feitas de aço inoxidável, tapam o nariz e a boca com máscaras e caminham em direção à porta da frente. Antes de chegarem à porta, um vai para a direita, o outro para a esquerda, e rodeiam a casa, borrifando. O latido de Tessie e o cheiro repugnante me incitam a abrir a porta da frente e gritar “No que posso ajudá-los?”

Com o primeiro ar que inspiro, sinto meus pulmões se encolherem; meus olhos começam a arder. Os caras tiram as máscaras.

“Que cheiro horrível”, eu digo.

“Quem é o senhor?”, um dos caras pergunta.

“Eu ia perguntar a mesma coisa.”

“Temos um contrato. A gente vem duas vezes por ano; a data foi marcada meses atrás.”

“As coisas mudaram”, afirmo.

“Tarde demais, a gente já começou. Não é o tipo de coisa que

se pode interromper no meio. Isso poderia gerar insetos resistentes, insetos *maiores* — a situação pode ficar péssima.” Tessie late.

“Jesus, o cachorro também está em casa? Cadê a dona da casa? Ela sempre prendia o cachorro e o gato no carro. Eles passavam o dia fora. Esse troço é venenoso: se o senhor ficar sentado aí ele te mata.”

“Bom, o que você quer que eu faça?”

“Sei lá — você não devia estar aqui. Você devia pegar os cachorros e os gatos e passar oito horas longe de casa, ou mais tempo ainda se tiver asma.”

“Bom, vocês não podem pelo menos dar uma parada? Não podem me dar uns minutinhos para eu me organizar?”

“Merda, merda, merda!”, exclama um dos caras. “Não são nem nove e meia e o dia já está todo ferrado. Atrasos e atrasos e atrasos.” Ele se vira para mim. “Bom, não fica aí parado, vai se organizar!”

Ponho Tessie na coleira com a guia e uns biscoitos no bolso. Pego a gata. Não consigo achar uma caixa para carregá-la, e por isso acabo enfiando-a aos trancos e barrancos na bolsa de lona e corro até o carro escutando seus uivos. Levo a caixa de areia e a acomodo no banco de passageiro, deixo a gata sair da bolsa, arrumo água e comida para ela, fecho parcialmente as janelas e volto à casa para pegar Tessie. Decido que vamos passear um pouco e, se houver necessidade, volto mais tarde e levo tanto a cadela como a gata a outro lugar. A verdade é que não pude planejar bem como faria.

Tessie e eu partimos rua afora; a manhã está luminosa, clara, quente para um dia de inverno, um dia cheio de esperança, repleto de possibilidades.

O parque está vazio. É um lugar que só existe para acomodar as árvores, para oxigenar a vila, uma área verde por onde passar de carro enquanto se gesticula para as visitas algo como “O nosso parque não é uma graça, uma bela de uma área verde?”. Na outra ponta há um estacionamento, quadras de tênis e basquete, uma série de balanços, um trepa-trepa. Corro pelo parque com Tessie; quando chego aos balanços, amarro em um deles a guia e, para provar que ainda tenho dentro de mim a capacidade de brincar, pulo no balanço, o assento grosso de borracha igual ao das minhas lembranças da infância. Balanço para frente e para trás, para frente e para trás, chegando cada vez mais alto, e então, no auge tanto de altura como de movimento, levanto a cabeça para cima, o céu se abre, enchendo meus olhos, azul, um superazul radiante e brilhante com nuvens brancas e densas, nuvens de perfeição, e por um instante tudo fica mais do que perfeito, fica divino. E em seguida, enquanto prossigo com aquela movimentação, a velocidade torna-se avassaladora, meu estômago sobe à garganta.

Estou rodopiando. Fecho os olhos — piora. Abro os olhos —

outra vez piora. Jogo-me para a frente, caindo do balanço, com mãos e joelhos indo de encontro à terra. O balanço me atinge nas costas, como se dissesse: “Toma, seu idiota.” Uma impossibilidade de equilíbrio? Vou para o escorregador, subo a escadinha: a curva suave dos corrimões me parece igual à de quarenta anos atrás. No alto eu tomo impulso e deslizo até o chão. Ao me levantar, o botão do meu bolso fica preso em alguma coisa, repuxa, é arrancado. Apesar do encanto, da memória ecoante de saltar de barra em barra, de ficar pendurado pelos joelhos, não me aventuro no trepa-trepa nem na escada horizontal. Acredito plenamente que ainda sou capaz de fazer qualquer coisa e quero continuar acreditando.

Penso nos dias que nunca existiram, na infância perfeita que existia só na minha imaginação. Quando era menino, o parque era mais um terreno desocupado do que uma área verde bem-tratada. Nossas famílias não tinham nenhum desejo de que tivéssemos um espaço seguro e limpo para brincar — na opinião delas, brincar era perda de tempo. E as coisas eram escassas; um cara podia ter uma luva de beisebol, outro tinha um taco e o restante de nós jogava de mãos limpas, aguentando a ardência inacreditável, as mãos queimando não só pela dor, mas também pela emoção do sucesso de agarrar a bola que vinha forte em nossa direção, interrompendo sua trajetória e provavelmente poupando alguém da despesa de ter de consertar a janela. O cerne da questão era que, se você tinha algum tempo para brincar, não contava a ninguém porque, se os seus pais ficassem sabendo, logo achavam alguma coisa para você fazer.

Portanto, brincávamos em silêncio e longe de suas vistas, fazendo brinquedos com o que houvesse por perto — os sapatos do meu pai formavam uma excelente esquadra de mentirinha, as biqueiras deslizando em formação pelo tapete, aquele fedorzinho de couro e chulé. E o que eu usava para simular um porta-aviões? Uma travessa de prata que pegava emprestada da sala de jantar. Assim, quando minha mãe um dia viu a travessa no chão rodeada de sapatos, ela me acusou de ter problemas mentais. Será por que não ficou claro para ela que o tapete era o mar, o campo de batalha? Ela me chamou de “imprestável”, e lembro-me de ter chorado e de o George achar a situação toda muito engraçada.

Duas mulheres de roupas de ginástica andam em círculos pelo contorno do parque, caminhando na maior velocidade possível, no entanto sem correr. Elas me fitam. Chegam a apontar em minha direção, como se pedissem uma à outra a confirmação de que estou mesmo ali. Aceno. Elas não retribuem.

Perto da quadra de tênis eu acho uma bola velha e a atiro para Tessie; ela desata a correr, e tenho de ir atrás para reavê-la. Ela me parece encantada com a brincadeira, a imensidão do espaço aberto, e

corre em círculos infinitos antes de cavar um buraco na terra e se acomodar para arrancar a parte amarela e felpuda da bola. O clima não é compatível com a estação: metade das árvores está sem folhas, e metade está repleta de um verde opaco, o gramado é uma mistura desigual de grama-esmeralda e azevém.

Eu me sento. Sento no parque em um dia de inverno muito agradável — sozinho. O parque está tão deserto que fico nervoso, com receio de estar ali a sós no meio de uma área aberta. Sou tomado por uma estranha sensação. Não é exatamente um ataque de pânico, mas sim como se fosse envolto por uma espécie de nuvem, uma nuvem densa e sombria, o que é ainda mais intimidante, já que o céu está claríssimo. Está tudo bem, ou deveria estar, exceto pelo fato de que fui expulso da casa do meu irmão por um pelotão de extermínio. Estou afundando. Estirado na grama, sentindo a intensidade disso tudo, e talvez ela sempre tenha existido. Caso fosse obrigado, diria que já conheço isso: conheço todos os tipos de truques e desvios e manobras sofisticadas para me proteger, para inflar meu ego, para simplesmente garantir a merda da minha sobrevivência. Mas agora eu sinto, sinto como era uns mil anos atrás na casa dos meus pais — talvez aqueles cinco minutos no balanço tenham desatado alguma coisa dentro de mim, mas tudo está voltando em minha mente como uma onda mediúnica, e sinto um gosto ruim na boca, metálico e acerbado, e percebo quanto todo mundo na minha família se odiava, a pouca importância que dávamos uns aos outros ou como pouco respeitávamos alguém além de nós mesmos. Percebo quanto minha família me decepcionou e no fim como me retraí, como me tornei uma nulidade, porque agir assim era muito menos arriscado do que tentar ser algo, ser qualquer coisa diante de tamanho desdém.

Olhe para mim. Veja o que aconteceu. Vejo o que eu fiz. Repare. Neste instante não estou nem falando contigo, estou falando comigo mesmo. *Olhe para mim*, um sem-teto num parque público. Encolho-me em posição fetal, uma porra de uma bola humana num canto do parque. Não consigo olhar para mim mesmo — não há nada para ver.

Solução, uivo, choro com tamanha intensidade, com tamanha força, é o choro de uma vida inteira; eu urro. A cadela vem ao meu encontro, lambe meu rosto, minhas orelhas, tenta me fazer parar, mas não consigo parar, acabei de começar. É como se eu fosse chorar assim

por anos e anos — veja o que eu fiz. E, puta que o pariu!, nem sou alcoólatra, não sou nada, só um cara, um zé-ninguém — e essa talvez seja a pior parte disso tudo, saber que não sou excepcional ou ilustre em nada. Salvo pelo recente ocorrido com a Jane, antes eu era totalmente comum, normal; desde o casamento não havia dormido com ninguém além da minha mulher...

Olhe só para mim. Apesar de ninguém ter sido franco e dito com todas as letras — você sabe tão bem quanto eu — sou tão assassino quanto o meu irmão, nem mais, nem menos.

Digo isso a mim mesmo — e estou liquidado.

Um jovem policial aparece. “O senhor está bem?”

Faço que sim.

“Recebemos um telefonema a respeito de um homem chorando...”

“É ilegal?”

“Não, mas não se vê muito disso por aqui, principalmente nessa época do ano. Estava voltando para casa depois do trabalho?”

“Fui demitido, e hoje estão dedetizando minha casa e me pediram para sair. Achei que era uma boa vir até o parque.”

“A maioria vai às compras”, diz o policial.

“Sério?”

“É, quando as pessoas não sabem o que fazer, elas vão ao shopping, andam de um lado para o outro e gastam dinheiro.”

“Nunca pensei nisso”, declaro. “Não sou muito de compras.”

“É, é para lá que elas vão.”

“Mesmo com um cachorro?”

“É, tem os shoppings que aceitam bicho.”

O policial fica parado.

“Sem querer ser rude, mas isso aqui é um parque público e não estou incomodando ninguém.”

“É proibido acampar”, diz o policial. “É proibido vagabundear.”

“Como você decide se alguém está vagabundeando ou simplesmente curtindo o parque? A placa diz que ele fica aberto das sete da manhã até o anoitecer. Vim para cá com o cachorro para a gente aproveitar o ar livre. Ao que parece, fazer isso não é normal; ao que parece, nesta cidade, ir ao parque é uma atitude considerada excêntrica. Mas quer saber? Você tem razão... deve ser mesmo, porque não tem ninguém aqui; o parque está deserto, a não ser por você e eu; portanto, peço desculpas.”

Com a gata e a cadela no carro, vou embora lecionar. Dirijo até a faculdade, estaciono em uma vaga à sombra — deixo para ambos os bichos uma tigela de água no chão do carro, abro um pouco as janelas, a temperatura do ar está um pouco acima de dez graus. Eu os deixo com a consciência de que não estão nem melhor nem pior do que estariam se o carro estivesse parado na frente da casa.

“Hoje nós marcamos de discutir a Baía dos Porcos...”

Vários alunos levantam as mãos e anunciam que se sentem incomodados com o assunto.

“Por quê?”

“Sou vegetariano”, diz um estudante.

“É antipatriótico”, um aluno estrangeiro sugere.

“Embora entenda a preocupação de vocês, vou seguir o que foi planejado. E, aliás, o ato foi patriótico, apesar de falho — inspirado pelo amor do governo pelo nosso país. A Baía dos Porcos não é um restaurante ou um grupo alimentar; o nome se refere à malsucedida tentativa por parte de agentes treinados pela CIA de derrubar o governo de Fidel Castro em 1961. A ideia partiu de Nixon e foi concretizada com o apoio de Eisenhower, mas só foi levada a cabo depois que Kennedy assumiu a presidência. Em retrospecto, a ideia de um novo governo assumir a responsabilidade pela execução de uma investida secreta planejada por outra ‘equipe’ parece problemática. A responsabilidade de Nixon pelo treinamento de exilados cubanos pela CIA foi substancial e é discutida no livro de Nixon, *Six Crises*. E, no entanto, não é nenhuma imprudência supor que muitas atividades do nosso governo são passadas de administração em administração — examinando o passado, dá para ver isso na história da Guerra do Vietnã e, nos últimos tempos, no Iraque. O fracasso de Kennedy em 1961 para derrubar Castro e a bagunça criada a partir dos planos bem-calculados e depois alterados abruptamente provocaram muita irritação em Nixon e seus ‘correligionários’. É curioso observar que alguns dos participantes da CIA nesse caso iriam se envolver também com o Watergate.”

Os alunos me encaram com o olhar vazio. “Vocês já tinham ouvido falar disso?”

“Não”, diz o vegetariano.

Afrouxo um pouco a corda. Deixo a conversa se desviar do rumo. Falo da tendência da história de se repetir, da importância de saber quem você é, de onde você vem. Conversamos sobre história como narrativa, uma verdadeira história escrita nos níveis macro e

micro. Conversamos sobre como se aprende, como se pesquisa — o que significa investigar, explorar. Conversamos sobre o valor dos documentos históricos e como isso está mudando na era da internet e do armazenamento de dados em um disco rígido. Pergunto a que materiais eles se atêm.

“Ao material escrito”, eles respondem. “Tipo, quando estou saindo com alguém — ou brigo com alguém — eu salvo tudo que trocamos em termos de material escrito.”

“A gente não imprime”, diz outro. “Não é bom para o meio ambiente.”

Pergunto quais são as lembranças mais remotas que eles têm, quando se deram conta de que o mundo era maior do que imaginavam, e quem eles acham que é a pessoa mais poderosa do país. Em geral é um astro do esporte ou uma estrela de cinema — não o presidente.

Recordo-lhes que deviam estar trabalhando em um artigo que solicitei, no qual deveriam definir e descrever as próprias opiniões, comparando e contrastando seus pontos de vista com os de grandes figuras políticas.

“É difícil”, diz um dos alunos.

“Para algumas pessoas, sim”, declaro, levando a aula a um fim abrupto.

Volto ao carro — a cadela e a gata estão bem, mas o fedor está terrível. A gata, num surto de ansiedade, retalhou o banco de passageiro e o usou como banheiro. Vou para casa respirando só pela boca.

De volta à casa, há um bilhete enfiado sob a porta. “Uma grande surpresa te espera.” A casa ainda fede a dedetização. Pego produtos de limpeza e volto para o carro. Tiro de lá a gata e a coloco dentro da casa — torcendo para que ela não seja asmática — e limpo a merda e o banco rasgado da melhor maneira possível.

No porão, avisto uma espreguiçadeira de palha antiga e começo a arrastá-la para cima. Encontro ainda pelo caminho um velho saco de dormir. No quintal, improviso uma espécie de cama e adormeço, despertando somente quando Tessie late. Ao dar a volta na casa, percebo uma van branca parada na esquina.

A porta de passageiro se abre e um homem de traços asiáticos

desce com um papelzinho branco — um bilhete!

“Posso te ajudar?”, indago.

“Eu muito irritado com homem que vive aqui, você conhece?”

“Que homem?”

“O nome dele é Silver.”

“Sou o Silver.”

“Por onde você andava? Deixo centenas de bilhetes que nem um amante desaparecido.”

“O que é que você quer dizer com isso?”

“Tenho uma entrega grande para você. Passo semanas circulando com essa coisa. Devia te cobrar extra.”

“Que coisa?”

“As caixas com a sua vida estão no caminhão. Onde você quer que coloque?”

“As caixas com a minha vida?”

“Essa merda toda veio do seu apartamento”, o outro cara explica, abrindo a porta de trás do caminhão.

O homem e seu parceiro carregam caixas e mais caixas até a casa. Constroem uma muralha de caixas no canto da sala de estar e depois, quando trazem mais, formam uma espécie de instalação, uma caverna. O incrível é que todas elas são exatamente iguais — todas de papel cartonado branco, sem identificação, de trinta e cinco por trinta e cinco e trinta e cinco. Seja lá o que for dos meus pertences que não coubesse ali não seria devolvido. Assino o recibo da entrega e dou vinte dólares de gorjeta a cada um.

“Depois de tudo, é só isso que a gente ganha?”

“Perdi meu emprego”, declaro. “Minha vida está uma porcaria.”

Não consigo começar a desempacotar. Neste momento, preciso simplesmente seguir em frente. Retorno ao quintal. Depois que anoitece, volto para dentro da casa, preparo um sanduíche, pego cobertor e travesseiro e saio outra vez. Tessie não quer ir — encolhe-se na cama e se nega a sair.

Sozinho, durmo na espreguiçadeira do quintal. Nunca havia dormido ao ar livre durante a noite. É algo que sempre quis fazer, mas francamente tinha medo. A essa altura eu penso: “Qual é o problema?” Não tenho nada a temer — na verdade, agora me tornei o cara de quem sentem medo.

De manhã cedo, passeando com Tessie, ainda com as roupas do dia anterior, agora sujas e úmidas de orvalho, o policial da véspera me vê. Para a viatura e pergunta o que estou fazendo.

“Passeando com a cachorra”, eu digo.

“Onde é que você mora?”

“Ali”, eu digo.

Ele me acompanha até em casa e parece estranhar quando pego a chave reserva de baixo da pedra falsa para entrar.

“A maioria das pessoas não usa a chave reserva”, ele afirma.

Encolho os ombros e abro a porta. Tem um bilhete no chão. “Você é um puta mão de vaca. Você tem que pagar melhor.”

Mostro ao policial a instalação feita de caixas brancas da “Minha Vida”, faço com ele um passeio pela casa, o quarto do segundo andar, e explico a falta de abajures nas mesas de cabeceira. Aponto na direção do escritório de George, onde há montes de fotos de família, de quando “as coisas iam melhor”, independentemente do que isso signifique.

“Parece que você está no lugar certo”, o policial diz, na saída. “Se cuida.”

Um tempinho mais tarde, quando estou escovando os dentes, tenho uma sensação arrepiante, como se a água estivesse invadindo o lugar, como se eu estivesse afundando. Escovo, enxáguo, me olho no espelho. Sinto uma dor que se concentra na minha cabeça, no meu olho, e enquanto olho meu rosto se divide, metade dele parece cair, como se fosse chorar. Simplesmente desmorona. Tento uma careta, sorrio, um desleixado sorriso amarelo. É como se eu fizesse troça de mim mesmo, como se tivesse recebido uma dose de novocaína. Usando a ponta da escova de dente, cutuco o meu rosto, quase apunhalando, e não sinto nada. Parado ali, eu me dou conta de que estou meio desengonçado, meio como uma marionete pendurada. Movimento somente um braço. Saio do banheiro, tropeço. Tenho a sensação de que há um plástico em torno da minha cabeça; não é bem uma dor, mas uma espécie de liquefação o que sinto, como se algo derretesse e escorresse pelo meu próprio pescoço. Observo meu rosto continuando a despencar; fica totalmente flácido — envelheci mais uns cem anos. Quero mudar de expressão, mas não consigo.

Suponho que vá passar. Suponho que alguma coisa tenha entrado no meu olho, sabão, e que vá sumir sozinha. Saio do banheiro e termino de me vestir — tenho a impressão de que levo horas. Fico exausto. Não sei se me deito ou se continuo me mexendo. Me vem à cabeça que preciso de ajuda. A cadela me olha de um jeito estranho. “Aconteceu alguma coisa?”, indago. “Não entendo o que eu estou falando, você entende?”

A perna direita é como um elástico, sofrendo espasmos, explosões irregulares sob meu corpo. Quero ligar para o meu médico, mas além do fato de que não consigo me lembrar do número, não

pareço capaz de mexer no telefone. Tudo bem, eu penso, vou dirigindo até o hospital.

Saio de casa e entro no carro. Engato a marcha e então percebo que não estou com a chave e o motor não está ligado. Tiro o pé do freio e saio.

O carro desce a entrada da garagem.

Vomito no lugar onde estou parado.

O carro desce até a rua e fica no caminho de um carro em movimento. Acontece um acidente.

Sabe-se lá como, continuo parado na entrada, ao lado da poça de vômito.

O policial que aparece é aquele que me conhece do parque. “Como é possível você já estar bebendo a esta hora?”, ele pergunta.

Não consigo responder.

“Ele não estava no carro”, diz a mulher da casa ao lado. “Ele estava parado aí.”

Tento pronunciar a palavra “hospital”, mas não consigo; tento “ambulância”, mas é longa e densa; por fim, solto um “BURRO” claríssimo.

Faço um gesto, o gesto que faria num restaurante para pedir a conta, por favor. Faço um sinal de escrita e alguém me dá papel e caneta.

“Algo de errado comigo”, escrevo em letras grandes e trêmulas. O esforço me exaure, sou derrubado no chão, arrasado. Escuto alguém dizer: “A gente pode te jogar água”, e me pergunto se virei planta.

Ambulância. Alta demais. É tudo demais, uma agressão, uma ofensa. Rápido demais, devagar demais, nauseante, nunca me senti tão enjoado, e me pergunto, será que fui envenenado? Talvez seja o caso, talvez tenha a ver com o spray, talvez seja a caverna de caixas na sala de estar, talvez esteja emanando gases tóxicos, minha vida anterior está apodrecendo naquelas caixas e exalando gases tóxicos. E, enquanto penso nisso, preocupa-me que haja algo na minha lógica que não faça sentido.

Uma interrupção, um coágulo, um derrame, um pequeno vazamento na cabeça. Um raio-X, uma ressonância magnética, um pouco de sangue colhido, ativador de plasminogênio tecidual, arritmia, radiologia intervencionista, angioplastia cerebral, endarterectomia de carótida, stent.

Boto a culpa em George: George e sua mesa, George e a internet

banda larga. Ponho a culpa de tudo que está acontecendo em tudo, de passar muitas horas por dia sentado àquela mesa em torno das atividades nas quais embarquei ultimamente, tanto o esforço físico de subitamente fazer tanto sexo como também a tensão, o trauma. Ponho a culpa em George e na porra do armário de remédios de George. Como homem das “notícias”, meu irmão acreditava que precisava saber de tudo. Portanto, seu armário de remédios tem de tudo, de Viagra a Levitra, Cialis, Tadalafil, Revatio etc. A mistura de seu computador, seu armário de remédios e os acontecimentos das últimas semanas — a saber, o que aconteceu com Jane — causou uma espécie de mania, uma insanidade sexual que é interrompida de repente comigo deitado em uma maca do pronto-socorro.

Foi esse o grande ou foi esse o pequeno tremor, o aviso? Será que melhora — será que a sensação de estar em um sonho desaparece?

Uma enfermeira está ao lado da maca. “Senhor Silver. Tivemos um problema com o seguro. Parece que foi cancelado. O senhor está com a carteirinha de seguro válida?”

“Tessie.” Tento explicar que não há ninguém para alimentar e passear com Tessie. Ninguém dá atenção, ninguém faz nada até eu arrancar o tubo intravenoso. “Alguém tem que passear com a porcaria da cachorra.” Estão tentando me fazer deitar e perguntando se existe uma cachorra de verdade e explicando que há um programa em que voluntários cuidam dos bichos de estimação.

“Liga pro meu advogado”, peço.

Eles me trazem um telefone.

Não sei por que o número de Larry está estampado como um identificador de chamadas diante dos meus olhos — Train e Traub, 212-677-3575.

“Larry”, digo. “Diz para a Claire que estou tendo um derrame.” Faço essa declaração e ouço minha voz dizendo algo do gênero “Diz rapé que estou vendo um inhamé.”

“O quê?”, indaga Larry.

Esforço-me um pouco mais: “Será que você pode falar para a Claire que estou tendo um derrame?”

“É você mesmo?”

“Quem mais seria?”

“Você está me passando um trote?”

“Não”, eu digo. Ouço minha voz e a impressão é de que estou com pedras na boca.

“Não posso falar para ela”, ele declara. “Seria manipulação. E,

além do mais, como é que vou saber se você está mesmo tendo um derrame ou se é bebedeira?”

“Estou no pronto-socorro, Larry; estão me pedindo a carteirinha do seguro, e eu não paro de dizer ‘Não se preocupem, eu tenho seguro’.”

“Você não tem seguro”, afirma Larry. “A Claire te excluiu. Ela me pediu para te excluir.”

Vomito outra vez, espalhando vômito sobre a maca e os cabos do monitor cardiovascular.

“Como vocês ainda são casados oficialmente, talvez você consiga apelar. Você pode brigar por isso.”

“Não posso brigar por coisa nenhuma... mal consigo falar.”

“Talvez tenham um defensor público para os pacientes do hospital.”

“Larry, você pode fazer o favor de pedir à Claire que me mande uma cópia da carteirinha por fax”, digo, e a enfermeira pega o telefone.

“O senhor Silver não deve se exaltar. Ele sofreu um incidente cerebral. Exaltação decididamente não é recomendado no caso dele.”

Larry diz algo à enfermeira e ela me devolve o telefone. “Ele quer ter uma palavrinha final”, explica.

“Está bem”, diz Larry. “Vou cuidar disso, vou dar um jeito na situação. Pense nisso como um favor, pense nisso como o último favor que vou te fazer na vida.”

Será que Nixon teve que lidar com merdas como essa ou ele se entrincheirou com uma tigela de espaguete semipronto?

Penso na flebite de Nixon; o primeiro ataque em sua perna esquerda teria acontecido em 1965 durante uma viagem ao Japão? Penso nele no outono de 1974, pouco depois da renúncia, quando sua perna esquerda tornou a inchar e ele também teve um coágulo no pulmão direito. Fez a cirurgia em outubro, depois teve uma hemorragia e continuou hospitalizado até meados de novembro. De modo que, quando o juiz John Sirica intimou o ex-presidente, ele estava fisicamente incapacitado de testemunhar.

Esperando deitado pela minha vez na tomografia computadorizada, que imagino ser igual a um detector de mentiras cerebral, fico ainda mais convencido de que há uma ligação entre os coágulos de Nixon e o Watergate. E, sem pretensão de botar minha situação no mesmo nível que a do ex-presidente, tenho a certeza de que o problema com George seguido pela morte de Jane foi o que fez meu cérebro entrar em colapso.

Durante a tomografia, para relaxar, recapitulo a lista dos inimigos de Nixon.

1. Arnold M. Picker
2. Alexander E. Barkan
3. Ed Guthman
4. Maxwell Dane
5. Charles Dyson
6. Howard Stein
7. Allard Lowenstein
8. Morton Halperin
9. Leonard Woodcock
10. S. Sterling Munro Jr.
11. Bernard T. Feld
12. Sidney Davidoff
13. John Conyers
14. Samuel M. Lambert
15. Stewart Rawlings Mott
16. Ronald Dellums
17. Daniel Schorr
18. S. Harrison Dogole
19. Paul Newman
20. Mary McGrory

Sou internado em um quarto semiprivativo num andar monitorado. Tenho a ideia de ligar para o meu médico “de sempre”. Cada palavra é uma luta. Dou tudo de mim para explicar a situação. A secretária do consultório médico me diz que tudo está nas mãos de Deus e, além disso, o médico não clínica fora da cidade. E que, indo mais ao cerne da questão, ele está de férias. Ela pergunta se eu gostaria de ser transferido para o Death Israel quando o doutor voltar.

“O que é Death Israel?”

“O hospital ao qual o médico é associado”, responde a secretária do consultório.

“O nome me parece antissemita”, meu colega de quarto comenta, depois de escutar a conversa inteira.

“Espero já estar em casa quando ele voltar...”, digo, minha fala soando um pouco mais coerente e familiar.

“Se mudar de ideia, é só avisar”, diz a secretária.

“Nada pior do que realmente precisar de um médico”, afirma meu colega de quarto.

“Por que veio parar aqui?”, indago, embora ache que minha pergunta soe mais como “Por que você está aqui?”.

“O espetáculo acabou”, ele diz. “Meu tempo está se esgotando. Você percebeu que eu não estou me mexendo? Estou preso — tudo o que resta funcionando é o meu cérebro, ou o que restou do meu cérebro. Aliás, você se borrou nas calças ou fui eu?”

Antes que possa responder, a voluntária para assuntos caninos aparece. “Sou consultora dos Companheiros dos Amigos Peludos.” Ela puxa uma cadeira e pega um pacote de folhetos e formulários. “Você tem gato ou cachorro?”

“Os dois.”

“Se um desconhecido abrir a porta, eles atacam? Onde fica a comida e qual é a quantidade que eles podem receber diariamente? O cachorro fica bem durante a noite — ou você precisa de um companheiro noturno? A gente tem alunos que de vez em quando pernoitam.”

“Quanto tempo eu vou passar aqui?”, indago.

“É uma pergunta que você tem que fazer ao seu médico. Adoção também é uma alternativa, em certos casos.”

“Alguém me adotar?”

“Alguém adotar os bichos — se, digamos, você não for voltar para casa...”

“Para onde eu iria?”

“Para uma clínica de repouso especializada, por exemplo, ou um lugar...”

“Morte. Ela quer dizer morte”, o cara da cama ao lado declara. “Eles não gostam de ser diretos na hora de falar isso, mas eu posso ser, porque, como já falei, é para lá que eu estou indo.”

“Você não me parece muito doente”, digo ao cara. “Você está totalmente lúcido.”

Limpo a baba da minha própria boca.

“É isso que dificulta as coisas”, diz o cara. “Totalmente *compos mentis*, ciente de tudo, mas não vai durar muito tempo.”

“Você já pensou numa casa de repouso?”, a amiga dos peludos pergunta ao meu colega de quarto.

“Qual é a diferença — os quadros na parede? Todos fedem a bosta.” Ele leva a mão ao rosto. “Fui eu ou foi outra pessoa?”, ele questiona, e ninguém diz nada. “Minha mão ou a de vocês?”

“Foi a sua”, esclareço.

“Ah”, ele diz.

“Não querendo interromper...”, a voluntária peluda diz, “mas vocês dois têm o dia inteiro e eu tenho coisas a fazer”.

“O dia inteiro, ou não”, diz o agonizante.

“Quanto aos bichos — nomes, idades? Você está com a chave

da casa aí?”

“Tessie é a cadela, não sei a idade, e Muffin é a gata. Tem uma chave reserva debaixo da pedra falsa, à esquerda da porta da frente — uma chave falsa e dez dólares.”

O homem ao lado murmura uma melodia para abafar a conversa. “Informação demais”, ele diz. “Mais do que eu deveria saber.”

“E daí, você por acaso vai levantar da cama e roubar a minha casa?”

“Você pode anotar o que eu vou ditar?”, o homem agonizante pergunta.

“Posso tentar.” Aperto o botão do interfone e peço papel e caneta.

“Vai levar um tempo”, diz a enfermeira.

“Estou com um homem à beira da morte querendo se confessar.”

“Todo mundo tem suas necessidades”, ela retruca.

Cochilo. Durante o sono ouço tiros. Acordo pensando que meu irmão está tentando me matar.

“Não acertou em você”, o cara da cama ao lado me esclarece. “O tiro foi na tevê. Um policial veio te visitar quando você estava dormindo. Falou que volta mais tarde.”

Não me pronuncio.

“Posso te fazer uma pergunta? Você é o cara que matou a mulher?”

“Por que a pergunta?”

“Ouvi alguém falando do cara que matou a mulher.”

Dou de ombros. “Minha mulher está se divorciando de mim. Ela cancelou meu plano de saúde.”

Alguém entra e pergunta: “Qual dos dois pediu uma visita do padre?”

“Nós pedimos papel.”

“Ah”, exclama o cara. Ele sai e retorna com um bloco amarelo e caneta.

“Por onde eu começo?”, diz o agonizante. “Sem dúvida, certas questões permanecerão sem resposta. A dificuldade está no fato de não existir resposta para tudo — algumas coisas são incognoscíveis.”

Ele passa a desfiar uma história, uma narrativa complexa sobre

uma mulher — como eles se juntaram e depois se separaram.

A história é linda e eloquente, ao estilo de Salinger: eles não falavam a mesma língua, ela usava um belo xale vermelho e ficou grávida.

Tento anotar. Ao observar o que escrevo, percebo que não faz sentido. Não estou escrevendo em inglês. As marcas quaisquer que traço no papel não poderiam ser lidas por outra pessoa. Concentro-me em expressões recorrentes, faço desenhos, tento fazer um mapa — espalho rabiscos pela folha inteira, na esperança de ser capaz de organizá-la depois. Ele fala sem parar e, logo no instante em que chegamos ao ponto que imagino ser o final, o *dénouement*, o cara se senta de coluna reta. “Não consigo respirar”, ele diz.

Eu aperto o botão. “Ele não está respirando”, berro. “Ele estava rosa-claro e agora está vermelho, meio roxo.”

Pouco depois o quarto está repleto de gente. “A gente estava no meio da conversa, ele estava chegando ao auge da história e aí, de repente, ele se sentou e falou ‘Não consigo respirar’.”

Agora ele está salivando, asfocado, em apuros, e chegam mais pessoas, e é como uma plateia. Estão todos parados observando o cara.

“Vocês vão ficar aí olhando ou vão tomar uma atitude?”, pergunto.

“Não há nada que a gente possa fazer”, as enfermeiras afirmam.

“Claro que tem”, rebato.

“Ele pediu para não ser ressuscitado.”

Ele queria ter uma morte agradável. Mas olhem para ele. Está lutando como se fosse morrer sufocado.

“Nós não sabemos quando e como seremos chamados de volta”, uma delas declara, e então elas fecham a cortina que há entre as camas.

“Isso não é justo”, digo, arrastando meu corpo cambaleante para fora da maldita cama e abrindo a cortina.

Ele se debate e arfa e parece suplicar que alguém tome uma atitude. Apesar do emaranhado de cabos do monitor cardíaco pendurados no meu peito e minha dupla de tubos intravenosos, aproximo-me dele, minha bunda à mostra tirando as enfermeiras do caminho. E na minha cabeça ele me pede para atacá-lo, portanto é o que faço. Dou-lhe um belo golpe no queixo, desferindo-lhe um soco na barriga com toda a minha força.

Sua boca se abre, seus dentes voam e ele tenta tomar fôlego. “Essa porra dessa dentadura quase me matou”, ele diz.

“Você falou que não queria ser ressuscitado”, diz a enfermeira, indignada.

“Eu não falei que queria engasgar com essa merda de dentes

postiços.”

“Imaginei que fosse embolia. Você não achou que era embolia?”, uma enfermeira pergunta à outra.

“Me faz um favor, me manda para casa, porque lá eu posso pelo menos me matar com um tiro quando me sentir preparado.”

“Quer que eu ligue para alguém?”, a enfermeira oferece.

“Quem, por exemplo?”

“Um representante do hospital? A equipe de gerenciamento de crises, os defensores dos direitos dos pacientes? Um médico? Você que sabe.”

“Comece do alto e vá descendo”, ele diz. “E altere os meus formulários imediatamente. Está claro que vocês não sabem o que é não ressuscitar.”

Meia hora depois, uma mulher aparece com os formulários de revogação do pedido de não ressuscitar. “Pode levar um tempo para que a alteração entre no sistema, então o que você acha de colocar um aviso na sua porta?”

“Faça o que for preciso”, pede o homem.

“POR FAVOR SALVE ESTE HOMEM”, a mulher escreve no quadro de avisos pendurado na porta, que já lista nossos nomes, e que corremos RISCO DE QUEDA/SEJA CUIDADOSO.

No meio da tarde, a pessoa dos bichos regressa com fotos de Tessie e da gata sentadas ao lado de um rapaz bonito, no sofá de George e Jane. “Está tudo resolvido”, ela diz com alegria.

O policial do parque aparece — está uniformizado e traz um buquê Grande Abraço, do serviço de entrega de flores — flores com um urso de pelúcia agarrado à lateral do vaso. “Escuta, eu queria me desculpar — te tratei mal, você não merecia.”

“Ok”, eu digo.

O policial se senta na beirada da cama e entabulamos uma conversa fiada, e depois, quando realmente não temos mais nada a dizer, ele me informa que voltará outro dia.

“Foi doloroso de assistir. Ele deve estar no programa”, o colega de quarto diz quando o policial vai embora.

“Que programa?”

“Um desses de doze passos — Não Sei o quê Anônimos, Sabe-se Lá o quê Anônimos, Tudo Quanto É Anônimo Anônimos. O nono passo é reparar os danos que você causou.”

“Interessante”, comento. Fico tentado a lhe contar a história da vez que entrei de penetra numa reunião do AA, mas, dado seu

conhecimento sobre esses passos, imagino que seja melhor me calar sobre certas coisas.

Quando chega o jantar, não há nada para ele.

“Nada?”

“Você não está na lista de nenhuma das refeições, mas talvez eu lhe consiga uma bandeja de líquidos”, diz a moça da entrega.

Levanto a tampa de isopor do meu prato e considero o alimento principal irreconhecível.

“O que é isso?”, indago.

A moça da entrega dá uma olhada. “Isso aí é o nosso frango ao marsala.”

“Estou morrendo”, declara meu colega. “Não tenho nenhuma intenção de beber a minha última refeição, a menos que seja um ótimo uísque escocês.”

“Que tal uns cardápios de quentinhas da sala dos enfermeiros? Eles vivem fazendo pedidos.”

“Ótimo.” De repente ele fica satisfeito; mais que satisfeito: inspirado.

Ponho a tampa de volta sobre o meu prato para impedir que esfrie e aguardo os próximos acontecimentos.

“O que você vai querer jantar?”, ele pergunta, enquanto folheia os cardápios.

“Qualquer coisa menos comida chinesa.”

Entusiasmado, ele tira o celular de onde o escondera, debaixo das cobertas, e começa a discar. Sua capacidade de se mexer é limitada, mas tem uma missão. Primeiro liga para a lanchonete e pede dois cheeseburgers completos com fritas e picles extra, depois para a pizzaria para pedir uma média de calabresa, por fim para a delicatessen na qual pede arroz-doce e refrigerante de baunilha. Peço a ele que diga para colocarem mais umas barras de chocolate Hershey's com amêndoas. E quando o cara da delicatessen declara que o mínimo para entregas é de vinte dólares, ele diz ao cara que lhe dará uma gorjeta de cinquenta dólares se parar na loja de bebidas para comprar uma garrafa de um uísque tal. O homem diz que ele mesmo fará o serviço.

“Qual é o problema se eu pedir mais do que aguento comer? Estou morrendo, não preciso me preocupar com as sobras. E você, tem algo especial, que você anda morrendo de vontade de comer? Bem, sem querer fazer o trocadilho...”, o colega de quarto me pergunta.

Eu gostava de caviar, blini de queijo fresco, bomba de chocolate, e tem também o donut que comi talvez quarenta anos atrás de que não consigo me esquecer, uma rosca de laranja numa manhã de frio, na saída de uma seção eleitoral na eleição presidencial de 1972, que foi a comida mais próxima da perfeição que já comi. Mas a

verdade é que estou deitado numa cama de hospital e não sinto nenhum tipo de desejo culinário.

“Obrigado”, digo, “para mim, o que você escolher está bom”.

Aguardamos. Será que vão se lembrar de trazer ketchup e mostarda? Não seria melhor a gente ligar outra vez para pedir maionese? Partilhamos um devaneio acerca de nossa adoração por maionese, e ele pergunta se já comi batata belga com molho, bem fritinha, salgada e superquente? Já sim, e a descrição que ele faz já me mata um pouco da fome.

Demora mais tempo do que seria de se imaginar. Há um hospital a ser percorrido, procedimentos de segurança lá embaixo — será que os obrigam a abrir os cheeseburgers? —, elevadores, corredores.

“Você pode pegar minha calça no armário?”, o colega de quarto pede. Levanto-me devagar e caminho em direção ao armário dele, arrastando o suporte do soro e os cabos e meu pé esquerdo, que não me parece plenamente funcional. “Olha no meu bolso.”

Os bolsos dele estão cheios de dinheiro, maços de cédulas de vinte e uma carteira repleta de cheques de viagem, euros e libras inglesas.

“A impressão que dá é de que você saiu disposto a apostar tudo”, digo, tentando fazer piada.

“Das últimas vezes que saí de casa, fiz questão de passar num caixa eletrônico. Nunca se sabe o que vai acontecer e a pior coisa seria não ter dinheiro. A gente vive e morre num mundo movido a dinheiro — aonde quer que você vá, tem que dar gorjeta. Não faz sentido estar prestes a partir e receber um serviço péssimo quando você está nas últimas. Deixei o meu enterro pago anos atrás. Se quiser os euros, pode pegar.”

“Eu não estou de partida para lugar nenhum”, declaro, devolvendo as cédulas estrangeiras à calça.

Apostamos quanto tempo levará para que cada um dos entregadores nos ache. Saio vencedor com trinta e oito minutos, e o colega de quarto me dá cem dólares em “bônus” quando os cheeseburgers chegam. A pizza chega logo depois. “Nunca fiz entrega a um paciente, é legal”, diz o cara. “Bom, contanto que não seja contagioso.” O cara da delicatessen é o último a aparecer. “Queiram me desculpar pela demora, tive que achar alguém para ficar no caixa.” Ele entrega a sacola de gostosuras junto com o uísque. Meu colega de quarto esbanja mais cem para pagar a conta e lhe oferece um copo.

“Vou ter que recusar”, diz o cara. “Tenho que voltar ao trabalho. Mas estou curioso para saber o que você tem para estar de cama e pedir arroz-doce e uísque.”

“Estou morrendo”, diz o homem, “e sabe o que é incrível? Hoje

eu quase morri de verdade, estavam prestes a deixar que eu partisse, e agora que estou vivo, sinto-me ótimo, não como se eu fosse viver para sempre, mas já não vejo problema em morrer”. Ele faz uma pausa. “Estou morrendo”, diz ele. “Hoje eu falei isso mais do que nunca, e de repente virou um fato, uma coisa que está aí, tipo os futuros lançamentos no cinema.”

“Imagino que todos estamos morrendo”, diz o cara da delicatessen. “Quer dizer, mais cedo ou mais tarde, nós todos vamos embora.”

A mulher que entregou as refeições do hospital aparece para recolher minha bandeja. Ela fica para comer um pedaço de pizza e umas batatas.

Estou me deliciando com o cheeseburger: é uma combinação de ingredientes bastante acertada, aprimorada ainda pelas batatas salgadas e o toque azedo dos picles. Já estou muito além da saciedade quando pego um recipiente de arroz-doce e encho de uísque dois copos azuis de plástico fornecidos pelo hospital.

“Você quer que eu pegue gelo?”, pergunto.

“Canudo”, ele diz, “canudo seria uma boa”.

Levantamos a cabeceira da cama e ele se põe a sugar alegremente o uísque.

“Um pedacinho de chocolate não cairia mal”, ele diz.

Eu lhe dou uma barra inteira. “Viva à larga.”

Empanturrado, arrotando batata frita e picles e arrastando comigo o suporte do soro, levo o lixo para o lado oposto do saguão e o enfio numa lixeira. As enfermeiras parecem contentes com o fato de que estou circulando bem, puxando o lado letárgico do corpo, trajando uma camisola virada para a frente e outra para trás, o jeito chique de tapar a bunda.

Assistimos na tevê a um programa sobre policiais, e em algum momento entre dez e onze meu companheiro de quarto fica irrequieto, parece sentir-se desconfortável, e interfona à enfermeira para pedir Maalox. Ouço a voz dizer que não existe recomendação de Maalox no boletim dele. Ele pergunta se seus papéis já foram alterados.

“Foram”, ela informa.

“Que bom”, ele diz.

“O fato de ter sobrevivido não quer dizer que não estou morrendo”, ele me lembra.

Quando já passa da meia-noite, um ruído assustador me acorda. Meu colega de quarto está inclinado para a frente, olhos arregalados como

se tomado por um pesadelo apavorante. Chamo a enfermeira. “Corre”, é só o que consigo dizer. Antes de chegarem, ele já está estirado na cama, esmorecido.

Primeiro vem uma das enfermeiras e depois um punhado delas e o carrinho com desfibrilador. Elas correm, berram, quebram frascos de remédios, enchendo-lhe de injeções disso e daquilo. É brutal e aterrorizante, e a certa altura fica claro que, por mais que se esforcem, a situação não vai terminar da melhor forma. Depois de darem choques duas vezes e verem o corpo dele literalmente pular da cama — enquanto permanecem ao redor da cama feito abutres —, saio do quarto. Arrastando minha perna fraca, ando de um lado para outro do corredor, mas por fim volto para o quarto e me encolho ali no canto. São doze e quarenta e oito quando anunciam a “ocorrência”. Cobrem-no com um lençol limpo e saem, levando junto o carrinho mágico. Há entulho por todos os lados, seringas, gaze, invólucros de plástico. Ele jaz sob o lençol. Aproximo-me, nunca tendo visto um corpo que não respira. Reparo nos vincos do lençol limpo sobre ele. Seguro sua mão, toco em seu rosto, sua perna. O corpo dele ainda está quente, humano, mas oco, os músculos se desgarrando dos ossos, toda a tensão dissipada. Fico ali a sós com aquele corpo, e cerca de uma hora depois dois seguranças aparecem com uma maca e levam-no embora. Algo nisso é esquisito demais, estar aqui e de repente tudo se foi, acabou.

O quarto ainda cheira a batata frita.

Preciso conversar. Se eu ligar para a casa, o que vai acontecer? Será que a secretária com a voz da Jane vai atender? Se eu falar, suplicar, se eu tagarelar bastante, o cuidador do cachorro talvez atenda. Se eu latir, talvez Tessie lata de volta. Quero ligar para Tessie. Tessie e Jane.

Estou prestes a discar quando a enfermeira entra para me oferecer um sonífero.

“Não é fácil”, ela diz.

Aceito o comprimido. Ela põe água no meu copo sem perceber que está misturando com uísque. Não digo nada e engulo tudo, o sonífero, o uísque.

Ela fica até eu adormecer.

De manhã, a cama vizinha à minha está sem lençol e cobertor, o piso já limpo, toda a sujeira varrida.

Nem uma palavra é dita sobre a noite anterior.

No meio da manhã, alguém do hospital entra com uma sacola plástica e limpa o armário dele, a gaveta, e me pergunta: “Tem mais alguma coisa?”

“Tipo o quê?”

“Tipo... você não sabe? Tipo... você passou a noite inteira aqui com os pertences dele, quem sabe não pegou alguma coisa?”

“Tem uma garrafa de uísque; se quiser, é sua”, declaro. “Mas, se você estiver me acusando de furto sem prova nenhuma só porque eu estava na cama ao lado... então você passou muito do limite.”

“Ele podia ter mais alguma coisa, um relógio, anel?”

“Não faço ideia do que ele tinha ou deixava de ter.”

O cara me olha como se fosse o chefe do hospital, o tipo de valentão enviado para derrubar pacientes.

“Não sou obrigado a tolerar isso.” Levanto o telefone, disco “9” para linha externa e em seguida o número da polícia.

Ele parte para cima de mim para me tomar o telefone. “Dá um tempo”, ele diz, arrebatando o fone e batendo-o com força.

Um instante depois, quando o cara ainda está ali, o telefone toca, eu atendo. É a operadora da central da polícia retornando a ligação. Explico a situação. Ela me diz que, por eu ter desligado abruptamente, eles terão de mandar alguém para ter certeza de que não fui feito de refém, não fui forçado a dar declarações contra a minha vontade. O valentão me encara com incredulidade. “Seu merda”, ele diz. “Seu cretino de merda.”

“O que é que você vai fazer agora, vai me espancar?”

Ele me olha de novo, balançando a cabeça. “Você não tem senso de humor”, diz, indo embora.

Só depois de uma hora é que os policiais chegam — graças a Deus não era uma emergência de verdade.

“Você está bem?”, perguntam.

“Tão bem quanto seria possível nestas circunstâncias”, digo.

Um deles me entrega um cartão para o caso de eu continuar tendo problemas. “Você ficaria surpreso”, ele afirma, “com a quantidade de telefonemas que a gente recebe de pessoas no hospital, nos asilos, presas na casa dos filhos, violência contra idosos. É um problema sério”.

Nunca me considerei idoso. Uns minutos atrás, eu era um sujeito de meia-idade; agora, de repente, sou idoso.

Hoje é dia de faculdade. Só me dou conta disso quando uma

enfermeira entra e arranca duas folhas do calendário. “Às vezes a gente se atrasa”, ela justifica.

Telefone para a faculdade e digo que preciso cancelar a aula devido a uma morte na família.

É um alívio quando uma voluntária do departamento de fisioterapia vem me buscar.

Na fisioterapia recebo um andador — meu a partir de agora — provido de bolas de tênis verdes para deslizar melhor. A fisioterapeuta me diz que a função dela é me preparar para receber alta. “Normalmente, depois de uma situação como a sua, a pessoa passa umas semanas na reabilitação. Porém, como o seu seguro é um ponto de interrogação, eles não vão te prender muito aqui. Então você vai ter que fazer isso sozinho, em casa. A parte boa é que, no contexto geral, o que aconteceu com você é relativamente irrelevante.”

“Pareceu-me bastante relevante”, rebato.

“Numa escala de um a dez, o seu foi dois”, ela diz. “Acredite, seu castigo foi leve.”

Ela tenta me incentivar a mexer com um jogo com botões e zíperes — o que a princípio acho uma idiotice —, mas ao testá-lo fico surpreso com a impressão de que meus dedos não me pertencem mais. Tento os botões outra vez e por fim ela me dá outro jogo, maior, e dessa vez eu consigo. “Ótimo”, digo, “então é para eu fazer o quê, mandar colocar botão de palhaço em todas as minhas camisas?”.

“Ficariam bem estilosas”, diz a fisioterapeuta.

“Vou melhorar?”, indago. “Ou é assim que vai ser daqui pra frente?” Quem iria imaginar que vestir a roupa e subir quatro degraus seria tão difícil?

“Não entre em pânico. Leva tempo”, diz a fisioterapeuta.

Após uma hora de fisioterapia, estou exausto, e volto para o meu quarto sentindo muita solidão, com um convite em aberto para retornar mais tarde se quiser fazer outra tentativa.

O almoço me espera. Sopa de tomate com arroz, a mesma sopa de tomate com arroz que tomei na cantina enquanto aguardava notícias da Jane. É inevitável pensar que, caso tome essa sopa, jamais sairei daqui, entrarei num ciclo infinito de sopa de tomate e hospitais, e por isso simplesmente desisto dela.

Uma jovem entra no quarto. “Papai?”

“Você entrou no quarto errado.”

“Não”, ela diz, “eu estava esperando. Estava aqui e você tinha saído. Vim procurá-lo na Cama A, mas não tem ninguém na Cama A”.

“Sinto muito.”

“Ele foi para casa?”

Reparo que ela usa um xale vermelho. “Onde foi que você arrumou esse xale?”

“Ganhei de presente da minha mãe. Por quê?”

Por que tem de ser eu?

“Ele faleceu”, anuncio.

“Quando?”

“Ontem à noite.”

“Você poderia me falar sobre ele?”, ela pede. “A gente nunca se conheceu pessoalmente.”

“Tem uma coisa que o seu pai queria que eu te falasse.” Pego as folhas de papel e tento decodificar meus símbolos, preenchendo as lacunas com fragmentos do que lembro, mas não consigo anotar.

“Minha mãe morreu há dois anos. No meio da papelada dela estavam as cartas dele. Escrevi e ele nunca me respondeu, a não ser há pouco tempo.”

“Ele era adorável”, declaro. “Um cara interessantíssimo. Complexo e muito humano, com tudo o que isso acarreta. Eu tenho certeza de que ele se sentia mal pelo que quer que tenha acontecido, e sem dúvida foi mais complicado do que a gente seria capaz de imaginar.”

Um padre entra no quarto. “Recebi um telefonema porque alguém queria se confessar.”

“Ele morreu”, anuncio. “Será que tem um rabino?”

Ele tira um solidéu do bolso e o põe na cabeça.

Acho desconcertante, o solidéu e o colarinho.

No meio disso tudo, entra o médico. “Como você está, senhor...” Ele faz uma pausa para olhar o nome no boletim. “... Silver.”

“Nós já nos conhecemos?”, pergunto.

“Não”, ele diz.

A jovem se levanta, pede licença. “Vai levar só uns minutos”, explico, “os médicos nunca ficam muito tempo”.

“Vou tomar um café e volto”, ela diz, retirando-se.

“Agora sou só eu”, digo ao médico, “o outro cara morreu”.

“Às vezes não se pode fazer nada”, diz o médico. “Mas você está bem. Vai para casa em breve. Tem alguma pergunta?”

“Posso fazer sexo?”

Há um longo silêncio no ar.

“Eu desconfio que o que causou esse ‘incidente’ pode ter sido o

Viagra do meu irmão.”

“Como assim?”

“Eu estava tomando uma boa quantidade do negócio e, bom, tenho medo de ter queimado o fusível, por assim dizer.”

“Imagino que não, mas é uma suposição interessante. Vou tomar nota disso.”

“Então, posso fazer sexo? Posso tomar Viagra? Ou Levitra, ou o que diabos vier depois?”

“Eu daria um tempo”, recomenda o médico.

“Quanto tempo?”

“Digamos, se você conseguir ter uma ereção por conta própria, tudo bem, mas se você nesse momento tiver dor de cabeça ou se sentir mal, pare. Se você não conseguir ter ereção, o que pode ocorrer para um homem na sua situação — não para sempre, mas a curto prazo —, eu daria um tempo dessas durezas; desculpe pelo trocadilho. A questão é o grau de risco que você está disposto a encarar. Já conheci homens que, depois de uma situação dessas, ficaram tão apavorados que nem passava pela cabeça deles tentar fazer sexo. Outros tentam aqui no hospital mesmo — falam que é um ambiente ‘seguro’. Mas não fui eu que te disse isso. É extraoficial, claro.”

“Claro”, eu digo. “A verdade é que estou apavorado, de repente estou apavorado com tudo. Não me imagino tomando os comprimidos outra vez, nem me imagino com vontade de fazer sexo algum dia.”

“Melhor assim”, diz o médico. “Os homens precisam parar de se sentirem pressionados a funcionar. Não se cobre tanto.”

“O que eu realmente quero saber”, digo, fazendo uma nova tentativa, “é se vai parar por aí ou se isso foi um aviso. Vem mais problema por aí? Devo me preparar para o pior?”.

“A gente não pode prometer nada”, declara o médico, balançando a cabeça. “Suas artérias parecem boas, não tem nenhum coágulo escondido prestes a se romper e brincar de bolinha de gude nas suas veias. Você está em boa forma, ao que parece. Suponho que vá se recuperar totalmente, que volte ao trabalho na semana que vem. Tenho que ir”, ele diz, olhando para o relógio.

A moça retorna, café na mão.

“Você está cansado”, ela constata, lançando-me um olhar gentil.

“Estou.”

“Tem sido uma fase difícil para você”, ela diz, e não sei se ela

está sendo sarcástica ou não.

“Tem sim”, concordo. Como foi que ela descobriu o pai um dia depois de sua morte — onde ela estava ontem?

Penso em Nathaniel e Ashley perguntando-se aonde é que eu fui parar. Gostaria de saber se estão preocupados por eu não lhes ter dado notícias. Será que estão bem? Ligaria para eles agora, pois daqui a pouco posso acabar me esquecendo, mas não me recordo exatamente onde eles estão: quais são os nomes das escolas?

Imagino que deva ficar feliz por não ter me esquecido deles completamente.

No meio da tarde, sem nenhum aviso prévio, recebo alta.

“Tudo bem, senhor Silver, o senhor está liberado para ir embora”, diz a enfermeira. Minha impressão é a de que estou sendo expulso, e não liberado. “Sofri um derrame e você já está me mandando para casa?”

“O senhor sobreviveu, pode ir para casa, ser feliz. Temos gente mais doente que o senhor empilhada no pronto-socorro, esperando lugar. Tem um táxi aguardando o senhor lá embaixo.”

Não sei como ou por que, mas os meus bolsos estão cheios de dinheiro — dinheiro do meu colega de quarto. Não fiz isso, mas alguém fez — com toda a intenção. Só descubro quando vou pegar a carteira e acho uma pacoteira de notas de vinte. “É seu dia de sorte, camarada”, digo ao taxista, dando-lhe duas de vinte por um serviço de doze dólares.

“Nem vou perguntar nada”, ele diz.

O cuidador de cachorros se foi, mas deixou um bilhete: “Espero que esteja se sentindo melhor. Venho por volta das cinco para passear com Tessie. P.S.: Também ficarei contente em continuar trabalhando quando necessário — deixo o cartão com os valores dos meus serviços.” Dou uma olhada no cartão, enfeitado com desenhos de patinhas. Quinze dólares por passeio, cinquenta dólares por pernoite. Parece-me razoável.

Adormeço no sofá. A cadela e a gata se encolhem ao meu

redor. Ninguém recebe um bipe geral, não há códigos vermelho ou azul, não há odor antisséptico, nenhum indício de brócolis no vapor, apenas o silêncio da casa, o ruído do carteiro deixando coisas na caixa de correspondência, o conforto por Tessie estar ali de plantão. Ainda estou dormindo quando o amigo dos bichos aparece, às cinco da tarde. Ele me cobre com um lençol, passeia com a cadela e me diz que voltará de manhã.

“Nem sei como te agradecer”, digo.

“Não precisa.”

Assinto; minhas pálpebras pesam.

“Até amanhã”, ele diz.

À medida que escurece, uma espécie de medo gélido percorre meu corpo. Acendo todas as luzes e a televisão e me pego imaginando o que é que vou comer no jantar. Vou à cozinha, abro e fecho a geladeira e volto para o sofá.

No meio dos papéis da minha alta vejo um folheto sobre o Meals On Wheels. Ligo para o telefone: estão fechados hoje. Deixo um recado.

Então vejo um anúncio da Domino's Pizza que garante a entrega em trinta minutos. Eu telefono, peço pizza e Coca-Cola.

Enquanto espero a pizza, alguém retorna a ligação que fiz para o Meals On Wheels.

“Olha”, ela diz, “seu recado foi patético: você acabou de voltar do hospital; está morando na casa do seu irmão enquanto ele está ‘fora’, seja lá o que isso signifique. Mas nós não prestamos um serviço que você liga e desliga quando quer, que nem tevê a cabo. Existe todo um processo, é preciso se qualificar para o programa”.

Enquanto ela fala, algo em seu tom de voz faz com que eu me arrependa do telefonema. Rasgo o folheto do Meals On Wheels em milhares de pedacinhos. Ela continua: “A questão é...”, ela pausa, “o motivo para eu retornar sua ligação é que, se você não tiver comida em casa, eu posso entregar alguma coisinha”.

“Não precisa, não, obrigado”, declaro, querendo encerrar a conversa.

“Tem certeza?”

“Absoluta.”

“Sabe, existem várias alternativas para quem tem recursos. Muitos dos programas de dietas novos oferecem o serviço de entregas: The Zone, Home Bistro, Smart Food, Carb Conscious. Se esta noite você não precisa de nada, que tal eu pedir que alguém ligue amanhã e te assessorar na inscrição?”

A campainha toca — a pizza!

Desligo na cara da mulher quando ela ainda está falando e uso meu andador para ir até a porta. Tessie e eu fazemos uma dança

esquisita, por causa das bolas de tênis na base do andador e de nossa insistência recíproca de chegar primeiro à porta.

A pizza está mais para um papelão salgado com borracha derretida por cima. Devoro-a inteira.

Na minha primeira noite em casa, o psiquiatra de George telefona. “Peço desculpas por não ter entrado em contato”, ele diz.

“Eu também.” Tomo fôlego e estou prestes a lhe contar sobre o hospital, sobre o homem que morreu, sobre tudo, mas me contenho. Uma luz interna de prudência se acende.

“Tive uma pequena eventualidade”, declaro.

“Espero que tenha sido agradável”, ele diz.

“Não foi uma festa de casamento”, retruco, e não digo mais nada.

“Gostaria de conversar sobre a sua família.”

“Eu estava no hospital.” Apesar da minha vontade de não contar, o comentário sai como um vazamento, como uma coisa se evadindo: sai numa inalação, um engolido de palavras.

“Perdão?”, ele pede, sem ter ouvido.

Não me pronuncio.

Ele prossegue: “Como você se lembra, conversamos a respeito da necessidade de um histórico familiar mais completo. Tenho uns formulários que eu gostaria de lhe enviar por e-mail. Há campos para informações sobre seus parentes, onde eles nasceram, como viveram, histórico de doenças, hospitalizações, falecimentos.”

“Está bem”, digo.

“Você pensou em fazer uma visita a alguns dos parentes mais idosos? Gostaríamos de saber mais coisas.”

Pode chamar isso de advertência da mortalidade. “Eu também gostaria de saber mais coisas”, digo ao médico. “Vá em frente, manda os formulários que eu preencho de uma vez.”

“Maravilha”, diz ele. “Depois que você concluir esse processo, pensaremos numa segunda etapa, em trazer você para cá por um ou dois dias, mas isso só bem depois.”

“Tem mais notícias sobre a situação jurídica dele?”

“Não é a minha área. Talvez nosso coordenador possa ajudá-lo nessa questão.”

A ligação é irritante a ponto de me causar uma onda estranha de energia. Ao desligar o telefone, penso na minha mãe e me dou conta de que já se passaram semanas desde minha última visita a ela.

Ligo para a sala dos enfermeiros de onde ela fica. Peço para

falar com ela.

“Ela não está aqui no momento”, diz a enfermeira.

“Como assim, ‘não está aqui no momento’? Ela não devia estar no quarto? Está quase na hora de dormir...”

“Ela está numa aula de dança.”

Fico desconfiado. “Não só são nove e meia da noite como minha mãe nem consegue se levantar da cama.”

“Não é mais o caso dela.”

“Sério?”, digo, realmente surpreso.

“É. Foi uma combinação de fatores. Primeiro, arranjamos uma terapeuta nova, e sua mãe se encantou por ela. Então nós a colocamos na cadeira de rodas e começamos a levá-la em passeios pelos corredores. Além do mais, um jovem médico está com a gente fazendo uma pesquisa e sua mãe resolveu participar do estudo. Assim, ela está recebendo um novo coquetel de medicamentos e, apesar de não estar exatamente voando de um lado para o outro, está bem melhor.”

“Ela está andando?”

“Rastejando”, diz a enfermeira, deleitada. “Ela vive no chão, rastejando para lá e para cá, e ao que parece está adorando. A gente tem que tomar cuidado para não tropeçar nela... e eu pus no joelho e no cotovelo dela os protetores que meu filho usa no hóquei. Posso mandar uma foto, se você quiser.”

Ela me manda a foto por e-mail e, de fato, é a mamãe, no chão, rastejando corredor afora, como um caranguejo apressado.

Telefona para Lillian, a irmã caçula do meu pai, e ela concorda de má vontade em permitir minha visita.

“Tem alguma coisa que eu possa levar para você?”

“Um pouco de *borshtch* daquela loja na Segunda Avenida.”

Não menciono que estou a uma hora e quinze minutos da Segunda Avenida. “Que quantidade você quer?”, pergunto.

“Um dos grandes”, ela diz. “Aliás, traga dois — ponho um no freezer.”

“Mais alguma coisa?”

“Bom, já que você vai lá, me traz o que estiver com a cara boa.”

Minha mãe retorna a ligação. “A moça da recepção me ajudou a dar o telefonema”, ela esclarece. “Ela me falou que você estava me procurando.”

“Liguei para dar um oi e ela me falou que você estava na aula de dança — está tudo bem?”

“Tudo ótimo, estou recuperando os movimentos”, ela afirma.

“Vou fazer uma visita à Lillian”, declaro, e antes que possa me explicar ela me interrompe.

“Ela não está bem?”, minha mãe indaga, muito preocupada.

“Só queria vê-la. Tenho de encontrar resposta para umas perguntas.”

“É, bom, eu também preciso de resposta para uma ou duas perguntinhas”, diz minha mãe, de repente voltando à forma típica. “Cadê os meus brincos de pérolas? E a pulseira do conjunto que a sua avó me deu, que a Lillian pegou emprestado para usar numa festa e decidiu que era dela?”

“Sem dúvida nenhuma posso perguntar a ela sobre as joias”, digo.

“Não pergunte”, diz minha mãe. “Aja que nem ela agiu, abra a caixa de joias e pegue-as de volta. Depois você conta para ela, quando estiver em casa, a salvo.”

“Vou ver o que eu consigo localizar.”

“E, quando você estiver procurando, olha se não tem um colarzinho com uns diamantes e um rubi no meio — eu nunca soube se perdi ou se o seu pai penhorou para apostar nos cavalos.”

“O papai fazia dessas coisas?”

“Todos os homens fazem dessas coisas”, ela afirma.

Nervoso com a ideia de dirigir após ter tido o AVC, ligo para o motorista que nos levou ao funeral de Jane e pergunto se ele estaria disposto a me levar à casa de Lillian, esperar e me trazer de volta para casa. Ele me explica que é a isso que se dá o nome de “serviço por tempo”, setenta e cinco dólares por hora, mínimo de quatro horas. Eu o contrato. Ele me busca na hora marcada: passamos na 2nd Avenue Deli, que agora não fica mais na Segunda Avenida, e tomamos o rumo da casa de Lillian, em Long Island. Peço ao cara que estacione algumas casas antes, na esperança de evitar uma discussão com Lillian a respeito da minha condição.

Subindo devagar a entrada da garagem da casa, vêm-me à mente lampejos das festas de aniversário nos verões, fogos de artifício no Quatro de Julho, cachorros-quentes. As casas da rua tinham certa uniformidade, casas de tijolinhos à vista, todas bem parecidas, diferenciadas apenas pelo ano do Pontiac ou Buick estacionado em

frente. As casas de hoje são versões pioradas do que foram outrora. Algumas ganharam acréscimos, reformas, o que faz com que pareçam ter gerado tumores do tamanho de cômodos; outras foram aplanadas para criar espaço para monstros esteroides pós-modernistas. Salas de estar com pé-direito duplo e vestíbulos grandiosos substituíram as adoradas janelas salientes que davam a todas as casas do bairro, nos anos 1950 e 60, um jeito peculiar de aquário. Desembrulho as comidas na mesa da cozinha, perguntando-me: Será que a toalha encerada antiga que vejo ali, quase se desfazendo, é a mesma de trinta anos atrás? Lillian guarda as coisas como um rato apressado. É miúda, talvez tenha um metro e trinta de altura, e está mingando rápido.

“O que foi que aconteceu com você?”, ela indaga. “Você está todo machucado.”

“Acidente de carro”, declaro. Não consigo contar a ela sobre o AVC: me dá a sensação de que estou velho. “Belas flores”, elogio, indicando o vaso sobre a mesa.

“Tenho há anos”, ela diz. “São de plástico; lavo uma vez por semana com sabonete Ivory. Fica com isto aqui.” Ela me devolve um recipiente de *kasha*. “Não vou comer. Isto aqui também”, ela diz. “Não posso comer semente de papoula, nada de sementes, nozes e grãos pequenos — ou seja, nada de pipoca no cinema, nada de pistache. Tenho problemas de intestino.”

Do jeito como fala, fico tentado a fazer uma piada sobre “a vida andar tão ruim que mal vale a pena viver”, mas, dadas minhas experiências recentes com a precariedade da vida, começo a ter a sensação de que não devo fazer gracejos sobre o assunto.

“Seu irmão devia ter vergonha”, ela diz.

“É”, respondo.

“Ele tem?”

“Não. Acho que não.”

Sentamo-nos à mesa de jantar. Ela me serve uma xícara de chá Lipton, forte e muito gostoso. “Você toma com açúcar ou prefere adoçante?”

“Açúcar está bom”, digo. O açúcar parece estar no açucareiro faz tanto tempo que chega a ser granuloso, açúcar que muitas gerações de colheres molhadas tocaram, açúcar festivo, açúcar infectado — açúcar velho. Lillian sai da cozinha segurando um artefato, a lata de metal azul rotulada Danish Butter Cookies, que, se eu não fosse bem-informado, juraria estar na família havia gerações — quando os judeus partiram do Egito, levaram as latas de Danish Butter Cookies. E latas, que até onde sei nunca incluíam Danish Butter Cookies, viajavam de casa em casa, mas sempre, sempre, conseguiam voltar às mãos de Lillian. Em todas as famílias e tribos há uma pessoa responsável por guardar a lata, cuja função é incomodar entoando

“Não se esquece da minha lata”, ou “Como você pôde se esquecer da minha lata? Você não vai levar mais nenhuma. Não faço biscoito sem essa lata aqui para guardá-los. Sem a lata, os biscoitos vão apodrecer”.

Os dedos compridos e franzinos da tia Lillian viram e reviram a tampa fina de metal; o conteúdo colide ali dentro — aprisionado. As mãos de Lillian têm manchas de leopardo devido à idade; seu cabelo ralo, pintado num vermelho intenso artificial, está fixo no alto da cabeça como uma palha de aço enferrujada.

Ela enfim consegue abrir a lata; restaram apenas uns dez biscoitos. “Não faço mais tantos biscoitos quanto antigamente”, ela explica.

Pego um, dou uma mordida: duro como pedra, assim como um pão de amêndoas da culinária judaica. “Bom”, elogio, de boca cheia.

“A última vez que te vi foi no enterro do seu pai”, ela diz.

Mergulho o biscoito no chá; a segunda mordida é melhor. Termino o biscoito e, quando faço gesto de pegar outro, Lillian tira a lata de perto de mim e põe a tampa. “Tenho que racionar”, ela esclarece. “Não asso biscoitos com frequência; a bem da verdade, é capaz de esta ser a minha última fornada.”

“Fale sobre o meu pai”, peço, e é como se, após exalar a palavra “pai”, na tomada de fôlego seguinte eu inalasse o cheiro mas também a fisionomia dele, como logo depois de sua morte, cinco ternos pendurados no armário, seu tônico capilar um troço gorduroso, de aroma apimentado, que ele jogava nas mãos, passava no cabelo e o penteava para trás. Deixava manchas, que minha mãe chamava de “gordura”, nas fronhas, no sofá, nas poltronas da sala de estar, em qualquer lugar onde encostava a cabeça.

“Gerente de segundo escalão”, solta tia Lillian, “é a única coisa que ele foi na vida. Tinha sempre alguém acima a quem ele odiava e alguém abaixo em quem ele descontava. Vendia seguros. Sua clientela estava no templo da congregação. Depois, mais tarde, ele passou para os investimentos. Se você questionasse qualquer ato do seu pai, ele estourava — ele conseguia fazer as coisas à própria maneira porque deixava todo mundo com medo”.

Assinto. O que ela diz faz jus às minhas lembranças, mais obscuras.

Ela prossegue: “Agora, o meu marido, ele não gostava da família, achava que era crítica demais e pouco instruída. E tinha razão. Seu pai discutia com o Morty e só parava quando reduzia o Morty a pó — não importava se estava certo ou errado.”

Balanço a cabeça.

“E então o Morty partiu. Eu nunca disse isso, mas ponho grande parte da culpa no seu pai”, ela diz em tom enojado, numa espécie de cuspe veemente, como se revelasse um segredo muito bem-

-guardado. “Seu pai era assim, sempre precisava de atenção total e agia feito uma criança quando não se via nessa condição. É por isso que ele e o seu irmão nunca se entenderam — eram iguaizinhos. E você”, ela diz, balançando o dedo retorcido para mim, “você ficava quieto que nem um retardadozinho”.

Não me pronuncio. Até onde lembro, ninguém jamais se referiu a mim como um “retardadozinho”.

“Aconteceu alguma coisa, teve alguma razão para nós rompermos com a sua família?”, pergunto, registrando o comentário de que sou retardado na margem do bloquinho que estou usando para fazer anotações.

“Eu e sua mãe tivemos uma briga.”

“A minha mãe?”

“Eu sei o que você está pensando — que ela era uma pessoa fácil de lidar... mas ela aprendeu uns truquezinhos com o seu pai.”

“Qual foi o motivo da briga?”

“*Kneidl*.”

Ergui os olhos para ver se ela estava brincando. Lillian me olhava como se dissesse: mas não é óbvio?

“Uma guerra de *kneidl*”, ela declara. “Deve ser preparado com a sopa ou em separado? Qual é a consistência ideal, fofo ou consistente?”

Eu a encaro, esperando mais, esperando uma resposta. “Sua mãe achava que a resposta dela, qualquer que fosse, era a certa e demonstrava que ela era uma judia melhor. E, francamente, levando isso e o seu pai em consideração, achei que não valia a pena continuar mantendo contato. Não é porque a gente não fala contigo que a gente não conversa entre nós.”

Estou prestes a perguntar quem da família ainda está vivo, mas ela me interrompe abruptamente.

“E depois teve aquele episódio de vocês, crianças, na sala de recreação.” Ela me lança aquele olhar de novo. “Você está se fazendo de bobo ou é bobo de verdade?”

Sem saber a que ela se refere, recuso-me a responder.

“Seu irmão fez uma cirurgia no meu filho”, ela diz, como se me oferecesse uma dica, uma bobagenzinha para reavivar minha memória.

“Que tipo de cirurgia?”

“Ele fez uma recircuncisão, usando um compasso, um transferidor e cola Elmer’s.”

Recordo-me vagamente de alguma coisa. Foi em uma das festas judaicas e todas as crianças estavam brincando lá embaixo. Tenho uma lembrança de trinta watts de estar no chão, num tapete com os primos, e haver uma partida disputada de Banco Imobiliário

com compras e vendas extraoficiais de imóveis e hotéis. Enquanto jogávamos, meu irmão e meu primo Jason faziam alguma coisa esquisita em cima da mesa do meu pai. Lembro-me de ter pensado em como era típico de George convencer alguém a fazer o que não devia para que ele se deleitasse. A sala de recreação era ao mesmo tempo sala de brinquedos e escritório, com a parte do escritório separada por arquivos e uma divisória branca, portanto não dava para eu ver o que ele estava fazendo, mas sabia que era esquisitice.

“O Jason ficou bem?”

“Ficou, os danos físicos foram poucos — um cortezinho, muito sangue e uma visita ao cirurgião plástico —, mas agora ele é gay.”

“Você está dizendo que George levou Jason a virar gay?”

“Alguma coisa fez ele virar gay. Eu não acho que alguém nasce gay, você acha? Alguma coisa acontece, um trauma que te leva a esse caminho.”

“Tia Lillian, tem muitos gays que diriam que nasceram assim, e realmente existem algumas teorias sobre níveis hormonais intrauterinos...” Prossigo, perguntando-me como sei disso; deve ter sido algum artigo que li. O que estou falando é claramente irrelevante diante da crença de tia Lillian. “O que os meus pais falaram sobre o incidente?”

“Nunca contei para eles. Jason me fez jurar que eu guardaria segredo; ele se sentiu tão humilhado”, ela afirma. “George só parou porque alguém foi lá embaixo para dar uma olhada em vocês.”

“Quem foi que desceu?”

“A tia Florence.”

“E o que foi que ela viu?”

“Ela não viu nada, mas George ficou com medo e parou.”

“E o que o seu marido falou?”

“Ele não estava presente”, ela responde, “o que só serviu para piorar a situação”.

“Onde ele estava?”

“Boa pergunta”, ela diz, e não diz mais nada. “Não havia desculpa”, ela decreta.

“Nenhuma”, concordo.

“A última vez que te vi foi no enterro do seu pai”, ela repete a fala do começo.

“Você poderia me ajudar numa coisa?” Eu pego um esboço de árvore genealógica. “A gente precisa preencher isto aqui.”

“Preencher uma árvore genealógica? Você vai me pagar pelo tempo que vou gastar? Não deveria receber algum tipo de recompensa?”

“Eu te trouxe *borscht*”, digo. Ela faz um gesto desdenhoso e aproxima sua cadeira da minha para ver os formulários e meu

bloquinho amarelo com anotações.

“Quantos anos você tem, tia Lillian?”

“Mais do que aparento; tenho oitenta e oito, mas vivem me dizendo que pareço ter setenta e poucos.”

Juntos, preenchamos a árvore genealógica. A certa altura, ela pega uns álbuns de fotos antigas de família, a prova palpável, e vai de página em página, contando os podres de todo mundo.

“Seu pai tinha muitos problemas relativos à masculinidade.”

“Você está querendo dizer que ele era um enrustido?”

Ela dá de ombros e faz uma careta. “Vai lá saber quem é ou não é?”

“Teve algum criminoso na nossa família?”, questiono.

“Mas claro”, ela diz. “Vários. Teve o tio Bernie, que foi morto a facadas num jogo de cartas.”

“Por quem?”

“É o que todo mundo sempre quis saber.”

“E o que foi que aconteceu com a tia Bea?”

“Morreu”, ela diz. “E você sabe que ela teve três filhos? Mas nenhum deles passou dos quatro anos; chamavam de morte no berço, mas a sua mãe e eu tínhamos nossas dúvidas — nunca deixávamos vocês sozinhos com ela.”

“Parece improvável mesmo: judeus não matam os filhos, só os enlouquecem.”

“A encrenca corre no sangue”, ela declara.

“Do que você está falando?”

“O gênio do seu pai. Você é tão crédulo assim? Você achava mesmo que a sua mãe tinha feito plástico no nariz? Foi o seu pai que deu um soco nela.”

Sabia exatamente do que ela estava falando, e ela tinha toda a razão — minha mãe tinha quebrado o nariz, mas imaginei que tivesse sofrido um acidente qualquer.

“Por quê?”

“Vai saber”, diz Lillian. “Às vezes ele surtava.”

“Não era isso o que eu esperava.”

“Seus pais protegiam você e o seu irmão. Seu tio Louie era outro, um imprestável que estava sempre tentando se dar bem. E a mulher dele, pobre coitada, de caso com o contador do templo.”

“O cara das perebas — será que eram bolhas ou verrugas?”, comento, de novo me recordando vagamente.

“Eram lipomas, e ele era um cara bem legal, mais legal do que o Louie, mas nem por isso ela estava certa. Ele era casado. A mulher dele era uma muda do pé torto; ele a ganhou numa partida de pôquer.”

Não consigo conter o riso.

“Não entendo qual é a graça. Ele amava a mulher, cuidava muito bem dela, e tiveram quatro filhos.”

“Você se lembra de que a gente sempre comemorava os Dias de Penitência juntos, o Rosh Hashaná e o Yom Kippur, e aí, de repente, isso parou de acontecer?”, pergunto.

“Sim”, ela diz. “É claro. Foi tudo por conta do *kneidl*.” Lillian faz uma pausa e então me olha, cheia de pena, frustração, desprezo. “Por que você não assume a responsabilidade pelo que a sua família fez? Eu esperava que a sua visita fosse para pedir desculpas.”

“Me desculpe.”

“Pelo quê?”

“Por qualquer situação que aconteceu em que você se sentiu ofendida ou injustiçada — peço desculpas. Mil desculpas.”

“Não sei bem se você está falando sério.”

“Bom, eu não sei bem se eu entendi exatamente o que aconteceu, mas o fato de você ter ficado magoada... peço mil desculpas por isso. Vim aqui de coração aberto. Não dá para eu pedir desculpas por algo que não fiz.”

“Você veio porque não tinha mais aonde ir. Se tudo estivesse indo de vento em popa, a gente nunca mais teria notícias de você.”

Não me sinto muito bem. Suas acusações, a tensão, a porcaria do dia como um todo, com o longo percurso até a cidade para comprar a sopa, o trajeto até ali, a fadiga, as descobertas, isso tudo foi demais — excessivo. “Tia Lillian, preciso ir agora, mas se você quiser posso voltar depois.”

“Não há necessidade”, diz Lillian. “Mande lembranças à sua mãe. Onde ela está?”, indaga, como se tivesse se esquecido.

“Ela está num asilo.”

“E qual é o estado dela?”

“Ela parece estar melhorando.”

“Diga a ela que peço desculpas pela sopa: tudo bem cozinhar as bolas na água antes ou dentro da sopa — no final das contas, que diferença faz?”

“Obrigado”, digo. “Vou falar para ela. Aliás, ela queria que eu te perguntasse sobre um par de brincos...”

Lillian ergue os braços. “Essa porcaria de novo, não. Era esse o cerne da questão? Você veio até aqui para fazer as pazes, você me traz sopa e, então, quando a gente está se despedindo, você dá o golpe de misericórdia? Eu devia ter imaginado...”

Ela sai do cômodo pisando alto. “Tia Lillian”, eu a chamo. “Eu não queria te aborrecer, só perguntei porque a minha mãe pediu.”

Ela volta com a antiga caixa de joias. “E você faz tudo o que a sua mãe pede?”

Ela põe a caixa na mesa, abre e pega os brincos de pérolas, a

pulseira e o colar de rubi.

“Ela estava na dúvida se tinha perdido esse aí.”

“Seu pai vendeu para mim”, ela explica. “Dá para imaginar, ele me vender as joias da mulher dele? Queria que continuassem na família.”

Lillian me entrega o que minha mãe queria e vai além. “Algumas foram presentes da sua mãe, outras ela queria que eu guardasse por garantia, mas não quero, não quero que elas fiquem pesando na minha consciência, não quero saber de nada disso, nunca quis.”

Ela segura a minha cabeça com as duas mãos, me puxa para que fique à sua altura e me dá um beijo molhado. “Você continua um retardadozinho”, ela declara, empurrando-me em direção à porta.

Quando falo com Nate, uns dias depois, ele pergunta: “Você vem para o nosso Dia de Esportes de Inverno?”

“Se vou?” Estou só começando a me sentir normal outra vez, ou não exatamente normal, mas dentro do que tomou o lugar da normalidade no último mês, mais ou menos. Não posso afirmar que me sinto eu mesmo; na verdade, não consigo me lembrar de como eu me sentia, e o que “eu mesmo” poderia significar.

“Meus pais sempre vêm para o Dia de Esportes de Inverno”, declara Nate.

“Quando é?”

“Neste fim de semana. Começa no sábado de manhã e acaba depois da igreja, no domingo.”

“Os judeus vão à igreja?”

“É não confessional”, ele esclarece.

“Igreja quer dizer que é cristã.”

“Eu gosto”, ele diz.

“Eu levo a cachorra?”, indago.

“Não, alguém fica com a cachorra.”

“A Ashley vai?”

“Eles não te deixaram um manual, alguma coisa com instruções?”

“Nada”, digo. “Estou voando às cegas. Vou descobrindo — só preciso saber dos parâmetros. Quer que eu leve alguma coisa para você — alguma coisa de casa?”

“O quê, por exemplo?”

“Seu casaco preferido, seu exemplar de *O apanhador no campo de centeio*?”

“Não”, ele responde, como se a pergunta fosse estressante. “Já tenho o que eu preciso.”

Um fim de semana no campo me parece bom — um pretexto para sair deste inferno. Não sei o que aconteceu, mas estou totalmente preso no mundo de George, preocupado com a possibilidade de que, se eu me ausentar por um instante, o que restou vai desmoronar.

Enquanto Nate e eu conversamos, procuro a escola no Google: é bem mais prestigiosa do que eu imaginava. Dentre os ex-alunos há vários membros da equipe e do Gabinete de Nixon.

“Você conhece alguém na escola de sobrenome Shultz?”

“Tipo o Schulz do *Peanuts*?”

“Não”, esclareço. “E quanto a Blount? Ou Dent?”

“Quem são?”

“Notas de rodapé da história.”

“Não me vem ninguém à cabeça”, diz Nate.

“Não tem problema. Eu te vejo no sábado”, confirmo, para em seguida desligar.

A página da escola na internet conta com uma lista de acomodações na região; começo a ligar, mas todos os hotéis e pousadas estão cheios. Quando falo com a mulher do Wind Song, já estou me imaginando dormindo no carro. Tudo bem, eu levo uns travesseiros, o saco de dormir, cobertores extras, um pouco de Ambien, e acho um lugar seguro dentro do campus.

“Será que você pode tentar me ajudar?”, imploro. “Não posso decepcionar o menino, eu sou a única coisa que ele tem, a mãe dele morreu, o pai está preso a sete chaves — você pode me dar alguma ideia?”

“O quarto da minha filha”, diz a mulher. “Não é comum a gente alugar, mas tem uma cama de solteiro, o senhor pode usar o quarto — cento e cinquenta por noite, café da manhã incluso, banheiro compartilhado.”

“Perfeito”, digo.

“Na verdade...”, ela diz, fazendo pausas — e ouço vozes ao fundo — “eu me enganei, são cento e oitenta por noite. Como falei antes, a gente não costuma alugar o quarto, mas o meu marido acabou de me lembrar de que da última vez nós cobramos cento e oitenta. O colchão é novo.”

“Posso te passar o meu cartão de crédito?”, eu digo, temendo outro aumento de preço caso não aja rápido.

Decidido a me sair bem no papel de pai substituto, pego uma gravata, sapatos e casaco esportivo emprestados do armário de George e parto às seis em ponto da manhã de sábado. Levo duas horas e vinte minutos para me arrastar até a fronteira de Massachusetts. No portão da instituição acadêmica, pais em peruas Mercedes e carros esportivos que servem de brinquedinho nos finais de semana são encaminhados ao edifício principal, onde são servidos café e bolo dinamarquês. Rapazes de nomes como Scooter e Biff cumprimentam os familiares, dando abraços bruscos nos pais com roupas de cotelê e beijos corteses nas mãos vestidas de feltro de lã. Todos têm o mesmo rosto em formato de coração, plenamente americano, impenetrável. Há quatro asiáticos, três negros, e a diversidade termina aí.

A escola é disposta como um antigo vilarejo inglês e faz com que a faculdade onde leciono pareça uma escola profissionalizante urbana enterrada em um dos cinco distritos que poderia no máximo ensinar homens e mulheres a trocar o óleo do carro e a consertar televisores. O prédio principal é uma mansão, grandiosa, imponente, com enormes retratos a óleo dos fundadores da instituição pendurados no alto das paredes, imensos arranjos florais sobre cômodas de madeira antigas. Tudo é escuro — tem muitos painéis de madeira escura, carregada, passagens secretas, velhos sofás e poltronas de couro. Sobre mesas compridas cobertas com toalhas brancas engomadas, organizaram um belo banquete. Nate me acha na fila do café; fico contente ao ver um rosto conhecido.

“O bolo dinamarquês está uma delícia, você devia provar”, sugiro, sem saber se o protocolo manda que eu o abrace ou não — supponho que não.

“Já provei”, ele diz. “Fazem todo fim de semana. Tem um confeito na equipe.”

“Como foi que você veio parar nesta escola?”, sussurro.

“Você está querendo perguntar o que um fracasso como eu está fazendo aqui?” Ele se cala. “Eu me dou muito bem nas provas, e papai era ‘alguém’. O presidente do conselho da instituição é um ex-aluno bem participativo.”

“Você tem amigos aqui?”

“Tenho”, ele diz. “Sou feliz aqui, mais do que em casa.”

“E a Ash também está num lugar que nem este?”, indago, mastigando um bolinho de canela.

“O dela é diferente. As meninas moram em casinhas, não em alojamentos. É um pouco menos competitivo, mais acolhedor.”

“A sua mãe se saiu muito bem na hora de escolher o lugar certo para vocês dois.” Enfio um bagel com cream cheese embrulhado em guardanapo de pano no bolso do casaco esportivo. Minha mão esbarra em alguma coisa. “Tessie mandou isto aqui”, digo, pegando uma tira de couro toda mascada do bolso e entregando-a para Nate. Ele sorri. Ao sairmos do prédio, ele aponta para a biblioteca: “Temos cerca de um milhão e meio de livros e um eficaz sistema de empréstimo entre bibliotecas.”

“Melhor do que a maioria das faculdades pequenas e que o lugar onde leciono”, declaro.

“Espera só para ver a piscina”, anuncia Nate.

Do lado de fora do ginásio, um homem vestido de bobo da corte entrega rolos de pergaminho amarrados com fita, algo similar ao que distribuiriam em Roma muito tempo atrás.

“É a programação de hoje”, explica Nate. “Começa com a abertura — antigamente era o disparo da primeira flecha, agora é o canhão do diretor. Ele é da Escócia.”

Instantes depois, ouvimos o som grave das gaitas de fole e um par de gaiteiros cruza lentamente a colina diante de nós, seguido pelo diretor, que marcha de kilt xadrez, levantando e abaixando o cetro, marcando o compasso. “Ele está nu debaixo disso aí”, Nate sussurra, “é a tradição. E ele é bem-dotado que nem um cavalo e faz questão de que todo mundo saiba”. Do outeiro relvado, o canhão é disparado, e por conta do reflexo me abaixo. “Que comecem os jogos”, declara o diretor.

“Você pratica algum esporte?”, de repente me ocorre perguntar.

“Claro”, diz Nate, “hóquei no gelo, lacrosse, tênis, estou no time de esgrima, e natação — a gente vai praticar os dois hoje. Também faço corrida com barreiras e pratico ginástica olímpica no cavalo com alças. E nos inscrevi na escalada para pais e filhos”.

“Nem sabia que você gostava de esporte”, digo. De fato, só o tinha visto jogando videogame.

No ginásio, os treinadores nos lembram de que “essas partidas têm o objetivo de ser demonstrações dos nossos programas e não

competições. Dentro da instituição, trabalhamos para formar equipes para que nossos garotos criem vínculos”. Os treinadores vomitam frases feitas como “ambiente de sucesso” e “um prêmio para cada jogador, medalhas para todos os participantes”. Mas, apesar do discurso dos treinadores, é visível que todo mundo está de olho em quem vence e quem perde.

“Qual é o seu?”, um dos pais me pergunta, inclinando a cabeça em direção ao grupo de meninos.

“Estou com o Nate”, declaro.

E sinto o recuo teoricamente imperceptível. “Ah, sim”, ele diz, e não se pronuncia mais; todos sabem o que aconteceu.

Olho para Nate — alto, desgrenhado. Os outros meninos têm várias formas e tamanhos e conjuntos de espinhas. Nate é um dos mais bonitos, atraente de um jeito que os outros não são. No esporte, não é o melhor nem o pior; o que está claro é que é ele que todos querem no próprio time. É um jogador confiável, consistente, verdadeiro, sem necessidade de sacrificar o time em nome da satisfação pessoal. Tenho uma sensação estranha de orgulho, uma alegria no peito, um refluxo agradável ao ver Nate na piscina competindo no nado borboleta. Estremeço durante a prova de corrida com barreiras, quando o outro garoto se lança, “atacando” Nate, e os organizadores dão ordens para que deem a “agressão” por encerrada.

No almoço, vários garotos com as mães param na nossa mesa. “Se um dia você precisar de um lugar para passar as férias, vem esquiar com a gente”, uma mãe diz. Outra aperta o ombro dele e pergunta: “Como você tem passado?”

“Estou bem”, diz Nate.

“Claro que está”, ela diz.

Estou comendo minha segunda fatia de torta, só porque ela está na minha frente, porque eu podia escolher entre quatro tipos de torta e dois me pareceu um número razoável. Estou comendo torta quando Nate me informa sobre a escalada de pai e filhos.

“É logo depois do almoço”, ele diz, lançando um olhar para meu prato.

“É a tradição”, digo em tom sarcástico enquanto afasto de mim as guloseimas. Tarde demais, uma fatia inteira de cheesecake e metade da camada de chocolate já se foi.

“É”, diz Nate. “É feita numa parede sintética de três andares de altura. Ninguém espera que os pais consigam chegar até lá em cima, mas alguns conseguem — mesmo que o esforço seja de matar, tem uns que sempre superam as expectativas.”

“Não vai ser eu”, digo sem rodeios. “Que tal eu ficar lá embaixo te assistindo?”

“Não pode”, diz Nate. “É cem por cento participação.”

“Sofri um derrame leve recentemente e tenho que evitar esforço excessivo”, explico.

Nate me olha, preocupado, de repente frágil.

“Eu estou legal”, afirmo. “Só tenho que tomar alguns cuidados.”

“Você tem que basicamente manobrar seu próprio peso”, ele explica. “Isso pode? Tem cadeirinha e freio, então você não tem como cair.”

“Nunca fui exatamente um atleta”, digo.

“Pode acreditar, esses caras aí também não — eles são uns fanfarrões.”

Está virando um impasse — meu pavor de esportes, de ter que me exhibir ou, pior, de não ser capaz de me exhibir, diante de todas aquelas crianças e pais, aquilo está me irritando. “Papai também nunca participava”, comenta Nate, aborrecido.

“Por que não?”, indago; estou surpreso.

“Não tinha nenhum motivo. Eu inscrevia a gente todo ano, mas sempre acontecia de ele não poder — um telefonema que ele precisava atender, um troço distendido, outro troço torcido.”

“Eu vou”, anuncio, encontrando inspiração no fato de que George nunca o faria.

O professor de escalada ajusta a cadeirinha para cada um de nós. Recebemos uma aula sobre o funcionamento das cordas. Passa a impressão de que é tudo simples, fácil — estou suando. Os outros homens não parecem nem mais nem menos capazes; uma adesão de última hora é um cara robusto de óculos escuros e vestido como se tivesse saído de casa de ceroula preta — ou a ceroula de outro homem, porque está justa demais. Não está usando nada por baixo — o pau e as bolas estão amassados, tudo muito explícito. Não consigo não olhar, e então me pergunto: será que esse pavoneado todo é normal por aqui?

Quando chego a um metro e vinte do chão, rezo para que Nate, que está segurando minha corda, seja mais forte do que parece, e que, quando eu despencar, ele não saia voando pelos ares como uma gangorra escangalhada. Estou ao mesmo tempo desafiando a gravidade e plenamente ciente da força da gravidade.

“Usa os pés”, Nate aconselha, instruindo-me lá de baixo.

Tateio à procura das saliências das pedras de mentirinha para usá-las como alavanca; são lisas como soleiras de porta. Seguindo em frente, subo mais uns centímetros e agarro as alças acima da minha

cabeça.

“Dá impulso”, ele diz, “dá impulso para cima, não puxa. É mais fácil”.

A sessenta e cinco mil dólares por ano em mensalidades, segundo a página da escola na internet, fico contente por ele estar aprendendo um pouco de física.

Dou impulso para cima e arroto: um misto de café e torta azeda enchem minha boca. Engulo, trato de não cair e dou outro impulso. Há outros homens acima e abaixo de mim; o ar está tomado pelo cheiro sórdido de homens sob pressão. Chego mais alto, decidido, decidido pra cacete.

Enquanto estou na parede, o diretor aparece, circulando entre as pessoas do chão, apertando mãos. Estou a dois andares de distância e espero que Nate não se distraia com seu “chefe” de saia. Desloco meu peso e olho para baixo: de repente, meus testículos estão presos sob a cadeirinha, que escorregou. É excruciante, e agora estou praticamente dançando, tentando lidar com a situação.

“O que é que você está fazendo?”, Nate berra.

Abraço a parede, uso as duas mãos e faço o ajuste necessário.

Noto que alguns homens estão de tênis especiais para escalada — e eu com a porra do mocassim do George. Um dos pés cai, batendo contra a parede, desabando no chão.

“Posso jogar de volta para você”, diz Nate.

“Deixa para lá”, respondo, subindo mais, o pé só de meia escorregando.

“É o sapato do pai?”, Nate me grita.

“É, sim”, confirmo.

“Bizarro.”

Viro-me e me concentro na parede. É isso aí, porra, digo a mim mesmo ao lutar até o topo.

E imagina o que há ali? Um maldito OVO DOURADO. Não estou de brincadeira: tem uma merda de um cofrinho de porcelana lá no topo, em formato de ovo dourado. O problema é: como descer com ele? Como carregar um objeto frágil quando você precisa de ambas as mãos e pés? Eu o enfio na calça. Com aquele volume parecendo ter um pau de cavalo, gesticulando como se estivesse fodendo o ovo dourado, faço a descida. Nate está lá embaixo com lágrimas nos olhos, e não me resta alternativa senão abrir o zíper da calça, pegar o ovo e entregá-lo a ele — uma espécie de oferenda. Ele me abraça e chora. Sinto o gosto da vitória e do suor e acho isso incrível. Por um instante esplendoroso estou EUFÓRICO!

Passados vinte minutos, minha cabeça lateja. Ando feito um caubói fraturado e tenho uma distinta ausência de sensação em três dedos. Depois de me sentar no vaso mal consigo me levantar. Pergunto a Nate se tem Tylenol, e ele diz que eu deveria me consultar com a enfermeira da escola.

“Esquece”, resmungo, e voltamos ao prédio principal para o xerez e os cubos de queijo da tarde.

Acabo bebendo demais — sinceramente, beber a quantidade que for de xerez constitui beber demais. A dor de cabeça está piorando.

“Toma uma Coca”, Nate sugere, e ele tem razão.

Consumo duas Cocas e mais de duzentos gramas de queijo, e exibio minha medalha para quem se dispõe a ouvir a história do meu derrame e recuperação milagrosa.

“E agora?”, pergunto, quando o coquetel está acabando.

“A gente vai jantar no Ravaged Fowl”, declara Nate, como se fosse óbvio. “Você fez a reserva?”

Fico perplexo.

“A gente sempre vai lá, mas tem que fazer reserva.” Do jeito que ele fala, não existe saída, é definitivo.

“Não tem problema”, afirmo. “Está tudo providenciado.”

Da cabine do banheiro masculino, ligo para o Ravaged Fowl; há um eco constrangedor.

“Esgotado”, declara a mulher. “Tudo reservado. Só temos mesa para segunda-feira.”

Não conto a Nate — certas coisas é melhor ficar sabendo na hora certa —, mas no trajeto até lá meu físico já frágil vai sendo tomado por uma espécie de estresse antecipado, só de imaginar o que vai acontecer.

Chegamos, faço-me de bobo e dou nosso nome à hostess. “Deixe-me ver”, a garota diz. Fico nervoso. “Fizemos reserva. A gente vem aqui todo ano. Já tem quantos anos?”, pergunto a Nate.

“Quatro”, o menino responde, olhando para os sapatos.

“Faz quatro anos que a gente vem aqui, sempre nesta data. Sempre faço reserva.” Fico indignado. A menina não se importa. Está ocupada atendendo ao telefone; falo mais alto que ela: “Eu achava que dava para confiar em vocês.” Ela levanta o dedo, como se me pusesse em espera — minha voz se eleva. Meu ânimo se altera.

“Você está a cara do papai”, Nate constata.

“Sempre ou só agora?”

“Agora”, ele diz.

“Estou de péssimo humor.”

“Você quer me deixar aqui? Você pode ir cuidar da sua dor de cabeça, eu sento com alguém.”

“Essa possibilidade está fora de cogitação”, digo. “Será que eu não posso ficar de mau humor nem um minuto? É coisa demais para mim.” Não sei nem começar a explicar como ou por que, mas a opulência, o sucesso, a beleza desse dia luminoso e alegre estão me abatendo. Foi tudo tão maravilhoso que me deixou indisposto — não posso falar para Nate e seus amigos que aquela experiência com eles, jovens, com seus futuros promissores excelentes, atua em mim como uma porra de um depressor gigantesco.

“É, está bom, tanto faz”, ele diz, e o sinto recuar, esvaziar, abandonar uma carapaça oca.

A hostess desliga o telefone e se retira. Fico tentado a segui-la — você não pode me virar as costas, você não pode me deixar ali parado depois que me fiz de bobo na frente do menino.

Minha raiva é intensa. Sem falar, eu a destruo, surpreso com a feia clareza dos meus pensamentos. Ela é peculiar em sua falta de atrativos — grotesca. Orgulhosa demais do que certas pessoas chamariam de boa forma, ela usa um vestido esmeralda muito justo e de gola canoa e seus peitos parecem saltar para fora. Tem menos jeito de hostess do que de prostituta, ou de travesti feia. Os lábios são carnudos e grandes, lambuzados por uma gosma rosa fosca barata. Os poros de sua pele são largos e pretos, cada um deles um esgoto, cada cravo um buraco negro. Tenho umas coisinhas que penso em dizer: Não me diga que vocês não são capazes de gerenciar uma reserva que fiz meses atrás; de que adianta eu fazer a reserva se vocês não conseguem se organizar para me atender? E então me recordo de que não fiz a reserva, e me imagino derrubando sua tigelinha de molho de hortelã, virando os palitos de dentes, dizendo-lhe para enfiar o creme de espinafre na boceta e depois chispando dali com o menino para ir comer num restaurante abominável a quarenta quilômetros de distância.

Imagino-me fazendo isso, então ouço Nate afirmar: “Você é asqueroso que nem o meu pai.” Aquilo fere, dói muito. Não quero que ele pense que George e eu somos sócias loucos, não quero que tenha noção do que se passa pela minha cabeça.

“Você está legal?”, Nate pergunta.

“Acho que estou. Por que... eu fiz alguma coisa?” É inevitável pensar se eu não teria falado em voz alta.

“Você me parece distraído.”

“Não tirei o meu cochilo. Desde que sofri o derrame tenho que tirar um cochilo todo dia. Pelo que o médico me explicou, meu cérebro sofreu algum dano e precisa de tempo para se recuperar.”

A hostess retorna com um baixinho bigodudo que aperta a minha mão. “Perdão pela demora; não tínhamos certeza de que o senhor viria. Sua mesa já está pronta, é claro; por aqui.”

Não haveria como ser mais fácil.

Tateio o bolso e acho vinte dólares para dar ao homem enquanto ele nos acomoda em valiosas banquetas.

“É sério que você fez a reserva?”, Nate questiona.

“Sua mãe deve ter feito há muito tempo”, esclareço. “Ela era muito organizada.”

Antes de a garçonete se aproximar para pedirmos bebidas, Nate se inclina sobre a mesa.

“Só para você saber”, ele diz, “a tradição é você pedir uma cerveja para mim”.

“Você é menor de idade.”

“É o que manda a tradição”, ele diz. “Você pede, eu bebo.”

Olho ao redor: não há menores tomando cerveja em nenhuma das mesas.

“Você está me enrolando”, digo.

Ele se cala.

“Por que não ser sincero comigo? É melhor para todo mundo.”

“Está bem, eu quero uma cerveja”, ele diz.

“Está bem, tome uma cerveja: você não vai dirigir, deu duro o dia inteiro, o que tem demais nisso? Alguma preferência?”

“Uma Guinness se eles tiverem...”

“Sério?”

“É tipo um prato especial dentro de um copo. Me acostumei com ela no verão passado, quando estava em Oxford.”

Peço uma Guinness e uma cerveja sem álcool, e quando a cerveja chega eu tomo um gole e a coloco diante do garoto. “Quer um canudo?”

Ele bebe, fecha os olhos, feliz. Está claro que não é a primeira vez.

“Eu percebi que você estava olhando a hostess de cima a baixo”, ele diz quando para a fim de tomar fôlego. “Por que você não a chama para sair? Você está solteiro, não está?”

Se ele soubesse o que eu estava pensando sobre a hostess...

“Não fazia ideia de que você era um grande atleta”, comento, mudando de assunto. “Não tem nenhum atleta na nossa família.”

“Nem tudo vem da sua família. A avó da minha mãe foi uma grande nadadora, foi a primeira mulher a dar a volta na ilha de Manhattan.”

“Sério?”

“É. E o marido dela, meu bisavô, era engolidor de fogo — ao que parece, a capacidade pulmonar dele era imensa.”

“Nunca soube disso.”

“Você não pode ir logo achando que tudo tem a ver contigo”, Nate diz.

“O que os rapazes vão querer?”, a garçonete indaga. Noto o diretor, ainda de saia, entrando no ambiente, os plissês agitados sobre os joelhos peludos e branquíssimos.

“Que tal bolinho de siri?”, sugere Nate.

“Perfeito”, diz a garçonete. “Cem por cento carne de primeira.”

“Não sei se está na época de siri”, digo.

“É o que eu peço todo ano”, apela Nate. “Vou começar pela salada de alface com roquefort e depois eu vou querer o bolinho de siri.”

Por que será que estou imaginando vômito para todos os lados? Cerveja, molho roquefort, bolinho de siri?

“Também vou querer a salada ao molho roquefort e o filé especial”, peço.

“O senhor prefere grelhado ou frito?”, a garçonete pergunta.

“Grelhado”, respondo.

“A batata — prefere grelhada ou frita?”

“Grelhada, por favor.”

Dou um gole na cerveja sem álcool do menino. O diretor está vindo em nossa direção. “O que é isso aí que você está bebendo, filho?”, ele pergunta a Nate.

“Estava só dando um gole na cerveja do meu tio — ele achou o gosto esquisito. O senhor acha que está ruim?” Ele aproxima o copo do rosto do diretor.

“Para mim, cerveja tem cheiro de xixi. Só tomo bourbon, mas não quando estou a serviço.”

O bigodudo vem correndo. “Está tudo a contento?”

“Traga outra cerveja para este cara, e me parece que o rapazinho também precisa de outro copo — o que tinha aí, filho, Coca?”, o diretor urra.

“Para falar a verdade, era cerveja sem álcool”, diz Nate.

“Gostei da sua *sporran*”, declaro, incapaz de me conter. “É de pele de foca?” E me pergunto: de onde foi que tirei a porcaria da palavra “*sporran*”?

“É de pele de foca”, ele confirma. “Que olho bom, o seu. Era do meu avô”, ele diz, simulando um sotaque totalmente escocês.

“Não diga”, declaro.

Ele faz que sim. “Aproveitem o jantar, e parabéns pela escalada. É bom finalmente descobrir de onde veio a bravura do Nathaniel.”

O diretor parte em direção a outra mesa.

“Do que você estava falando — esporas?”, indaga Nate.

“*Sporran*. A pochete dele. Elogiei a bolsinha dele. É para isso que serve aquele troço na corrente — o kilt não tem bolso.”

Nate fica, por um instante, impressionado.

Pego meu pacote de comprimidos (e a tabelinha com as instruções) e enfileiro a sequência do jantar, antes, durante e depois.

“Então, o que mais devo saber a seu respeito, Nate?”

“Tenho uma escola na África do Sul”, Nate conta. “Tenho muito orgulho disso.”

“Você quer dizer que ajudou a arrecadar dinheiro para a construção de uma escola? Acho que a sua mãe mencionou mesmo alguma coisa sobre isso.”

“Eu construí”, ele diz, monocórdio.

“Com as suas mãos?”

“É, com as minhas mãos, e com os aldeãos que vivem lá, e com madeira e pregos e umas placas de metal — com todas as coisas que se usa para construir uma escola. E instalei um sistema de filtragem de água para a cidade. O nome é uma homenagem a mim. Antigamente o nome era outro, mas todo mundo que vive lá chama o lugar de Nateville.”

Será que ele está falando a verdade?

“Como foi que você conseguiu fazer isso tudo sozinho?”

“Não é tão difícil quanto parece”, diz Nate. “É que nem um Lego grande. Eu tinha aqueles livros com plantas para construções pequenas que ia usar para fazer alguma coisa para mim no quintal, e nós os usamos como inspiração. A verdadeira questão é: se um garoto é capaz disso, por que não os outros? Não existe razão para o mundo estar ruim como está, a não ser o fato de que as pessoas são passivas pra caralho, ficam paradas, e se concentram no que é impossível e não no que é possível.”

Nate prossegue. Tudo o que diz não só é verdade como é lógico, bem-pensado, eloquente, convincente. Ele se explica e explica o mundo ao seu redor, e só consigo pensar que é surpreendente que George não o tenha matado também.

Estou me entusiasmando cada vez mais com Nate: ele é o garoto que eu gostaria de ter sido, o garoto que eu ainda gostaria de ser. Estou pasmo com ele e apavorado. É mais capaz do que qualquer um de nós e ainda é apenas um menino.

“Seu pai sabe que você é capaz de tudo isso?”

“Duvido”, ele diz.

“Você já contou a ele essas coisas?”

“Não sei como te falar isso de um jeito educado, mas, quando o papai vinha para cá, ele basicamente trocava muitos apertos de mãos e não percebia nada. E eu gostaria que continuasse assim. Ele

nunca me notou, achava que eu era um bobo imprestável que absorvia ar e recursos — sim, era assim que ele chamava: recursos.”

“Ele é um cara difícil de agradar”, digo.

“Não quero falar disso”, diz Nate.

“Não tem problema”, concordo. “Sobre o que a gente pode conversar?”

“Por que você e a Claire não tiveram filhos?”

Pego a cerveja de Nate e bebo muito, rápido demais; meu nariz coça e eu engasgo, cuspiendo Guinness na mesa toda.

“Que beleza”, Nate debocha, enquanto tento enxugar.

“A gente quase teve um filho. A Claire engravidou uma vez e aconteceu alguma coisa.”

“Ela perdeu o bebê?” Nate me pressiona em busca de clareza.

Faço que sim. Essa é a versão leve da história. A verdade é que o bebê estava morto e ficou emperrado e se despedaçou de verdade quando o puxaram para fora. Vi a cena toda. Estava junto de Claire do outro lado da cortina, e então, quando estavam puxando o bebê, o médico soltou um grunhido de dor. Por isso me levantei para olhar e vi os pedaços. Já devia fazer um tempo que estava morto. Claire ergueu a cabeça. “Posso ver o bebê?”, ela pediu. “Não”, respondi, muito brusco. E nunca lhe contei o restante do episódio. “O bebê fez a passagem”, o médico disse, e jamais tive certeza se ele estava tentando dizer a ela que o bebê havia saído por completo ou que era natimorto.

“A Claire passou muito tempo deprimida. ‘É difícil dar adeus a alguém que você nunca conheceu’, ela falava. E eu não sabia o que dizer. Não conversamos sobre fazer outra tentativa, foi doloroso demais, traumático demais.”

“Você gostava da minha mãe?”, Nate indaga, puxando-me de volta ao presente.

A garçonete põe o prato à minha frente; o vapor emana da batata, e o aroma da carne me revigora como sal volátil.

“Gostava?”, ele pergunta de novo.

“Gostava”, respondo sem ter dúvida.

“Você a amava?”

“É tudo meio complicado”, digo.

“Você tem saudade dela?”

“Muita”, afirmo.

“Gosto de imaginar que ela morreu por algum motivo”, diz Nate. “Morrer por amor é um motivo.”

“Alguém já te perguntou se você quer visitar o seu pai?”, pergunto.

“Já”, ele diz e faz uma pausa. “E não.”

“Com que frequência você fala com a Ashley?”

Ele fica surpreso. “Ligo para ela todo dia.”

“Sempre foi assim?”

“Não”, ele diz, e então faz outra pausa. “Você cresce pensando que a sua família é normal, mas uma hora, de repente, acontece alguma coisa totalmente anormal, e você não tem nem ideia de como a situação ficou desse jeito, e a verdade é que você não tem para onde ir depois disso — a situação nunca mais vai chegar perto do normal. Não é como num acidente em que alguém morre com uma árvore na cabeça, não é uma situação em que você possa ter raiva de alguém, um estranho...” Sua voz vai sumindo. “Que fim levou aquele menino?”

“Que menino?”

“O menino que sobreviveu ao acidente de carro.”

“Ele está morando com parentes — uma tia, acho eu.”

“A gente devia fazer alguma coisa para ajudar”, diz Nate.

“Talvez criar um fundo para garantir que ele tenha o que precisar”, sugiro.

“Ele podia passar as férias com a gente”, diz Nate. “Eu adoro parque de diversões; aposto que ele também adora.”

“Posso tentar ver isso. É isso o que você quer fazer, levar o menino para algum lugar nas férias?”

“É o mínimo que a gente pode fazer”, ele afirma. E tem toda razão.

Comemos. Realmente não existe nada melhor que uma tigela de salada verde com molho roquefort, bife e batata grelhada. Derramo um monte de creme de leite na casca fumegante da batata, pensando comigo mesmo que creme de leite não faz parte da lista de alimentos recomendados pelo médico. Foda-se. Ponho sal e pimenta por cima — é sublime.

Após o jantar levo Nate de volta para a escola, ziguezagueando lentamente pela pista de rolamento como parte da longa fila de veículos dos pais que voltam ali para devolver os meninos.

Dá para imaginar como e por que seres humanos, principalmente rapazes, formam clubes exclusivos, criam rituais, hábitos que são repetidos e passados adiante. Encontra-se bastante conforto nessas coisas, refúgio em ser um entre muitos, parte de um grupo, um bando — à parte da família.

“Acontece de adultos entrarem de fininho e passarem a noite aí?”, indago, ávido por uma perspectiva íntima da vida num alojamento.

“Não”, ele responde.

Tiro o pé do freio e o carro sobe a colina devagar. Um a um,

diante do prédio principal, os meninos são saudados, recebidos para o pernoite. “A igreja abre às nove em ponto, o café da manhã continental é às oito horas”, o diretor anuncia, e sou despachado.

“Obrigado por ter feito a escalada”, diz Nate. “Foi incrível.”

No momento em que ele está fechando a porta do carro eu solto um “Eu te amo”. A batida da porta esmigalha minhas palavras. Nate reabre a porta.

“Desculpa, você falou alguma coisa?”

“Te vejo de manhã.”

“Até lá”, ele diz, batendo a porta pela segunda vez.

Sigo até a casa onde vou ficar. É como se eu fosse a criança e tivesse deixado o adulto — Nate — no casarão da colina. Meu quarto na casa é minúsculo — é o que geralmente se chamaria de quarto de empregada — e tem um agradável aroma de cedro. Quando chego, a dona da casa pergunta se me importo que o hamster da menina fique no meu quarto durante a noite. Ela explica que podem transferi-lo caso haja necessidade, mas, se for possível, é melhor ele ficar quieto. “Ele fica confuso quando a gente tira a gaiola do lugar. Acho que ele tem Alzheimer, apesar de não saber quais são os sintomas num hamster.”

Olho para o hamster, o hamster me olha. Não acho que tem Alzheimer — ele me parece “consciente” demais. Viro-me para o outro lado e tiro a roupa, um forasteiro em meio à mobília branca imitando o estilo da época da rainha Anne, decorada com adesivos da Hello Kitty. Quem é essa tal de Hello Kitty? Pelo que percebo, não é nenhuma Janis Joplin ou Grace Slick. Recolho a pilhazinha de toalhas ásperas da cama, jogo uma sobre o ombro e atravesso o corredor rumo ao banheiro.

Faço a minha ablução (termo que uso para isso) e com a água da pia encho uma garrafa plástica de água, metade da qual derramo no carpete a caminho do quarto. Fecho a porta, ponho a cadeira na frente dela — não tem fechadura — e organizo meus comprimidos noturnos. Nunca imaginei que usaria um treco com dias da semana e compartimentos para manhã, tarde e noite. Ele forma uma espécie de livro grande de comprimidos que levo comigo envolto em elásticos para evitar que se abra sem querer.

Tomo os comprimidos, sento-me na cama. São dez e meia.

Decido ligar para Jason, o filho da tia Lillian. Ele não sai da minha cabeça desde a visita. Pego meu celular, abro o aparelho — sinal bom aqui no quarto — e acho o papelzinho com o número de

Jason. Disco.

“Alô”, atende um homem.

“Jason, aqui quem fala é o seu primo Harry.”

Silêncio.

“Fiz uma visita à sua mãe.”

Ainda silêncio.

“Tivemos uma conversa agradável.”

Através da parede, ouço a esposa, a sócia da “pousada”, perguntar: “Quê?”

“Nada”, o marido diz.

“Você me chamou.”

“Não”, ele diz. “O cara que está no quarto da Laurie está falando com alguém.”

“Alguém dentro do quarto?”, a esposa indaga.

“Pelo telefone”, o marido responde.

“Ele não te pareceu esquisito?”, ela pergunta.

“Não”, diz o marido, “ele não pareceu esquisito. A esquisita é você — todo dia você me pergunta se alguém não me parece esquisito. Você é muito desconfiada, não dá para entender por que você quis abrir uma pousada”.

“Jason?”, chamo. “Estou ligando do celular, você está me ouvindo?”

“Estou”, Jason diz. E de novo o silêncio.

A que Jason imagina que se deva o telefonema? Será que a mãe dele contou da minha visita? Será que ele acha que estou ligando para falar que a mãe dele tem inúmeros potes antigos na geladeira, que a famosa lata de biscoitos está quase vazia e há grande preocupação quanto à possibilidade de que nunca mais seja reabastecida?

“Jason, estou ligando para pedir desculpas em nome da minha família. Peço mil desculpas pelo que quer que tenha te acontecido no porão.”

“Não me lembro”, ele diz.

“Como é que você não se lembra? Sua mãe falou que foi por isso que você virou gay.”

“Ela precisa imaginar que alguma coisa ‘aconteceu’ para eu virar gay, que conviver com ela não bastou. Tem muitos gays na família.”

“Quem é gay?”

“A tia Florence”, ele afirma.

“Não!”

“Sim. E o tio-avô Henry com o amigo dele, Thomas. E, da nossa geração, Warren e Christian, que quer virar Christina.”

“Quem é que dá o nome de Christian a um judeu?”, debocho, e

então me calo. Estou sendo levado pelas revelações. “Jason, ele te machucou?”

“Não sei”, ele diz.

“Você estaria disposto a contar sobre o episódio a uma pessoa?”, indago, colocando o telefone no viva-voz, poupando-me da ardência na orelha.

“Tipo quem?”

“Não sei bem. Não sei se você ficou sabendo...”

“Claro que fiquei sabendo. O mundo inteiro ficou sabendo; foi manchete de primeira página do *New York Post*. Qual é o objetivo?”, ele interpela, agora totalmente irritado.

“Quem é que está gritando?”, a esposa e sócia da pousada pergunta ao marido. “Ele está gritando com alguém lá no quarto da Laurie?”

“Estão gritando com ele”, o marido corrige.

“Você me ligou para quê?”, Jason questiona.

“Não sei”, respondo. “O médico do George me pediu para colher informações sobre a família. Fui visitar a sua mãe para entender qual foi o motivo da briga...”

“*Kneidl*”, diz Jason, como se todo mundo soubesse disso.

“É, agora eu sei. E durante a visita, sua mãe me contou o que aconteceu no porão.”

“Você estava lá quando aconteceu”, ele diz. “Você era tão distraído assim?”

“Ao que parece”, digo. “Em todo caso, queria pedir desculpas pela minha família.” Respiro fundo e recomeço, em tom mais suave. “Posso te fazer uma pergunta?”

Há uma longa pausa. “Pode”, Jason diz por fim.

“O seu pai morreu? Sua mãe falou que seu pai ‘partiu’.”

“Meu pai foi embora.”

“Como assim, ‘foi embora’?”

“Foi viajar a trabalho e nunca mais voltou, nunca ligou, nunca escreveu.”

“Ela comunicou à polícia?”

“Não, ela deixou para lá.”

“Você o procurou?”

“Muitos anos depois.”

“E?”

“Ele estava escondido. Falou que precisava fugir. Que mamãe queria mais dele do que ele era capaz de dar. A impressão que tive foi de que ele não percebeu que isso também me afetou.”

“Jason”, digo, me repetindo, “eu realmente sinto muito. Se hora dessas você quiser sair, beber alguma coisa, comemorar alguma data, ir num restaurante chinês numa sexta à noite, me liga — você

tem o meu número?”

“Tenho, apareceu no identificador de chamadas”, ele diz.

“Espero que você me ligue”, declaro. “Boa noite, Jason.”

“Não estou ouvindo nada”, a mulher diz no quarto ao lado, passado um minuto.

“Vai ver que ele está dormindo”, diz o marido.

“Você não fica de conversa e de repente cai no sono”, ela afirma.

“Bom, então vai ver que ele está lendo.”

“Imagino que não”, ela retruca.

“Que importância isso tem, será que não pode haver nem um instante de paz? Vai ver que ele está pensando.”

Nesta cama minúscula, tenho um momento de lucidez. Sou um homem adulto que mal cresceu. Sou como Oskar em *O tambor*, negando-me a crescer.

Passo a noite em claro. Há ruídos leves de arranhões, e em seguida começa um iau, iau, como uma cama com a mola frouxa, como uma cama com pessoas fazendo sexo. No começo, acho que é isso mesmo — barulho de cama de motel! O rangido ritmado de camas de molas baratas, desgastadas. Encosto a orelha na parede — nada. A outra parede — o marido e a mulher conversando. Encosto a orelha no assoalho — uma televisão.

Dou uma olhada no hamster. Ele se curva, gela, pego em flagrante, seus olhos redondos mirando os meus. A roda cromada parou de girar, mas ainda balança de um lado para o outro, o ritmo diminuindo.

“Você?”, indago.

O hamster encrespa o nariz. “Eu?”, parece perguntar, igualmente surpreso.

De manhã, acordo com a sensação de que enfrentei uma longa jornada e ainda sinto o gosto do bife da véspera — não é um gosto desagradável, só não combina com café da manhã.

A dor de cabeça passou.

Vou à igreja com Nate. A capela do colégio, erigida com rochas antigas e enormes — arrastadas da Inglaterra até ali —, é perfeita. As janelas de vitrais Tiffany ilustram várias narrativas bíblicas. O capelão da escola apresenta uma rabinha, que fala como se tivesse sido eleita para nos lembrar do que já sabemos: que somos humanos, imperfeitos, e que a nossa humanidade, nossa consciência, traz expectativas de compaixão, bondade e aceitação. Algo nela faz com que soe mais questionadora do que professoral — ela pede que examinemos o que pensamos, como se quisesse nossa opinião. “O que significa ser útil?”, ela indaga. “É algo que nos incumbimos de ser para colocar no currículo, para entrar na faculdade? O que realmente importa para você? Você está envolvido na própria cultura ou tradição, ou se sente excluído dela, deixado para trás? O importante é fazer parte de alguma coisa, é estar engajado”, ela prossegue. Quando o serviço termina, todos nos sentimos enlevados, espiritualmente motivados, prontos para começar a semana do zero. Entendo o aspecto que Nate aprecia nisso: a qualidade da preleção, os bons conselhos paternos que ele não anda recebendo. Na saída, a jovem rabinha, o capelão da escola e o diretor, agora de calça, formam uma fila de recepção. É complicado passar sem apertar mãos. Não sei o motivo, mas fico tentado a dizer uma idiotice, como “Belo *Shabat*” ou “Que a força esteja com você”, mas consigo ficar calado.

Saímos no gramado. Todos em seus melhores trajes, embrulhados em casacos de inverno, olham para o céu azul, as nuvens brancas lá no alto. No meio do gramado, uma caixa imensa é aberta, um cabo velho e grosso é retirado, posto na grama. Vejo as pessoas enfiando a mão no bolso para pegar luvas, outras passando rolos de fita crepe, pessoas enfaixando as mãos de um jeito horroroso, rasgando a fita com os dentes e passando o rolo adiante. Uma mulher cobre ambas as mãos com atadura elástica — como patas feridas. Todos parecem ter algo nas mãos: luvas de motorista, luvas de cozinha, luvas de golfe, um pedaço de feltro em cada palma, luva de esqui em uma só mão.

“O que é que está acontecendo?”, pergunto a Nate.

O cabo já está totalmente estendido. É rústico, velho, o tipo de cabo que vemos ao visitar estaleiros antigos — não é um objeto fabricado hoje em dia, não é um objeto que se possa comprar.

“É a tradição”, diz Nate. “O fim de semana acaba com um cabo de guerra, pais contra alunos. O cabo é da época em que o navio de nossos fundadores chegou à América. É muito velho, e ninguém sabe como ele nunca rachou. Em tese, devia ter se rompido.”

“Que história é essa das mãos?”

“O cabo machuca muito as mãos — esfola.”

E também usam sapatos com chapinhas de ferro, sapatos de

golfe, chuteiras, saltos altos que cravam na terra, correntes para enfrentar a neve — está claro que o negócio é sério e que houve planejamento prévio. Muitos tiram os casacos. “Melhora a capacidade de movimentar-se”, um professor esclarece. Os homens e mulheres se posicionam ao longo do cabo, cinco homens na dianteira e depois homem, mulher, homem, mulher, até o limite, que termina composto só de homens. Alguns encabulados se afastam e repetem as desculpas — prótese no joelho, problema nos quadris, um ombro lesado oito semanas atrás, quatro pontes de safena. Há uns meninos de gesso, de muletas, um em cadeira de rodas, e me pergunto: será que ele já estava na cadeira de rodas antes de ir estudar no colégio ou será que foi aqui que ficou assim?

Estou assistindo e de repente me lembro de George e eu brincando de cabo de guerra, eu puxando com toda a minha força e George soltando-o de repente e eu voando de costas, atravessando uma vidraça — acabando basicamente sentado nos cacos de vidro. “Ainda estou meio mal por ontem”, digo a Nate. “Então nessa eu vou ficar de fora.”

“Não tem problema”, diz Nate, correndo para assumir seu posto na fila.

Um tiro é disparado — olho para cima e vejo o diretor segurando uma pistola antiga. O ar fede a pólvora, e a mão dele está salpicada de preto e parece fumegar.

A disputa começou. Fico obcecado por uma mulher de jaqueta de feltro, o elástico de cabelo afastando do rosto madeixas pintadas de louro, os lábios contraídos, dentes trincados, puxando o cabo como se disso dependesse sua vida.

“Percebi que você não para de olhar para a minha esposa. Você a conhece?”, o homem fora da brincadeira, com meia perna amputada, me pergunta.

“Ela não me é estranha”, declaro, não por ser verdade, mas por não ter o que dizer.

“O sobrenome dela é Middlebranch”, ele diz. “A família é muito antiga — um dos parentes foi colega de quarto do Ben Franklin na França, em 1753 —, mantinha um belo de um diário.”

“Como vocês se conheceram?”, pergunto.

“Eu estudava aqui, e ela e duas amigas do colégio Emma Willard vieram visitar o irmão dela. Estranho se casar com alguém que você conheceu aos catorze anos, não acha?”, ele diz.

“Talvez seja melhor assim, existe muita lucidez na juventude”,

opino.

“Por que você não está puxando?”, ele questiona.

“Sofri um derrame”, respondo. “E você?”

“Uma maldita colostomia”, explica, batendo na barriga por cima do casaco. “Extraíram um tumor do tamanho de uma toranja e redirecionaram tudo. Juram que vão religar os canos, mas não sei como.”

Um gemido vindo da disputa nos distrai. A calça de alguém descostura, uma mulher que range o maxilar quebra o dente. Os adultos puxam sem parar, esforçando-se com obstinação de bebês. Ambos os lados estão extremamente determinados, têm a plena certeza não só de que vencerão, mas que vencer, que derrotar o outro, lhes trará uma conquista maior.

“Força”, o homem no time dos pais grita.

“Força”, o menino no time dos alunos grita.

“Respirem”, uma das mulheres grita, “lembrem o Lamaze”.

As costuras do casaco da Middlebranch se esticam, se desfazem — fibras brancas, fios, ficam à mostra. É de fato uma luta de forças, e tenho a sensação de que são os pais que estão desesperados para provar alguma coisa, o que ou por que eu não sei. E então, de repente, tudo parecendo estar prestes a explodir, os meninos se apossam do cabo e comemoram a vitória com uma estranha dança improvisada no gramado — uma coreografia de Martha Graham que deu errado.

Os pais se recompõem e sacodem a poeira das roupas, e de repente o fim de semana termina. Minutos depois, os pais e mães abraçam os filhos, dando-lhes *adieu*.

Nate me dá um abraço muito apertado e me agradece por ter vindo. “Me liga quando você chegar em casa”, ele pede.

“Pode deixar”, respondo.

Enquanto caminho até o carro, o homem casado com a Middlebranch me diz que é assim que as coisas são — é raro os adultos vencerem. E o colégio gosta de manter as despedidas rápidas e rasteiras: os meninos vão concluir o fim de semana com sala de estudos e leitão para o jantar, é essa a tradição. Amanhã é segunda-feira, dia de aula, e esses futuros capitães da indústria, titãs dos bancos, cirurgiões ortopédicos e contadores dos astros têm dever de casa para fazer.

Logo me reacostumo com a rotina na casa de George, e na noite de quinta-feira, quando estou relaxando, relendo *Witness to Power*, de John Ehrlichman, o psiquiatra de George telefona.

“Chegamos à segunda etapa. A equipe acha que seria útil você vir passar um tempinho conosco.”

“Com que propósito?”, indago, receoso de que por alguma razão eu precise “me preparar”.

“Considere uma tarde de brincadeiras supervisionadas”, ele diz.

“Posso ir embora se não estiver divertido?”

“Em tese, sim”, ele responde.

“Em tese?”

“Na verdade aqui você não teria para onde ir, mas não vamos fazê-lo de refém.”

“Então está bem”, concordo.

“E você vai trazer a cachorra?”, o médico pergunta.

“Posso levar”, digo, dando-me conta de que a única coisa que fez falta no meu agradável fim de semana anterior foi Tessie.

Faço uma mala para mim e outra para a cadela. Na de Tessie, ponho um pacote gigantesco de ração para cachorro, um pacote menor contendo biscoitos, petiscos, brinquedos, uns saquinhos para cocô e uma toalha velha que serve de cama. Na minha bolsa, uma muda de roupas, pijama, escova de dente e uma sacola com os novos “remédios”, junto com as instruções, que releio diariamente; senão, não consigo lembrar em qual ordem devem ser tomados.

A sensação é de que faz meses que levei as roupas de George ao “hospital”. É longe, mais longe do que a escola de Nate. Dirigir até lá é como mexer a colher preparando caramelo: a cada hora que passa, parece que mais tempo falta para chegar até o fim. No meio do caminho, paro em um daqueles poucos trechos arborizados sinalizados como ÁREA DE DESCANSO. Há uns caminhões compridos e banheiros químicos na beirada do estacionamento. Inclino meu banco, fecho os olhos e sonho com a criação da Agência de Proteção Ambiental por Nixon em 1970, a aprovação da Lei do Ar Puro, A Lei de Proteção aos Mamíferos Marinhos, A Lei da Água Potável, a Lei de Proteção às Espécies em Extinção — a Magna Carta do movimento ambientalista — e sou acordado por uma batida na janela e o latido assustado de Tessie.

Tem um homem parado ao lado do carro, o zíper aberto, a volumosa cueca cinza intumescida dando cutucadas à altura dos olhos. “À procura de amor?”, ele diz através do vidro, a voz abafada, os quadris balançando. Olho para o rosto dele, a barba por fazer, os olhos selvagens. Estico rápido a mão até a chave, faço a ignição ranger e

saio correndo do estacionamento. Tessie dá uma guinada para a frente, perde o equilíbrio e bate contra o painel. Desacelero, deixo que ela se recomponha, e estou de volta à rodovia, tentando reposicionar meu banco para cima ao mesmo tempo que piso fundo no acelerador.

Enquanto dirijo, avançando cada vez mais em direção ao norte do estado, não paro de ter flashbacks... O cara estava de pau duro, a protuberância saltando das calças e ele queria que eu fizesse o quê?

“Como ele foi capaz de achar algo convidativo na situação?”, pergunto a Tessie.

É fim de tarde quando dobro à esquerda na caixa de correio com o nome THE LODGE. Tessie rosna para o homem da guarita, que a ignora e pede que eu abra o porta-malas, o que faço. Liberado para entrada, estaciono e solto Tessie. Ela saltita rumo ao prédio principal, embrenha-se no canteiro de flores e imediatamente solta uma carga de cocô mole.

“Qual é o nome do cão?”, um homem parrudo que segura um radiocomunicador pergunta.

“Tessie”, respondo. “É fêmea.”

Ele se agacha, sem perceber o fedor brutal. “Você é uma cachorrinha legal, Tessie? Uma cachorrinha carinhosa, peludinha, Tessie? É uma cachorra mansa, Tessie, ou é uma cachorrona que gosta de morder, uma cachorrona que rosna bem alto?” A cadela lambe o rosto dele. “Eu sabia”, diz o cara. “Você é uma cachorrinha que gosta de dar beijinho.”

Com o nome de Tessie e o meu constando da lista oficial, dessa vez os funcionários são mais simpáticos, embora eu confesse que me aproximo da recepção esperando ter problemas. Largo as bagagens no balcão e praticamente exijo: “Podem me revistar.” De bom grado, a recepcionista abre a sacola, tira meu saco enorme de remédios logo de primeira e chama a supervisora, anunciando pelo interfone: “Temos de vistoriar uma sacola de drogas na recepção.”

“Não sei se eu chamaria remédios controlados desse modo, de uma sacola de drogas.”

“Temos nossa própria terminologia”, diz a recepcionista. “Quer um biscoito e uma xícara de chá? Talvez leve uns minutinhos para a supervisora vir aqui.” Ela aponta para uma chaleira e uma lata de Danish Butter Cookies. Aceito um biscoito para mim e outro para Tessie.

“É um daqueles cães com finalidade terapêutica?”, a mulher indaga.

“Não, é só uma cadela”, respondo.

A supervisora aparece e levanta a sacolinha bem alto, contra a claridade das lâmpadas fluorescentes do teto, como se fosse uma máquina de raios X. Dá uma sacudida na sacola, uma espécie de ritmo natalino, e o devolve a mim. “Tem um armário no seu quarto que é como um cofre de hotel. Guarde os remédios lá o tempo inteiro. O senhor está portando algum objeto de metal, câmera, gravador ou arma?”

“Nada além do que a CIA plantou na minha cabeça”, declaro.

“Piadas costumam ser mal interpretadas”, a supervisora avisa.

“Estou nervoso”, justifico. “Nunca estive num hospital psiquiátrico.”

“Não há motivo para nervosismo — o senhor está aqui só de visita, não é?”

Um jovem surge parece um colegial, mas se apresenta como dr. Rosenblatt.

“Conversamos pelo telefone”, ele diz, apertando a minha mão. “Sei que da última vez que você esteve aqui não teve a oportunidade de avaliar as instalações, portanto imaginei que seria bom começarmos com uma visita guiada. As dependências foram projetadas pelo mesmo sujeito que concebeu o Central Park e Paris”, declara Rosenblatt, conduzindo-me pelo “pavilhão” principal e porta afora.

“Bacana”, digo, percebendo a luz colorida da tarde nos morros ondulados. “Parece um parque nacional.”

“Chamamos de campus”, Rosenblatt diz.

Um “campus” com pista de boliche, campo de golfe e quadra de tênis. Tudo isso basta para fazer a insanidade parecer cativante. Tessie adora a visita guiada: faz xixi e cocô inúmeras vezes. Rosenblatt encerra o passeio numa parte do terreno um pouco destoante do contexto — um prédio baixo e comprido que parece um velho hotelzinho do interior para abrigar caçadores.

“Usamos esse prédio para diversos fins, inclusive para hospedar nossas visitas. Se a segurança lhe parece um pouco extrema, o senhor não está imaginando coisas. Atualmente, há um ex-aspirante à presidência internado. Precisamos ser muito cautelosos: já houve casos de paparazzi que atravessaram a floresta para chegar aqui e

coisas desse gênero.”

“Interessante”, digo.

“Tratamos uma gama ampla de problemas.”

“Perder as eleições é um problema?”

“É bem estressante”, diz Rosenblatt. “Somos conhecidos por lidar com clientes famosos: temos a localização isolada, a baixa rotatividade de funcionários, um aeroporto particular a quinze minutos de distância a nosso favor. Uns anos atrás, recebemos um grande astro do cinema cujo lifting no rosto infeccionou, ele acabou ficando irreconhecível, quase endoidou.”

“Como foi que vocês trataram?”

“Incentivando-o a deixar a barba crescer até se sentir confortável”, ele explica, como se fosse uma obviedade.

Rosenblatt destranca a porta, convidando-me a entrar num cômodo que poderia ter sido projetado por um marciano que lesse obras traduzidas sobre a história americana: tudo é vermelho, branco ou azul — ou marrom. Tudo conspira para que o ambiente pareça totalmente ianque, Norman Rockwell e bom para a saúde. A mobília é de Ethan Allen, de madeira, cem por cento fabricada nos Estados Unidos, num estilo cuja melhor descrição penso ser “colonial” — acho que o apelidaria de “inofensivo” e “atemporal”. Os cabides não se separam do varão do armário; há um relógio que funciona a pilha, todos os abajures têm fios curtíssimos. No alto do armário, uma cestinha com duas garrafas d’água, uma barra de proteína e um punhado de frutas secas, caso alguém precise lutar pela sobrevivência. E, como antídoto irônico à abordagem falsamente aconchegante, uma enorme placa iluminada vermelha e branca de SAÍDA paira sobre a porta. Tudo parece um flashback de um país que nunca existiu, os Estados Unidos tal como sonhado por Ozzie e Harriet. Na mesa de cabeceira ao lado da cama, há um bloco de anotações com o logotipo do estabelecimento — um excelente souvenir caso se tenha interesse em recordações da insanidade.

Penso na mobília de Nixon: a adorada espreguiçadeira de veludo marrom que usava para tirar cochilos após o almoço no gabinete “particular” do Old Executive Office Building, na esquina da Casa Branca. Penso na mesa “Wilson” que Nixon encomendou para o Salão Oval imaginando que fosse a mesma usada pelo presidente Woodrow Wilson, mas no fim era a mesa que pertencera ao antigo vice-presidente Harry Wilson, na qual, em 1971, Nixon instalara cinco aparelhos de gravação. A mesa, agora de volta ao lugar de origem, o gabinete do vice-presidente no Capitólio dos Estados Unidos, foi usada desde então por Walter Mondale, George Bush, Dan Quayle, Al Gore, Dick Cheney e Joe Biden. Não tenho ideia do que aconteceu com os “grampos” que Nixon conectou da mesa até um antigo vestiário no

porão da Casa Branca. Passo os olhos pelo quarto de hotel barato e me questiono sobre todo tipo de coisas escondidas, escutas eletrônicas e insetos de cama — tem havido ampla cobertura na imprensa a respeito dos níveis epidêmicos de percevejos.

“Visitas conjugais são permitidas?”, pergunto a Rosenblatt.

“Fica a critério do médico”, Rosenblatt responde, parecendo até se esquecer de que é médico.

Ao perceber que não há tevê no quarto, indago: “O George tem tevê?”

“Nada de tevês no campus, mas vemos um filme nas noites de sexta.”

“Em casa, ele tinha uma tevê em cada cômodo. Ele não suporta ficar sozinho. Precisa de alguém que fale com ele até quando está fazendo xixi. Você sabia que ele dirigia uma rede de televisão?”

Rosenblatt faz que sim.

Prossigo, enaltecendo George. “Ele mudou a cara da televisão. O George foi o responsável por criar programas como *Your Life Sucks* e *Refrigerator Wars*, *My Way or the Highway*, *Doctors in the Off Hours*.” Rosenblatt não parece me escutar. Jogo uns nomes que invento numa espécie de teste, como *Better Dead Than in My Wife's Bed*, e Rosenblatt balança a cabeça. “Você não é muito fã de tevê, não é mesmo?”, pergunto.

“Nem tenho televisão”, diz Rosenblatt. “Nunca tive. Quer um copo d’água?”, ele oferece a Tessie.

“Ela é mais de tigela que de copo meio vazio”, declaro, ainda no embalo. Enquanto abro o zíper da bolsa de Tessie e pego a tigela, ela acha o banheiro e se deleita tomando bastante água do vaso.

“Então — onde foi que você se formou?”

“Em Harvard”, ele diz.

“E como foi que acabou aqui?”

“Sou especialista em eletrochoque”, ele diz. “Quando era adolescente, tratei a ansiedade extrema do meu gato com sistema de eletrochoque caseiro, que desde então foi adaptado para o uso em países de terceiro mundo.”

“Muita ansiedade entre os bichinhos do terceiro mundo?”

“Uso em humanos”, ele esclarece.

“Eu não sabia que ainda se usava eletrochoque.”

“É bem popular”, ele diz. “Ressurgiu como um dos poucos métodos eficazes no tratamento da depressão resistente a medicamentos.”

Algo no jeito como Rosenblatt fala “tratamento da depressão resistente a medicamentos” me faz pensar naqueles comerciais de detergente que mostram o produto tirando manchas de sujeira do joelho da calça cáqui e fazendo-as sumir. Agora eletrochoque e alvejante têm uma ligação inexorável na minha cabeça.

“Não fazia ideia disso”, declaro. Acreditava sinceramente que tivesse sido proibido por ser desumano e talvez cruel. “Aliás, quanto custa ficar neste hospital?”, pergunto.

“O plano de saúde do seu irmão é muito bom.”

“Bom como?”

“Melhor é impossível.”

“Para onde as pessoas vão depois que, hum, depois que ‘se formam’?”

“Alguns vão para outros programas residenciais, outros para uma clínica de transição e tem uns que vão para casa.”

“E pra cadeia?”

“Parece que o senhor está zangado com seu irmão”, Rosenblatt comenta.

“Só um pouquinho”, digo.

“O senhor gostaria que ele fosse castigado.”

“Não acho possível que ele se sinta castigado — pelo menos era o que a minha mãe dizia.”

“Sério?”

“Sério. Ela vivia dizendo: o seu irmão é engraçado, ele pode fazer o que bem entender porque, se você tenta castigá-lo, ele não liga.”

“Interessante. O senhor acha que é verdade?”, Rosenblatt questiona.

Faço que sim. “É difícil ele se abalar”, digo. “Por falar nisso, quando é que eu vou ver o George?” Olho o relógio: são cinco e meia.

“O dr. Gerwin, que está cuidando do tratamento do seu irmão, gostaria de conversar logo com o senhor, e depois eu e ele vamos levá-lo para ver o George.” Ele pega uma agenda datilografada para me entregar. E em seguida me dá outra folha de papel — um formulário de avaliação. “Se o senhor puder, preencha esse questionário antes de partir e deixe na recepção. Cada um desses preenchidos recebem notas e nós ganhamos pontos, como milhas que podem ser usadas em viagens, compras ou outros serviços, dependendo da pontuação.”

“Estou indo correr”, ele diz, olhando para Tessie. “Adoraria levar a cachorrinha.”

Penso em Rosenblatt e seu experimento com o gato. “Obrigado, mas é melhor ela ficar comigo.”

De volta ao prédio principal, dr. Gerwin e eu nos encontramos em uma saleta semelhante àquelas em que nos inscrevemos numa academia ou nos alistamos na marinha — genérica, asséptica.

Cumprimentamo-nos com um aperto de mãos e no mesmo instante ele derrama uma espuma de antisséptico Purell nas mãos.

“Talvez eu também deva usar antisséptico”, digo, tentando minimizar aquela sua atitude. Gerwin empurra o Purell para mim; encho as mãos de espuma e esfrego uma contra a outra rapidamente. “Que divertido.”

Gerwin é a cara do ator Steve Martin; suas feições são um tanto elásticas, mas a expressão facial é constante, como se tivesse se analisado no espelho e resolvido que esta — um sorrisinho tolerante porém neutro — é a que funciona melhor. Ele pega uma pasta de papel manilha e se acomoda atrás da mesinha.

“Quando foi sua primeira consulta com um psiquiatra?”, ele indaga.

“Eu?”

“Sim”, ele diz.

“Nunca consultei. Ou talvez seja melhor dizer que não consulto. Nunca fui a um psiquiatra.”

“Não lhe parece estranho ter chegado a essa altura da sua vida sem procurar ajuda?”

“Não”, declaro.

“Vamos seguir adiante”, anuncia Gerwin: “sua vida sexual”. E não sei bem se é uma afirmativa ou uma pergunta.

“Pois não”, digo.

“Como você a descreveria? Que sabor?”

“Baunilha”, respondo.

“Tem relações sexuais fora do seu relacionamento principal?”

“Não”, digo, perguntando-me até que ponto ele sabe dos acontecimentos que nos trouxeram a este momento.

“Prostitutas?”

“O assunto sou eu ou é o George?”, questiono. “Fique à vontade para escrever ‘na defensiva’ aí nessa coluna. Quero ajudar o meu irmão, mas, mesmo assim, me sinto no direito de ter minha privacidade.”

“Sim, todos temos nossa privacidade”, diz Gerwin, ecoando minha opinião. “Prostitutas?”, ele repete.

“Nada de prostitutas. Privacidade — o que quero dizer com isso é que não vou discutir minha vida com você.”

“Sob o nosso ponto de vista, dadas as circunstâncias, seria de grande valia discutir certas coisas.”

“Seria melhor para você do que para mim”, retruco.

“Como você descreveria sua vida emocional?”

“Não tenho nenhuma”, digo com sinceridade. Nessa área, chego a invejar Nixon — ele era bom de choro, poderia até ser chamado de bebê chorão. Derramava lágrimas com frequência, ou

melhor, soluçava, sem tentar disfarçar. “Evito emoção.”

“Todo mundo tem suas estratégias”, ele diz. “Quando acontece algo de que não gosta, quando lhe tratam mal, o que você faz?”

“Finjo que nunca aconteceu”, digo.

Encontramos George na quadra de tênis, com a máquina disparando bolas para ele e um treinador mandando aos gritos que rebata, endireite, persista.

“O backhand dele é forte”, diz o médico, observando por uma janela.

“Sempre foi”, comento.

No final da aula de George, sou convidado a ir vê-lo no vestiário. Gerwin fica com Tessie, entro e me deparo com George pelado no chuveiro, falando comigo em meio ao sabão e à água.

“A Tessie está contigo?”, ele pergunta.

“Está lá fora. Não trouxe aqui para dentro; ela não gosta de azulejo. Você tem um bom backhand”, elogio, tentando entabular uma conversa. Não sei de que diabos devo falar.

“Eles falam que eu estou progredindo.”

“Que ótimo”, digo, e meio que me pergunto se ele acha que está numa espécie de retiro para executivos e não que é um paciente internado num hospício para lunáticos.

“Está quase na hora do jantar”, ele anuncia. “Você vai ficar por aqui?”

“Vou”, digo. “Vou ficar esta noite e amanhã.” É tudo um pouco esquisito, extracorpóreo. Fui enviado ao vestiário pelos médicos a fim de reencontrá-lo enquanto está nu e flutuando no que parece ser um barato extremamente medicamentoso, pós-jogo.

“Vou esperar você se vestir”, digo, preparando-me para me retirar. Saio e vejo Gerwin, que me entrega a guia presa na coleira, com Rosenblatt e o treinador de tênis, todos de pé falando de como é bom que George tenha “retomado a boa forma”.

Quando George sai do vestiário, Tessie o vê e puxa a coleira com força. George se ajoelha diante dela, bunda para cima, braços esticados — posição de jogador. A cachorra está empolgada, mas desconfiada. George se deita e rola, levanta as mãos e os pés. Tessie age como se lhe agradasse vê-lo, mas soubesse que ele está doido. Minha sensação é a mesma — otimismo cauteloso.

“Menina esperta”, digo.

Ao entrarmos no refeitório, um funcionário pega Tessie para levá-la dali. “Enquanto vocês jantam.”

George se vira para mim e diz: “Você envelheceu.”

“Sofri um pequeno incidente”, explico.

“Não sofremos todos?”, ele diz.

“Tive outro”, digo. “Depois daquele.”

Rosenblatt, Gerwin e o treinador de tênis nos seguem refeitório adentro.

Sentamo-nos. Enfio debaixo das coxas a pasta sanfonada com papéis que trouxe de casa e venho carregando de um lado para outro. Um garçom pergunta quantos vão querer “explosão de frutas silvestres”. Todos levantam as mãos.

“Você está dentro ou está fora?”, o treinador pergunta, olhando para mim.

“O que é essa explosão de frutas silvestres?”

“Uma vitamina verde e vermelha rica em antioxidantes com adição de ômega-3”, ele diz, como se fosse óbvio.

“Está bem”, digo, “estou dentro”.

“Essa barra de chocolate é o quê?”, indaga George.

“Um Musketeer de Toffee-Mocha.”

Queria saber qual língua estão falando. “Vou querer o bife”, declaro.

“Somos vegetarianos”, diz o garçom. “Posso trazer *piccata* de *seitan*. É carne de mentirinha: dizem que tem gosto de vitela.”

“Mal posso esperar.”

O garçom anota o restante dos pedidos e nos avisa que o bufê de saladas está aberto. Olho para os outros visitantes. É difícil saber quem faz parte do quadro de funcionários e quem é paciente: todos estão vestidos como se fossem jogar golfe. Do outro lado do bufê de saladas há uma porta que leva ao que parece ser um refeitório privativo. De repente irrompe uma agitação, pois um cortejo atravessa o refeitório principal às pressas e entra no refeitório pequeno. No meio disso tudo, cercado, vejo a parte de trás da cabeça de um senhor de cabelo grisalho — o ex-aspirante.

“Você é historiador?”, Gerwin pergunta numa cortês tentativa de puxar papo.

“Professor e autor; estou escrevendo um livro no momento.”

“Meu irmão caçula pensa que sabe umas coisinhas sobre o Nixon”, acrescenta George.

“Sou o mais velho, na verdade, com onze meses de diferença. Sou o mais velho”, repito.

“O que é que o Nixon tem que te interessa?”, Gerwin pergunta.

“O que é que não interessa? Ele é fascinante, a história ainda

está se desdobrando”, digo.

“A verdade é que meu irmão é apaixonado por Nixon, ele o acha irresistível apesar dos defeitos. É mais ou menos que nem eu, sempre uma graça”, diz George.

“Por falar em você, o George vai passar a vida toda na cadeia?”

“Não somos nós que decidimos essas coisas”, diz Gerwin, como se protegesse George.

“Não somos da área jurídica”, diz o treinador.

“Nada como ir direto ao ponto”, George diz.

“George, você já contou a esses caras aqui aquela história de que o papai te nocauteou uma vez e você passou uma semana vendo estrelas?”

“Refresque a minha memória”, George diz. “Como é que foi isso?”

“Você estava aborrecendo o velho com alguma história e ele te pediu para chegar perto e você chegou e então ele falou: ‘Eu quero que você nunca se esqueça de quem manda aqui’ Daí ele te deu um soco. Papai era do tipo mafioso, sempre intimidando e menosprezando, era um homem bem primitivo.”

“Você está falando mal dele porque ele gostava mais de mim”, George retruca.

“Não importa quanto ele gostava ou não de mim”, declaro. “Quando penso no seu passado, George, eu acho que a gente devia ter imaginado o que iria acontecer: a xícara de café atirada no armário da cozinha, o revestimento da parede com um amassado do tamanho de uma pessoa, a tampa da lixeira entortada.”

“Surtos contra objetos inanimados nem sempre são indícios de que você vai matar a esposa”, Rosenblatt retruca.

“Você tem razão. George, você se lembra daquela vez que um psiquiatra te perguntou ‘Você já bateu numa mulher’, e você respondeu ‘Só na bunda?’”

George ri com prazer. “Lembro, lembro”, ele diz.

“Que tal brincadeiras com alvos?”, pergunto à equipe de George. “O que vocês me dizem de estar num daqueles festivais com barracas de jogos no calçadão, lançando balas de chumbo no Mr. Magoo, e desviar o rifle do Mr. Magoo e mirar no próprio irmão?”

“Fora de contexto, é difícil avaliar”, diz Rosenblatt.

“Ele contou a vocês que me atropelou com o carro?”

“Lá vai você, desenterrando essa história antiga, a sua predileta. E eu não te atropelei, eu bati em você.”

“De propósito.”

George encolhe os ombros. “Não vou negar.”

“O apelido dele na época da escola era Dominador.”

“Já chega”, diz Gerwin. “O objetivo deste jantar era falar bobagens e simplesmente se entenderem.”

“É”, diz George. “Vamos dar o assunto por encerrado.”

Examinando minha *piccata* de *seitan*, cujo gosto é de papelão empanado com molho grudento de maisena, alcaparra e limão. Durante a refeição, pergunto a Rosenblatt quando terei uns minutinhos a sós com George para resolver umas questões particulares referentes à família, conserto da casa, as crianças, bichos, finanças.

“Não está na programação?”, ele questiona, perplexo.

Faço que não. “É para isso que estou aqui; preciso conversar com ele. Que tal esta noite, depois do jantar?”, sugiro.

Rosenblatt me olha como se a ideia nunca tivesse lhe passado pela cabeça. “Pode ser”, ele diz, pegando uma caneta e anotando na programação.

E assim, depois do sorvete Tofutti com calda de chocolate fajuta e canecas de chá verde com sabor de água de aquário, Gerwin, o treinador e Rosenblatt se levantam. “Damos *adieu*”, diz Gerwin, “por hoje”.

O treinador dá um tapa nas costas de George. “Estou orgulhoso de você”, ele diz. “Você está dando duro.”

A porra de incentivo que dão é tanta que é nauseante. “Todos os pacientes são tratados assim?”

“São”, diz Gerwin. “Nosso objetivo é criar um ambiente em que a pessoa se sinta segura — boa parte das dificuldades são fruto do medo.”

“Vou ficar ali” — Rosenblatt aponta para a mesa junto à porta — “caso precisem de mim”.

“Essa merda de show de aberrações”, reclama George depois que eles saem.

“E você é a estrela”, comento.

“Como vão a minha cachorrinha e a gata?”

“Bem”, respondo. “Seria bom você ter me contado da cerca invisível, mas a gente acabou descobrindo.”

“Você está dando as vitaminas e o anti-inflamatório para a Tessie?”

“Quais são os dela?”

“No armário da cozinha, o pote grande.”

“Achava que eram seus”, explico. “Estou tomando todos os dias.”

“Você é um idiota”, George proclama.

Tiro a pasta sanfonada de debaixo da minha bunda. “Tenho umas coisas para te perguntar. Vou começar pelas mais bobas: Como é que funciona a luz externa da entrada da casa? E eu conheci o Hiram P. Moody, ele compareceu ao funeral — é ele quem paga todas as

contas? Tem alguma coisa que eu precise saber ou na qual tenha de ficar de olho no que diz respeito aos contadores ou à forma como Moody é remunerado? Qual é o número da sua identidade? Além do mais, tentei usar um cartão de crédito, mas ele é protegido por senha: pedia o sobrenome de solteira da sua mãe, pus Greenberg, mas não funcionou.”

“Dandridge”, diz George.

“De quem é esse nome?”

“É o nome de solteira da Martha Washington”, ele esclarece, como se eu devesse saber.

“Que engraçado, nunca me passou pela cabeça; eu achava que era para pôr o nome de solteira da *sua* mãe, não da mãe dos Estados Unidos.”

“Às vezes me esqueço da família de verdade, mas nunca me esqueço da Martha”, George diz. “Me espanta você não saber, já que você se diz historiador.”

“Por falar em história, tentei responder que você é natural de Nova York, mas de novo estava enganado.”

“Uso Washington, D.C.”, diz George. “Na verdade, a questão é o que eu consigo guardar na memória.”

“Exato”, digo. “E, antes que eu me esqueça...”, prossigo, instigado pelo fato de que “memória” me faz pensar em computador, “conheci uma amiga sua”.

“Ah”, ele exclama, surpreso.

“Ela falou que seu pau tem gosto de massa de biscoito e que você a conhece melhor de trás do que de frente.”

A cara que George faz é impagável. “Não sei do que se trata”, ele diz, desconcertado. “Você falou que queria me fazer umas perguntas sobre coisas da casa, e agora vem com esses rabos de foguete. Tem certeza de que não está trabalhando para o inimigo?”

“Como é que eu vou saber? Quem é o inimigo, e ele vem com um crachá? E, já que estou pisando nesse terreno escorregadio, o seu advogado te visita? Estão preparando algum tipo de defesa? Você recebe telefonemas ou correspondências?”

“Nada”, diz George. “Fui abandonado, que nem Jesus na cruz.”

Divirto-me com a grandiosidade da comparação que George faz de sua situação com a de Jesus na cruz. “Você está fazendo amizades aqui?”

“Não”, ele responde, levantando-se da mesa, “é todo mundo pirado”.

“Aonde você vai?”

“Tenho que tirar água do joelho”, ele explica.

“Você tem permissão para ir sozinho?”, indago, realmente preocupado.

“Posso até estar louco, mas não sou criança, seu imbecil”, ele diz, e sai do refeitório.

Rosenblatt, sentado em frente, preenchendo prontuários, me lança um olhar de “tudo bem?”.

Faço sinal de positivo com o polegar.

O refeitório está vazio, exceto por um cara que arruma as mesas para o dia seguinte e outro que manuseia a vassoura mágica.

Quando George retorna, é como se começássemos do zero. Ele está cheirando a álcool em gel. “Passei Purell”, ele explica. “Passei nas mãos e na cara; foi tão bom que tirei a camiseta e passei no sovaco também. Adoro esse cheiro, bem refrescante. Gerwin me viciou nesse negócio. Vejo-o se limpando o dia inteiro — impossível não ficar pensando no que há com ele, o que o leva a se sentir tão sujo.” George pisca para mim.

Ignoro a piscadela e conto da viagem até a escola para o Dia dos Jogos de Inverno. “Hospedei-me numa pousada de cento e oitenta por noite — estava tudo cheio, a mulher me alugou o quarto da filha. Passei a noite inteira com uma porra de um móbile da Hello Kitty rodopiando em cima da minha cabeça.”

“Tenho um quarto no Sheraton; está reservado e já está pago pelos próximos cinco anos.”

“Como é que eu ia saber?”, questiono.

“Não teria como”, ele diz.

“Então, é para isso que eu estou aqui: tem coisas que preciso saber. Você acha que as crianças deviam te ver, deviam vir aqui um fim de semana desses?”

“Imagino que crianças não façam muito sucesso por aqui”, ele responde. “Nunca vi nenhuma.” George parece saudoso, perdido no tempo. “Você se lembra do dia — faz muito tempo, a gente devia ter uns oito ou nove — em que eu esmurrei um desconhecido qualquer, um cara que estava andando na rua?”

Faço que sim: como poderia me esquecer?

“Foi fantástico”, diz George, claramente ainda se deleitando, se é que é essa a palavra, com o ocorrido. “Vi o cara se dobrando ao meio e se perguntando que diabos tinha acontecido; eu me senti incrível — inebriado.” Ele balança a cabeça, como se clareasse a memória e voltasse ao presente. “Nós éramos uns merdinhas de sorte que tinham tudo o que queriam.”

Dou de ombros. “Por falar em excentricidades”, digo, “tem uma lembrança especial que não para de me vir à cabeça”. Faço uma pausa. “A gente trepou com a senhora Johansson?”

“Como assim, ‘a gente?’”, George indaga.

“Me lembro de nós dois trepando com a vizinha: você comendo aquela senhora na cama king-size, eu te incentivando, todo

orgulhoso — vai, vai, vai. Depois, quando você acabou, ela ainda queria mais, e eu a comi.”

“Eu trepei com ela e devo ter te contado”, diz George. “Eu aparava o gramado deles, às vezes ela me convidava para tomar limonada, e depois ela começou a me convidar para subir.”

Foi isso o que aconteceu, será que George trepou com ela, me contou e eu criei uma fantasia que me colocou ali dentro do quarto? Meu filme mental é tão vívido, eu vejo o pinto roxo de George, deslizando para dentro e para fora dela, seu vestido arregaçado, sua caverna-mãe escura escancarada como uma ferida aberta.

Fico quieto por um instante, esgotado de repente.

“Seu imbecil”, George resmunga quando fecho a pasta sanfonada, preparando-me para ir embora. “Você só não me falou da mamãe. Como está a mamãe? Ela pergunta de mim?”

Lembro George do meu próprio incidente recente e lhe digo que não tenho visto mamãe, mas que o asilo diz que ela vai bem. Conto dos rastejos e ele fica preocupado.

“Ela anda rastejando pelo chão que nem barata?”

“É o que dizem. Têm fotos, se você quiser ver.”

“Você tem que ir visitar”, diz George. “Assim que você sair daqui, faça uma visita a ela e veja com seus próprios olhos.”

“Está na minha lista”, declaro. “Tem mais alguma coisa que eu precise saber?”

“Cuide das minhas rosas”, ele pede. “Você tem que regar sempre, borrifar inseticida, não deixar que sejam tomadas por pulgões, manchas pretas, lagartas nem nenhuma outra praga. Minha preferida é a Gertrude Jekyll que fica perto da porta da frente.”

“Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance”, respondo. “Você tem uma lista de quem conserta as coisas, seu encanador, eletricitista, cortador de grama, essas coisas?”

“Não faço ideia; pergunta para a Jane”, ele diz com rispidez, e nos calamos.

“Hora de dormir”, anuncia Rosenblatt, que vem ao nosso encontro. Está com Tessie e George estica o braço para pegar a guia ao mesmo tempo que eu.

“Ela vem comigo”, George decreta.

“O George quer ficar com ela”, Rosenblatt diz.

“Ela é minha”, diz George.

“Sou eu que tenho cuidado dela”, retruco. “Temos um laço.”

“Eu poderia ser o pai rígido e falar que a Tessie não vai dormir

com nenhum dos dois, mas não vou agir assim. O George fica com a cachorrinha esta noite porque você já fica com ela todas as outras.”

“Ganhei”, gaba-se George, arrebatando a guia da mão de Rosenblatt.

Sou escoltado pela porta dos fundos, noite fria adentro, e guiado por um atalho até o meu quarto. Portas zumbem na minha passagem, sou conduzido por áreas com trancas duplas, perguntando-me o que vai acontecer se, Deus me livre, tiver de sair durante a noite. “Eu sei o que você está pensando”, diz Rosenblatt. “Fica tranquilo, só ficam trancadas de um dos lados, você pode sair pelo seu lado.”

Na porta do meu quarto, Rosenblatt diz, “Estamos muito contentes com a sua vinda. Você fez muito bem em vir”. E tenho a impressão de que ele vai me abraçar.

“Está bem, então, até amanhã”, despeço-me, entro correndo no quarto e fecho a porta. Encosto a cadeira debaixo da maçaneta: não só não posso sair como ninguém pode entrar.

A visão da sacola de Tessie ao lado da minha no porta-bagagem me conscientiza de como estou sozinho. Consigo dormir sem a cachorra, sem tevê, sem nada que me distraia desse pesadelo? Abro o cofre, pego meus remédios, leio as receitas, percebendo que me esqueci de tomar os comprimidos do jantar e esperando que fique tudo bem se tomá-los agora, junto com os comprimidos da noite. Engulo oito cápsulas e comprimidos variados, ponho o pijama, deito-me na cama e aguardo.

O ambiente faz com que o quarto da Hello Kitty da pousada pareça uma porra de uma suíte do Four Seasons. Flagro-me sentindo falta do hamster, ávido por aqueles olhinhos pretos, o rangido incessante de sua roda. Tenho apenas o silêncio do concreto.

Para aquietar os pensamentos, penso em Nixon, no amor que nutria pelo boliche, em sua bala predileta, Skittles, a maneira como encarava a vida: “Um homem não está acabado quando é derrotado. Ele está acabado quando desiste.” E “não acho que um líder é capaz de controlar, em nenhum grau relevante, o próprio destino. É muito raro ele poder intervir e mudar a situação se as forças da história correm numa outra direção”. “Eu aguento. Quanto mais dura fica a situação, mais frio eu fico.”

Penso no meu livro e no que vou querer fazer com ele. Penso na

minha mãe rastejando como uma barata, em George, imaginando-o indo à sala de enfermagem de madrugada — em um macacão de dormir enorme, dizendo, “Quero leite”.

“A cozinha está fechada, volta para a cama.”

“Eu quero leite!”

E a enfermeira desconcertada aperta o botão sob o balcão e homens parrudos chegam de todos os lados, com bastões e armas de eletrochoque, e liquidam com ele. George desmorona no chão e é levado de volta para a cama no que me parece um carrinho de transportar bagagem.

Ouçó algo que soa como milhares de pés correndo e batendo contra um muro e me dou conta de que meu quarto fica ao lado de uma máquina de gelo e ela acabou de descarregar um tanto na bandeja.

Começo a entrar em pânico, a sentir que não existe ar neste lugar. Fico obcecado em saber o que há por trás das cortinas de veludo azul. Eu as tiro da frente com um puxão urgente. Pior do que nada, há uma feiosa parede de bloco de concreto. Procuro uma janela e acho apenas um respiradouro minúsculo no banheiro. Espremo minha cara contra ela, tomo ar, convicto de que tem algo venenoso neste lugar e que estou à beira da morte. Volto correndo ao cofre e ataco meu estoque de Ambien como se ele fosse um antídoto. Quase nunca tomo soníferos, mas hoje tomo dois, puxo ar pelo respiradouro mais umas vezes e então me forço a me deitar na cama de novo.

Um baque enorme me acorda. A cadeira enfiada contra e sob a maçaneta se mexe, pula, e escuto uma voz abafada: “Você está acordado? Está tudo bem?”

Levo mais uns segundos para fazer minha boca funcionar. “Arhggimmbi”, eu grito, e a cadeira para de se movimentar.

“Você perdeu o café da manhã”, a voz anuncia — é Rosenblatt.

“Dumimiemai”, que eu imagino que seja minha tentativa de dizer que dormi demais.

“Você pode se aprontar em vinte minutos?”

“Iemmmmina.” Eu me arrasto até o banheiro, com a sensação de que agora sei como é viver duzentos e cinquenta anos, e tomo um banho frio, falando sozinho, pronunciando as palavras com cuidado. Vinte minutos depois, estou vestido, sentado na cadeira que tinha encostado na porta, comendo a barra de proteína da cesta e pensando no que o dia trará.

“Você me deu um susto enorme”, Rosenblatt me diz quando bate à porta pela segunda vez. “Achei que você tinha se matado.”

“Seria fácil demais”, declaro. “Não conseguia dormir, senti falta da cachorra, tomei uma dose gigante de sonífero.”

“Acho que funcionou. Que tal um cafezinho?”

“Por favor”, respondo.

Recebo uma xícara grande de café e então Rosenblatt diz: “É bom a gente andar logo com isso. O George está se exercitando com o treinador, e eu quero te mostrar uma coisa.”

Vamos a uma sala de reuniões onde uma máquina, um par de óculos conectados e uma tela estão arrumados. “Pedimos a você que ponha os óculos — eles servem só para rastrear os movimentos oculares”, explica Rosenblatt. “E nesta tela uma série de palavras vão aparecer.” Ele me dá um controlezinho ligado à mesma máquina que os óculos. “Queremos que clique aí quando uma palavra tenha ressonância para você no contexto da sua relação com o seu irmão. Está preparado?”

“Estou.”

A primeira palavra aparece. “Flor.” Clico.

“Você teve a intenção de clicar?”, Rosenblatt indaga.

“Tive, o George adora flores.”

A segunda palavra: “Benigno.” Sem clique.

“Solidário.” Meu dedo fica parado.

“Ira.” Clique.

“Antagonismo.” Clique. Clique.

“Você teve a intenção de clicar duas vezes?”

“Sei lá.”

“Hostilidade.” “Despeito.” “Rancor.” Clique, clique, clique.

“Benevolente.” Com o dedo no gatilho, quase clico.

“Afável.” Descanso, tomo fôlego.

“Coração aberto.” Meus dedos estão dormentes por causa da inércia.

“Ferida.” “Aniquilação.” “Intimidante.” Parece óbvio demais: clique, clique, clique.

“Apegado.” Clique.

A tela dispara.

“Você já ouviu falar de transtorno explosivo intermitente — TEI?”, Rosenblatt pergunta.

“Parece um problema intestinal”, digo.

“É frequentemente descrito como ‘insanidade parcial’. É mais comum do que você pensa, a incapacidade de conter impulsos agressivos, expressão extremada de raiva, fúria incontrolável. É isso o que eu acho que está em jogo.”

Por que espero que ele diga “obra do diabo”?

Rosenblatt prossegue. “Numa situação como essa, é claro que não é uma coisa só, são várias — química, estresse, drogas, estado de espírito e outras instabilidades mentais. A gente prefere um diagnóstico multifacetado e um tratamento prolongado.”

“Vocês vão dar eletrochoque nele?”

“Não, mas, na minha opinião pessoal, ele pode ser um bom candidato a algumas das nossas técnicas psicocirúrgicas mais novas, como irradiação de raios gama ou, o que é mais provável, a estimulação cerebral profunda. A gente implanta um objeto similar a um marca-passo no cérebro — faz um furo, encaixa três sondas, implanta um neuroestimulador que funciona com bateria, calibra a estimulação. Não é livre de efeitos colaterais — há uma diminuição da função executiva — e é claro que temos consciência do que a justiça iria falar se declarássemos que seu irmão concordou em passar por uma neurocirurgia experimental.”

Fico em choque com o que ele diz. Imaginei que tivessem alguma carta esquisita na manga, mas nunca me ocorrera o velho quebrador de gelo no melão. “Então você está falando de algo parecido com uma lobotomia?”

“Não daria esse nome, mas realmente se encaixa na mesma rubrica.”

“E com a justiça, você acha que uma neurocirurgia é um pró ou um contra?”

“Sem dúvida é uma prova de que optamos por uma abordagem agressiva. Eu diria que é um pró.”

“E o que o George acha?”

“Ele ainda não sabe; ninguém sabe. Não contei nem ao Gerwin. Estou fazendo umas pesquisas para depois defender minha ideia.”

“Você se submeteria a uma psicocirurgia?”, indago, sabendo que eu mesmo jamais me submeteria.

“Num piscar de olhos”, ele diz, “com o perdão do trocadilho. Nem me importaria de operar a mim mesmo”.

“Interessante”, comento, e isso já é uma meia-verdade. Doido de pedra, é o que penso. “Bom, o que mais temos em pauta e como vai a Tessie?”

“Bem. Ela tomou o café da manhã na cozinha e saiu para passear. Nosso plano é que você e o George façam brincadeiras estruturadas com o objetivo de criar laços e espírito de equipe.”

“Por exemplo?”

“Coisas divertidas.”

Fico desconfiado. George chega de sua sessão matinal, fedendo a suor, as roupas grudadas no corpo.

“Como você está?”, pergunto.

“Fantástico”, ele responde.

“Fico feliz”, Gerwin diz, seguindo-o sala adentro, carregando o que parecia uma caixa de tesouros de cartolina. “Bom, pensei em fazermos uns jogos hoje.”

Os olhos de George brilham. “War? Banco Imobiliário? Trivial

Pursuit? Máfia? Quando a gente era criança, brincava de bola assassina: você joga a bolona vermelha de borracha na cara do outro com toda a força e mata ele.”

Ainda me lembro da dor causada pela bola. “Não era para você mirar na cara.”

“Vamos começar com um balão”, diz Gerwin, tirando um balão amarelo murcho do bolso, esticando-o umas vezes antes de o encher.

“Não sou muito do tipo que gosta de brincadeira”, declaro, receoso do que virá em seguida.

“Posso garantir que a gente já sabia disso e que levamos isso em consideração”, Gerwin diz, dando um nó na ponta do balão. “Agora quero que vocês se levantem e fiquem de frente um para o outro.”

Obedecemos.

“Vou pôr o balão entre vocês dois”, Gerwin explica, encaixando o balão no espaço entre nossos corpos. O balão cai lentamente até o chão. “Vamos tentar de novo. Será que vocês dois não poderiam ficar mais perto, encostando o nariz?”

George se aproxima; por reflexo, dou um passo para trás — ele está desfocado. George dá outro passo adiante, e torno a recuar — como numa dança.

“Ahh”, solta Gerwin.

“A questão é que não o enxergo quando ele fica tão perto, ele vira um borrão.”

“Talvez, se você se concentrar num ponto além do George...”, Gerwin sugere.

Faço isso. Ficamos parados com o balão alojado entre nós, e sinto o bafo quente de George no rosto, sinto seu cheiro de suor.

“Você tem tomado banho com frequência?”

“Acho que sim”, ele responde, como se não soubesse.

“Já chega”, Gerwin ordena, e assim nos calamos.

“O objetivo da brincadeira é que vocês dois, trabalhando juntos, levem o balão daqui para lá” — ele aponta para o outro lado da sala — “sem deixar o balão tocar no chão. *Capisce?*”.

“*Capisce?*”, diz George, e começa a andar para o sul, rumo à parede mais distante. Dou uns passos de lado para alcançá-lo. O balão desliza de nossas escápulas para os diafragmas.

“Não é melhor a gente traçar um plano?”, pergunto a George. “Que tal você avisar sempre que for dar um passo?”

“Passo. Passo. Passo.”

Melhoramos bastante, mas depois George parece se distrair e se encaminhar não ao outro lado da sala, mas na minha direção. “Estamos indo para o norte — a gente precisa ir para o sul”, ele diz. O balão cai um pouco mais, estamos prestes a perdê-lo, George me dá

uma joelhada na virilha — para empurrar o balão para cima. Curvo-me com a pancada e o balão cai ainda mais.

“Será que você não consegue fazer nada direito?”, George pergunta.

Não respondo. Balanço uma perna e depois a outra, espremendo o balão contra o corpo de George, esforçando-me para o balão subir, e levo-o dos joelhos dele até sua virilha.

“Sua vez”, digo.

“Passo. Passo. Passo.”

Conseguimos, levamos o balão de um lado ao outro da sala. “Ê!”, comemoro, batendo na palma da mão de George. “Ê!” Só quando estamos a salvo do lado oposto é que me dou conta de que talvez existam pessoas que não conseguem chegar lá — não chegar lá não era uma alternativa na qual eu tinha pensado.

“Vocês podem escolher um prêmio”, anuncia Gerwin, segurando a caixa de tesouros. “Um para cada.”

Enfio a mão e pego um peso para papel semelhante àqueles que eu ganhava quando criança por ter me comportado bem no consultório do dentista. George pega um distintivo de xerife — com pino afiado, então ele é obrigado a trocá-lo por outra coisa, e ele pega uma cobra de borracha.

“Nossa próxima brincadeira é...”, Gerwin começa e, enquanto ele fala, George avança sobre o balão amarelo e o estoura. Rosenblatt se abaixa rápido e recolhe os pedaços de balão, e Gerwin repete: “Nossa próxima brincadeira é...” E assim em diante: fazemos brincadeira seguida de brincadeira, colecionando prêmios e mais prêmios. E então Gerwin pega os fantoches.

Visto um e me viro para George. “Não sou um trapaceiro”, declaro.

George veste outro e vira o fantoche para si mesmo: “Boa noite e boa sorte.” Põe um fantoche na outra mão. “Obrigado, Edward R. Murrow.”

“Não, eu que agradeço, senhor Cronkite. Que tal a gente ir ao Toots Shor’s para comer um filé?”

“Vamos começar de outro ponto”, Gerwin instrui.

“Tudo bem”, George concorda, apontando para mim. “Eu faço o F. Scott Fitzgerald, você pode ser o Hemingway e se matar.”

“Por que você não faz o William Burroughs e dá um tiro na sua mulher?”, retruco.

“Parem, parem, parem!” Gerwin dá pulos entre nós. Enchemos nossas mãos de fantoches e às vezes os atiramos longe, arremessando fantoches como epítetos.

“Winston Churchill”, diz George.

“Charles de Gaulle”, digo eu.

“Nikita Khrushchev”, ele diz.

“Barry Goldwater e Roy Cohn”, digo.

“Herbert Hoover”, ele diz.

“Willy Loman, caralho”, digo eu.

Gerwin pega algo parecido com um frasco de desodorante, levanta-o para o alto e borrija — um CLANGOR ensurdecador, uma corneta, como o de um caminhão-cegonha.

“Intervalo!”, Gerwin berra. Tanto George como eu começamos a dizer algo, mas Gerwin interrompe: “Silêncio! Agora nós vamos lá para fora”. Enfiamos os prêmios no bolso, deixamos os fantoches para trás e seguimos Gerwin, que carrega o baú de tesouros, balbuciando consigo mesmo que agora a gente não pode brincar de cabra-cega, e por que as coisas não podem ser mais fáceis.

Vamos às colinas onduladas atrás do prédio principal e vivo um instante de compreensão extrema de como nossos Pais Fundadores teriam lutado por essa terra. É espetacular, majestosa. Gerwin me joga uma bola de futebol americano; eu seguro. Todos lançamos a bola. É idílico, o céu azul e o aroma da grama aparada, manchas nos nossos joelhos. A bola vai passando de mão em mão, há um papo de times, de nós contra eles, mas Gerwin repete: “Não para, não para.” E a certa altura ele tira uma câmera do bolso e começa a tirar fotos. George posa para a câmera, agindo de maneira heroica, brutal. Não entendo por que Gerwin está tirando fotos, mas me parece impossível romper a fantasia e perguntar.

Rosenblatt arremessa a bola para mim; eu a pego, olho para cima e vejo George caindo em cima de mim, lançando-se como uma bola de boliche humana, um torpedo. Ele me derruba no chão e me esmurra. Rolamos morro abaixo, girando na engrenagem do ódio fraternal. Vejo Gerwin e Rosenblatt ao longe, e em seguida Rosenblatt sai correndo. Luto para sair de baixo. No sopé do morro, paramos de rolar. George me soca, me enche de porrada, os punhos pulsando. Gerwin se aproxima, mas não faz nada para detê-lo. “Seu filho da puta, seu filho da puta desprezível, isso é só a metade do que você merece, seu merda imprestável, seu filho da puta...”

Faço o possível para proteger o rosto, as costelas e os testículos. Tessie é libertada de onde estava presa: ela corre ao nosso encontro, latindo com força, tentando parar a confusão; ela late no rosto de George e,

portanto, no meu ouvido, de modo que, “por acidente ou não”, George lhe desfere um soco no focinho; ela solta um ganido e se retira de fininho. Os seguranças retiram George de cima de mim.

Fico deitado na grama, ensanguentado, machucado, esforçando-me para recobrar o fôlego. Ninguém se mexe para me ajudar. Ninguém faz nada. Estou deitado ali, e o primeiro pensamento que me vem à cabeça não diz respeito a mim, mas às crianças. Preciso proteger Nate e Ashley; o que quer que aconteça ou não, não posso deixar que esse monstro chegue perto dos filhos. Olho de relance para George, ofegando e bufando, nitidamente querendo mais, contido por uma equipe de quatro homens enormes. Giro e devagar, membro a membro, recomponho-me. Tessie vem e lambe meu rosto.

Nossos prêmios escaparam do bolso e se espalharam pelo gramado — um ioiô, o peso de papel (agora torto), uma cobra de borracha, uma armadilha de dedo chinesa.

Mancando em direção ao prédio principal, eu olho para Gerwin, esperando alguma coisa. “Estou sem palavras”, ele diz por fim.

“No mínimo, se você não é capaz de me proteger de um ataque físico, não posso fazer parte do seu programa de tratamento. Vai ser muita sorte sua se eu não te processar por não ter a capacidade de controlar seu paciente. E quero gelo, uns saquinhos de gelo.”

Alguém me traz vários sacos de gelo, sacos de lixo pretos cheios de gelo, fechados com nós.

“Você quer que um médico te examine?”, Gerwin pergunta.

“Não”, retruco, “quero o cachorro e quero ir para casa”.

“Imagino que não queira se despedir do George”, Gerwin diz.

“Muito engraçado”, digo. “Para ele me dar o nocaute?” E, enquanto espero que me tragam o carro, escuto um deles dizendo: “A bem da verdade, estamos muito satisfeitos. Foi uma boa visita, nós vimos uma faceta do George que nunca tínhamos visto. Vai nos dar material para trabalhar.”

Tessie já está no carro quando o trazem, assim como minha bagagem e a de Tessie, todas arrumadas. Sinto uma dor inacreditável, e ela só piora — em cada pedaço de mim, nos que dobram e nos que não dobram. Abaixo-me para entrar no banco de motorista, estremecendo. Enquanto ajusto o banco, reparo em um saco de papel pardo com o meu nome — duas garrafas de água, sanduíches de pasta de amendoim e geleia e um saco transparente com cenouras cortadas. Que maluco dá pasta de amendoim e geleia a um adulto? Como os sanduíches, perguntando-me se o intuito foi mesmo paternalista.

Em uma parada da estrada, vou ao banheiro masculino, levanto a camiseta e, no espelho lascado, olho a lateral do meu corpo — está da cor de carne crua. Aborrecido comigo mesmo por não ter

revidado, não ter entrado mais na briga, vou até a loja de conveniência e pego um Advil. Quando uma mulher tenta furar a fila, eu digo “Ei, cheguei primeiro”, e ela diz “É claro que não, senão você não estaria aqui agora”. Cansado de me acovardar, eu lhe dou uma cotovelada, literalmente tirando-a do caminho. O homem atrás do caixa saca uma espécie de guarda-chuva preto gigantesco, abre o objeto na minha cara e me manda sair da loja, usando a ponta de metal para me cutucar.

“Estou ferido”, grito. “Estou tentando pagar este Advil.”

“Você é um sujeito metido a valentão”, o homem berra de trás do guarda-chuva com um sotaque indiano carregado. “Não vendo nada para valentões. Vai embora e não volte mais aqui.”

“Estou levando o Advil”, anuncio. “E estou deixando dez dólares aqui em cima dos biscoitos de figo.”

Recuando para sair da loja, tropeço num degrau e caio em uma poça de graxa e gasolina. Fedido, volto para o carro, tiro a camiseta no estacionamento, ponho a camiseta do dia anterior, engulo quatro comprimidos de Advil e dou partida no carro. Enquanto acelero a caminho de casa, ponderando que é tudo muito bizarro e que jamais vou voltar àquele lugar, meu celular toca. É o advogado de George.

“O hospital pediu que eu lhe informasse que você não deve visitar mais o George; falaram que você é uma ameaça ao paciente e aos funcionários.”

“Fui agredido fisicamente pelo George.”

“Eles viram a situação de outra maneira. Aos olhos deles, você o provocou, você não jogava a bola para ele, você falou só com os médicos e não com ele, você o depreciou e fez com que se sentisse excluído, como se houvesse algo de errado com ele.”

“Ai, meu Deus, que coisa mais doida. São loucos. Aquele lugar é um espetáculo de bizarrices; nunca vi um grupo mais insano de profissionais de saúde mental. Você sabia que um deles pretende fazer uma neurocirurgia no George, mas ainda não contou para ele? É um filme de terror. Como foi que você achou o hospital?”

“Meu cunhado”, diz o advogado.

“Ele ficou internado lá?”

“É o diretor clínico”, prossegue o advogado. Enquanto ele fala, o sinal fica entrecortado, e então a ligação vai se desintegrando antes de se tornar um vazio.

“Alô?”, eu digo. Não há nada. “Alô.”

É segunda-feira e estou de volta à casa, a cena literal do crime. Tenho uma terrível sensação de afogamento; a casa emana uma espécie de força ou carga eletromagnética, é um peso incrível que me derruba.

Ao regressar da visita a George, quando me aproximo da porta, perco a força. Entro e deixo de funcionar. Assim como em *O Enigma de Andrômeda*, de Michael Crichton, minha medula virou pó. Imagino-me sendo encontrado daqui a dias, morto no chão, meu sangue reduzido a um pó verde fino que se espalha pelo piso como Fun Dip quando, num gesto inexplicável, cortam meu punho. Inexplicável porque qual motivo alguém teria para cortar o punho de uma pessoa? A gata estaria sentada ao meu lado, tranquila, limpando-se, esfregando os olhos, lambendo. Imagino os homens de macacão branco tentando pegá-la por ser uma amostra do que sobreviveu.

Fico sentado no chão, chorando. O que foi que aconteceu? O que é que está acontecendo agora? Fico sentado no chão odiando tudo, odiando a mim mesmo acima de tudo — esta é a verdade, acima de tudo sinto uma puta decepção *comigo*. O que você acha que isso significa para a geração do “eu-eu-eu”, que enfrenta uma estagnação abrupta?

É como se eu estivesse esperando minha vida acelerar e começar há anos. Às vezes eu achava que estava progredindo, chegando perto; em outros momentos era como se estivesse simplesmente esperando ser descoberto — por quem? Olhando para mim mesmo, minha vida meio desperdiçada, considero insuportável que seja aqui que eu tenha terminado. Minha vida acabou? Ela chegou a começar?

Não fiz nada — ou, para ser mais exato, a única coisa que fiz, a única coisa de relevância, foi basicamente um desvio de conduta que provocou o assassinato de Jane. Meu feito é como adúltero, cúmplice de assassinato, como se fosse algo digno de orgulho...

Minha cabeça salta para a minha teoria a respeito de presidentes — existem dois tipos, os que fazem muito sexo e os que declaram guerras. Em suma — e não me cite, porque esta é uma expressão incompleta de uma premissa mais complexa — creio que boquetes evitam guerras.

E é impossível não questionar: Será que o George também queria me matar? Não tenho dúvida de que a única coisa que o impediu foi o narcisismo — me matar também seria matar uma parte dele mesmo, o que talvez também explique por que Nate e Ashley sobreviveram.

Exorto-me a recolher minhas veias feitas de pó verde e azul e sair de casa para ver o que há lá fora. As coisas só são bizarras quando em comparação; na ausência de tudo o mais, o bizarro pode parecer normal. Minha cabeça pula para John Ehrlichman, um judeu, um cientista cristão, e único personagem do Watergate a cumprir sentença na cadeia. Ehrlichman foi para a prisão antes que seu recurso fosse julgado. Ele se entregou.

Como um bêbado que entrou na casa errada, eu volto lá fora, recordando-me de que o fim de semana anterior, do Dia dos Esportes de Inverno com Nate, foi bom, foi repleto de potencial, esperanças para o futuro — foi milhares de vezes melhor do que a terrível visita a George.

No quintal, abro o quartinho de trecos do George e pego uma pá e um garfo de jardinagem e apoio os joelhos e as mãos no chão. É como um maldito despertar da primavera precoce. O quintal é cheio de plantas, tudo florescendo. Cavo a terra. Penso na aula que vou dar à tarde. Não contei a ninguém que fui despedido — a quem eu contaria? Que droga de emprego eu conseguiria a esta altura? Eu cavo, atirando torrões de terra cheia de ervas daninhas por cima do ombro e imaginando o rosto dos meus alunos, idiotas que ficam ali sentados esperando que eu lhes dê a matéria mastigada, esperando que lhes informe que existe algo chamado História e que ela tem relevância.

Engatinho sobre as mãos e joelhos, arrancando obsessivamente a vegetação errante, chumaços de ervas daninhas, trevos, diversas coisas que voam com o vento, se espalham, semeando de novo em outros pontos. Brinco com a terra parecendo qualquer outro babaca que se suja no quintal como se pudesse reavivar nossa antiga energia enfiando as mãos no solo.

O cuidador de bichos de estimação aparece no canto do jardim. “Você está legal?”, ele indaga. “Você pode se curvar assim? Não é pressão demais na sua cabeça?”

“Ninguém fez menção de eu não poder me curvar.”

“Talvez seja esforço demais”, diz o cuidador. “Minha tia sofreu um derrame e falaram para ela não se curvar para frente.”

Levanto a cabeça. “Não estou mais curvado”, declaro.

“Pode ser uma boa você descansar”, ele diz. “Trouxe um ossinho para a Tessie. E dei um rato de pano para a gata — ela adora.”

“Nunca pensei em dar brinquedos aos bichos”, murmuro.

“Eles ficam entediados e precisam de novidades — que nem a gente”, ele explica, descendo a entrada da garagem. “Ligue se precisar de mim. Estou cuidando de um peixe aqui perto.”

Tessie cheira a terra revirada. Deita-se de costas no meio do quintal e rola em cima do meu montinho de mato recém-arrancado.

Um minuto depois que o cuidador se retira, por acidente eu jogo um grumo volumoso de terra preta no meu olho, cegando-me. Dou tapas no rosto, tentando limpá-lo. Uso a camiseta, levanto-me rápido demais e piso na pá, me desequilibrando. Bato na churrasqueira e ricocheteio — redigindo mentalmente a manchete: “Idiota se mata num acidente de jardinagem.” É Tessie quem me guia até a escada, eu segurando-a pela coleira, dizendo: “Biscoito, biscoito, vamos procurar o biscoito.” No lavabo do térreo me dou uma bronca. “Cara de merda”, xingo, olhando-me no espelho, imaginando que seja de fato possível que eu não tenha jogado terra no olho, mas algum tipo de merda: merda da Tessie, merda da gata, merda de guaxinim ou de cervo — o que quer que seja, tem um cheiro tenebroso, tipo queijo chique, queijo tão cru e sazonado que o deixam guardado numa caverna própria e só o tiram de lá nas datas festivas da realeza. Estou com um olho aberto e me miro no espelho, me dou um sermão, lembrando-me de que, da outra vez que me vi no espelho, literalmente dissolvi — o AVC.

“Não me encara”, digo a mim mesmo. “Você está com aquela cara de idiota, como se nem soubesse do que eu estou falando, como se o que digo fosse uma grande surpresa. Como é que é possível? Não é porque você está ouvindo isso em voz alta pela primeira vez que a informação é uma novidade. Estou falando contigo há semanas, na verdade, já tem anos, ou a sua porra de vida inteirinha, seu idiota do caralho.”

“Por que estou falando comigo desse jeito?”, questiono.

“Porque se falar de outro jeito você não escuta, você quer tudo cercado de sentimentalismo. Você fez merda, sua cunhada morreu, seu irmão está num manicômio e você quer que eu te faça se sentir bem consigo mesmo? Acorda, porra — você é um desastre. Você é ainda mais perigoso do que o seu irmão; o fato de que ele está lá e você está aqui, à solta, é prova disso.”

Minha cabeça bate contra a parede. Bate. Como se de alguma forma tivesse acontecido, como se alguém o fizesse. Bate. Bate.

“Por que é que a Jane me ligava quando queria saber onde estavam as lâmpadas, por que eu era como a outra metade, a metade funcional do meu irmão?”

“Você está botando a culpa nela?”

“Não”, respondo.

E agora minha cabeça não está mais na pia, não bate mais

contra a parede, está no vaso, e algo pressiona minha nuca; no começo acho que é uma mão me empurrando para baixo, mas então percebo que minha cabeça está empacada na borda do vaso.

“Você vai vomitar? Está com nojo de você mesmo?”

Não respondo.

A descarga desce, me encharcando, me afundando. Estou me torturando com simulação de afogamento.

Tossindo, cuspiendo, tiro a cabeça do vaso. Vomito. Estou no chão do banheiro, molhado, amargurado — calado.

“Está fazendo biquinho?”

Não respondo.

“Não vai falar comigo? É melhor eu parar?”

“Pode falar o que quiser, pode deitar falatório, manda ver. Está claro que você passou muito tempo pensando nisso.”

“Ok. Primeiro — como foi que você passou tantos anos escrevendo um livro sobre o Nixon? É chato, é chato até não poder mais, e é patético. Nem ligaria se você fosse um puta fracasso, é o fato de você não ter feito nada que me enerva.”

“Meu livro é tão ruim assim?”

“É uma merda. Você é um merda. Sua personalidade está necrótica, agonizante: ela corrói tudo. Olha só para mim, eu mentiria para você? Eu sou como um fantasma íntimo que tenta enfiar algum juízo nessa sua cabeça.”

“O que é que você quer de mim?”, indago, temendo que tudo esteja correndo em direção a um final inevitável.

“Eu quero a sua vida”, ele diz.

E não há mais nada a dizer.

O telefone está tocando.

“Alô”, eu atendo.

“É você?”

“Sim”, respondo.

“Sou eu”, ela diz.

“Claire?”

“Quem é Claire?”, ela indaga, o tom subitamente austero, como se estivesse ofendida, como se eu devesse saber.

Mergulho ainda mais nas minhas trevas: “Jane?”

“Quantas são?”, ela quer saber.

“Quantas o quê?”

“Garotas”, ela esclarece, “mulheres, amigas coloridas”.

“Quem é que está falando?”, pergunto, assustado.

“Que tal você repassar a lista inteira e quando falar o meu nome eu gritar ‘Bingo’.”

“Você ligou para o número errado.”

“Ah, não”, ela retruca. “Eu liguei para o número certo. Olhei duas vezes antes de discar.”

“Vai ver que você está procurando o meu irmão”, sugiro.

“Ele tem uma pinta em forma de coração acima do mamilo esquerdo?” ela pergunta.

Profundo silêncio. “Quem está falando?”

“Droga”, ela diz, suspirando. “Você não se lembra de mim. Eu te dei almoço e algo mais.” Ela faz uma pausa. “Olha, eu não queria te pegar de surpresa. Será que a gente não pode voltar atrás e fazer outra tentativa? Aperte o botão ‘reiniciar’.”

“Está bem”, digo, ainda sem saber com quem falo.

A linha morre. Desligo. Imediatamente, o telefone toca outra vez.

“Oi, é a Cheryl quem fala. O Harry está?”

“É ele”, digo.

“Como você está?”, ela indaga.

“Bem”, respondo. “E você?”

“Desculpe por não ter te ligado”, ela diz. “Quer dizer, não ter ligado antes, digo, depois do nosso encontro e até agora.”

“Ah”, exclamo, ainda incapaz de ver sentido naquilo, “não tem

problema”.

“Quero ser franca com você sobre aquele lance todo da internet.”

“Está bem”, concordo: as peças estão começando a se encaixar.

“Eu achei que estava bem, me saindo ótima, então parei de tomar meu remédio e estava trabalhando na empresa de bufês de uma amiga e então o negócio estagnou e fiquei com muito tempo livre e comecei a surfar e depois a marcar ‘encontros’ como o que eu tive com você. Perdi o controle e desmoronei”, ela explica. “Queda brusca. Tive de ser hospitalizada — por um tempinho.”

Ficamos em silêncio. Tiro a camiseta e deixo-a cair no chão. Despido e molhado, fedendo a vômito, sento-me à mesa da cozinha.

“Na verdade”, ela diz, “não estou sendo totalmente sincera. Parei de tomar meu remédio e comecei a me automedicar. Saí completamente do controle; o nosso encontro foi só um de muitos. Pus a mim mesma e a minha família em risco. Meu filho, talvez você lembre, chegou em casa quando a gente estava no meio do... Bom, não foi legal”.

De repente fica claro para mim. “Óbvio”, digo, entusiasmado.

“E você”, ela diz, aborrecida com meu entusiasmo súbito e vendo necessidade de mudar de assunto, “o que você anda fazendo?”.

“Já que a gente está colocando todas as cartas na mesa”, inicio, “eu também fui internado. Tive um AVC”.

“Perfeito”, ela declara.

“Como assim, ‘perfeito’?”

“Estou querendo dizer que fico feliz por ter acontecido coisas com nós dois, algum acaso que nos interrompeu.”

“Imagino que tenha sido o Viagra”, explico. “Eu estava tomando muito.”

“Incrível, não é”, ela diz, “como é fácil a gente sair dos trilhos. Agora você está bem?”.

“Estou bem”, respondo. “Muito bem. E você?” Examino o ambiente: está tudo turvo. Devo ter perdido pelo menos metade da visão e não sei se é algo permanente ou não.

“Tenho pensado em você”, ela diz. “Muito. Mas precisava esperar para te ligar. Precisava melhorar.”

Emito um som de concordância, porém inócuo.

“Peço desculpas por ter esquecido os detalhes. Mas em quem você tem interesse mesmo: Richard Nixon ou Larry Flynt?”

“Nixon”, esclareço. “Nixon morreu de derrame, e não sei por que, mas, durante o meu, eu não parava de pensar nele, com a sensação de que sempre soube que a gente tinha alguma coisa em comum, mas que eu nunca soube direito o quê, até aquele instante; foi como uma ligação mediúnica. Não tinha a ver com crença ou filosofia

política, mas de teor humano, emocional. Acho que o cara foi tratado de maneira injusta.”

“Estou aqui me perguntando se devo te contar uma ideia que tive”, ela diz, interrompendo-me.

“Sou todo ouvidos”, retruco — e talvez seja verdade, levando-se em consideração a situação do meu olho.

“Você devia falar com a Julie”, ela diz com entusiasmo, como se fosse um acordo fechado.

“Julie?”

“Julie Eisenhower.”

“Julie Nixon Eisenhower?”, indago, ligeiramente incrédulo.

“É”, ela confirma.

“Sério?”, digo, de repente alegre, como se a maré inteira pudesse mudar com três nomes, Julie Nixon Eisenhower, assim como Humbert Humbert uma vez tropeçou na cadência das três sílabas, de *Lo-li-ta*.

“Sério”, ela diz.

Caio na gargalhada e então, recobrando a consciência, indago: “Como isso seria possível?”

“Não pergunte”, ela diz. E então faz uma pausa. “Está bem, cartas na mesa: ela é prima postiça do meu marido. Posso pedir para ela te ligar?”

“Por favor”, eu peço.

“Não sei até que ponto você está atualizado, mas nos últimos anos tiveram alguns problemas com a biblioteca.”

“Sim”, digo, recordando-me de vários artigos detalhando a herança de dezenove milhões de dólares de Bebe Rebozo e a tensão entre Julie e Trisha por conta da forma de administração da biblioteca.

“Agora vamos ao outro assunto.” Ela se cala. “Eu quero te ver. Quero conversar contigo, sair para almoçar.”

“Claro”, respondo. “Não vejo por que não.”

“Só almoçar”, ela decreta.

“Óbvio”, digo.

“Quando?”, ela pergunta.

“Quando você puder; não tenho nada para fazer.”

“Está bem”, ela diz. “Vamos deixar passar uns dias, para o caso de você mudar de ideia, ou de eu ter surtado outra vez.”

“Que tal sexta-feira?”, sugiro.

“Sexta”, ela repete. “E, não é só porque eu gosto do nome, mas já foi ao Jerk Q’zine — é muito barato.”

“Pensa num lugar bacana”, eu digo, “um lugar aonde você realmente queira ir”.

“Você já foi ao Quarry Tavern?”

“Não”, respondo. “Eu não sou daqui.”

“É muito bom”, ela diz. “Tem uma pizza de almôndega maravilhosa. Já cheguei a comer dentro do carro. Eu te encontro lá”, ela marca. “E vou dar o seu número de telefone para a Julie.”

“Aguardo ansiosamente”, eu digo.

Ela se cala por um instante. “Se a Julie perguntar de onde a gente se conhece, diz que foi num churrasco. Não, espera, fala de crianças e esportes e não entra em detalhes.”

“Entendi.”

“Então é isso”, ela conclui, “fico feliz por termos conversado. Como eu falei, tenho pensado em você”.

“Sexta ao meio-dia”, confirmo.

“Sexta ao meio-dia”, ela repete.

“Te vejo lá”, encerro, desmoronando. É um alto e baixo simultâneo, os dois extremos ao mesmo tempo, e, bem, é difícil continuar falando.

É possível que uma mulher de quem não me lembro tenha a chave para o meu futuro? Estou tonto, zozzo — na verdade, minha cabeça lateja. Recomendo a mim mesmo não me animar demais, não acreditar na minha euforia: talvez tudo dê em nada.

Ponho minhas expectativas em xeque, e então caio na gargalhada. Xeque! Checkers, o famoso cocker spaniel de Nixon. Brinco com as minhas notas de rodapé mentais — como se fossem fichas catalográficas. Checkers morreu em 1964 e foi enterrado no Bide-a-Wee Pet Cemetery, não muito distante da residência da tia Lillian. Talvez da próxima vez eu pare lá para fazer uma visita.

Talvez este seja o momento, a grande virada, o estirão que eu vinha esperando. Julie Nixon Eisenhower e eu!

Tessie está no banheiro, lambendo o chão, limpando minha bagunça.

“Boa menina”, elogio, ciente de que meu humor se deve totalmente aos ventos da mudança. Subo para tomar banho e me arrumar para a aula. Meu olho está horrível, vermelho, inchado. Ponho uma espécie de colírio achado no armário de remédios, que arde loucamente — faz sentido, é remédio para os ouvidos — e lavo o olho de novo. Tomo banho, visto-me e saio para a faculdade, orgulhando-me de ter me lembrado de levar umas caixas vazias. Hoje é dia de embrulhar as coisas: anos de planos de aula, avaliações de alunos, exemplos de ensaios bons e ruins a serem editados — os destaques apinhados em caixas gastas de bebidas. Prevendo o fim, quero estar fora bem antes do encerramento oficial. No meu último dia, quero apenas botar o ponto final — lecionar e partir.

Quando estou entrando no departamento, a secretária me interpela. “O chefe quer dar uma palavrinha com você”, ela anuncia.

Da forma mais indiferente que seria possível, enfiou a cabeça na porta do escritório dele, parado na soleira da porta. “Estava me procurando?”

O chefe do departamento, meu ex-amigo Ben Schwartz, levanta a cabeça. “Como você está?”

“Sob qual aspecto?”

O chefe não responde de imediato; depois, diz: “Eu te conheço há anos, nós somos velhos amigos.”

“Isso mesmo”, retruco. “E não faz muito tempo que você me levou para almoçar, pediu uma tigela de sopa e meio sanduíche e falou que minha carreira estava encerrada. Você falou: ‘Temos um novo professor com uma forma nova de ensinar História, futurística. Em vez de estudar o passado, os alunos vão explorar o futuro — um mundo de possibilidades. A gente acha que vai ser menos deprimente que assistir a reprises dos filmes de Zapruder.’”

“Eu não comi o sanduíche”, diz o chefe. “Só a sopa. E a decisão não foi só minha. Gosto de me considerar seu amigo. Fui eu quem te contratou.”

“Você não me contratou. Éramos colegas, você me falou que tinha uma vaga aberta, mas não me contratou. Francamente, acho que você podia ter escolhido pagar a sopa por colherada, você tomaria duas colheres e pronto.”

Ele não se pronuncia.

“O que é que você quer?”, indago, questionando-me se ele deseja meu perdão, minha clemência.

“Venha dar uma caminhada comigo”, diz o chefe, vestindo o paletó.

Saímos do prédio e andamos até o carro dele.

O estacionamento está repleto de carros compactos de idades variadas. O reflexo do sol no mar infinito de cromo é ofuscante. Nossa faculdade é feita de gente que mora longe. Costumávamos nos achar especiais porque o corpo docente recebia vagas numeradas, excelentes até o dia em que um pós-graduando em engenharia explodiu de propósito o carro que ocupava a vaga 454 e a administração decidiu que era melhor que as vagas fossem aleatórias, democráticas, à exceção das reservadas a deficientes.

O chefe destranca as portas do Toyota. A cantilena da trava automática ecoa em outros carros no estacionamento ao ar livre. Imagino que um dia os carros serão capazes de responder aos trinados uns dos outros numa reconstituição pós-moderna da chamada e resposta. Híbridos, cadê vocês? Pim-pim, estamos em todos os lugares. Ele pega um envelope debaixo do banco, um retangular branco comum, e o entrega a mim.

“Pega isso”, ele diz.

Minhas mãos continuam no bolso.

“Pega”, ele repete num tom mais imperativo.

“O que é isso?”

“O que parece que é?”

“É de se supor que seja dinheiro”, respondo.

Ele aproxima o envelope de mim. “Seu idiota”, ele diz. “Estou tentando te ajudar. Estou me sentindo mal, eu devia ter lidado com a situação de outra forma, e você...”, ele continua, “você devia ter terminado o seu livro”.

“Culpando a vítima”, retruco, as mãos ainda enfiadas no bolso.

“Não pude te proteger — não tinha nada que fundamentasse meu argumento.” Ele torna a me empurrar o envelope.

“Não, obrigado”, declaro.

“Com base em quê?”, ele questiona.

“Com base no fato de que não aceito envelopes com dinheiro de ninguém. Até onde sei, você está armando para mim, fazendo da sua secretária uma testemunha, chamando-me, pedindo-me para te acompanhar até o carro, onde o envelope estava escondido; até onde sei, tem câmeras por tudo quanto é lado gravando isso — o carro está grampeado.”

“Você é um filho da puta paranoico”, ele resmunga.

“Sou especialista em *Nixon*”, eu berro. “Eu sei do que estou falando”, digo, enquanto lhe viro as costas para atravessar o estacionamento e voltar ao prédio.

“Aonde você vai?”, ele pergunta.

“Horário de atendimento dos alunos”, esclareço.

Ouç o trinado do carro sendo trancado e ele esbaforido ao acelerar o passo para me alcançar. “Olha, não tem nada a ver com dinheiro”, ele diz.

“Mas você está me oferecendo dinheiro, suborno para eu sumir de fininho noite adentro.”

“O dinheiro é meu”, ele explica. “Não é do departamento.”

“O que torna a ideia ainda mais corrupta.”

“Espero que você repense”, ele diz, quando retornamos ao departamento. “Considere uma bolsa de pesquisa.”

Pego as caixas que deixei junto à porta do escritório dele, umas das quais alguém inexplicavelmente encheu de folhas de papel amassadas — só consigo imaginar que seja treino de pontaria.

Há uma pessoa no meu escritório, sentada na cadeira de visitas. Com as costas viradas para a porta, um solidéu preso com grampos ao cocuruto.

“Posso te ajudar?”

“Você é o professor Silver?”

“Sou.” Será que ele sabe o que acabou de acontecer no

estacionamento? Está sentado ali pronto para ouvir a confissão de que fui tentado — é uma espécie de programa em que me endireitam através do susto ou ele faz parte da armação? “Você tem interesse em Richard Nixon?”, indago, sentando-me na minha cadeira.

“Não muito”, ele responde. “Sou aluno do rabinato.”

“Você já pode se vestir assim mesmo sendo só um aluno?”, pergunto.

“Assim como?”, ele diz, analisando as próprias roupas. “É assim que eu me visto.”

“Você trabalha para o chefe?”, inquirio.

“Perdão?”

“Schwartz, o chefe do departamento, acabou de tentar me convencer a aceitar um envelope com dinheiro.”

“E o que foi que você fez?”

“O que você acha que eu fiz?”, retruco. “Mandeí que ele fosse se foder.”

“Estou interessado no seu irmão”, ele anuncia.

“Está recrutando funcionários?”

“Explorando a ligação do judaísmo com o crime. A não ser pelos jogos de azar, os judeus não se envolvem muito em atividades criminosas.” Ele me lança um olhar entretido, como se tivesse tropeçado em um baú de gulodices e tentasse com todas as forças não demonstrar sua empolgação.

“Como foi que você resolveu virar rabino?”

“Não resolvi”, ele diz. “A minha família é toda de rabinos. Meu pai é rabino, meu tio é rabino. Minha irmã é mecânica: ela achou que ser rabina tinha restrições demais.”

“Meu irmão, o George, fez bar mitzvah porque queria o dinheiro pra poupança, o radiorelógio da minha tia, a caneta-tinteiro do templo Irmandade e uma viagem para a Flórida de presente dos meus avós. Ele deu sorte por lá, conheceu uma menina com quem teve a primeira, hum, experiência oral. A afinidade dele não tem nada a ver com Deus e tudo a ver com sexo.”

“Eu quero estudá-lo”, o estudante do rabinato declara e em seguida se corrige. “Já estou estudando, mas quero fazer isso de perto.”

“Qual é a sua premissa?”, indago. “Judeus que azedaram?”

“Posso assistir à sua aula?”, ele pede, sem dar atenção à minha pergunta.

“Não”, respondo logo.

Ficamos em silêncio.

“Judeus não matam as esposas”, ele afirma.

“Você anda falando com alguém?”, pergunto.

“Lefkowitz”, ele diz.

“O cara da pirâmide que enfiou os relógios Rolex e as joias da mulher na bunda do cachorro e levou o cachorro para passear quando estava em prisão domiciliar? O cachorro cagava e um idiota aparecia para recolher o cocô. Ele limpou os relógios, os vendeu, ficou com cinquenta por cento do lucro. Os policiais federais deram a ele o apelido de Dedos Cagados.”

“É esse cara mesmo”, confirma o aluno.

“Quem mais?”

“Hernandez e Kwon.”

“Os dois são convertidos”, digo. O aluno do rabinato fica surpreso porque sei quem são eles, mas por que eu não saberia? Afinal, meu ramo é saber das coisas.

Ele faz uma pausa. “Posso te perguntar como é a sua relação com Deus?”

“Limitada”, afirmo. “Limitada, à exceção de preces espontâneas em momentos de aflição aguda.”

“Eu gostaria de saber mais a respeito da sua família.”

“Sou uma pessoa muito reservada”, digo. “Meu irmão e eu, nós não somos a mesma pessoa. Lados opostos da moeda.”

“Mas vocês têm tantas coisas em comum. O que você faz quando se zanga?”

“Eu não me zango”, declaro. “Grosso modo, não tenho sentimentos.” Olho o relógio. “A gente vai ter que parar por aqui”, declaro. “Tenho que me preparar para a aula.”

“Eu gostaria de conversar com você de novo”, ele pede.

“Durante o horário de atendimento, minha porta está aberta.”

“Semana que vem?”, ele pergunta.

“Está bem”, digo. “Se você estiver a fim. Posso perguntar seu nome?”

“Ryan”, ele diz.

“Interessante”, comento. “Nunca conheci um judeu chamado Ryan.”

“Somos uma raridade”, ele diz, indo embora. “Até a semana que vem.”

As prateleiras da minha sala são cheias de parafernália relacionadas a Nixon; fiz questão de encher o ambiente de livros grossos de História, na expectativa de que os alunos vissem minha sala como um repositório histórico. Também tenho uns pôsteres políticos raros — McGovern/Eagleton, Humphrey, Geraldine Ferraro. Sou cuidadoso ao tirá-los e enrolá-los. Além de Nixon, meu predileto é LBJ. Acho que tem a ver com o momento em que adquiri consciência política, em que me dei conta de que havia um mundo fora da sala de estar dos meus pais.

A caminho da sala de aula, levo as caixas para o carro; o

envelope está no banco da frente. A porta está trancada mas eu o vejo ali dentro, em cima do banco. Será que Schwartz o plantou? Será uma armadilha? Pego o envelope e tento colocá-lo de volta no carro de Schwartz; as portas estão trancadas. Tento enfiá-lo pela janela; consigo passar a ponta do envelope, mas a parte mais fofa (as notas) não entra. Volto correndo ao escritório. A porta de Schwartz está fechada; a secretária do departamento se foi. Merda! Ponho o envelope no banco do meu carro, tranco a porta de novo e corro para a sala de aula. Não quero estar com ele. Não quero um enfrentamento em sala de aula.

“Boa tarde”, saúdo ao entrar. Apenas um terço da sala está ocupado. Dou-lhes uns minutos de tolerância e começo uma série de anúncios sobre provas, últimos dias para fazer alterações na secretaria. “Como vocês sabem, a tarefa era escrever um ensaio, e o prazo de entrega era hoje. Vocês poderiam fazer o favor de passá-los para a frente?” Aguardo os ensaios chegarem às minhas mãos: aparecem doze. “Gostaria de saber quando vou ter notícias do restante.” Ninguém se pronuncia. Olho para baixo; o primeiro ensaio da pilha tem como título “Richard Nixon como vilão: uma história em imagens”. Dou uma folheada. O aluno criou uma história em quadrinhos em vez de escrever o ensaio; devia me irritar, mas acho a ideia promissora. Os desenhos são distorções de Nixon, Haldeman e Kissinger com feições exageradas, uma discussão sobre “Não ver o mal, não ouvir o mal, não falar o mal”. Há borrões propositalmente, como “Permita-me ser totalmente claro”.

Meu olho lateja. Começo a sentir que se fecha, e o outro se reduz a uma fresta estreita, como se solidarizasse. “Bom, onde é que estamos?”

“Watergate”, alguém responde.

“Muito bem. E o que nós sabemos sobre o Watergate?”

“Foi o primeiro dos ‘gates’”, um dos alunos diz. E uns poucos riem.

O celular de uma aluna toca. Toca sem parar enquanto ela revira a bolsa — todo mundo observa. Ela atende: “Alô.” Fito a menina, perplexo por ela ter de fato atendido ao telefone durante a aula.

“Quem fala?”, pergunto.

“Minha mãe”, ela sussurra alto.

“Passa o telefone para mim”, instruo, e o telefone chega à frente da sala. “Alô”, eu digo.

“Quem fala?”, a mãe pergunta.

“Aqui é o professor Silver. E com quem estou falando?”

“Malina Garcia.”

“Quantos filhos a senhora tem?”

“Quatro.”

“Que ótimo”, digo. “A senhora deve se sentir muito orgulhosa; mas agora estamos no meio da aula.”

“Ah”, ela exclama. “É de ioga? Minhas filhas adoram ioga.”

“Não, senhora Garcia, não é de ioga. Já ouviu falar de Richard Nixon?”

“Já”, ela diz, “o homem que morreu da doença do esquecimento. Uma pena, era um homem tão bonito”.

Na sala de aula, a filha enrubesce.

“Sim, senhora Garcia, ele era um homem muito bonito. Foi um prazer falar com a senhora. O trabalho da sua filha era para ser entregue hoje. Ela o mencionou à senhora?”

“Não, acho que não.”

“Alguma ideia sobre o que ela está escrevendo?”

“Nenhuma.”

“Ela geralmente discute os trabalhos da faculdade com a senhora?”

“É raro; em geral a gente conversa sobre a família e os amigos dela e coisas desse gênero.”

“Obrigado, senhora Garcia”, despeço-me, desligando e devolvendo o celular à menina. “Mais alguém quer que eu dê um telefonema?” Nenhuma reação. “Não é curioso que na época de Nixon não existia telefone celular, mensagem de texto, Blackberry? Imaginem como a situação poderia ter sido outra se Nixon tivesse sido um presidente mais futurista, em vez de usar um gravador antiquado com botões enormes que causavam confusão — assim a secretária dele poderia ter, por acidente, apertado o botão errado e aí, ao atender ao telefone, pisar no pedal remoto e apagar todas as coisas legais.”

A classe fixa o olhar em mim, inexpressiva.

“Ok, bom, vamos voltar ao assunto. Onde a gente...? Alguém pode refrescar nossa memória a respeito do que foi o Watergate?”

Somente uma mão se ergue. “‘Gate’ é o sufixo aplicado a uma palavra para indicar que essa palavra foi um escândalo, como em ‘Watergate’, que também recebeu esse nome porque aconteceu num complexo de Washington conhecido pelo nome de Watergate. Mas a partir de então todos os escândalos foram chamados de Alguma-coisagate. Então, na verdade, ele foi só o primeiro.”

“Curioso, e obrigado. Já recolhi o seu ensaio?”

“Já, sim”, ele diz. “Eu vim de longe, e preciso ter boa nota para permanecer neste país. Minha família me corta a cabeça se eu não for bem.”

A classe ri.

“Você quer dizer que a sua família te decapita se você não for bem.”

“Estou dizendo o que eles me dizem”, declara o estudante.

“Vou interpretar suas palavras literalmente”, digo, e sigo em frente, citando as memórias de Nixon:

A verdade factual [sobre Watergate] provavelmente nunca será reconstituída na íntegra, pois todos nós havíamos nos envolvido de maneiras diferentes e as informações que um tinha a certa altura nunca eram uma cópia exata das informações que os outros tinham.

Explico que, na época em que o escândalo se desenrolou, foi o exemplo mais público de golpes políticos sujos na história americana e suscitou a única renúncia de um presidente dos Estados Unidos e a acusação formal dos sete de Watergate (com Nixon designado coconspirador — outro fato inédito na História). John Mitchell, H. R. Haldeman, John Ehrlichman e Charles Colson foram presos; Gordon C. Strachan, Robert Mardian e Kenneth Parkinson nunca foram. Outros como John Dean, E. Howard Hunt, G. Gordon Liddy, James McCord e Fred LaRue também foram para a prisão por Watergate... Como de hábito, eu divago, esquematizando a evolução da Unidade de Investigações Especiais de Nixon, cujos membros receberam o apelido de “Encanadores”. A primeira missão deles foi arrombar o consultório do psiquiatra de Daniel Ellsberg e obter revelações sobre o ex-funcionário da RAND Corporation que considerara um dever cívico vaziar os Documentos do Pentágono. Nixon achava que o vazamento era uma “conspiração” contra seu governo e queria desabonar Ellsberg. Ordenou que os encanadores mandassem tudo o que achassem para a imprensa, e acrescentou “levem-no a julgamento na imprensa... divulguem”. A tentativa de arrombamento é uma comédia de erros: os invasores esperam a faxineira sair, deparam-se com a porta trancada e têm de entrar pela janela. Havia três invasores, Bernard Baker, Felipe de Diego e Eugenio Martinez, e dois vigias, E. Howard Hunt e G. Gordon Liddy. Por incrível que pareça, vários dos “encanadores” eram ou haviam sido da CIA e tinham alguma ligação com a Baía dos Porcos e naquele momento estavam envolvidos com o Watergate...

Meu olho está me matando; depois da aula vou ao Centro de Saúde

Estudantil. Eles têm um lava-olhos de verdade instalado na pia. A “enfermeira” de plantão, que abre as torneiras, faz questão de dizer: “Só para o senhor saber... não sou enfermeira de verdade, sou auxiliar de enfermagem; cortaram a enfermeira uns anos atrás, para enxugar os custos; não tem enfermeira...” E então pergunta: “Tem certeza de que o senhor não usou alguma substância química que poderia queimar sua córnea?”

“Foi só terra”, declaro, pensando que, até onde sei, eu poderia ter usado uma substância química no olho; talvez um daqueles purificadores de vaso sanitário do banheiro; talvez eu tenha me afogado numa porra de Ty-D-Bowl.

A não enfermeira me dá um colírio para a vista. É tão grosso que tudo fica turvo. “É um lubrificante”, ela diz, entregando-me o tubo. “Ponha mais hoje à noite e, se amanhã ainda estiver doendo, o senhor terá de ir ao médico.”

“Obrigado.”

Meio cego, dirijo-me ao estacionamento, a voz do aluno indiano ecoando na minha mente, ele falando com serenidade que lhe cortariam a cabeça. O maldito envelope ainda está no meu carro. Sento em cima dele e parto para a casa de Schwartz. A esposa abre a porta. Eu o entrego a ela. “É para o Schwartz”, explico.

“Ele não está em casa”, a esposa diz. “Está num coquetel do departamento.”

“Pegue”, eu digo, empurrando o envelope na direção dela com certa agressividade.

“Realmente não há necessidade”, ela retruca.

“Estou devolvendo a ele”, esclareço. “O envelope e o conteúdo são dele.”

“O que é?”, ela indaga.

“Não sei”, respondo. “Não abri, ele deixou no meu carro.”

Ela pega o envelope. “Muita bondade sua devolvê-lo.”

Encolho os ombros.

“O que foi que aconteceu com o seu olho?”

“Picada de aranha”, digo, sem saber direito o porquê.

“Talvez seja bom você tomar alguma coisa”, ela sugere. “Está bem feio.”

“Vou tomar”, digo, virando-me para ir embora.

“Estou ansiosa para ler o seu livro”, ela me diz. “Meu marido fala bastante dele.”

Sem parar ou me virar, despeço-me. “Tchau e boa sorte.”

Estou cozinhando quando o telefone toca. Eu pego o aparelho, imaginando ser ela: Julie Nixon Eisenhower.

“Oi”, diz o Nate. “Tentei falar com você mais cedo, mas você não estava em casa.”

“Dia de dar aula”, explico.

“Talvez seja uma boa você trocar a mensagem da secretária eletrônica”, Nate diz com a voz tensa. “Ainda é a voz da mamãe.”

Ainda não tive forças para trocá-la — não posso simplesmente apagar a Jane, mas posso imaginar como é difícil para ele ouvi-la.

“Vou comprar uma secretária nova amanhã”, digo, apesar de secretamente gostar de ouvir o ocasional “Alô, não estamos em casa no momento...” da Jane.

“Não paro de pensar no menino do acidente de carro”, ele declara. “A gente tem que cuidar do menino.”

“Sei que você está preocupado com ele”, digo. “Vou falar com o advogado do seu pai sobre o que está sendo feito.”

Enquanto isso, por mais feliz que esteja por escutar a voz dele, eu também me pergunto: O George tem chamada em espera? O que acontece se Julie Nixon Eisenhower telefonar e ouvir o sinal de ocupado? Ele está falando quando solto do nada: “Este telefone tem chamada em espera?”

“Por quê?”, Nate indaga. “Está ouvindo o sinal de bipe ao fundo?”

“Não sei”, digo.

“Bom, tem o bipe da chamada em espera e tem o bipe de quando alguém está gravando a ligação.”

“Você está gravando a ligação?”, inquiri.

“Não”, ele responde. “Eu sei disso porque estudamos grampos telefônicos na disciplina de Escândalos Políticos do Século XX — é optativa de História. Se você quiser gravar, tem que primeiro pedir permissão à pessoa, gravar a permissão sendo dada e declarar que a ligação está sendo gravada.”

“Interessante. Em que contexto esse assunto apareceu?”

“Estávamos estudando o Watergate. Fiz um trabalho sobre a tia Rose.”

“Quem?”

“Rose Mary Woods, ela foi secretária do Nixon.”

“Claro”, digo com orgulho. “Você sabia que a minha área de estudos é Nixon?”

“Sei, sim”, diz Nate. “Os filhos de Nixon chamavam-na de ‘tia Rose’. Ela era de uma lealdade feroz”, comenta Nate. “Tenho muito interesse em lealdade, mesmo que a pessoa a quem se é leal seja cheia de defeitos, criminosa ou tenha feito algo errado. Também estou estudando a evolução do Dictabelt, que foi lançado em 1947,

precedido pelo Ediphone, e seguido, claro, pelo gravador de rolo, e várias e várias coisas sobre objetos fantásticos, inclusive o Stereo 8, que meu pai ainda tem — ele guardou o exemplar do *Iron Butterfly Live* — é vermelho, e ele deixa na gaveta de meias...” Nate se cala, talvez por ter revelado mais do que pretendia. “Como vai a Tessie?”

“Bem, mas está com diarreia. Ela revirou o lixo.”

“Ela adora lixo”, Nate afirma. “Bom, é melhor eu desligar, ainda tenho muito dever de casa para fazer.”

“Está bem”, digo. “Vou perguntar pelo menino, mas aposto que a gente não pode fazer nada antes do julgamento. Vai parecer que estamos tentando influir no veredicto.”

“Não tinha pensado nisso”, diz Nate. “Só estava pensando no menino.”

No dia seguinte, pela manhã bem cedo, o telefone toca.

“Desculpa por ter demorado tanto, tive um dia atribulado”, Julie Nixon Eisenhower se justifica.

“Vi o seu pai uma vez, a distância”, solto, tão empolgado que começo a suar. “Eu estava no primeiro ano do colegial e nos levaram numa excursão a Washington. Fomos à Casa Branca; seu pai estava recebendo um dignitário estrangeiro — eu o vi do outro lado do gramado. E depois fomos ao Instituto Smithsonian, vimos o Pêndulo de Foucault e a bandeira feita por Mary Young Pickersgill para o Fort Henry, que foi a bandeira que Francis Scott Key viu e o levou a compor o ‘Star-Spangled Banner’. Fomos à Casa da Moeda, ao Bureau of Engraving e ao Arquivo Nacional para ver a Declaração de Independência.”

Está tudo vindo à tona, derramando-se para fora de mim; não me lembrava de nada disso até o telefone tocar, e então foi como se a porta de uma parte velha do meu cérebro se abrisse e as coisas viessem à tona.

“Eu amo Washington”, continuo. “Quando era mais novo, meu único desejo era crescer e ir morar em Washington e passar pela Independence Avenue a caminho do trabalho, pelo Smithsonian, pelo Capitólio...”

“Nossa”, ela diz, quando paro para respirar, “você é patriota de verdade”.

“Obrigado”, digo. “É emocionante estar falando contigo.”

“Não sei bem quanto você está atualizado”, ela diz, “então me perdoe se eu te disser algo que você já saiba. Desde 2007, a biblioteca se tornou parte do sistema federal de bibliotecas presidenciais; antes,

uma biblioteca particular abrigava os materiais do meu pai pré e pós-presidência”.

“Se me recordo bem”, digo, enfiando os pés pelas mãos, “houve certa tensão familiar”.

Ela se cala por um instante e depois prossegue. “A mudança para o Departamento de Arquivos e Documentos dos Estados Unidos nos instigou a adotar certa reorganização. Para resumir a história, deparamo-nos com umas caixas, materiais que foram guardados à parte.”

“Que tipo de materiais?”

“Minha impressão é a de que eram meio pessoais para o meu pai, escritos com os quais não estamos familiarizados, documentos que antes não sabíamos que existiam. O que estou tentando dizer é que descobrimos uma coisa...”

“Sério?”, indago, bastante surpreso. “Do que se trata?”

Ela faz uma pausa. A linha fica em silêncio, quase morta.

“Estou ouvindo.”

“Escritos que não sabíamos que existiam”, ela diz com a voz entrecortada.

“Diários?”

“Talvez. Ou outra coisa.”

“Cartas de amor?”

Ela não se pronuncia.

“Memórias?”

De novo o silêncio e depois, enfim: “Narrativas”, ela revela. “Contos.”

“Como os que são publicados pela *New Yorker*?”, palpito.

“Mais sombrios”, ela diz.

“Fascinante.”

“Ao procurar alguém para trabalhar com o material, nós queríamos fugir do convencional, evitar os suspeitos de sempre, acadêmicos famosos cujas opiniões a respeito do meu pai talvez sejam um pouquinho orientadas demais previamente, e a Cheryl imaginou que você pudesse se interessar.”

Quase pergunto “Quem é Cheryl?”, mas me contenho e tusso. “Estou interessado”, afirmo, “muito interessado. Você sabia que o seu pai escrevia ficção?”.

“Ninguém sabia”, ela diz. “Eu gostaria que você desse uma olhada, e aí quem sabe a gente não conversa mais. Onde você está?”, ela indaga.

“Na cozinha”, respondo.

Ela espera.

“Em Westchester.”

“David e eu estamos perto da Filadélfia. Eu poderia pedir que

os materiais fiquem disponíveis no escritório de um advogado em Manhattan.”

“Estou disponível”, declaro. “Às segundas e quartas eu dou aula, e tenho uma reunião agendada para esta sexta, mas fora isso... estou totalmente disponível.”

“Vou ver o que consigo arrumar e te ligo de volta”, ela diz.

“Espero com ansiedade”, digo. Desligo muito animado, é como se eu ganhasse a chave de um reino. Jogo ossinhos para a Tessie e encho o chão de guloseimas para gatos. Abro a geladeira, que continua vazia e com cheiro azedo, e me lembro de que preciso ir ao mercado para comprar comida e algum produto para limpá-la.

Tenho uma dívida grande com a Cheryl e começo a pensar no que posso fazer para agradecer a ela. Não posso mandar flores; talvez uma caixa de bife? O que se pode enviar que possa ficar em segredo? Poderia mandar suprimentos para Nateville. “Em sua homenagem uma centena, não, duas centenas de potes de pasta de amendoim enriquecida com vitaminas foram enviadas a crianças famintas de Nateville, África do Sul.” Talvez seja uma boa ideia lhe dar vales para horas de spa — mulheres adoram que lhes esfreguem os pés sem ter uma partida de futebol rolando no fundo.

Nesse ínterim, volto à loja de ferragens na esperança de reencontrar a mulher que precisava de pilhas novas e compro uma secretária eletrônica nova para a casa. “Adoro essa loja de ferragens, tem tudo o que a gente precisa e até coisas que a gente nem sabia que precisava”, anuncio para o velho da caixa registradora, que me fita com olhar inexpressivo.

Boto a secretária eletrônica antiga no guarda-roupa de Jane e instalo a nova — deixo que fale sozinha em voz maquinal, “A-lô não po-de-mos aten-der a sua li-ga-ção, por favor deixe recado.”

No final da tarde, o telefone toca; deixo a secretária atender para testá-la. É Ashley, aos prantos. “É da minha casa? Liguei para o número errado? Preciso da minha mãe”, ela soluça.

“O que foi que aconteceu?”, pergunto, pegando o telefone. A secretária desliga automaticamente.

“Eu preciso da minha mãe”, ela diz.

“Conta para mim, o que houve?”

Ela funga. “Preciso falar com a mamãe.”

“Eu sei, mas ela não está”, digo com o máximo de tato. “O que foi que aconteceu?”

“Estou passando por umas, hum, mudanças, e preciso da ajuda

dela.”

“Mudanças?”

“Sabe, tipo... virando adulta.”

“Você menstruou?”

Ela funga e não responde.

“Não tem uma enfermeira na escola ou alguém com quem você possa conversar?”

“Eu tentei. Ela fez um discurso enorme sobre biologia e me deu uns absorventes e Tampax e falou que, se eu fosse religiosa, devia conversar com o meu pastor antes de usá-los. E depois ela falou: ‘Sabe do que mais, retiro o que eu disse — usa o que for mais confortável para você.’ Achei tudo muito confuso.”

“O que é que as suas amigas fazem?”

“Elas conversam com as mães ou com as irmãs mais velhas.” Ela soluça. “Não sei nada sobre essas coisas. A única coisa que a minha mãe contou foi uma história de que, quando ela estava no primeiro ano do colegial, a enfermeira da escola deu um absorvente gigantesco para ela. Falou que parecia uma fralda e que ela pôs o treco entre as pernas e saiu andando que nem pato pelo corredor, certa de que todo mundo sabia que ela estava menstruada. Ela ficou tão envergonhada que pediu para ser liberada da educação física, levou uma tesoura para o banheiro, cortou o absorvente em quatro e usou fita crepe para grudá-lo na calcinha.”

“Sua mãe sempre estava na vanguarda”, comento, sentindo-me não exatamente empolgado por causa da história, mas feliz por falar de Jane. “Tentei usar o Tampax”, diz Ashley, tornando a se debulhar em lágrimas. “Mas pus no buraco errado.”

Tento imaginar do que ela está falando. Não me pronuncio. “Lembra que existem dois buracos lá embaixo?”

“Acho que sim”, digo.

“Pus no buraco errado.”

“Como é que você sabe?”

“A sensação é esquisita.”

“Você pôs no bumbum?” Não sei de que outra forma chamá-lo — não quero dizer “atrás” porque tudo do que estamos falando fica atrás, e não quero dizer “cu” ou “bunda” ou “fiofó” porque são termos grosseiros demais quando se fala com uma pessoa de onze anos.

“Foi. Está doendo muito. É muito difícil entender o que está acontecendo, e o primeiro buraco me pareceu pequeno demais, então eu fui mais em frente.”

“Tem cordão?” Só sei do cordão porque uma vez eu estava tentando transar com uma garota e ela falou “Estou menstruada”, e eu falei “Não me importo”, e ela falou “Mas estou de tampão”, e fiquei confuso. “Puxa o cordão”, ela falou, e eu obedeci, e saiu um rolo

coagulado de algodão e sangue, e, imaginando que eu fosse largá-lo no chão, meio que relaxei e o atirei com mais força do que previa — ele bateu na parede, escorregou e foi aterrissar no rodapé, deixando um rastro sangrento.

“Tinha cordão”, diz Ashley.

“Por que você não pega o espelho e dá uma olhada?”

A impressão é de que estou tentando pousar um avião tendo apenas voado em um.

“É um nojo lá embaixo”, ela comenta.

“Vou ficar no telefone contigo”, digo. “Onde é que você está?”

“No meu quarto.”

“Vocês têm telefone no quarto?”

“Não, eu convenci uma menina a me emprestar o celular que ela guarda escondido, somos proibidas de ter celular.”

“Liga o rádio para ninguém te escutar”, sugiro.

Ela liga a música em segundo plano.

“Bom, agora dá uma olhada com o espelho e me diz o que você está vendo”, peço, imaginando que poderia ir preso por isso.

“Não sei.”

“Você consegue pôr o dedo onde você acha que pôs o Tampax — você sente ele lá dentro?”

“Eu sinto, mas não consigo tocar nele.”

“Em que buraco ele está?”

“O buraco negro”, ela diz.

“O buraco negro que fica mais longe?”

“É”, ela confirma, exasperada e envergonhada.

“Não tem problema, garanto que já aconteceu com muita gente. Você não deve ser a única pessoa que já cometeu esse engano. Você está sentada ou de pé?”

“Estou de pé.”

“Bom, então se agache. Agora você está sentindo?”

“Estou, mas ainda não consigo pegar”, ela diz, sua frustração nítida.

“A gente vai conseguir”, afirmo. “Não se preocupe. Então, ainda agachada, eu quero que você faça força, como se estivesse tentando muito ir ao banheiro, e vê se você não consegue botar ele para fora enquanto faz força.”

“Ai meu Deus, que nojo”, ela exclama. E o telefone cai.

“O que foi que aconteceu? Você conseguiu tirar?”

“Fiz cocô no chão”, ela diz. “Que coisa asquerosa.”

“Você conseguiu tirar o Tampax?”

“Consegui”, ela diz. “Ai, meu Deus, como é que eu vou fazer para limpar isso?”

“Finge que é cocô da Tessie: usa um saco plástico e leva para o

banheiro.”

“Tenho que desligar”, ela declara, desligando.

Fico em choque, mas, por mais estranho que pareça, sinto-me um astro do rock, um engenheiro da NASA que deu instruções que salvaram o laboratório espacial de um fim incerto.

À noite, quando o telefone volta a tocar, atendo-o antes da secretária.

“É a Julie”, ela anuncia, o que me traz à mente outra Julie, a Julie do Amtrak: “Olá, sou Julie, a agente automatizada da Amtrak. Vejamos se posso ajudá-lo. Sua ligação diz respeito a uma reserva? Acho que você disse que gostaria de falar com alguém; aguarde um instante que vou transferir a ligação.”

“Você está aí?”, ela indaga. “Está me ouvindo bem? Estou no celular.”

“Em alto e bom som”, declaro.

“Que bom. Tomei as providências para que você possa ver os materiais. Quinta às dez da manhã no escritório de advocacia Herzog, Henderson e March.” Ela me passa o endereço e encerra dizendo: “Peça para falar com a Wanda, ela vai te receber.”

“Tem algo específico que você queira que eu veja ou procure?”

“Tenho certeza de que você tem dúvidas, mas, a esta altura, quanto menos eu falar, melhor. Dê uma boa olhada e aí a gente conversa mais. E só para deixar claro: não se trata de um convite para acesso permanente, é só um primeiro passo; se tudo correr bem, a gente inicia as negociações.” Ela faz uma pausa. “Aliás, você conhece alguém da Random House?”

“Agora não me vem ninguém à mente”, digo.

“A certa altura um editor chamado Joe Fox perguntou ao meu pai se ele tinha interesse em escrever ficção. Esse nome te diz alguma coisa?”

“Ele já foi embora”, afirmo.

“Para outra editora?”

“Morreu, desmoronou em cima da mesa”, conto, perguntando-me como sei disso. “Era editor do Truman Capote.”

“Isso explica tudo”, ela diz. “Meu pai guardou a carta, mas rabiscou ‘Nunca, nem em um milhão de anos’ à margem. Ele detestava o Capote, odiava, falava que ele estava entre os piores deles.”

“Deles?”

“Homossexuais. Papai não gostava de homossexuais.” Ela se cala. “Quinta às dez, a Wanda vai estar te aguardando.”

“Obrigado”, digo. “Estou curioso.”

“Como seria de se esperar”, ela diz.

Às seis da manhã de quinta-feira, já estou de banho tomado, usando um dos ternos de George recém-saídos do saco de roupas lavadas a seco, e procurando na internet “estacionamentobarato.com” para descobrir uma garagem acessível perto do escritório de advocacia. Encho uma das pastas de George de blocos de papel e canetas e parto.

Estaciono a meio quarteirão do escritório de Claire; eu não sabia disso ou sabia e optei por esquecer? As ruas fervilham de homens e mulheres bem-vestidos. Sinto-me um forasteiro, como se tudo em mim estivesse errado. Sou dominado pelo déjà-vu, sei que já estive ali antes, em outras circunstâncias; é como se agora vivesse numa realidade alternativa e não tivesse como evitar a preocupação com a possibilidade de que o AVC tenha causado mais danos do que havia percebido.

Minha empolgação se transforma em raiva.

No saguão do prédio um vigia me pede a identidade. Enfio a mão no bolso: acho duas notas de vinte e uma de cinquenta enroladas juntas — dinheiro de mentirinha — e me dou conta de que, ao vestir o terno de George, esqueci-me de “recheiar” os bolsos. Aflito, começo a suar; confesso ao vigia que não estou com a identidade.

Ele quebra meu galho, oferecendo-se para ligar para o andar do escritório e pedir à Wanda que desça para me buscar.

Wanda é alta, negra, eficiente. Lida comigo como se eu fosse um espécime — o professor confuso.

“Peço desculpas por tê-la obrigado a descer”, digo no elevador.

“Não tem problema”, ela diz quando a porta do elevador se abre no vigésimo sétimo andar. “A empresa ocupa este andar e o de cima.”

O escritório está silencioso: telefones não tocam, piscam, e as pessoas deslizam sem fazer som pelo carpete. O único barulho é o farfalhar de suas roupas. Wanda me conduz por um corredor, destranca uma porta e, com um gesto, me manda entrar numa sala de reuniões cheia de móveis inócuos, apesar de caros. No centro da mesa há algo que parece um OVNI, uma base de telefone para teleconferências. Na outra ponta da mesa estão duas caixas de papelão com letras garrafais na lateral, onde se lê “R.M.N.”. Meu coração dispara.

“A sua mochila fica comigo”, diz Wanda.

“Minha mochila?”

“Sua bolsa.” Ela aponta o que carrego na mão direita.

“A pasta do George?”

“Isso.”

“É para fazer anotações” — bato na pasta —, “papel e caneta”.

“Nada de materiais vindos de fora”, ela anuncia. “Temos

material próprio” — diz, indicando os blocos e lápis sobre a mesa. “E, por favor, nada de citar mais do que sete palavras em sequência.”

Concordo com a cabeça e entrego a pasta. Ela me passa um termo de confidencialidade de três páginas. Assino o documento sem lê-lo.

“Quanto tempo eu tenho?”, pergunto.

“Estou aqui até as cinco.”

“Obrigado.”

Ela faz menção de sair e se vira para mim. “Você está sob vigilância constante; isso significa que não deve tentar nenhuma gracinha.”

“Tenho permissão para tirar as coisas das caixas?”

“Tem”, ela diz.

“E mexer no material?”

“Tem luvas em cima da mesa. Você não tem alergia a látex, tem?”

“Látex está ótimo”, declaro. “Perfeito.”

Calço as luvas, imaginando-me como médico e RMN como paciente. Com enorme entusiasmo, abro a caixa velha. A visão da letra de Nixon me faz enrubescer. Minhas faces estão quentes, minhas palmas suam dentro das luvas. Estou contente por estar a sós, porque, francamente, minha animação está passando um pouco da conta, como um menino de doze anos com a primeira revista masculina.

Toco o papel em que ele tocou — não é uma cópia, é cem por cento genuíno. Os blocos de anotação são estampados com a esmerada letra cursiva de Nixon, em azul, com riscos e recomeços, números, sublinhados — é comum uma folha ter vários cabeçalhos, textos numerados 1, 2, 3, 4.

Ele literalmente respirou em cima dessas folhas; são seus pensamentos, suas ideias. “Comer menos sal. Tentar trocar por pimenta” foi rabiscado nas margens. “Ou canela. Detesto canela”, ele escreve em resposta a si mesmo. “Parece terra.”

Ao segurar aqueles blocos bastante usados, sou tomado pelo prazer. Ouço a voz de Julie na minha cabeça: “Dê uma olhada, daí a gente conversa.” Penso em Julie se casando com David Eisenhower, neto do general e ex-presidente, em dezembro de 1968, poucas semanas depois de Nixon ganhar a presidência, a cerimônia realizada por ninguém mais ninguém menos do que o reverendo Norman Vincent Peale — o sr. Poder do Pensamento Positivo.

Meditando sobre as grandes esperanças, o potencial, a grande aspiração de RMN, começo a pensar em mim. Tropeço em um quebramolas mediúnico, caio e mergulho na minha história familiar. A ironia é que, embora meus pais esperassem que George e eu crescêssemos e nos tornássemos presidentes, não acreditavam que fôssemos realmente

capazes de atravessar a rua sozinhos. Era uma mensagem contraditória, extremos simultâneos de expectativa e lembretes de que não valíamos porcaria nenhuma, mensagem que em retrospecto parece abusiva. Tenho certeza de que aquilo foi “desintencional” e provocado pela privação deles mesmos e da ideia de que tínhamos sorte por tudo o que conseguíamos. Sempre tive a impressão de que minha família era de certo modo “defeituosa” e de que eram essas falhas bem compatíveis — a capacidade de amar e odiar ao mesmo tempo — que mantinham meus pais juntos. Basicamente, eram abomináveis com amargura. Deveríamos virar presidentes governando a partir da mesa das crianças sem nunca ter a audácia de sonhar ir além de onde nossos pais tinham estado; jamais transcender.

Fico triste. Aqui estou com esses blocos de papel, a mão literal do meu objeto de estudo em contato com a minha, e fico perdendo tempo, divagando.

Recomeço, concentrando-me em Nixon e seus contemporâneos e em uma época de grandes mudanças no país — a ponte entre a cultura pré-guerra da era da Depressão e os Estados Unidos do sonho americano no pós-guerra.

DA CAIXA DE R.M.N. 345 BLOCO Nº 4, ANOTAÇÕES MARCADAS;
BOM POVO AMERICANO.

Wilson Grady é um homem solitário. Todas as manhãs, Grady acorda com orgulho inflado no centro do peito — é crente nas possibilidades, a esperança de que cada dia seja melhor do que o anterior. É um cara de sorte, um cara bem afortunado, cruzando os prados, quilômetro a quilômetro, seguindo uma nuvem de poeira, o silenciador do seu carro perfurado e emitindo um barulho tão sonoro que as pessoas acham que se trata de um avião pulverizador dando rasantes. Vê o pessoal ao longe assistir à sua chegada — faz piada sobre isso quando sai do veículo. “Não há surpresa nenhuma”, ele diz. “Pode até ser barulhento, mas foi ele que me trouxe até vocês e conto com ele para me levar para casa no fim da semana.”

A dona da casa desce da varanda e se aproxima dele — uma mulher sozinha em casa jamais o convidará a entrar, é compreensível.

“Wilson Grady”, ele diz, esticando a mão.

“Agradeço desde já pelo tempo que me concede.”

Se gostar dele pelo menos um pouco, irá lhe oferecer uma xícara de café.

“Eu adoraria”, ele diz, tendo ou não tomado outra xícara três quilômetros antes.

“Como é que você prefere?”, ela indaga, e acrescenta antes que ele possa responder: “Nosso leite está quase acabando.”

“Preto com açúcar está ótimo.”

Ele aguarda enquanto ela vai lá dentro. Dá para saber bastante coisa sobre as pessoas pela varanda delas: É pintada? Tem cadeiras, flores? Cortina nas janelas? Paninhos de crochê debaixo dos abajures da sala de estar? Ele havia criado uma espécie de lista de verificação mental.

O café está quente — a xícara grossa de cerâmica quase queimando as mãos de Grady.

“Você mencionou os filhos; quantos anos eles têm?”

“William, o mais velho, tem onze; o Robert tem nove; a Caroline tem oito; e o Raymond tem seis.”

“Uma das coisas que estão comigo é uma coleção enciclopédica, cheinha de informações, história, mapas, coisas que todo mundo devia saber.” Ele leva a mulher até o carro — sendo cuidadoso ao abrir o porta-malas, que é equipado como uma loja ambulante de artigos baratos. O que posso te dizer sobre esses livros é que toda noite, quando estou jantando, eu me sento com uma letra do alfabeto — a gente tem tanto o que aprender. Estou na letra ‘H’ neste momento — e obtendo uma bela formação.”

“Quanto custa?”

“Serei franco com você”, ele diz. “Não é barato. As 26 letras do alfabeto foram combinadas em 13 volumes que vêm junto com um atlas mundial. Dá um belo presente de Natal e é algo que todas as crianças podem usar — até o pequenino vai ler daqui a pouco tempo.”

“Você tem filhos, meu senhor?”

“Ainda não — mas um dia vou ter. Estou de olho na moça com quem quero me casar, só que ela ainda não sabe disso.”

A mulher sorri.

“Posso te fazer a coleção inteira por quarenta

dólares.”

Ela assente. “É muito.”

“É sim”, ele diz. “É um investimento, é conhecimento para a vida inteira.”

“Você por acaso teria um ferro?”

“Tenho, sim” — levando um instante para achá-lo. “Elétrico, a vapor”, ele diz, tirando-o da caixa com muito cuidado para mostrar a ela. “Dei um desses para a minha mãe e ela falou que funciona às mil maravilhas.”

“Por quanto sai?”

“Seis dólares e quarenta e nove centavos.”

“E quanto a balas baratinhas?”, ela pergunta timidamente.

Ele ri. “Não pense que você é a primeira a perguntar delas esta semana — tenho balas de menta, pastilhas de limão, alcaçuz vermelho e preto e, se você estiver procurando algo mais chique, tenho umas caixas de chocolate See’s”.

“Comi desses uma vez”, ela comenta, “são o paraíso na terra”.

“Feitos por chocolateiros das estrelas”, ele diz.

Ela ri e enfia a mão no bolso do vestido. “Que tal se eu ficar com o ferro e cinquenta centavos de balas?”

Grady trabalha de porta em porta das 9h às 17h. Caso o marido esteja em casa, Grady faz questão de parecer interessado no que quer que o cara queira lhe mostrar — tem sempre alguma coisa, um projeto no qual anda trabalhando no celeiro dos fundos ou na oficina do porão. Grady acha triste — só o que os caras querem é um tapinha nas costas e alguém que lhes diga que estão se saindo bem. Ele escuta, deixa o homem se prolongar mais do que precisaria, e então, antes de dar início à sua campanha comercial, ele faz o cara chorar com a história de que nunca tinha visto o pai de terno até o dia de sua morte. E então parte para as vendas — qualquer número abaixo de cinquenta ele considera um fracasso. É um sucesso se consegue convencê-los a comprar a enciclopédia para os filhos e uma caixa de doces para a esposa — e quando as festas estão próximas ele tem sempre um estoque de caminhões de brinquedo com faróis funcionando e bonecas cujos olhos se abrem e se fecham, para as meninas.

Para Wilson Grady, um dia bom termina numa lanchonete. À exceção das tortas da mãe, comeu os melhores pratos de sua vida enfiado em um assento de mesa junto à janela, sob o brilho do letreiro de neon e acompanhado de uma letra de sua enciclopédia.

“Vou começar com uma tigela de sopa de peixe e depois quero o especial.”

Seu prato, com duas fatias grossas de bolo de carne, ervilhas bem cozidas, um pãozinho quente e uma concha de purê de batata empilhados como morros com uma poça de caldo marrom no meio, é tão perfeito que ele quase chora — ele ama os Estados Unidos da América.

À noite o vento sopra e a temperatura cai. Apesar de ter sido um dia bom, Wilson Grady sente um frio de doer os ossos. Tem umas cobertas de lã no carro, além de um travesseiro que foi de seu irmão quando menino. Estaciona numa rua transversal e se acomoda para a noite — na maioria das vezes ninguém o percebe, e quando isso acontece ele se desculpa e dirige noite adentro, pensando na garçonete de avental bem-amarrado em torno do quadril, como se fosse um cinto de castidade, enquanto desaparece na escuridão da estrada.

Termo e estou quase às lágrimas — é uma faceta de Nixon que nunca tinha visto, mas sempre suspeitei que existisse sob a superfície. Há um lado humano, um desespero neste Nixon, que é o Nixon dos primórdios, não o Nixon presidencial, mas Nixon como ele mesmo se vê. Este Nixon é um homem de ambição explosiva, um homem comum idealizado, ainda que clichê, atravessando o país e estabelecendo a base do grande momento vindouro. Wilson Grady é um homem que quer algo, mas não sabe bem como proceder.

Tiro as coisas da caixa, criando séries de pilhas de material, tomando o cuidado de manter tudo em ordem — mas querendo chegar ao cerne, ao fim, querendo entender o arco dos materiais, o conjunto de coisas.

Encontro um texto curto mais para o meio da pilha. O que chama a minha atenção é o fato de que Nixon escreveu “FDP, Filho da Puta” inúmeras vezes nos primeiros cinco centímetros da margem superior da folha. A “história”, quase toda feita de xingamentos, é a descrição de um homem sofrendo um ataque da mobília de seu escritório. O homem chega tarde, atrasado por problemas no trem. E chuva. Os sapatos estão encharcados. As meias estão molhadas. Ele entra no escritório, tira os sapatos e as meias e os coloca sobre o aquecedor, larga a pasta de couro úmida no chão — percebendo que ela está cheirando a curral —, tira os documentos importantes e se acomoda na cadeira, que no mesmo instante o gira em círculos infinitos antes de atirá-lo no chão. Ele sobe na cadeira outra vez e se debruça para acender o abajur da mesa, que lhe dá um choque surpreendente. Em seguida, pega a caneta-tinteiro, que vaza em seus dedos, e depois, por fim, num surto de raiva, enquanto procura um lenço para se limpar, ele fecha a gaveta de lápis com um baque e prende os dedos.

“Meu Deus.”

“Que diabos?”

“Droga.”

“Filho da puta.”

“Boqueteiro.”

Depois acho outro conto; rabiscado no alto entre parênteses há a nota: “Nenhum nome porque realmente já tomei um drinque com esse cara uma vez.”

Um apartamento na avenida

Arthur chega em casa tarde, depois de tomar um ou dois drinques além do recomendado. Depara-se com a esposa no quarto, se despindo; ele a observa pensando que ela ainda está bem, sexy, que ela lhe dá vontade de fazer travessuras. Mas, assim que ela fala, suas expectativas...

“Posso te ajudar em alguma coisa, Arthur?”

“Não é nada”, ele diz.

“Tudo bem, Arthur. Imaginei, pela forma como você ficou parado aí, que você estivesse esperando algo.”

“Você quer saber o que é, Blanche? A verdade que há nisso tudo... eu nunca te amei — casei-me com você porque achei que seria bom para mim.”

“Eu já sabia, Arthur.”

“E, se eu não achasse que me prejudicaria em vários aspectos, eu teria ido embora tempos atrás.”

“Você é o único que acha isso”, ela diz.

“Quando foi a última vez que você me quis?”, ele diz. “Da forma que uma mulher deveria querer seu homem.”

“Nunca gostei de sexo, você sabe disso”, ela diz, olhando para ele através do espelho da penteadeira.

“Exatamente”, ele diz, falando com o reflexo dela. “Mas imagine a sensação que isso provoca num homem? A questão é: eu gosto de sexo e seria bom fazer de vez em quando com alguém que não ache nojento.”

“Suponho que você certamente já tenha encontrado lugares para ‘fazer’.”

“A gente sempre volta a esse assunto, não é?”

“Não é?”, ela diz. “Bom, Arthur, quando você fala de coisas que podem te fazer mal, ter relações com a secretária do seu chefe é algo que pode não te fazer bem, pode?”

“Os homens não veem a situação da mesma forma que as mulheres”, ele diz.

“Sem dúvida”, ela diz.

Ele se aproxima dela, chega perto da penteadeira diante da qual ela está sentada, passando creme no rosto.

“Passa um pouco em mim”, ele diz, quase implorando. Ela não se interessa.

“Você sabe como se cuidar”, ela diz, levantando e afastando-se.

Ele estica o braço a fim de puxá-la para perto, mas tudo sai errado e sua mão toca o rosto dela, como se estivesse lhe dando um golpe. Não é a primeira vez que algo assim acontece.

Ela fica sem reação e, de certo modo, é a falta de reação, a ausência de qualquer traço humano que o induz a repetir o gesto — dessa vez com a intenção clara. Os dedos curvados num punho cerrado, ele lhe desfere um soco, atingindo-a na bochecha.

Ela não cai; fica ali parada, mal balança. “Podemos dar a noite por encerrada?”, ela diz, antes de cuspir — um dente solitário pousa no tapete.

Sem mais nada a dizer, ele cruza o corredor,

tira do armário a coberta que costumavam usar nos piqueniques de verão que faziam no parque e se acomoda no sofá. Sozinho em meio às mesas de canto, luminárias e poltrona, ele chora. Lágrimas pesadas como bolas de gude descem pelo seu rosto enquanto ele fala sozinho, numa cantilena incoerente que só para quando ele tapa a boca com o dedão — chupando-o até o sono chegar.

Ao meio-dia, Wanda entra na sala de reunião, rompendo a quimera. “Hora do almoço”, ela anuncia.

“Tudo bem”, eu digo. “Vou ficar trabalhando direto.”

“Nós fazemos um intervalo para almoçar”, Wanda diz. E eu olho para ela. “Não tem ninguém disponível para te monitorar, então você vai ter que sair por uma hora. Pode deixar o seu material aí; vamos trancar a sala.”

Desço de elevador com Wanda. Quando estamos saindo, eu lhe lanço um olhar; ela me encara, preocupada. “Você precisa de dinheiro para almoçar?”, ela indaga.

“Ah, não”, digo. “Estou com dinheiro até demais, só não tenho identidade. Não se preocupe. Você pode me recomendar algum restaurante?”

“Tem um bufê de saladas na delicatessen do outro lado da rua, e restaurantes espalhados por aí”, ela diz, aliviada.

Saio do prédio e vejo a luz, quando me dou conta de que Claire pode estar nas redondezas. Entro de fininho na delicatessen, onde me enfio no rodízio de gente que circula devagar em torno do bufê de saladas, murmurando vagamente como se meditassem. Tem alface picada, tomates-cereja, ovos cozidos, bandejas fumegantes de carne com molhos enigmáticos, macarrão bem laranja coberto de queijo.

Penso no conto de Nixon sobre a lanchonete e me pego botando bolo de carne e purê de batata no meu prato descartável, seguido por uma concha grande de macarrão quente, pesado, que amolece o isopor. Pago e volto à área de refeições da delicatessen, onde vejo uns caras sentados em barris de plástico ociosos. “Posso me sentar aqui?”, indago, e eles simplesmente me olham e voltam a comer. A comida está deliciosa — mais que deliciosa, está divina, uma mistura de sabores como nunca provei na vida.

“Você me parece ocupado”, a chinesa da delicatessen me diz quando estou empertigado no barril de vinagre.

“Tive um dia grandioso”, declaro.

“Você trabalha, você vence, vence, vence.”

Concordo com a cabeça. Ela me traz uma xícara de chá.

“Você sabe quem é Richard Nixon?”, indago.

“Claro”, ela diz. “Sem Nixon eu estaria perdida.”

“Estou ocupado com o Nixon.”

“Escolhe alguma coisa”, ela diz. “Antes de ir, escolha coisa para você mais tarde.”

“Não precisa”, digo, sem entender o que ela quer que eu faça.

Ela enfia uma barra de Hershey’s na minha mão. “Você gosta com amêndoa?”

“Está ótimo”, declaro, olhando para baixo — amêndoa.

“Você faz trabalho bom”, ela diz, balançando a cabeça. “Eu conheço você de antes, muito tempo atrás, você compra biscoito para a esposa.”

Fico confuso.

“Você não lembra?”, ela pergunta, me mostrando uma caixa de biscoitos. LU Petit Écolier. “Você compra esse.”

“Sim”, digo. “Está certo, eu comprava sim. Comprava desses para a Claire.”

“Claro que sim”, ela confirma.

“Era aqui?”

“Um quarteirão daqui”, ela explica. “Fizemos mudança, esse lugar muito melhor, prédio grande bem em cima, banqueiros importantes, analisando números, precisam de coisa para mastigar.”

“Fico surpreso por você ter se lembrado de mim.”

“Nunca esqueço”, ela diz, e então se cala por um instante. “Sinto pela sua vida. Vi você em jornal — bagunça grande.”

“Foi mais o meu irmão do que eu.”

“É você também”, ela afirma. “Você é seu irmão.”

“Estou bem”, digo. “A situação está melhorando.”

“Até mais ver”, ela se despede, acompanhando-me até a porta.

No saguão, após o almoço, enquanto aguardo Wanda, abro a embalagem da barra de chocolate e dou uma mordida. Estou impressionado com o fato de que a moça da delicatessen ter se lembrado de mim. É muito estranho que ela saiba quem eu sou. Sabia de mim e de Claire e tudo sobre o meu irmão. Senti pena de mim e me deu uma barra de chocolate. Ninguém mais dá algo a alguém só por dar. Agora dou outra mordida, não mais preocupado com o aspecto do meu terno ou com a possibilidade de que Claire esteja “por aí” com a saia justa, os saltos um pouco altos demais para ser considerada digna de respeito. No saguão observo as pessoas caminhando, pensando em Nixon, um homem típico da própria época, perguntando-me o que ele acharia da nova tecnologia para

espionagem, para coletar informações. Pergunto-me se ele ainda escreveria à mão, se entraria em sites pornográficos com o iPad enquanto descansava na adorada chaise longue de veludo marrom, no refúgio secreto do Executive Office Building. Pergunto-me o que ele acharia de todas as mulheres no poder hoje em dia. Afinal, foi ele quem disse que não achava que as mulheres deveriam ter cargos no governo — ele as considerava instáveis e emotivas.

A tarde é gasta lendo diversos rascunhos de uma novela macabra a ponto de gelar os ossos, *Do amor fraternal*, cujo cenário é uma cidadezinha da Califórnia, em que um fracassado cultivador de limões e a esposa conspiram para matar os três filhos, convictos de que o Senhor tem planos melhores para eles no outro mundo. Depois que o caçula morre, o garoto do meio entende a situação e tenta avisar o irmão mais velho, que o trata como se tivesse enlouquecido — violado a própria palavra de Deus. Quando o filho do meio chega em casa no fim do dia e seus pais lhe dizem que o filho mais velho foi ao encontro de Deus, o garoto se apavora. Temendo por sua vida, ele desfalece e diz aos pais que deve haver algum motivo para o Senhor, tendo levado seus dois irmãos até ali, ter lhe poupado. O Senhor devia ter um plano para ele. Os pais, pesarosos, assentem e insistem que ele vá para a cama. Ele faz suas preces e em seguida finge dormir. Levanta-se após a meia-noite e assassina primeiro o pai e depois a mãe, o tempo inteiro temendo a mão de Deus. Ele mata os pais, depois atea fogo à casa e ao celeiro e parte no carro da família, esperando conseguir ultrapassar a fronteira antes que as autoridades o descubram.

A história é repleta de paranoia, questões de fé e a insinuação de que os pais não tenham cuidado dos filhos de forma boa o bastante, de que o próprio Deus não estivesse satisfeito. A expectativa é de que o irmão sobrevivente faça algo mais, algo heroico — ele é obrigado a recompensar a perda dos familiares.

Leio esses fragmentos incompletos como a tentativa de Nixon de processar a morte precoce dos dois irmãos, Arthur e Harold, e a própria crise de fé. Apesar da manhã inquietante, a tarde traz um novo grau de conforto. Peço a chave do banheiro masculino e recebo um cartão programado, como a chave de um quarto de hotel, e me informam que ele vencerá em dez minutos. Os banheiros são luxuosos: o mictório é cheio de gelo — que estala, crepita, racha quando meu

jato de urina o atinge. Dizem que os banheiros se mantêm mais limpos quando os homens têm algo em que mirar. O cartão me serve de desculpa para andar pelos corredores, imaginando como os documentos de Nixon foram parar ali. Qual é a relação da “empresa” com a família Nixon? Alguém conhece alguém que conhece alguém: tudo se resume a quem você conhece, quem foram seus colegas na escola, quem brincava com você no quintal. Depois de algumas voltas pelos corredores do escritório, volto à sala de reuniões. Instantes depois eu espirro e um rapaz surge com uma caixa de Kleenex.

“Obrigado”, digo, lembrando-me de que sou vigiado.

Às quatro e meia Wanda aparece. “Trinta minutos para fecharmos”, ela anuncia. Às quatro e cinquenta, “Dez minutos”. Às quatro e cinquenta e cinco, ponho o lápis na mesa. Wanda aparece e lhe mostro as poucas folhas de anotações a lápis que rabisquei no bloco deles.

“Você acha que vai voltar?”, ela indaga.

“Espero que sim, é uma descoberta muito animadora, mal deu para começar.”

“Avisarei à senhora Eisenhower que você ficou satisfeito.”

“Obrigado. E obrigado também pela sua ajuda. Tenha uma boa noite.”

Ela sorri.

Vou para casa amando Nixon ainda mais, admirando sua habilidade, sua sutileza, a capacidade de descrever o comportamento humano. Paro para comprar comida chinesa, vou para casa, acomodo-me à mesa da sala de jantar e conto tudo a Tessie. Converso com a cachorra, levo colheradas de sopa à boca e ao mesmo tempo escrevo na maior velocidade e furor que me é possível. Transcrevo tudo que lembro, maravilhado com as nuances do raciocínio de Nixon, a complexidade de sua natureza, o humor, tão negro, tão sardônico, revelando muito mais autoconsciência do que a maioria das pessoas o imaginaria capaz. Penso em como essas narrativas redefinirão Nixon, mudarão a configuração da área de estudos em torno de sua figura — meu livro em especial. Escrevo sem parar por uma hora e meia, depois me recordo do termo de confidencialidade e digo a mim mesmo que qualquer coisa que escreva agora será só para mim, um primeiro rascunho, primeiras impressões. À medida que me aprofundo, vejo-me com vontade de descrever os personagens, o texto, em detalhes. Sinto-me silenciado, oprimido, usado, ludibriado, e começo a tramar uma forma de contornar a situação. Caso a família negue que os materiais existem, caso não tenham sido catalogados, será difícil provar, difícil chegar a algum lugar. Tenho esperança de que os Nixon sejam pessoas razoáveis. Tenho esperança de que estejam dispostos a permitir que ele seja conhecido pelo que era, em sua glória e complexidade.

Pergunto-me qual será o próximo passo; será que tenho o telefone da Julie? Examino o identificador de chamadas. Tenha paciência, digo a mim mesmo, deixe que os acontecimentos sigam o curso natural. O telefone toca. “Boa noite, estou falando com o senhor Silver?”

“Talvez. Posso perguntar quem quer falar?”

“Geoffrey Ord y Jr., da Wurlitzer, Pulitzer e Ord y.”

“Qual senhor Silver você está procurando?”

“Como assim?”

“George ou Harold?”

“Dadas as circunstâncias, imagino que George não possa falar no momento”, o cara diz, irritado.

“Correto.”

“Peço desculpas por telefonar a esta hora.”

“Não tem problema. Passei o dia inteiro fora”, declaro.

“Vou direto ao assunto. Haverá uma audiência amanhã às onze em White Plains a respeito do acidente de carro do seu irmão — esquecemos de avisar você. Vão trazer o George, vai ser a primeira aparição pública dele. Vai ter gente da imprensa por todos os lados.”

“Amanhã?”

“Como eu disse, alguém que devia ser mais responsável se esqueceu de avisá-lo.”

“Tenho um almoço amanhã, um almoço muito importante com uma pessoa que não posso me dar ao luxo de decepcionar.”

“Só estou repassando a informação.”

“Parece ao mesmo tempo importante, mas também uma coisa que no quadro geral pode ser ignorada — é uma primeira aparição, sem dúvida vai haver outras.”

“Correto.”

“Onze horas em White Plain?”

“São essas as informações.”

“George estará presente.”

“Confirmado; no Palácio da Justiça do condado.”

“Vou tentar dar um jeito. Da próxima vez, um aviso com um pouquinho de antecedência seria ótimo.”

“Entendido. Boa noite.”

Nesta noite sonho com Richard Nixon deitado no chão com um terno cor de carvão e camisa branca, a cabeça em uma almofada acolchoada de sofá, o corpo se contorcendo como se tentasse dar um chute. Pat está lá, andando de um lado para outro do cômodo, pisando nele repetidas vezes em seu vestido vermelho bem justo. No sonho, Nixon

tenta olhar por baixo do vestido. “Meia-calça, sem calcinha?”, ele pergunta, surpreso. “É confortável?”

“É sim”, ela diz.

O telefone está tocando.

“Escuta, seu filho da puta...”, uma voz desencarnada grita comigo.

Fico apavorado, imaginando que seja ele — Richard Nixon me ligando.

“Você é muito cara de pau mesmo”, ele diz, continuando a berrar enquanto retomo a consciência. Percebo que não é Nixon, é o pai da Jane. “Penso em você e no nojento do seu irmão e me dá asco.”

Ela me seduziu, penso comigo mesmo, mas não digo nada.

“Quero que você nunca se esqueça do que fez.”

“Penso nisso o tempo inteiro”, afirmo, ciente de que isso não serve de consolo.

“A gente soube que as coisas estão chegando num ponto crítico, que a bola está rolando, vai ter uma audiência, e o machado proverbial vai cair, e, bom, estou preocupado com as crianças”, ele diz.

“As crianças estão na escola.”

“Já chega. A gente acha que elas não deviam participar disso.”

“Elas estão muito bem.”

“A gente acha que você devia levá-las para outro lugar.”

— ele é um grande atleta.”

“Elas não precisam ser expostas ao bafafá que vai cercar esse troço todo.”

“E a Ashley ligou uns dias atrás. Foi um telefonema ótimo, muito bom para criar um vínculo, foi como se tivéssemos enfrentado uma situação juntos...”

“Babaca”, ele diz. “Você está ouvindo o que eu estou falando? A gente acha que seria bom se as crianças saíssem do país.”

“Para onde?”

“Você podia levá-las para Israel.”

“Elas não falam hebraico. Mal sabem que são crianças judias.”

Há um instante de silêncio. “Olha só, seu nojento”, diz o pai da Jane. “Eu estava brincando quando falei de Israel.”

“Foi uma piada? Que judeu faz piada com Israel?”

“Quem é que dorme com a esposa do irmão quando o irmão está no manicômio? O que eu quis dizer é que você devia levá-las para

algum lugar, tirar essa bosta toda da cabeça delas, não me importa para onde vá.”

“Não sei o que dizer.”

“Escuta, imbecil, eu pago para você levar as crianças para outro país.”

“Elas estão na escola”, declaro. “Mas, para ir direto ao ponto, se você quiser levá-las para outro país, por que não planeja uns dias de férias e me informa das datas.”

“No momento só posso cuidar da minha esposa e de mim mesmo”, ele retruca. Escuto seu gemido, um soluço único, profundo, alto, e então ele desliga.

Passeio com a cachorra; o céu matutino é de um tom azul brilhante e benevolente, repleto de potencial e oportunidades. É de um otimismo avassalador — em outras palavras, o céu assim me deixa nervoso, cria um parâmetro alto demais.

Visto-me para ir ao tribunal e ao almoço com um dos ternos cor de carvão de George, uma camisa branca e gravata azul. Azul parece remeter mais à justiça do que vermelho, que denota agressão. Uma sensação iminente de ruína me corrói por dentro. Visto-me da melhor forma possível, passando desodorante não só nos sovacos como naquela linha grossa quase circular que cruza o corpo abaixo do peito, indo rumo às costas até o começo da lombar. Aplico desodorante até onde consigo alcançar de ambos os lados. Sou do tipo que transpira muito; sob pressão pingo gotas de chuva de estresse: sou capaz de empapar uma camisa em dois minutos.

Em White Plains, rodeio o palácio de Justiça; há placas de PROIBIDO ESTACIONAR EM TODOS OS HORÁRIOS” por todos os cantos. Acabo estacionando no shopping Galleria e atravessando o centro comercial.

Assim como todos os palácios de justiça modernos, este é uma fortaleza sem personalidade, testemunho da enxurrada de documentos, da burocracia e da insanidade incipiente do nosso sistema. Surtar não é mais exclusividade daqueles que juram que “Nem chuva nem neve nem a penumbra da noite deteria seus emissários das rotas que lhes foram designadas”. Virou uma espécie de rito de passagem: funcionário descontente volta e atira no patrão, esposa descontente mata filhos, marido descontente dá perda total no carro, mata desconhecidos e depois mata a esposa. Difícil não ficar

surpreso, quando a maior parte das conversas públicas é assim: “Papel ou plástico?” A perda do contato humano me assusta.

Aproximo-me esperando um circo da imprensa, vans de redes de televisão, antenas parabólicas — estou nos Estados Unidos, tudo é um circo. O fato de que não se trata de um “cenário”, não há tapete vermelho, só a vida de sempre, é ainda mais preocupante. Ainda é “real” se não é documentado e difundido para todos por meio da imprensa? Alguma coisa tem sentido se não for coberta pela mídia? E o que o fato de eu sentir que esses acontecimentos não são legítimos sem uma equipe de cinegrafistas diz a meu respeito? Dentro do prédio, uma gravação anônima diz: “Seja bem-vindo, favor esvaziar os bolsos, colocar seus pertences nos recipientes e passar pelo nosso processo de vistoria.”

Por reflexo, o homem à minha frente tira os sapatos.

O guarda não se pronuncia e simplesmente o conduz através do detector de metais, ignorando que ele segura a pasta velha contra o peito. Olhando para a sola dos sapatos, reparo que ele anda com os pés apoiados no eixo externo — essa é a pronação ou a supinação?

Minha vez. Reviro os bolsos e jogo meu punhado na cesta; não acerto, esparramo, moedas de cinco e dez centavos caem no chão como um copo se quebrando e rolando para lá e para cá.

“Senhor, por favor, dê um passo para o lado.”

“Tem algum problema?”, indago.

“Tem?”, o guarda repete.

“Minha preocupação é ter me empolgado demais”, declaro. “Estou um pouco nervoso. Meu irmão vem hoje.”

“Que emocionante”, ele diz, revistando-me tanto com o detector como mediante apalpadinhas. “Quer seu dinheiro de volta?”, ele pergunta ao terminar; outro guarda ficara andando em círculos recolhendo minhas moedas de cinco, dez e vinte e cinco centavos.

“Pode ficar”, digo.

“Não posso”, ele retruca. “Ou você pega ou vai para a caixinha.” Ele vira a cabeça na direção de um repositório do Exército da Salvação sem vigia, como aquele de que o Papai Noel cuida na época de festas.

“Caixinha”, decreto. E então, ao rechear os bolsos novamente, eu indago: “Vocês estão me tratando de forma especial?”

“Tratamos todo mundo de forma especial.”

Estou levando a situação toda para o lado pessoal, como se fosse o único sob julgamento. Acho a sala de audiência, que por

engano chamo de sala de aula ao perguntar o caminho. Metade dela está vazia, com atividades comedidas do tipo preparatório, papéis mudando de mãos, pessoas andando sem destino. É como observar os contrarregras se preparando para uma cena. O sistema é uma construção degenerada, ligeiramente inglesa, surreal, e recende a cultura americana, a fast-food e a ausência de estilo — os funcionários e oficiais de justiça são gordos e se vestem mal. A sala em si é feia e carece de manutenção: tem-se a impressão de que ninguém nutre amor nenhum pelo ambiente; mais parece um ponto de ônibus do que um lugar que se teria em alta conta.

Portanto aqui estou eu, esperando a mídia, a imprensa, pessoas brigando para entrar, e na verdade é um grande nada. Um homem com barriga de chope toma notas no que antigamente chamávamos de bloco de estenografia, e uma mulher que usa o que mamãe chamaria de roupa de segunda mão faz a mesma coisa. Quando o caso enfim é citado, George e o advogado entram por uma porta lateral e se acomodam em seus lugares. Estou na terceira fila, olhando para as costas de George. Ele se vira e me olha; está apagado, inchado, medicado. Várias formalidades são levadas a cabo, uma espécie de recapitulação de onde estamos e como chegamos até aqui. No meio disso tudo, George emite um som, como o grunhido de um rinoceronte prestes a atacar; é desconcertante, mas ninguém fala nada. Os advogados prosseguem. Eu me concentro e divago, interessando-me mais ao escutar alguém da promotoria dizer: “Para resumir a história — estamos retirando a acusação no que concerne ao acidente de trânsito fatal.” Ele lê uma declaração pronta: “Investigação independente corrobora a afirmação da defesa de que foi identificado defeito de fabricação do veículo. Está documentado que o fabricante não notificou os consumidores em tempo hábil. Nos doze meses anteriores ao acidente, o fabricante recebeu inúmeras reclamações a respeito de falha, instabilidade e problemas relacionados ao freio, inclusive de inconsistência no mecanismo de frenagem. Provas obtidas confirmam que de fato o freio do carro do réu era do mesmo tipo dos que apresentaram defeitos e que o réu, no momento do acidente, declarou aos policiais presentes que ele, abre aspas, ‘tentou parar, mas o carro seguiu em frente’. A carteira de motorista do réu está limpa, e no final das contas fomos levados a crer que o acidente foi culpa do veículo, e não do motorista. Achemos melhor empregar nossos recursos processando o fabricante, e documentos já foram entregues com este fim.”

Estou ouvindo o que eu acho que estou ouvindo? George saiu incólume do acidente de carro?

“Portanto, no que tange ao acidente, os senhores retiram todas as acusações contra o senhor Silver?”, o juiz pede o esclarecimento.

“Sim, senhor, estamos retirando todas as acusações referentes ao acidente de carro, apontando insuficiência de provas para prosseguir.”

Os únicos que parecem surpresos são George e eu.

“Isso é ridículo”, George diz aos brados. “Eu sou culpado, mais culpado do que vocês seriam capazes de imaginar. Quero ser punido.”

“Apoio o pedido”, grito da plateia.

“Ordem no tribunal”, o juiz exige, martelando a mesa. “A sua vontade é irrelevante, senhor Silver. Estamos num tribunal de justiça. Até segunda ordem e/ou alguma mudança na condição ou circunstância que justifique a reconsideração do posicionamento, o senhor Silver deve ficar sob a custódia do Lodge.”

George se vira para me encarar. “Obrigado pela ajuda”, ele diz, enquanto um membro da “equipe” — valentões do Lodge — o conduz para fora da sala.

Encontro um dos advogados de George junto ao bebedouro. “Sou o Ordy”, ele se apresenta, apertando minha mão. “Nós nos falamos ontem à noite.”

“É tudo muito esquisito”, declaro. “Vocês imaginavam que isso iria acontecer?”

“Se imaginássemos, seríamos videntes, não advogados. As pessoas têm razões para nos contratar: nosso trabalho investigativo foi ótimo.”

“Mas ele causou o acidente, foi culpa dele. Eu estava lá; conversei com ele na noite do acidente.”

“O que o George falou não tem relevância nenhuma. O freio era defeituoso e o fabricante sabia disso.”

“Eu o busquei na cadeia; ele estava fora de si naquela noite.”

“Ele é quem ele é — as digitais conferem.”

“Ele matou a esposa.”

“E certas coisas só o tempo dirá”, ele diz, enxugando a boca com as costas da mão.

“Não tenho dúvida”, declaro. “Eu estava lá quando aconteceu: ele bateu com um abajur na cabeça dela.”

“Foi mesmo?” O advogado me olha. “Vai ver que foi você — quem sabe não foi você que deu um golpe na cabeça da esposa dele e está botando a culpa nele?”

“Acho que ele nunca negou o que fez”, digo.

“Até onde a gente sabe, ele está tentando te proteger; você é o caçula, afinal.”

“Na verdade, sou o mais velho.”

O advogado dá de ombros. “Tanto faz.”

“Vai haver julgamento do assassinato da Jane? Porque eu gostaria de estar presente”, digo.

“Só esperando para ver”, diz o advogado. “Ainda estamos em negociações.”

Mudo de tática. “Nate quer fazer alguma coisa pelo menino, o filho que sobreviveu.”

“Quem é Nate?”

“O filho do George!”

“E o que ele quer fazer?”

“Ele está interessado em adoção, ou em pelo menos levar o menino para passear um dia.”

“Por causa de quê?”

“Por causa de quê? Porque ele se sente mal pelo fato de que o pai matou a família do menino. Por que você está perguntando o motivo — não é óbvio?”

“Óbvio não quer dizer nada. Não cabe a mim”, o advogado diz. “O menino está morando com a tia.”

“Será que você não pode passar o meu telefone para ela e avisar que nós gostaríamos de fazer alguma coisa? Mais que alguma coisa, gostaríamos de fazer muita coisa.”

“Você está querendo evitar uma ação civil?”

“Estou falando de um menino que perdeu a família querendo ajudar outro menino que perdeu a família, mas, se você quer levar para o lado ruim, fique à vontade”, retruco.

“Foi só uma pergunta”, ele diz.

“Que tal você me passar o telefone da tia e eu mesmo cuidar disso?”, sugiro.

“Faça como te apetecer”, Ordy diz, tomando um gole no bebedouro e enxugando os lábios com as costas da mão.

Não me apetece aquela situação toda.

Estou atrasado para o almoço. Chego e digo ao maître que vou me encontrar com uma pessoa. “Uma senhora sozinha?”, ele indaga.

“É”, respondo, com um súbito nervosismo, tentando me lembrar da aparência de Cheryl. A única coisa que me ocorre — um detalhe marcante mas estranho e que não é muito útil nessa situação: lembro-me de que sua área pública estava “arrumada” de tal forma que, em vez de uma pista de aterrissagem vertical (quer dizer, uma pista de pelos se estendendo de cima a baixo), tinha o que ela chamou de “rota de voo”, um tufo mais amplo de lado a lado, e tingido de rosa-choque. Difícil esquecer. Enrubesco quando o maître me leva à mesa onde há uma mulher sozinha.

“Você é você?”, pergunto.

“Sou eu mesma”, ela diz.

“Desculpe o atraso”, digo, acomodando-me.

“Não tem problema”, ela responde.

Eu a observo com mais atenção. Se é para ser franco, diria que me é totalmente desconhecida, o que me instiga a pensar que tudo não passa de uma armação, que um cara vai saltar de trás das chapas de grelhar e se anunciar como “Stoned Pauley do peepingtoms.com”. Talvez seja a minha obsessão com a mídia, com as equipes de cinegrafistas, com a ideia de que tudo precisa ser documentado para ser real. Seja lá o que for, está me deixando nervoso. Ela parece intuir minha preocupação.

“Mudei o cabelo”, ela explica.

“Está bonito”, digo, sem entusiasmo.

“Mudo o cabelo toda hora”, ela diz. “É uma forma de me expressar — talvez você se lembre do rosa?”

Fico vermelho, porém aliviado.

“O que aconteceu com o seu olho?”, ela indaga.

“Acidente de jardinagem.”

“Parece que você andou chorando”, ela comenta.

“Suando, não chorando. A água salgada deve ter piorado a situação.”

“Então, como é que você está?”, ela pergunta, sofrendo para entabular uma conversa.

“Estranho”, digo. “E você?”

“Você sempre foi estranho, ou só agora isso virou uma questão?”

“Estive no tribunal por causa do meu irmão essa manhã — ele está metido numa encenazinha e, por mais inacreditável que pareça, hoje as acusações foram retiradas.”

“Fantástico”, ela diz, levantando o copo de água. “Viva.”

“Ele é culpado”, declaro, indignado. “Fui enganado. Eu estava contando que fariam justiça.”

“Você mencionou que sofreu um AVC”, ela diz, mudando de assunto. “Em que medida ele te afetou?”

“Por que a pergunta? Minha cara está caindo? Foi isso o que aconteceu, ela parecia estar escorregando e desfalecendo enquanto eu olhava no espelho do banheiro.”

“Nenhum motivo específico, só estou tentando saber mais sobre você.”

Assinto.

O garçom traz umas azeitonas e pães, fala dos pratos especiais e nos concede “um tempinho para pensar”.

Conto-lhe sobre Nate e o fim de semana do Dia dos Esportes.

“Criança não é uma delícia?”, ela diz, sorridente. “Mas olha”,

ela diz, inclinando-se para a frente e se esquecendo de que Nate não é meu filho: “Não estamos aqui por causa dos nossos filhos, estamos aqui por nós. Já passei por isso.” Ela continua: “A mãe que leva o filho para o futebol, parada debaixo da chuva quente da tarde com o treinador, cuja esposa é advogada corporativa e acabou de ter câncer de mama, e que está triste solitário e quer tirar umas casquinhas às escondidas. ‘Será que não dá para você tocar nele, aqui e agora, embaixo da minha capa? Seria tão bom alguém tocar nele. Anda, eu pus ele para fora, ele quer fazer uma dancinha para você.’”

A maneira como ela conta é ao mesmo tempo apavorante e excitante.

O garçom retorna. “Chegaram a alguma conclusão?”

“Não”, respondo, “ainda não tivemos chance de pensar”.

“Quer dividir um prato?”, ela sugere.

“O que você quiser”, digo, e tenho a impressão de que gosta da atitude.

Ela olha para o garçom. “Pizza de almôndega sem cebola, e salada tamanho grande.” O garçom aquiesce e se retira.

“Então... o que foi que aconteceu contigo? Você falou que perdeu a cabeça.”

“Parei de tomar meu remédio. Tomei por tanto tempo que nem me lembrava mais do porquê de estar tomando. Me receitaram por causa da depressão pós-parto há dezesseis anos e continuei tomando, mas recentemente pensei que não tinha mais sentido. Estou feliz, eu falei para mim mesma, tenho tudo o que devia ter, posso fazer o que eu bem entender. Então eu parei de tomar o remédio, fui diminuindo aos poucos e tudo me parecia estar bem.”

“E?”

“E então, uns meses depois, uma moça que eu conhecia desde o curso de enfermagem caiu morta e alguma coisa mudou. Aos poucos, tudo saiu do meu controle.”

“Como foi que começou?”

“Com flerte”, ela diz. “Eu entrava na internet e mandava uns e-mails galanteadores. E depois foram uns telefonemas — bem inocentes, mas divertidos. E depois um cara me desafiou a encontrá-lo no estacionamento do Dunkin’ Donuts — falou que estaria vestido com uma rosquinha de geleia — e, bom, eu encarei o desafio.” Ela toma um gole da bebida. “Eu não te conheço muito bem”, ela comenta.

“Por que sexo em vez de compras, por exemplo?”

“Você está me chamando de piranha?” Sua voz adquire um tom cortante.

Aproximo-me dela. “Estou tentando entender o que isso significa para você e por que você quis me ver hoje.”

O garçom põe a salada entre nós.

Ela inclina a cabeça para trás e sacode o cabelo. É o tipo de movimento que caía bem quando feito pela Farrah Fawcett, mas ali fica esquisito, como se ela corresse risco de vida. Ela espalha fios grossos e louros pela salada.

“Argh”, ela exclama, catando-os. “Dizem que é para fazer um intervalo de pelo menos seis semanas entre uma tintura e outra, mas não posso esperar esse tempo todo — quando preciso mudar, tem que ser na mesma hora.” Ela pestaneja e me parece ter um cisco no olho, o que me traz à memória que ela usava óculos quando fui almoçar em sua casa — ela estava de óculos, óculos num cordão pendurado no pescoço, óculos dependurados à sua frente como excêntricas lupas de seios, batendo contra o peito sem parar, como se servissem para lembrá-la de algo, enquanto eu a pegava por trás.

“Você usa óculos?”, pergunto.

“Uso, mas quebrou. Estou voando às cegas”, ela diz, enfiando um pouco de salada cabeluda na boca.

Devagar, ela puxa o fio comprido e chama o garçom. “Tem cabelo na salada”, ela reclama.

“Que estranho”, ele diz com frieza. “Quer outra?”

“A gente vai esperar a pizza”, declaro.

“Já falamos demais sobre mim”, ela afirma. “Vamos falar de você. Então, você está dando aula?”

“Estou”, respondo, e mais nada.

“Bom, eu estava pensando em você e não conseguia lembrar se era Larry Flynt, Nixon ou, sabe-se lá por que, aquele tal de George Wallace; ele ficou na minha cabeça porque levou um tiro?”

“Wallace e Flynt levaram tiro; Wallace em 1972, durante a campanha pela presidência em Laurel, Maryland, atingido por um cara chamado Arthur Bremer — cujo diário inspirou o filme *Taxi Driver*, que por sua vez inspirou John Hinckley a mirar no Ronald Reagan. Larry Flynt levou um tiro em 1978, na Geórgia, disparado por um francoatirador durante o julgamento por obscenidade. Hoje em dia ele roda por aí numa cadeira de rodas folheada a ouro.”

“Adoro que você saiba disso tudo”, ela comenta.

“Sou historiador”, explico. “Na verdade essa história tem outras camadas. As pessoas se perguntaram: Será que Bremer estava a serviço de alguém? De que lado ele estava? Será que Nixon teve êxito ao plantar materiais da campanha do McGovern no apartamento de Bremer? E se foi esse o caso, foi propaganda ou disfarce?” Faço uma pausa e olho para Cheryl. Eu me pego questionando: com quantos homens ela “almoçou” na fase de insanidade, e será que o marido sabe?

“Ele não sabe”, ela declara, como se lesse a minha mente. “Em

tese, pelas regras da ‘recuperação’, eu devia contar. Mas, apesar de ter pirado, não sou maluca — ele sabe que perdi a cabeça, os detalhes não têm importância.”

A pizza chega, quente, succulenta, realmente excepcional. Queimo o céu da boca na primeira mordida e dou um jeito de descamá-lo com a terceira — depois disso só sinto o gosto da minha própria carne.

“E o que você me diz da Julie Eisenhower — vocês são próximas?”, indago, ainda desgarrando o queijo do meu palato.

“Ela é muito legal, mas eu não diria que somos próximas. Eu nem a conheceria se não fôssemos parentes distantes. Eu, eu não dou a mínima para política, sou do tipo mais sociável, gosto de gente. Mas imagino que você já tenha percebido.”

“Já te aconteceu alguma coisa desse gênero?”

“De que gênero?”

“Alguma coisa dessas.”

“Tive depressão na época da faculdade; ninguém ficou sabendo. Passei um mês na cama e depois me levantei.”

“Você faltou às aulas?”

“Não, eu me levantava para ir às aulas e comer e depois eu voltava para a cama.”

“Então você não ficou exatamente paralisada pela depressão?”

“Eu sentia que estava morrendo”, ela explica, olhando-me nos olhos.

“E depois passou?”

“Eu era capaz de fazer o que era esperado de mim.” A voz dela está embargada, melancólica, como se algo tivesse se perdido e nunca sido recuperado.

“Ao telefone você falou alguma coisa sobre ‘nossa oportunidade?’”

“Foi”, ela confirma, lambendo os lábios. “Tenho a impressão de que você ainda não teve uma oportunidade.”

“Algo temporão?”, indago.

“Para valer”, ela diz. “Acho um charme... é como se você ainda estivesse esperando alguma coisa acontecer.”

“A sorte acenar para mim”, acrescento.

“Algo assim”, ela diz. “E sua desorientação é tão encantadora, é como se você fosse de outra época — um doce. Só sei do que interessa aos meninos de dezesseis anos, e do meu marido falando de barcos e carros e férias e quais brinquedos ele quer comprar, controle remoto disso e daquilo.” Ela me lança um olhar culpado. “Estou com um problema de verdade”, ela solta.

“Qual é?”

“Bom, depois que me recuperei, lembrei-me de que gostei de

você — foi o que me levou a te ligar. Mas agora estou com um problema de verdade.” Ela faz sinal para o garçom. “Pode me trazer uma taça de vinho?”

“Que tal um Arnold Palmer?”, sugiro.

“Branco”, ela diz. “Uma taça caprichada de vinho branco.”

“Que tal uma garrafa?”, pergunta o garçom.

“Só uma taça, obrigada”, ela diz. E o garçom desaparece. “Em suma — ainda gosto de você. Não sei por quê. É ridículo, mas gosto, e sei que não devia. E voltei a tomar o remédio e a ser eu mesma, ou ‘a melhor versão’ de mim mesma. Mas a questão é: eu ainda te quero. E, o que é ainda mais estranho, se você quiser escutar uma coisa estranha, uma vez eu conheci um cara, um rapaz que coleciona máscaras de presidentes, ele tem umas quarenta caras famosas e gosta de interpretar papéis com mulheres que talvez fantasiem em trepar com JFK, ou transar de quatro com Abe Lincoln. Ou que tal ser amarrada a um púlpito e ser forçada a se sujeitar a um Jimmy Carter coberto de couro? As ideias dele eram infinitas, mas a questão era... é... ele não é você. Ele é um historiador fajuto e você é o de verdade. Então o que eu faço?”, ela pergunta.

Não sei o que falar, e portanto assumo o que chamo de “pose do Tambor”, uma mão no queixo e a testa enrugada. Em *Bambi*, Tambor diz: “Se não tiver nada de bom a dizer, não diga nada.” Bom conselho, datado de 1942. Ela continua me olhando, esperando algo.

“Não sei bem o que dizer.”

“Diz que você também me quer”, ela pede.

Faço umas imitações de presidentes para me livrar do estresse.

A taça de vinho é servida; ela toma tudo em poucos goles e pede outra.

“Olha”, digo, tentando ser compassivo, “acho que a gente não deve fazer nada que te ponha em risco. Não quero fazer nada que possa ser prejudicial para você ou que ponha o seu casamento e sua família em perigo. Por enquanto, vamos deixar a ideia no ar. A gente não tem que resolver isso agora”. Levanto a mão e peço a conta.

“A gente pode almoçar juntos nas próximas semanas.”

“Quero mais do que almoço”, ela diz.

“Sério, eu não sei o que dizer.”

“Diz que você também me quer”, ela se repete.

Não me pronuncio. A conta chega, entrego meu cartão de crédito ao garçom sem sequer olhar a conta — preciso sair dali.

Os olhos dela se enchem de lágrimas.

“Não chora — foi legal, nos divertimos, a pizza estava uma delícia.”

“Você é um doce”, ela diz.

“Não sou, não”, contradigo.

Juntos, andamos até o estacionamento. Quando estou me despedindo, ela me empurra para a brecha entre dois carros parados, joga a bolsa por cima do ombro e apalpa minha genitália. “Você precisa de mim”, ela afirma, dando uma apertada forte nos meus pertences. “Eu sou o seu futuro.”

A aula de segunda-feira foi definida na minha ementa como “Nixon na China: a semana que mudou o mundo”. A frase é uma citação exata do grande homem descrevendo a viagem de 1972 à China. A jornada de oito dias, na verdade, foi uma olhadela por trás da Cortina de Bambu feita para a televisão, cuidadosamente orquestrada. Uma façanha diplomática extremamente improvável levada a cabo por um anticomunista ferrenho. Aliás, quando Nixon apresentou a ideia aos homens de sua equipe, eles acharam que ele estava com um parafuso solto. Como era típico de Nixon, o presidente pareceu recuar, mas na realidade usou canais diplomáticos secretos via Polônia e Iugoslávia, tirando proveito da fissura no relacionamento sino-soviético, e prestando atenção ao fato de que a nação mais populosa do planeta “vivía num isolamento raivoso”. A compensação de sua trégua audaciosa aumentou a influência dos Estados Unidos sobre a Rússia, impulsionando as conversações do SALT-II e o vagaroso afrouxamento das tensões da Guerra Fria. Minha parte preferida do roteiro: a parada de Kissinger no Paquistão em julho de 1971, durante a qual fingiu se sentir indisposto num jantar, retirou-se e voou para a China para fazer reuniões secretas com Zhou Enlai, reuniões estas que prepararam o terreno para a viagem de Nixon. A visita presidencial em si foi recheada pelas matérias-primas de amizades florescentes, uma excursão à Grande Muralha, espetáculos de pingue-pongue e ginástica olímpica e, claro, a primeira-dama, a indelével Pat, com seu casaco vermelho.

E, no infame banquete de 21 de fevereiro de 1972, o presidente Nixon fez um brinde ao chefe de Estado Mao, e disse:

Que herança devemos legar aos nossos filhos? Estarão eles destinados a morrer pelos ódios que infestaram o velho mundo, ou estarão destinados a viver porque tivemos a fantasia de construir um novo mundo? Não há razão para que sejamos inimigos. Nenhum de nós quer o território do outro; nenhum de nós deseja dominar o outro; nenhum de nós aspira esticar o braço e mandar no mundo. O chefe de Estado Mao escreveu:

“Tantas proezas clamam por serem feitas, e sempre com urgência. O mundo segue em frente. O tempo passa. Dez mil anos é tempo demais. Aproveite o dia, aproveite o momento.” Este é o momento, este é o dia em que nossos dois povos devem ser alçados ao apogeu da grandeza capaz de construir um mundo novo e melhor.

Uns dias depois, o telefone toca. Não escuto o toque, somente a voz na secretária eletrônica.

“Creio que você esteja ciente de que, qualquer que seja nossa decisão sobre a forma de proceder, nosso trabalho continuará em segredo.”

Pego o telefone. “É claro”, digo, sem nenhuma ideia de com quem estou falando.

Ela prossegue. “A certa altura nós vamos passar mais tempo juntos, mas por enquanto eu gostaria de ter uma noção do que você acha que pode haver lá...”

“Onde?”, indago, na esperança de obter uma pista.

“Nas folhas”, ela explica.

“Perdão”, eu digo, “mas peguei o telefone enquanto você falava, será que poderia me dizer quem é que está falando?”.

“Julie Eisenhower”, ela anuncia.

“Claro, mil desculpas.” Tomo fôlego.

“Como foi?”, ela questiona.

“Incrível — um sonho se realizando. Eu me senti como uma criança numa loja de doces — bem de pertinho. Foi uma emoção segurar as folhas em que ele escreveu, sentir o peso da mão dele, a pressão da caneta, a urgência que ele sentia de se expressar. Foi” — dou um longo suspiro — “transcendental”.

“E quanto ao material em si — o que você achou do conteúdo?”

“Bom, existe uma liberdade na obra, uma falta de inibição — os contos são de uma franqueza surpreendente. E há uma profundidade de imaginação e sentimento, talvez possa chamar isso de páthos, característica que as pessoas geralmente não associam ao seu pai. E mais: os contos são exemplos de uma espécie de entendimento quanto às pessoas comuns, ao zé-ninguém, de um jeito que humaniza o seu pai, dando ao leitor uma noção da história dele, dos valores, de sua evolução e desenvolvimento como pessoa. Os textos lhe dão dimensionalidade. Acho que estou querendo dizer que eles poderiam

ajudar a recompor a maneira como a história o caracteriza... Seu pai é um clássico da época dele, ambicioso, esforçado e afoito, capturando o momento da virada dos Estados Unidos da América e resumindo a obscuridade da alma americana, a mudança da nossa personalidade pré e pós-Segunda Guerra Mundial.”

“Então você acha que daria um livro?”

“Como você sabe, não sou da área literária, mas fiquei encantado, vi uma faceta do seu pai que nunca soube que existiu, uma caracterização de um trabalhador esforçado que se sentia subestimado e, poxa, queria que alguém o notasse. Me fez lembrar do Willy Loman do Arthur Miller.” Digo “Willy Loman” e estanco — derrubado por um flashback histórico. Miller foi chamado pelo Comitê de Investigação de Atividades Antiamericanas, e sem dúvida alguma Nixon exercia um papel central no comitê. Miller se recusou a dar nomes e foi processado por desacatar o Congresso. Assim que menciono o nome Miller, fico horrorizado por ter de certo modo me “esquecido”, o que só prova todas as ideias que já tive sobre a importância de conhecer a História e não se esquecer. Eu me calo.

“Estou me equivocando ou há uma peça do Miller em cartaz na Broadway? Não lembro qual é, mas David e eu estávamos pensando em ir ver...”

Cuspo perdigotos para recomeçar: “Talvez tenha havido alguma menção na *New Yorker*. De qualquer forma, os contos ecoam as obras de alguns autores americanos clássicos — Sherwood Anderson, Richard Yates, Raymond Carver... Falam muito mais de gente, de homens e mulheres, do que de política. E quer saber? Existe sempre uma linha tênue entre nós e eles — entre direita e esquerda, azul e vermelho, o pessoal e o político...”

Ela me interrompe.

“Não tenho medo dos democratas, senhor Silver”, declara Julie. “Sei que você tem uma enorme afeição pelo meu pai, que vai além da política. A gente espera que algo possa ser feito com a obra dele, e nos interessa que você comece a dar uma forma a ela.” Ela prossegue dizendo que gostaria de saber a minha opinião sobre a ideia de haver ou não um ou dois livros nas caixas e que vai providenciar outros acessos ao material, e me lembra de levar alguma identificação da próxima vez, e em seguida ri...

“Evidente que a Wanda fez um relatório completo”, digo, constrangido.

“Não tem problema”, ela diz. “Minha mãe vivia fazendo dessas coisas — saía de casa sem a bolsa. E a gente recebia telefonemas sobre uma mulher no Garfinkel’s de Tenley insistindo que era a esposa do Richard Nixon e tentando usar a ‘conta da casa’. Ela não saía muito sozinha — em geral, Trish ou eu íamos junto.”

Encerramos com Julie propondo a remuneração de sete mil e quinhentos dólares para começar e um contrato prevendo a rescisão ou a renovação dependendo da avaliação a ser feita em oito semanas.

“Parece bom”, digo.

“Nos falamos em breve”, ela diz, desligando o telefone.

Assim que terminamos, o telefone volta a tocar.

“Espero que você saiba que não sou de desistir fácil”, uma mulher anuncia.

Não me pronuncio.

É Julie me ligando outra vez ou é *ela*? aguardo outra pista.

“Você está ouvindo?”, ela indaga. “Está pronto para mim? Eu estou pronta para você... pronta e na espera.”

“A ideia era nos empenharmos para construir uma amizade.”

“Não quero ser sua amiga”, ela diz. “Quero que você triture a minha boceta, eu quero gozar forte, rápido e muitas vezes. Eu quero que você me coma e depois me coma de novo.”

“Você faz isso com outros caras também ou eu tirei a sorte grande?”

“Eu cortei todos, é só você. Você e o meu marido.”

“E o que ele acha disso tudo?”

“Ele quer que eu finja que sou prostituta e negocie os meus serviços com ele. Gosta de me pagar pelo ato depois, na frente das crianças, que não têm ideia do que ele acha tão engraçado. Então, quando é que eu vou te ver? Sério, que tal eu ir à sua casa esta tarde?”

“Não será possível.”

“Eu achava que você morava sozinho.”

“Tenho bichos”, digo.

“Tipo um macaco ciumento?”

“A casa não é minha, não passo de um hóspede; história complicada.”

“Que tal um motel?”

“Que tal a gente se encontrar num restaurante, para almoçar ou tomar um café?”

“Eu quero seu pau dentro de mim.”

“Olha, se você continuar falando assim comigo, a gente não vai poder continuar...”

“Você está brincando, não está?”

“Estou?”

“Eu te conheci num site na internet. Se você não fizer o que eu quero, posso alegar que você me estuprou; ainda tenho a calcinha que

usei naquele dia que você se enfiou na minha cama — desculpe o trocadilho.”

“O que você está querendo dizer?”

“Eu guardo a lingerie que usei em todos os encontros, só por precaução...”

“Precaução para o caso de você sentir necessidade de extorquir?”

“Que tal você transar comigo pelo telefone — eu guio você.”

Ela dá um jeito de me obrigar a fazer sexo por telefone. E, apesar de não querer me excitar com a situação, aos poucos me envolvo.

“Não paro de pensar que eu deveria estar te ajudando — ou seja, não te dando corda”, digo, ao abaixar o zíper da minha calça.

“Já estou muito molhada”, ela afirma. “Minha mão está enfiada no fundo da minha boceta e eu estou escorrendo — só preciso da sua pistola de gozo para acertar nela. Eu quero que você me coma. Quero sentir suas bolas batendo na minha bunda. Quero que você trepe comigo de quatro. Aperte minhas tetas, aperte com força.” E então ela começa a apupar — é a única palavra que me ocorre para descrever —, fazendo um som de galope, de ataque, como o de um caubói de rodeio, e dá para perceber que não é fingimento. É meio grotesco e meio inescapavelmente picante. Enquanto ela goza, excito-me mais e mais, e então é como se não fosse capaz de me deter — estou sentado à mesa do George e instantes antes de irromper eu viro as costas para a mesa, rodando a cadeira giratória, e explodo, lançando um jorro em sua estante de livros, suas obras de história americana e as fotografias de família com molduras de prata. No mesmo segundo pego um lenço de papel e tento limpar. “Tenho que desligar”, digo. “Fiz uma bagunça enorme aqui.”

Ela gargalha. “Eu sabia que você iria ceder.”

Fui enrolado.

Passados uns instantes, quando Nate liga, tenho a sensação de que sou pego de calça arriada. Atendo ao telefone da mesa do George, pigarreio e solto um balido de alô.

“Você está legal?”

“Bem”, choramingo, pigarreando outra vez.

Nate está cheio de energia e com os pensamentos a mil; em comparação, sinto-me como se estivesse chapado.

“Onde você está?”, ele pergunta.

“Na mesa do seu pai, estava trabalhando um pouco.”

“A gente pode fazer um video chat”, ele diz, animado. “Não sei por que eu não pensei nisso antes. Tem uma câmera aí no computador do papai, já está configurada. É só apertar o botão azul na parte de baixo do aparelho — parece um balão de diálogo de história em quadrinhos. Espera aí”, ele pede, “vou te ligar”. E, segundos depois, o computador emite um toque. “Clica em ‘aceitar’”, ele instrui e, sem pensar, obedeço.

Nate aparece, acenando para mim. “Estou te vendo”, ele diz.

“E eu também estou te vendo”, digo ao telefone.

“A gente já pode desligar o telefone”, ele diz. E eu o faço.

“Você está me ouvindo?”

Estou. Uma câmera de vídeo instalada no computador — é aterrorizante. E se alguém estivesse me observando? “Que nome você dá a isso?”

“Facetime, iChat ou Skype”, ele diz. “Depende do programa — o resultado final é mais ou menos igual.”

Ele fala “Skype” e só consigo pensar em Ella Fitzgerald entoando *scats*.

“O que é que você vê?”, pergunto a Nate, questionando-me sobre a qualidade da resolução.

“Estou vendo o escritório do papai inteiro, as estantes, os prêmios. Tudo que está atrás de você. Não sei por que não pensei nisso antes — a gente podia ter conversado cara a cara este tempo todo...”

“É, a gente poderia ter conversado desse jeito o tempo todo”, concordo, ao mesmo tempo obcecado com o encontro telefônico que tive antes, imaginando se terá restado algum indício atrás da estante — um resíduo de algo...

Video chat é como conversar ao estilo Nasa: há um leve atraso no áudio e as imagens me lembram dos retratos enviados do espaço sideral, quadriculadas, como uma bizarra animação pós-moderna.

“Alouuuu”, eu grito.

“Não precisa berrar”, diz Nate. “Estou na biblioteca; um tom de voz normal basta.”

“Está bem”, sussurro.

“Para onde a gente vai nas férias?”, Nate quer saber.

“Como assim?”

“As férias escolares estão chegando e eu queria saber para onde a gente vai.”

“Vocês sempre viajam?”

“Sempre”, ele diz, num tom quase condescendente.

“As férias na escola da Ashley sempre caem nos mesmos dias?”

“É.”

“Parece um exagero viajar sem motivo nenhum”, digo.

“As pessoas precisam de férias de vez em quando, de uma folguinha.”

“Para onde vocês costumam ir?”

“Esquiar em Aspen, às vezes ao Caribe, ou a uma excursão educativa, tipo uma visita ao habitat das tartarugas em Galápagos.”

“E no verão, o que acontece?”

“Acampamento, cursos de verão, viagens, um tempo em Vineyard. A mamãe já planejou tudo. Com certeza já existe um plano para este ano.”

“Bom saber. Então, quanto a essas férias que estão para chegar, já existe um plano? Você tem alguma coisa em mente?”

“Na verdade, não. Se você não conseguir pensar em nada, a Disney é sempre uma possibilidade.”

“Como é que um garoto que tem uma cidade na África do Sul quer ir à Disney?”

Nate se cala por um instante. “Sou humano”, ele acaba justificando. “Você acha que as crianças de Nateville não conhecem o Mickey Mouse? Elas usam blusas do Mickey Mouse. Aquelas roupas todas que a gente enfia nas cestas de coleta para caridade no estacionamento do shopping são vendidas — não doadas — para os pobres no estrangeiro.”

“Eu não fazia ideia.”

“Ninguém faz, mas é por isso que sempre que você assiste a um documentário sobre os países pobres do mundo as crianças estão usando blusas com personagens ou slogans americanos. Aproveitando o ensejo e o menino, o órfão... a gente pode levá-lo junto?”

“Sem dúvida é uma ideia para se pensar”, digo, me esquivando. Nunca viajei com crianças, muito menos duas crianças, menos ainda com duas crianças e um órfão.

“Qual é o nome dele?”

“Não sei”, respondo.

“Como é que você não sabe? Você não foi visitá-lo no hospital?”

“Eu fui lá e deixei uns presentes”, explico, questionando-me se já soube o nome dele e me esqueci. Concorro com Nate, parece estranho não saber seu nome. “Vou descobrir o nome dele”, afirmo. “Já que estou falando com você... quer saber das novidades sobre o seu pai?”

“Não”, diz Nate.

“Tudo bem”, digo. Não vou forçá-lo a ouvir, mas não é exatamente agradável ser o único que tem informações.

“Então, vamos planejar uma teleconferência com a Ash para falar da viagem?”, Nate sugere.

“Claro. Vamos falar com a Ash por Skype?”, pergunto, em tom

mais ameno.

“Não pode”, diz Nate. “A escola dela não permite videochat. Eles têm medo de predadores e tal.”

“Tudo bem. Então a gente marca um telefonema normal para o fim desta semana.”

Um dia depois, com ambas as crianças ao telefone, começo anunciando: “O objetivo desta ligação é bolar um plano para as férias.”

“Alguma coisa divertida”, diz Nate.

“Tipo o quê?”, indago.

“Montanhas-russas”, diz Nate.

“Serviço de quarto”, diz Ashley. E em seguida acrescenta: “Nenhum lugar quente demais ou frio demais, nem um em que a gente fique muito em ambientes fechados.”

Não sei como, mas nos decidimos por Williamsburg — o crédito vai para Nate, que fez pesquisas no Google no decorrer da teleconferência como um agente de turismo, peneirando vontades, necessidades, exigências.

“É histórico, tem serviço de quarto e fica perto do parque de diversões Bush Gardens e de um parque aquático chamado Great Wolf Lodge. Se a gente quisesse, poderia se hospedar no Great Wolf, num quarto que tem beliches e uma cabana de madeira integrada. Também tem uma pista de kart lá perto.”

Procuro o estabelecimento ao qual ele se refere e me vem a lembrança de que ele é uma criança. O lugar do qual estamos falando me parece um pesadelo bacteriano, um acampamento de verão sem controle nenhum, uma fantasia infantil — tobogãs aquáticos e batatas fritas. Sinto o cloro queimando minhas narinas enquanto imagino lençóis de cem por cento poliéster, poltronas com almofadas de vinil. Diante dessa visão, até o fim de semana que passei com George, em comparação, me parece melhor. Não me pronuncio — certas cartas é melhor guardar para o final.

“Vamos votar?”, Nate sugere.

“Vamos”, respondo.

“Todos a favor de Williamsburg e daquela região?”

“Sim”, todos dizemos.

E portanto fica decidido. E, assim que fica decidido, Nate começa a insistir que eu leve o órfão.

Quando estamos prestes a desligar, o nome do menino me vem à mente — na verdade, é uma lembrança de George e de um

comentário sórdido que ele fez sobre a mãe do menino berrando seu nome — “Ricky”, afirmo. “O nome dele ou é Ricky ou é Ricardo.”

“E como é que as pessoas o chamam?”, Ash indaga.

“Ricky ou Ricardo,oras”, diz Nate.

“Ótimo”, diz Ashley. “Vamos convidá-lo.”

Concordo em ligar, embora tema embrenhar ainda mais a nossa família nas vidas dessas pessoas a quem já prejudicamos de forma tão profunda. E então penso em Nate e Ashley e na crença juvenil na possibilidade de reparação. E é com isso que me estímulo a dar o telefonema.

“A Christina Menendez está?” Digo o nome devagar — porque na minha cabeça inexplicavelmente passei a chamá-la de Carmen Miranda e tenho a convicção de que seria capaz de chamá-la assim cara a cara.

“Ela não está”, diz o homem.

Quase pergunto se posso deixar o meu nome, mas ele desliga.

Tento novamente à noite. “A Carmen está?”, pergunto.

“Foi engano.”

“Estou tentando falar com a Carmen. É sobre o menino.”

“Você está enganado, o nome dela não é Carmen, é Christina. Ela ainda não chegou.”

“Perdão”, digo, sem sequer me dar conta realmente do nome que acabava de falar. “Quando ela chega?”

Reparo em objetos da cozinha, fotografias das crianças que estão na geladeira há anos, coisas que foram grudadas e agora estão quase envernizadas pelos anos e as camadas de suco de laranja, leite, molho de espaguete respingado.

“Quer que eu anote o recado?”

“Eu gostaria muito de falar com ela”, declaro, puxando a beirada de um adesivo velho com anotação sobre um entregador de jornal. Está muito colado; meus puxões só pioram a situação — precisaria ser descascado com uma lâmina.

“Espera aí.”

“Alô”, uma mulher diz, em tom desconfiado.

“Oi”, digo. “Aqui é...”

“Eu sei quem você é.”

“Não”, digo. “Eu sou o irmão, o tio das crianças.”

Ela não diz nada.

Eu falo, eu despejo minhas entranhas, eu digo tudo o que é muito difícil dizer. “Os filhos do homem que matou a sua família se sentem mal, eles estão preocupados com o menino, eles querem ajudá-lo...” É incômodo, realmente não sei o que falar. “Vou levar as crianças a Williamsburg e elas queriam convidar o menino.”

“O que é isso?”

“Williamsburg? É uma cidade na Virginia, uma cidade antiga, era uma plantação. Foi a capital do estado depois do incêndio de Yorktown; acho que foi onde a Revolução Americana ganhou impulso. É o lugar para ir quando se está estudando a história do nosso país.” E então pulo para “Tem parques de diversões lá perto. As crianças imaginam que o menino vai curtir — e você também, claro.”

“Eu trabalho”, ela retruca.

“Se você puder tirar uma folga, a gente pode cobrir o salário dos dias que você perder”, digo. “Vão ser uns poucos dias, um fim de semana prolongado.”

“Ele é um problema”, ela diz sem afeição, portanto é complicado saber aonde pretende chegar.

“Ainda está com problemas por causa do acidente?”

“Não”, ela me corrige, “ele é um problema, tem dificuldade de aprendizagem, déficit de atenção, hiperatividade, um pouco de bipolaridade, entre outras coisas. Tenho que dar remédio”.

“Ah”, exclamo. “Bom, as crianças gostariam de conhecê-lo melhor e, como eu falei, você também está convidada.”

Ela parece indiferente, ou como se não entendesse o que falo.

“Vou conversar com o meu marido”, ela explica.

“Está bem”, digo. “Obrigado.”

Com certo orgulho de mim mesmo, ligo para o pai da Jane. “Acatei a sua sugestão”, declaro.

“Não é possível”, ele retruca.

“Eu acatei”, afirmo.

“Confia em mim”, ele diz.

“Vou levar as crianças para viajar — a gente vai à cidade histórica de Williamsburg.”

“Entendi”, ele diz, dá uma pausa, e então revida: “Minha sugestão é de que você apodreça no inferno, você e o merda do seu irmão. Você levou a minha filha linda embora, só Deus sabe o que você está fazendo com as crianças.”

Organizo as ideias. “Você tem razão”, concedo. “O que

aconteceu é imperdoável, e eu queria que você soubesse que escutei o que você falou; estou tentando fazer o melhor que posso pelas crianças.”

“Babaca”, ele xinga — e em seguida dá uma pausa. “Então, para que você está ligando?”

“Você sugeriu que eu viajasse com as crianças; eu queria que você soubesse que vamos a Williamsburg.”

“E você espera que eu pague a viagem? Você acha que Williamsburg é que nem Israel? Nem um centavo, imbecil, nem um centavo.”

“Não estava pedindo dinheiro — só queria que você soubesse. Mandaremos um cartão-postal”, digo, desligando o telefone.

Na nossa conversa seguinte, conto a Nate que liguei para a tia do menino.

“Que dia é hoje?”, Nate pergunta.

“Em que sentido?”

“A data?”

Digo-lhe que dia é.

“Eu sei”, ele diz. “Aniversário da mamãe.”

“Certo”, digo, sem ter me dado conta.

“É para a gente fazer alguma coisa, um bolo com a vela apagada, algo simbólico?”

“Você pode fazer isso”, digo.

“É”, ele diz, “posso pedir para a cozinha fazer um bolo de aniversário para a minha finada mãe, com uma vela apagada...”.

“Eu vou ao cemitério”, declaro.

“E vai fazer o quê?”

“Verificar as coisas, falar com ela...” Quanto mais falo, pior parece — imagino-me parado diante do túmulo dela cantando “Parabéns para você”.

Silêncio...

“Então, o que foi que a família do menino falou?”, Nate indaga.

“Estão pensando”, respondo.

“Espero que ele vá com a gente.”

“Por quê?”

“Essa situação inteira foi tão ruim”, justifica Nate. “A gente tem que fazer alguma coisa dar certo, e essa é uma atitude que a gente pode tomar.”

“Eu também espero que sim”, digo, surpreendendo a mim

mesmo.

Vou ao cemitério e dirijo em círculos — tudo me parece igual, uns carros aqui e ali, coveiros e um enterro em andamento. Esse cemitério não permite sinalização acima do nível do solo, portanto há nele um quê de planície apocalíptica. Não há nem uma arvorezinha isolada brotando, um olmo solitário se enraizando.

Não consigo lembrar onde fica o túmulo da Jane e preciso averiguar no escritório. “Por favor, assine o nosso Livro de Visitas”, a mulher detrás do balcão insiste, mas não o faço.

Gostaria de ter trazido flores, mas o cemitério não deixa: a proibição de flores vivas também significa a proibição de flores mortas que têm de ser recolhidas e jogadas fora.

Pego a rota e assim que saio do carro e subo o montículo de terra eu a vejo — a mãe da Jane, Sylvia. Eu a vejo e fico tentado a ir embora, a virar as costas e voltar para o carro, a respeitar sua privacidade, a evitar um confronto. Mas, sério, não tenho para onde ir, não há nada que possa fazer além de seguir em frente.

“Oi”, cumprimento.

Ela acena com a cabeça.

Ambos olhamos para o túmulo. Algumas pedras foram colocadas na sepultura, indicando que Jane não foi esquecida: outras pessoas estiveram ali.

“Ela está aqui, neste lugar”, ela diz.

É difícil saber como reagir. “É”, digo, “é sim. Hoje é o aniversário dela”.

“É”, ela confirma, animando-se. “Lembro-me do dia em que ela nasceu — nitidamente — como se fosse ontem, mas de ontem eu não me lembro muito bem. Me perdoe”, ela diz, como se suplicasse perdão. “Estou tomando remédio, eu precisava de algo que me acalmasse — mas agora estou um zumbi.”

“Imagino quanto é difícil.” Faço uma pausa. “O Nate ligou, ele estava se perguntando o que fazer em relação a este dia — falei para ele que eu viria aqui.” Dou uns detalhes sobre cada uma das crianças e depois paro: ela não está prestando atenção.

“Eu sabia do caso”, ela declara.

Assinto.

“Jane e eu conversávamos...”

Não digo nada, pois o que há para falar?

“Eu também tive um caso”, a mãe dela conta. “Quando ela me falou de você, eu falei de mim para ela.”

“Com quem você teve um caso?”

“Goldblatt”, ela diz, “o dentista. E Troshinsky, o professor de piano das meninas. As mãos dele eram lindas. Também tive um momento, mas não um caso, com Guralnick, que na época trabalhava no escritório do meu marido. Claro que meu marido não sabe de nada”.

“Claro.”

“A Jane gostava muito de você.”

“Eu gostava dela.”

“Valeu tudo isso? Um instante de... seja lá como você queira chamar, custou a vida da minha menina”, ela diz, como se fosse incapaz de acreditar.

“O que aconteceu é bastante incomum.”

“O caso?” Ela me olha com incredulidade.

“O assassinato”, explico.

Ela faz uma pausa. “Sua esposa era estrangeira”, ela diz. “Ela casou com você para obter a cidadania.”

“Minha ex-mulher”, corrijo, “é sino-americana. Ela nasceu neste país e se formou em Stanford com honra acadêmica e o pai dela era considerado um forte candidato ao Prêmio Nobel da Paz”.

“Nunca soube disso”, ela diz. E isso significa tantas coisas. Ela põe uma caixinha azul da Tiffany em cima da terra, onde no próximo ano haverá uma lápide.

“Você trouxe um presente para ela?”

“Não sou uma idiota”, ela responde. “A caixa está vazia. Ela sempre gostou de caixinhas azuis.”

No carro, a caminho de casa, debato-me com a ideia de ligar para George. Imagino a conversa: “Hoje seria aniversário da Jane, não sei se você se lembra. Liguei para ver como você está.”

“Você fodeu com ela”, ele diz.

“Não é por isso que estou ligando...”

A ideia me impede de seguir adiante.

A tia do menino, Christina, retorna a ligação, fala que tem umas perguntas a fazer: ela quer ter certeza de que não lhes custará nada.

“É tudo por nossa conta”, afirmo.

E então ela diz: “Meu marido quer saber se a gente precisa levar barraca.”

Não sei muito bem de onde veio a ideia da barraca, mas ela me aflige.

“Não há necessidade de barraca”, digo. “Vamos ficar em

ambiente fechado. Só umas mudas de roupa e escova de dentes.”

“Entendi”, ela diz, “nós vamos”.

Chegamos à casa da tia para buscá-los. O marido sai com eles, carregando duas malas enormes, uma mochila e uma sacola de mercado. A tia do menino está arrumada, usando um jeans novo, uma blusa de qualidade, salto alto; e Ricardo me parece ao mesmo tempo sem energia, tenso e empolgado — minha antipatia por ele é imediata. Está vestido com short de futebol amarelo reluzente e uma imensa camiseta azul dos Yankees, tudo conspirando para deixá-lo com a aparência de uma gigantesca bolha derretida. Na altura de Trenton, estou repensando a ideia. O barulho do videogame de Ricardo parece só enlouquecer a mim, é como se ninguém mais o ouvisse. “Você pode abaixar o volume? Você pode abaixar o volume? Que tal desligar? Que tal desligar um pouquinho? Só para você descansar. Por favor. Estou pedindo com delicadeza. Ok, eu imploro, eu não vou conseguir dirigir se o barulho continuar.” E então ele passa a chutar as costas do meu banco e a abrir e fechar as janelas elétricas — alterando a pressão atmosférica dentro do carro. Nate e Ash falam com o menino em espanhol, ele ri e larga o joguinho. O menino tem uma risada muito estranha, quase animalesca, que é irritante, e no entanto é totalmente genuína e encantadora.

PerGUNTO à tia de onde ela é — imagino Colômbia ou Nicarágua.

“Do Bronx”, ela diz.

“E de onde a sua família é originária?”

“Do Bronx”, ela repete. “Meu pai é supervisor de um conglomerado de prédios e minha mãe tem uma loja.”

Enciumado, ou com receio de que ela o troque pelo irmão do assassino e duas crianças, o marido da tia telefona de vinte em vinte minutos.

Nesse meio-tempo, apesar da ótima risada, Ricardo está hiperativo — nunca para de se mexer, a não ser ao comer mamão papaia fedorento e soltar puns explosivos.

Na Delaware Memorial Bridge, após o quinto telefonema do marido, a tia sucumbe: “É demais para mim, ninguém fica satisfeito com o que eu faço. Todo mundo quer a minha atenção — não sei por que os homens não conseguem cuidar deles mesmos, por que não podem preparar a própria comida... Ele trabalha num restaurante, seria de se imaginar que soubesse cozinhar... Sou só uma. Não posso cuidar de todo mundo o tempo todo. Eu não existo mais. Trabalho para outra pessoa e depois vou para casa e trabalho para ele, e então meus pais precisam da minha ajuda, e meu marido fala que deixei de ser divertida. Eu ria e ia à praia e brincava com ele — ou ficava assistindo quando ele e os amigos dele faziam corridas de carrinhos

com controle remoto...” Assinto na esperança de que ela continue falando enquanto atravesso a ponte. Não sei por que, mas receio que ela salte do carro e se jogue do parapeito — não a criticaria caso o fizesse.

“Ele não aguenta me dividir com mais ninguém. Eu sonho que estou fugindo, que consigo um emprego para cuidar de um senhor bem velhinho que gosta de dormir o dia inteiro e comer mingau no jantar e mingau no café da manhã. Ele é desdentado, então não tem como me morder. O velhinho se apaixona por mim e a família dele fica contente — tudo bem, não contente, exatamente, mas finge que sim. Fazemos um casamento na cadeira de rodas e ele me leva a um spa do qual já tenho uma blusa — Canyon Ranch. Ganhei de uma prima que faz faxina, que ganhou de uma dona para quem trabalha, que estava fazendo uma ‘limpeza de primavera’. Ele me leva para o Canyon Ranch em lua de mel e diz: ‘Eu sabia que você ficaria feliz aqui porque foi isso o que a sua blusa me disse.’”

Ela fala sem parar. Assinto e escuto, de vez em quando lhe concedendo um compassivo “aham” ou “eu imagino que seja difícil mesmo”.

De alguma maneira, no banco de trás, as crianças sabem que é melhor não interromper; é como se uma cortina de silêncio caísse sobre elas, e jogam videogame com o menino.

Vamos de Delaware a Maryland, passamos por Baltimore e depois chegamos ao centro de Washington, D.C. Levo-os a uma breve visita guiada pelo Capitólio, o Memorial da Segunda Guerra Mundial, o Memorial a Thomas Jefferson, o Monumento aos Veteranos do Vietnã, o Monumento a Lincoln, o Memorial de Iwo Jima e a Casa Branca.

Indo de um ponto a outro, ponho todos a par da história. A certa altura a tia me interrompe e diz: “Por que você acha que a minha história é diferente da sua história? Eu nasci aqui.”

“Mas a sua família veio de outro lugar”, justifico, ineptamente.

“A sua também”, ela retruca, e tem razão.

O marido liga mais uma meia dúzia de vezes e, quando estamos prestes a voltar à estrada rumo à Virginia, a tia anuncia que resolveu ir para casa; ela me entrega os remédios do Ricardo e anota as instruções de como e quando ministrá-los.

“Para que exatamente eles servem?”, indago.

“É para ajudá-lo a pensar na escola”, ela explica. “Mas quando o efeito passa, ele fica irritado e não para quieto; nessas horas gosto de mandá-lo para fora de casa.”

Despedimo-nos e a coloco em um trem da Union Station com um boné do FBI da loja de presentes do terminal como lembrança. Ash quer vestir uma fantasia de época. Assim, enquanto estamos numa loja

de turistas preenchendo um formulário para alugar uma fantasia para ela, Nate se aproxima e diz: “Não se dê ao trabalho, compra uma nova para evitar os piolhos; além do mais, ela não vai querer devolver o vestido.” E é o que faço. Compro um vestido novo, e em seguida ela quer os sapatos de peregrina — como antigamente não havia diferenciação entre pé esquerdo e direito, compramos um só pé; os meninos querem chapéus tricórnios e armas de madeira, que me parecem bastante seguros até o momento em que começam a usá-las como bastões e espadas de esgrima. Visitamos a Tarpley’s Store e a agência dos correios, onde Nate compra jornais antigos e diversos decretos e documentos jurídicos, enquanto Ash pega canetas de pena e tinta em pó e eu interpreto o papel de caixa eletrônico humano. Sempre que compro algo para uma das crianças, tenho de comprar algo para as outras. Sempre que tiro a carteira do bolso, eles vêm correndo que nem patinhos; mas, curiosamente, Nate quer muito pouco. Em vez de objetos, ele repete “Prefiro o dinheiro”, e lhe dou dez ou vinte dólares. Para Ashley é uma coisa do prateiro, e depois uma coisa da olaria, e depois uma vela para o professor de artes, e, e, e... Eu me pergunto que aparência teria um caixa eletrônico de época: alguém prostrado no centro da cidade, sentado sobre sacos de moedas de ouro?

Tenho leves lembranças da viagem que fiz para cá muito tempo atrás. Recordo que em Yorktown adquiri uma lança preta de madeira com ponta de borracha e que mais tarde a usei como vara de pescar. Jantamos no Ye Olde Pub e assistimos a uma apresentação vespertina em que ensinam todo mundo a dançar o Virginia Reel.

“Em geral a gente fica em um quarto e os nossos pais em outro”, Ashley declara, ao examinar nosso quarto amplo na hospedaria.

“Bom, dessa vez vamos ficar todos juntos”, digo, e ninguém mais se pronuncia.

Fico menos estressado me hospedando em um hotel do que se estivesse em casa. Não tenho que me preocupar em cozinhar e fazer faxina, e a sensação é a de que tenho apoio: governantas armadas com travesseiros e toalhas extras, e o porteiro idoso que nunca sai de trás do balcão, mas presta um serviço decente na hora de nos arrumar ingressos para tudo, de apresentações de dança a excursões à fazenda e atividades com munições.

Ricardo fica fascinado com o bufê de café da manhã. “Parece uma festa de café da manhã”, ele diz, “tipo as festas da igreja em que cada um leva um prato, você vai andando e pega tudo o que quer e depois dá outra volta, e outra”. Dou-lhe o remédio e ele o toma com dez fatias de bacon, quatro panquecas, meia tigela de cereal, uma colherada grande de ovos mexidos e uma espécie de bolo com espirais

de canela. Nate e Ashley, acostumados ao refeitório da escola, se contentam com cereal e fruta, e admiro a moderação deles.

Ashley decide que devemos imergir mais na época e quer se movimentar pelo hotel à luz de vela. Nervoso com o fogo, concordo em usarmos lanternas somente após o anoitecer. Com caneta de pena e tinta, escrevemos cartas e mensagens uns para os outros, selamos os envelopes com cera e as enviamos ou via correio expresso, dobrando-as em aviõezinhos de papel e lançando-as pelo quarto, ou pelo jeito mais lento, o expresso do pônei, Ricardo cavalgando sua arma de madeira, que só passa de quinze em quinze minutos.

Todas as crianças parecem gravitar naturalmente para uma parte do nosso alojamento, cavando o próprio território. Para Ashley, o banheiro é “o gabinete dela”; Nate se apossa da mesa de verdade que há no quarto; Ricardo administra o frigobar, que peço à governanta que seja esvaziado — mais tarde, acho soldados estacionados em cada um dos espaçozinhos em que ficavam as bebidas. Minha zona particular parece ser metade da cama queen-size que divido com Nate. No meio da noite, acordo e nos vejo cara a cara, seu bafo noturno adocicado, sua expressão vulnerável.

Ashley está quieta, não raro no “gabinete” mandando torpedos ou travando longas conversas noturnas com uma amiga da escola. Encontro-a adormecida no chão, ainda segurando o telefone, a cabeça deitada no tapete.

“Vai ver eu dei uma cochilada”, ela diz quando a acordo.

“Enquanto conversava?”, indago.

“Uma amiga estava lendo uma história para mim”, ela explica.

“Os pais da sua amiga não têm regras quanto à hora de ir dormir?” Ashley dá de ombros. “E quanto ao interurbano?”

“Não tem importância”, diz Ashley. “Fui eu que liguei para ela; você não paga o interurbano, está incluso no pacote.”

Enquanto as crianças tomam o café da manhã, verifico com o homem da recepção, que me informa que ela acumulou uma conta de telefone de quatrocentos dólares.

“A gente não vai pagar esse valor”, declaro, e peço para falar com o gerente.

“Tudo bem”, diz o gerente, “que tal duzentos?”.

“Cento e cinquenta e nem mais um centavo”, decreto, e o gerente aceita.

Não conto nada a Ashley. Não posso ser exatamente duro com ela: fico feliz porque tem uma amiga com quem conversar.

Sempre que olho para Ricardo, tenho um branco em relação ao seu nome. Esse branco foi piorado ainda mais pelo fato de que havia um adesivo no casaco dele, que obviamente estava ali havia muito tempo, em que se lia “Olá, meu nome é” e “CAMERON” escrito com pilot

preto desbotado.

“Quem é Cameron?”, questiono.

“Como assim?”

“Olá, meu nome é CAMERON?”

“Acho que era o nome do cara que foi dono da jaqueta antes de mim”, ele explica.

“Por que você deixou aí?”

“Eu gosto”, ele diz. “Chamo o casaco de Cameron.” E então há uma pausa.

Quando estamos do lado de fora do Palácio de Justiça de Williamsburg, esperando Ash e Nate, que queriam assistir ao discurso proferido pelo ator que interpreta George Washington, Ricardo pergunta: “Por que você matou a mamãe e o papai?”

“Não fui eu que matei, foi o meu irmão — o George matou sua mamãe e seu papai”, explico, assustado tanto com sua falta de rodeios quanto com o meu tom defensivo.

“Quem é George?”, ele indaga.

“George é o meu irmão. É pai do Nate e da Ashley.”

“Ele estava tentando me matar junto?”

“Não, ele não estava tentando matar ninguém, foi um acidente, um enorme acidente. Eu sinto muitíssimo.”

“Você levou o balão para mim.”

“Isso mesmo — eu queria ver como você estava”, digo.

“Como é que eu vou saber se não foi você?”

“Bom, eu não estava lá quando o acidente aconteceu. Eu cheguei depois. E o George está num hospital especial agora. Ele perdeu a cabeça.”

“Ele matou a mamãe e o papai”, o menino afirma.

“Por acidente”, digo. “E depois ele matou a mãe do Nate e da Ashley.” Não tenho certeza se o menino sabe disso, não sei se sou a pessoa certa para contar isso a ele, mas de alguma forma quero passar o recado de que ele não foi o único a perder a família.

O menino balança a cabeça em sinal de desaprovação. “Ele era um homem rico com tevê grande, não precisava matar ninguém.”

“É verdade”, concordo. “Ele não precisava matar ninguém.”

Entro em pânico. Talvez tenha me esquecido de lhe dar o remédio — o súbito ato de vir à tona, a lucidez se deve à falta de remédio —, e me preocupo com o que acontecerá a seguir. Será que ele vai virar o Incrível Hulk?

“Você tomou o seu remédio hoje?”, pergunto.

“Tomei”, ele diz. “Você me deu hoje de manhã.”

Nate e Ash saem do Palácio de Justiça e nos dirigimos à cozinha colonial para ver a demonstração de como o sorvete era fabricado. Depois vamos almoçar. Fico sempre à espera de que algo mais aconteça — mas não ocorre nada — e seguimos em frente.

No fim da tarde, o cuidador dos bichos liga para perguntar: “Você viu a gata antes de sair de viagem?”

Aquela pergunta me parece capciosa. “Ela sumiu?”

“Ela teve filhotes”, diz o cuidador. “Seis sobreviveram; um deles morreu e eu o enterrei debaixo das roseiras do quintal.”

“Nem sabia que ela estava prenhe; ela não me contou.”

“Acho uma boa eu levar todos eles para uma avaliação.”

“É”, eu digo. “Faz sentido. E a Tessie?”

“Está que nem um peixe fora d’água”, diz o cuidador. “Ah, e ela pariu na suíte; joguei a roupa de cama fora, imagino que você não se importe.”

“Tudo bem, está tudo bem.”

“Te informo se tiver mais notícias”, ele diz, e desliga o telefone.

É provável que pareça surpreso, já que todas as crianças perguntam: “O que foi?”

“A Tessie teve gatinhos”, anuncio, e eles ficam ainda mais confusos.

“A Tessie é a cadela”, Ashley diz.

“Tem razão”, digo.

E então, pela manhã, como se todo mundo menos eu tivesse recebido um memorando, as crianças vão tomar o café da manhã com roupas normais e Nate anuncia que vamos ao Busch Gardens. Sou o último a saber.

O Busch Gardens não é um parque de diversões “comum”. É como um espetáculo de esteroides em fibra de vidro com temática europeia: brinquedos com nomes alemães — Der Autobahn, Der Katapult, Der Wirbelwind.

Ricardo está muito empolgado, mas tem medo de andar nos brinquedos, portanto Nate e Ash vão juntos e levo Ricardo aos

destinados às crianças pequenas, o Kinder Karussell, Der Roto Baron, e assim em diante. Ele adora, e pouco depois nos encontramos com as crianças maiores e ele sai correndo — e eu segurando sua mão, o que significa que eu também sou jogado aos ares, torcido, virado, esquerda e direita, girado até ficar sem fala e idiotizado, até, claro, vomitar.

“Eeeeeeca”, Ashley exclama quando vomito na frente dos três. Desde que chegamos, venho beliscando as porcarias que eles comem, cachorros-quentes, rodela de cebola, tiras de frango, sorvetes pela metade.

“Nada bom”, Nate comenta enquanto me esvazio repetidas vezes numa lixeira em forma de anão. Tento vomitar no buraco, na boca do gnomo anão — mas em vão. Ponho tudo para fora na cabeça dele, no chão na frente e atrás dele. E então, de repente, como se o fundo tivesse sido puxado debaixo de mim, não consigo me manter de pé. Sou forçado a me deitar — ou cair — na curva da estrada de tijolos amarelos, minha cabeça numa pilha montada com os casacos deles.

“Preciso de um minutinho”, digo, enxugando a saliva amarga do meu queixo.

Instantes depois, como se tivesse sido percebido por uma espécie de webcam do escritório central, a enorme enfermeira do parque se aproxima num carrinho de golfe extragrande e me leva para a enfermaria. As crianças vão sentadas no banco de trás. No trajeto, ela diz: “Oficialmente, e sem custo adicional, posso lhe dar sal volátil, ginger ale, biscoito água e sal, antisséptico e um band-aid, e nós temos desfibrilador. Comprei na Staples e falei que era tinta para a copiadora. Todo mundo devia ter um.” Ela se cala ao pararmos perto do trailer de primeiros socorros. As crianças entram atrás de mim. Há macas de fibra de vidro em forma de barco — duas — e umas cadeiras. A enfermeira prossegue me informando de que por cem dólares ela pode me ministrar um soro de vitaminas e minerais. Uma injeção de B12 custa mais setenta e cinco. “Pensa nisso”, ela aconselha, enquanto as crianças se sentam. Levanto, perguntando-me se devo esperar no banheiro, reivindicar um instante lá dentro.

“Querem um biscoito?”, ela diz às crianças. “Tenho Thin Mints e Samoas. Minha filha é escoteira — compro cinquenta caixas por ano.” As crianças pegam um biscoito cada uma. “É importante ter alguma coisa para oferecer aos convidados, já que também fico com as crianças que se perdem. E, seja um joelho arranhado ou alguém que se perdeu do bando, você precisa de uma coisinha para eles se animarem, se distraírem da dor...”

Só o cheiro dos Thin Mints e o barulho das crianças mastigando sem parar já me enjoa. Corro para o banheiro.

“Gelo”, ela anuncia, “posso te dar gelo. Vejo muito mal-estar

causado por calor e por alimentos, e também problemas no ouvido interno — gente que se sente literalmente de ponta-cabeça”.

Comigo no banheiro, ela concentra a atenção nas crianças, que vão abrindo buracos nas caixas de biscoitos. “Não se preocupem, isso acontece com inúmeras pessoas mais velhas que não têm o hábito de acompanhar o ritmo das crianças em tempo integral, então estou bem-preparada.”

Quando saio do banheiro ela está lhes mostrando o “carrinho de emergência”, uma gigantesca caixa de ferramentas de plástico amarelo, como daqueles que se acha no Home Depot, cheio de suprimentos.

Ashley me dá um chiclete. “Seu bafo”, ela diz.

“Obrigado.”

“Então, o que é que você vai querer?”, a enfermeira indaga.

“Você tem antiácido?”, pergunto.

“Usei o último hoje de manhã comigo mesma”, ela diz. “Está na lista.” Ela batuca numa lista de compras longa e estreita em cima da mesa. “Que tal umas caixas de biscoito para viagem?”

“Ótimo”, respondo. Tiro vinte dólares e as crianças pegam biscoitos de seu armário enorme de suprimentos. A enfermeira me dá uma lata pequena de ginger ale e um canudo e me recomenda levá-la e beber devagar.

“Estamos aqui o dia inteiro e metade da noite, o horário é o mesmo do parque”, ela diz. “Então, se precisar de nós, é só chamar ou pedir para alguém chamar — eles sabem onde me encontrar.”

Estico o braço para lhe dar um aperto de mão, mas ela resiste. “Não posso”, ela declara, jogando uma porção gigantesca de Purell na mão e insistindo que façamos o mesmo. Lavamos as mãos, pegamos nossos biscoitos e damos tchau à enfermeira. No posto de gasolina à beira da estrada, compro um frasco grande, vencido, de antiácido com preço superfaturado e tomo comprimidos com frequência. “Tipo jujuba de ursinho”, comenta Ashley.

“Ursinho com gosto de giz”, digo.

No meio da noite, Nate acorda com dor de estômago e me pede para ir ao banheiro junto com ele, enquanto espalha um fedor geral no ambiente com uma diarreia explosiva.

“Dá descarga”, peço, depois que ele dispara uma rodada, e ele obedece. Procuo fósforos para acender, mas ao que parece não existem mais cinzeiros e fósforos em quartos de hotel.

“Tem uns na minha mochila”, ele diz, “no bolso externo”. Nem pergunto por que ele os carrega: acendo a caixa inteira. Uns minutos depois, o telefone toca. Nate, sentado no vaso, estica a mão, atende o aparelho e o entrega a mim.

“No que posso ajudar?”

“Um alarme de fumaça está vindo do seu banheiro”, alguém da recepção declara.

“Não estamos fumando, estamos cagando”, retruco, perguntando-me se fomos envenenados, abatidos pela culinária da era colonial?

“Desculpe pela intromissão”, a recepcionista diz.

“Você acha que tem uma família normal”, Nate diz enquanto faz força no vaso. Respiro pela boca e tento ouvi-lo com atenção. “E aí acontece uma coisa dessa, que não é muito normal.” Uma enorme explosão lhe escapa. “Não estou falando disso”, ele explica, indicando o vaso, “estou falando da mamãe e do papai... Basta um telefonema e sua vida muda...”. Um prolongado e estridente pum de seu traseiro enche o ar de gases. “Desculpa”, ele diz. “Você não precisa ficar aqui comigo.” Dou de ombros. E em seguida, sentado ali, ele anuncia de súbito: “Vou vomitar.” Passo-lhe a lixeira, que por sorte está revestida por um saco plástico. E ele vomita e evacua ao mesmo tempo, e sinto pena do menino. “Você acha que precisa de um médico?” Ele faz que não. “Não, já me aconteceu antes, vou ficar bem”, e vomita de novo.

“Acho que nos pegaram”, digo, tentando amenizar a situação.

“Em que sentido?”, Nate indaga.

“Primeiro eu, depois você; espero que a Ash e o menino não fiquem assim.”

“Porra de Thin Mints”, Nate exclama, cuspidando na lixeira.

“O que você acha do menino?”, Nate pergunta.

Não me pronuncio.

“Eu acho ele muito engraçado”, diz Nate. “Me lembra o Charlie Chaplin.”

“No quê?”

“O jeito de andar, como se fosse um pato, e a expressão facial, bem flexível.”

“Você acha que ele é inteligente?”, indago.

“Por que isso serve de critério?”, Nate questiona, em tom defensivo.

“Boa pergunta.”

Voltamos para a cama. Sonho que estou indo para a África do Sul. No aeroporto me dizem que a única forma de chegar lá é como bagagem lançada do avião, usando um paraquedas. A companhia aérea informa

que minha mãe enviou o velho baú da colônia de férias e que já está no avião. Concorde, e quando o avião está a quatro mil e quinhentos metros de altitude entro engatinhando no meu velho baú. Já dentro dele, sou empurrado para o banheiro dos fundos e avisado de que, ao receber um sinal, alguém vai apertar o botão da descarga, escutarei um sibilo forte e serei ejetado a vácuo.

Quando tento fazer perguntas, encolhem os ombros e dizem: “É assim que se faz.”

É uma mistura de algo que Curious George inventaria e uma espécie de situação terrorista. Está claro que eu devia saber que isso aconteceria, porque estou usando um paraquedas gigantesco, que só noto durante a queda. Pouco antes de acordar, puxo a corda e começo a planar, pegando uma brisa invisível bem em cima da pradaria, enquanto um bando de girafas corre lá embaixo. Acordo às três da madrugada com os braços acima da cabeça, como se ainda segurasse o paraquedas, e me deparo com Nate sentado, tricotando.

“Que foi?”, ele diz, na defensiva.

“Nada”, digo.

“É o que eu faço quando não consigo dormir”, ele explica. “É bem relaxante.”

Ainda estou em parte no mundo do sonho, em parte observando Nate confeccionar um longo cachecol listrado. “Não”, ele diz.

“Não o quê?”

“Não me pergunte se eu sou gay...”

“Está bem”, digo. “Como vai o estômago?”

“Barulhento mas, de resto, estável”, responde. E eu volto a dormir.

No carro, a caminho de casa, todo mundo desmorona; há certa tensão quanto a retomarmos nossas vidas “normais”. Pergunto-me se passamos tempo demais juntos — ou será que nem foi o suficiente?

As crianças enchem Ricardo de regalos, como se a vida se reduzisse a ganhar uma sacola gigantesca dos despojos de uma festa de aniversário. “O que interessa não são coisas materiais”, repito o tempo todo. Elas sabem que tenho razão, mas não param. Nate pergunta ao menino se ele tem e-mail — não tem. Em uma parada da estrada, Nate me puxa de lado e pergunta se podemos comprar um

computador para a família de Ricardo para que conversem por Skype.

“Não”, respondo, talvez com excesso de firmeza.

“Mudanças são difíceis para todo mundo”, a mulher que trabalha como caixa na loja de presentes declara. “Fui professora e me partia o coração ver o que as crianças passavam. Um menino rasgou a saia da mãe, choramingando: ‘Não me abandona aqui.’ Transformamos a situação num momento de ensino e remendamos a saia com fita crepe.”

E foi isso o que a levou a arranjar um emprego numa loja de presentes à beira da estrada?, eu me pergunto.

Ashley circula pelos corredores, tentando encontrar um presente para a amiga. Em todos os lugares a que vai, ela compra alguma coisa, e depois, mais tarde, conclui que não é a coisa certa — estou começando a achar meio estranho.

“Vivo achando coisas que eu gosto, mas não sei se ela e eu temos o mesmo gosto.” A mochila de Ashley está cheia de bichos de pelúcia, bugigangas da parada da estrada, copinhos de licor.

“Bom, que tipo de coisa você já viu sua amiga usar?”

“Bom”, ela inicia, “coisas de adulto, coisas que vêm dentro de caixinhas azuis, que nem as que o papai dava para a mamãe quando não sabia o que comprar para ela”.

“Tiffany?”

“É, isso”, diz Ashley. “E ela detestava. Mamãe sempre gostou mais da outra loja — era meio equestre — começa com H. Qual é o nome?”

“Hermès?”

“É, era daquele tipo de coisa que ela gostava.”

“Ai, Ash”, Nate interrompe, “existe uma diferença enorme entre uma lembrança de viagem e, tipo, um presente de quinhentos dólares da Tiffany ou da Hermès”.

Fico de fora. Não faço ideia do que dizer. Está claro que amizades de colégio interno vão muito além do padrão normal no que diz respeito a uma lembrancinha de viagem.

“O que é que ela vai te dar?”, Nate pergunta.

“Não é uma competição; eu queria dar uma coisa legal para ela. Não precisa fazer estardalhaço por causa disso; não precisa fazer disso um pandemônio.”

“Só estava tentando te ajudar a pensar no que dar para ela”, diz Nate.

“Pode ir parando”, Ashley ordena num tom especialmente mordaz e adulto.

Quando levamos Ricardo de volta para a família, tanto a tia como o tio saem para recebê-lo. Parecem felizes por terem passado um tempo a sós. O tio arrasta a mala gigantesca do menino para fora do

porta-malas e a tia me lança uma piscadela... ou talvez não, talvez um cisco tenha lhe entrado no olho e ela tenha piscado para tirá-lo. De qualquer modo, Ricardo tem muito que lhes contar, e tem presentes para todo mundo.

Nate e Ash dão muitos abraços nele e lhe dizem que o verão em breve.

O carro é tomado por um silêncio doloroso a caminho de casa, até o momento em que Nate faz uma imitação quase perfeita da risada de Ricardo, e então todos gargalhamos, tentando fazer nossas próprias versões do riso.

Em casa, os gatinhos são uma grande distração: são pequeninos, indefesos e quase apavorantes. Observamos a mamãe gata alimentá-los e limpá-los — literalmente lambendo as partes pudendas deles para fazê-los “ir ao banheiro”.

Pago um extra ao cuidador — “tarefa de risco” — e ele nos avisa do que acontecerá a seguir: os olhos se abrirão dali a uns dias, mas vai levar um tempo para que de fato enxerguem ou façam algo relevante.

Tessie me olha como se perguntasse “O que você estava pensando ao deixar esta casa sob o meu comando? Dá para imaginar como me senti — o estresse, a responsabilidade? Promete que você não vai tentar uma dessas de novo... E, a propósito... me dá um biscoito?”.

“Acho que os gatinhos são surdos”, diz Nate. “Falo com eles e parece que eles não escutam.”

“Eles nascem surdos”, explica o cuidador. “É um mecanismo de defesa. A audição deles vai melhorar em breve. Até logo — me liguem se precisar”, ele diz quando está de saída.

“Estou com saudades dele”, Ashley comenta no jantar.

“É”, Nate concorda.

“O que você vai fazer para resolver isso?”, Ashley indaga.

“Bom, vocês dois voltam para a escola amanhã”, declaro, imaginando que isso pelo menos me dará algum tempo.

“Ele não precisa da gente só de vez em quando”, diz Nate.

“A gente quer que ele faça parte da família”, diz Ash. “Já conversamos sobre isso.”

“Pelas minhas costas?”

“Foi”, diz Nate.

“Mas vocês têm consciência de que eu é que vou ter que tomar conta dele?”

“A gente acha que você dá conta”, diz Ash.

“Ele poderia virar nosso irmãozinho, feito uma fênix emergindo das cinzas...”, diz Nate.

“O Ricardo não falou que é alérgico a gatos?”, questiono.

“A gente se livra da gata”, responde Ashley. “Nunca gostei dessa gata.”

“Como é que você fala uma coisa dessas? A gata é sua, ela acabou de ter filhotes...”

“Eu gosto da gata”, declara Nate.

“Quem sabe não existe um jeito de deixar o Ricardo *inalérgico*?”, diz Ash.

“Quem sabe a gata não pode ser impedida de entrar no quarto dele”, diz Nate.

“Qual quarto é o dele?”, indago.

“O quarto dele é o meu quarto”, explica Nate, como se fosse óbvio.

“Não sei se estou pronto para uma criança que fica em casa em tempo integral”, digo.

“Mande-o para a escola”, Ashley sugere.

“A gente mata os pais dele, tira o menino da família e manda para a escola — está ficando parecido com um romance inglês das antigas.”

“Isso é ruim?”, Ash questiona.

“Além disso, vocês dois não podem adotá-lo, vocês são menores de idade...”

“Mas você pode”, retruca Ash, desconcertada.

“Estou no meio de um divórcio e acabei de ficar desempregado.”

“Você saiu do emprego?”, Nate pergunta.

“Fui despedido.”

“Foi despedido?”

“Bom, não exatamente despedido. Vou terminar o semestre, mas sim, basicamente.”

“Por que você não contou para a gente?” Nate está abalado.

“Achei que vocês não precisavam saber.”

“Poxa, que chato”, diz Nate. “Que falta de confiança. De que adianta se você não acha que pode contar tudo para a gente? A ideia não é você ser nossa babá, a ideia é a gente ter algum tipo de relação — uma via de mão dupla.”

“É verdade”, concorda Ash. “Você devia contar as coisas para a gente. Ninguém contava nada para a gente, só a mamãe.” Ela cai no choro. “Adoro a gata”, ela declara. “Não devia ter falado o que eu falei — eu adoro de verdade.” E ela se levanta e sai correndo da mesa.

“Bom trabalho”, Nate diz, retirando-se, enojado.

Não tenho nem ideia do que aconteceu, sei apenas que me sinto uma merda.

Na manhã seguinte, as crianças voltam para a escola. Após o café da manhã, uma minivan busca Ashley e eu levo Nate até o ponto de encontro, a cerca de vinte minutos de casa.

“Te ligo hoje à noite”, afirmo, quando ele está descendo do carro. Ele bate a porta — não sei se me ouviu ou não. Buzino. Ele tenciona os ombros, mas não se vira; ajusta as alças da mochila e continua a andar em direção à minivan.

Espero para ir embora só depois de ver a condução partir. Então vou para casa e me sento perto dos filhotes, que passam bem; seus olhos se abrem, eles ficam de pé — é incrível.

Cheryl telefona. “Não acha estranho você ter sumido sem me avisar? Por quem eu soube? Julie. E como fiquei me sentindo? Ela falou que você foi a Williamsburg numa excursão escolar.”

“Mais ou menos isso”, digo.

“Uma experienciazinha colonial? Um final feliz em cima de um barril de pólvora? Uma punheta em cima de uma cerca velha?”

Não me pronuncio.

“Ah, faça-me o favor”, ela diz, “já estive lá, fiz tudo isso”.

“Se era assim quando você esteve lá, então o lugar onde estive foi outro — a outra Williamsburg. Seus filhos também não tiveram recesso escolar na semana passada?”

“O Ted participou de um projeto de serviço comunitário, o Brad foi participar de um campeonato de futebol e o Lad ficou em casa. Então — vamos nos encontrar — sexta está bom?”

“Acredite, não é uma hora boa.”

“Em que sentido?”

“Voltei para casa com um parasita, ainda não sabem qual. Pode ter vindo de uma carne de caça malcozida ou do café da manhã do corpo de bombeiros voluntários que fomos visitar. Tenho que levar uma amostra das fezes ao médico esta tarde.”

“Poupe-me dos detalhes”, ela berra, como um árbitro anunciando o intervalo.

“Tenho a impressão de que você quer saber de tudo.” Prossigo: “É extremamente contagioso. Tenho que lavar as mãos o tempo inteiro, e as roupas também.”

“Te dou dez dias”, ela concede.

“E depois?”

“Ainda não estou pronta para discutir o assunto.”

“E... me faz um favor...”, peço. “Não conta para a Julie.”

“Claro que não”, ela diz. “Tem coisas que são particulares. Bom, enquanto esperava, andei lendo sobre Richard Nixon. Acho que ele não foi exatamente um mocinho.”

“Ele não foi um mocinho.”

“Bom, então o que é que você viu nele?”

“Tantas coisas. Ele era uma pessoa intratável; ele achava que as regras não se aplicavam a ele. Acho isso fascinante.”

“É interessante”, ela diz. “Seria de se imaginar que você escolhesse uma pessoa mais convencional, um Truman ou um Eisenhower, ou quem sabe um personagem mais moderno e heroico, sabe, tipo o JFK. Mas o Nixon... é quase uma excentricidade.”

“Quase.”

“Te ligo daqui a uns dias; se você estiver melhor, a gente planeja alguma coisa.”

Está faltando algo. Sinto que caí num espaço entre espaços, como se eu não existisse de verdade — estou sempre fora do contexto. Em busca de clareza, visito minha mãe.

Na recepção do asilo, há um enorme quadro de avisos. “Entediado? Precisando de energia? Junte-se a nós e Faça sua Própria Vitamina, 10-11h e 15-16h. (Já temos frutas frescas, fibra, probióticos e iogurte congelado).”

“Ela não está”, a mulher da recepção me diz. “Ela saiu com os outros, arrumaram um novo hobby.”

“Qual?”, pergunto.

“Natação”, ela diz. “Onze pacientes foram de minivan ao ACM. Eles usam boias nos braços, e alguns usam boias infláveis de criança — em forma de pato e sapo —, e estão todos de touca. Bebezões, é assim que os chamamos — porque todos usam fralda. A gente os veste antes de saírem. É ótimo para a mobilidade.”

“Desde quando ela nada?”, questiono.

“Demos sorte com a terapeuta nova, que também trabalha com o psicofarmacólogo; esse lugar está a todo vapor. Dá mais trabalho em certos aspectos, mas é muito empolgante. Às vezes a gente brinca que estamos ressuscitando os mortos. E eles todos nos parecem muito felizes — bom, quase todos.” Ela aponta com a cabeça um idoso que caminha pelo corredor, aparentemente resoluto; ele se aproxima de nós.

“Que porra é essa que está acontecendo aqui? É só isso o que eu quero saber. Que porra é essa? Quem é aquele cara lá no meu

escritório? Vocês por acaso me substituíram sem que eu soubesse? Eu sou o chefe desse lugar, ou pelo menos era isso o que eu imaginava. Vamos ver o que você vai pensar na sexta-feira, vamos ver se vou assinar o seu cheque. Quem diabos é você?”, ele inquire, olhando para mim.

“Silver”, respondo.

“Bom trabalho”, ele diz. “Continue assim.”

“Agora, onde está a merda da minha secretária? Ela falou que ia almoçar e juro que isso já tem uns dez anos...” O homem se afasta.

“Como eu estava falando, foi bom para a maioria, e é bom vê-lo de pé, circulando”, diz a mulher.

“O que é que estão dando a ele?”

“Não tenho permissão para comentar sobre pacientes — a bem da verdade, talvez eu já tenha falado demais. É um tiquinho disso, um tiquinho daquilo — a gente evolui a cada dia que passa. Tem muito a ver com movimento — fazer com que se levantem e circulem. A não ser em caso de paralisia, não existem motivos para alguém ficar o dia inteiro deitado ou sentado... e, no caso dos que estão debilitados demais, a gente começa pela suspensão.” Ela me conduz até uma sala e abre a porta. Dezenas de molas compridas pendem do teto, e cada par de molas é ligado a uma camisa de força, ou colete de lona com cordas adaptado, e há idosos amarrados aos coletes. Estão dependurados como marionetes frouxas, em pé e ao mesmo tempo quicando, dançando conforme a música, enquanto fisioterapeutas vão de paciente em paciente. “Eles parecem gostar”, diz a mulher. “Nós inventamos o mecanismo — aparelhos de auxílio à verticalização. Reduz as complicações respiratórias — melhora o funcionamento pulmonar.”

“Eles me parecem contentes”, comento, incapaz de me refazer da imagem de uma sala cheia de idosos “suspensos”.

“Chega de excursão por hoje”, diz a mulher, fechando a porta. “Você vai ao ACM para ver a sua mãe? Eles acabaram de sair, então pode ser que você consiga alcançá-los.”

Tenho que pagar quinze dólares e preencher um termo de responsabilidade antes de entrar na área onde fica a piscina do ACM, e o fato de que não vou nadar é irrelevante para a pessoa da recepção.

Entro pelo vestiário masculino, um repulsivo ambiente de azulejos verdes antigos salpicado de homens e cheiro de chulé.

Assim que adentro o ginásio me mandam voltar: dizem que sou obrigado a tirar os sapatos e as meias e lavar os pés no chuveiro

antes de entrar.

“Oi, mãe”, chamo quando já estou no ginásio, minha voz ecoando nas paredes azulejadas e sendo absorvida pelo vapor de cloro que emerge da superfície da piscina. “Oi, mãe”, repito.

A turma inteira se vira para mim. “Oi”, respondem todas as mulheres da piscina.

Minha mãe usa uma touca de látex, do mesmo tipo que usava trinta anos atrás — branca com flores grandes e vicejantes que brotam no topo. Será que ela guardou a touca este tempo todo? Ela nada na minha direção e, levando-se em conta que há pouco tempo estava acamada, é desconcertante vê-la chutar, balançar os braços na superfície da água. Ela nada de peito na beirada da piscina, onde me pego fitando um rosto estranhamente satisfeito — emoldurado por flores de látex — e um colo profundo, enrugado.

“Você está ótima”, comento. “Como vai?”

“Fantástica”, ela diz.

Um homem de tórax largo nada até ela.

“Oi, filho”, ele cumprimenta.

“Oi”, respondo.

“É um prazer ver você”, ele diz.

“O prazer é meu”, digo, entrando na onda.

“Como vai a sua irmã?”, ele indaga.

“Bem”, afirmo, apesar de não ter irmã.

“Estou muito preocupado com a sua mãe”, ele diz. “Não consigo encontrá-la de jeito nenhum.” Ele fala, numa voz estrondosa como a de um ex-radialista.

“Você não encontra porque ela já partiu”, minha mãe lembra a ele. “Mas agora você tem a mim.”

“Vocês têm um ao outro?”, indago.

“É”, eles dizem.

“E o papai?” Fico confuso, de repente volto a ser criança.

“Seu pai morreu há muitos anos — tenho o direito de viver minha vida”, minha mãe retruca.

“Vocês querem voltar para a aula?”, o instrutor pergunta, e eles me dão as costas e retornam para a aula, as fraldas saltando para fora das roupas de banho.

A caminho de casa, paro no A&P. Não é a loja que frequento, mas acabo indo lá. Uma mulher parece me seguir pela loja, aonde quer que eu vá.

“Você está me seguindo?”

“Estou?”

“Está?”

“Difícil saber”, ela diz. “A maioria das pessoas circula pelos corredores”, ela diz, “vão de corredor em corredor; é inevitável você topar com a mesma pessoa duas vezes, a não ser que você tenha um sistema só seu”.

“Desculpe”, digo. “Não nos conhecemos de algum lugar?”

Ela dá de ombros, como se aquilo fosse irrelevante. “De que tipo de bolo você gosta?”, ela pergunta. Estamos na seção de congelados, parados diante das sobremesas. “Um simples bolo inglês ou um com cobertura?”

“Nunca comprei bolo”, declaro, e é verdade. “Se quisesse bolo, acho que eu iria à padaria, mas bolo não é muito a minha praia.”

“Acho que os jovens gostam de cobertura, os mais velhos gostam do simples”, ela pondera, botando um bolo inglês simples no carrinho.

“Você não me parece velha”, digo.

“Eu sou, por dentro”, ela diz.

“Então, quantos anos você tem?” Reparo que seu corpo é magro, sinuoso, mais infantil do que adulto. O cabelo é comprido, fino, quase espigado — louro-escuro.

“Vamos ver se você acerta”, ela desafia.

“Vinte e sete”, palpito.

“Tenho trinta e um”, ela diz. “Você tem uma péssima noção do que interessa de verdade.”

Avanço com meu carrinho — talvez devesse ficar empolgado pela atenção que ela me dá, mas no momento não é o caso, estou distraído —, biscoito para cachorro, areia para gato...

Ela me intercepta outra vez: “Você gosta de bichos?”

“A gata teve filhotes”, eu conto.

“Sempre quis ter bichinhos”, ela diz, “mas meus pais detestavam essa ideia. ‘Eles fazem sujeira’, meu pai dizia. ‘Só posso cuidar de você e da sua irmã’, dizia minha mãe”.

“Bom, você já está com trinta e um anos”, comento, “imagino que agora a decisão seja sua”.

“Tive um gato há pouco tempo”, ela diz. E então faz uma pausa. “Posso ver seus filhotes? Posso? Que tal eu ir à sua casa para saborearmos juntos uns canapés?” Ela joga uns pães de queijo congelados no próprio carrinho.

Não sei o que dizer — ou, para ser mais direto, não sei como

dizer não.

E assim, ao tirar o carro do estacionamento da A&P, ela vai atrás de mim, seguindo-me — quase para-choque com para-choque. O carro dela é tão genérico quanto ela — um compacto branco de idade indeterminada —, um em um milhão. Enquanto dirijo, tomo consciência de que não a escolhi, ela me escolheu, e fico nervoso. Por que ela está me seguindo? Havia uma razão para as pessoas serem “apresentadas”, uma razão para que a sociedade avançada é chamada de avançada e por que ela se desenvolveu como se desenvolveu — com bailes grandiosos em castelos e cartas formais de apresentação.

Ela estaciona atrás de mim na entrada da garagem e entra com uma sacola de congelados, perguntando se pode deixar as comidas guardadas no congelador, e de repente a situação se torna totalmente incômoda. Não é como se tivesse passado para pegar uma fôrma de assar emprestada, ou para eu mostrar como se faz uma *tarte tatin*.

Tessie late.

“Quem é esse cachorrão malvado?”, ela indaga, em tom de tatibitate.

“Está tudo bem, Tessie, é só uma mulher que encontrei na seção de frutas e quis vir para casa comigo”, explico.

“Você me convidou”, ela afirma, ainda curvada e se dirigindo a Tessie. “Ele falou ‘Você não quer ir à minha casa para brincar com os gatinhos?’”

“Acho que você está enganada.”

“Ahaaaam”, ela diz à cadela, que abana o rabo, agradecida pela atenção.

Guardo minhas compras e pergunto se ela quer café ou chá.

“Que tal uma taça de vinho?”, ela sugere.

“Ótimo.” Abro o armário de vinhos do George com a sensação de que estou saqueando o baú de suprimentos; procuro com a expectativa de achar algo comum, isto é, barato. “Sabe”, digo enquanto reviro, “na verdade esta casa não é minha”.

“Ah”, ela exclama. “Mas me parece que você sabe onde está tudo.”

“É do meu irmão; estou cuidando da casa a longo prazo.” Acho um Long Island Chardonnay que deve ter sido um presente que alguém comprou para um piquenique e não que George conseguiu com o “fornecedor de vinhos”. “Então, você faz dessas coisas sempre?”, pergunto.

“Que coisas?”

“Conhecer homens no mercado e segui-los até em casa?”

“Não”, ela diz. “É só para passar o tempo.”

“Até quando — até o filme das cinco horas no cinema Yonkers?”

“Cadê os gatinhos?”, ela indaga.

“Lá em cima”, digo, levando-a à suíte, que não foi exatamente transformada, e sim dominada pelo berçário felino.

“Ai, meu Deus”, ela exclama, apoiando os joelhos e mãos no chão e engatinhando rumo ao cercado dos filhotes. “Eles são uma fofura.” Os filhotes de fato são uma fofura; agora já andam um pouco e brincam, e a rainha parece disposta a deixar que eu brinque com eles... Troco as toalhas da caixa deles.

“Muita toalha para lavar”, comento.

Ela pega um e o esfrega no rosto — a rainha mãe fica insatisfeita.

“Melhor não pegar”, aconselho.

“Desculpe.”

Eu a observo de joelhos e mãos no chão no “quarto dos gatos” bastante fedorento.

“Você tem marido?”

Ela faz que não.

“Namorado?”

“Ex, não atual”, ela diz.

Passamos uns minutos brincando com os filhotes e depois eu volto ao primeiro andar. Por reflexo, ligo a televisão. É como se precisasse de apoio, de mais vozes, da simulação de um coquetel. Assim que aperto o botão, penso em George, que mantinha a tevê sempre ligada.

Olho para a mulher. “Não foi por acaso que sua mãe disse que você não devia falar com estranhos”, digo.

“Será que a gente pode mudar de canal?”, ela pergunta.

Imagino que esteja pedindo para mudarmos de assunto. “Claro”, respondo, fingindo apertar um botão na barriga — pim, canal trocado. “Está com fome?”

“Não, estou falando sério, a gente pode mudar de canal? Preciso, tipo, esvaziar a cabeça. Será que a gente não pode colocar numa coisa diferente, não num noticiário, sabe, mas num *Two and a Half Men*? Alegre, sabe?”

O programa cuja estrela era um cocainômano que agredia prostitutas?... alegre?, penso, mas não falo nada. “Pode sim, claro.” E troco de canal. “Você sabe que a risada não é de gente de verdade”, comento.

“Já foi”, ela diz, e não há nada mais a dizer. “Está meio frio aqui.”

“Quer um casaco?” No armário do vestibulo ainda há alguns pertences de Jane; dou à garota um suéter magenta bem macio.

“Então quer dizer que você é casado”, ela infere.

“É da mulher do meu irmão. Ela faleceu; fica com ele para

você.”

“É de cashmere”, ela constata, como se fosse obrigada a revelar o valor do que estou lhe dando.

Quando o veste, recordo-me de Jane vestida com ele, e de ter reparado na curva de seus seios e de me sentir instigado a tocá-los; a sensação era tão boa quanto a visão, delicada, sexy. Agora, nesta outra garota, o visual é diferente, mas ainda exerce um impacto especial.

“E os canapés?”, ela pede.

“Quer que eu prepare seu pão de queijo?”

“O que mais tem aí?”, ela pergunta, de um jeito que me leva a questionar por que ela havia comprado os pães de queijo — como se ela os guardasse para uma ocasião melhor.

Reviro o congelador, acho uns enroladinhos de carne de porco, antigos, e os jogo na torradeira.

“Está muito quente”, anuncio, ao servi-los onze minutos depois — no terceiro intervalo comercial.

“Não sabia que faziam para uso caseiro”, ela comenta.

“Perdão?”, digo, sem entender o que ela quis dizer.

“Imaginava que enroladinho de carne de porco fosse, tipo, uma comida que só serviços de bufê poderiam comprar.”

Ela mergulha o cachorro-quente na mostarda Dijon e o enfia na boca. “Uau, gostei. Que delícia. O que é isso?”

“Mostarda Dijon?” E só o que me passa pela cabeça é: como é possível que você nunca tenha provado mostarda Dijon?

Quando os petiscos acabam, vemos mais um pouco de tevê e então ela declara que continua com fome. “Quem é que faz entregas por aqui?”

“Não faço ideia”, digo.

“Eu sei que tem pizza”, ela diz.

“Já comi no almoço”, observo. “Chinês?”

“Eles entregam?”

Ligo para o restaurante de sempre. “Sou eu”, anuncio. “Senhor Metade Sopa Apimentada/Metade Sopa de Ovo. Será que vocês poderiam entregar?”

“Está doente, não pode vir buscar?”

“É mais ou menos isso.”

“Está bem, o que você vai querer?”

Olho para a mulher. “A sopa que peço sempre, uns rolinhos de ovo, um prato de porco moo-shu e camarão agri-doce, dois de cada. Algo mais?”, pergunto à mulher.

“Biscoitos da sorte extras”, ela diz, tão alto que o homem que anota o pedido a escuta.

“Quantos você quer?”

“Seis”, ela declara.

Dou-lhes o endereço e o número de telefone e acendo a luz externa. E então, depois de alguns minutos de conversa fiada, preocupado com a possibilidade de que não achem a casa, sugiro que esperemos lá fora. Sentamos no degrau da entrada. Há algo maravilhosamente melancólico em estar ao ar livre numa noite de primavera vendo o pôr do sol se dissipar contra o azul que vem se adensando; os contornos das velhas árvores grossas, repletas de folhas viçosas novas, a surpreendente, delicada cócega da brisa. E de alguma forma me sinto muito bem por estar vivo.

Respiro fundo.

“É que nem quando éramos crianças”, ela diz. “A gente jantava cedo, antes do papai chegar em casa, e depois sentávamos do lado de fora, esperando passar o vendedor de sorvete — meus preferidos eram o de bolo de morango e o de bomba de chocolate.”

“Nós éramos proibidos de comer sorvete do vendedor ambulante”, digo, recordando-me de repente. “Minha mãe achava que era assim que as crianças pegavam poliomielite.”

Tessie revira o gramado, farejando tudo, arbustos, os narcisos, os lírios que se empenham em brotar da terra; faz um pouco de xixi aqui e um pouco ali.

“Ela é muito bem-adestrada”, a mulher comenta. “Não parece ter o mínimo interesse em ir para a rua.”

“Ela detesta a rua.”

O sr. Gao, dono do restaurante chinês, dobra a esquina num utilitário Honda com o nome do estabelecimento na lateral.

Vou até o carro. O sr. Gao está ao volante e a esposa está no banco do carona, segurando a pesada sacola de papel pardo com o jantar — o interior do carro tem um cheiro delicioso.

Embora pudesse me entregar a sacola pela janela, a esposa salta do carro. Usa seu vestido chinês de hostess. “Piiii, entrega”, ela diz, fingindo apertar uma campainha invisível.

“Como vão vocês?”, pergunto.

“Bem”, ela responde. “Há muito tempo não vemos você.”

“Ando atarefado. Quem é que está cuidando do restaurante?”

“Senhor Foo, o garçom-chefe. Ele trabalha com a gente muito tempo.” Ela olha para a casa. “Casa boa.”

“Obrigado”, digo, enquanto tiro o dinheiro da carteira.

Pago, ela me entrega a sacola e depois enfia as duas mãos nos bolsos e os tira, os punhos cerrados.

“Escolhe a mão”, ela diz.

Encosto na mão direita; ela a vira e abre. Sua palma está cheia daquelas balas de menta com recheio gelatinoso que ficam junto ao caixa do restaurante. “Gostosura ou travessura para você”, ela diz.

“Obrigado”, digo, enfiando uma bala na boca. Ela derrama o

resto na minha mão — estão meio meladas de suor.

A mulher está vacilante, na ponta do gramado, perto da porta, como se não quisesse ser vista.

“Vem visitar logo”, diz a mulher do restaurante.

“Vou, sim, e obrigado.”

Observo-os indo embora e então me volto para a casa. A mulher já entrou e está na cozinha, onde procura pratos e talheres.

Durante a refeição, ela pergunta se já roubei alguma coisa.

“Tipo o quê?”

“Tipo qualquer coisa.”

“Não, mas tenho a impressão de que você sim.”

Ela assente.

“Bom, então qual foi a maior coisa que você já roubou?”

Ela faz uma pausa para pensar e dá uma mordida no rolinho de moo-shu; o molho de soja respinga. “Uma tevê de plasma de trinta e sete polegadas”, ela diz, ainda de boca cheia.

“Escondeu debaixo do casaco?”

“Não, em um carro alugado; eu precisava dela; aguentei uma de treze polegadas muito tempo — sem controle remoto. Estava na hora de me atualizar.”

“Preciso ter medo de que a verdadeira razão para você ter vindo aqui é reconhecer o terreno e você e seu namorado voltarem depois com um caminhão de mudanças e me deixar sem nada?”

Ela ergue os olhos. “Ah, não, não roubo das pessoas, só das lojas. Jamais pegaria uma coisa de alguém que eu conheça.”

“E você me conhece?”

“Você entendeu o que eu quis dizer: um indivíduo, em vez de uma empresa.”

Terminamos de comer e em seguida ela organiza as sobras, coloca-as de volta na sacola de papel pardo e enfia tudo na geladeira.

“Hora dos biscoitos”, ela anuncia.

“Quer um chá?”, ofereço.

“Mais vinho”, ela pede, abrindo um biscoito da sorte. Ela abre um e depois outro e outro, sempre parecendo insatisfeita com o resultado, até que, por fim, lê no quarto biscoito: “Sua boa sorte começa agora.”

Ela dá pedacinhos de biscoito à Tessie até eu dizer que basta: caso contrário, ela vai ter dor de barriga.

Voltamos a nos refugiar no sofá e assistimos a mais televisão, e me pego pensando que agora entendo qual é a utilidade perfeita para a tevê: dar, a pessoas que nada têm em comum, algo que possam fazer juntas e sobre a qual falar — ela nos propicia um território familiar. Tenho um respeito recém-adquirido pelo que George fazia, pela maneira como a televisão nos une como cidadãos de um país — somos

o que assistimos.

“Daqui a pouco eu tenho que ir”, ela anuncia.

Assinto. Não estou pensando em sexo, mas aparentemente ele é parte do acordo — no cardápio, logo abaixo das fatias de laranja e dos biscoitos da sorte. Sem aviso prévio, ela avança para cima de mim no sofá com beijos molhados violentos, a boca aberta e estranhamente talentosa: acho inevitável retribuir. Ela passa a língua em mim lascivamente e recua por um instante, levanta a camiseta — e basicamente me presenteia consigo mesma. Os seios são maiores, mais fartos do que seria de se esperar — ela usa um sutiã azul-marinho e rendado, que ressalta a pele pálida. Com bastante destreza, ela se abaixa sobre mim, lutando para tirar minha situação endurecida do esconderijo. Mas quando tento tocar no botão do jeans dela... ela faz que não. Obedeço. O restante é frenético, urgente, com muita agarrção e derrapagem das almofadas de couro ao chão. E então gozo e está acabado. Sou largado, entornado, meu pau encolhendo no meu colo como um sorvete derretido melecado, e ela está de pé, vestindo a camiseta como se as coisas fossem assim mesmo. Ela vai à cozinha, pega seus congelados na geladeira e reaparece na sala de estar, onde continuo no chão. “Até mais”, ela se despede, como se fosse tudo muito fácil.

“Você não quer me dar o seu telefone?”

“Eu sei onde você mora”, ela diz.

Depois que ela se vai, limpo-me, arrumo as almofadas do sofá e tento não pensar na grande estranheza da situação toda. Não sei nem o nome dela.

Na manhã seguinte, via carta registrada, sou avisado de que estou oficialmente divorciado. O carteiro toca a campainha, Tessie late, assino o recibo de correspondência e, *voilà*, estou com o divórcio nas mãos. Não foi tão difícil quanto imaginei.

Lembro-me de que, quando criança, entreouvi conversas sobre casamentos que não deram certo e sobre o fato de que a mulher precisava provar que o marido a estava traindo, precisava “pegá-lo no ato”, e outros casos em que um ou outro do casal teria de viver em outro estado por pelo menos um ou dois anos até que a situação se resolvesse.

Agora o divórcio literalmente chega pelo correio, junto com outros itens como cupons de desconto de pizza e um cartão de agradecimento de Ashley, escrito no papel de carta “oficial”, com “A.S.S.” em alto-relevo.

Ashley Sarah Silver.

Por que ninguém pensou, quando lhe deram o nome, que um dia aquelas iniciais juntas poderiam soar um tanto estranhas — ASS, bunda?

“Obrigada pela viagem a Williamsburg, foi muito divertida, aprendi bastante. Obrigada pelo vestido, os sapatos, as canetas de pena, a tinta em pó, o papel de carta, a cera de lacre e os selos, o livro sobre a Pocahontas e tudo o mais que me esqueci de listar aqui. Sua amiga — Ashley Silver. P.S. Sei que você não é realmente meu ‘amigo’, mas não sabia o que mais escrever — e me soou esquisito escrever ‘Com amor’...”

Entre as correspondências há também uma carta do Lodge.

Prezado membro da família,

Em uma reunião recente o Conselho de Diretores votou a favor da aprovação da proposta de transformar THE LODGE INC. de centro hospitalar de saúde mental em estabelecimento destinado a seminários e conferências empresariais. Tal aprovação representa uma mudança de rumo para a organização: antes um ambiente terapêutico, nossas instalações passarão a abrigar reuniões motivacionais e organizacionais.

Como é de seu conhecimento, The Lodge Inc. serve aos pacientes, às suas famílias e à comunidade vizinha há quase cinquenta anos. Essa mudança de foco de nossa clínica reflete uma alteração significativa na orientação dos serviços de saúde mental e cuidados correlatos, não somente na clínica, mas no país inteiro, já que o modelo terapêutico se distancia da internação para serviços mais ambulatoriais, fundamentados na comunidade.

Empreenderemos esforços junto com nossos pacientes e suas famílias a fim de promover uma transição serena, seja para o paciente retornar à comunidade ou ser direcionado a uma clínica adequada às possibilidades de sua família. Esperamos completar o processo de transição até o final de agosto e manteremos contato com todos de maneira individualizada no que tange à melhor forma de agir.

Sabemos que receber uma correspondência como esta pode instigar um leque de emoções e questionamentos e queremos que você se sinta à vontade para ligar para o diretor da nossa equipe médica ou nossa secretaria de comunicação para dirimir quaisquer dúvidas que possa ter.

Apesar de a notícia ser de certo modo inesperada, pedimos desculpas pela comunicação via mala direta: a intenção foi entrar em contato antes que a informação chegasse à imprensa.

Nossos mais sinceros agradecimentos por ter permitido nossa entrada em seus corações, lares e mentes.

Atenciosamente,
John Trevertani
Presidente, The Lodge Inc.

Telefone.

“Tentamos falar contigo já tem uns dez dias”, Rosenblatt declara — está claro que ele é o “atendente” designado —, “mas outra pessoa atendeu ao telefone e falou que você tinha viajado, e depois falou que precisava desligar... algo a ver com ajudar os filhotes a ‘saírem’. Ele sugeriu que eu ligasse de novo e deixasse um recado com os detalhes na secretária, mas em nome da privacidade imaginei que seria melhor esperar mais ou menos uma semana e tentar falar contigo outra vez”.

“Foi o cuidador dos bichos. Eu viajei, e a gata teve filhotes.”

“Ahhh”, ele exclama. “Bom, em todo caso, vejo que você já recebeu a carta. Já entramos em contato com o advogado do George e com gente do gabinete do promotor do estado para conversarmos sobre qual seria o ambiente adequado para seu irmão. Já que a primeira série de acusações foi descartada e que ainda falta o julgamento das acusações de homicídio, você poderia transferi-lo para um ambiente do tipo ‘hospitalar’. A impressão que tive com o advogado é de que eles querem deixá-lo longe do ambiente carcerário tradicional até quando for possível — talvez tentar algo ‘não tradicional’. Mas também me sinto na obrigação de acrescentar que falei com o George e acho, francamente, que ele está entediado com a internação, e receio que sua resistência em participar de atividades como terapia em grupo, terapia ocupacional, trabalhos manuais e assim por diante pode acabar soando como desobediência nos

relatórios — e isso não vai cair bem quando o caso for a julgamento.”

“Você está querendo dizer que ele vai levar bomba em confecção de pegadores de panelas?”

“É mais ou menos isso — ele não se dá bem com os outros.”

“Nunca se deu. Você mencionou algum programa não tradicional...”

“Sim”, ele confirma, “ando conversando com umas pessoas do estado para ver se elas o receberiam para um programa piloto que estão conduzindo — é bem incomum e acho bom eu não falar mais nada até ter uma noção melhor das coisas. Quem sabe a gente não se fala em breve”.

“Estou por aqui”, digo.

“Eu também, até agosto”, diz o homem. “Depois disso, está tudo em suspenso.”

Está tudo em suspenso — uma meia-verdade.

Pego-me ansiando pelo que é normal, repetitivo, cotidiano, banal. Anseio pelo tipo de conforto que para os outros pode parecer extremamente tedioso. Ao longo de anos, de segunda a sexta-feira, comi a mesma coisa no café da manhã — duas fatias de pão de centeio torrado, uma com manteiga, a outra com geleia de laranja; a mesma marca de pão, a mesma geleia, a mesma manteiga. Aos sábados, comia o pão com ovo, e aos domingos ou comia panqueca ou rabanada.

A zelosa regularidade era algo que Claire e eu achávamos estimulante. Tínhamos prazer em sair para jantar na sexta-feira, ficar em casa no sábado, seguir o hábito de ir ao cinema na matinê e levar uma quentinha de comida chinesa para casa no domingo. Caso acrescentássemos algo novo ou diferente, o tema era discutido, com respeito ao que aquilo implicaria para a rotina, a programação.

Mas agora é como se eu vivesse uma queda livre interminável, o mergulho desacelerado somente pela interrupção que é ser convocado a fazer algo por outrem. Não fosse pelas crianças, a cachorra, a gata, os filhotes, as plantas, eu estaria completamente liquidado.

Por curiosidade, ligo para o Departamento de Assistência Social do condado e pergunto o que ser um pai adotivo abarca. Dentre minhas questões: você é obrigado a aceitar qualquer criança que lhe derem, ou dá para escolher?

“Temos muito cuidado com o local onde colocamos todas as crianças”, diz a mulher.

“Claro que sim...” É por isso que as matérias de tevê sobre adoção são tão animadoras. “Eu acho que o que estou tentando perguntar é: e se o parente de uma criança precisar de um tempo e quiser que eu tome conta da criança por um período... existe uma forma de fazer isso oficialmente, de obter uma autorização ou sei lá o quê?”

“Para aceitar o que chamamos de adoção direta, o senhor teria de ser um pai adotivo aprovado.”

“E quais os requisitos para alguém entrar nessa condição?”

“Uma carta de intenções, uma candidatura, uma certidão negativa de antecedentes criminais, cartas de recomendação, uma análise da casa, um formulário médico, prova de vacinação, carta de um advogado, comprovantes financeiros que deixem claro que o senhor não está atrás de ganhos pessoais.”

“Todos os pais adotivos do seu sistema cumpriram esses requisitos?”

“Sim, senhor, todos eles.”

Prossigo me descrevendo como professor aposentado e autor que presta consultoria à família do ex-presidente Richard Nixon.

Ela me interrompe. “O senhor tem filhos?”

“Tenho a guarda dos dois filhos do meu irmão — meu irmão é inválido.”

“O senhor devia se consultar com um psiquiatra”, ela diz.

“Perdão?”

“Pessoas extravagantes como o senhor, é o que fazem. Parte da candidatura é uma avaliação da saúde mental. Tudo se torna mais rápido se o senhor não ficar protelando.”

Fico tentado a perguntar se todos os péssimos pais adotivos que vejo no noticiário noturno se consultam com psiquiatras, mas me contenho. “Sem dúvida é algo para se pensar”, declaro. “Será que você pode me mandar outras informações?”

“Ah, a gente não manda mais nada; estamos sempre em crise orçamentária. Está tudo na internet.”

“Certo”, digo. “Vou dar uma olhada na internet. Obrigado.”

Vá se foder.

Ligo para a tia de Ricardo e pergunto se ela gostaria que eu sáísse com o menino no domingo.

“Será então que você pode vir buscá-lo cedo?”, ela indaga.

“Oito e meia é cedo demais?”

“Oito e meio está ótimo”, ela diz.

Parte dos meus esforços para construir um bom relacionamento com as crianças consiste em conversar com elas com mais frequência e mais sinceridade, como se fossem pessoas de verdade.

Nate anda distante desde a viagem a Williamsburg. Não sei bem por que, mas me parece mais inteligente não chamar a atenção para este fato e simplesmente deixar o tempo passar. Peço-lhe recomendações a respeito do que fazer com Ricardo no domingo.

“Bom, tem uma parede de escalada, ou o boliche, ou o fliperama.” Nate se cala por um instante. “Você podia simplesmente sair com ele e brincar de pega-pega. Tenho a impressão de que ninguém brinca com ele. Minha luva está no armário do meu quarto. E se você quiser dá-la de presente para ele, tudo bem: é a luva velha, eu tenho uma nova.”

“Quanta generosidade, Nate.”

“O que foi que te levou a ligar para ele?”

“A verdade é que senti saudade do menino, e estou com mais saudade ainda de você e da Ash. Eu me diverti muito na nossa viagem.” Faz-se um silêncio constrangedor, mas não me importo, estou contente por ter dito o que disse. “E com você, como vão as coisas?”

“Indo”, diz Nate, que em seguida se cala. “Escrevi um texto de memórias para a aula de inglês.”

“Imagino que tenha sido difícil.”

“Escrevi sobre o papai, sobre uma situação de que me lembrei.”

Uma longa pausa. “Será que eu posso ler uma hora dessas?”

“Sei lá”, ele responde. É como se Nate só agora começasse a se dar conta do que aconteceu com George e Jane; o trauma inicial agora se aplacou e ele começa a juntar todas as peças. “Ando com dificuldade de dormir, então fui ao orientador psicológico da escola e ele sugeriu que eu frequente um grupo de meditação duas vezes por semana.”

“Vale a tentativa”, digo. “Os últimos meses foram bem complicados.”

“Veremos”, ele diz.

Depois de falar com Nate, ligo para Ashley. “Só quero te agradecer pelo bilhete”, digo.

“Você recebeu?”, ela indaga.

“Recebi”, respondo. “E fiquei bastante impressionado.”

“Quando eu era mais nova, tive uma professora que nos fazia treinar como escrever bilhetes de agradecimento para tudo. Tipo ‘Caro Deus, agradeço muito pela aurora desta manhã. Foi belíssima e anseio por revê-la amanhã de manhã. Sua amiga, Ashley Silver’.”

“Incrível.”

“Ela falava que, se um dia a gente chegasse ao ponto de não ter nada, pelo menos teria bons modos.”

“Talvez ela tivesse razão. O que mais anda acontecendo por aí?”

“Ciências”, ela diz. “A gente anda cozinhando bastante. Tem uma professora nova que está tentando usar a química caseira como base para um livro de receitas, e o laboratório de química está funcionando como uma cozinha de testes.”

“Parece saboroso”, comento.

“Na verdade, não é. Acho que pode até ser perigoso.”

A fim de me preparar para o retorno ao escritório de advocacia em Nova York para começar o trabalho com as narrativas, vejo novamente minhas fitas de Nixon — entrevistas filmadas que fez com Frank Gannon, em que fala de Pat, da família. Penso nelas como a “versão oficial”. Em todas as famílias existe a versão oficial, a narrativa acordada tacitamente que contamos a respeito de quem nós somos e de onde viemos. Escuto com atenção, querendo imprimir a cadência de Nixon, sua estrutura frasal na minha cabeça, para que amanhã, ao olhar os contos, possa ouvir sua voz.

Na manhã seguinte, Wanda me apresenta a Ching Lan, que se encarregará das transcrições.

Alta e magra, como um macarrão esticado, ela aperta minha mão com vigor. “Um prazer trabalhar com você”, ela diz. “Só para você saber, leio bem, falo não tão bem.”

“De onde você é?”

“Lá de baixo”, ela diz. “Sou a filha da dona da delicatessen.”

“Já conheço sua mãe há muito tempo”, digo, aos risos.

A mulher faz que sim. “Ela me falou que você é o senhor Biscoito. Que sorte a minha”, ela diz. “Eles me descobrem; digito muito veloz; sei ler chinês, então letra ruim para mim parece boa; leio que nem vento — então leio e digito para eles. Não faço ideia do que digito, mas eles não ligam. É bom ver meus pais no almoço. Vamos trabalhar juntos. E se eu não sei coisa, eu pergunto”, ela explica com alegria.

“Onde você nasceu?”

“Lenox Hill”, ela declara. “Tenho vinte e um anos. Jogo vôlei profissional em meio período.”

“Você é uma moça de sorte”, digo. “Transcendente.”

Antes de começarmos, dou uma breve explicação sobre meu interesse pelo Nixon a Ching Lan. “Não preocupe. Eu estudo”, ela diz. “Wanda me falou do que você faz e fui na Wikipedia e aprendi muito.”

Assinto. “Tenho mais interesse pela personalidade dele e pela maneira como suas ações e reações caracterizaram uma era e cultura específicas — a era que construiu e definiu o Sonho Americano. Não sei até que ponto você conhece o assunto; a expressão ‘Sonho Americano’ foi cunhada em 1931 por James Truslow Adams, que escreveu: ‘A vida deve ser melhor e mais rica e satisfatória para todos, com oportunidades para cada indivíduo de acordo com sua capacidade ou êxito, independentemente da classe social ou das circunstâncias de seu nascimento.’ Em 1931, Richard Nixon tinha dezoito anos, tinha acabado de se tornar um homem, e quando ele renunciou tinha sessenta anos, sinalizando o fim de uma era e talvez a morte não reconhecida do sonho, apesar de certas pessoas terem a sensação de que ele apenas caiu na clandestinidade.”

Algo em Ching Lan me inspira a falar, a divagar, a não parar de elucidar. É libertador, inspirador. E ela parece acompanhar o que digo.

Trabalhamos lado a lado. Explico como quero que os documentos sejam transcritos e aviso que, caso se depare com algo que não faça sentido, ela deve me consultar.

De hora em hora, Ching Lan faz uma pausa para se exercitar; quando se levanta, incentiva-me a agir da mesma forma. “Faz o que eu faço”, ela diz, e eu ecoo seus movimentos, fluindo como uma dança antiga sendo apresentada.

“Como se chama?”, pergunto.

“Qigong”, ela diz. “Faço todo dia — leva sangue para a cabeça, desperta a verdadeira natureza.”

Eu a acompanho até o instante em que ela se afasta — inclinando a coluna a ponto de pôr as mãos no chão, atrás do corpo. Em seguida ela suspende uma perna e depois a outra no ar. Ching Lan está de cabeça para baixo — fixa nessa posição. “Tão bom”, ela diz. “Tudo no lugar.” Então ela põe os pés no chão, senta-se na cadeira e seguimos em frente.

Domingo, às oito e meia da manhã, busco o menino. A tia dele

preparou uma sacola de compras grande cheia de comida, tupperwares, garfos, facas e colheres de metal, guardanapos e uma muda de roupas.

“Ele se suja muito”, ela justifica.

Ricardo dá de ombros.

“Quanta comida você colocou?”

“Não é tanta assim”, ela diz. “O apetite dele é bom.”

“Está bem, então”, digo. “Meu plano é devolvê-lo às seis — sei que amanhã ele tem escola. E aqui está o número do meu celular, para o caso de você precisar falar com a gente, e se você quiser eu te dou notícias durante o dia.”

“Meu marido vai me levar para dar um passeio”, ela explica. “Divirtam-se.”

A caminho do carro, pergunto a Ricardo se ele tomou o café da manhã. “Tomei”, ele diz, “mas tomo mais”.

“Que tal a gente esperar umas horas? Enquanto isso, a gente podia ir à praça e brincar de bola.”

Na praça, Ricardo vê uma turma de meninos chutando uma bola de futebol. Percebo que ele quer participar, portanto o incentivo a fazê-lo.

“Não conheço os meninos”, ele diz com tristeza.

Vou com ele, intrometo-me no grupo de pais na beirada do campo e pergunto se Ricardo pode participar. Um dos homens sopra no apito e grita: “Homem novo entrando em campo.” Dou uma empurradinha em Ricardo e ele entra no jogo. Os pais ficam por perto falando dos aquecedores de água, dos circuitos de aquecedores e de outros assuntos viris como limpeza de calha. Concordo com a cabeça como membro do coro. Também observo Ricardo. Não é muito coordenado — tropeça na bola, cai de bunda depois de chutá-la —, porém os outros meninos parecem tolerá-lo no jogo.

Quando as equipes se dispersam, Ricardo e eu nos sentamos num banco; sugiro que talvez ele e eu treinemos com a bola — acho que tem uma no porão.

Ricardo está ofegante, de cara vermelha, tentando tomar fôlego enquanto revira a sacola de compras.

“Quer fazer um piquenique?”

“Você podia comer o que tem aqui e eu podia comer no McDonald’s”, ele sugere. “Minha tia cozinha muito bem, mas eu já como isso todo dia.”

Ele me dá algo parecido com uma empanada — é recheado de carne, cebola, temperos difíceis de distinguir. Apesar do fato de estar em temperatura ambiente, é uma delícia.

“Tudo bem”, concordo, “eu troco, mas pelo quê?”.

“Cheeseburger duplo, batata grande e milk-shake?”, Ricardo

enumera.

“Cheeseburger, batata pequena e nada de milk-shake.”

“Está bem”, ele diz de má vontade.

Vamos ao McDonald’s e depois ao cinema — é um negócio infantil em 3D —, e quando me acostumo com os óculos e minha náusea passa, é meio que legal. Ricardo ri tantas vezes daquele jeito engraçado, esquisito, que me conquista, batendo no meu braço quando gosta de algo.

“Tenho que providenciar uma coisinha... você gosta de lojas de ferragens?”

“Acho que sim”, diz o menino.

Preciso de uma descarga nova para o banheiro do segundo andar. Acho a peça e depois percebo o menino escarafunchando a loja. De uns corredores de distância, observo-o revirando cestas disso e daquilo e depois o vejo revirando os bolsos. De início, preocupo-me com a possibilidade de que esteja furtando, mas depois atino que está contando moedas.

“Quanto você tem?”, pergunto ao me aproximar.

“Dois dólares e sessenta e sete centavos.”

“De quanto você precisa?”

“Dois dólares e noventa e nove centavos.”

“Mais o imposto”, corrijo. “O que é que você quer?”

Ricardo aponta para uma lanterna em forma de sapo verde que emite um som semelhante a um coaxo. Dou-lhe um dólar.

Ali, entre porcas e parafusos, um cara um pouco mais velho me diz: “Menino bonzinho.”

Sorrio. “Ele é um ótimo garoto.”

E então o cara se inclina e pergunta a Ricardo de forma incisiva: “Cadê o seu outro papai?”

Ricardo fica confuso.

“O que é que você está fazendo?”, pergunto ao cara, num gesto imediato de proteção a Ricardo.

“Desculpa, não quis ofender, eu imaginei que vocês tivessem uma família de dois pais; em geral, as famílias hétero ficam com as crianças brancas e dão os restos para as bichas.”

Empurro o cara contra uma estante. “Você não faz ideia do que está falando; não tem a mínima noção.” Estou com um nó causticante na garganta, e a minha verdadeira vontade é de dar um soco no nariz do cara. Nunca na vida dei um soco no nariz de alguém, mas este seria o momento perfeito.

“Meu pai morreu”, Ricardo declara, assustado.

Percebendo que minha conduta está apavorando Ricardo, solto o cara.

“Boqueteiro”, o cara diz, escapando das minhas mãos.

Eu lhe mostro o dedo médio — outro gesto que não faço há anos. Enojado, o cara se afasta.

“O que isso quer dizer?”, Ricardo indaga, imitando o gesto.

“Por favor, não faz isso”, peço rapidamente.

“Você acabou de fazer”, ele reage.

“Eu sei, mas não devia ter feito. É o tipo de coisa capaz de meter o cara numa encrenca.” Rumamos para o caixa e, enquanto o funcionário passa as compras na máquina, pego uns bastões luminosos da cesta junto ao balcão, do tipo que guardamos no porta-luvas para casos de emergência. Compro um para mim e outro para o menino — gastando o nervosismo.

“Então, o que é que aquilo quer dizer?”, Ricardo pergunta ao sairmos da loja.

“Aquilo o quê?”

“Aquilo que eu não devo fazer de novo.”

“Quer dizer só que a pessoa está muito frustrada...”

“Eu achava que era tipo uma língua de sinais ou um gesto indiano antigo”, diz Ricardo.

Do lado de fora, acendo os bastões de luz; eles tomam vida, brilhando como espadas alienígenas contra a luz vespertina minguante.

“Legal”, diz Ricardo.

Eu lhe dou um. Fingimos duelar — é divertido. Não brinco assim faz... séculos.

E mais tarde, quando o deixo na casa da tia, digo: “Ei, me desculpa pelo que aconteceu na loja de ferragens.”

Ricardo dá de ombros. “Sem problema”, diz. “Você me protegeu.” E então ele me dá uma espécie de abraço, como talvez tenha visto na tevê um menino abraçar um adulto, ou algo tirado de *Two and a Half Men* que seria pontuado pelas gargalhadas gravadas. “Vamos sair de novo logo”, ele diz, afastando-se.

Naquela noite, ao procurar algo, flagro-me no porão. O lugar é como um depósito multigeracional de tralha, esquís, tacos de golfe, raquetes de tênis, irrigadores, mangueiras de jardim velhas, caixas de potes de vidro, sendo que boa parte imagino terem sido largados ali pelos donos anteriores e transformados por George e Jane em símbolos de outra época.

Resolvo me livrar de tudo.

Quatro horas depois, com dezenas de sacos plásticos verdes arrastados até a esquina e uma cesta de lixo reciclável transbordante,

sinto como se tivesse limpado um estábulo. Alguém precisava fazê-lo.

Por que George tem quatro conjuntos de tacos de golfe? Por que havia raquetes de tênis à beça e esquis tão compridos, fixadores de esqui e botas tão velhos, todos cobertos por uma crosta de resíduos, quicá tóxica?

Acabado e dominado pelo senso de virtude de um mestre, ponho um jantar tardio no micro-ondas e ligo para Nate.

“Como estava o Ricardo?”, ele indaga.

“Bem. Por acidente eu o ensinei a mostrar o dedo.”

“Por acidente?”

Explico, e Nate comenta: “Parece que você começou com o pé direito.”

“A longo prazo, acho que é uma transgressão leve.” Faço uma pausa. “Nunca sei o que te contar ou não... sobre o seu pai.”

“É”, diz Nate, sem me dar alguma pista, “é difícil saber”.

“O lugar onde ele está vai ser fechado.”

“Que tipo de lugar é?”

“Terapêutico”, digo, por falta de palavra melhor.

“Você sabe o que ele fazia comigo?”, Nate pergunta. “Ele me virava de ponta-cabeça e me girava. Era meio divertido e meio apavorante; às vezes ele me batia nas coisas, na mesa, nas cadeiras ou na parede. Não sabia se ele se distraía ou se realmente não percebia, mas a linha era tênue. Talvez fosse diferente se eu fosse outra criança; talvez outra criança curtisse mais do que eu.”

“Ou menos”, digo. “Parece que você lidava bem com isso. Para que se impor o que outras crianças seriam capazes de tolerar? Não tem problema falar que você ficava assustado, ou que você odiava aquilo por qualquer razão que fosse.”

“Sempre achei que ele queria que eu fosse outro. Ele me achava um fracote.” Nate se interrompe. “Você está comendo enquanto a gente conversa?”

“É, me desculpa, eu estava morrendo de fome; acabei não comendo com o Ricardo. Estava dando um exemplo de moderação e aí, quando cheguei em casa, tive um rompante e limpei o porão todo. Tinha muita porcaria lá embaixo.”

Nate fica totalmente silencioso. Pior que silencioso: sério.

“Por exemplo?”

“Esquis, raquetes de tênis, caixas de potes de vidro velhos...”

“Meu experimento ganhador de prêmio sobre como refazer antibióticos utilizando produtos cultiváveis em casa, como gengibre, raiz-forte, mostarda e nastúrcios?”

“Imagino que não”, respondo, lembrando-me com preocupação de que certos potes de fato continham terra e algo brotando — achei que fosse só mofo. “Era só um bando de tralha, os tacos de golfe

velhos do seu pai.”

“E os meus tacos?”, Nate questiona.

“Quais são os seus?”, eu testo, provavelmente traindo todo o meu nervosismo.

“Os meus estão numa bolsa xadrez de rodinhas, e tenho outro conjunto coberto de tricô azul.”

“Sabe de uma coisa?”, digo, gaguejando, sabendo muito bem que estão na sacola da esquina. “Vou dar uma olhada, vou conferir, só para ter certeza.”

“Que droga!”, exclama Nate. “Será que você não é capaz de deixar nada no lugar? Será que você tem que deixar sua marca em tudo? As coisas não são suas. A casa é minha — é onde eu moro... Você vai me deixar sem casa, assim eu não vou ter mais nem para onde ir?”

“Nate”, arrisco-me, tentando consertar o que já foi feito. “Nate...”

“Não. Eu tenho agido com uma puta calma, uma puta duma decência nessa situação toda — acho que te passei uma impressão errada. Você fodeu com a minha mãe, meu pai matou a minha mãe e agora você está responsável por mim? Não vou seguir esse rumo — não vou ser que nem vocês. Não vou deixar você me arrastar para a lama.” E ele desliga.

Levo um susto. Ele não só tem razão como é surpreendente que esse momento não tenha acontecido antes. Corro até a esquina e resgato seus tacos de golfe, além de qualquer outro equipamento que pareça razoavelmente atual, e “reinstalo” os objetos no porão, de uma maneira que espero ser fácil de achar.

Um dia depois, Nate me envia um e-mail.

“Desculpa. Um dos caras me deu um remédio falando que ajudaria a me concentrar e acho que reagi mal. P.S.: Talvez a direção da escola te ligue para falar da mesa quebrada, mas eu garanto que foi um acidente — o estado daquela mesa já era precário desde o ano passado, quando o idiota do Billy aterrisou em cima dela durante uma tentativa de voar.”

Respondo: “Não se preocupe, eu entendi bem. Seus tacos e tudo o mais... estão sãos e salvos.”

Manhã de terça-feira, pouco depois das oito, o telefone toca.

“Preciso que você vá a um lugar comigo”, Cheryl anuncia.

“O que foi que houve com o ‘oi, alô, tudo bem?’”

“É necessário mesmo?”, ela retruca. “Estou tentando te pedir

um favor.”

“Faz parte da tradição”, digo. “É assim que a maioria das coisas começa. Aonde é que você quer que eu vá?”

“Tem alguma importância? Não basta eu te pedir para ir?”

Aguardo.

“Um clube”, ela diz.

“E o seu marido, você não pode pedir para ele te levar?”

“Não consigo nem convencê-lo a me levar ao cinema. Então, você vai?”

“Do que se trata?”

“Pessoas com a mesma mentalidade?”, ela sugere.

“É um grupo político?”

“Não é bem isso, está mais para um encontro social.”

“Quando vai ser?”

“Hoje à noite.”

“Esta noite?”

“Como se você fosse muito ocupado. É de oito às onze — acho que é bom chegar lá para as nove.”

“O lugar tem nome?”

Ela suspira. “É uma festa de amigos e vizinhos. Você quer que eu te busque?”

“Eu te encontro lá. Você tem o endereço?”

“É um espaço para *laser tag* chamado Night Vision, no minishopping...”

“Aquele onde fica a CVS?”

“Esse mesmo. Vamos nos encontrar no estacionamento?”

“Combinado”, digo. “Como eu devo me vestir?”

“Casual”, ela diz.

Sentado no carro diante da CVS, esperando, penso em contar para Cheryl sobre a mulher do A&P. Não sei muito bem por que sinto culpa por ter permitido que a mulher do mercado me “servisse” — como se de alguma forma estivesse traindo uma mulher que está traindo o marido. Nem sei por que me sinto obrigado a contar tudo a uma mulher com quem não tenho nenhuma relação ou compromisso, e no entanto me sinto igualmente desconfortável em guardar segredo do ocorrido. Estou perdido nesse devaneio peculiar acerca da confissão quando ela bate na janela do meu carro, quase me matando de susto.

Eu saio. “Não é normal eu estar acordado e fora de casa a esta hora”, digo, meio que brincando — eu gostava de sair para ouvir jazz à noite quando morava em Nova York.

“Fui ao mercado para matar o tempo”, ela declara, um pouco nervosa. “Gastei cento e setenta e oito dólares. Imagino que os perecíveis aguentem umas horas.”

“Contanto que você não tenha comprado nada que derreta.”

“Carne e leite”, ela diz.

“Você mudou o cabelo”, comento, dando-me conta de que toda vez que a vejo ela está diferente. Hoje parece mais uma cunha, ao estilo de Dorothy Hamill, a patinadora de gelo.

“É uma peruca”, ela explica.

Enquanto atravessamos o estacionamento, eu começo: “Para colocar todas as cartas na mesa...”

“Não”, ela pede, e eu me calo. “É importante mesmo?”, ela questiona.

“Na verdade, não”, digo.

“Pode esperar”, ela diz, em certo tom de pergunta.

Faço que sim — pode.

“Estou um pouquinho nervosa”, ela diz.

“Por quê?”

“Nunca participei de uma dessas.” Ela faz uma pausa. “Para botar todas as cartas na mesa”, ela diz, quase zombando de mim, “talvez eu devesse ter te contado pelo telefone, mas...”

“O quê?”

“Não tenho certeza se todo mundo vai estar vestido”, ela diz, sem perder o embalo.

“O quê?” Eu estanco; um carro passa por mim raspando, quase me derruba.

“Só estou falando...”

“Que essa festa é, tipo, nudista? E que você só quis me falar agora?”

“Não queria que você ficasse tenso”, ela mente.

“Você não queria era que eu dissesse não.”

Ela não se pronuncia.

“A nudez é obrigatória?”, indago.

“Opcional.”

“Você vai ficar nua?”, questiono.

Ela dá de ombros. “Primeiro eu quero ver como é.”

Há um aviso escrito à mão grudado à porta: “Fechado para festa particular.” Uma mesa na frente da bilheteria é decorada por uma faixa que diz BEM-VINDOS NOSSOS AMIGOS E VIZINHOS.ORG.

“Em que posso ajudá-la?”, um cara de camisa polo e calça cáqui pergunta.

“Eu me inscrevi para a festa”, declara Cheryl.

“A senhora pode me dizer seu nome?”

“Cheryl Stevens.”

Ele acha o nome dela na lista, sorri e diz, “E estou vendo que trouxe um amigo”.

“Não era permitido?”

“Claro, quanto mais, melhor”, ele declara, entregando-me formulários para preencher.

“Somos um clube privativo: dez dólares para se tornar membro e trinta pelo evento de hoje.” Pego os papéis.

“Enquanto você preenche essas fichas, eu vou repassar as regras e te dar algumas informações sobre as próximas reuniões.”

Preenchendo o formulário, de início pulo o nome e o endereço e escrevo meu e-mail e o número do telefone celular.

O moço de camisa polo repara nas respostas em branco.

“Não sabe quem você quer ser esta noite?”, ele indaga.

Não falo nada.

“Seja você mesmo”, ele recomenda, “simplifica as coisas. Uma vez, um cara bateu com a cabeça no ringue de patinação e só depois de três dias descobriram quem ele era”.

Deixo as respostas em branco em aberto.

“Certo, as regras... Como você sabe, este prédio é público, mas o alugamos para o evento, portanto queremos reiterar que, embora as roupas sejam opcionais na reunião, não se trata de um vale-tudo”, ele diz, piscando. “E...” Ele faz uma pausa. “Essa aqui é para ser levada a sério: não é não. Somos rigorosos nesse ponto. Somos um clube privativo, mas há um respeito mútuo essencial — siga o exemplo das damas.” E então ele olha para mim. “Somos extremamente confidenciais e, para seguir nossas regras de privacidade, insisto que você use apenas seu primeiro nome. Não vendemos, cedemos ou repassamos nossa lista de membros ou a usamos para algo além de emitir convites discretos para nossos eventos.”

Assinto.

“Já brincaram de *laser tag*?”

“Nunca”, ambos respondemos.

“Temos armários na entrada para bens pessoais e árbitros que vão repassar as regras do jogo e ensiná-los a usar os coletes e as armas. O bar já é por conta — os trinta dólares cobrem as bebidas — e, se vocês precisarem descansar, temos uns cômodos privativos nos fundos do prédio: é só virar à esquerda quando chegarem à montanha espelhada. Também temos festas privativas de duas em duas semanas — é aí que a coisa fica divertida, mas é a portas fechadas, em casas particulares, apenas para convidados. Esta noite é mais para as pessoas se conhecerem, é uma boa oportunidade para vocês nos conhecerem e para nós os conhecermos.” Ele sorri. “Como foi que vocês souberam da gente?”

“Uma moça da minha aula de pilates não parava de me lançar

indiretas e de dizer que eu estava pronta para me aventurar.”

“Foi a Doreen?”

“Ela mesma. Como é que você sabe?”

“Minha esposa”, o homem diz com alegria. “Ela não veio hoje — o pequeno está com uma infecção no ouvido. Eu conto para ela que você veio; ela vai adorar saber. A gente está sempre precisando de mais mulheres. Tem muitos homens, nunca mulheres o suficiente.” Ele ri. “Mas é só a minha opinião.”

Ao atravessarmos o corredor iluminado por uma luz preta para chegar à “câmara”, Cheryl diz: “Trouxe meu filho aqui para umas festas de aniversário — ele gostou.”

“Você trouxe seu filho aqui?”

“Não a este evento”, ela explica, “a este lugar. O que a Doreen me falou foi que eles alugam isto aqui uma vez por mês — pagam o dobro do aluguel normal e trazem uma equipe própria. A turma de decoradores voluntários chega no meio da tarde e faz umas mudanças especiais”.

“Acho que seria uma boa a gente vestir a roupa de jogar”, ela sugere. “Assim a gente relaxa e se enturma.”

Paramentamo-nos com o uniforme: um fardo sobre o peito com uma arma presa a uma espécie de correia elástica. Um dos árbitros explica: “A arma só dispara quinze segundos depois de vocês serem atingidos — um tiro que dá certo desliga vocês. Vinte e cinco tiros e vocês ficam desligados por cinco minutos.” Ele então demonstra como usar os espelhos para fazer com que um tiro ricocheteie em direção a alguém — assim não é preciso sempre estar no encaixe da sua presa. “Vocês já estão prontos. Mas lembrem-se: não pode correr, não pode empurrar.”

Rumo à entrada, passamos pelo bar, onde uma mulher de sutiã esportivo amarelo com uniforme de *laser tag* por cima bebe vinho branco em copo descartável, enquanto dois homens sem camisa, um deles de peito raspado, entornam uma variedade de bebidas leves e fortes.

Espero ao mesmo tempo mais e menos. Tenho em mente imagens dos clubes de suíngue dos anos 1970 em que homens semicalvos ou de topete bolinam mulheres sexualmente liberadas à sua direita, à esquerda e à frente. Em comparação, isto aqui me parece mais cabeludo, rotundo e mais juvenil — talvez seja o *laser tag* o que o derruba. Aqui, homens suados correm de cueca com armas de brinquedo, numa representação estridente das brincadeiras que faziam em casa quando tinham nove, dez, onze anos, mas agora as brincadeiras foram levadas a um novo patamar de estranheza. Os homens têm entre trinta e tantos anos e cinquenta e tantos, e a conduta deles se torna ainda mais horripilante pela abundância de

pelos no corpo, gordura e uma ou outra tatuagem. Não que eu tenha vindo aqui como crítico, mas estou impressionado com a falta de atrativos dessas pessoas e com a falta de vergonha — de certo modo imaginamos que só as pessoas que têm corpo para isso se expõem assim. E, além do mais, parece que os homens não ponderaram que teriam de correr por aí seminus — não se empenharam no tocante à moda e usam a cueca branca mais comum e sambas-canções quase frouxas, suas partes balançando nitidamente de um lado para o outro enquanto correm trocando tiros. As mulheres já se esforçaram um pouco mais. Algumas usam lingerie rebuscadas ou uma versão de fantasias eróticas; outras parecem que vão sair para passear de bicicleta — sutiãs esportivos e shorts justos, uma delas com as nádegas cortadas. Tudo dá a sensação de que um pornô deu errado e me ocorre um novo apreço pelos profissionais em comparação com os amadores.

“Estou vendo uma pessoa conhecida”, anuncia Cheryl.

“Onde?”

“Ali, à direita, o cara e a esposa.”

Eu olho. Perto deles, vejo um grupo de homens assistindo a duas mulheres se beijarem. Nunca entendi bem por que os homens gostam de ver duas mulheres ou de ficar com duas mulheres ao mesmo tempo. Para mim, parece apenas uma provável confusão: quatro seios, dois de-quem-é-isto, muito esforço a fazer... Imagino-me desmaiando por conta da sobrecarga.

“Lembro de já ter ouvido sobre eles”, diz Cheryl.

“Ouvido o quê?”

“Algo desse gênero — que eles fazem dessas coisas —, mas eu achava que não era verdade. Achava que eu era a única.”

“Está claro que nunca é uma pessoa só — tem sempre uma espécie de carência.”

Às nove e meia os árbitros anunciam um intervalo de cinco minutos, que será seguido de uma rodada de *strip tag* — toda vez que a pessoa for atingida ela tem que tirar uma peça de roupa. Obaaa!

Tomo o rumo do bar, parando no caminho para dar uma olhadela nos quartos privativos. É muito do que costumávamos chamar de dar um malho — mas será que eu faria isso em um minishopping com pessoas da “vizinhança”?

Abraço o bar, bebendo além do normal. Mulheres de topless com uniformes do *laser tag* misturam vinho branco e água com gás para elas mesmas, enquanto homens correm mostrando quase uma completa ereção — e não sei dizer o que os animou mais, as garotas nuas ou a emoção do jogo.

“Posso?”, ouço uma mulher perguntar a Cheryl.

“Acho que sim”, responde Cheryl.

Desvio o olhar. Até neste lugar, as pessoas têm direito à

privacidade. De soslaio, como em câmera lenta, vejo a mão da mulher, os dedos finos e longos, o brilho da aliança de casamento ao esticá-la em direção ao seio de Cheryl. A mulher esfrega Cheryl com os dedos, de leve, quase como se limpasse o seio — tocando sem tocar. E então se inclina para frente e a beija. Cheryl retribui o beijo. E em seguida a mulher desaparece — vaporizada pela experiência.

“Não quero ser um estraga-prazeres, mas tenho de ir à cidade amanhã de manhã e quero chegar em casa num horário razoável”, comunico a Cheryl.

“Deixei uma mulher me tocar”, ela diz, aparentemente alheia ao fato de que eu estava bem ao lado dela quando aconteceu.

“Foi a sua primeira vez?”

“Foi.” Ela faz uma pausa. “Ela me tocou tão de leve — senti cócegas.”

“Tenho a impressão de que você gostou.”

“Eu não desgostei.”

“É isso o que chamamos de dupla negativa: você quer dizer que gostou?”

“Não chegaria a esse ponto. Já tinha sentido as mãos de uma mulher — mas só, por exemplo, no consultório médico, tipo, ‘levanta o braço’, e pegam o seio para enfiar na máquina da mamografia. Nunca uma mulher me tocou só por diversão. Não fazia ideia de que os lábios de uma mulher eram tão macios. E você? Algum movimento?”

“É, um cara roçou em mim”, declaro. “Mas acho que ele estava só tentando passar. Ele roçou em mim, depois pediu desculpas. Foi o ‘desculpa’ que me deixou incomodado. A roçada foi meio interessante, mas quando ele se desculpou me senti péssimo porque eu tinha gostado.”

“Acho que você está levando a situação a sério demais”, ela diz.

“Não seria a primeira vez”, digo. “Tenho que ir”, informo, “está ficando tarde”.

“Você tem tempo para tomar um café?”, ela pergunta. “A gente podia trocar impressões?”

Ela ri da própria piada. Ao cruzarmos o estacionamento ela comenta: “Dá para acreditar que existe um lugar desses bem aqui, ao lado da farmácia, da loja de artigos médicos e da papelaria? Compro cartões para a minha sogra ali.”

Fedendo a suor, em parte de outras pessoas, vamos ao Friendly’s.

“Acho que você não curtiu muito”, ela diz quando nos sentamos.

“Sinceramente, fiquei surpreso com quanto aquilo tudo é

deprimente.”

“Eu também”, ela concorda.

“O que vocês vão querer?”, a garçonete pergunta.

“Café”, eu peço.

“Só isso?”

“Café e torta de maçã?”

“À moda da casa?”, ela indaga.

“Sim, por favor.”

“Café e torta de maçã”, repete Cheryl. “Era o que o vovô pedia.”

“Está bem”, digo. “Esquece a torta de maçã, eu vou querer um sundae de palhaço — com sorvete de chocolate.”

Quando a garçonete se afasta, inclino-me para a frente. “Por que você quis ir àquele lugar?”, pergunto a Cheryl, que está com cara de choro.

“Eu sou muito curiosa”, ela diz. “Achava que você já tinha percebido. Quero algo diferente, algo a mais.”

Meu sorvete é servido, e ela põe mãos à obra.

“Você precisa é de um emprego”, sugiro, “quem sabe uma licença para trabalhar como corretora de imóveis, ou fazer faculdade para virar assistente social”.

“Eu tenho a licença de corretora”, ela diz. “E isso só quer dizer que você consegue trepar com desconhecidos na casa dos outros.” De improviso, ela arrotta; o odor de vinho branco e sorvete de chocolate chega muito além do outro lado da mesa. “Perdão”, ela diz. “Eu acho que não devia beber tomando aquele remédio novo.”

“Não sabia que você estava tomando um remédio novo”, digo, recuperando a sobriedade.

“É, de uma prescrição médica inteiramente nova.”

“Você não acha que esse novo remédio pode ter provocado a situação toda desta noite? Como é que você sabe se realmente quer fazer uma coisa ou se não é um efeito colateral esquisito?”

“Não acho que o desejo de conhecer um clube de suíngue faz parte da lista de efeitos colaterais. Como eu já falei, sou curiosa; você acha ruim? E, sinceramente, gosto da ideia de fazer sexo com um cara e não ter que lavar as roupas e preparar o almoço e comprar as meias dele...”

“Querem pedir mais alguma coisa?”, a garçonete nos interrompe.

“Só a conta”, declaro, reparando que alguns “casais” da festa entraram no Friendly’s, com as bochechas rosadas e gargalhadas exageradas.

Visto-me para a minha última aula, solenemente. Uso terno e gravata. Há uma seriedade no meu intento, como para um enterro, imagino. Entro de cabeça erguida, depois de reprimir a tristeza e o sentimento de traição latentes, carregando apenas um gravador de fitas antigo e avantajado.

“A aula de hoje marca o encerramento de um capítulo da minha vida”, digo enquanto me instalo. “Em homenagem e em memória de Richard Milhous Nixon, vou gravar os meus comentários.” Acomodo o gravador na concavidade do púlpito, batucando-o diversas vezes para conseguir a atenção deles. O batuque na madeira oca é ampliado, pof, pof, como a pancada de um martelo de juiz — ouvi-me, ouvi-me. Aperto “tocar” e “gravar” ao mesmo tempo e pigarreio. “Testando, um, dois, três... testando, testando.” Aperto “parar”, depois “voltar”. Escuto o teste; o tom é o esperado — metálico clássico.

“Apresento-me diante de vocês neste que é o nosso derradeiro encontro, com o potencial da história predominando na minha mente, a consciência de que, se vivermos apenas no presente, sem a percepção do passado, não teremos futuro. Imaginem, se possível, os Estados Unidos da América sem Richard Nixon, uma nação sem passado, um mundo em que realmente é cada um por si e não existe a construção de acordos, alianças entre indivíduos e nações. Pensem no seu próprio momento no tempo. Sua história — sua cultura, seu comportamento — provavelmente é mais documentada, analisada, do que na geração anterior. Sua imagem é captada dezenas, se não centenas, de vezes por dia, e o rumo que esperam que vocês tomem é tênue e implacável. Pensem por um instante que a mensagem na internet não desaparece — ela é eternamente presente, não permite qualquer tipo de crescimento, progresso ou perdão.”

Dou uma pausa para respirar.

“A aula de hoje marca uma travessia na minha vida: minha última apresentação no palco acadêmico, uma espécie de fechamento das cortinas. Achei que seria bom aproveitar essa oportunidade para simplesmente compartilhar minhas ideias com vocês.

“Mas primeiro vou lhes pedir que desliguem todos os aparelhos eletrônicos e imaginem uma reunião matinal na Casa Branca de Nixon — o presidente, o chefe de gabinete, Haldeman, Haig, Henry Kissinger e mais uns poucos — e imaginem cada um deles segurando numa mão um copo de café da Starbucks com os respectivos nomes e conteúdos anotados na lateral, e na outra mão exibindo algum aparelho eletrônico com o qual trocam e-mails, usam o twitter, mandam mensagens, sei lá. Será que Nixon acharia que eles estavam lhe dando ouvidos? E, em vez de registrar seus pensamentos, suas reflexões das madrugadas, a tinta em blocos de anotações, será que Dick Nixon pegaria o smartphone e acessaria o twitter sem parar,

ou mandaria para si mesmo mensagens com tomos de devaneios sobre a condição descentralizada da União?

“Pensem nisso enquanto desligam seus aparelhos. Esta é a minha última aula e quero a atenção total de vocês.”

Faço uma pausa prolongada; diversas despedidas eletrônicas gorjeiam pela sala. “Esta é a décima nona vez que estou diante de vocês — em um lugar que tem sido um centro de aprendizagem há tantos anos, formando mentes e orientando vidas há gerações. Em todas as minhas decisões, em todos os materiais que lhes apresentei, eu tentei dar o melhor de mim. Senti que era minha obrigação fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para apresentá-los à história de vocês e à história deste país e fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para instruí-los a respeito da relevância, do valor tanto de conhecer como de questionar o passado. O dia de hoje é, de certa forma, uma renúncia. A fim de lecionar, é preciso haver alunos, aprendizes ávidos. Tenho consciência de que muitos de vocês se matricularam nesta matéria apenas para cumprir o pré-requisito de História. Sei, por meio de fofocas, que existem boatos de que esta disciplina é uma ‘bobagem’. Também estou ciente de que muitos de vocês são os primeiros da família a sequer fazer uma faculdade, e de que, em vez de encarar este fato como uma oportunidade para que se instruam, vocês a usam como o momento de sair com os amigos e festejar. Sempre me vi como professor, educador, um mentor para os jovens. Como não tive filhos, talvez eu tenha cometido um erro ao tratar meus alunos como filhos substitutos. Eu estive ao lado de vocês, fui às suas partidas de futebol americano, torci por vocês. Acreditei em vocês. E, apesar da mudança dos ventos da academia, das marés do estudo da História, apesar do interesse minguante, sempre achei que era meu dever persistir. E vou deixar isso muito claro: eu teria preferido seguir em frente apesar dos sacrifícios pessoais, apesar do fato de que o compromisso de lecionar me toma horas de pesquisa e escrita como historiador. Nunca fui de desistir, mas, dado o rumo que esta instituição acha que o estudo da História está seguindo, parece que meu papel aqui está chegando ao fim. Minha própria visão das coisas é ampla. Noto o contraste entre a Casa Branca de Nixon e a de Bush pai e de Dick Cheney, que fazem Richard Nixon parecer simplório em comparação.

“Minha impressão é de que Nixon foi afligido pela culpa que sentia quanto à família, principalmente os dois irmãos que perdeu na infância. E nos dias sombrios do meu recente drama familiar, penso na minha relação com meu próprio sangue e o sentido de cada um ser o guardião do irmão que tem — literalmente. Penso no meu casamento que acabou entrando nesta derrocada pública. Penso em Dick e Pat e na coragem que tiveram para encarar tudo o que sabíamos e não

sabíamos sobre eles. Penso na minha raiva por estar preso a esta vida, inexoravelmente criada por mim mesmo.”

Paro para respirar.

“Queiram me perdoar pela divagação.

“Há caminhos, bifurcações na estrada, jornadas que precisamos percorrer. Às vezes não se trata de uma escolha, mas do que fazemos com o que nos é concedido. Hoje é com um misto de emoções, marcando um fim e um começo, que deixo a universidade e passo a trabalhar em tempo integral no Projeto Nixon, ansioso para aprofundar minha relação com o meu objeto de estudo. Agradeço àqueles que vieram me dar adeus; a nossos convidados especiais: o jovem Ryan, estudante do rabinato que explora a relação entre judeus e crimes, a quem desejo boa sorte; o presidente deste departamento, Ben Schwartz, que conheço há muitos anos e que sabe da intensidade de meus sentimentos por ele... Enfim, não preciso dizer mais nada. Hoje me dirijo a vocês não somente como alunos, mas como homens e mulheres — cidadãos, espero eu. Ademais, prometo a vocês hoje que, enquanto houver um sopro de vida no meu corpo, continuarei com este espírito. Continuarei a trabalhar pelas causas nobres a que venho me dedicando ao longo dos anos. Há uma causa à qual me entreguei acima de tudo, e à qual sempre me entregarei, enquanto eu viver. Quando prestei meu juramento, assumi um compromisso sagrado de ‘consagrar meu cargo, minha energia e toda a sabedoria que pudesse acumular à causa da paz entre as nações’. Dei o melhor de mim desde então para ser fiel a esse juramento. Como resultado do meu empenho, tenho fé de que o mundo é hoje um lugar mais seguro, não só para o povo dos Estados Unidos como para o povo de todas as nações, e de que nossos filhos terão mais chances do que seus antecessores de viver em paz, em vez de morrer na guerra. Isso, mais do que qualquer outra coisa, era o que eu esperava realizar. Isso, mais do que qualquer outra coisa, é o que eu espero deixar de herança a vocês.”

De novo me calo e olho ao redor para ver se alguém notou o vis-à-vis e captou até que ponto eu “citei” ou “tirei amostras” de alguns dos discursos mais famosos de Nixon — inclusive, é claro, o de renúncia. Não há nem vislumbre de reconhecimento no ambiente. Concluo, assim como fez o mestre:

“Que a graça de Deus esteja com vocês em todos os dias vindouros.”

A sala explode em aplausos. Assinto, abaixo a cabeça, quase faço uma porra de uma mesura. Perto dos fundos da sala uma mão se ergue. A culpa autoral me domina. “Antes de ouvir suas perguntas, preciso fazer a observação final de que grande parte dos meus comentários foram extraídos dos discursos proferidos por Richard

Nixon — a saber, de sua renúncia exibida ao vivo na televisão às nove da noite em 8 de agosto de 1974.”

Uma menina da primeira fila ri. “Mil novecentos e setenta e quatro, eu nem era nascida”, ela diz.

“Exatamente o meu ponto. E agora a pergunta dos fundos.”

“Você pode nos dizer como é que você vai nos dar a nota, sem ter aplicado uma prova... final?”

“Vou dar a nota de vocês baseando-me na média”, declaro, sorrindo pela minha sagacidade. Eles ficam perplexos. “Se vocês entregaram os trabalhos e participaram das discussões em aula, serão aprovados.”

O relógio marca cinco horas, os alunos vibram; não sei bem se é por ser a última aula ou por saberem que finalmente vou parar de falar. Seja como for, simplesmente aceito o fim. Saio vitorioso, erguendo o gravador acima de minha cabeça e pensando em voz alta: “Vocês nem sequer me conheceram.”

Uns dias depois, sou chamado ao Lodge para uma reunião de “posicionamento” referente ao George. Quando a secretária administrativa me liga para confirmar, aconselha-me a levar roupas extras para ele. “Pense em roupas para usar ao ar livre”, ela diz. “Jeans, meias grossas, casacos de lã.”

“O negócio já está fechado?”

“Não faço ideia”, ela diz. “Só estou lendo o que está escrito no bilhete. Também preciso perguntar se você pretende passar a noite aqui.”

“Não”, digo logo. “Você sabe quem mais vai estar aí?”

“Os participantes listados são você, o advogado do seu irmão ou um representante da empresa, o diretor clínico e alguém da Agência Penitenciária Estadual.”

“A pessoa da penitenciária tem nome?”

“Walter Penny.”

Enquanto conversamos, pesquiso Walter Penny no Google e obtenho fotos de um astro supermagro da corrida universitária, de Gambier, Ohio. Será que vivemos num mundo onde existem vários Walter Penny?

O cuidador dos bichos aparece para tomar conta de Tessie e dos gatinhos.

Preparo a bagagem de George, esvaziando suas gavetas numa mala imensa — mais parece um armário do que um objeto com que alguém tentaria viajar. Imagino que os artigos que ele não quiser

poderão ser doados.

No Lodge, retiram a mala do carro e a levam para dentro.

“Dando entrada?”, o cara pergunta.

“Você é novo aqui”, digo.

“É tão óbvio assim?”, ele indaga.

“É.”

Estão atrasados. Acomodo-me na sala de espera do escritório do diretor, comendo de uma lata azul de Danish Butter Cookies e tomando chá derramado de um bule que desconfio ter uma contagem bacteriana acima do normal. Seguro a lata sobre o colo para não espalhar migalhas.

“Manny”, o cara sentado à minha frente anuncia, estendendo a mão, “do escritório de advocacia — Wurlitzer, Pulitzer e Ordý”.

“Já nos conhecemos?”

“Fui junto com Ordý a White Plains. Rutkowsky não estará presente hoje — está no meio de um julgamento.”

“Tem ideia de até que ponto a reunião vai ser formal ou informal?”, indago.

Manny dá de ombros. Ofereço um biscoito; ele recusa.

“Fiquei com a impressão de que seria uma discussão do que deve acontecer a seguir, mas aí me pediram para trazer roupas extras para o George. Tive a sensação de que a decisão já foi tomada.”

“Nada é definitivo”, declara Manny. “Mas, a fim de preservar energias e despesas, temos um plano que acho que servirá bem ao George.”

Devo ter fechado a carranca ou feito alguma careta. Pois Manny arruma a enorme sacola de compras que posicionou entre os pés e diz: “Que tal a gente esperar a reunião oficial?”

Minutos depois, somos chamados ao escritório do dr. Crawley, o diretor clínico. Walter Penny já está lá dentro. Está claro que houve uma pré-reunião à qual não fomos convidados.

“Entrem, entrem”, diz o dr. Crawley. É um homem inchado e calvo de idade incerta. Walter Penny se apresenta, apertando mãos com um forte puxão para cima e para baixo. É jovem, magro feito um palito e usa um terno barato, que só fica bem nele porque ele praticamente não existe. O cabelo é frisado e cortado à escovinha. Poderia passar por um rapaz de dezoito anos. Coçando a parte de trás da orelha, Walter Penny fez um gesto repetitivo que me lembra de Tessie se coçando com a pata traseira.

Olho para ele, perguntando-me se é mesmo o Walter Penny de Gambier, Ohio, que corria uns anos atrás, e curioso sobre o que ele poderia saber a respeito das pessoas, ou da justiça.

Ele me entrega seu cartão de visitas. Dr. Walter Penny, com doutorado em Justiça Criminal.

“Walter, como foi que você se interessou pela Justiça Criminal?”, indago.

“Minha família era de militares, e nós somos caçadores”, ele diz, como se esses dados explicassem tudo.

Assinto. “De que parte do mundo você veio?”

“Ohio”, ele responde.

Manny passa adiante a sacola de compras e o diretor pega uma lata grande de pipoca doce da marca Garrett’s of Chicago.

“É do meu cunhado”, o dr. Crawley explica. “O infame Rutkowsky.”

“Propina?”, sugiro.

“Minha esposa adora esse negócio”, diz Crawley. “Ela cresceu comendo isso.” Ele se recompõe. “Bom, o Walter está aqui para nos falar um pouco sobre o programa que vem montando. Posso dizer a vocês que, apesar de nunca termos mandado ninguém para lá, ando conversando com um monte de gente a respeito das opções que o George tem e, além do manicômio clássico ou da cadeia, não nos restam muitas. E sinceramente não acho que uma dessas opções seria boa para o George.”

“Posso?”, Walter diz.

“Por favor”, responde o dr. Crawley.

“Estamos sempre explorando novos conceitos na Justiça Criminal, ponderando sobre aspectos que vão desde a arquitetura das estruturas carcerárias à experiência psicológica da punição. O Woodsman é um experimento que pode ser resumido a um modelo de baixo custo de seleção natural. E, embora o George não seja o candidato típico, imaginamos que seja um candidato viável e que essa alternativa de internação esteja entre as melhores.”

“Quem é o candidato típico?”, questiono.

“Alguém com mais antecedentes criminais, com vivência rural e não urbana, sem ser de colarinho branco, mais furtos, roubos, um assassinatozinho. Um homem bom com as mãos que precise de desafios físicos. Constatamos que homens violentos têm menos propensão à conduta violenta num ambiente natural. Quando têm de enfrentar as intempéries, eles se educam, se autorregulam — veem a situação como homem versus terra, em vez de homem versus homem. Não admitimos serial killers — achamos que o perfil deles é diferente, e por mais que tenhamos instruções legais para punir, também respeitamos os direitos inalienáveis de nossos prisioneiros e não os colocamos em risco exagerado. Basicamente, o Woodsman é designado como uma colônia penal barata e autopoliciada. Como vocês devem saber, existe um longo histórico de campos de trabalho autossustentáveis, como os do modelo quacre. Foram eles que construíram a primeira penitenciária que previa a necessidade de se

olhar para o céu.” Walter realmente olha para cima ao falar. “Em suma, ver a luz, estar com Deus e se arrepender!”

“Você até parece um pastor quando fala assim”, o diretor clínico observa.

“Obrigado”, diz Walter Penny.

“Você não poderia ser mais específico? De acordo com o que você descreveu até agora, trata-se de algo parecido com um episódio de *Mutual of Omaha’s Wild Kingdom*”, digo.

“Mostra o PowerPoint para ele”, pede Crawley.

“Claro”, diz Walter, movendo a tela do laptop na minha direção. “Um pouquinho de histórico para se ter em mente: o custo por prisioneiro em Nova York é de mais de cinquenta mil dólares por ano; o custo por prisioneiro no nosso programa é de menos de dez mil cada um.” Ele aperta o botão para começar. Um logotipo machão aparece na tela, “WOODSMAN”, seguido por uma enérgica canção de heavy metal e um vídeo de lançamento superproduzido que mais parece um comercial de alistamento militar ou da Guarda Nacional. Os presidiários “exemplares” — “Durões, Fortes, Obstinados, Resistentes” — aparecem subindo em árvores, pescando a própria comida no rio, fazendo rapel num paredão. Todos usam os materiais cuidadosamente selecionados fornecidos dentro da mochila Woodsman, que lhes é entregue quando entram no programa, e também reposta anualmente. A apresentação é encerrada com o aviso: “Woodsman é um modelo básico de gerenciamento humano que utiliza o microchip Physics 300a ou 300b, rastreado por satélite, sendo que o chip 300b também oferece uma leitura constante dos sinais vitais. Caso ocorra qualquer tipo de rebelião ou problema comportamental, ele poderá ser neutralizado temporariamente ou permanentemente através de uma descarga elétrica assistida por computador ou lançada por aviões teleguiados, dentro de um a cinco minutos.”

“É basicamente isso”, declara Walter Penny. “Implantamos um microchip nos prisioneiros e os soltamos em um terreno de mil e oitocentos hectares, que antigamente era um campo de provas militares. Não utilizamos munições letais, mas temos infraestrutura suficiente para gerenciar atividades de retaguarda a partir de uma casamata subterrânea, entre outras coisas. Temos abrigos para dormirem, os prisioneiros cultivam e coletam alimentos, e há um edifício central em cima da casamata onde podem lavar as roupas, tomar banho e reabastecer seus suprimentos. Temos queijo, leite, sobras de comidas como pasta de amendoim, tudo doado pelo governo, e água à mão. Estamos testando um novo sistema de medicação conforme o qual remédios habituais serão dispensados e problemas médicos serão rastreados; um médico de combate

robotizado será capaz de medir a temperatura, a pressão, fazer um ECG e colher sangue, se for necessário. No inverno, cada um tem sua iurta solar.”

“Então é tipo um refúgio em que a fauna é marcada e solta — só que a fauna é humana?”, pergunto.

“Isso”, diz Walter. “É uma área segura extremamente monitorada — eles ficam sob observação vinte e quatro horas por dia.”

“E se um cara partir para cima de outro?”

“Sabemos quem são e o que estão fazendo o tempo todo — nós os monitoramos dia e noite. E a disciplina, se necessária, é rápida e implacável.”

“De cima”, o diretor clínico completa, como se estivesse embriagado de refrigerante.

“Exato — um avião teleguiado é lançado, e fim de papo.”

“E se eles conseguirem deixar o chip para trás e fugir?”

“O chip é implantado na nuca; não há como tirá-lo sem perda da atividade cerebral. Se um matar o outro, sabemos exatamente quem foi e como e, parapá-pá-pá, lá vem o avião predador.”

“E esses homens levam alta do seu programa?”

“Para fazer o quê?”, Walter Penny indaga, pego de surpresa.

Dou de ombros. “Virar guardas florestais?”

“Esses caras são malvados”, declara Walter, como se eu não tivesse entendido nada.

“Eles fogem?”

“Os prisioneiros e seus representantes assinam um contrato no momento da internação que diz que podemos usar *taser*, eletrochoque ou executar caso seja necessário. Somos criteriosos quanto à disciplina, de modo geral não precisamos disso.”

“E eles fazem amizade?”

Walter faz que não como se eu fosse um tolo. “Não é o tipo de turma que faz fogueira em acampamento, canta *Kumbaya* e derrete marshmallow no fogo.”

“Então... por que você acha que seria um bom lugar para o George?”

“Eu respondo essa”, anuncia o diretor clínico. “George tem raiva exacerbada e energia excessiva, e ele gosta muito de ser o chefe.”

“Só quero fazer uma pequena intromissão”, diz Manny, “e te dar uma noção mais clara das coisas. Como estávamos conversando antes, se nos decidirmos por esse programa, se resolvermos que esse é o lugar certo para o George, a internação será considerada um acordo. O acordo alivia a necessidade de George ir a julgamento, que seria um processo longo, caro e bastante público”.

“Você está querendo dizer que, se a gente mandar o George para a selva, não haverá julgamento?”

“Correto”, diz Walter Penny.

“Por quanto tempo ele teria de ficar na selva?”

“Difícil saber, mas qualquer internação subsequente seria amparada por esse acordo — ele não sairia da selva e iria logo a julgamento”, diz Manny.

“Vou ser franco com você”, diz Walter Penny. “Seria bom para nós ter uns casos que deem projeção. Isso nos poria no mapa — temos o financiamento para começar e, apesar de o custo ser incrivelmente baixo por prisioneiro em comparação com um presídio tradicional, precisamos de uma boa publicidade para funcionar.”

“Não há dúvida de que aparentemente vocês gastaram muito dinheiro no logotipo e na apresentação.”

“Marca é tudo hoje em dia”, justifica Walter. “Conseguimos umas subvenções ótimas para começar — mas agora estamos por conta própria.”

“Só para recapitular”, interrompe Manny, cortando o que considero uma conversa fascinante sobre quem lhes deu subvenções para criar o logotipo verde com textura de madeira. “Os termos da internação são os seguintes: aceitamos a internação no Woodsman como uma oferta única; a oferta e a aceitação não abrem precedentes e qualquer outra alocação seguinte às primeiras quarenta e oito horas nas instalações do Woodsman será considerada sob a abrangência deste acordo e não estará sujeita a revogação. Fica entendido que o tempo passado no programa Woodsman é amparado pela legislação do estado onde estão instaladas suas dependências e pela legislação dos Estados Unidos e está sujeita ao devido processo legal, et cetera. Além disso, as despesas do transporte da clínica particular, The Lodge, para a clínica pública, Woodsman, serão cobertas pelo Lodge a título de ‘doação’ devido ao encerramento de suas atividades.”

“Quando seria feita a transferência?”, indago.

“Quanto antes, melhor”, Walter Penny declara.

“Também gostaria de observar que apresentei este pacote aos pais da Jane, a falecida esposa do George. A resposta deles foi ‘Bons ventos o levem’ — ficaram contentíssimos com a ideia de mandá-lo para o meio da selva.”

“Quando?”, pergunto outra vez.

“Até o final desta semana”, diz o diretor clínico. “Caso o tiro saia pela culatra ou a gente precise repensar o plano — queremos estar aqui como plano B.”

“Você está se referindo à cláusula das quarenta e oito horas que foi mencionada há pouco?”

“As primeiras quarenta e oito horas são as mais reveladoras”,

Walter Penny justifica. “Se um homem aguenta dois dias, é provável que ele se dê bem. Só tivemos um cara que precisamos afastar.”

“O George sabe de tudo isso?”

“Sabe”, diz o diretor clínico. “Já explicamos tudo.”

“Mostrei fotos para ele”, acrescenta Walter Penny.

“Conversamos a sós e discutimos as implicações legais hoje de manhã.”

“Qual é a opinião dele?”, indago.

“Para ser franco”, diz o diretor clínico, “foi uma mistura de emoções”.

“O que parece razoável”, Manny comenta.

“Ele sabe que estou aqui?”

“Sabe”, diz o diretor clínico. “Você gostaria de vê-lo ou tem medo?”

Não digo nada e apenas fito o homem.

“É uma pergunta, não é?”, ele diz.

A reunião termina com Walter Penny novamente distribuindo apertos de mão e, numa atitude estranha, dou-lhe os parabéns pelo projeto inovador, pelo entusiasmo e a garra.

“A gente dá conta do serviço”, ele diz.

Eu não teria como ser mais diferente de Walter Penny, mas, inexplicavelmente, gosto dele: é o tipo de cara que você quer ter ao lado quando seu carro quebra no meio do nada, quando seu avião cai numa montanha cheia de neve...

George está no quarto, sozinho. “Estou fodido, não estou?”

Sento-me na beirada da cama.

“Estou fodido”, ele repete bem alto. “E não estou tomando remédio. No decorrer do último mês, eles vêm me podando, me derrubando, então agora sou só eu, *au naturel*. Estou fodido”, ele diz outra vez.

“Quem sabe não dá para olhar de outra perspectiva?”

Ele me fuzila com o olhar.

“Tipo um cartão Saia do Presídio Livre?”, sugiro.

“Você é um idiota”, diz George.

“Bom, não é um presídio e também não é um manicômio.”

“Eles estão querendo me jogar para os lobos”, diz George.

“Não sei bem se esta é a hora certa de falar isso, mas nunca confiei no seu advogado. Ele divide a cama com o diretor clínico deste lugar.”

“Eles não dividem a cama — são parentes, seu idiota”, diz

George.

“Eu não sei se estão pensando no que é melhor para você.”

“Então agora, aos quarenta e cinco minutos do segundo tempo, eu deveria trocar de advogado.”

“Você ganharia tempo.”

“Estou fodido”, ele diz, em pânico. “Vão me mandar para a selva, para as noites geladas, para conviver com sujeitos que são piores que animais.”

“Estamos na primavera, George. A cada dia que passar o calor vai aumentar mais e mais, e a cada noite que passar, estaremos mais perto do verão, George. Lembra que você sempre teve vontade de acampar? Lembra que você adorava o Zé Colmeia e tal — e tinha ódio de não termos um quintal de verdade?”

“A gente não está falando da porra do Parque Jellystone. Eles injetaram um chip na minha nuca e me deram vacina antitetânica — meu braço está fervendo que nem uma bola de beisebol. Amanhã vão me dar vacina antirrábica.”

“Bom, George, suas opções são limitadas. Tenta, se você não gostar, a gente vê outras alternativas.”

“Você sempre foi burro desse jeito?”, George diz, olhando-me nos olhos. “Eu lembrava que você era meio lerdinho, mas não que era tão tapado assim.”

“Não sei o que dizer. Você não quer saber um pouco da minha vida, das crianças, da Tessie e dos gatinhos?”

“Quem é essa tal de Tessie?”

“A sua cadela.”

“Ah”, ele exclama — agora tudo parece fazer sentido.

“Ela está bem.”

George assente.

“E parece que as crianças estão dando um rumo à vida delas.” Ele assente de novo. “Olha, George, eu sei que não é fácil. A situação é esquisita, com este lugar aqui fechando e a ideia de ir para um programa fora do tradicional, mas, vamos falar sério, quem sabe você não tira alguma lição disso? Você fez coisas que nenhum dos caras de lá fez. Ok, talvez eles tenham cometido roubos, mas você também cometeu; eles já cometeram assassinatos, mas você também. Mas quantos deles tiveram o mesmo emprego por anos a fio, quantos deles já dirigiram uma rede de televisão?”

É como se estivesse discursando para incentivá-lo, tentando convencê-lo de que é capaz de voltar ao ringue, de que aguenta outro round — ainda não está tudo acabado. “Você é tão grande e durão quanto os outros caras de lá — se lembra de quando você me mordeu?”

“Foi um acidente”, ele diz.

“Não foi um acidente, você arrancou minha pele.”

George encolhe os ombros.

“A questão é que você é capaz. Lembra de quando a gente usava os uniformes de militar antigos do papai e brincava no porão? Você era o coronel Robert E. Hogan.”

George cita uma frase de *Guerra, sombra e água fresca*.

“É isso aí.”

George cita outra frase.

“É esse o espírito da coisa. Você é capaz. Não pense no longo prazo — pense que é uma colônia de férias para aprender a viver na selva. E depois a gente vê o que acontece. Combinado?”

Ele faz que sim e fala umas palavras em alemão.

Quando estou me preparando para ir embora, levanto-me e George me dá um abraço apertado — quase apertado demais. Enfia a mão no bolso.

“Trouxe uma coisa para você”, anuncio, dando-lhe uma barra de Hershey’s com amêndoas.

Seus olhos ficam marejados. Nossa avó sempre nos dava uma barra de Hershey’s com amêndoas — abria sua bolsa enorme, enfiava a mão e pegava uma para cada um.

“Obrigado”, ele diz. E me abraça outra vez.

“A gente pode trocar cartas, ou eu te faço uma visita daqui a uns meses — você vai se sair bem.”

Ele funga e me empurra. “Você é um imbecil de merda”, ele declara.

Faço que sim. “Então está bem, George, a gente mantém contato.” E vou embora. Um imbecil de merda? O que ele quis dizer com isso, e será que eu quero saber? Sou um tamanho imbecil de merda que vou quando sou chamado, limpo a sujeira dele, tomo conta da esposa dele — um pouco bem demais, claro —, rego as flores dele, dou comida à cadela, zelo por seus filhos — sou um imbecil de merda.

Os filhotes estão prontos. Ashley e eu concordamos em ficar com um deles. Mando um e-mail com fotos dos gatinhos para ela, mas o sistema de computação da escola não permite que ela as abra, e por isso as imprimo e envio os retratos por FedEx antes de trocarmos ideias. Decidindo-nos por “Romeu”, pequeno; preto, branco e cinza; muito travesso; e nitidamente o filhote em que a mamãe acha que precisa ficar de olho.

“Como é que você vai achar um lar para os outros?”, Ashley quer saber.

“À moda antiga”, digo. “Vou me acomodar em algum lugar com uma caixa grande assinalada ‘Gatos para Doação’.”

A verdade é que me sinto um grande brutamontes arrancando os filhotes da mamãe gato. Durante uns dias, simulo a separação da mãe e dos filhotes levando-os para longe dela e trazendo-os de volta umas horas depois — imaginando que de algum modo seja menos estressante do que a ausência súbita e permanente.

Quando chega o dia, pego o caixote de plástico do porão e o forro com toalhas velhas. Acho por ali uma mesa de jogos antiga, que ainda ostenta a placa da barraca de limonada que Ashley deve ter montado. Viro o pôster do avesso e escrevo “Gatos Grátis” em letras garrafais e esmeradas. Preparei a documentação — fotos oito por dez de cada filhote, informações sobre a mãe, data de nascimento e quais vacinas já tomaram. Também preparo kits de primeiros cuidados para cada gato, com amostras da comida atual e areia.

Caso você esteja se perguntando de onde vem toda essa energia, só posso dizer que desenvolvi um apego singular a um frasco de comprimidos azuis e redondos que achei no banheiro do George, o frasco rotulado “1-2 vezes ao dia ao acordar”. Tomo alguns e por cerca de cinco horas sou incrivelmente organizado. No afã de identificar o que é que estou tomando, procuro repetidas vezes no Google “comprimido pequeno azul”, mas só obtenho anúncios de Viagra, que não é redondo, e sim em formato de diamante.

Quando ponho os filhotes no carregador, eles começam a fazer um barulho, a mamãe gato anda de um lado para outro e Tessie me olha do chão como se dissesse: “Que Deus te ajude agora.”

Rumo para a A&P, onde conheci a tal mulher, tanto pela chance remota de que ela reapareça quanto por me sentir constrangido em me acomodar diante de um mercado normal, aquele que Jane e George frequentavam. Não foi só uma vez que as pessoas me lançaram olhares estranhos; nunca sei se sabem quem eu sou ou se acham que sou ele, mas de qualquer forma sou alvo fácil.

Instalo-me do lado de fora de uma pet shop. Trouxe o carregador, as fotos, um pouco de fita adesiva, as amostras e uma enorme caixa de papelão na qual alguém pode botar um filhote para brincar — assim, não há perigo de que saia saltitando para o meio da rua. Aberto para negócios. Meu primeiro cliente sai da pet shop usando um crachá que diz “Brad — gerente adjunto”.

“O que é que você está fazendo?”, Brad questiona.

“Doando gatos”, declaro, embora seja óbvio.

“Nós vendemos gatos”, ele diz.

Não digo nada.

“Você vai ter que levar sua loja improvisada para outro lugar”, diz Brad.

“Desculpe.”

“Você está indo contra os nossos interesses.”

“Mas a Sociedade Protetora dos Animais monta uma barraca de adoção de bichos aqui todo fim de semana.”

“Você é uma organização sem fins lucrativos?”, Brad quer saber.

“Eu estou doando os filhotes.”

“Você é café-pequeno”, desdenha Brad.

“Permita-me discordar”, digo. “Quem adotar esses filhotes vai precisar de apetrechos. Que tal pensar nesses cinco aqui como artigos deficitários?”

“Artigos deficitários?”

“Os artigos nos quais uma loja está disposta a perder dinheiro a fim de incentivar as pessoas que vão comprar outros artigos a entrarem nela. O leite, por exemplo, é um artigo deficitário comum”, declaro.

“Saia”, ordena Brad. “Leva suas coisas para a A&P. Eu te ajudo...” Ele levanta uma ponta da mesa e o carregador começa a deslizar.

Seguro o carregador. “Tira as mãos da minha mesa senão eu chamo a polícia, depois contato a direção da empresa sei lá das quantas dos animais e faço você ser despedido.”

“Sou testemunha”, uma senhora diz. “Eu presto depoimento.”

“Foi um acidente”, diz Brad, e eu meio que acredito nele.

“Diga isso ao juiz”, a senhora retruca enquanto me ajuda a levar a mesa para perto da A&P.

“Quer um filhote?”, eu lhe pergunto.

“De jeito nenhum”, ela responde. “Minha aversão por bichos é quase igual à minha aversão por gente. Meu marido fala que eu só devia comprar pela internet, que o mundo é um lugar melhor comigo sã e salva dentro de casa. Ele me acha má.” Ela dá de ombros. “Eu o acho pior ainda.”

“Há quanto tempo a senhora é casada?”, indago, espalhando meus panfletos e suprimentos.

“Desde que o mundo é mundo”, ela declara e vai embora.

Uma moça vestida de maneira inadequada à estação, com um casaco pesado e xale, trazendo inúmeras sacolas de compras penduradas em ambos os braços, aproxima-se e deixa as sacolas no chão.

“Posso pegar um no colo?”, ela pergunta.

Enfio a mão no carregador, pego o filhote mais próximo e o entrego a ela. A mulher põe o filhote junto ao rosto, esfregando o corpo dele contra as bochechas, o nariz, a boca. “Nham-nham-nham”, ela diz, fazendo sons de beijos estalados. O filhote me parece tenso.

“Tão frágil”, ela comenta, “que nem um filhote de passarinho”.

Estico o braço para pegar o gato. “Que tal deixá-lo dentro da caixa; você pode fazer carinho nele daí.”

Ela obedece minhas instruções e põe o filhote na caixa, depois pergunta se pode provar outro. Deixo o primeiro de lado e tiro outro.

“Você tem bicho?”, pergunto à mulher.

“Não”, ela responde. “Nada de bicho. Bicho é contra as normas.”

“Aggie”, uma mulher chama, localizando-a a distância. “Estava te procurando por tudo que é canto. Lembra que a gente combinou de se encontrar na parte de frutas? E essas compras aí são de quem?”

“Minhas”, diz Agatha, devolvendo o segundo filhote à caixa.

“Onde foi que você arrumou dinheiro para comprar tudo isso?”

“Meus pais me mandaram.”

“Acho que a intenção deles era de que você gastasse um pouquinho por semana, não que gastasse tudo de uma vez.”

Agatha dá de ombros. Ela não parece se importar. “O moço tem filhotes de gato”, Agatha anuncia. “Eles são uma delícia.”

“Que bom”, a mulher, que é visivelmente mais nova do que Agatha, diz. “Agora venha, vamos atrás dos outros.” Acompanho Agatha com os olhos, vendo-a se juntar aos outros e, de mãos dadas, atravessarem o estacionamento como uma corda trançada da imagística de Arbus.

“Os filhotes podem ser devolvidos?”

“Perdão?” Alguém está parado diante de mim. Sua bolsa enorme, do tamanho de uma lixeira de jardim, bloqueia minha visão.

“Se eu levar um e não ficar satisfeita, posso trazer de volta?”, ela indaga.

“Não ficar satisfeita em que sentido?”

“Por exemplo, se o nosso cachorro, ou o meu marido, ou as crianças não gostarem dele... posso trazer de volta?”

“Parece que sua casa está cheia”, digo.

Ela faz que sim. “Eu adoro um bebê novinho.”

Não gosto dela; não gosto da maneira como se plantou diante de mim; fico ansioso para que vá embora. “Por que você não pensa bem enquanto faz as compras e depois volta aqui? Vou passar um tempinho aqui.”

A A&P e o shopping vizinho é outro mundo. É nítida a ausência de homens entre vinte e cinco e sessenta anos, e há uma abundância de casais mais velhos, mulheres com bebês de colo e crianças e um ou outro desempregado que caça os folhetos de ofertas. Uma mulher com gêmeos se aproxima.

“A gente pode levar um gatinho?”, a menininha pergunta.

“Pode?”, o menino apoia.

As crianças estão fascinadas e fixam os olhos no carregador de gatos.

“Quantos tem aí?”, o menino pergunta.

“Cinco”, respondo.

“Tem muitos”, a menina diz à mãe.

“O que é que o pai de vocês vai dizer?”

“Ele nunca está em casa mesmo”, diz o menino.

“A gente pode nem contar para ele”, diz a menina. “Ele fica no nosso quarto.”

Ponho dois filhotes na caixa para que ambos possam brincar.

“Deixa eu ver com o papai”, a mãe diz enquanto usa as unhas compridas para digitar uma mensagem de texto. Segundos depois recebe uma resposta. Ela segura o aparelho para que eu a leia. Diz: “Use o bom senso.”

“Acho que é uma resposta automática”, comenta a mãe. “Ele tem smartphone — você pode programar respostas automáticas para tudo. Veja só”, ela diz, mandando outra mensagem. “O que você vai querer no jantar, frango ou carne?” E, de novo, “Use o bom senso” é a resposta. “Está vendo o que eu quero dizer?”, ela diz. “Ele provavelmente está tendo um caso.”

“Por que você sempre fala isso?”, questiona a filha.

“Não sou nenhuma idiota”, ela diz. “Estudei em Yale.” Ela se vira para mim. “Vamos levar dois. Não tem graça ter só um do que quer que seja hoje em dia.”

“A gente pode ir à pet shop e comprar um carregador que nem esse para eles?”, pede a menina.

“Pode”, diz a mãe.

“E comida e brinquedos?”, pede o menino.

“E que tal umas roupinhas para eu colocar nos gatinhos?”, pede a menina.

“A gente já volta”, diz a mãe. “Se você puder reservar os dois para nós...”

Ela mantém a palavra: cerca de dez minutos depois, carregando sacolas de ração para gatos e carregadores chiques, eles regressam. Ponho os dois filhotes em um carregador.

“Aproveitem bem”, digo.

“Já estamos aproveitando”, diz o menino.

Tem algo acontecendo: o clima está mudando, como uma mudança de maré, como a aceleração da brisa antes de uma tempestade de primavera. Começo a ouvir fragmentos, trechos de conversas,

enquanto todo mundo caminha ansiosamente com um pouco mais de pressa. “Conheço a mãe...” “Ela foi para a colônia com os meus filhos.” “Pessoas normais — iguais a nós.” “Nunca se sabe o que se passa pela cabeça dos outros.” Ao que consta, uma menina desapareceu.

Um senhor e a esposa param diante da minha mesa; os ombros curvados e as colunas tortas combinam como um par de saleiro e pimenteira.

“Talvez hoje seja o dia”, o homem diz à esposa.

Eles sorriem. O rosto deles é simpático e alegre, afável apesar dos efeitos do tempo.

“Seria bom”, ela diz.

“A nossa morreu”, ela me conta. “Ela tinha dezenove anos.”

Assinto, metade de mim imaginando que estamos falando de gatos, metade pensando na menina desaparecida.

“Você tem algum que seja maduro para a idade?”, pergunta o homem.

“Brincalhão, independente e sábio”, acrescenta a esposa.

Examino o carregador e pego um que eu descreveria como atento.

“Que lindo”, elogia a esposa, acariciando-o enquanto o coloco na caixa.

“Posso dar umas amostras da ração que tenho dado a eles e da areia — são muito saudáveis, já foram ao veterinário e já tomaram as primeiras vacinas.”

“O último que tivemos nós pegamos de uma menininha que montou uma barraca que nem esta. Ela vendia biscoito das Escoteiras e doava gatinhos.”

“Uma empresária. Demos vinte dólares para ela”, diz o marido.

“Acho que vocês vão gostar do filhote”, digo.

“Também acho”, diz o marido, pedindo licença para voltar à loja para comprar uma caixa de papelão. “Só para ter onde colocá-lo a caminho de casa.”

Do outro lado do estacionamento, uma mulher pendura pôsteres nos postes e nos batentes de cimento — “PESSOA DESAPARECIDA”.

“É preocupante”, digo à mulher.

“Aonde você acha que ela foi?”, a idosa pergunta.

O marido retorna com uma caixa de banana vazia e colocamos o filhote lá dentro. Dou-lhes amostras de comida, areia e meu número de telefone, e então, ao me lembrar da promessa que fiz a Ashley, peço: “Será que vocês poderiam me dar o nome, endereço e telefone, só para o caso de eu precisar entrar em contato?”

“Que ótima ideia”, diz a idosa, e ela anota seu nome e dados com uma letra gloriosa.

Brad sai da pet shop e vem em minha direção. “Hora de descanso”, ele declara, como se isso quisesse dizer “trégua”.

“Quantos você ainda tem aí?”

“Dois.”

“Posso ver?”

Tiro os filhotes da caixa.

“Eu sei que a gente teve um bate-boca”, diz Brad. “Mas, se você pudesse deixar isso para lá, eu gostaria de adotar esses dois.”

“Mas você vende filhotes”, retruco. “E sem dúvida você tem desconto.”

“Os filhotes que a gente vende são de criadores, mas esses aí são filhotes de verdade, criados com amor.” Ele estica a mão como se já não nos conhecêssemos. “Meu nome é Brad”, ele anuncia. E me sinto obrigado a apertar a mão dele. “O que você me diz? Existe a possibilidade de uma segunda chance?”

“Espero que sim”, digo.

“Sempre adorei bichos.”

“Por que outro motivo você trabalharia numa pet shop?”

“Quando a gente morava no Arizona, trabalhei na pet shop do meu tio — em geral, vendiam lagartos. Eu tenho um dragão barbudo”, ele conta, “mas não acho que ele se oporia a um gato. O lagarto vive num grande tanque aquecido. São muito sensíveis, os dragões”.

“Eu não sabia da existência de dragões domesticados”, digo.

“Ah, claro que eles existem”, diz Brad. “Então, o que você me diz?”

“São seus”, declaro, dando-lhe os filhotes, a caixa de papelão e o que me resta de amostras.

“Vou mimá-los que nem doido”, diz Brad.

Cumprindo o meu dever, peço-lhe o nome completo, endereço e telefone e digo que entrarei em contato na semana seguinte e esperarei uma foto.

“Eu realmente agradeço”, diz Brad. “E, se eu puder fazer alguma coisa por você, é só me avisar.”

“Obrigado”, respondo, dando um beliscão doloroso no dedo ao dobrar a mesa de jogos, mas contente por encerrar com um toque de alegria.

Uma viatura da polícia rasteja pelo estacionamento. A distância, vejo uma guarda civil manejando o cruzamento. Ela usa o corpo, o colete laranja, o capacete com verificador de taxímetro como elementos de um escudo humano, abrindo bem os braços quando bloqueia a faixa

de pedestres; as crianças se espalham, totalmente alheias.

Não paro de pensar na menina desaparecida. Não sei por que, mas sinto culpa, como se tivesse participado de alguma forma. Não é uma sensação que já tenha tido — mas ela me dá arrepios. Por causa da mulher que conheci na A&P, por causa da Ashley, por causa da Jane, porque agora estou mais desperto do que nunca, porque não consigo parar de pensar...

Há um mundo lá fora, tão novo, tão fortuito e dissociado que põe todos nós em risco. Conversamos pela internet, ficamos “amigos” uns dos outros sem sabermos de verdade com quem estamos falando — trepamos com estranhos. Confundimos quase tudo com uma relação, uma espécie de comunidade, e no entanto, quando estamos com a família, a comunidade, somos incompetentes, entramos em curto-circuito e mergulhamos imediatamente na versão digitalizada — é mais fácil, pois podemos ser ao mesmo tempo nosso eu mais verdadeiro e nosso eu fantasioso, ambos com peso igual.

Paro na Starbucks. Dou uma boa olhada no pôster grudado ao orelhão em frente à loja. É essa a mulher da A&P? Acho que não é, mas não tenho certeza. Tento me lembrar da aparência da garota que conheci. Lembro-me do cabelo louro-escuro — que a garota desaparecida também tem. Lembro-me dos seios, maiores do que eu esperava, pálidos, com belas veias azuis, como um rio antigo sob a superfície da pele. Lembro que o rosto dela era singelo, inexpressivo — os olhos azul-acinzentados.

E me pergunto: como uma pessoa leva outra pessoa? Uma van da imprensa se instala na esquina, virando o satélite para o alto.

Dentro da Starbucks, as moças detrás do caixa estão aos prantos; ao que parece, a mulher desaparecida trabalhara ali no verão anterior, em meio-expediente; todos a conhecem. Saio sem café — é perturbador demais.

Ao subir a entrada da garagem, estou bastante deprimido. Levo o carregador vazio para casa, a porta metálica da caixa de gatos se abrindo e se fechando várias vezes, batendo no meu dedo. Fiz algo terrível: peguei uma coisa que não era minha, os filhos da mamãe gato, e os doei. Entro de mãos vazias. A gata se aproxima, me cheira, verifica o carregador e parece entender as novidades. Ela vai para debaixo do sofá. Tessie só se dá ao trabalho de levantar quando lhe sirvo o jantar.

O noticiário das seis da tarde começa com “Plantão Local” — a história da menina desaparecida. Heather Ryan tem vinte anos e estava na cidade para passar o fim de semana com os pais. “Heather supostamente saiu para correr ontem à noite e não voltou mais. Segundo a polícia, a família está preocupada principalmente porque ela estava passando por problemas pessoais e tomava remédio após

sofrer um traumatismo craniano jogando basquete. Sempre ouvimos falar em homens que sofreram lesões no futebol, mas, como os esportes femininos vêm se tornando mais competitivos, estamos vendo-as sofrerem as mesmas lesões. No último outono, durante uma partida da temporada regular, no Leduc College, ela foi atingida...”

A repórter tagarela enquanto reprisam imagens da bola batendo na lateral da cabeça de Heather, sua cabeça caindo para a esquerda enquanto outra jovem a abate, derrubando-a no chão do ginásio. “São as pancadas repetidas no cérebro que nos preocupam”, diz o médico que arrumaram para comentar. “O baque do cérebro contra o interior da cabeça.” A repórter encerra dizendo: “Se alguém viu Heather ou tem alguma informação, favor ligar para a linha direta especial.”

Ótimo. Então a menina desaparecida tem problemas. Quais tipos de problemas? Problemas para dizer quem ela é? Como se estivesse vivendo em uma espécie de fuga dissociativa? Quem é ou era a mulher da A&P? Havia algo estranho nela, no encontro como um todo, algo que ela fez questão de não me contar. Será que devo avisar a alguém, ligar para a linha especial e deixar minha confissão boba? Pondero sobre isso, mas concluo que é tudo coisa da minha cabeça — que a garota que conheci não tem nada em comum com a desaparecida. Tento fazer um esboço, uma recriação do que lembro a respeito da mulher. Desenho uma espécie de ovo para a cabeça; desenho o pescoço, que me lembro de ser longo, o peito — a verdade é que os seios são a única parte de que me lembro bem. Eu os desenho várias vezes, e então volto, tentando achar o pescoço, a cabeça, o rosto. Pergunto-me se não há uma amostra de seu DNA no pote de mostarda Dijon. Devia haver uma no meu pau, mas já tomei inúmeros banhos desde então. Repasso tudo o que ela falou e fez; penso na tevê roubada, os produtos no carrinho do mercado, os comentários que teceu sobre bolo com cobertura e sem. Pergunto-me: ela parecia perdida? Será que não podem vir aqui para colher digitais? Levo Tessie para passear, dando uma volta na casa, no quintal, imaginando se não poderia haver alguém ali, se escondendo.

Estou perplexo com a ideia de que a mulher estava ali num instante e desaparecida logo depois — como é que alguém rouba uma pessoa? É pura força física? Um jogo psicológico? É pelo fato de que mulheres, meninas, meninos são todos mais fracos que homens adultos, que podem simplesmente pegá-los e tirá-los de uma ponta do planeta para a outra? E isso acontece num vórtice escuro, numa brecha da realidade; é como se uma porta se abrisse para um submundo de trevas e um de nós fosse arrastado para lá.

Às oito horas, já estou entregue ao frenesi, preocupado não só com a mulher desaparecida e com todas as mulheres de todos os

lugares, mas também com os filhotes. Será que estão bem? Será que estão em seus novos lares chorando, mostrando as garras, desejando acima de tudo voltar à proteção da mamãe?

Como é que todos nós sobrevivemos?

Às oito e quinze, não consigo mais tolerar minha angústia. Ligo para Ashley na escola, só para saber como ela está.

Parece haver uma confusão — ela não está lá. Peço para falar com a colega de quarto, que me passa para a supervisora, que me informa que a escola fez algumas alterações em sua situação habitacional. “Imaginei que você soubesse”, ela diz.

“Não fazia ideia.”

“Ela está morando com uma das professoras. Vou te dar o telefone.”

Ligo para o número, caio na secretaria eletrônica, deixo um recado; uns minutos depois, Ashley, muito nervosa, retorna a ligação.

“O que foi que houve?”, ela pergunta.

“Não houve nada”, respondo. “Só queria saber como você está.”

“Você não tem o hábito de ligar fora da hora marcada”, ela diz.

“Surpresa!”, exclamo.

Tem algo errado com a voz de Ashley.

“Não interrompi nada importante, interrompi?”

“Não”, ela diz. “Eu só estava fazendo o dever de casa.”

Ela mente mal; mas não falo nada. “O que é que você jantou hoje?”

“Acho que foi peixe”, ela diz.

“Que tipo de peixe?”

“Branco, com um molho meio laranja-amarelado”, ela descreve.

“Você comeu peixe?”

“Não”, ela diz.

“O que foi que você comeu?”

“Tinha uma opção vegetariana — massa recheada e salada.”

“E de resto, está tudo bem?”, indago.

“É, acho que está”, ela diz.

“Então está bem, vou me despedindo. Falo com você amanhã, hora de sempre.”

“Obrigada”, ela diz.

Desligo com uma sensação esquisita, como se tivesse pisado em alguma coisa que não soubesse o que é.

O noticiário das onze da noite tem uma cobertura ao vivo da vigília à luz de velas que acontece na praça onde a garota foi vista pela última vez — a mesma praça aonde levo Tessie, aquela onde surtei e desatei a chorar. Mulheres em bandos correm pela praça numa manifestação do Take Back the Night e jogam os tênis de corrida nos fios de telefone. A polícia segue várias pistas, mas não tem novas informações por enquanto.

Abro uma lata de salmão para a gata; ela não demonstra interesse. Eu a deixo na bancada da cozinha como oferta de paz e vou para a cama. Nenhum dos bichos me acompanha.

A vida segue — uma mentira. Penso em me oferecer como voluntário, em participar de um dos grupos de busca que estão esquadrinhando os bosques vizinhos, mas me preocupo com a possibilidade de que alguém descubra quem eu sou; de que alguém tire conclusões por causa disso.

No dia seguinte, tento me distrair com o livro. Passo uma ou duas horas trabalhando. Transfiro parágrafos para lá e para cá e depois os coloco no lugar de antes.

Entro no carro e dirijo em círculos e me pergunto: o que é que estou fazendo? Por acaso imagino estar procurando a garota?

Penso em onde as pessoas podem se reunir, podem se encontrar para se preocupar como grupo. Não posso ir ao Starbucks — é perto demais, feito um marco zero. Penso numa desculpa — uma lâmpada — e vou à loja de ferragens.

Homens estão agrupados ali, fazendo o que os homens fazem, fingindo não se preocuparem, fingindo não serem humanos, mas querendo estar juntos mesmo assim.

“Saí com eles ontem à noite — passamos por dentro do bosque. Deixei que usassem minha caminhonete.”

“É uma grande pena.”

“Vão achá-la: as garotas fazem dessas coisas, elas fogem...”

“Elas não agem mais assim. Isso era antigamente; agora elas não vão para longe de casa, não é mais seguro.”

“Como é que você sabe?”

“Eu criei as minhas três.”

A vida continua, mas realmente não sei como alguém é capaz de seguir em frente quando tem uma pessoa da família desaparecida. A vida fica em suspenso; pior que em suspenso, é um inferno na terra, é impossível não ser levado à loucura pela preocupação, o medo, a falta de informações. O cérebro dá voltas, não consegue relaxar, não consegue tomar fôlego, porque relaxar até mesmo por um segundo pode significar esquecimento; parar de enviar o sinal de busca pode fazer com que ela suma pelas frestas.

De soslaio, vejo DeLillo na caixa registradora. Não dá para

saber se está prestando atenção na conversa ou não. Está comprando fita vedante e máscaras contra poeira e uma lanterna.

“Montando seu kit contra desastres?”, o cara detrás do caixa pergunta.

“Faxina de primavera”, DeLillo responde. Ele me lança um olhar, inexpressivo, retribuindo meu olhar com expectativa. Fazemos contato visual, mas eu rapidamente desvio o rosto.

Compro minhas lâmpadas. Por alguma razão, sinto vontade de gritar com eles: vocês estão enganados, vocês todos estão enganados, surgiu algo maligno, como se uma mão de serpente de Hades tivesse emergido da terra com sua cabeça horrorosa e furtado alguma coisa da prateleira.

A maneira como falam sobre o caso é tão suburbana, de uma estupidez tão provinciana, que é insuportável. Vou embora, quase corro para fora da loja, lutando para tomar fôlego.

Um ataque de pânico, como se a familiaridade que tenho com uma espécie de escuridão, minhas reflexões nada inconscientes, me pegasse desprevenido.

Lembro a mim mesmo que não fui eu quem fez isso, e no entanto só de saber, só de sentir, só de estar um pouquinho mais familiarizado do que a maioria com os impulsos que permitem que tais coisas aconteçam, eu me sinto incomodado. Penso em mim mesmo como um intruso — um suspeito. Minha degeneração, minha queda vil no adultério e a associação com um parente assassino transbordou e me arruinou.

E então ela está ali, na minha porta, me aguardando, como se nada tivesse acontecido. “Eu estava apavorado com a possibilidade de você estar perdida”, declaro.

“Perdida como?”

“Desaparecida.”

“Do que é que você está falando?”

“Daquela garota.”

“Que garota?”, ela indaga.

“Você é cega? Não viu os cartazes espalhados na cidade inteira nem viu tevê?”

Ela não se pronuncia; ela sabe, mas não quer falar do assunto.

“Eu vi você”, ela diz. “Na frente da loja, doando os filhotes.”

“Você estava lá?”

“É o mercado onde faço compras.”

“E por que você não falou nada?”

“Gostei de ficar te observando.”

“O que é que eu estava fazendo?”

“Doando filhotes.”

“Você anda me perseguindo?”

Ela muda de assunto: “Você deu a todos os filhotes um bom lar?”

“Tive de ficar com um.”

“Por causa da sua filha?”

“Não tenho filhos.”

“Claro”, ela retruca, como se eu estivesse mentindo. “Você só pega emprestado...”

“Quer saber da verdade?”

Ela não diz nada.

“Meu irmão, o dono desta casa, é louco.”

“Toda família tem um — nada de mais”, ela diz.

“Houve um assassinato nesta casa”, declaro, perguntando-me se a estou provocando porque estou irritado com ela.

“Sério?”

Assinto de leve, como se me desse conta da enormidade do que estou falando.

“Isso aconteceu antes de você comprar a casa?”, ela indaga.

“Como eu já falei, a casa não é minha.”

“Ah, é”, ela diz, “eu estava com a cabeça na lua”. E então ela cruza as pernas e se mexe, preparando-se, louca por informações. “Bem, estou pronta.”

E tudo fica tão decepcionante, como se a história tivesse sido puxada de volta ao éter, como um gênio trágico correndo para voltar à lâmpada — minha própria culpa, minha consciência de que na verdade não discuti a situação com ninguém.

“Meu irmão matou a esposa.”

Longa pausa.

“De propósito?”, ela questiona.

“Difícil saber”, declaro.

“Que horror”, ela comenta.

“Terrível”, confirmo, e percebo que, exceto pelas ligações que fiz quando do acontecido, não contei a ninguém.

“É meio deprimente”, ela diz. “Você está inventando, não é? É uma daquelas lendas urbanas bizarras?”

“Por que eu inventaria? Isso faz de mim uma pessoa mais atraente? Esse é o meu maior segredo, qual é o seu?”

Tento olhá-la com atenção. De que cor são os olhos? Por que nada que diz respeito a ela fica na minha cabeça? Penso em tirar uma foto com o meu celular — dela e do filhote, algo em que me agarrar, analisar e apresentar como prova, caso seja necessário. Está usando roupas casuais, o que a deixa com cara de nova. O cabelo não é nem louro nem castanho, nem volumoso nem ralo; emoldura um rosto parecido com muitos outros rostos. Ela se parece com todo mundo e ninguém. As mãos são o único delator: a pele é um pouco frouxa nos dedos, que são finos e ágeis, quase simiescos. Há umas sardas pouco pigmentadas nas costas das mãos — idade. Volto ao rosto. Ela é e não é similar à mulher desaparecida, cuja foto imprimi e coloquei no meio da mesa de George.

“Tem alguma coisa que você queira me dizer?”, indago.

“Dá para você parar?”, ela pede. “Você está me assustando.” Ela respira fundo. “Por que foi que você perguntou para as pessoas se

elas tinham outros bichos, e se o gato iria morar dentro ou fora de casa, e se o novo dono faria a gentileza de mandar fotos do gato para você por e-mail?”

“A que distância você ficou?”

“Você está de mau humor. Acho melhor eu ir”, ela diz, mas não faz menção de sair. “Eu vi quando você entrou numa discussão com o cara da pet shop e teve de mudar de lugar.”

“E você viu que a gente fez as pazes e eu dei os dois últimos filhotes para ele?”

Ela faz que não. “Devo ter ido embora antes disso.”

“Preciso saber alguma coisa a seu respeito”, digo.

“Eu toco flauta”, ela diz.

“Mais”, peço.

“Sou formada em literatura francesa, com habilitação em biblioteconomia.”

Assinto.

“Eu queria ser espiã quando crescesse”, ela concede.

“Para o lado de quem você espionaria — o nosso ou o deles?”

“O deles”, ela diz sem hesitar. “Nunca me senti uma de nós.”

“O que te incitou a vir aqui agora?”

“Da última vez que te vi, você tinha um daqueles chuveiros ótimos, e pensei em testá-lo, e te trouxe um presentinho.”

“O quê?”, pergunto.

“Eu comi”, ela diz. “Tinha uma promoção de bolos; comprei duas fatias de sete camadas, e depois parei no McDonald’s e tomei um café, e quando eu estava vindo para cá eu simplesmente devorei as duas.”

“Talvez fosse melhor você não me contar que tinha comprado um presente.”

“Só estava sendo sincera. Estou toda animada por causa do açúcar e pronto — estou quase curtindo um barato.”

“Tudo bem, o chuveiro é seu. Vou pegar uma toalha limpa para você.”

Sento na cama, vendo-a se despir — parece fazer parte, ela quer que eu assista. “A gente não precisa transar”, declaro. “Não quero que você use o seu corpo para conseguir um banho.”

“E se eu quiser transar?”, ela pergunta.

“Não sei bem se quero. Estou de cabeça cheia — não sei nem se eu conseguiria.”

Ela faz uma careta. “Nunca vi um homem falar isso antes da situação — em geral, é depois; em geral é depois de muito pigarreio e hesitação, e no final das contas eles contam que são casados.”

“Sou divorciado”, anuncio, levantando-me da cama, deixando que ela se banhe em paz.

Tiro proveito do momento para revirar a bolsa dela — em busca de pistas. Acho uma carteira enorme e velha com quase nada dentro e, no fundo da bolsa, uma carteira de motorista. Entro em pânico ao ver o nome; ponho o documento de volta no mesmo instante e fecho a bolsa. Heather Ann Ryan. É esse o nome da mulher desaparecida? Estou confuso.

Quando ela sai do chuveiro, pergunto: “Você sofreu alguma lesão praticando esportes?”

“Não sou muito atlética”, ela responde.

Ela vem em minha direção, ainda úmida do banho.

É ela? É ela a pessoa desaparecida? Será que está passando por um episódio psicótico e estado amnésico? Todas as respostas dela são muito vagas, pouco específicas.

“Quem é você?”, questiono.

“Quem você quer que eu seja?”, ela retruca, largando a toalha.

E então ela está em cima de mim.

Há muito barulho, respiração arquejante, a cachorra começa a latir, a gata pula na mesa de cabeceira, nos fita, arqueia as costas, investe contra as minhas costas, as garras para fora, eu grito.

“Melhor eu ir embora”, ela diz, quando acabamos.

“Tem certeza de que não quer tomar outro banho?”

“Não, estou bem”, ela diz, “mas foi legal, gostei do chuveiro”.

“Que tal você me dar um telefone?”, peço, enquanto ela se veste.

Ela faz que não.

“Como é que eu vou saber se você está bem? Foi muito incômodo me preocupar com a possibilidade de que alguma coisa tivesse acontecido com você.”

“Não sou do tipo com quem coisas acontecem”, ela declara.

“Eu acho que não vou aguentar essa situação”, digo. “Não dá para uma pessoa anônima aparecer na minha casa e me possuir.”

“A casa não é sua”, ela diz, fechando o zíper.

“Um dia a gente vai ter uma conversa de verdade?”

Ela calça os sapatos e se levanta. “Não sei o que te dizer.”

“Você está me assustando”, digo.

“Homem não se assusta”, ela retruca. “Será que não dá para você parar com isso? Entendi que você está estressado. Mas eu tenho que ir.”

“Ir para onde?”

“Para o lugar de onde eu vim.”

“Estou avançando de alguma forma?”

“A gente conversa”, ela diz, “mas não agora”.

“Leva alguma coisa”, sugiro a ela.

Ela me olha. “O quê?”

“Leva a televisão.”

“Não teve graça.”

O celular dela toca; ela olha para o aparelho.

“Namorado?”, pergunto.

“Não.”

Quando vai embora, eu tranco a porta. Circulo pela casa abaixando as venezianas — estou superexposto.

Às dez horas da manhã seguinte, o telefone toca.

“Senhor Silver?”

“Quem está falando?”

“É a Sara Singer, da Annandale Academy.”

“Pois não.”

“É uma boa hora para eu conversar com o senhor?”

“É boa, sim, mas, só para deixar claro, eu sou o Silver tio, não o Silver pai.”

“Estou ciente.” Há um silêncio, e então ela recomeça: “Senhor Silver, o que eu vou dizer é meio constrangedor...”

Eu não estava preocupado, mas de repente fico. Muito. “A Ashley está bem?” Sara Singer não responde. “Você sabe onde está a Ashley?” Só consigo pensar na menina desaparecida.

“Senhor Silver, por favor, me ouça...”

“Ela está viva?”, eu berro ao telefone.

“Claro que está viva. Não tive a intenção de assustá-lo. Ela tem aula de Inglês até as onze e vinte, depois ela tem aula de Ciências das onze e meia até meio-dia e meia.” Ela dá outra pausa.

“Talvez você não saiba do que está acontecendo aqui”, eu digo. “Uma menina desapareceu — a situação anda bem estressante.”

“Peço desculpas”, diz a sra. Singer. “Deve ser complicado para alguém como o senhor.”

“Qual versão de mim?”

“Um homem sem filhos que de repente tem que fazer o papel de pai.”

“Eu gosto de pensar que me saí muito bem nessa transição.”

“Como eu dizia, receio que se trate de uma daquelas situações pelas quais nenhuma escola gosta de passar. Senhor Silver, o senhor soube que durante as férias Ashley ficou ao telefone?”

“Sim”, declaro. “Ashley estava tendo dificuldades para dormir e achava benéfico conversar com alguém.”

“O senhor sabe com quem ela estava falando?”

“Ela me falou que era com uma amiga.”

“Receio que seja mais do que isso.”

“Mais do que isso o quê?”

“Mais que amiga. Qual é a palavra certa? Perdão... está sendo difícil para mim.” Ela para por um instante. “Senhor Silver, a Ashley agora tem amante.”

Tendo em conta todo o resto, sinto alívio. “Ela é muito nova, mas sob vários aspectos esse pode ser um progresso saudável”, sugiro.

“É uma mulher.”

“Isso não me surpreende num colégio só de meninas; não é comum as jovens atravessarem uma fase de lesbianismo?”

“Ela anda se relacionando intimamente com a diretora do primário.”

“Ah.”

“Eu entendo que a Ashley teve um ano muito difícil, mas isso não está certo.”

“Claro que não.”

“Que bom que o senhor concorda”, ela diz, aliviada, mas algo em seu tom de voz sugere que ela põe a culpa em Ashley — a vítima.

“O que é que a diretora do primário tem a dizer?”

“Não tenho permissão para dividir isso com o senhor.” Ela faz uma pausa.

“Você não quer me contar exatamente como foi que isso aconteceu?”

“Quando a Ashley voltou para a escola depois do falecimento da mãe, nós sugerimos que ela ficasse com a diretora do primário.”

“Vocês a autorizaram a ir morar com essa mulher?”

“Nossa intenção era que fosse uma medida temporária. Na época, pensamos que seria benéfico para a Ashley ter acesso a alguém vinte e quatro horas por dia, caso tivesse pesadelos ou precisasse conversar.”

“Então a Ashley estava trepando com a diretora do primário, e a diretora do primário está trepando com ela? Quem é a adulta, senhora Singer? E quem é a criança? É uma pergunta retórica, senhora Singer: Quem é a pessoa que está com problemas?”

“A diretora do primário tem contrato de longo prazo assinado com a gente.”

“Abuso infantil seria encarado como um argumento válido para rescisão ou quebra de contrato.”

“Receio que ninguém além da Ashley vá contar essa história”, diz a senhora Singer. “Dito isso, gostaria de lhe garantir que levo a

situação muito a sério e que, na verdade, estamos lidando com a questão internamente.”

“Nós somos incumbidos de uma responsabilidade enorme, senhora Singer. Nós somos super-heróis que não podem decepcionar nossas crianças.”

“Claro, senhor Silver, foi por isso que liguei para o senhor.”

“Como é que a situação foi descoberta?”, pergunto.

“A pessoa que nos chamou a atenção para o caso deseja manter o anonimato.”

“Posso falar com a Ashley?”

“Como eu falei no começo da conversa, ela não está disponível no momento — ela tem aula de Inglês, depois aula de Ciências e almoço.”

“Você vai pedir para ela me ligar?”

“Nem precisava pedir, mas espero que o senhor guarde segredo.”

“Eu não disse nem que vou nem que não vou — mas acho que nem preciso dizer que estou preocupado. Como curador de uma menina que está passando por tantas coisas em casa, eu esperava que a escola fosse um lugar seguro para ela.”

“Senhor Silver, os tempos são outros. O mundo já não é como antigamente.”

“Perguntinha rápida, senhora Singer — as outras alunas sabem?”

“Eu creio que não.”

Ela respira fundo; desconfio que esteja fumando um cigarro às escondidas. “Contra todas as recomendações do advogado — meu ex-marido era advogado, ele me ensinou a dizer isso —, eu gostaria de lhe passar os meus números de casa e do celular, caso o senhor precise falar comigo.”

Enquanto anoto os telefones dela, mando uma mensagem de texto para Cheryl.

“Urgente”, escrevo.

“Motel?”, ela responde na mesma hora.

“Estou mais para sopa e sanduíche”, digito.

“Tenho coisas pra resolver”, ela responde devagar.

“Preciso de ajuda.”

“Que tipo?”

“Coisas de criança.”

“Ok — me encontra na praça de alimentação do shopping à uma hora. Perto do sorvete de iogurte.”

“Obg”, digito. Ela está abrindo uma brecha para mim.

“Você tem que fingir que está tudo bem”, aconselha Cheryl, enquanto me dá macarrão crocante e frango frio de sua salada de frango chinesa.

Hoje o cabelo dela é de um pajem louro. “É peruca?”

“Não. Eu cortei o cabelo”, ela diz. “Olha, se você assustar a Ashley, ela vai se fechar e você não vai conseguir arrancar nada dela. Não se trata de um abuso bem definido, está mais para uma coisa do gênero Lolita.”

“Eu levo o caso à polícia? Isso pioraria a situação?”

Ela faz que não. “Deixe quieto, a não ser que a menina queira envolver as autoridades. Se ela não quiser, e se ela for a única disposta a falar, a coisa pode ficar feia e ser pior para a sua sobrinha no longo prazo. Você tem que conversar com ela, deixar claro que você sabe, e criar um porto seguro para que ela compartilhe o que está sentindo — ou não... Pergunta como ela vê a ideia de fazer uma denúncia. Certas pessoas acham que a situação não é levada a sério a não ser que seja denunciada; outras prefeririam morrer a ter de ficar falando sobre o caso.”

“Talvez tudo não passe de um grande alarme falso”, sugiro. “Talvez a Ashley tenha uma queda pela diretora do primário e seja mais uma coisa maternal, um caso emocional platônico. Duvido que tenha acontecido muita coisa de natureza realmente sexual — acho que a Ashley nem sabe dessas ‘coisas’.”

“Em que planeta você vive?”, Cheryl retruca. “Essas crianças são espertas: elas não dão pistas do que andam tramando. Pode apostar que a professora ficou se fazendo de maternal ou professoral — dando lições a ela. Pergunta se elas não usaram alguma fruta.”

“Fruta?”

Ela me olhou como se eu fosse um idiota. “Meu marido falou com o meu filho sobre camisinha usando uma banana. E, quando a filha de uma amiga perguntou à mãe qual era a sensação de um pênis dentro dela, a mãe lhe mostrou a cesta de legumes e falou: ‘A genitália masculina é que nem os legumes, os formatos e tamanhos variam, tem cenoura e abobrinha e tem pepino japones.’ Ela gostava de falar para as filhas que, se a situação apertasse, elas poderiam usar as toucas de banho que os hotéis dão como método anticoncepcional. ‘E não importa o que vocês façam, nunca deixem *aquilo* chegar perto ou dentro de vocês. Imaginem que *aquilo* é uma cola forte, difícil de tirar das roupas, do cabelo — e desrespeitoso. Um homem que respeita vocês deixa a “descarga” dele em um receptáculo, e não em vocês, e o homem que não agir assim que procure mulher em outras bandas.”

“Os pais realmente conversam com os filhos desse jeito explícito?”

“As crianças são curiosas, elas descobrem. E é melhor elas

descobrirem através de você. Além disso, como a sua sobrinha é quase adolescente e não tem mãe, você devia procurar para ela uma médica especialista em adolescentes.”

“Não sabia da existência desse tipo de coisa.”

“É melhor; assim ela não precisa falar de menstruação com o doutor Faustus.”

“Como é que você sabe que ela vai ao Faustus?”

Ela revira os olhos. “É lá que todo mundo vai”, ela diz, e em seguida me pede para lhe trazer outro sorvete de iogurte sem gordura com granulado colorido. “Aposto que você está se perguntando por que eu mesma não vou buscar.”

Eu não ia perguntar.

“A moça do caixa foi a primeira namorada do meu filho, o Brad. Eu fiz com que ele terminasse com ela. Acho que ela põe Visine no sorvete quando sou eu que peço.”

“Por que Visine?”

“Dá diarreia — dizem que as aeromoças põem umas gotinhas na bebida dos bêbados do avião.”

“Isso é uma lenda urbana total.”

“É o que você pensa”, ela diz, insistindo que eu me levante e peça outro sorvete para ela.

“Você deve ter diarreia porque tem intolerância a lactose.”

Ela se assusta. “Não tinha pensado nisso. Você pode fazer o favor de pegar o sorvete para mim?”

“Claro.”

Volto com o sorvete cheio de granulado e uma colher. “Você não vai tomar um?”

“Eu ia, mas a moça do balcão me tratou como uma vaca.”

“Eu avisei — foi por isso que eu fiz o Brad terminar. Quer um pouquinho?” Ela me oferece uma colherada de sorvete; abro a boca e deixo que me alimente.

“Você não se preocupa com a possibilidade de que alguém nos veja?”

Ela faz que não.

“Por que não?”

“É só eu falar que você sofreu um AVC e eu estou fazendo trabalho voluntário.” Ela me serve outra colherada de sorvete.

“Então... sobre a menina desaparecida”, Cheryl introduz.

Limpo o sorvete do meu rosto — a mira dela é uma porcaria.

“Eu acho que eles sabem quem foi”, diz Cheryl.

“Você não poderia ser mais específica?”

“Eles — isto é, a polícia — sabem mais do que estão contando ao público, isto é, a nós.”

“Isso se baseia em fatos ou nas conclusões que você mesma

tirou?”

“É só um comentário... Todo mundo sabe como essas coisas funcionam. Vejo muita tevê, programas de reality e de outros tipos, e estou te falando — eles estão esperando que o cara vá até eles, que ele faça alguma loucura, que se entregue.”

“Então você acha que eles já o identificaram e ele está sendo observado?”

“Tenho certeza. Nada é tão accidental quanto parece.”

“A não ser o que é totalmente accidental, como isso aqui...”, declaro.

“Isso o quê?”

“Isso — essa coisa qualquer que existe entre nós”, explico. É inevitável perceber que me tornei próximo de Cheryl, que divido coisas com ela, que começo a vê-la como uma amiga, uma confidente.

“Querido, se você estivesse fazendo as contas, veria que não é tão accidental assim — é supercomum”, ela diz.

Há certa arrogância na voz dela que me leva a perguntar: “Você andou bebendo?”

“Tomei um Bloody Mary de manhã — foi uma comemoraçãozinha.”

“Num dia de semana?”

“É”, ela diz. “Todo mundo saiu cedo, eu vi um suco de tomate e aipo na geladeira e pensei: ‘Por que não?’”

“Você me espanta”, declaro.

“Não, não espanto”, ela retruca.

“Espanta, sim”, afirmo.

Fico na dúvida se conto a ela sobre a mulher da A&P. Não gosto de sentir que estou dissimulando, mas que obrigação eu tenho com essa mulher casada? Não é como se eu tivesse pedido ajuda e depois dito “Ah, aproveitando o ensejo, estou saindo com uma pessoa...” Mesmo assim, solto:

“Estou saindo com uma pessoa.”

“Qual é o nome dela?”

“Não sei.”

“Você está saindo com uma pessoa e não sabe o nome dela?”

“É.”

“Desde quando?”

“Tem umas semanas.”

“Onde foi que você a conheceu? Ela é da internet?”

“Nós nos conhecemos na A&P.”

“Com que frequência vocês se encontram?”

“Só nos encontramos duas vezes”, declaro, e ela parece aliviada.

“E o que vocês fizeram nessas vezes?”, ela questiona, como se

tentasse chegar ao cerne da história.

“Não sei se é muito justo você me pedir detalhes — é meio que particular.”

“Desde quando a vida é justa, meu senhor? Se você vai enfiar sua pá em outra terra, acho que eu tenho o direito de saber — no mínimo, por questões de segurança, para eu poder tomar uma decisão com base nos fatos.”

“E vice-versa?”, questiono.

“O que você está querendo dizer?”

“Bom, se você tem que saber o que eu ando fazendo, o seu marido não deve saber o que você anda fazendo?”

Ela abaixa a cabeça por um instante, como se ponderasse qual o próximo passo — como se.

“Eu contei para ele”, ela afirma.

“Sério?”, indago, genuinamente surpreso.

“Sério”, ela confirma.

“Quando?”

“Depois daquela noite do Friendly’s.”

“Por quê?”

“Entrei em pânico.”

“Por que motivo?”

“Achei que podia ter alguém que ele conhecesse lá e que a pessoa poderia ter me visto.”

“A pessoa não estaria se entregando se contasse ao seu marido?”

Ela dá de ombros. “Podiam supor que ele soubesse e, indo direto ao assunto, eu senti necessidade. Não é da minha natureza enganar.”

“O que foi que ele falou?”

Ela abaixa a cabeça de novo. “Ele falou que ficava contente por ter com quem dividir o fardo. E se eu estava querendo ou divórcio ou só diversão.”

“E?”

“Eu falei que era só diversão, e ele falou ‘Bom, sendo assim, só vou me preocupar se você me disser que eu tenho algum motivo para me preocupar’.”

“Que bom que ele confia no seu bom senso a respeito do que seria motivo de preocupação para ele.”

“Eu sou muito confiável”, ela afirma, e depois se aquieta. “Ele perguntou se você me paga: ele sempre quer pagar alguém. E eu perguntei se ele já ‘pulou a cerca’ e ele falou que não.”

“Por que não?”

“Medo”, ela explica.

“De quê?”, indago.

Ela dá de ombros. “Eu falei que, se tivesse vontade, ele devia ir em frente. Ele tem fantasias com prostitutas. Eu falei ‘Vai em frente’; ele falou ‘Não posso.’ Aí perguntei para ele ‘Você quer que eu faça isso contigo?’ ‘Tipo participar?’, ele questionou. ‘Não, eu só iria te acompanhar’, eu falei. ‘É muita gentileza sua’, ele falou. ‘Desde quando eu não sou uma pessoa gentil?’, perguntei para ele.”

“Então?”, pergunto, surpreso com a história toda, querendo mais.

“Então eu fui com ele.”

“Quando?”

“Na última terça, depois do trabalho.”

“Em quem vocês foram?”

“Ele pegou o número com um conhecido.”

“E você não me falou?”, indago.

“Você estava ocupado.”

“Como é que foi?”

“Não faço ideia. Fiquei sentada na sala de estar da moça, lendo uma revista — uma minha, que eu levei para lá — e não tirei o casaco, que eu lavei quando chegamos em casa. Tive o cuidado de não tocar em nada.”

“O seu marido se divertiu?”

“Ele ficou contente em dar um fim nisso — mas foi esquisito.”

“Em que sentido?”

“Ele falou que os peitos dela eram enormes. Eu conheci a moça antes de eles entrarem; pareciam grandes, mas não enormes. Ele falou que eram duros feito bola de basquete. E que ela se recusou a beijá-lo.”

“Algo mais?”

“A perereca dela estava totalmente depilada, da frente até atrás. Ele nunca tinha visto algo assim — ele usou a palavra ‘industrial’. No meio daquilo tudo, a moça que divide o apartamento com ela chegou e falou que precisava pegar uma coisa no quarto. A atitude dela me pareceu bastante inocente, mas eu puxei a faca de cozinha que levei de casa, imaginando que era tudo parte do plano: a outra chega em casa e elas fazem o cara de refém para arrancar mais dinheiro. Acho que não estava nos planos dela se deparar comigo ali. Eu falei para ela ‘Meu marido está no quarto passando um tempo a sós com a moça com quem você divide o apartamento, e se você gritar ou acabar com a diversão dele, eu te mato’. Ela e eu nos sentamos no sofá, caladas. Eu falei para ela que não demoraria muito — com ele, é sempre rápido. Quando ele saiu e me viu ali, defendendo o... o... dê o nome que você quiser, acho que ele ficou muito impressionado. Fez bem ao nosso casamento.”

“Sério?”, indago, meio cético.

“Isso abriu as coisas”, ela justifica, “nos levou a outro patamar”.

Estou perplexo.

“Ele quer te conhecer”, ela anuncia.

“Para transar?”

“Não, só para dar um oi, quem sabe jantar.” Ela sorri. “E você pensando que só você tinha novidades.”

“Então você não está chateada com a história da mulher da A&P?”

“Claro que estou chateada”, ela diz. “Você anda afogando o ganso numa moçoila que você conheceu numa seção do mercado e que nem nome tem. O que é que você viu nela?”

“É difícil saber direito — ela é meio misteriosa.”

“Parece que você não a conhece muito bem.”

“Você não está sendo legal.”

“Você nem sequer sabe o nome dela”, ela me lembra.

“Sabe o foi que eu vi nela?”, retruco. “Ela não exige nada de mim.”

Cheryl raspa as últimas gotas do copinho de sorvete; o isopor range. Ela olha o telefone. “Preciso ir”, anuncia, levantando-se abruptamente.

“Você está me largando?”, indago, de repente vulnerável.

Ela me olha como se eu fosse um louco. “Que parte de ‘meu marido quer jantar contigo’ te levou a achar que estou te largando?”

“Desculpa”, peço, “tive um dia muito estranho”.

Na mesma noite, finalmente falo com Ashley. “Você está legal?”

Ela não diz nada.

“Você por acaso encolheu os ombros? A gente não está num videochat.”

“Ah-rã.”

“Tem alguma coisa que você queira me contar?”

“Não.”

“Você está sozinha? Digo, você está num lugar onde tem liberdade para falar?”

“Não tem ninguém aqui”, ela declara.

“Você está com uma voz triste”, observo.

Ouçó o farfalhar da roupa quando ela encolhe os ombros.

“Com medo?”

Ela não diz nada.

“Ash, se você concordar, eu vou falar alguns minutos, mas

quero que você fique à vontade para me interromper quando quiser. Combinado?”

“Ah-rã.”

“Ok. A mulher que dirige a sua escola me ligou. Eu sei do que aconteceu. E a primeira coisa que eu quero te dizer é que está tudo bem. Quero que você saiba que não está encrencada. E que eu entendo e não acho esquisito nem nada disso. Também quero que você saiba que você pode conversar comigo, contar para mim o que quiser, ou não me contar, eu só quero que você fique bem. O que mais me interessa é o seu bem-estar.”

“Posso fazer uma pergunta?”

“Claro.”

“Eu vou ter que voltar para a casa de antes?”

“A casa de antes?”

“O nome oficial é Rose Hill, mas todo mundo chama de Patchouli.”

“Você tem alguma razão para não querer morar na casa de antes?”

“Bom, no lugar onde eu estou agora tem tevê, e eu adoro ver tevê. Me ajuda a ficar mais calma. Tipo à noite, quando eu não consigo dormir, eu ligo e a senhorita Renee não se importa.”

“Senhorita Renee? A diretora do primário?”

“É, e também, tipo, quando eu estou muito estressada, às vezes eu volto no meio do dia e assisto a, tipo, *All My Children*, *General Hospital*, *One Life to Live*, e aí tudo fica bem — é como se me ajudassem a entender o mundo e ganhar outra perspectiva. Além do mais, a minha vida parece mais com a das pessoas das novelas do que a da maioria das meninas daqui.”

“Curioso”, comento. “Preciso pensar nisso.”

“Eu não posso voltar para a casa de antes, mesmo”, ela diz. “Não gosto da ideia.”

“Estou entendendo.”

Ela desata a chorar. “Eu quero ir para casa.”

“A gente pode fazer isso”, declaro.

Ela funga. “Eu tenho um projeto a entregar...”

“Que tal você vir passar o fim de semana em casa?”

“Ok”, ela diz, fungando.

“Você aguenta até lá? A gente não precisa decidir a questão da casa agora. Acho que a senhora Singer falou que você poderia ficar com *ela* — aposto que ela tem televisão.”

“Não tantos canais”, diz Ashley, ainda fungando.

Eu a busco na tarde de sexta-feira. Ao longo do trajeto até a escola, maravilho-me com o cenário: as árvores começaram a florir.

Ashley tagarela o percurso inteiro — falando sem parar sobre

novelas. Não sei se é uma reação à angústia, uma bizarra descarga verbal de dramas vespertinos, ou uma espécie de estado hipnótico — eu simplesmente deixo-a falar.

“*All My Children* se passa em Pine Valley, tem a família Tyler, a família Kane e a família Martin; já está no ar há, tipo, quarenta anos, são mais de dez mil episódios...” Ela dá uns detalhes sobre Erica e os Cortlandts.

“E aí, esta semana...” Ela destrincha as sinopses — a história passada, quem se casou com quem, quem é o pai de qual filho, quais segredos ainda não foram revelados.

“Ash, quanto tempo faz que você vê esses programas?”

“Muito tempo”, ela diz. “Comecei quando eu tinha uns, tipo, sete e fiquei um mês em casa com mononucleose e a mamãe me deixava assistir junto com ela.”

“Sua mãe assistia?”

“Ela adorava. Ela assistia aos mesmos programas desde o ginásio, quando ela quebrou a perna e teve de ficar em casa. E uma vez, no aeroporto, ela viu a senhora Tyler, a senhora Phoebe Tyler! A mamãe a viu no aeroporto e correu para ajudá-la com a mala. O nome ‘verdadeiro’ dela era Ruth Warrick. Ela morreu uns anos atrás. A mamãe falou alguma coisa de ter visto isso no jornal.”

“Você realmente tem saudades da sua mãe”, comento.

“Eu não tenho ninguém”, ela diz.

“Bom, eu estou feliz em te ver, e a Tessie e o Romeu vão ficar felizes em te ver — você vai adorar o Romeu.”

“A gente pode ir ao cemitério?”, ela pede. “Você acha que seria esquisito?”

“A gente pode ir — não sei bem como é que seria.”

“Como é que é?”

“Você esteve lá no enterro; você não se lembra?”

“Na verdade, não.”

“Parece um parque grande e tem umas árvores e os túmulos são planos.”

“Por quê?”

“Porque é assim que manda a tradição judaica, que os túmulos sejam nivelados com o chão, e um ano depois do enterro fazemos o que se chama de desvelamento, e a placa com o nome da sua mãe vai estar lá. E, sempre que você faz uma visita, deixa uma pedrinha na lápide, que mostra que você esteve lá e que a pessoa não foi esquecida.”

“Por que demora um ano?”

“É essa a tradição. A gente podia visitar a sua avó — você acha que seria legal?”

“A gente pode levá-la para passear?”

“Para onde, por exemplo?”

“Sei lá. Para passear — é como se ela fosse uma bonequinha frágil numa caixa, para a qual você só pode olhar, e quem sabe ela não quer sair e ir a algum lugar?”

“A gente pode perguntar para ela; minha impressão é de que ela está muito feliz onde está... mas, é como eu disse, a gente pode perguntar. Então, o que você acha? Visitar a vovó? Preparar cookies? Fazer uma limpa nos seus armários?”

“A gente podia preparar cookies e levar para a vovó”, ela sugere.

“Pode.”

“Então, esta noite, quando chegarmos em casa, faremos cookies.”

“Esta noite, quando chegarmos em casa, nós vamos jantar e ir dormir.”

“Está bom, então amanhã de manhã a gente prepara os cookies e vai visitar a vovó”, ela decreta, satisfeita de ter um plano.

“Para preparar cookies, o que você faz?”, indago uns minutos depois.

“O que eu faço?”

“Tipo, como é que você prepara?”

“Ou a gente divide a massa pronta e põe para assar, ou a gente mistura tudo o que está na lista no verso da caixa das gotas de chocolate — chamam isso de ‘partir do zero’.”

“E você sabe como fazer?”

“Sei”, ela diz, como se agora eu fosse o idiota. “Você nunca fez cookies?”

“Nunca”, afirmo.

“É melhor a gente parar no mercado”, ela diz, e é o que fazemos. Ashley vai direto à prateleira das gotas de chocolate e compramos tudo o que está na lista no verso do saquinho, além de mais caixas de leite.

“Você tem que ter leite bem fresco”, ela explica. “Senão nem vale a pena.” E então ela olha ao redor, sorrindo para as fileiras e mais fileiras de produtos. “Eu morro de saudade dos mercados”, ela diz, de um jeito que me faz pensar na esquisitice de sua existência, e em como a escola interna é uma espécie isolada de incubadora social/educacional.

Preparamos os cookies e, quando a cozinha começa a ser tomada pelo maravilhoso aroma de chocolate quente, eu me sinto plenamente

realizado. Na mesma hora comemos até nos fartar e bebemos o leite, e Ash tinha toda a razão ao apontar que o segredo do preparo era o leite ser fresco. É incrível — uma experiência verdadeiramente sublime. Caímos na gargalhada sem motivo nenhum e a gata aparece e se roça na minha perna pela primeira vez desde que doei os filhotes. Sirvo a ela um pires de leite.

Quando os cookies esfriarem, vamos ao asilo. A caminho de lá, dou explicações sobre o progresso da vovó e o namorado da vovó.

“Não entendi, eles são ou não são casados?”

“Não oficialmente.”

“E que história é essa de ela rastejar e nadar?”

“Lembra que ela estava de cama da última vez que você foi visitá-la?”

“Ah-rã.”

“Bom, agora ela não está mais de cama. A gente não sabe se é o remédio novo ou se ela pode ter se esquecido do motivo de estar de cama. Nem eu me recordo muito bem o que foi que houve. Eu sei que a gente a botou no asilo porque ela estava acamada — não sei o que a havia deixado nessa situação.”

“Bom, então tudo bem, ela está melhorando.”

“É uma forma de descrever a situação.”

“Oi, mãe”, digo, ao entrarmos no quarto.

“É o que você pensa”, ela retruca.

“O que foi?”

“Eles estão aqui”, ela diz, com uma expressão singular de irritação, como se alienígenas há muito aguardados tivessem finalmente dado as caras.

“Estão?”, indago.

“Estão”, ela diz, resoluta. “Chegaram hoje de manhã e ainda não foram embora.”

Ela ergue o olhar para Ashley. “Você me parece menos chinesa — fez plástica?”

“Mãe, esta é a Ashley — não a Claire.”

“Quem são vocês?”

“Você é minha família”, Ashley diz, dando-lhe um beijo.

“Mãe, a Ashley é sua neta, ela é da nossa família.”

“É um prazer conhecê-la”, ela diz, apertando a mão de Ashley.

“Mãe, eu estava para te contar: quando visitei a tia Lillian, peguei as suas joias de volta.”

“A aliança de noivado com diamante?”, minha mãe indaga.

“Não, uns brincos de pérola, uma pulseira, o colar de rubi e outras coisinhas, um grampo e um colarzinho. Ela ficou contente em devolvê-los — tive a impressão de que ela queria tirar esse peso da consciência.”

“Tenho certeza disso”, diz minha mãe. “Você olhou a mão dela? Ela ainda usa a aliança de noivado que o seu pai comprou para mim?”

“Não faço ideia, mãe”, digo. “Acho que essa é uma questão que vocês deviam resolver juntas. Quando me falou para pedir as joias, você não mencionou uma aliança de noivado com diamante.”

“Eu queria ver se ela ia confessar, antes de imprimá-la contra a parede.”

Hora do almoço — no refeitório. A ajudante do andar entra para levá-la ao refeitório.

“Eu não vou”, diz ela.

“Por que não?”, inquirio.

“É um protesto”, ela diz.

“Eu não acho que vão trazer o almoço para cá”, a ajudante diz, balançando a cabeça.

“Eles traziam”, minha mãe diz.

“Isso era antes”, digo.

“Bom, também não vou perder lá grande coisa”, ela declara.

“Não tenha tanta certeza”, a ajudante diz. “É frango com macarrão.”

“Droga”, exclama minha mãe.

“O quê?”

“Eu gosto muito de frango com macarrão, tem limão e brócolis, e consigo que uma das moças da cozinha me dê umas azeitonas e alcaparras. Parece até comida de verdade.”

“Eu trouxe a sobremesa”, diz Ashley, mostrando a lata de cookies. “Feita em casa.”

“Está bem”, ela diz, “a gente vai”. E ela se levanta, e enquanto nos conduz pelo corredor percebo que está andando com certo solavanco ou puxão nos passos.

“Mãe, você está andando muito bem”, elogio.

“É que nem dançar”, ela diz. “Se você pensa na dança, você consegue andar; é igual às pessoas que sofreram derrames, que cantam para poder falar.”

“Fantástico”, digo.

“Sempre fui uma pessoa com o lado físico bem aflorado”, minha mãe diz. “Não sei se o seu pai sabia disso.”

Ao chegarmos ao andar do refeitório, ela faz sinal para um dos ajudantes como se ele fosse o maître de um restaurante chique. “Mesa para três”, ela anuncia.

“Qualquer lugar que esteja livre”, ele diz.

“Você quer chá verde gelado ou suco de germes?”, minha mãe pergunta a Ashley.

“Suco de germes?”

“Ponche de frutas”, minha mãe explica, “só que cheio de vitamina C e Metamucil”.

“Só uma água”, diz Ashley. “A água é normal?”

“Pelo que eu sei, é”, diz minha mãe, e então ela olha no fundo dos olhos de Ashley e diz: “Estou tão feliz de te ver.”

“Eu também, vovó”, diz Ashley.

“Como vai a faculdade?”

“Estou na quinta série, vovó”, corrige Ashley.

“Bom, não perca o entusiasmo”, minha mãe responde.

“Então, cadê o seu amigo?”, pergunto, sem saber direito como designá-lo.

“Como assim, cadê — ele está lá do outro lado, com a família. Era por isso que eu não queria vir para o almoço. Você não viu os olhares que eles lançaram para nós?”

“Perdi essa.”

“Você é um idiota”, ela me diz.

“Vocês dois brigaram?”, indago.

“Claro que não”, ela diz, na defensiva.

“Então, qual é o problema?”

“Os parentes dele me odeiam. Na verdade, me ignoram. Se estamos sentados lado a lado, eles só falam com ele, nunca comigo.”

“Não me parece certo”, digo.

“Você está insinuando que eu estou mentindo? É por isso que nunca te conto nada, porque você nunca acha que estou falando a verdade. Nunca devia ter me casado com você.”

“Mãe, sou eu, o Harold, não o papai.”

“Bom, então você é igualzinho ao seu pai.”

“Vovó, como era o vovô? Quando foi que ele morreu? Eu cheguei a conhecê-lo?”

“Por que é que você está tentando me distrair com essas conversinhas sobre o passado, se a única coisa que me interessa é que meu homem, meu homem vivo, é afastado de mim pelas putinhas ingratas dele?”

“Você poderia ser mais específica?”

“Aqueles ali são as filhas dele”, ela explica.

“O que você acha de eu ir até lá para quebrar o gelo?”, sugiro.

“Entre ele e eu não existe gelo. Nós já nos conhecíamos de antes.”

“Antes do quê?”, Ashley pergunta.

“Nós estudamos na mesma escola no ginásio”, minha mãe

conta. “Eu era amiga da irmã dele, uma mulher encantadora, que morreu num cruzeiro. Ela foi lançada ao mar e devorada por tubarões, e nunca descobriram quem foi.”

“O marido dela?”, sugiro.

“Ela nunca se casou”, minha mãe diz.

Enquanto os pratos são lavados, Ashley pega a lata de cookies e luta para abrir a tampa, mas a equipe do asilo nos cerca. “Você não pode abrir isso aqui — nenhuma comida de fora”, eles dizem.

“Não tem nozes nem sementes”, diz Ashley.

“Foi feito em casa, com amor”, uma das serventes diz.

“Isso mesmo”, diz Ashley.

“Não posso permitir — todo mundo aqui tem que ser tratado da mesma forma. A gente não pode deixar que as pessoas que não recebem visitas fiquem deprimidas só porque a sua mãe tem quem se importe com ela.”

“Que tal a gente dividir?”, sugere Ashley.

“Quantos cookies você tem?”, a servente indaga com ceticismo.

“Quantos pacientes vocês têm?”, retruca Ashley.

A servente verifica com outra ajudante. “O censo do almoço é de trinta e oito, e isso sem incluir o pessoal que come no quarto.”

Ashley põe a lata na mesa e começa a contar, obediente. “Tenho quarenta cookies.”

“Mandou bem, menina”, a servente diz.

Ashley vai de mesa em mesa, de pessoa em pessoa, oferecendo os cookies. Algumas não querem nenhum, outras tentam pegar dois e Ashley é obrigada a impedi-las: “Um por pessoa”, ela anuncia.

Depois de distribuídos os cookies, insisto que minha mãe dê um oi para o namorado e a família dele.

“Não”, ela diz, balançando a cabeça e fazendo careta. “Não gostam de mim.”

“Bom, eu vou me apresentar; se você gosta dele, devíamos ser educados.”

“Vou ficar aqui com a vovó”, diz Ashley, e então ela sussurra para a minha mãe: “Não deixaram ele comer um cookie.”

A família dele não é educada.

“Pensei em dar um oi”, digo, estendendo a mão. Apenas o

homem em questão estica o braço para apertá-la.

“Bom te ver, filho”, ele diz.

Entabulamos um papo furado até o momento em que uma das filhas me tira de lado.

“Não estamos contentes”, ela diz.

“Por que não?”

“Sua mãe é uma piranha de asilo. Ela o convenceu a trair nossa mãe, que cuidou dele noite e dia durante cinquenta e três anos.”

“Eu não sabia”, digo.

“Claro que você ‘não sabia’. A gente sabe quem você é... Vou repetir: a sua mãe seduziu o nosso pai. Já tínhamos ouvido falar que isso acontecia em lugares como este — pouquíssimos homens, muitas mulheres.”

“Acho que a minha mãe já conhecia seu pai de antes”, arrisco.

“Ela tentou roubar o meu pai da minha mãe”, a moça diz.

“Foi no ginásio”, minha mãe grita do outro lado do salão. “Esses aparelhos auditivos novos são ótimos. Na época eu nem achava que a relação deles era muito séria — perdão, mas estávamos no ginásio.”

“Se me permite, onde é que está a sua mãe?”

“Ela está no Mount Sinai — foi isso o que o trouxe para cá. Eles saíram para jantar, ela caiu, o derrubou — ele quebrou o quadril, ela bateu com a cabeça. Ela está em coma e nós estamos tentando tomar umas decisões.”

“Eu não sabia.”

“Faça um favor a todos nós — mantenha a puta da sua mãe longe do nosso pai.”

“Olha”, retruco, “eu não acho que xingamentos vão ser de grande ajuda nesta situação”.

“Lá vai você, cheio da ‘razão’”, diz a filha dele. “Que parte de ‘mantenha a porra da distância’ você não ouviu?”, ela berra comigo.

“Acho que agora todo mundo ouviu”, uma das ajudantes declara, fuzilando a moça com o olhar.

Peço licença e volto para minha mãe e Ashley. “Você sabia que a esposa dele ainda é viva?”

“Claro que sim”, diz minha mãe. “Eu também a conheço de antes — a gente jogava cartas. Ele vive falando dela. Tenta ligar para o hospital. Eu que disco o número para ele. Ela é um vegetal”, diz minha mãe. “A enfermeira põe o telefone no ouvido dela, ou pelo menos diz que põe, e ele fala com ela. Conta histórias do que faziam.

Ele se lembra do que eles comeram na lua de mel.” Ela dá de ombros. “E depois, quando ele desliga, ele chora, ele quer ir para casa. E essas meninas, elas são horríveis — seria de imaginar que elas o levariam para casa, cuidariam dele, levariam-no para ver a esposa. Elas são umas putinhas egoístas, mas eu não falo isso para ele, não, eu digo que elas têm a vida delas, que elas devem ser muito ocupadas.” Ela balança a cabeça. “Mas olha só você, você tira um tempo para me ver. É assim que as coisas são — se você estivesse bem, não teria tempo para a sua mãe. Você é um peso-morto, você vem, dá para contar contigo — mas você é um tédio.”

“Na verdade, ele é bem legal”, diz Ashley, saindo em minha defesa.

“Tudo bem”, digo a Ashley. “Nossa relação sempre foi complicada.”

“Vovó, a gente pode te levar para passear uma hora dessas?”, Ashley indaga. “Te levar para algum lugar?”

“Onde, por exemplo?”, minha mãe quer saber.

“Sei lá, que tal ir jantar na nossa casa?”

Ela faz que não. “Acho que não. Já estive na sua casa — a comida é horrível.”

“Bom...”, Ashley diz, sem nenhuma irritação, “ando cozinhando bastante: minha aula de Ciências é toda sobre a cozinha como laboratório”.

“Por que é que você não volta aqui para me ver, meu doce?”, diz minha mãe. Ela se levanta, joga um beijo para cada um e se dirige ao corredor.

Ashley e eu simplesmente nos encaramos. “Nossa família não é que nem as outras”, Ashley constata.

“Nenhuma delas é o que aparenta”, declaro.

Voltamos para casa em silêncio, depois levamos a cadela para um longo passeio e conversamos sobre o que preparar para o jantar.

“Estava pensando em pizza”, ela sugere.

“Tem umas pizzarias ótimas que entregam.”

Ela faz que não. “A gente mesmo prepara.”

“Com o quê?”

“Farinha, molho, queijo”, ela enumera.

“Você gosta mesmo de cozinhar”, comento.

“Acho que sim”, ela diz. “A senhorita Renee e eu fazemos o jantar quase todas as noites.”

“Você não come com as outras?”

Ela faz que não. “Preparamos o jantar e vemos tevê”, ela conta. “Depois que faço o dever de casa.”

Assinto.

“Ela disse que me ama”, diz Ashley, em tom multicamadas —

ao mesmo tempo defensivo e questionador.

“Sei.” Há uma pausa. “Posso te perguntar uma coisa? Aquelas bugingangas de Williamsburg eram para ela?”

“Eram”, ela confirma. “Por isso que tinham que ser boas.”

“Entendi”, digo. E então só voltamos a conversar depois de alimentarmos os bichos, quando estamos batendo a massa da pizza.

“Ela me beijou”, confessa Ashley, olhando-me em busca de uma reação. Faço uma cara inexpressiva recém-ensaiada. “Então eu retribuí o beijo. Foi delicado, e não sei como descrever.”

“Não precisa”, digo, e em seguida me arrependo do que disse — não quis cortá-la.

“Foi bom. Reconfortante — que nem a mamãe”, ela diz, e em seguida começa a chorar. “Ela falou que eu podia dormir na cama dela”, ela conta em meio às lágrimas. “E, sabe aquele negócio que, tipo, recomendam, não entre em carros de desconhecidos, não fique ‘amigo’ de alguém que você não conhece na vida real e tudo o mais — foi a senhorita Renee, eu a conheço há anos.”

“Ash, não foi você, você não fez nada de errado”, digo, enquanto suas lágrimas literalmente caem na massa de pizza. Ambos percebemos e a risada é inevitável. “Sal”, comento. “Dá sabor.”

“Quando eu era pequena, eu sempre espirrava na massa de panqueca”, ela diz. “Não era de propósito, mas, tipo, por acidente. Eu ajudava a mamãe a misturar e acho que entrava um pouquinho no meu nariz e eu sempre espirrava dentro da tigela.” Ela funga.

“Você sabe quem te delatou?”

Ela fica perplexa.

“Quem te dedurou?”

“Britney”, ela diz sem perder o embalo. “A Britney ficou enciumada porque ela tinha uma queda pela senhorita Renee, que eu acho que é pelo fato de que a mãe da Britney acha a senhorita Renee incrível. Bom, ela começou a bisbilhotar — ela não tem mais o que fazer, acho que o pai dela é um espião que trabalha para o governo. Então, uma noite, ela perguntou para a senhorita Renee se poderia aparecer depois do jantar, e foi o que ela fez, e eu estava lá, fazendo o dever de casa, e ela falou que precisava conversar com nós duas, e ela mostrou as provas que tinha — umas fotos e um vídeo que ela fez escondendo uma câmera no peitoril da janela da senhorita Renee. Ela propôs esquecer tudo se a gente topasse um ménage à trois — que eu nem sabia o que era e na verdade continuo sem saber. A senhorita Renee ficou pálida e disse para nós duas: ‘Isto é muito sério.’ A Britney repetiu a ideia do ménage à trois mais umas vezes, mas, como o meu francês é uma porcaria, eu só conseguia pensar na peça *The Glass Menagerie*, que eu vi na primavera passada. Ainda não sei se eu entendi direito. E, quando a senhorita Renee falou que teria de ligar para ‘as

autoridades', a Britney ficou fora de si e voltou para o quarto dela e tomou uma dose grande de algum remédio, ou uma mistura de remédios, porque ao que parece ela tem um problema esquisito e sempre que vai passar o fim de semana na casa de alguém ela rouba os remédios do banheiro de todo mundo. Ela tem até um frasco de sonífero que era do George Bush — foi o pai que roubou para ela, está escrito 'Bush, George' e depois o nome do remédio e a frequência com que ele deve tomar para dormir. Parece que um monte de gente que ela conhece sabe que ela tem esse 'hábito'; é por isso que ninguém mais a quer por perto. Acho que ela também roubou outras coisas e as meninas acabaram levando a culpa. E então ela tomou, tipo, todos os comprimidos que ela tinha e acabou desmaiando no banheiro depois de vomitar por tudo quanto era lado — e ela foi descoberta pelos gatos..."

"Que gatos?"

"Está brincando? A gente tem gatos em todas as casas por conta dos ratos que existem por lá, por conta das migalhas, por conta de a gente sempre petiscar alguma coisa no quarto à noite. É que nem naquele livro — *If You Give a Mouse a Cookie*."

"Não conheço esse livro. Então a Britney continua na escola?"

Ela faz que sim. "A mãe dela é ex-aluna e faz parte do conselho." Ela se cala. "Posso te fazer uma pergunta?"

"Claro."

"Você fez aquilo com a mamãe?"

Não digo nada.

"O Nate disse que sim."

Ainda não sei como proceder.

"Você falou que nós temos que ser honestos uns com os outros."

Confirmo com a cabeça. "É verdade que temos de ser honestos. Só que não me sinto confortável discutindo minha relação com a sua mãe."

"Não pedi para você discutir — só perguntei se fez." Ela cruza os braços sobre o peito.

"Sim", respondo, e começo a suar profusamente.

"Você amava a minha mãe?"

Faço que sim.

"Estou perguntando porque, quando a gente é criança, é muito difícil saber alguma coisa. Vai ver que eu nem sei do que estou falando. Eu me sinto muito esquisita..." Sua voz vai diminuindo.

"Você precisa se consultar com um médico, já que está em casa. Que tal a gente marcar uma consulta para você?"

"Isso está além da alçada do doutor Faustus."

"É normal ter sentimentos por outras meninas, sabia?"

“É um nojo”, ela declara, pegando-me de surpresa.

Eu me preocupo com o que virá a seguir... Imagino a srta. Renee forçando Ashley a chupá-la. Penso em como eu, pessoalmente, acho apavorante enfiar minha cabeça ali, e só me resta imaginar como será para uma criança — uma criança que só gosta de macarrão puro.

“Ela ficou lá deitada, mexendo no meu cabelo, e depois ela me beijou e me pediu para eu deitar em cima dela.”

“E você deitou?”

“Deitei”, diz Ashley, como se fosse óbvio e não tivesse que confessar com todas as letras.

“Você beijou em outro lugar além da boca?”

“Beije”, ela diz, como se, de novo, eu fosse um grande idiota.

“Onde?”

“Do braço até o cotovelo. A gente fez aquela brincadeira, só que em vez de fazer cócegas eu beijava.”

Balanço a cabeça: não faço ideia do que ela está falando.

Ashley pega meu braço e fico apavorado com a ideia de que irá beijá-lo, temendo que seja exatamente assim, trauma que gera trauma que gera trauma, que a seduzida se torne a sedutora. Afasto meu braço com um solavanco. Reação exagerada?

“O braço”, Ashley diz com firmeza.

Devolvo o braço à mesa e o estendo.

“Fecha os olhos.”

“Não me beija”, peço.

“Não vou te beijar. Por que eu iria te beijar? Seria sinistro.”

Graças a Deus.

Ela faz cócegas no meu braço com os dedos. “Me diz quando eu chegar no seu cotovelo”, ela diz. Seus dedos dançam pelo meu braço, provocando: os pelos finos se eriçam, minha pele fica arrepiada — é divertido e estranho, e em pouco tempo já não tenho noção de onde está meu cotovelo; mas após uns minutos, querendo apenas dar um fim naquilo, grito “COTOVELO” e abro os olhos.

“A gente chama isso de ‘aranha’”, ela explica. “Você nunca brincou disso com ninguém?”

“Não”, respondo.

O telefone toca, cortando o ar, me assustando. A secretária atende; a pessoa que liga espera e desliga apenas depois do bipe. Tenho certeza de que é ela, a dona A&P.

Ashley me lança um olhar desconfiado.

“Quem?”, ela inquire.

Dou de ombros.

“Acho que você tem uma amiga”, ela diz. “A pessoa para quem você vive mandando mensagem está tentando falar com você.”

“O que te leva a pensar que é a mesma pessoa?”

Ela não diz nada, depois concede: “Tudo bem você ter uma amiga — você não precisa esconder.”

“Obrigado”, digo.

Brincamos de Banco Imobiliário. O telefone toca sem parar, sem recado.

“Só para você saber: a pessoa para quem eu mando mensagem é uma amiga. A pessoa que não para de ligar eu não sei bem quem é.”

Na tarde de domingo levo Ashley de volta para a escola. Tessie nos acompanha na viagem. Ashley quer levar o filhote também, mas digo a ela que seria sofrido para a mamãe do gatinho. Eu lhe dou um relógio novo que encontrei na seção de “presentes” do armário de George e Jane. Falamos sobre ela reduzir as horas de televisão e ler mais; dou sugestões de livros que talvez possam substituir o hábito televisivo — Charles Dickens, Jane Austen, George Eliot, as Brontë.

“Tudo homem”, diz Ashley.

Faço que não. “George Eliot era mulher, bem como Austen e as irmãs Brontë.” Prometo lhe mandar alguns livros. “Eu acho que você vai gostar; são clássicos e têm muito em comum com as novelas — a bem da verdade, é deles que os roteiristas das novelas tiram as ideias.”

“Não força a barra”, ela diz.

“Olha só para Shakespeare, olha Romeu e Julieta, está tudo lá...”, digo.

Ela pega a bolsa e desce do carro, plantando um beijo nevoento na janela fechada. Buzino e aceno.

Dois dias depois, a mulher desaparecida é achada em uma caçamba de lixo.

Morta.

Eu vomito.

O locutor proclama “um fim trágico para essa história”.

Sei que não tenho nada a ver com isso, mas me sinto culpado; talvez sejam meus sentimentos a respeito da Jane, da Claire, das minhas aventuras pela internet e da mulher da A&P, que pode ser ou não a mulher morta. Pode não ser lógico, mas a intensidade com que me vejo como criminoso, apesar do grande esforço que tenho feito recentemente para me recuperar, é real. É apenas questão de tempo até que os policiais apareçam na minha porta. Horas transcorrem. Dias. Se eu não tivesse outras responsabilidades, pensaria em suicídio. Pode parecer uma reação exagerada, mas o que estou falando é que sinto culpa, vergonha e responsabilidade num grau profundo. Está claro que não tem a ver somente com a garota morta. Estou ciente do

dano a todos; é como se essa garota e Nate e Ashley não fossem de verdade, como se nada fosse de verdade — exceto a agitação — até acontecer tudo isso, até eu passar a conhecê-los. Antes disso nada me prendia. A intensidade com que agora sinto tudo, quando não é paralisante, é aterradora. De novo, vomito.

Na mesma tarde, pouco antes do anoitecer, a campainha toca. Ela está parada, impaciente, no degrau de lajota. “Achei que você estivesse morta”, digo.

“Posso entrar?”, ela pergunta.

Alterno entre a raiva e o alívio. Minha tolerância com o fato de não saber de algo, com um lapso de informação, acabou.

“Quem é você?”, indago.

Ela não diz nada.

“Sua identidade é da menina morta.”

“Eu achei”, ela explica.

“Onde?”

“Numa lixeira.”

“Você tem que ligar para a polícia.”

“Não posso.”

“Não vou dar prosseguimento a esta conversa se você não me der o seu nome e endereço verdadeiros.” Entrego-lhe um bloquinho de post-it e uma caneta, ela anota os dados e me devolve o papel: Amanda Johnson. “Vou te procurar no Google”, digo, afastando-me, deixando a porta da frente aberta.

“Você também pode usar o nome do meu pai — Cyrus ou Cy.”

“Vou usar”, declaro, berrando dos recônditos da casa. Segundo a internet, o pai dela, Cyrus, agora com setenta e tantos anos, chefe de uma grande seguradora, foi obrigado a se afastar após um escândalo corporativo.

“Ele roubou dinheiro”, ela berra uns instantes depois.

“Ao que consta”, retruco. “E você foi a dama de honra no casamento da sua irmã caçula, Samantha, e tocou flauta na recepção, ‘a outrora promissora flautista’... Você ainda toca flauta?”

“Vai se foder”, ela diz, entrando na casa e me encontrando na mesa de George. “Eu te falei que eu tocava flauta.”

“Então, como foi que você conseguiu a identidade de uma menina morta?”, questiono.

“Como já falei... eu achei.”

“Como já perguntei... onde?”

“Numa lixeira do estacionamento de uma igreja.”

“E você não falou para a polícia.”

Ela faz que não.

“Por que não?”

“Levei um tempo para juntar todas as peças, e porque eu frequento a igreja e não quero ter que parar de frequentar.”

“Você vai à igreja?”

Ela assente.

“Aos domingos?”

“Durante a semana.” Ela se cala por um instante. “Eu tenho um problema.”

“Você bebe?”

Ela nega com a cabeça.

“Drogas?”

“Não.”

“Sexo?”, pergunto, com certo sentimento de culpa.

De novo, ela faz que não.

“Então é o quê?”

Ela cai no choro.

“É tão terrível assim?”

Ela confirma com a cabeça.

“Me conta”, peço. “Sério, Amanda, pode me contar.”

“Não posso”, ela diz. “Se eu contar, você nunca vai confiar em mim.”

“Não é como se eu já confiasse”, declaro.

Ela ri e começa a chorar de novo.

“Rouba lojas? Tem transtornos alimentares?”

“Colchas”, ela solta. “Eu faço colchas, ok?”

“Todo mundo tem vontade de fazer coisas nas coxas de vez em quando. Você está querendo dizer que vive fazendo as coisas nas coxas?”

“FAÇO COLCHAS”, ela grita. “COSTURO UMAS PORCARIAS DE UMAS COLCHAS. E, se eu contar à polícia, ninguém vai acreditar em mim, e aí essa maldita história toda vai vir à tona, e vai dar uma bagunça enorme, e vou ficar mais sozinha do que já sou.”

“Você sabe quem matou a garota?”

“Não.”

“Ok, já é um bom começo.”

Ela continua chorando. “Sou mentirosa”, ela solta.

“Você sabe quem foi que matou a garota?”

Ela faz que não. “Eu minto compulsivamente, eu minto sobre tudo. É por isso que eu frequento o grupo da igreja, é um grupo de mentirosos; até nisso eu estava mentindo. Eu não faço porcária de colcha nenhuma. E, se eu contar para a polícia, todo mundo vai achar que eu estou mentindo, já que é por isso que eu vou lá. É por isso que,

outro dia, foi tão importante para mim ter te falado a verdade sobre o bolo de sete camadas — o presente que eu comprei para você e comi.”

“Calma”, digo.

“E de que adianta contar para a polícia?”, ela diz.

“É uma pista, tipo... talvez a mulher tenha sido roubada, talvez o assassino tenha deixado alguma coisa dele na mesma lixeira, talvez as digitais dele estejam na identidade que você está usando. E porque talvez estejam rastreando as coisas e cheguem até você e digam que você é a culpada.”

“Talvez seja melhor eu queimar a identidade”, ela pondera.

“Destruir provas?”, digo. “Que tal simplesmente ir à polícia e dizer: ‘Oi, pessoal, eu achei isto aqui numa lixeira e me dei conta de que é da mulher da caçamba.’”

“É meio que fascinante o que se acha no lixo”, ela diz.

“O que te levou a olhar dentro daquela caçamba?”

“Sei lá. Alguma coisa chamou a minha atenção. Eu tive um namorado que gostava de mergulhar no lixo.”

“Para que se apossar da identidade de outra pessoa?”

“Você nunca sentiu necessidade de ser outra pessoa?”, ela indaga.

Dou de ombros, negando.

“Eu estava trabalhando, tinha emprego, morava no Brooklyn, adorava minha vida. Eu namorava um cara, ele era cheio de defeitos mas tinha um corpo aconchegante; tínhamos uma gata. E então minha mãe sofreu uma queda e meu pai não podia cuidar dela; aí eu voltei para casa, e foi como me afundar em areia movediça. Tive que abrir mão do emprego, meu namorado não gostava da minha família. Vamos ser verdadeiros um com o outro, essa situação não pode se arrastar assim como está, mas daqui a pouco tudo volta ao normal, eu falei, mas eu vou voltar logo. Ele não acreditou. Ele ficou com a gata, não me deixou mais ver ou falar com ela — falava que não sou uma boa mãe.”

“E seus amigos?”

“Meu namorado não gostava da maioria dos meus amigos, então eu já tinha deixado eles para lá. Perdi meu plano de saúde, parei de tomar meu remédio e passei a tomar o da minha mãe, que é coberto pelo plano dela — mas a verdade é que não é a mesma coisa.”

“Tenho um monte de remédio”, ofereço, perguntando-me se todo mundo toma remédio hoje em dia.

Ela se cala.

“Eu ainda sinto que tem uma peça faltando... você cuida dos seus pais e finge ser outra pessoa? Amanda?”, repito o nome. “Amanda, este sempre foi o seu nome?”

“Você está de gozação comigo? Estou com a impressão de que

você está de deboche.”

“Só estou tentando entender. Quando você está cuidando dos seus pais, você é você mesma ou a outra pessoa — a identidade que você assumiu?”

“Quando estou cuidando dos meus pais, vivo no quarto onde eu cresci, com os mesmos livros e brinquedos nas prateleiras, e é como se eu ainda estivesse no ginásio, como se eu tivesse voltado da escola para casa e acontecesse de eu me deparar com eles ali, sentados no sofá da sala, mas com a possibilidade de que meu pai tenha feito xixi nas calças.”

“Eles sabem em que ano a gente está?”

“Às vezes, e às vezes isso muda ao longo do dia. ‘Você já fez o dever de casa?’, minha mãe pergunta. ‘Só uma parte’, eu respondo. ‘Acho que eu vou ter que ir à biblioteca — a mãe da fulaninha de tal vai me dar uma carona.’ Quando os levo ao médico, ela pergunta, ‘Como foi que você aprendeu a dirigir, e como é que seus pés chegam aos pedais?’”

“E o que você responde?”

“Que sou alta para a idade.” Ela faz uma pausa. “Essa é a minha vida agora”, ela conclui.

“E...?”

“Vou embora para nunca mais voltar.”

Ela diz isso e fico assustado — não a conheço de verdade e já me sinto abandonado. Pensamentos a todo vapor: e quanto a mim? Me leva com você — a gente vai para a Europa, viaja pelo mundo.

Ela repara que minha expressão mudou. “Ah, tenha dó”, diz. “Sério? Você está morando na casa do seu irmão, usando as roupas dele, e eu estou morando com os meus pais — não acredito que você acha que isto aqui é uma relação séria!”

“A gente precisa achar o cara que botou a menina na caçamba de lixo. Eu me sentiria muito melhor se essa questão fosse resolvida.”

Ela se prepara para ir embora. “Você anda assistindo a muita tevê.”

De manhã, o telefone me convoca novamente. Atendo rápido, imaginando que seja ela. “É o Harold?”, uma mulher pergunta.

“É ele.”

“Bom dia, Harold”, ela diz, “quem fala é a Lauren Spektor, diretora de celebrações aqui da sinagoga”.

“Não sabia da existência de uma diretora de celebrações.”

“É um cargo novo”, ela explica. “Já trabalhei na área de

desenvolvimento do City Opera.” Outra pausa, como se estivesse revisando o roteiro. “Estávamos repassando o nosso calendário e vimos que marcamos o bar mitzvah do Nathaniel para 3 de julho.” Outra pausa. “Queria saber em que pé estamos.”

“Boa pergunta.”

“O Nathaniel sabe hebraico? Ele anda estudando? Ninguém aqui ouviu nem um pio...”

“Na verdade”, digo, “tentei marcar um horário com o rabino um tempo atrás, mas a assistente dele exigiu uma contribuição de pelo menos quinhentos dólares e me senti incomodado”.

Há um longo silêncio. “Essa questão foi resolvida.”

“A chinesa não trabalha mais no templo?”

“Ela voltou a estudar”, declara Lauren Spektor.

“Que bom”, digo. “Espero que ela ache um emprego mais adequado.”

“Ela está estudando na *yeshivá*.”

Um instante de silêncio contemplativo passa entre nós.

“Há duas formas de lidarmos com a situação”, diz Lauren. “Posso lhe passar os contatos de organizadores de festas e dos nossos fornecedores costumeiros de bufê, flores, solidéus personalizados, ou podemos pensar num adiamento — detesto usar a palavra ‘cancelamento’.”

Algo no tom de sua voz me dá a impressão de que o templo prefere que não haja bar mitzvah no dia 3 de julho.

“O templo é zeloso com a própria imagem; com aquela questão do seu irmão e a esposa dele e também devido ao esquema de pirâmide, temos tido uma visibilidade um pouco maior do que certas pessoas da comunidade consideram confortável.”

Tomo fôlego e recomeço. “Diga-me, Lauren Spektor, ainda existe um negócio chamado Almoço da Irmandade?”

“Você está falando daquele em que há salada de ovos, atum e tomates-cereja a rodo?”

“É isso aí.”

“Acabou há muito tempo”, ela diz. “Nossa Irmandade é atualmente formada sobretudo por mulheres que trabalham e não têm tempo de cozinhar — mas nós temos vários serviços de bufê que podem oferecer algo similar.” Ela se cala. “Minha intenção não é pressioná-lo, mas quanto antes eu souber, melhor. Temos um casal gay que deseja se casar na manhã dessa data — eles querem terminar às onze para conseguir passar o fim de semana em Pines sem ter que enfrentar o trânsito.”

“É algo a se pensar”, digo, sem saber o que falar. “Como você deve imaginar, estou meio perdido quanto a quais eram os planos.”

“Imagino que a Jane tenha preparado um arquivo — todo

mundo faz isso”, declara Lauren. “Ela também fez um depósito. Em geral, ele não é reembolsável, mas estamos dispostos a negociar com você. A gente aceitaria fazer um reembolso parcial.”

“De quanto foi o depósito?”, indago.

“Dois mil e quinhentos”, ela informa. “Então, como vamos fazer?”

“Vou conversar com o Nate e ligo para você.”

“Tem sido difícil para todo mundo”, ela diz.

“Tem, sim.”

Quando toco no assunto do bar mitzvah com Nate, a voz dele falha. Era isso o que eu temia.

“Acho que não vai dar para eu fazer... fico triste só de lembrar. A mamãe vinha fazendo os preparativos.”

“Você podia fazer por ela... em homenagem a ela?”

“Não dá para imaginar todo mundo que a conheceu me encarando, pensando, sei lá como, que eu sou um sobrevivente. Não dá para imaginar eu tendo que escrever cartões de agradecimento por todos os iPods e todas as porcarias que as pessoas vão me dar e que vai fazer mais sentido para elas do que para mim, porque a verdade é que não quero mais coisas. Não imagino que qualquer ‘deus’ no qual eu acredite acharia essa atitude certa.” Ele para a fim de tomar fôlego. “Para ser sincero”, Nate prossegue, “não gostaria de fazer nada que reunisse a família toda de novo. As pessoas falam de núcleo familiar como uma família perfeita, mas não falam muito de desastres”. Ele se cala. “Você fez bar mitzvah?”

“Fiz”, respondo.

“E... a experiência foi boa?”

“Você quer saber do meu bar mitzvah?” Faço uma pausa. “Meus pais não queriam que eu me sentisse o maioral — como se ter sentimentos bons por si mesmo causasse uma doença de que a pessoa não conseguiria se recuperar —, então fiz o bar mitzvah junto com o Solomon Bernstein. A ideia me foi vendida como um bom negócio, mais barato e, já que a família Bernstein estava no topo da cadeia alimentar, os meus pais ficariam em contato com as pessoas certas.”

“No fundo, a questão toda eram seus pais?”

“Isso.” Eu me calo por um instante. “Depois da cerimônia teve o que se chamava de Almoço da Irmandade. Todas as senhoras do templo faziam salada de ovo e atum. Algumas pessoas sofreram intoxicação alimentar — por sorte, ninguém morreu. Mas criaram regras novas depois disso: toda a comida dos Almoços da Irmandade

tinham de ser preparadas no templo, e todo mundo teve de usar só maionese Hellmann's; a Miracle Whip passou a ser considerada comida góí, indigna de confiança."

"Comida góí?"

"Segundo a minha mãe — sua avó —, todas as coisas, produtos, comidas, e tudo mais, podem ser divididas em judias e não judias."

"Por exemplo?"

"A pasta de dentes Crest — judia; Colgate — não judia."

"Tom's?", pergunta Nate.

"Ateia e unitarista. A Gin é não judia, assim como Belvedere, Ketel One e todas as bebidas artesanais, tirando a Manischewitz, que é judia. Em qualquer casa judaica você acha uma garrafa de bebida cor de mel que ninguém se lembra mais se é uísque ou bourbon, raramente são duas garrafas — nunca são três. Licor de menta em cima do sorvete de baunilha é coisa de judeu assimilado. Mahjong e besigue são judaicos."

"Voltando ao bar mitzvah...", diz Nate.

"Tinha duas mesas para os presentes, uma com o meu nome e outra com o do Solomon, e durante a festa eu ia lá e olhava de quem era a maior pilha, qual parecia melhor."

"E?"

"Era difícil saber — por causa de alguém que me deu uma enciclopédia e havia embrulhado cada volume separado. A única coisa de que gostei mesmo foi de um binóculo que era para o Solomon, mas acabou indo parar nos meus presentes."

"Como foi que você descobriu que era para o Solomon?"

"O cartão: 'Para Solly, com o carinho da titia Estelle e do tio Ruven.' Minha mãe queria que eu devolvesse para o Solomon, mas eu me neguei. Peguei o binóculo e o escondi do lado de fora, debaixo de casa."

"É irracional esperar que um rito de passagem seja bom ou seja essencialmente positivo?", Nate indaga. "O que você me diz de perder a virgindade?"

"Olha, Nate, eu sou bem mais velho que você. Eu não quero que você se decepcione."

"Então você fala logo tudo na lata?", ele questiona. "Faz eu me sentir tão infeliz quanto você?"

"Não", digo, com veemência, e depois paro. "Só quero te proteger."

"Do quê?"

"Da vida?", sugiro.

"Tarde demais", ele diz. "Você devolveu o binóculo para o Solomon?"

“Um dia, na escola, eu entreguei a história toda para ele. ‘Fica com ele’, ele falou, ‘eu já tenho binóculo’.” Faço uma pausa. “Acho que nunca contei essa história para ninguém.”

“Nem para a Claire?”

“Não.”

Há um instante de silêncio. “Por que você e a Claire não tiveram filhos?”, Nate indaga.

“A Claire tinha medo de ser fria demais como mãe; ela achava que não tinha a capacidade de amar de verdade e que a criança iria sofrer.”

“E?”

“Eu concordei.”

Há um longo silêncio. “Eu tinha o hábito de rezar”, Nate declara. “Toda noite eu fazia uma prece para me garantir; sempre acreditei que existia uma coisa maior — uma ideia maior. Não sei muito bem o que eu acho agora; a minha relação com a fé mudou.”

“Então... é impressão minha ou você está desistindo do bar mitzvah?”

“Achava que a intenção hoje era só termos uma conversa.”

“Tem razão. A gente não precisa resolver isso hoje.”

Após eu ter descoberto seu disfarce, a Amanda da A&P desaparece.

Não só por querer lhe pregar uma peça, mas também porque realmente estou curioso, vem-me à cabeça a ideia de não esperar que ela me procure, e sim ir atrás dela. Junto as caixas de comida chinesa esvaziadas pela metade da geladeira, ponho todas dentro do saco de papel pardo em que vieram dias atrás — recibo ainda grudado — e o fecho com o grampeador. Usando um jaleco branco e velho do Nate como camisa de garçom, vou de carro à casa dela, de estilo Tudor sofisticado, e toco a campainha.

“O que é que você está fazendo aqui?”, ela pergunta ao abrir a porta.

“Tenho meio pedido para você”, digo, com um sotaque chinês fajuto enquanto lhe mostro o saco de papel. Dando uma olhadela no interior da casa bem atrás dela, não vejo nada além de um tapete oriental puído, um cabideiro para casacos e chapéus, um corrimão grosso de madeira escura e a escada — acarpetada. Imagino que a sala de estar fique à esquerda, à direita a sala de visitas ou de jantar, e seguindo reto, debaixo da escada, haja um lavabo e depois a cozinha, voltada para os fundos da casa — quiçá com uma mesa para o café da manhã.

“Você trouxe sobras de comida chinesa?”

“Tem muita”, declaro. “Arroz frito, carne de porco moo-shu.”

Ela me devolve o saco quando a mãe aparece atrás dela: magra, com uma barriga de bola de basquete esticando o elástico da calça verde-clara; antes altiva, agora com a postura substancialmente afetada pela idade; o cabelo grisalho fofo muito bem fixado em bobes justos em torno da cabeça, à la George Washington.

“A gente faz doações à Fundação Protetora dos Rins regularmente”, a mãe diz. “Meu marido não aprova pedidos de porta em porta, mas que tal um bocadinho do meu dinheiro para as agulhas — aceita dinheiro?” Ela abre uma carteirinha e pega cinco dólares, que faz menção de me entregar.

“Mãe, ele veio entregar comida”, explica Amanda, puxando o braço da mãe para trás. “E ele errou de endereço. Espero que da próxima vez você dê mais sorte”, ela diz, fechando a porta na minha cara.

Por puro tédio, faço outra tentativa. Na minha cabeça, é divertido e demonstra minha determinação — quero algo mais, uma conclusão melhor. Vou de carro ao 7-Eleven e compro um galão de leite e um suco de laranja e estaciono no meio-fio da casa dela. Depois de cortar caminho pelo gramado orvalhado a pé, subo o degrau da entrada e toco a campainha duas vezes. DING-DONG, DING-DONG.

A mãe abre a porta.

“Acho que me lembro de você”, ela diz, e de repente fico nervoso por ter sido descoberto — o disfarce não adiantou nada. “Você vinha aqui anos atrás; o leite era de garrafa.”

“Não sou quem a senhora está pensando”, declaro.

“Devia ser o seu pai, então”, ela pondera. É uma senhora pequenina, brincalhona e muito cativante. Tira o leite de mim com braços que surpreendem pela força. “Reserva meio galão para mim na semana que vem, e umas daquelas roscas cobertas de açúcar, se tiver.” Ela olha alguma coisa atrás de mim. “Os açafrões estão brotando”, diz, e ao virar para ver percebo que pisei em vários deles. “Daqui a pouco são os narcisos.”

“Esse cara aí é parente nosso?”, ouço o pai perguntar.

“Nenhum parentesco com você”, a mãe afirma, fechando a porta.

Amanda me telefona naquela tarde. “Está bom então, senhor Curioso, você quer vir jantar?”

“Acho que os seus pais gostaram de mim”, comento.

“Eles te confundiram com um leiteiro que precisa de transplante de coração. Minha mãe falou que te deu cinquenta mangos.”

“Ela me deu cinco.”

“Bem-vindo ao meu mundo. Ela se gabou para o meu pai dizendo que foi cinquenta. ‘Um cara qualquer bate na porta e você dá cinquenta dólares para ele?’ ‘Só para os bonitões’, minha mãe respondeu.”

“A que horas é o jantar?”

“Venha às cinco e meia.”

“Posso levar alguma coisa?”

“Drogas?”, ela sugere.

“Que tipo?”

“Escolhe.”

Levo uma das melhores garrafas de vinho do George. “Vocês crianças podem beber o suco de uva, mas eu vou beber o de sempre, se não se importarem”, o pai dela diz, preparando um drinque e murmurando que em breve terão de despedir a faxineira, porque estava claro que ela andava consumindo todas as bebidas e enchendo as garrafas de água para encobrir seu rastro.

A decoração inteira é fria — chita, lona e bull terriers de Staffordshire no console da lareira, um relógio que soa a cada quinze minutos. Sinceramente, não tinha me dado conta de que as pessoas viviam assim: bem não judeu, bem homem que veste a camisa da empresa e se orgulha disso, uma otomana e um sofá, tudo mais que formal e quase doloroso, com paninhos de crochê embaixo das luminárias. Amanda serve um prato de aperitivos, biscoitos salgados salpicados de Cheez Whiz, azeitonas verdes picadas com pimentão vermelho no meio.

A mesa é posta com louça, cristal e prata, uma tigelinha de sopa em cada um dos lugares. “Creme de champignon”, anuncia Amanda. Ponho mãos à obra e depois percebo que ninguém está comendo. A mãe pôs a colher na tigela e o pai parece interessado apenas no drinque e nos biscoitos que sobraram. De início, penso que se trata da prece — estão esperando que alguém faça uma prece —, mas depois me dou conta de que é assim que as coisas são.

Amanda me olha. Faço menção de ajudá-la a tirar a mesa e ela faz que não. Ela limpa a mesa e volta com pratos de jantar — servindo primeiro o pai e eu, depois a mãe e ela. Quatro empanados de peixe para o pai e para mim, e dois para Amanda e para a mãe; seis batatas Tater Tots para os homens, quatro para as mulheres; três brotos de aspargo para cada; e meio tomate assado.

“É muito”, a mãe diz, “nunca que eu vou conseguir comer tudo isso”.

“Coma o que conseguir”, o pai responde.

“O peixe está gostoso”, a mãe comenta.

“É Mrs. Paul’s”, Amanda balbucia para mim, enquanto dá uma mordida no empanado. Mais tarde, ela me conta que os cardápios da

família se baseiam no que o refeitório de sua escola fundamental servia — peixe empanado, espaguete com almôndegas, sopa de tomate com queijo-quente, biscoitos de canela. “Sabe-se lá por quê, minha mãe guardou todos os cardápios mimeografados — ela diz que é o livro de receitas dela.”

“O que tem de sobremesa?”, a mãe pergunta, assim que o peixe é servido.

“Bolo com chantilly e amora”, diz Amanda.

A amora incita o pai a falar de comer morango com chantilly em Wimbledon. “Na época em que ainda se jogava tênis com raquete.”

Ninguém se pronuncia; suponho que se refira a raquetes de madeira.

“Deixa eu te contar um pouco do que eu faço”, diz o pai, debruçando-se na mesa. “Eu sou o cara que decide quanto vale a sua vida se você morrer agora. Eu avalio quem você era, o que você poderia ter se tornado e até que ponto sua família depende de você — uma responsabilidade grande. Todo mundo se acha mais especial do que é. Às vezes eu simplesmente escolho uma pessoa e penso: por quanto a gente resolveria essa vida?”

“Por exemplo?”, indago.

“William F. Buckley”, responde o pai.

“Ele já morreu”, Amanda anuncia.

“Quando?”

“Tem uns anos.”

“Que pena — ele era valioso. Madre Teresa, então”, ele sugere.

“Também morreu”, diz Amanda.

“Quanto o senhor pagaria por ela?”, inquirio.

“Nada. Ela não tinha família, não tinha deveres e não tinha renda: não vale nada. Interessante, não é?”, ele diz com entusiasmo. “Quer ketchup ou molho rosé? Às vezes eu gosto de dar uma apimentada.”

Amanda vai à cozinha e volta com temperos.

“Pode deixar que eu vou te dar uma boa gorjeta”, o pai diz, e não dá para saber se está brincando ou não.

“Café ou chá?”, Amanda oferece.

“Não aguento mais nem uma garfada”, a mãe afirma. O tomate está pela metade, dois aspargos, meio empanado de peixe e duas batatas.

“Minha filha me contou que você gosta de estudos sociais. Já leu o relatório da Comissão Warren?”, o pai pergunta.

Faço que sim.

“Não dá para largar. Estou no segundo exemplar — o primeiro caiu na banheira. Eu não consigo parar de ler. Não sei por quê, não sei o que eu estou procurando. Parece um suspense da Agatha Christie. É

segredo, mas um colega do meu ramo jurava que o que matou o Jack Kennedy foi a cinta dele.”

“Perdão?”

“Olha o filme, dá para ver que depois do primeiro tiro o Kennedy cai mas se levanta; é porque ele estava usando uma cinta para as costas, que sustentou ele de pé. O segundo tiro o atinge bem no miolo”, ele diz, batucando a lateral da cabeça. E em seguida, como se falasse de si mesmo, pergunta: “Quantos tiros foram?”

“Três?”

“Então — você acha que foi conspiração?”

Antes que eu possa responder, ele continua: “Ele foi tomado pela arrogância; estava levando moças para o quarto durante jantares oficiais, deixando a esposa sozinha na mesa. Eu bem que gostaria de ter metade da dor nas costas que ele tinha — se é que você me entende. Estou te falando: ele teve mulheres demais e um mafioso de Miami que teve um menino muito parecido com o Kennedy quis se vingar.”

“Interessante, nunca tinha ouvido essa”, comento.

“Tsc-tsc”, ele solta, como se eu fosse um idiota.

“Pai”, diz Amanda, “o Harry não tem muito interesse pelo Kennedy, o negócio dele é o Nixon”.

Amanda tira a mesa; levanto-me e a ajudo. Na cozinha, esfrego-me nela enquanto ela lava os pratos.

“Não”, ela diz. “De jeito nenhum.”

“Por quê?”

“Não na casa dos meus pais.”

“Você nunca deu uns amassos aqui? Nunca brincou de verdade ou consequência no quarto dos brinquedos?”

“O nosso é um porão inacabado”, retruca, lançando-me um olhar desafiador.

Quando voltamos, a mãe está sentada com um livro na sala de estar e o pai saiu de cena. A mãe levanta os olhos e pergunta: “Você se lembra de que eu chamava você e sua irmã de Salamanda? Junção de Samantha com Amanda. Eu adorava. ‘Anda, Salamanda, hora de sair da água.’”

“Eu também adorava”, diz Amanda, seu rosto num raro instante de brandura. “Você sabe cadê o papai?”

“Não faço ideia.”

“Já volto”, Amanda diz, indo procurar o pai.

“O Nixon gostava de pôr ketchup no queijo cottage”, digo à mãe numa tentativa de entabular uma conversa. “Em geral, o café da manhã dele era queijo cottage com ketchup ou pimenta-do-reino, fruta fresca, germem de trigo e uma xícara de café.”

“Aposto que esse não era o café da manhã que a mãe fazia

quando ele era criança”, ela diz. “A mãe do Cyrus sempre fazia ovo frito na manteiga e torrada seca. Levei anos para fazer esse café direitinho.”

“Onde estava o papai?”, a mãe pergunta quando Amanda volta.

“Ele foi para a cama. Disse que achava que a noite já tinha terminado.”

“E era noite de jogos”, a mãe resmunga. “A gente ia brincar de Scrabble; seu pai é ótimo estrategista.”

Chego em casa às sete e meia; o céu ainda está claro. O ar está dominado pela promessa da primavera; a cada dia a luz permanece um pouco mais. As plantas começam a vicejar com novos brotos. Ouço grilos, cachorros latindo ao longe.

A tia do Ricardo me espera na varanda da entrada de casa. “Está tudo bem?”, pergunto. Ela faz que não.

“Meu marido tem ciúmes do tempo que passo com o Ricardo”, ela diz. “Quem sabe o Ricardo não vem morar um tempo aqui. Eu faria tudo que nem eu faço agora — faria a comida e a faxina e lavaria as roupas dele — mas ele podia ficar aqui com você.”

“Ele tem que ir à escola”, observo.

“A escola dele não fica tão longe assim, o ônibus pode buscá-lo.”

“O que o Ricardo acha?”

“Faça-me o favor...”, ela diz. “Você matou minha irmã e me deixou com um menino que dá muito trabalho. Você tem dinheiro; você pode ajudá-lo. Eu amo muito a minha irmã, mas não estou preparada para isso. Por que é que a vida de todo mundo tem que ser destruída? Faça-me o favor, você me parece um sujeito relaxado.”

Um sujeito relaxado — seria no bom ou no mau sentido?

“Você não pode simplesmente me dar o Ricardo”, digo.

“Por que não?”

“Não sou aprovado pelo Estado.”

“Mas ele é cidadão americano”, ela retruca. “Ele nasceu aqui.”

Em vez de tentar explicar o sistema do serviço social, digo: “Vou ver o que dá para fazer. Por enquanto, eu fico com ele neste fim de semana. Ele pode vir dormir aqui.”

“Ele era o filhinho querido da mamãe”, ela diz, e cai no choro.

“Não chora, não chora, por favor”, peço, quase chorando junto. Ela funga até parar. “Que motivos você tem para chorar? Você é um cara branco e grande com uma casa grande”, ela diz.

Do nada, recebo um cartão do George. A imagem da frente é de um hotel de Miami; o cartão em si está velho, como se estivesse correndo o mundo no fundo de uma mala há anos.

Este lugar é exatamente como eu imaginava. De noite, em volta da fogueira, os outros caras me ensinam a abrir fechaduras, e na aula de artesanato estou aprendendo a fazer sapatos de cimento com grama e esterco. Não se esqueça de podar minhas plantas.

Sem endereço de remetente, o cartão me faz perceber que não tenho nenhuma informação de contato do George — nenhum endereço, nenhum telefone para casos de emergência. Dou um telefonema para o escritório do diretor do Lodge.

“Bom dia e obrigado por telefonar para The Lodge, o novo centro de conferências para executivos no coração das Adirondacks.”

Explico que estou tentando falar com o diretor clínico.

“Um minuto, por favor.”

Minha ligação é transferida.

“Recursos Humanos — está procurando emprego?”

“Não”, resmungo, e então repito a história. “O diretor clínico falou que ficaria até agosto. E alguém sabe onde está o meu irmão, George?”

A chefe do RH aparece na linha. “Às vezes as coisas mudam mais rápido do que o esperado — um misto de compra da empresa e férias, e agendamos uma grande conferência para o final de julho —, mas não fui eu que te contei isso. Veremos se alguém consegue acessar essa informação e retornaremos a ligação.”

Ligo para o advogado do George, Rutkowsky, que, surpreendentemente, atende no primeiro toque. “Você sabe cadê o George?”

“Sabe que, agora que você perguntou”, diz o advogado, “não tenho nem ideia. Espera aí”. Ele faz barulho como se mexesse em arquivos. “Ao que consta, ainda estamos aguardando a documentação; talvez ele tenha se perdido no sistema.”

“Você tem o endereço? Algum jeito de mandar carta ou remessas? O aniversário dele está chegando.”

“Tenho um cartão do Walter Penny e nele tem um endereço. Com certeza, se você colocar alguma coisa no correio endereçada aos cuidados do George, ela vai chegar até ele.”

Anoto o endereço que ele me dá. “Quando eu liguei para o

Lodge, falaram que o diretor clínico saiu. Ele não é parente seu?”

“Nós rompemos relações”, Rutkowski responde. “Não estamos falando com ele no momento. E, para falar a verdade, eu vou representar a minha irmã em uma causa contra ele; portanto, por motivo de conflito de interesses, vou passar o arquivo do George para o Ordy, outro advogado da empresa.”

Estou no shopping com Cheryl; vamos de loja em loja. Fizemos avanços. Não estamos mais nos encontrando em motéis baratos nos quais, quando ela, temendo percevejos, retira a coberta velha de chenile, põe uma camada de sacos verdes de lona da Hefty e as cobre com um lençol branco velho, para fornecermos como motoristas embriagados, deslizando de um lado para outro. Em vez disso, andamos sem rumo, totalmente vestidos, num paraíso tropical fajuto com teto de claraboia.

“A gente está aqui para fazer exercício ou para procurar alguma coisa específica?”

“Um sofá e uma frigideira de teflon”, ela diz, dando peso igual aos dois itens.

Dessa vez, seu cabelo está preso em tranças loiras e curtas — algo que uma menina de oito anos usaria. Sinto um pouco de vergonha por ela, mas não me pronuncio.

“Você ainda está saindo com ela?”, Cheryl indaga.

“Ao que parece. Mas me sinto mal mantendo duas relações que envolvem sexo ao mesmo tempo.”

“Por quê?”

“É confuso.”

“Em que sentido? Quer dizer, a outra você meio que come por pena, não é?”, ela inquire.

“Não sei bem. O que é comer por pena?”

“Você se sente mal por ela — é por isso que você a come.”

“Eu não me sinto mal por ela”, afirmo.

“Você gosta dela?”, ela pergunta. “Ela sabe que eu existo?”

“Acho que sabe”, concedo.

“Você falou para ela?”

“Ela não liga. Não quer nada de mim — envolvimento zero. Ela simplesmente me quer quando ela me quer. Fala que não é nada pessoal, é só seu jeito de ser.”

No meio do shopping há um quiosque relativo a pessoas desaparecidas em forma de caixa de leite. O quiosque está repleto de pôsteres de Heather Ryan, informações do Abrigo para Bebês Porto

Seguro e uma Zona de Relaxamento. Um aviso permanente diz: “Está grávida? Para receber assistência anônima, pegue o telefone.” Há um aparelho laranja de prontidão.

“Isso sempre existiu?”, indago.

“Sempre”, ela diz, sem olhar.

Ao sair de uma das lojas, vejo Don DeLillo. Nossos olhares se cruzam; ele me olha como se perguntasse: O que é que você está olhando?

“Eu te vejo em tudo quanto é canto.”

“Eu moro aqui”, ele justifica.

“Desculpe-me, sou seu fã.” Ele faz um gesto com a cabeça, mas se cala. “Ei, posso te fazer uma pergunta?” Ele não diz que sim nem que não. “Você acha que o Nixon sabia do assassinato do JFK?” DeLillo me olha com um macabro sorrisinho de cobra. “Pergunta interessante”, ele diz, antes de se afastar.

“Você devia largar dela”, Cheryl diz, após perder todo o diálogo anterior. “Simplifique as coisas.”

Mudo de assunto. “A gente está procurando alguma coisa específica?”

“Eu já te falei, um sofá e uma frigideira de teflon. Ah, vou te falar o que eu quero. A gente vai à Macy’s, eu escolho uma lingerie e aí você entra na área dos provadores e pergunta: ‘Em qual você está?’ e...”

“E o quê?”

“Você entra e começa a me pegar — de joelhos, com a sua língua — enquanto eu olho pelos três espelhos, e quem sabe não gravo um videozinho com o telefone. Seria só a sua cabeça, filmada por trás, então ninguém te reconheceria.”

“Está claro que você pensou bastante nisso.”

Ela dá de ombros.

“A gente vai preso.”

“Pelo quê?”

Meu celular toca — Amanda. De início, não atendo, mas quando ele toca de novo Cheryl insiste para que eu atenda. “Não seja rude por minha causa”, ela diz.

“Alô?”

“Pegaram o cara — o assassino da Heather Ryan. Foi o cara para o qual os pais dela tinham vendido a cama de solteira dela — online. Ao que parece, ela tinha costurado o diário dentro do colchão. O cara o encontrou, ficou obcecado e andava perseguindo a garota. O namorado dela, aquele com quem ela tinha acabado de romper, chegou a conhecer o cara. O sujeito disse a ele que agora ele era o namorado dela e falou um monte de coisas íntimas dela que ele sabia por conta do diário. E quando o ex-namorado confrontou a Heather e

ela se negou a assumir que estava saindo com outra pessoa, o namorado falou: ‘Ele sabe tudo de você, ele sabe mais do que eu. E eu já te vi com ele, atravessando o campus. Ele está sempre do seu lado e quando eu me aproximo ele se afasta...’ Bom, Heather e Adam romperam e então o maluco passou uma cantada, e digamos apenas que não deu certo...” A voz dela está tão alta, seu tom é tão peculiar, que embora não esteja no viva-voz, todas as palavras vazam.

“Uau”, exclamo. “Bom, obrigado pelo telefonema.”

“Uau? É só isso que você tem a dizer? Você é muito esquisito.”

Olho para Cheryl, que nitidamente escuta a conversa inteira. “Bom, eu sinto um grande alívio e estou louco para saber de mais detalhes. Não é que eu não acredite em você, mas quero verificar outras fontes.”

“Dane-se”, ela retruca, desligando.

“Bom, que alívio gigantesco”, comenta Cheryl. “Agora eu me sinto bem melhor.”

“Por quê?”, indago.

“Porque não foi você”, ela diz, com um sorriso forçado.

“Você achava que era?”

“Não, você achava que era.”

“O que te levou a pensar isso?”, pergunto, estranhamente exposto.

Cheryl revira os olhos. “É isso o que eu amo nos homens: são transparentes”, ela declara. “E, aliás, você está namorando ela de verdade”, Cheryl acrescenta. “Ela pode até achar que não e você pode até achar que não, mas eu tenho certeza.”

“Você ainda quer ir à Macy’s?”, indago.

Ela faz que não. “Depois a gente marca.”

Como presente de aniversário, compro um iPad para o George e encho o aparelho de fotos das crianças e de músicas antes de enviá-lo, junto com um carregador solar, para o endereço do cartão de Walter Penny.

“Feliz aniversário, meu irmão.”

Faço matrícula em um curso de espanhol na Casa Española da região. Os outros alunos da sala são um gerente de McDonald’s, um cara que administra uma empresa de paisagismo e uma mulher que “fez bom casamento” e quer se comunicar melhor com “a criadagem”.

A enfermeira da escola de Ashley liga para dizer: “O senhor não tem com o que se preocupar, mas... Ashley está com uma infecção na pele. Nós já conversamos com o doutor Faustus e queremos a sua autorização para darmos uma série de antibióticos a ela.”

“Claro”, digo. “Preciso fazer mais alguma coisa?”

“Por enquanto não”, a enfermeira diz, enigmática.

Quando Ashley e eu conversamos, não pergunto sobre a infecção; falamos de *Romeu e Julieta* e de seu estudo continuado sobre novelas.

“Está indo bem”, ela diz. “Assisto de uma às três da tarde e tomo notas. Estou fazendo um artigo sobre a narrativa da novela como teatro moderno, encenado na praça pública — a praça da tevê é que nem teatro.”

“Me parece bastante sofisticado”, elogio.

“É”, ela diz. “A questão é: eles formatam os trabalhos de acordo com os interesses de cada aluno, sabe, tipo, se você realmente tem interesse por um assunto, você pode ir muito longe. Assim, isso é, tipo, do nível da oitava série.”

Perto do fim da nossa conversa, ela diz, “Bom, tem uma carta que você vai receber pelos correios; só para você saber da história verdadeira, é melhor eu te contar umas coisinhas.” Ela faz uma pausa. “Não se trata de um ‘clube’ de tatuagem... nós éramos três meninas e fizemos tatuagens caseiras umas nas outras — não foi nada de mais. Mas aí outra turma de meninas foi à cidade no fim de semana e elas fizeram tatuagens de verdade. Então a Georgia, do meu grupo, resolveu que a nossa devia ser feita de propósito e ter tudo a ver com escarificação. Ela procurou tradições antigas de escarificação e nós três fizemos um ritual e esfregamos terra com adubo composto nas feridas, e foi assim que eu peguei a infecção. Não foi ideia minha, de jeito nenhum. Em todo caso, os pais que descobriram os ‘clubes’ piraram, e é por isso que estão mandando uma carta que diz, tipo, nada de tatuagens novas tanto para estudantes como para o quadro de funcionários e blá-blá-blá.”

“A sua tatuagem era de quê?”, pergunto.

“Um unicórnio”, ela diz, como se fosse óbvio.

Passo a noite grudado na televisão. A história de Amanda sobre o assassino de Heather Ryan confere. Os pais da garota identificaram o cara que havia comprado a cama e o diário dela foi encontrado no carro do suspeito, junto com mechas do cabelo de Heather.

Fingindo ser um bibliotecário dando prosseguimento à reserva que ela teria feito de um livro, telefono para Amanda. A mãe atende. “Boa noite, estou ligando da mesa de circulação aqui da biblioteca. A

Amanda está?”

“Um minutinho, por favor.”

“Quem é?”, ouço Amanda perguntar em segundo plano.

“Seu marido”, a mãe responde, entregando-lhe o aparelho.

“Alô?”, ela atende, confusa.

“Qual foi o cardápio do jantar de hoje?”

“Fugi à regra”, ela declara. “Servi a quarta-feira na terça-feira, só para ver se eles reparariam. Frango desfiado e macarrão com queijo. Nem um pio, mas, quando eles se sentaram, meu pai disse: ‘Queremos confirmar se o biscoito de canela está incluso na refeição.’ Eu respondi ‘É claro’, apesar de ter planejado servir pão de ló. Sou flexível.”

“Tive uma ideia. A gente monta uma barraca no quintal dos seus pais e faz uma festa do pijama.”

“Para os meus pais?”

“Para nós — a gente poderia dormir juntos numa barraca.”

“Eu nunca dormi ao ar livre”, ela diz.

“Eu também não.”

“Sempre tive medo”, ela explica.

“Até no seu quintal?”

“Minha irmã e eu começávamos cheias de coragem, com lanternas e potes de maionese cheios de vaga-lumes. Mas, assim que ficava tudo escuro, assim que as luzes das outras casas começavam a se apagar, eu entrava em pânico e a gente voltava correndo para dentro de casa.”

“Se a gente montar uma barraca, eles veem que a gente está lá fora?”

“Não, não”, ela diz. “Eles nunca olham para fora.”

“Sexta-feira?”, sugiro.

“Vou pensar”, ela diz.

“Está combinado”, declaro. Desligo, empolgado.

Desencavo a barraca, o colchão inflável e a bomba que funciona com bateria, sacos de dormir, pilhas para as lanternas. Encho uma bolsa de lona gigantesca com inseticida, travesseiros, uma babá eletrônica antiga, que filma em preto e branco, para podermos ficar de olho nos pais dela.

Jantamos com eles. Subo a escada de mansinho, instalo a babá eletrônica e depois lhes desejo boa-noite e vou embora. Acho que estou sendo muito esperto e ardiloso, saindo pela porta da frente e indo de fininho até a dos fundos.

Aceno para Amanda quando ela está na cozinha; por uma fração de segundo tenho um lampejo de melancolia — suas luvas amarelas me fazem lembrar Jane, aquele dia de Ação de Graças.

Amanda lava a louça e faz com que os pais se acomodem para

dormir enquanto dou a volta no quintal, decorando-o com um fio de luzes natalinas que achei no porão do George. É como voltar a ser criança. Decoro e penso em Amanda: será que um dia a conhecerei de fato? É como se fosse uma pessoa dentro de casa e outra totalmente diferente fora dela — uma personalidade para lugares abertos e outra para lugares fechados.

Ela sai mais ou menos às nove e meia, oferecendo-se para mim. Fica parada à minha frente sob o feixe da lanterna, tirando as roupas, e então, em pânico, imaginando escutar algo que não vemos pelo aparelho, ela veste tudo de novo e entra para verificar os pais.

Numa inversão das crianças que são olhadas pelos pais, Amanda não para de pensar que tem algo errado, que está acontecendo alguma coisa, e vai lá dentro a cada dez ou quinze minutos, temerosa de que caiam e quebrem o quadril; de que haja um acúmulo de monóxido de carbono; um vazamento de gás que faça a casa explodir; que acordem assustados com a escuridão; que queiram um copo d'água, um gole de uísque, um drinque para fechar a noite.

Apesar da minha ideia de que seria excitante, é bem menos erótico do que eu esperava. O colchão inflável é esponjoso, o chão está frio e duro. Por volta das onze e meia, quando estamos nos agarrando e nos soltando com êxito limitado de ambos os lados, vemos o pai dela saindo do quarto pela imagem granulosa do monitor preto e branco. Segundos depois, o vemos entrar no quarto da mãe, puxar a coberta da adormecida, levantar a camisola dela e montá-la.

“Parece que ele a está machucando”, Amanda diz, chocada.

“Difícil saber”, digo.

No monitorzinho, parece que a mãe está tentando afastá-lo durante o sono. Ela o afugenta como se fosse um incômodo de grande dimensão, um mosquito enorme, e ele a segura, forçando o corpo contra o dela.

Amanda fita a telinha; dá para ver o instrumento dele se projetando para fora da calça do pijama. “O meu pai está estuprando a minha mãe?”

“Talvez esteja”, digo. “De manhã a gente vê como eles estão.”

“Não dá para acreditar que você fique tão despreocupado assim”, ela diz.

“Eu não estou despreocupado, só não sei o que fazer diante dessa situação. Entrar em casa e criar uma distração? Você quer confrontá-los no ato? Talvez seja assim que eles transem, que sempre transaram. Não se esqueça: você está espionando; eles podem até ser idosos, mas têm seus direitos, e pelo menos um deles ainda tem alguma espécie de desejo.”

Ela se zanga comigo.

“Se você está sempre preocupada e sobrecarregada, por que

não põe os dois num asilo?”, indago.

“Por que você não vai para o inferno?”, ela retruca com rispidez, desligando o monitor. Depois rola para longe de mim e finge dormir.

Vou ao escritório três vezes por semana. Tenho meu próprio crachá para entrar e sair; dá acesso ao prédio, ao escritório e ao banheiro masculino. Ganhei uma saleta pequena com janela estreita — Ching Lang fica sentada em um cubículo anexo. Volta e meia peço que ela vá à minha área de trabalho e leia os contos em voz alta: ela está exercitando o inglês. É curioso ouvir as palavras de Nixon com um sotaque chinês carregado.

Nove dos contos estão praticamente em sua forma finalizada. Eu os reviso, puxo o fio da narrativa, aparo as inutilidades digressivas. Para um cara não muito dado a conversa fiada, Nixon era quase prolixo na ficção.

“Qual é a melhor forma de eu entrar em contato com a senhora Eisenhower?”, pergunto a Wanda. “Tem um conto que eu gostaria que ela pensasse em mandar para umas revistas.”

“Eu aviso a ela”, diz Wanda. “Quais revistas?”

“*The New Yorker*, *The Atlantic*, *Harper's*, *Vanity Fair*. Ora bolas, a gente podia tentar até a *Paris Review*.”

“Que tal a *McSweeney's*? Ou a *One Story*?”, Wanda indaga. “Gostam de se arriscar.”

“Está bem, vamos ampliar o escopo, manda para todo mundo”, digo, sem querer que ela perceba que não faço ideia do que ela está falando.

“Minha habilitação foi em escrita criativa”, explica Wanda, retirando-se com jeito. “A senhora E. está na linha”, ela diz uma hora depois, ao tocar o telefone da minha sala, que nunca havia tocado. “Aperta a luz que fica piscando para aceitar a ligação.”

“Muito obrigado.” Após um minuto de papo furado, faço minha proposta: “No final das contas, vai ser mais fácil lançar uma coletânea se alguns forem publicados antes. Tem um que está pronto para ser lançado, mas fiquei me perguntando: sob qual nome?”

“Como assim?”, ela diz com agressividade, como se imaginasse que talvez quisesse lançá-lo com o meu nome.

“Richard Nixon? R. M. Nixon? R. Nixon? Depende da ‘exposição’ que você quer, da vontade de deixar claro ou não.”

“Interessante”, ela diz. “Vou discutir o assunto com a minha família e te informo. Você poderia me mandar o conto?”

“Claro; você quer só a cópia enxuta ou todas as revisões?”

“As duas, se não for incômodo”, ela diz.

“Li o conto”, a sra. Eisenhower diz em tom moderado na segunda-feira seguinte. “A versão original tinha mil cento e setenta palavras e a sua tem menos de oitocentas.”

“Isso”, digo. “Trabalhei muito em cima dele, transformei num conto curto, o que o pessoal gosta de chamar de miniconto.”

“Você cortou muito”, ela diz.

“A questão não devia ser a quantidade de palavras, mas sim o impacto. Esse conto tem um vocabulário limitado, e eu não sabia até que ponto os leitores prosseguiriam com a leitura até chegar ao clímax da história.”

“Boqueteiro”, ela diz.

“É, é esse o clímax da história.”

Ela faz uma pausa. “Meu pai não era dado a piadas espontâneas, mas, quando ele soltava uma, era digno de nota. Ele gostava de martelar canções no piano e minha mãe ficava maluca. A gente tinha ataques de risos. Ainda tenho as cartas que ele me escrevia quando eu era pequena — bem formais, cheias de bons conselhos. Ele queria que as coisas corressem bem, mas volta e meia ele se sentia isolado. O que quer que ele tenha buscado, teve de encontrar o próprio caminho. Uma vida que cobra seu preço, mais da minha mãe do que dele”, ela declara, ruminando em voz alta. E então, de repente, ela para. “Então está bom”, ela conclui, “pode mandar, vamos de Richard M. Nixon”.

“Obrigado”, digo, e desligo o telefone.

Rascunho uma carta de apresentação:

Prezado sr. Treisman,

O senhor encontrará um conto ficcional de grande relevância histórica neste anexo que lhe envio. Nos últimos meses, tive o prazer e a responsabilidade de trazer à tona a ficção completa do ilustre R. M. Nixon. E, embora se saiba de longa data que Nixon fazia anotações abundantes sobre todos os tipos de coisas, apenas durante uma recente realocação de materiais uma série específica de caixas de seu arquivo

foi explorada a fundo. O senhor será o primeiro a ler esse conto, pois não imagino lugar melhor para ele do que nas páginas da *New Yorker*. Aguardo ansiosamente uma resposta do senhor.

Desde já grato,
Harold Silver

Meu telefone volta a tocar. “Não estou pronta para vir a público”, ela anuncia. “Eu quero que você continue a fazer seu trabalho, e a gente volta a conversar quando a coletânea estiver pronta.”

“Está bem”, respondo. E com isso ela acaba de estourar meu balão.

Ricardo vem passar a semana comigo. Eu o levo à escola de carro; o ônibus o traz para casa. As regras da casa: nada de televisão durante a semana, nada de video game, nada de açúcar.

“E de que parte disso é para eu gostar?”, ele indaga.

“A parte de eu me importar com você.”

Nos finais de tarde nós brincamos, fazemos o dever de casa e passeamos com a cachorra. Verifico sua ortografia, sua habilidade matemática, certifico-me de que ele tomou banho, tomou os remédios. Preparo seu almoço e ponho um lanche na mochila para o trajeto de ônibus. No final da semana, já seria capaz de jurar que Ricardo está se saindo melhor. Não tenho certeza se é verdade ou se fui eu que me acostumei com ele.

Ligo para o Departamento de Assistência Social para ver em que pé anda a aprovação para eu ser pai adotivo. “Seus documentos estão no sistema; é só o que podemos te dizer”, a mulher informa. “O senhor já pegou suas referências, seus antecedentes criminais, a carta do banco e a avaliação psiquiátrica?”

“Eu estava esperando vocês me informarem qual seria o próximo passo.”

“Nunca espere a gente, siga em frente que um dia a gente alcança o senhor.”

“Então está bem; você tem um psiquiatra para recomendar? Alguém ‘do sistema’?”

“Não faço ideia. Sou nova aqui, trabalhava no Departamento de Veículos Motorizados. Espera aí, vou perguntar.”

Fico aguardando pelo que me parece uma eternidade.

“Como não achei ninguém que soubesse, olhei algumas fichas de família aprovadas; vou te passar o nome de alguns profissionais que elas procuraram.”

Anoto todos, procuro cada um no Google e ligo para o que tem o consultório mais próximo.

O primo Jason telefona para contar que recebeu um e-mail de George. “Não te parece estranho? Eu achava que ele estava na cadeia.”

Não digo que dei ao meu irmão um iPad de presente de aniversário.

“Ele ficou meu amigo no Facebook e mandou uma mensagem: ‘Sempre soube que você era gay, desculpe se te constrangi naquele jantar em família.’ Fiquei me perguntando se ele não estaria num programa de doze passos e era a vez de pedir perdão. Eu não levaria a sério, mas ele foi muito específico. Agradei. Ontem ele escreveu para dizer que todos os meus amigos do Facebook eram bem másculos e bonitões e que ele apostava que eu estava ‘me dando bem’. Não sabia o que dizer, então não respondi. Hoje eu recebi outra, perguntando se eu conheço alguém na ‘terra santa’ com conta bancária.”

“Qual era o e-mail?”

“woodsman224@aol.com”, Jason responde.

Anoto no papel.

“Fiquei me perguntando se ele não estaria num culto ou em alguma outra atividade bizarra, ou se o e-mail dele não teria sido invadido. Já aconteceu comigo, e todos os meus amigos receberam um e-mail dizendo que eu tinha sido roubado em Londres e que eles deviam me mandar dinheiro — custou alguns milhares de dólares para os meus amigos.”

“Vou dar uma olhada nisso”, declaro. “E você, como vai?”

“Estou bem.”

“E a sua mãe?”

“Bem, na medida do possível.”

“Jason, você não quer jantar comigo uma hora dessas?”

“Na cidade?”

“É”, digo, “seria uma boa”.

“Não precisa ser nada, tipo, longo?”, ele diz.

“Claro que não”, respondo.

“Um lanche rápido em algum canto”, ele continua.

“Um lanche rápido”, ecoo.

“Não quero ser rude, mas é algum assunto específico?”, Jason indaga. “Quer dizer, tem uma pauta ou algum assunto qualquer sobre

o qual você queira conversar?”

“Não, não tem nada”, digo.

“Ótimo”, ele diz, “a gente pode ir uma hora dessas; não agora, mas uma hora dessas”.

“Está bem”, digo, “me avise quando der”.

Desligo me perguntando: será que mando um e-mail para o George? Ou acho uma forma de contatar o AOL e descubro se a conta é realmente do George? Não sei se quero “estar em contato”, ser encontrado com tanta facilidade. Traço círculos em volta do endereço até ele parecer uma folha de espirógrafo. Prendo-o à parede ao lado da geladeira, só por precaução.

Sara Singer, a diretora da escola de Ashley, liga de novo. “Não vou fazer rodeios”, ela declara. “Tenho a impressão de que não é mais vantajoso para a Ashley continuar aqui.”

“Você a está expulsando?”

“Nós a estamos protegendo.”

“Do que, da sua equipe?”

“E das outras alunas. A situação está ficando feia. A Ashley merece um ambiente mais acolhedor.”

“Não vamos misturar as coisas. Você está dando um viés patológico a uma criança que está enfrentando a morte da mãe, a ruína da família, uma menina que serviu de presa para a professora — uma figura com papel de autoridade, que deveria lhe servir de apoio, de exemplo moral?”

“Ela foi confiscada pelas gays e as fanchas.”

“Não sabia que existiam gangues dentro da escola.”

“Não são gangues — são tribos. Ela foi acolhida pelas alunas gays e as que estão confusas com o gênero. Sinceramente, acho que este ambiente não é bom para ela. E gerou certo rebuliço, tipo um ‘quem sente mais pena dela’, como aquela experiência em que as crianças passam uma semana carregando um ovo e têm que cuidar dele como se fosse um bebê... Nesse caso, as várias tribos estão guerreando para ver quem deve cuidar da Ashley. E, como você deve imaginar, o corpo docente teve que adotar a medida de não se meter.”

“Sem querer fazer trocadilho”, murmuro.

“É hora de pensar em procurar alternativas. Quanto antes ela for embora, melhor — para dar às outras alunas a chance de ver a situação de outro modo.”

“Quando é que você quer que ela saia da escola?”

“Quanto antes, melhor”, ela declara. “Sei que falta pouco para

o ano letivo terminar, mas a tampa está para estourar. Estou preparada para lhe oferecer um reembolso integral da mensalidade, além do depósito do ano que vem, que dá um total de setenta e cinco mil dólares; também podemos fornecer a ela uma carta de recomendação de peso e sugerir um estágio, em vez da última parte do ano letivo. Ela pode continuar explorando o interesse que tem pelas novelas. Conheço uma pessoa recomendada para providenciar isso. A Ashley mencionou que quer trabalhar na ABC de Nova York, mas uma colega da faculdade com quem dividi apartamento dirige um teatro de marionetes em Scarsdale chamado Alvorço Pop: Teatro de Marionetes. É um teatro pequeno, comunitário, e eu acho que seria um bom lugar para ela. A Ashley poderia escrever um trabalho final relatando a experiência dela, combinando seu interesse em teatro, titeragem e a narrativa das novelas.”

“Parece ambicioso para uma menina de onze anos”, digo. “O que é que a Ashley acha?”

“Ela está no quarto dela, arrumando as malas. As fanchas estão ajudando com as coisas pesadas.”

“Bom, acho que por setenta e cinco mil não vai dar”, anuncio.

“Como assim, ‘não vai dar’?”

“Levando em consideração não só os danos à vida acadêmica dela, mas também o desenvolvimento emocional, a quebra de confiança...”

“Posso ir até cento e cinquenta”, ela diz, me interrompendo.

“A conversa começa em duzentos e cinquenta”, afirmo.

“Preciso falar com o conselho.”

“A Ashley só sai daí com um cheque visado na mão”, digo.

“Posso ligar daqui a pouco?”

“Por favor”, retruco, e desligo, satisfeito comigo mesmo por ter sido firme ao defender os interesses da Ashley.

Uma hora depois, Sara Singer liga e diz: “Teremos o cheque amanhã, até o meio-dia — vou ficar com a Ashley esta noite.”

“Vai fazê-la de refém?”

“É para a segurança dela”, ela declara. “E queremos que você e a Ashley assinem um contrato de sigilo.”

“Eu assino”, digo. “Ela não pode, é menor de idade.”

Antes que possa fechar um acordo tão substancial do ponto de vista financeiro, sinto-me no dever de contatar Hiram P. Moody. Explico a situação da melhor maneira possível, a ponto de declarar que me sinto confortável com o acordo. Acho que fiz um bom trabalho.

“Eles vão simplesmente te dar duzentos e cinquenta mil dólares?”, ele questiona, com um ar jubiloso de incredulidade.

“Ao que parece”, digo.

“Sob qual condição?”

“De que eu concorde em assinar um contrato de sigilo a respeito do incidente.”

“Suponho que isso queira dizer que você não vai dar queixa.”

“Não quero fazer a menina passar por mais nada.”

“Você sabe o que foi que aconteceu de fato? Digo, se eles estão dispostos a chegar a duzentos e cinquenta, é impossível a gente não se perguntar se não tem alguma coisa que estão escondendo de você — tipo, a mulher tinha uma doença venérea?”

“Se existe alguma informação que estão escondendo de propósito, então o buraco é mais embaixo, mas a impressão que eu tenho é de que estão constrangidos e preocupados com a reputação deles. Quando eu receber o cheque, mando para você. Preciso que me fale o que faz sentido em termos de impostos, se é uma boa abrir um fundo fiduciário... qual seria a melhor forma de lidar com isso.”

“Claro”, ele diz. “E me perdoe. Não quis ofender quando falei em doença venérea.”

“Não ofendeu”, declaro, embora o comentário tenha sido muito estranho. Desligo e respiro.

Quando chego para pegar a Ashley, ela está com os dois braços cobertos de gaze. “Efeito dramático?”

Ela faz que não. “Pus”, explica.

“Foi ideia sua enfaixar?”

“Até parece”, ela diz.

Sara Singer se despede de Ashley com um abraço, como se tudo estivesse em seu devido lugar. Enquanto se abraçam, a srta.

Singer me entrega um envelope branco e fino.

“O que é isso?”, Ashley pergunta.

“Informações sobre o estágio”, Sara Singer declara, sem pestanejar.

Passa-me pela cabeça que Ashley não sabe que foi expulsa da escola, e simplesmente acredita que ganhou uma espécie de prêmio — o privilégio de ir embora mais cedo e trabalhar em um teatro de marionetes. Alguns amigos correm pela quadra e lhe dão abraços chorosos de despedida.

“Manda e-mail.” “Manda mensagem.” “Escreve um diário.” “Cata souvenir para vender no eBay.”

“Ashley, você tem que parar com isso”, digo, com o carro carregado de coisas, quando estamos a caminho de casa. “A gente tem que te colocar nos trilhos de novo — casos de lesbianismo, marcas de guerreiros tribais. Você está meio fora de si.”

“É um internato, você esperava o quê?”

“A gente devia ir ao médico. Quem sabe você não precisa tomar um remédio?”

“Estou tomando antibiótico.”

“Estou falando de outro tipo. Vai ver que os acontecimentos dos últimos meses foram demais para você processar sem um amparozinho farmacêutico.”

“Eu estou bem. Fiquei meio pirada desde o ‘acidente’, que é como todo mundo o chama, já que ninguém sabe o que falar. Mas fora isso, fora o fato de que a minha vida estava seguindo um curso perfeitamente normal e depois o meu pai matou a minha mãe e a senhorita Renee me deixou hipersensível; e agora eu estou com esse troço vazando no meu braço, e um vazamento no quadril sobre o qual só você e as meninas sabem; fora tudo isso, não me sinto mal nem nada.”

Desvio às pressas para não bater em uma enorme marmota que obstrui a pista. “Claro”, digo, “era exatamente o ponto aonde eu queria chegar. É coisa demais para você aguentar sozinha e existem remédios que às vezes podem ajudar a gente a se sentir melhor. Você tem muito potencial e um medicamento poderia facilitar a sua vida”.

“A questão é ser inteligente? Todo mundo sempre disse que eu sou burra.”

“Você não é burra. Quem foi que disse que você é burra?”

“Papai”, ela diz. E faz-se um longo silêncio. “Não quero ficar viciada em remédio”, ela declara.

“Eu também não quero que você fique viciada em remédio”, retruco.

“Não é assim que começa? Só tenho onze anos”, ela argumenta. “Ainda está muito cedo.”

Passamos um tempo quietos.

“Mas eu quero pôr um piercing de orelhas”, ela diz. “A mamãe falou que eu podia. Posso?”

“Não.”

“Por favor?”

“Talvez.”

“Neste fim de semana?”

“Veremos. Não sei se devo recompensar um comportamento desses.”

Ela passa os três dias seguintes insistindo: posso, posso, posso? E no fim de semana eu a levo à loja de presentes do shopping; é um misto do que chamávamos de tabacaria — que vende papéis de seda, narguilés e camisetas do Jimi Hendrix — e loja da Hallmark, mas com uma seção de novidades eróticas. A moça que nos espera é furada de cima a baixo, no nariz, na sobrancelha, no lábio e na língua. É difícil entender o que diz: sua fala soa irregular e meio engolida.

Enquanto esperamos que ela ache a arma de furar orelhas, sussurro para Ashley: “Está vendo o que te aguarda se você fizer toda essa autodecoração? Quando você crescer, pode conseguir emprego num shopping.”

Ashley me olha como se dissesse, não entendi.

“Imagino que dificulte na hora de fazer outras coisas, tipo entrar na faculdade ou conseguir um emprego de verdade, a não ser que a sua carta de apresentação seja sobre abraçar sua cultura tribal e fazer uma clitoridectomia.”

“Uma o quê?”

“Deixa para lá.”

Walter Penny telefona. “Que diabos”, ele reclama, em tom desagradável.

“Quem está falando?”, indago.

“Penny”, ele diz. “Walter Penny. Camarada, você se meteu numa encrenca das grandes. Vou enfiar um troço no seu cu, mas enfiar tanto, que você vai ficar com a impressão de que fez uma cirurgia na cavidade nasal.”

“Acho que você ligou para o número errado.”

“Por que diabos eu ligaria para o número errado?”, ele berra.

“Este maldito telefonema é para gritar com você — seu idiota academicamente debilitado.”

“Qual lhe parece ser o problema?”

“Tráfico internacional de armas.”

“Não faço ideia do que você está falando.”

“É claro que você não faz ideia, eu não esperava que você fizesse alguma ideia. Vou direto ao ponto: você mandou ou não mandou um iPad para o seu irmão?”

“Mande, como presente de aniversário. Achei que seria legal mandar fotos das crianças, ou para ele consultar um mapa caso se perdesse na floresta, ou para ver filmes nas noites frias do inverno. É difícil saber o que dar a um cara que nem o George.”

“Você forneceu a ferramenta para o comércio ilegal numa escala internacional. A gente poderia te jogar no xadrez e jogar a chave fora.”

“Essa não foi de modo algum a minha intenção”, declaro.

“Abra o seu e-mail, eu te mandei uma coisa.”

Vou à mesa e, como ordenado, abro o e-mail: é uma série de fotos aéreas em infravermelho de George com o iPad em mãos. Outro cara olha por cima do ombro de George.

“É o seu irmão?”

“Parece bastante. Quem é o outro cara?”

“O israelense negociante de armas”, esclarece Walter Penny.

“Como foi que ele entrou em cena?”

“Ele é um dos nossos internos de New Jersey.”

“Mas você falou que esse programa era só para figuras barrapessadas, não para os típicos colarinhos-brancos...”

“Para de choramingar. O cara era revendedor de carros usados, um judeu mafioso de Jersey, e abandonou a família pelo exército israelense. Quando ele voltou, a esposa já estava com outro homem; ele matou o cara à queima-roupa na mesa de jantar, na frente de todo mundo. Claro que a gente não queria pôr um soldado israelense em uma das nossas instituições normais. Que merda você tem na cabeça para pensar que pode mandar ‘presentes’ para o seu irmão?”

“Achei que não tivesse nada de mais em mandar um presente de aniversário.”

“Você abriu um portal para o mundo livre, seu imbecil. Os caras estão no Amazon Prime e todos os dias chega coisa para eles — comida, roupa, pornografia.” Ele para de gritar e dá uma longa mas fraca respirada para tomar ar. “Por onde começar?”, diz Walter. “Agora o incidente se converteu em assunto federal, de responsabilidade do Serviço Secreto, do Tesouro Americano, do FBI e da CIA — foi essa a proporção que tomou. Dá para imaginar quantos olhos não estão voltados para o meu programinha piloto, pelo qual dei

tanto duro, aquele com o logotipo de madeira, aquele com o amarelo, verde, vermelho, preto — impressão em quatro tons?! Dá para imaginar a que velocidade não vão fechar as minhas portas? Você me decepcionou, Silver. Quando a gente se conheceu, pensei que você tivesse boas ideias, certa noção de justiça. Você se apresentou como um pensador e no fundo você não passa de um idiota como outro qualquer.”

“O que é que eu posso fazer para consertar isso?”, indago.

“A gente vai bolar um plano”, diz Walter.

“As compras dele devem estar em débito automático; posso cortar. Eu ficaria contente em tomar essa atitude agora, enquanto estamos ao telefone.”

“Não faça nada — a gente não quer levantar suspeitas. Eu vou entrar em contato com os outros e depois te retorno. Mas por enquanto, se você mexer um dedo sem aprovação, você vai para a cadeia. Ah, e pensa em alguma coisa que o George gostaria de ter, alguma coisa que ele não consiga na Amazon.”

Walter me liga de novo uns dias depois. “Andei conversando com as agências associadas: o Tesouro, o FBI, o Serviço Secreto, a Guarda Nacional. Vamos te usar como isca e atrair o israelense.”

“Estou à sua disposição”, declaro.

“Aposto que está. Mande um e-mail para o endereço do George que você conseguiu através do Jason.”

“Você sabe do Jason?”

“Ele é um bom menino”, diz Walter.

“Ele está envolvido nisso?”

“Estamos usando vários ativos.”

“Você entrou no meu e-mail?”

“Primeira parada da excursão”, diz Walter. “Diz para o George que você vai lá na sexta-feira à noite para que ele assine uns documentos.”

“Mas na sexta eu tenho um compromisso — o Ricardo vai passar o fim de semana aqui”, explico.

Walter Penny nem dá bola para o que eu falo. “Diz para o George que você pode encontrá-lo em qualquer horário entre as seis horas de sexta e seis horas de sábado.”

Faço o que ele manda; George responde que pode ser a qualquer hora antes de o sol se pôr na sexta ou depois de o sol se pôr no sábado. Ligo para Walter.

“Droga”, diz Walter, “isso confirma a minha suspeita. Seu irmão está praticando o judaísmo. Ele e o Lenny estão guardando o *shabat*; é isso o que a gente os vê fazendo nas noites de sexta. Os agentes federais não estavam entendendo — falaram que eles acendem umas ‘labaredas’ e depois ficam sentados, parados — como

se estivessem esperando alguma coisa. Os agentes federais não conseguiam decifrar”.

“Um revendedor de carros usados de Jersey deixou o George obcecado por religião?”

“Coisas estranhas acontecem quando homens são deixados à própria sorte.” Ouço um telefone tocar em segundo plano. “São os figurões — não faz mais nada até eu entrar em contato.”

Enquanto isso, outra mensagem do George surge na minha caixa de entrada: “Quando vier, traga as minhas cuecas sambacanças de seda — cômoda do segundo andar à esquerda. E alguns utensílios de cozinha — panelas, frigideiras, uma espátula e uma concha — e talvez os castiçais antigos da mamãe, não os de prata — vidro?”

Um tempinho depois, o telefone toca. “Então, qual é o seu presente especial, o que você poderia levar que ele não conseguiria na Amazon?”

“Os cookies com gotas de chocolate da tia Lillian”, respondo, sem lhe dizer que: 1. não estou de posse de seus cookies de verdade e 2. não tenho a receita para tentar fazer igual.

“É que nem a fronteira: seu irmão e esse tal de Lenny estão gerenciando um empório lá. Os bandidos matam patos para trazer a eles e ganham em troca barras de Hershey’s. Eles usaram as caixas da Amazon para montar uma espécie de fortaleza dentro da fortaleza, um ponto que neste momento nossa câmera não consegue penetrar — a gente está achando que é feita de lodo de rio.”

“Esterco”, afirmo. “Grama e esterco.”

“Bosta?”, Penny questiona.

“Isso.”

Os cookies da tia Lillian. Adoto como missão secreta replicar os cookies e a lata. Vou à CVS, compro uma lata de Danish Butter Cookies, volto para casa, brinco de chute a lata enquanto passeio com Tessie, coloco-a na lava-louça, jogo-a na secadora de roupas no programa quente com um bando de toalhas, basicamente faço-a atravessar o inferno, com o plano de atingir rapidamente a espécie de pátina que em geral viria com o tempo. Compro gotas de chocolate meio amargas, nozes partidas, açúcar mascavo, açúcar refinado, baunilha, manteiga, farinha, sal, bicarbonato de sódio, e me lembro da importantíssima colher de água quente sobre a qual Ashley me falou. Pouco depois, estou tirando do forno discos de hóquei perfeitos, iguais em termos de tamanho, cor e irregularidade aos famosos da Lillian.

Deixo-os do lado de fora para secar ao natural. A cada dia, restam menos cookies — não digo nada aos suspeitos do crime de casa, exceto que estou contando e sei exatamente quantos tenho, e faço a oferta especial de dois por um na fornada “defeituosa”, que na verdade é bem melhor.

E então, quando já sei de todos os detalhes, ligo para a tia do Ricardo e lhe digo que preciso trabalhar até tarde na cidade. Pergunto se ela poderia vir para olhar as crianças.

“Claro”, ela diz.

E então a loucura verdadeira começa. Mais tarde, questionarei se essa parte de fato aconteceu ou se eu sonhei.

Sou conduzido a um endereço a várias horas de casa. Em seguida, quando chego lá, sou levado por um carro sem placa a uma pista de decolagem deserta, iluminada como uma locação de cinema. Estacionados na pista de terra, há um aviãozinho particular e dois helicópteros militares. No momento em que chego, o céu está descendo com o lusco-fusco para se transformar no negrume insípido da noite sem estrelas. No gramado ao lado há vários carros pretos sem placa, quatro caras de jaqueta de náilon do Tesouro Americano, uma dezena ou mais de homens da Guarda Nacional totalmente paramentados, homens do Serviço Secreto tentando manter a sobriedade com camisetas polo e calças cáqui, uns sujeitos não identificados, supostamente do FBI ou da CIA, e Walter Penny com uma prancheta e um apito num cordão em volta do pescoço, parecendo um treinador se preparando para uma partida importante. O campo é iluminado por holofotes gigantescos; tem até uma caminhonete prateada, acolchoada de petiscos, servindo café quente e rosquinhas.

Pego um envelope grande cheio de documentos para George assinar, cartas de autorização da escola, formulários de banco, fichas médicas para a colônia de verão das crianças, liberação de documentos relativos à hipoteca etc.

“São de verdade?”, Walter indaga.

“A maioria é”, respondo. “Então, qual é o plano?”, questiono.

“A gente precisa do iPad e do israelense. Fora isso, quanto menos você souber, melhor.”

Reparo que tem uns caras mexendo no meu carro: a capota e o porta-malas estão abertos.

“Vou te mandar lá para dentro com noventa quilos de halvah”, diz Walter Penny, com certa dificuldade para pronunciar “halvah”. Ele

fala como se tivesse treinado na frente do espelho.

Desencadeia um flashback imediato — insensibilidade cultural. “E lá vamos nós outra vez. Será que vocês não aprendem nunca?”

“Do que é que vocês estão falando?”, Penny interpela.

“Irã-Contras”, digo. “Oliver North, Robert McFarlane e armas em troca de reféns. Mandaram uma Bíblia autografada pelo Ronald Reagan e um bolo de chocolate em forma de chave — assado por um israelense, ainda por cima.”

“Continuo sem saber do que você está falando”, diz Penny.

“Você pode até não saber, mas eu sei”, declaro. “Qual é o propósito da halvah?”

“Imaginei que cativaria essa figura; também é rico em gordura, então é bom para esses caras. E não é nada que o banco de alimentos do governo possa distribuir facilmente, com todas aquelas regras sobre nozes e sementes. Não podem usá-las em almoços escolares, hospitais, nas Associações de Veteranos, nem nos asilos. Eu imaginava que os pássaros nativos também iriam gostar. E, se os caras gostarem, a gente pode arrumar mais: ao que parece, nós temos toneladas — literalmente.”

“Em que momento desta ‘missão’ eu devo dizer ‘Ah, e eu tenho noventa quilos de doces do Oriente Médio, isto é, de comida judaica, no porta-malas, caso você queira’?”

“Vai sentindo o terreno”, um dos homens sem identificação instrui.

“E por que são tantos órgãos envolvidos?”

“As transações foram internacionais, com dinheiro de várias fontes, e envolvia o que podemos considerar informações supersecretas que pareciam ser de fácil acesso ao seu irmão e ao israelense”, Walter explica.

“Vocês acham que ele é um espião? Um agente duplo?”

“Eu acho que está na hora de você fechar o bico e fazer seu trabalho”, o homem sem identificação retruca. “Uma dica: quando você estiver com o seu irmão e o outro cara, faça questão de manter certa distância entre você e qualquer um deles — para você não virar uma baixa accidental. Nossos soldados estão armados, as balas são projéteis experimentais. Estamos testando um produto feito de glicerina, com uma espécie de flecha perfurante, algo a que poderemos acrescentar um agente extra se quisermos.”

“Agente?”

“Tipo um agente com ação sobre o sistema nervoso, ou um agente biológico, ou um pouco de sonífero. Nada com que você deva se preocupar...”

Walter Penny retoma a liderança: “No começo desta semana, jogamos uma baliza que está mandando um sinal; é até lá que você

tem que dirigir. Botamos um GPS no seu carro que vai te levar até lá. E estamos usando a mesma baliza para os assistentes operacionais.”

Eu devo ter demonstrado minha confusão.

“Os soldados”, ele diz. “Seu carro já foi grampeado, agora ele já foi explorado por dentro e por fora. Não fale com a gente nem estabeleça contato durante o trajeto de ida ou volta. São quatro quilômetros de distância, você desce uma estrada batida, na verdade é mais uma trilha do que uma estrada.”

De repente, as coisas acontecem rápido. Sou conduzido de volta ao meu carro, orientado a seguir.

A estrada é mais que escura, é como entrar em um túnel do qual toda a esperança foi eliminada. Os faróis do carro parecem emoldurar as coisas apenas meio segundo antes de eu avançar sobre elas. Vou dirigindo às cegas rumo à luz intermitente; algumas vezes sou forçado a sair da trilha por causa de árvores caídas e tenho de circundá-las.

Quando chego ao local, o GPS se apaga sem que eu nem sequer o desligue. Ligo e desligo os faróis algumas vezes antes de saltar do carro.

Ouçó farfalhos em meio aos arbustos. George aparece sob a luz dos faróis, muito elegante numa espécie de traje domingueiro com acabamento precário.

“Oi, George, como você está?”

Ele faz menção de me abraçar, o que me parece atípico. “Você está me abraçando ou me revistando?” George não responde. “Que bom que você recebeu o presente de aniversário.”

“Recepção péssima”, diz George. “Se o céu estiver nublado, fico sem nada.”

“Que tal o Netflix?”

“Lento, muito lento.”

“Posso ver o iPad? Nunca vi um pessoalmente.” Ele abre o zíper da jaqueta e o pega. O iPad brilha. “É um objeto muito lindo mesmo, não é?” Mexo nos vários aplicativos.

“Como é que eu vejo as fotos?”, indago.

George mexe em algo e as fotos das crianças se abrem, intercaladas por imagens de armas e outras parafernalias militares.

“O que é que é isso?”

“Só coisas”, ele declara. “Lembra que a gente brincava de exército e *Hogan's Heroes* e tudo o mais?”

“É”, digo.

“Voltei a me interessar por isso — não tenho muito o que fazer aqui.”

“Que divertido”, digo. Toco em sua caixa de e-mails — uma mensagem em hebraico salta na tela. “Difícil de ler sem os óculos”,

declarar, fingindo não perceber que está em outra língua. Até ver as fotos dos lançadores de mísseis com letras em árabe, e os e-mails de Israel, eu não acreditava em Walter Penny — imaginei que fosse uma brincadeira maluca dele. Mas agora faz sentido. George sempre gostou de ser o mandachuva, de participar de trambiques, e brincar de guerra era sua predileção na infância.

“É uma lentidão do caralho”, George reclama, arrebatando o iPad da minha mão e o sacudindo como se fosse uma Tela Mágica.

“Com certeza vai ter um mais rápido em breve”, digo, pegando o envelope de documentos que preciso que ele assine. “Desculpe te incomodar com essas coisas; não consegui entrar em contato com o seu advogado.”

“Eu também não”, diz George. “Ele não responde aos meus e-mails.”

“Você quer que eu dê uma sondada para arrumar outro?”

“Quem sabe”, diz George, usando a capota do carro como apoio para escrever e rabiscando sua assinatura em um documento após o outro.

Começo a relaxar.

“Você trouxe minhas cuecas?”, ele pergunta.

“Trouxe.”

“Ótimo”, ele diz. “As que eles dão para a gente são uma porcaria. São Jockey feitas para o governo, esfolam em torno da perna — aí você fica com assadura e não pode correr. Além de serem apertadas pra caramba. Saco grande”, ele diz.

“É... volta e meia você faz esse comentário sobre si.”

“E as panelas e frigideiras?”, ele questiona, ainda assinando.

“Estão aí. Você tem cozinhado muito?”

“Não estou exatamente na área em que a Domino’s Pizza entrega em trinta minutos.”

“O que é que você faz?”

“Molho de queijo e molho de amendoim; a gente tem muita farinha, manteiga, queijo, pasta de amendoim e massa — não tem muito açúcar —, a gente precisa de mais açúcar. Você tem?”

Tiro uns saquinhos de Splenda dos bolsos. “Se você pedisse, eu teria trazido...”

Ele me interrompe, como se quisesse abreviar a conversa. “Castiçais?”

“Foram estes os que eu achei”, digo, entregando-os a ele. “Eram da Jane.”

Ele pega os castiçais como se fosse a parte mais importante daquilo tudo. “Fósforo?”

Abro a porta de carona do carro e reviro o porta-luvas; coisas caem.

“Me dá os sinalizadores”, diz George, “posso precisar deles”.

“Isto aqui não é uma porra de gostosura ou travessura”, resmungo enquanto lhe entrego os sinalizadores e o restante dos petiscos que preparei para o trajeto. George pega uma Coca pela metade do porta-copo e a toma de um gole só.

“Incrível”, ele comenta. “O sabor... é um néctar dos deuses. Queria que botassem uma máquina de Coca-Cola neste lugar.”

“Eu trouxe um presente para você”, anuncio, pegando a lata de cookies. George fica ao mesmo tempo empolgado e preocupado.

“É a lata da tia Lillian?”

Confirmo com entusiasmo.

“O que foi que aconteceu... ela morreu?”

“É um empréstimo; ela está bem”, digo com um pânico repentino. Não tinha pensado nessa parte — por que motivo eu estaria com a lata da Lillian. Sabia que os cookies dela seriam uma boa isca.

Abro a lata com orgulho, depois de duplicar as velhas circunferências enrugadas dificilmente reproduzíveis, de papel encerado, os cookies um pouco pálidos, mas repletos de nódulos de gotas de chocolate e lascas de nozes.

“Quantos?”, George pergunta, encarando-me com expectativa, como uma criança, sem se dar conta de que, se quisesse, a lata inteira seria dele.

“Dois?”, sugiro.

“Para cada um?”, ele indaga.

Dou de ombros, imaginando que queira os dois dele e também os meus dois.

“São kosher?”, George questiona. Sou pego de surpresa.

“Não sei se a Lillian só come kosher”, declaro, realmente perplexo.

“Eu acho que sim”, George diz, querendo que seja verdade.

Seu amigo Lenny sai de trás de uma árvore logo atrás de mim e me mata de susto. “Então é você que é o idiota?”

“Esse é o Lenny”, diz George. “Ele faz parte do programa.”

Estendo a lata. “Quer um cookie?”, ofereço.

E em seguida estão em cima de nós. Como uma porra de um Homem-Aranha — caem do céu. A lata de cookies voa da minha mão. Há homens por todos os lados, as lentes infravermelhas se acendem com luzinhas vermelhas piscantes iguais a olhos de insetos. Há fumaça e confusão. Alguma coisa me pica na bunda e me põe de joelhos. Meus olhos ardem, estou com a cara na terra. Há comoção ao meu redor e depois silêncio. Vejo o que parecem ser manchas indistintas de brancura sugadas para o alto e percebo que são as cuecas de seda do George voando com a corrente de ar do helicóptero. Tenho uma turva visão de George bem à minha frente, deitado e com a cabeça

sangrando.

Aconteceu muito rápido — acabou.

O israelense está morto.

Rastejo até o carro e chego ao banco da frente. “Você me cegou, porra, você me cegou”, urro, esfregando os olhos.

“Você vai melhorar, aguenta firme”, a voz descarnada de Walter Penny me diz. “E para de esfregar os olhos, você só está piorando a situação.”

“Aguentar firme por quanto tempo?”

“Algumas horas, talvez até de manhã.”

“Com esses mortos?”

“Eles não estão mortos, estão dormindo.”

“Você não pode simplesmente me largar aqui. E se ele acordar com raiva, e se tiver mais um que vocês não perceberam, e se alguém quiser o carro? Sou um cidadão, tenho meus direitos.”

Ouçõ várias pessoas conversando em segundo plano, alguém dizendo: “O companheiro de brincadeira está virando molho de atum e quer uma carona para casa. Dá para a gente mandar alguém para tirar o cara de lá?”

Começo a apertar a buzina.

“Espera aí.”

“Vocês não vão vir me buscar? Puta merda”, digo. E buzino outra vez. “Putá merda, puta merda, puta merda.” Uma buzinação para cada puta merda.

“Seu microfone fica na área da buzina. Se você não parar de buzinar, eu vou desplugar é o seu rabo. Daqui a dois minutos alguém vai para aí. Não buzine de novo.”

Escuto o helicóptero chegar — escuridão. Meus olhos estão ardendo, embaçados, enquanto os vejo lançar um homem todo paramentado para o combate. Ele segura uma garrafa de água da nascente e parece um comercial louco sobre o controle da sede em tempos de guerra. O soldado aterrissa, desprende a corda e dá um solavanco; eles puxam o cabo. Ele se aproxima da porta do motorista como um inseto gigantesco que brilha no escuro, abre a porta do carro, desenrosca a tampa da garrafa d’água e joga água bem no meu rosto. “Está melhor?”, indaga.

Encharcado, saio, dou a volta e entro no carro pelo lado do carona.

“Você está só com dois litros de gasolina?”, ele exclama, dando partida no carro.

“Também, eu não passei por nenhum posto vindo para cá.”

Ele pisa no acelerador e sacolejamos ao longo da estrada. “Você está no caminho certo?”, pergunto. “Por que é que você não virou?” Eu enxugo os olhos com a blusa. Não funciona: o que está nos

meus olhos também está na blusa.

“Ei, cabeça de titica”, a voz de Walter Penny soa no alto-falante, “o idiota tem razão, você está no caminho errado”.

“Desculpe”, o soldado diz. “Sou meio disléxico.” Ele dá meia-volta com o carro e pisa no acelerador, e sentimos um “kabum” gigantesco. Não é um barulho, mas a forte impressão de que batemos em alguma coisa.

“Que porra foi essa?”, Walter Penny questiona.

“Acho que bati num bicho”, diz o soldado.

“Vamos torcer para que seja um bicho”, diz Walter Penny.

“Acho que a gente pode seguir em frente”, diz o soldado. Acidentados, manquejamos rumo à linha de chegada. Na pista, somos recebidos por dois carros sem identificação que nos escoltam até a zona de planejamento.

Saio. Alguém me dá um frasco de colírio. A primeira coisa que vejo quando meus olhos estão limpos é a capota amassada, o para-lama arrancado, uma rachadura no para-brisa, e sangue.

Walter Penny se aproxima de mim, olha para o carro e tira um formulário branco de solicitação da pasta de papel-manilha. “Eu sempre tenho um desses nas mãos. É um formulário de solicitação ao governo, é o mesmo no caso de um acidente de carro e no caso de você ser morto por fogo amigo. O governo tem seguro próprio — um formulário para tudo. Mas tem uma pegadinha”, ele diz, exibindo o formulário. “Só serve se era você ao volante. Você estava na direção quando saiu de lá?”

Confuso, olho ao redor. O soldado sumiu.

“Você estava na direção ao sair da floresta?”, Walter torna a perguntar.

“Ao que parece”, digo.

“Sozinho?”

“Acho que sim”, respondo, arrebatando o formulário dos dedos de Walter.

“Então você pode usá-lo para o carro e para si mesmo.”

“Você atirou em mim”, digo, sem me dirigir a ninguém.

“O carro, você mesmo — põe tudo na mesma fatura”, Walter Penny instrui.

“Ele foi esfolado”, um dos homens sem identificação declara. “Eu vi o playback.”

“Você é a cara do seu irmão”, um dos soldados comenta, como se isso servisse de explicação.

Nem sequer pergunto onde está o israelense, mas reparo que uma das vans sem identificação sumiu. “Já acabamos? Posso ir embora?”

“Pode”, Walter diz. “E não se esqueça de abastecer o carro.”

Sou acompanhado até a via expressa. Há uma lúgubre ausência de tráfego. Voo para casa a cento e trinta quilômetros por hora. Iria mais rápido, mas qualquer velocidade acima dos cento e trinta produz um ruído perturbador.

Trêmulo, ligo o aquecedor — nada acontece. Estico o braço; o banco do carro está úmido. Acendo a lâmpada de leitura de mapa e vejo que o banco está preto de sangue.

Lá fora, o céu começa a clarear. Não sei bem que horas são — o relógio do carro está parado em três e quarenta e três. Pouco antes da minha saída, faço um desvio, parando no hospital da região. Do estacionamento, mando uma mensagem para a tia do Ricardo para dizer que tudo está levando mais tempo que o esperado e vejo seis ligações perdidas — mensagens da Ashley e do Ricardo dando oi, contando piadas, perguntando quando vou voltar para casa.

Um segurança se aproxima da janela. “Proibido ficar parado”, ele diz. “O estacionamento é só para pacientes.” Ele aponta uma placa.

“Minha bunda está sangrando”, anuncio, descendo do carro. O segurança me leva até a enfermeira responsável pela triagem.

“O que foi que aconteceu?”, a enfermeira pergunta.

“Levei um tiro”, respondo, e em seguida desmaio, caindo duro no chão. Desperto de bruços na maca com a bunda para o alto, e alguém está tirando fotos. Escuto que já tiraram um raio X e que por sorte não encontraram nenhum estilhaço.

“A gente vai limpar”, o médico explica. “Não tem nada para a gente costurar.”

“Ganhei uma câmera digital nova no Natal; eu podia trazer a antiga”, alguém comenta.

“Qual é a resolução?”, outro cara indaga.

“Não faço ideia, mas é melhor do que a dessa porcaria aí.”

Falam de cadeia de fornecimento enquanto estou com a bunda à mostra. O cara se curva e fala direto comigo. “A gente vai pôr um remédio anestésico no seu bumbum e limpar”, ele diz. “A ferida foi profunda.”

“O que foi que aconteceu?”, outro pergunta, inclinando-se.

“Eu realmente não sei”, respondo. “Foi uma mistura de *Amargo pesadelo* com *O iluminado*.”

“Quer dar queixa na polícia?”

“Não”, digo, “quero manter o assunto particular”.

Assim que digo isso, percebo que estão pensando que foi um encontro sexual que acabou mal.

“Precisamos fazer algumas perguntas”, um dos médicos anuncia, curvando-se para conversarmos olho no olho. “Você se sente seguro em casa? Tem alguém machucando você ou abusando de você? Você não precisa ter vergonha de responder a essas perguntas...”

“Eu pareço estar com vergonha? Eu realmente não tenho nada a dizer. Eu não sei quem foi.”

Recebo um cartão de um telefone especial só para homens que sofrem abusos, uma dose cavalgar de antibióticos e uma injeção antitetânica. E, assim como aconteceu com o maldito do George, meu braço incha: na saída do pronto-socorro, já sinto uma bola de beisebol quente se formar debaixo da pele.

Levo o carro a um lava-rápido e pergunto se há algo que possam fazer a respeito do banco do carro — quem sabe lavagem a vapor? “Bati num cervo”, justifico, balançando a cabeça.

“Imagino”, o cara diz, me olhando de um jeito esquisito, notando o sangue espalhado na minha calça. “Ele esteve dentro do carro?”

“Era enorme”, digo.

Quando chego em casa, um cartaz de “BEM-VINDO AO LAR” escrito em letras gorduchas multicoloridas está apoiada na porta da frente. É evidente que Ashley, Ricardo e Christina passaram boa parte da noite em claro e eles me olham com bastante preocupação.

“Aconteceu algum acidente?”, a tia indaga.

“Você foi visitar o papai? Ele te espancou?”, Ashley quer saber.

“Você está com cara de doido”, Ricardo constata.

“Digamos apenas que foi uma grande aventura.” Peço licença, tomo um banho, tomo um Tylenol, como um café da manhã gigantesco e imediatamente caio no sono.

“Liguei no meu trabalho e falei que estava doente”, Christina explica à tarde, quando vai olhar como estou. “Não podia deixar você e as crianças assim.”

Assinto e adormeço novamente, de bruços — braço latejando, bunda ardendo.

Não posso dizer que fiquei totalmente surpreso quando um policial bateu à porta nessa noite para me questionar sobre uma batida seguida de fuga ocorrida a sessenta e cinco quilômetros de

casa. Ele vai direto ao ponto e diz: “Meu cunhado trabalha em um lava-rápido e adora aqueles programas de investigação criminal...”

“Entendi”, digo, entregando-lhe o cartão do Walter Penny. Ele telefona para Walter e, apesar de estar tarde, Penny atende e explica que foi uma operação especial e que sim, houve danos tanto à pessoa quanto ao veículo, mas de modo geral tudo correu bem, e que não iria tecer mais comentários.

“Você é tipo um agente — bacana, bem bacana”, o policial diz, depois de desligar. “Só vai ser complicado eu não contar para o meu cunhado.”

“Na verdade eu sou só um ex-professor que de vez em quando é forçado a lidar com situações complicadas.”

“Você vem para o casamento?”, minha mãe pergunta quase no final da visita.

“Quando é que você se casa?”

“Logo logo. E por que é que você está parado aí?”, ela indaga. “Você está parado aí há mais de uma hora, com uma cara péssima.”

“Estou machucado”, declaro. “No momento, está difícil me sentar.”

“Hemorroidas?”, ela questiona.

“Não”, respondo. “O casamento é definitivo?”

“Que tipo de pergunta é essa?”

“Você vai mesmo se casar com ele?”

“Não foi por isso que eu quis te dizer antes?”

“Imagino que sim”, digo. “Mas o que é que vocês dois têm em comum?”

“Somos velhos”, ela responde. “E nós dois amamos movimento. Gostamos de brincar de pega-pega — eles nos dão aquelas bolas de brinquedo. A gente adora ficar jogando a bola um para o outro. E bingo”, ela diz. “Eu o ajudo com as cartelas. Ele não enxerga muito bem, perdeu o olho jogando golfe uns anos atrás; e ele ouve um zumbido na cabeça faz um tempão.”

“É disso que você gosta nele?”

“A gente quer morar juntos”, ela diz.

“Não vejo problema nisso. E, só para você saber, as portas de casa estão sempre abertas para você e o seu amigo, se vocês quiserem morar lá.”

“Com você?”, ela diz. “Você é um porcalhão. Fiquei tão feliz quando você saiu da minha casa. Para que eu vou sair do meu apartamento para ir atrás de você e ter que cozinhar e faxinar? Estou

feliz aqui.”

“Casamento é assunto sério.”

“Não é nada de mais”, minha mãe afirma com indiferença. “Já fui casada. Então”, ela diz, “posso contar com a sua presença?”.

Despeço-me dela e me apresso corredor afora, na esperança de achar alguém da administração do asilo antes que encerrem o expediente. “Com licença, com quem eu poderia conversar sobre as normas de casamento entre pacientes?” Ganho uma esquivia à moda antiga, inúmeros pigarros e hesitações, e por fim alguém aparece e diz: “Não gostamos que casais que não são casados morem juntos.”

“Essa não é nem de longe a minha maior preocupação”, declaro, questionando-me se minha mãe e o futuro marido estão lúcidos. “Há questões de espólio com que temos de nos preocupar. Não devia haver um contrato pré-nupcial? Na idade deles, a decisão não devia caber mais à família?”

“Você tem procuração legal?”, alguém do asilo questiona. “Está preparado para declará-la incapaz?”

“Olha, só vi o senhor em questão duas vezes e ele já está me chamando de ‘filho’. Não sei bem o que estou preparado para fazer.”

“De vez em quando”, a assistente social se intromete, “a gente promove cerimônias de compromisso que incluem flores de verdade, bolo, trajes formais e alguém que faça uma cerimônia. Parece dar certo. A gente diz ao casal que a pessoa que vai fazer a cerimônia não é reconhecida pelo governo, mas que custa menos do que um matrimônio oficial. Peço ao casal e às famílias que assinem um documento declarando que a cerimônia não é irrevogável e que, se o casal se separar ou se um ou os dois morrerem, não há direito à herança, não há bens em comunhão, e por aí vai. O assistente jurídico que prepara as declarações quanto ao fato de reanimar ou não os pacientes poderia te ajudar nisso”.

“Parece uma boa ideia”, digo. “E aí vocês deixam que eles morem no mesmo quarto?”

“Contanto que estejam dispostos e lúcidos”, diz a assistente social. “Por enquanto, sua mãe está se levantando e andando. Ela tem dançado. Ela pode até não ser a mulher de quem você se lembra, mas, quem quer que seja agora, ela tem andado muito bem.”

A caminho de casa, entro no drive-thru do Chick-Inn e peço um frango

inteiro para viagem. A mulher empurra um enorme frango assado pelando por uma janela que imagino ter sido feito para comportar apenas rosquinhas e cafés. Outro saco vem em seguida, com porções de pãezinhos e batatas.

No instante em que passo pela porta, ouço a voz de Walter Penny na secretária eletrônica: “Recebi o seu formulário de solicitação: trezentos e oitenta dólares em danos ao carro. A gente deve conseguir processar o pedido bem rápido.”

Deposito os sacos no chão e deixo que ele fale mais um pouco.

“Não se esqueça de que a halvah ainda está no seu portamalas; acho que funcionou como lastro para você quando aquele doido estava te tirando de lá. Não se preocupe em trazer de volta — até porque, depois que sai das nossas mãos, a gente não pode aceitar de volta. Eu queria te lembrar: você não deve deixar aquilo no portamalas, deve fazer calor demais lá dentro. E, aliás, você esqueceu os cookies no acampamento, são uma delícia. Qual é o segredo?”

Não consigo mais resistir. Pego o telefone. “Uma colher de água quente”, declaro.

“Só uma colher?”, Penny indaga.

Vou direto ao ponto. “Cadê o George?”

“O George reclamou de um ferimento, então o trouxemos para cá logo depois que você foi embora — a gente achou que não podia deixá-lo lá depois do que aconteceu. Assim que ele se sentir melhor, vamos transferi-lo para uma instituição mais tradicional.”

“E o acordo?”, questiono.

“Que acordo?”, Walter indaga.

“O acordo que nós assinamos no escritório do diretor no Lodge, que estabelecia que o George nunca iria para um presídio comum?”

“Você por acaso tem uma cópia? Eu acho que não tenho cópia nenhuma.”

Não sei bem que tipo de jogo Walter está fazendo comigo, mas dou uma desculpa para sair do telefone e no mesmo instante ligo para o advogado de George.

“A gente nunca recebeu uma cópia”, ele afirma.

Retorno o telefonema de Walter à tarde. “Então, se ninguém tem cópia, imagino que não exista um acordo?”, Walter constata.

“Quanto tempo ele vai ter de cumprir?”, pergunto.

“Cinco a quinze”, diz Walter Penny. “Fizemos uma concessão.”

“Sem julgamento?”

“Acredite, é melhor assim.”

“Qual é a possibilidade mais curta para ele?”

“Calculo três anos. A gente precisa dar algum crédito a ele: o israelense era um peixe dos grandes.”

Um dia, tarde da noite, vou de carro ao templo e descarrego a halvah nos degraus dos fundos do prédio. Deixo um bilhete: “A halvah está boa para o consumo — estou deixando-a aqui para que a comunidade aproveite, já que a quantidade é excessiva para um homem comer sozinho.”

No momento em que tiro a carga do carro, o rabino aparece, esgueirando-se por uma porta lateral. Fica claramente assustado em me ver — como se eu fosse um terrorista religioso descarregando explosivos de plástico C-4.

“É só halvah”, eu grito.

“Quê?”, ele indaga, no familiar tom irritado de um judeu velho e surdo.

“Halvah”, grito o mais alto possível.

Ele se aproxima e me apresento como o irmão do George, e minto: “Há pouco tempo fiz um trabalho e recebi parte do pagamento em halvah”, declaro. “Imaginei que talvez o templo tivesse um esquema de distribuição de sopa para os pobres.”

“Nós temos uma pré-escola e atividades diurnas para idosos”, diz o rabino.

Agora é a hora. Tenho a atenção do rabino; este é o encontro que meses atrás liguei para marcar. É a minha chance de receber um bom aconselhamento.

“Então”, digo, “o que o senhor acha... O Nixon era mesmo antisemita?”, pergunto, surpreendendo a mim mesmo.

“Nixon?”, o rabino enuncia.

Faço que sim.

“Você quer saber do Nixon?”

“Quero.”

“Ele era um filho da mãe, odiava todo mundo afora ele mesmo. O que me deixa nervoso é o Kissinger, que nunca se defendeu — ele nos vendeu a preço de banana.”

Uma viatura para no estacionamento. “Tudo bem, padre?”, o policial pergunta.

“Tudo bem, obrigado”, o rabino diz.

O policial me olha como se me conhecesse de algum lugar. “Por que não vai para casa, meu senhor”, ele sugere. “Deixa o padre dormir em paz.” Ele fica pela área até eu me despedir, e depois segue o meu carro ao longo de boa parte do trajeto até a minha casa.

Como parte dos esforços para me tornar pai adotivo, marquei uma consulta com o dr. Tuttle, psiquiatra. Por mais estranho que pareça,

nunca tinha ido a um psiquiatra; portanto, é com certa apreensão que me aproximo de seu consultório no térreo de um pequeno centro comercial. À direita de sua “sala” há um Smoothie King, à esquerda uma lavanderia, e ao lado dela uma loja de telefones celulares. As janelas do consultório são cobertas por venezianas verticais de metal datadas mais ou menos de 1977; a sala de espera é escura, o teto rebaixado com revestimento acústico e paredes cor de aveia de cima a baixo. Seis poltronas com assentos empalhados que começam a afundar pontilham o ambiente em pares, como se fossem casais. Há uma mesinha de vidro com uma pilha precária de revistas e uma lixeira tão pequena que parece dizer “Não me use”. Ao me sentar, reparo em um cereal solitário no canto, e depois nos outros — uma série de cereais grudados no rodapé, provavelmente empurrados pelo aspirador de pó. Há inúmeros avisos escritos à mão e laminados pobremente com fita adesiva.

Caso precise usar o Banheiro, vá ao Smoothie King e peça a chave.

Caso precise validar seu ticket de estacionamento, por gentileza peça 1 hora grátis.

O psiquiatra abre a porta e me chama. “Tuttle”, ele se apresenta, apertando minha mão. Ela está úmida, cheirando a perfume e álcool em gel. Imediatamente vejo um frasco de antisséptico para as mãos sobre a mesa: a amostra de uma empresa fabricante de remédios. Tuttle é um cara baixinho e magro, encurvado precocemente — seu cocuruto tem uma espécie de ponto reluzente, desprovido de cabelo senão por um círculo de fios amarelos que dá a volta na cabeça e é mais longo do que dita a moda. Usa óculos com armação de tartaruga, o qual arruma franzindo o nariz sem parar. O consultório tem venezianas de metal iguais às da sala de espera e estaria na penumbra, não fosse pelo sol da tarde que se reflete nos carros estacionados lá fora.

“Sente-se”, Tuttle diz, indicando um sofá puído.

Olho para além dele: copos de plástico transparente do Smoothie King formam uma fileira reta na beirada da mesa, todos eles com menos de um quarto de conteúdo, um amarelo, outro rosa, outro roxo. Manga, morango e frutas silvestres, alinhadas como uma espécie de experimento. Há uma máquina de chicletes antiga cheia até a metade do que me parece ser amendoins gordurentos e pilhas de

blocos de anotações. Um ar-condicionado zumbe ruidosamente.

“Primeiro, preciso de alguns dados: nome, endereço, telefone?”

Dou-lhe os detalhes.

“Empregador?”

“Autônomo”, digo pela primeira vez.

“Seguro? Não aceito seguro, mas vou dar uma nota fiscal cada vez que a gente se encontrar e você pode apresentá-la. A primeira consulta custa quinhentos e dura uma hora, e as visitas subsequentes são de quarenta e cinco minutos e o custo é de duzentos e cinquenta. Sou psiquiatra, não sou assistente social, não sou psicólogo.” Ele me examina com atenção. Os óculos parecem ser lupas — seus olhos ficam enormes. “Que remédios você toma atualmente? Já foi internado?”

Menciono o AVC.

“Você tem conhecimento do seu diagnóstico? E/ou como a sua condição lhe foi descrita? Qual foi a agência que me indicou?”

“Uma moça do Serviço Social me deu o seu nome”, digo, ponderando que algo naquela situação não estava exatamente dentro dos conformes.

“Você precisa de exame antidoping a mando da justiça, isto é, eu preciso ver você fazendo xixi?”

“Não”, digo.

“Ótimo”, ele diz. “Quando vejo alguém fazendo xixi, tenho a sensação de que preciso fazer xixi. Na verdade, em geral eu peço a um dos funcionários do Smoothie King para olhar por mim. Cutuco um deles para nos acompanhar até o banheiro e dou uma gorjetinha para ele vigiar no meu lugar. Eu realmente não quero ver o encanamento de um paciente para depois conversar com ele sobre como se comporta com a esposa. Além disso, eu por acaso sei que os banheiros são monitorados — então a possibilidade de que o paciente tente alguma coisa é muito pequena. Mas estou desviando do assunto, e a questão aqui não sou eu, a questão não é o Smoothie. No que posso lhe ajudar?” Ele deixa de lado o bloco, cruza as pernas e me olha, de novo franzindo o nariz e levantando um pouco os óculos.

“Acho que quero começar com uma pergunta: com que tipo de gente você geralmente trabalha?”

“Tem de tudo, de aconselhamento a mando da justiça para meninos que se metem em encrencas a questões de controle de raiva com homens casados; umas senhoras de meia-idade que gostariam de ter feito as coisas de outra forma; e uma boa quantidade de meninas adolescentes que querem morrer. O que o traz aqui?”

“Eu me candidatei a um posto de pai adotivo e preciso de uma avaliação psiquiátrica.” Entrego a ele o formulário. “Seu nome estava entre os recomendados pelo Departamento de Serviços Sociais.”

Ele pega o formulário e o examina como se nunca tivesse visto um daqueles.

“Seria uma adoção direta de um garotinho com uns problemas de aprendizagem que ficou órfão recentemente.”

“Você já foi preso?”

“Não.”

“Gosta de pornografia?”

“Não excessivamente”, declaro. “Mas tem uma coisa”, digo, preparando o terreno. Conto-lhe sobre George. Ele escuta com atenção, aparentando nunca ter ouvido falar da história. Ou não lê o jornal ou é muito bom em esconder o que sabe.

“Que jogue a primeira pedra...”, o médico diz, quando abro o jogo sobre minha participação na derrocada doméstica. “E, portanto, antes disso tudo, antes do último dia de Ação de Graças, você tinha uma vida convencional, sem casos amorosos, sem relacionamentos extraconjugais?”

“Uma vida basicamente convencional”, declaro.

“E as crianças?”, ele indaga.

Conto-lhe como foi que estabeleci uma relação com as crianças, como são bem mais interessantes do que eu esperava, e que as amo. Compartilho detalhes de nossa aventura em Williamsburg.

“E você está em uma relação que envolva sexo, no momento?”, ele pergunta.

“Estou saindo com uma garota da cidade, que tem uma família bem legal”, digo, como se me gabasse.

Ele dá de ombros como se insinuasse “Como é que você sabe?”. E diz: “Está bem, então esse menino, Ricardo, que você quer adotar...”

“Ele sobreviveu ao acidente, as crianças querem ajudar, e a tia que foi encarregada dele tem tido dificuldades, e...”

“E o que te leva a pensar que você é qualificado?”

“Boa pergunta”, respondo.

Ele faz que sim.

“Eu me interesso pelo menino. Fui professor por muitos anos. Tenho tempo e energia para me concentrar em descobrir do que ele precisa e como obter isso para ele. Sinto-me muito mal pelo ocorrido e gostaria de ajudá-lo.”

“Você o mandaria para a escola?”

“Todos os dias.”

“E se você precisar botá-lo numa escola especial?”

“Eu descobriria qual é a melhor e lutaria para que fosse coberta pelo sistema educacional estadual, que tem o dever jurídico de educar todas as crianças apesar das deficiências; e, dependendo do resultado, eu veria o que posso fazer.”

“Você faria isso de olho numa adoção definitiva?”

“As crianças querem que eu o adote. Não sei bem se é isso o que a família dele quer. Mas sim, estou fazendo isso de olho no longo prazo; não é algo que eu leve na brincadeira.”

“E qual é o seu trabalho como autônomo?” Ele pronuncia “autônomo” devagar, como se fosse um conceito dúbio.

“Fui professor de estudos referentes ao Nixon por muitos anos e, como sou especialista nesse ex-presidente, estou preparando um livro sobre ele e também trabalho com a família Nixon num projeto especial.”

“Interessante. O que o atraiu em Nixon?”

“O Nixon é como uma pessoa de outra era: antiquado a ponto de ser retrógrado, de uma feiura inescapável — ele percebesse isso ou não —, amargo, rancoroso consigo mesmo, inseguro e extremamente confiante ao mesmo tempo.”

O psiquiatra assente. “Não é incomum, ser ao mesmo tempo determinado e confuso.”

“Eu o acho fascinante — seu trabalho árduo, a paranoia, a instabilidade emocional. Mesmo quando era presidente dos Estados Unidos ele era um desajustado.”

“Seu livro tem título?”

“Enquanto dormíamos: o sonho americano que virou pesadelo. Richard Nixon, Vietnã e Watergate — o ponto de ebulição psicogênico.”

“Quanto título.”

“Tenho pensado muito sobre a droga que é o Sonho Americano como ideia de merecimento americano, que abriu caminho para a derrocada americana. Sem o assassinato de Kennedy, não teríamos tido Johnson, que preparou o terreno para Nixon. As sementes do sucesso de Nixon foram plantadas num momento de fracasso — aquele fiasco cheio de suor que foi o debate televisivo e a eleição perdida em 1960. Olhe os presidentes em sequência e tudo faz sentido: são a progressão psicológica uns dos outros, tudo diz respeito a necessidades e desejos velados e aos conflitos do povo americano. Estou escrevendo sobre Nixon como receptáculo de tudo o que era os Estados Unidos da América na época e sobre as razões para ele ter sido eleito por nós e o que esperávamos que ele fizesse...” Estou divagando, e quase agredindo, ao pular de um assunto para outro, abordando os pontos altos.

“Parece que você é muito apaixonado pelo assunto”, Tuttle constata. “Mas qual é o seu sonho, o que você quer para si?”

“Nada”, declaro.

“Sério?” Tuttle fica surpreso.

“Sério, não consigo pensar em nada.”

“Seria uma autopunição não querer nada em uma sociedade

que é totalmente voltada para o desejo?”, Tuttle questiona.

“Seria?”, indago.

“Você não tem desejo?”, ele sugere.

“Limitado”, digo.

“Depressão?”

Dou de ombros. “Acho que não.”

“Então o que é isso?”

“Contentamento? Satisfação?”, insinuo.

“Tal coisa existe?”, o dr. Tuttle inquire.

“Diga você. O contentamento é a morte? As pessoas precisam desejar, a fim de viver? Será que alguém pode aspirar a algo que não seja material?”

“Parece-me mais sábio aspirar a objetos mais reais e menos fugazes do que um estado emocional em que você não pode se fiar”, Tuttle diz. “Você pode até se sentir bem agora, mas... digamos que alguma coisa aconteça e depois você não se sinta tão bem assim. No modelo adotado por você, não existe plano B; você não pode dizer ‘Bom, estou me sentindo péssimo, mas pelo menos tenho um carro legal e uma televisão enorme’.”

“Por que não dizer ‘Posso até estar me sentindo mal agora, mas antes eu me sentia bem e a maior probabilidade é de que eu volte a me sentir bem?’”

“Ah, seria pedir demais da maioria das pessoas, pedir muito”, ele afirma, encostando-se à poltrona, batucando os dedos de forma ritmada. Ele dá uma olhadela no relógio, um modelo digital arcaico de plaquinhas com números pequeninos que caem para frente à medida que cada minuto passa. No silêncio, dá para ouvir o clique abafado quando o dígito cai.

“Nosso tempo está acabando”, ele diz. “Vamos marcar outra sessão?”

“Eu esperava que você preenchesse o formulário para mim”, digo, apontando com a cabeça o papel verde-menta que lhe dei ao entrar. “É o relatório psiquiátrico para o Departamento de Serviços Sociais, perguntando se estou apto a ser pai.”

“Deixe o formulário comigo”, ele diz. “Acho que consigo preencher até o final da nossa próxima sessão.”

“Então o custo total do preenchimento do formulário é de setecentos e cinquenta dólares?”

“Tem algum problema?”, Tuttle indaga.

“Não, só queria ter certeza de que eu entendi direito.”

Tuttle faz que sim. “Mesma hora, semana que vem?”

Durante o dia, quando não estou fazendo algo para as crianças, visitando minha mãe, trabalhando no projeto dos contos de Nixon em Manhattan ou sentado à mesa de George tentando terminar o livro, vou ver Amanda.

Nós nos encontramos em estacionamentos entre um afazer e outro. Amanda me conta o que há de novo no mercado — um corredor ampliado de comidas “étnicas”, mais congelados, e que uma das moças do caixa tem a mão pesada na balança do hortifruti. Amanda é um enigma. Eu lhe digo que queria conhecê-la melhor.

Ela não diz nada.

Quando começo a entrar em detalhes sobre o casamento iminente da minha mãe, ela me interrompe. “Eu realmente não estou interessada em você como pessoa”, Amanda afirma.

Por mais ofensivo que soe, não levo para o lado pessoal. Imagino que esteja mentindo.

À noite, enquanto repinto o banheiro do segundo andar, falo com Nate no viva-voz.

“Pensei mais sobre o bar mitzvah?”

“Pensei”, ele responde. “Vamos cancelar.”

“Nada de bar mitzvah?”, indago.

“É, não dá para eu entrar no templo”, ele diz.

“Que tal fazer em outro lugar?” Enfio o pincel na lata de semibrilho Benjamin Moore e o passo na parede.

“Tipo onde?”

“Aqui em casa?”, sugiro. “Venho dando uma arrumada nela.”

“Ela foi morta em casa”, ele diz categoricamente.

“No clube? Num hotel?” Mergulho o pincel outra vez.

“Superesquisito”, Nate retruca, “e, além disso, eu acho o rabino um babaca”.

“Bom, a gente devia fazer uma coisa especial. Que tal uma viagem?”

“Tipo para a Disney?”, Nate pergunta, e me lembro de que estou falando com um garoto de doze anos.

“Estava pensando em algo mais substancial... que mude o jogo.”

“Sei lá”, Nate diz. “O único lugar para onde eu gostaria de voltar... é Nateville. Não sei se um dia vou conseguir.”

“Você tem doze anos e está preocupado com a possibilidade de nunca voltar lá?”

“Não me zoa”, ele pede.

“Então... você quer ir à África do Sul?”

“Acho que sim.”

“Só Nateville, ou seria uma viagem mais longa, tipo um safári?”

“Um safári seria legal. Nós levaríamos a Ashley?”

“É claro.”

“E o Ricardo?”

“Se você quiser.”

“Legal”, diz Nate, transparecendo alegria genuína.

“Está bem”, declaro, recuando para olhar o trabalho que já fiz. “Vou ver o que eu descubro.” O bipe de chamada em espera soa; dou boa-noite a Nate e atendo a ligação.

“A sua mãe ligou para a minha mãe”, Jason anuncia.

“O que foi que aconteceu com o ‘oi?’”, digo, descendo da escada.

“Estava tudo ótimo até ela convidar minha mãe para o casamento dela e ficar chateada quando minha mãe disse ‘Eu já fui ao seu casamento, você não se lembra?’ Daí a sua mãe falou ‘É claro que lembro — estou falando do presente, eu vou me casar de novo.’ Para resumir a história, minha mãe acha que a sua mãe está fora de si.”

O pincel escorrega da minha mão e quica em várias superfícies antes de aterrissar no vaso sanitário. “Na verdade, ela anda bem; ela conheceu uma pessoa no asilo”, explico a Jason, enquanto pesco o pincel do vaso e o chacoalho.

“Você vai deixá-la se casar?”

“Não sei se tudo está em minhas mãos.” Faço uma pausa... e me passa pela cabeça que Lillian talvez conheça o noivo. “Ei, você poderia perguntar para a sua mãe se ela conhece o Bob Goldman? Como eles todos estudaram na mesma escola, talvez o nome soe familiar.”

“Você está falando do Bobby Goldman, o irmão caçula da Yetta Goldman?”

“Pode ser.”

“Esse era o que se chamar de uma criança terrível; ele enfiou um tapete no vaso sanitário do templo e deu descarga.”

“Acho que ele gostava de esportes”, digo, como se dar descarga em um tapete pudesse ser considerado um esporte.

“O Goldman jogou profissionalmente por uma ou duas temporadas e depois foi locutor de rádio sob o codinome de Bob Gold; assim ninguém saberia que ele era judeu.”

“Como é que você sabe de tudo isso?”

“É que quando os nossos pais estavam conversando eu ouvia de verdade. Você e o seu irmão estavam sempre muito ocupados tentando se matar.”

Eu paro — congelo.

“A gente tentava se matar?”

“Vocês estavam sempre brigando.”

“Sério? Não me lembro disso.”

Ricardo veio para ficar uma semana, foi passar dois dias em casa e depois voltou com uma bolsa ainda maior de roupas. Minha nova vida tem um horário implacável: 6h, acordar; 6h15, acordar Ashley; 6h30, acordar Ricardo, dar comida e passear com os bichos e as crianças; 7h45, deixar Ricardo na escola; 8h45, deixar Ashley no teatro de marionetes, onde ela trabalha na próxima montagem de *Romeu e Julieta*. E depois, se não for dia útil na cidade, voltar para casa, faxinar, ir ao mercado, trabalhar e me preparar para a volta de Ricardo às 4h30. Tessie parece ter logo entendido a rotina e precede a chegada do ônibus escolar amarelo em cerca de quarenta e cinco segundos, latindo para me avisar que está na hora. O ônibus para, a porta estreita se abre; Ricardo salta e corta caminho pelo gramado, sua mochila enorme parecendo outra pessoa em cima dele. Fazemos um lanche e botamos o papo em dia, e um tempinho depois o motorista desliza pela entrada da garagem e Ashley desce, de súbito parecendo uma jovem, mandando mensagens de texto enquanto se aproxima de casa. Nos dias em que estou na cidade, Ricardo fica até tarde na escola, ou Christina ou uma amiga dela o busca e nós o pegamos às 6h30 e saímos para comer pizza.

A cozinha está repleta de tabelas de dever de casa, um programa baseado em incentivos que estabeleci para meus sobrinhos. Ricardo também está em uma equipe de natação e participa de um clube de futebol. Compro uma mesa de pingue-pongue usada numa venda de garagem e ponho na sala de estar. Jogamos um contra todos e em duplas misturadas. A velocidade e a coordenação entre olho e mão são boas para a clareza mental de todos nós.

No escritório de advocacia, as infames caixas ficam guardadas em um cofre-forte. Como o material não foi reconhecido ou documentado publicamente, eles têm o cuidado de deixá-lo fechado a sete chaves. Todos os dias que trabalhamos, o enorme cofre-forte é aberto e o zelador tira as caixas de uma prateleira — põe tanto elas como nossos computadores de trabalho e listas variadas em um carrinho de metal, que empurro até o escritório junto com um arquivo de rodinhas

trancado.

Ching Lan senta-se na minha saleta e lê os rascunhos em voz alta. Eu os marco durante a leitura. Sua pronúncia é tosca, mas me induz a ouvir com atenção, a editar com prudência. Ela transcreve minhas correções e imprime as folhas, e fazemos tudo de novo quando necessário. Gosto do som de sua voz; induz-me a me esforçar para encontrar o sentido da história. Ching Lan se matriculou em um curso de preparação de originais, que ela está curtindo muito. “As marcas são quase como escrever em chinês — quase.” Temos treze contos e vinte e oito fragmentos de tamanhos diversos, de trezentos e cinquenta palavras a um palavrório de mil e oitocentas palavras — este eu acho brilhante, porém semipsicótico, ou certamente redigido sob o efeito de algo. Os temas vão de campestre (cheirando o topo de um melão para ver se está maduro, e descrições tão suntuosas que chegam a ser quase românticas de trovoadas varrendo os campos em noites de verão) a argumentações sobre o valor de um homem ter vida própria, à parte da vida que tem com a família, uma vida pessoal sobre a qual ninguém sabe nada, “um lugar onde possa ser ele mesmo sem se preocupar com decepções e rejeições”.

Todo dia, Ching Lan almoça com os pais na delicatessen. Eles passam a manhã inteira esperando que ela chegue e reabasteça as prateleiras que não alcançam — ela é a escada. Sem querer me intrometer, paro de ir à delicatessen e passo a almoçar em um lugar a dois quarteirões de distância, mas me sinto um traidor e volto a comer lá.

“Nossa delicatessen é boa, é limpa, a gente ganhou letra ‘A’ da Vigilância Sanitária”, a mãe de Ching Lan declara. “Você fica com parasita se comer em outro lugar.”

“Não quis me intrometer no almoço em família.”

“Você faz parte da nossa família”, ela diz, guiando-me para a parte de trás do balcão para que eu me sente junto com a família, em barris de pickles, comendo a comida levada de casa em vasilhas coloridas. “Bola de pouco?”, ela oferece, levantando uma almôndega redondinha com os pauzinhos.

“Minha irmã trabalha numa casa de bolinhos, ela leva as sobras para casa”, Ching Lan explica.

Como a bola de pouco, traduzindo apenas depois de engolir: bola de porco.

“Bom menino. Você come tartaruga?”, a mãe indaga.

“Não”, respondo.

“Por enquanto você não come. É muito bom, tipo frango forte.

E papa de arroz?”

“Nunca comi.”

“Você iria amar: mingau de arroz tipo creme de trigo.”

Assinto.

“Pitu?”, ela indaga.

“Sim”, é claro.

“Repolho chinês?”

“Com frequência”, digo, mesmo que apenas para manter a conversa.

“Minha irmã tem um restaurante em Los Angeles e meu primo tem um no condado de Westchester — somos o que vocês chamam de gourmets”, ela diz, botando mais arroz na minha tigela.

Após o almoço, a mãe me empurra outra barra de Hershey’s — o gesto rapidamente se tornou nossa tradição. “Chocolate mantendo sua energia alta”, ela diz.

No trajeto de volta ao escritório de advocacia, paro em uma Super Store para comprar material de escritório. Caminho de um lado ao outro dos corredores, admirando a fatura. Acho papezinhos adesivos em cores fluorescentes que posso usar para assinalar o uso da linguagem e a temática de Nixon, a fim de manter a coerência, mas não deixar exageradamente repetitiva ou redundante.

Agarrado à minha sacola de gulodices, contendo coisas como balinhas para adultos, entro no elevador e aperto “16”.

“Dando duro?”, um cara atrás de mim pergunta. Está parado atrás do meu ombro esquerdo; não consigo vê-lo sem me virar.

“Pode apostar”, respondo, tentando me virar em sua direção. Vejo apenas a aba de um boné de time de beisebol, um casaco esportivo azul, calça escura e sapatos, e o que suponho ser um homem comum entre cinquenta e setenta anos, branco, desinteressante.

“Vou ser breve”, ele diz, falando sem mudar de tom. Ninguém mais no elevador parece escutá-lo ou ao menos se interessar.

“Você realmente não tem nem noção — você é que nem um menino apaixonado. O buraco fica bem mais embaixo do que você imagina. Primeiro, Chotiner meteu os dedos em tudo. E, segundo, mesmo que não tenha sido consumado, foi um baita de um caso o que existiu entre Dick e Rebozo. Terceiro, é de conhecimento geral que Nixon estava em Dallas na manhã do assassinato, assim como Howard Hunt e Frank Sturgis. Não é um tanto quanto conveniente que eles também tenham sido os arrombadores do Watergate? Dá uma olhada nos mendigos, ou nos agentes do Serviço Secreto, no gramado do Dealey Plaza. E a maldita carteirinha da biblioteca do Ferrie estava na carteira do Oswald!” Ele gargalha e uma mulher do elevador se vira para olhar. A voz dele se torna um sussurro. “Eles entravam e saíam de Cuba, jogavam nos dois times — e na Máfia. Verifica quem estava

lá e bingo — é um jogo triplo.” Uma pausa. “Você sabia que Jack Ruby trabalhou para o Nixon em 1947 sob o codinome Jack Rubenstein? O que eu estou tentando dizer, meu camarada, é o seguinte: você está de mãos vazias, não tem nadica de nada.”

Um som me escapa sem querer, um misto de empolgação extrema e ânsia de vômito.

“Não tem do que rir. Deixe-me ser totalmente claro”, ele diz, e seu fraseado me soa familiar. “Não foi um cara específico, mas sim um grupo. Ninguém está de mãos limpas. Joguetes, somos todos joguetes. Não existe homem que não possa ser comprado e não existe homem que não possa ser derrubado. Foi um show de horrores.” Ele para por um instante. “O tio Bebe comprou para a sua Julie querida uma casa como presente de casamento. Você acha que ela estava na lista de presentes que ela botou na Tiffany’s? Eu fico de olho nessas coisas. Sou fã de história. O governo era entupido de gente que nem eu, caras que acham que sabem de alguma coisa, que são espertos, mas não espertos o bastante — filhos da puta. O Watergate foi um incidente doméstico, ‘uma comédia de erros bizarra’, como Nixon chamou, que tomou proporções exageradas quando se olha o restante da situação. Como o próprio Nixon falou, ‘Você arranca a casca da ferida e há um diabo de coisas e nós simplesmente temos a sensação de que seria muito danoso que essa coisa vá adiante. Isso envolve os cubanos, Hunt e um bando de intrigas que não têm nada a ver conosco”.

O cara se cala por um segundo, depois recomeça, dessa vez uma imitação sinistra de Richard Nixon: “Olha, o problema é que isso vai abrir a coisa toda, a coisa toda da Baía dos Porcos, e o presidente sente que, ah, sem entrar em detalhes... não, não minta para eles a ponto de dizer que não existe envolvimento, diga apenas que é uma espécie de comédia de erros, bizarra, sem entrar no assunto; o presidente acredita que isso vai abrir a coisa toda da Baía dos Porcos outra vez’.”

Ele para, pigarreia. “Então, o que você está achando dos contos?”

“Estou gostando”, declaro, esquecendo-me por um instante que ninguém sabe dos contos.

“Você gostou daquele sobre o FDP?”

Faço que sim.

“Ele é todo sobre mim”, ele afirma, piscando. O elevador se abre e ele sai. “Confira o seu dever de casa mais uma vez, e boa sorte.”

Chego até lá em cima e depois desço de volta até o saguão. Pergunto ao vigia da recepção se ele poderia me mostrar o vídeo do elevador do circuito interno. Vejo o cara parado no canto borrado, como se soubesse exatamente onde ficar. Só se vê a aba de seu boné de beisebol — não dá nem para perceber que está falando comigo, a não ser pelo fato de que fico cada vez mais agitado e olho ao redor, como se quisesse ver se mais alguém ouve o que estou ouvindo e o que aquilo significa para os outros.

Seria um teste? Não quero deixar ninguém aflito, mas, por outro lado, se for um teste que partiu de dentro, seria astuto relatá-lo. Pergunto a Wanda se ela poderia vir ao meu escritório. Ela vai até o vão da porta e fica ali de pé enquanto explico sobre o homem, o boné de beisebol, e assim por diante.

“Então ele ficou atrás de você?”, ela diz. “Parecia saber exatamente quem você era, te contou coisas sobre as quais você nunca tinha ouvido falar?”

“Isso”, digo, animado por estarmos desvendando o caso.

“Nada no vídeo do circuito interno?”

“Só uma mancha”, respondo.

Wanda assente. “Ele aparece e desaparece daqui há anos”, diz ela, indiferente.

“Quem é ele? É tipo um parasita maluco?”

“Algo desse gênero”, ela diz. “Antigamente havia outros, mas hoje em dia não restaram muitos — é geracional.”

Continuo preocupado.

“O mundo está cheio de gente”, Wanda afirma.

Fico esperando para ouvir o resto — mas Wanda não diz mais nada.

Quantos outros? Quantos mais existem para se conhecer? Tenho a impressão de que, quando alguém começa a cavar, a torrente de informações não é apenas infinita como também passada por baixo da mesa de administração a administração, como se houvesse um manual de estratégias muito maior compartilhado somente pelo presidente e seus homens. E, evidentemente, depois de dar uma olhada nesse manual de estratégias, você será transformado para sempre, mas as reviravoltas das políticas partidárias entrelaçam o fio de informação e negociações de tal forma que a mudança verdadeira se torna impossível.

Quem escreveu o manual de estratégias? E quando? Alguém está incumbido dele? Tudo é uma teia tão emaranhada que, na melhor

das hipóteses, alguém pode tentar desfazer os nós.

“Está tudo bem?”, Ching Lan pergunta quando volto à minha mesa. “Você está descolorido”, ela constata.

“Perdão?”

“Apagado”, ela diz, “muito branco, que nem papel”.

Assinto. O homem do elevador estava lançando um monte de continhas sobre coisas que eu não queria ouvir. O homem sobre o qual falava não era Nixon, não era o Nixon como eu queria que ele fosse. Não era o RMN vigoroso como candidato à vice-presidência, acusado de usar fundos de campanha em gastos pessoais, aparecendo em cadeia nacional e garantindo que o povo soubesse que ele era um homem de poucos recursos.

Pat e eu temos a satisfação de que cada centavo que ganhamos seja nosso de forma honesta. Devo dizer isso: Pat não tem casaco de visom. Mas tem um respeitável casaco do Partido Republicano. E sempre lhe digo que ela ficaria bem com qualquer roupa.

O Nixon que aquele homem mencionou era mais sombrio, mais ameaçador do que eu jamais me permiti imaginar. Chateado com a minha ingenuidade, eu me questiono: posso me permitir saber do que sei e ainda admirar Nixon com a intensidade com que o admirava? Posso aceitar o fato de que ele era cheio de defeitos, muito malresolvido, as enormes fissuras de sua personalidade, suas convicções, sua moralidade? Existe algum político que não tenha vendido a alma dez vezes antes de sequer tomar posse? O homem misterioso no elevador me disse o que eu não queria escutar, e até certo ponto sei que pode ser tudo verdade. Para uns, talvez fosse repulsivo ouvir aquilo, mas comigo me puxa para perto, torna RMN mais humano. É claro que ele não foi nem o primeiro nem o último a se confundir a respeito dos limites entre poder executivo e superpoderes imaginários — talvez ele tenha sido apenas o pássaro raro que documentou a si mesmo de modo mais expressivo.

Pego a Ching Lan que pegue o conto “FDP” para eu dar outra olhada.

Citando “FDP”:

“Se as pessoas tivessem uma ideia do que vem acontecendo, ficariam chocadas, mais que chocadas, elas iriam querer que acontecesse algo — a última coisa que alguém quer é que a verdade venha à tona — que fosse danoso a

todos nós.”

“Filho da puta, isso mataria esta nação.”

“O que quer que você saiba ou imagine que sabe ou que alguém que você conhece imagine saber — certifique-se de que esqueçam, certifique-se de que suma. Existe uma forma de fazer isso, fazer com que as coisas sosseguem por um tempo — pelo tempo que for necessário.”

“Filho da puta, quem diabos ele pensa que é — Charlton Heston em Os Dez Mandamentos? FDP...”

Levanto a cabeça e vejo Wanda no corredor, conversando com Marcel, que empurra a cesta cromada das correspondências e circula entregando cartas. Mais tarde, pergunto a Marcel o que ele sabe sobre Wanda. “Não muito”, ele diz. “Só que ela é neta do Nelson Mandela — ou do Desmond Tutu, ou alguém assim...” Ele se cala. “Nascida na África do Sul, mandada à Inglaterra para estudar, veio para cá, vendeu seu livro de memória por três quartos de milhão de dólares”, ele acrescenta, como se só tivesse se lembrado depois.

“Por que é que ela está trabalhando aqui?”

“Vai começar o curso de Direito no outono”, ele explica. “E ela abriu mão do adiantamento pelos direitos sobre o livro, doou para a caridade.”

“Sério?”, digo.

“Sério”, Marcel confirma, ecoando meu tom, enquanto empurra o carrinho corredor acarpetado afora.

Recorrendo às fontes do que ela chama de “rede de contatos das irmãs que estão fazendo isso por conta própria”, Cheryl providenciou que uma organizadora de festas e uma agente de viagens fossem lá em casa e discutissem o projeto BM África do Sul. A todos os lugares aonde vamos, Cheryl fica dizendo “BM” em alto e bom som; tenho flashbacks da minha mãe fazendo referência a “bomba de merda”, perguntando “Sua BM está boa?” Ou: “Não estou podendo conversar, estou apertada, recebi um chamado da BM.” “Sua BM funciona com regularidade?”, e assim em diante...

“Dá para a gente mudar o nome?”, eu lhe imploro. “Chame pelo nome mesmo, bar mitzvah.”

“É um nome grande demais”, ela retruca.

“Então a gente diz só ‘bar’, tipo ‘A gente está planejando um bar’.”

“Não vai deixar as pessoas confusas?”

“Não mais do que elas já estão.”

Sofia, a organizadora de festas, chega com uma caixa de acessórios com a inscrição Bar mitzvah. Ela a põe com força em cima da mesa de jantar. “Tenho caixas para todas as ocasiões — Comunhão, Bar e Bat, Debutante, Noivado, Chá de Bebê, Comemoração de Adoção, Reunião Familiar, Piquenique de Empresas, acessórios para cada evento, tudo, de solidéus a jaquetas de piloto e aquelas canetinhas mágicas com uma foto da noiva ou do noivo, é só inclinar que a roupa deles cai... muito popular. Vamos falar a verdade, as pessoas gostam de brindes. A situação está de um jeito que você vai jantar na casa de alguém e sai de lá questionando ‘Cadê a sacola com a minha marmita para amanhã?’”

“Como foi que você virou organizadora de festas?”, pergunto.

“Por acaso”, ela diz. “Minha mãe era uma anfitriã maravilhosa: flores na mesa, inúmeras formas de dobrar os guardanapos. Você ficaria chocado se soubesse o número de gente que não sabe que o garfo fica à esquerda, muito menos o que fazer se houver um garfo para a salada e um garfo para a sobremesa... Bom”, ela diz, contendo-se, ciente de que tem propensão a continuar. “Qual é o tempo que temos?”

“A data do templo é 3 de julho; o aniversário do Nate é no dia 5.”

Ela parece horrorizada.

“O quê?”, pergunto.

“Estamos mais que atrasados — é tipo prorrogação com morte súbita.” Ela respira fundo. “É o que é — então vamos pular de cabeça e começar logo. Primeiro, os convites.”

“A boa notícia é que não precisamos de convites. Vai ser muito pequeno, e o Nate já me disse que não quer presentes. Vamos fazer uma doação ao vilarejo para ajudar a melhorar a escola.”

Sofia me olha como se eu fosse um idiota. “Você vai fazer o bar mitzvah em julho, na África do Sul — ninguém vai, então é melhor você convidar todo mundo. Ainda mais se quiser arrecadar dinheiro para a escola. Convide a classe dele inteira e o corpo docente. Você tem uma lista de quem foi ao funeral? A lista com as pessoas para as quais a família mandava cartões nas festas? Os parentes da mamãe, que podem até te odiar mas ainda se importam com o Nate? Convide todo mundo que te passar pela cabeça — é do outro lado do mundo e no auge do verão: vão adorar dizer não e mandar um presente. Vamos imaginar que vocês convidem duzentas e cinquenta pessoas e cada uma delas gaste entre cinquenta e cem dólares, vocês

vão se sair muito bem. O custo do convite vai ser um pouco alto. A gente quer um envelope bacana, forrado, cartão de resposta, envelope selado. É mais ou menos três e cinquenta cada — além de uma taxa de urgência. Vamos chamar isso de arranque ou custo de oportunidade. A gente quer que as pessoas abram o cartão, leiam o programa e fiquem tocadas a mandar algum dinheiro. Vamos imprimir os cartões de agradecimento na mesma leva. Quem olhar vai perceber que o garoto tirou a sorte grande por ter um tio como você.”

Esse é o primeiro elogio que recebo acerca do meu novo papel, e me surpreendo com a sensação boa que dá.

“Bom”, ela diz, sem me dar nem um segundo para me deleitar. “Vamos usar nosso tempo com sabedoria. Para o convite, termografia está bom. Nesse caso, com o histórico da família, utilizar alguma gravação seria um exagero. E sugiro que você *não* convide as pessoas por e-mail. A gente vai fazer um convite legal e as pessoas vão se sentir obrigadas... ‘A pedido de Nate, todos os presentes serão destinados à construção de uma escola no vilarejo...’ Elas podem fazer a doação pelo PayPal — eu descubro como se faz. Enquanto isso, você poderia pegar com o Nate uma citação sobre a visita dele e o porquê de o lugar ser tão importante para ele?”

“Claro.”

“Anote”, ela diz, apontando o bloco de papel em branco à minha frente: “Essa é a sua lista de tarefas. ‘Por favor, venha celebrar com Harold Silver e...’ — qual é o nome da irmã?”, ela indaga.

“Ashley.”

“Ashley Silver o bar mitzvah de Nathaniel’ — qual é o nome do meio dele?”

“Humm, Allan?”

“... Nathaniel Allan Silver no dia, digamos que seja 9 de julho, em... qual é o nome da cidade?”

“Nateville.”

“Nateville, que fofo!, África do Sul. ‘O bar mitzvah será ao meio-dia, seguido de banquete e baile comemorativos.’ Você sabe em que lugar da África do Sul fica Nateville?”

Faço que não.

“Qual é a maior cidade das imediações?”

“Durban”, eu acho.

“A gente vai precisar de serviço de bufê, rabino, banda e provavelmente uma caminhonete refrigerada para transportar tudo para o local, quem sabe uma tenda e ar-condicionado. Qual é a temperatura por lá em julho?”

“Acho que é inverno.”

“Eu descubro.” Rabisca um lembrete para si. “O que você está pensando sobre a comida? Um lugar para preparar rosbife? Omeletes

feitos sob encomenda? E quanto à banda? Uma banda de rock judaica importada da cidade grande — sabe como é, grandes hits e canções judaicas tradicionais com uma batida dançante? E a gente precisa falar do orçamento. Sou capaz de passar o dia inteiro sonhando, mas não tenho noção do que você está pensando.”

“Estou pensando em uma coisa um pouco mais... como é que se diz?... não exatamente sóbria, mas que tire proveito do que a gente pode arrumar lá no vilarejo mesmo.”

“Rústica?”, ela sugere.

“O que a gente fizer deve estar dentro da tradição do vilarejo na África do Sul e não pode ser muito exagerado.”

“Existe, tipo, um hotel ou uma pousada no tal vilarejo?”, ela questiona.

“Não sei.”

“Sabe...”, ela constata, “você e eu estamos trabalhando em desvantagem no momento”.

“Como assim?”

“A gente não faz ideia do que está falando. Você já foi à África do Sul?”

“Não.”

“Eu também não”, ela diz. “Mas tenho algumas pistas. Quando algo foge à minha compreensão, eu me pergunto: o que Lynne Tillman faria?”

“Quem é Lynne Tillman?”

Ela me encara como se dissesse: você não sabe mesmo? “Sabe o Colin Cowie, aquele que trabalha com a Oprah?”

De novo, não faço ideia do que ela está falando.

“O Colin é um organizador de festas incrível que realiza eventos no mundo inteiro para a Oprah, mas o Colin sabe o que sabe por ter estudado com a Lynne Tillman.”

“Que também é organizadora de festas?”

“Não, ela é escritora, mas cheia de sacadas sobre o porquê de as pessoas fazerem o que elas fazem. Então o Colin aplica a estética de Lynne Tillman a tudo o que ele faz, e é isso o que o torna tão bom. Eu estava pensando em entrar em contato com o Colin e ver o que ele sugere — ou talvez eu possa ligar para Lynne Tillman. Talvez a opinião dela ajude.”

Assinto, ainda sem saber direito do que ela está falando.

“Vamos partir para os presentinhos, por enquanto. Antes, eu sugeria objetos como solidéu personalizado, às vezes iPod personalizado — mas é um item caro e hoje em dia a maioria das crianças já tem um. A gente faz muito globo de neve, boné de beisebol, camiseta... Mas neste caso eu pensei em bolas de futebol com a inscrição ‘Nate 13’.”

“Brilhante”, declaro, realmente empolgado pela primeira vez.

Ela embarca no meu entusiasmo e segue em frente. “E coletes, azul-bebê e branco com o nome de cada um em letras de feltro. Tem eletricidade por lá? O alfabeto é o mesmo?”

“Quanto custam as bolas de futebol customizadas?”

“A gente compra por dúzia. Você quer só as blusas? Ou blusas, shorts, meias? Seria uma boa a gente fazer tudo. Tênis de vários tamanhos? E uns uniformes de juiz? A gente podia fazer coletes de duas cores, metade de cada, para formarmos times?”

“Melhor fazer tudo”, digo.

“Para as meninas também?”

“É claro, tudo igual.”

Ela me entrega outra lista de tarefas, meu dever de casa para a reunião seguinte: (1) Lista de endereços, de preferência em formato eletrônico. (2) Ideias quanto ao teor do serviço. (3) Quero que ela ache um rabino ou não? (4) Orçamento?

Cheryl surge com uma bandeja de café e biscoitos. Fazemos um lanche rápido, durante o qual Cecily, a agente de viagens, chega. Sofia encaixota seus pertences, deixando-me com uma caneta e um papel carimbado com seus dados e logotipo: “Swa-Rei por Sofia.”

Cecily preparou uma apresentação em PowerPoint descrevendo três roteiros, do mais barato ao mais caro. “Fiz uma coleta de dados; estamos falando em mais ou menos nove mil por pessoa em passagem aérea.”

“Não há razão para voar de executiva — econômica está bom”, declaro.

“É econômica. Talvez eu consiga abaixar para uns seis mil e quinhentos se houver certa liberdade quanto às datas e horários de voo.”

“Muita liberdade.”

“Não se esqueça”, Sofia diz quando está de saída, “a data está marcada — 9 de julho ao meio-dia”.

“Certo”, a agente de viagens diz. “Então... quantos dias no vilarejo?”

“Dois? Quem sabe três?”

“Vamos de duas noites, três dias. E depois o quê? Um safári com os cinco grandes? Sabe: leão, elefante, búfalo, leopardo e rinoceronte. E do safári a gente vai para um passeio de balão, bungee-jump, visita a uma cachoeira?”

“Vamos nos ater à natureza e história — nada de bungee, nada

de balão, nada de cachoeira”, decreto. “Você sempre quis ser agente de viagens?”

“Fui aeromoça”, ela explica. “Conheci meu marido no avião; ele viajava com frequência, era casado. As outras meninas falavam ‘Eles nunca largam a esposa’, mas Lee largou. Ele voltou e disse ‘Você precisa me tornar um homem honesto’.” Ela faz uma pausa. “Então imagino que a grande questão seja: quanto luxo você quer?”

“Quero que seja legal, mas não exagerado. Ligo mais para a segurança do que para o luxo.”

“Você não quer impressioná-los?”

“Eu não quero parecer um babaca, indo a um vilarejo distante e pobre para ficar uns dias, depois dizer ‘*Hasta la vista, baby*’ e ir para um safári luxuoso. Seria incoerente com o cerne da ideia: comemorar um rito de passagem da infância para a idade adulta.”

Cheryl sorri de orelha a orelha, satisfeita consigo e com suas fontes.

“O que elas acham que eu sou seu?”, pergunto, quando Cecily está no banheiro.

Cheryl ri. “Elas sabem tudo de você”, ela diz. “Elas falam que você é meu outro marido, e eu acho que todo mundo deveria ter um desses — até o meu marido acha isso. Vivemos numa cultura tão retrógrada, literal demais para sobrevivermos.”

“E quanto a professores particulares para a Ashley e o Ricardo? Você conhece alguém?”

“É claro”, ela responde. “Nós temos uma lista comentada de quem é bom para que tipo de criança e em que matéria.”

“E eletricista?”

Ela me fita. “Vou te mandar a lista por e-mail.”

No domingo, ao meio-dia, minha mãe se casa com Bob Gold. Ashley começa a filmar o vídeo quando as portas corrediças de vidro do asilo se abrem com um ruído de sucção, uma espécie de estouro, e a câmara de compressão racha. Ela vira a câmara para a esquerda. “Silver se casa com Gold ao meio-dia” está escrito no quadro branco junto à porta da frente do asilo. O ar-condicionado do lugar resolveu enguiçar, e o ambiente cheira a fraldas velhas. Minha mãe está no quarto dela, sendo cuidada pelas damas de honra. Duas senhoras roliças bloqueiam a porta. “Proibida a entrada de garotos”, elas declaram, permitindo que Ashley e a câmara passem entre elas.

Ricardo e eu aguardamos no refeitório, que foi transformado em uma espécie de capela, com um bolo de casamento de três andares, e flores.

“Você vai entregar a sua mãe?”, uma senhora indaga, e não entendo muito bem o que quer dizer. “Levar ao altar?”, ela pergunta.

“Vou, claro, sem problema.”

Um homem de meia-idade se apresenta como Eli, filho de Bob Gold. “Peço desculpas pelas minhas irmãs.”

“Eu compreendo.”

“Ele ainda é casado com a nossa mãe, apesar de ela estar em coma.” Assinto. “É complicado para as minhas irmãs vê-lo seguir em frente. Quando o papai nos disse que se sentia capaz de amar mais de uma mulher ao mesmo tempo, minhas irmãs não estavam preparadas para escutar.” Ele faz uma pausa. “Temos um conhecido em comum”, ele afirma. “O filho da sua tia Lillian, Jason. Fui namorado dele... mundo pequeno.”

“Minúsculo”, digo.

O refeitório começou a se encher de idosos em seus melhores trajes, chegando em vários estados de mobilidade: alguns por conta própria, outros com bengalas ou andadores, outros empurrados em cadeiras de rodas. Uma caravana de três cadeiras de rodas empurradas por um auxiliar entra no salão.

“Bolo antes do jantar”, um dos residentes diz, animado.

Ricardo usa um blazer do Nate; sua complexão robusta absorve o excesso.

“Você está linda, mãe”, elogio, dando-lhe um beijo na bochecha quando ela entra no salão.

“Você está bem bronzeado”, minha mãe diz a Ricardo. “E está mais baixo e gordo que antes.”

“Este é o Ricardo, vovó, não o Nate. O Ricardo é novo”, explica Ashley, indo socorrê-lo.

“Ah”, ela diz, “prazer em conhecê-lo”.

“Ele é meu irmão”, Ashley afirma.

“Bem-vindo à família”, minha mãe diz, distraída.

“Obrigado”, diz Ricardo. “Parabéns pelo casamento.”

“O Ricardo pode levar as alianças?”, Ashley pede. “Ele também quer participar do casamento.”

Bob dá a aliança a Ricardo e Ashley recebe uma cesta de pétalas de rosa. A música começa e Ashley caminha rumo ao altar, seguida por Ricardo. Pego o braço da minha mãe e a conduzo até o altar, enquanto uma das enfermeiras toma o braço de Bob Gold.

Bob Gold, percebo agora, é meu novo padrasto. Por alguma razão me dou conta disso quando ele e minha mãe estão lado a lado diante de Cynthia, a “curadora de energias” e ex-enfermeira que aceitou realizar a cerimônia.

A cerimônia em si é surpreendentemente tocante, embora não tenha validade jurídica. As palavras pronunciadas diante de minha mãe e de Bob enfatizam companheirismo e zelo, lembranças e histórias. Estou à beira das lágrimas quando minha mãe joga o buquê e ele é apanhado, ou melhor, ele aterrissa no colo de uma mulher com uma só perna, que sorri. “Nunca se sabe”, ela diz.

Minha mãe e Bob cortam o bolo. Quando Bob faz menção de lhe dar a primeira garfada, sua mão treme tanto que mamãe segura o braço dele, guiando-o até sua boca.

Escuto a conversa de duas serventes.

“Ele vai se mudar para o quarto dela?”

“Parece que sim”, uma delas diz. “Vão colocar a cama deles lado a lado. Tomara que as rodinhas fiquem travadas para que eles não caiam pela fresta e quebrem o quadril.”

Quando termina, os residentes são conduzidos à outra ponta do corredor para o cochilo da tarde e damos *adieu* aos recém-casados.

Estamos bem-vestidos e sem ter para onde ir. “Vocês não querem sair para jantar cedo em algum restaurante bacana?”, pergunto a caminho do carro.

“Pode ser”, diz Ashley. “Ou a gente vai para casa e, tipo, põe o pijama e faz uma festa com pizza na frente da tevê.”

Vejo Ricardo afivelando o cinto no banco de trás.

“Eu queria provar um lugar novo”, ele diz.

“Que tal a gente ir à cidade?”

As duas crianças fazem que sim. “Seria criativo”, Ashley diz.

Levo-os ao Oak Room do Plaza e pedimos Shirley Temples e sanduíches grandes; fazia anos que não me divertia tanto.

“Meu primo trabalhava num hotel”, Ricardo conta, enquanto devora uma fatia grossa de cheesecake. “Ele voltava para casa com o bolso cheio das moedas de chocolate que colocavam nas camas à noite. Dá para imaginar como não é dormir em uma cama cheia de chocolate?”

Estou me sentindo o máximo quando falo para Nate que descobri umas novidades para levar à África do Sul — minicarregadores solares para telefone celular.

“Que bom”, ele diz. “Mas eles precisam é de calefação solar para as casas, para aquecimento de água, luzes para o vilarejo à noite; seria bom pensar em algo maior.”

“Ok”, digo, “entendido. Existe alguém no comando de Nateville, tipo um prefeito ou ancião?”.

“Sakhile é o *induna*, o chefe. A esposa dele é a Nobuhle. Mthobisi, Ayize e Bhekiziziew são os braços direitos dele.”

“Como é que eu entro em contato com eles?”

“Em geral, por e-mail.”

“Eles têm e-mail?”

“Agora têm”, ele confirma.

“E como você faz para mandar dinheiro?”

“De várias maneiras — pelo PayPal, ou pelo cartão de crédito do papai, ou direto para uma conta bancária. Eles também usam muito o banco pelo celular. E tem também, tipo, um mercado perto de Nateville que processa o pagamento e dá o dinheiro a eles.”

“Quanto você manda?”

“Umas centenas de dólares por mês.”

“Onde é que você consegue o dinheiro?”

Ele passa um minuto calado. “Você quer mesmo saber?”

“Quero.”

“Vendendo coisas.”

“Que tipo de coisas?”, pergunto devagar, esperando que ao prolongar as palavras eu não demonstre meu pânico.

“Material escolar?”, Nate diz como se não tivesse certeza.

“Nate, no momento essa história tem tantos furos que parece até queijo suíço. Abre logo o bico.”

“Está bem, está bem, então, tipo, quando um colega aqui da escola precisa fazer uma compra na loja da escola...”

“Sim?”

“Eu ponho na minha conta, que é ligada ao cartão de crédito do papai, eles me pagam em dinheiro e eu mando o dinheiro para Nateville.”

Fico aliviado.

“Ninguém liga”, Nate diz. “Acham que é uma boa causa. São bem do gênero ‘fica com o troco’. Fiz uma coisa no último outono: sempre que alguém comprava a camiseta do time da escola, eu pedia que comprassem uma para a escola de lá.”

“O que o diretor da sua escola pensa disso?”

“Não é nada de que ele possa reclamar — afinal, foram eles que nos levaram para lá...”

Rascunho um e-mail para o chefe do vilarejo: “Boa noite, sou o tio do Nathaniel Silver, que me contou da relação que tem com o seu vilarejo. Em julho comemoraremos o 13º aniversário dele, uma ocasião especial na fé judaica, que marca a transformação de um

menino em um homem, e Nathaniel gostaria muito de fazer o bar mitzvah dele no seu vilarejo. Você poderia me informar se é possível? E também qual a melhor rota para se chegar ao seu vilarejo partindo da Costa Leste dos Estados Unidos. Cordialmente, Harold Silver.”

Obtenho resposta minutos depois. “Pegue voo para Durban e nós arrumamos carro, 1-2 horas de viagem, deixe tempo para pneu furado. Que dia você chegar?”

“Agradeço desde já”, respondo por escrito. “Ainda não sei o dia. Nesse meio-tempo, temos uns materiais para a festa que gostaríamos de mandar para o vilarejo. Qual é a melhor forma de enviá-los?”

“Manda para Durban e meu mano pega.”

“Você tem internet?”

“É claro, é assim que estamos conversando. Você usa Skype? A gente se gaba por ser o único vilarejo com satélite próprio — uma noite ele caiu do céu e foi parar nas colinas aqui perto. Imaginamos que fosse um terremoto ou alienígenas do espaço. A recepção é boa. Nossos telefones têm quatro barras o tempo todo — sinal muito bom.” Ele se cala; passam-se um ou dois minutos.

“São quantas pessoas no vilarejo?”, escrevo.

“Temos uma escola com sessenta crianças e temos mais uns trinta ou quarenta que são velhos. Venha nos ver. Nossas crianças adoram festejar. Você pode mandar dinheiro para suprimentos?”

Existe uma forma educada de perguntar: o que a gente vai ganhar em troca do dinheiro? “Preciso que você peça recibos; meu contador é muito rígido no que diz respeito a recibos.”

“O que é contador?”

“O homem que se mantém a par do dinheiro”, digito. “Que quantia eu mando?”, pergunto. “Quinhentos dólares?” Não quero ser mesquinho, mas não sei quanto as coisas custam.

“Para uma festa para o vilarejo todo?”, ele responde. “A gente pode ser um vilarejozinho pobre, mas vive na realidade do século XXI.” Um minuto se passa e o cara escreve: “Posso pedir um favor? Você pode trazer ibuprofeno? Sofremos com umas dores terríveis.”

“Claro”, respondo.

“Obrigado.”

“Ok, então me informe quais são suas ideias para a festa, quanto você acha que vai custar, e a gente parte daí.”

“Ok”, ele digita. “Vou conversar com o meu mano e volto a falar com você.”

Eu saio, surpreso porque um momento antes estava conversando com um estranho do outro lado do mundo — trocando ideias como se faz com alguém que a gente conhece há anos. Verifico qual é a diferença de fuso: sete horas. Uau — para eles eram duas horas da madrugada.

Na noite de sexta-feira, a melhor amiga da tia do Ricardo vem cuidar das crianças e saio para jantar com Cheryl e o marido dela, Ed.

Ed é simpatia pura, o tipo de cara que dá tapinhas nas costas. Falamos de tudo, menos do fato de que estou dormindo com sua esposa.

“Em que ramo você trabalha?”

“Antigamente era no acadêmico”, respondo, “agora estou escrevendo e editando um pouco”.

“Ah, é?”, ele diz. “Como é que funciona? Como é que você decide sobre o que escrever, ou o que pôr e o que tirar?”

Dou de ombros. “A gente tem que ir tateando. E quanto a você?”

“Negócio de família — a gente faz vulcanização.”

“Como é que se faz isso mesmo?”

Ele dá início a um longo discurso, combinando aula de ciência com blá-blá-blá de vendedor.

“Fascinante”, digo.

“Não embarque na onda dele, sério...”, diz Cheryl.

“É interessante de verdade.”

“É simplesmente o nosso trabalho”, ele diz. “Então, você é casado? Tem filhos?”

“Recém-divorciado”, declaro. “Sem filhos.”

“Como foi que vocês dois se conheceram?”, Ed indaga.

Faço sinal para a garçonete: “A conta, por favor.”

Avanço metodicamente pela lista de tarefas de Sofia para o bar mitzvah — e encontro dificuldades para localizar Ryan Weissman, o jovem aspirante a rabino. O número de telefone do cartão de visitas que me deu quando foi me ver no horário de atendimento para discutir “O judeu como fora da lei” não funciona mais. Ryan S. Weissman, Bolsista Herschlag em Estudos Pós-Judaicos. O que são estudos pós-judaicos? Pesquiso a Bolsa Herschlag no Google. Clique duplo.

Binnie e Stanley Herschlag celebraram o amor que nutriram a vida inteira pelo aprendizado com a criação da Bolsa Herschlag na ocasião do 50º aniversário de casamento do casal. Ambos têm tamanho orgulho de seus filhos, Arthur e Abraham, “gêmeos que se tornaram rabinos”, diz Binnie Herschlag. “Dá para querer mais que isso?”, diz Stanley Herschlag. “Dá, sim”, Binnie responde. “E eu quis.” O texto é interrompido por uma foto de Binnie segurando o primeiro neto. “Allen Steven Koenig Herschlag. Eu não teria como sentir mais orgulho. Bom, teria, mas...”

Localizo Ryan pesquisando sistematicamente na internet e verificando suas postagens breves, tipo fezes de coelho ao longo do caminho. Sua “curtida” de um site chamado “Reduzindo o vão (Judeus e gentios podem mesmo ser amigos?)” é o que me leva a ele.

“Você terminou seu artigo sobre judeus que viraram criminosos?”, pergunto, quando enfim o contato por telefone.

“Desisti”, ele responde.

“Como assim, desistiu?”

“Para mim chega”, ele diz. “Larguei o curso.”

“Mas você é de uma família de rabinos, você não pode largar.”

“Dá para imaginar a dificuldade que foi?”

“O que foi que aconteceu?”

“Fiquei muito deprimido com a malícia das pessoas, com a falsidade dos líderes, com a merda que existe em tudo. Passei por uma grande crise espiritual e familiar e tive de me perguntar: eu quero mesmo ser rabino?”

No fundo há um som bizarro de grasnido fanhoso. “Que barulho é esse?”

“Porcos”, ele diz. “Estou trabalhando no norte do estado, em uma fazenda orgânica, e uma das minhas funções é cuidar dos porcos. Irônico, não é?”

“Acho que é.”

“São bichos muito inteligentes”, ele diz.

Peço conselhos acerca dos pontos essenciais do bar mitzvah, o que é que torna um bar mitzvah legal — há normas, preces específicas que é preciso fazer ou dizer para garantir que seja um bar mitzvah oficial?

“O que eles não falam é que nada é exigido”, Ryan declara. “Quando você completa treze anos, vira homem — a cerimônia é um ato público. Aos treze anos você é obrigado a observar os mandamentos da Torá, fazer parte de um *minian*, e que é responsável pelos próprios erros, pode ser castigado. Em geral, o menino que está fazendo bar mitzvah lê a parte da Torá daquela semana, ou pode apresentar um artigo sobre algum tema.”

Pergunto a Ryan se ele levaria em consideração a possibilidade de nos acompanhar na viagem como líder espiritual oficial. Ele adora a ideia de levar as tradições judaicas a um vilarejo longínquo, adora o que Nate fez, mas... “Não posso”, ele explica. “Não posso. Quero, mas não passo. Os porcos precisam de mim, ou vai ver que eu preciso dos porcos.”

Estou no escritório em Manhattan, de papo furado com Wanda enquanto espero o homem pegar as caixas no cofre-forte.

“Só queria avisar que vou tirar uma folga no verão”, digo. “Vou levar a minha família à África do Sul.”

“Divirta-se”, ela diz.

“Pode entrar em contato pelo meu celular, se houver alguma emergência.”

Wanda assente. “Que tipo de emergência? Uma vírgula fora do lugar?”

“Só avisando. A Ching vai ter tempo para pôr em dia as transcrições e revisões.”

“Tudo bem”, diz Wanda.

“Alguma dica de viagem? Sugestão de lugares aonde ir, restaurantes fabulosos?”

“Não faço ideia”, ela responde.

“Mas você não é neta do...?”

“Da faxineira dos Nixon em Washington?”, ela diz, interrompendo-me. “Marcel conta para todo mundo que a minha mãe trabalhava para a senhora Nixon.”

“Que estranho”, digo, e não prossigo. “Qual é a história do Marcel?”

“Bom, ou ele é o filho ilegítimo do Nelson Mandela que foi mandado para Harvard para estudar teologia e tomou bomba, ou é um menino de Nova York que faz *stand-up* na Upright Citizens Brigade.”

“Onde será que está a verdade?”, digo, ciente de que fui ludibriado.

“É uma questão em aberto”, ela afirma.

À medida que os dias transcorrem, tudo se torna mais urgente. Equilibro-me entre passaportes, passagens aéreas, fichas de plano de saúde para o acampamento, nomes gravados a ferro nos convites.

Cheryl e eu estamos numa drogaria do shopping, comprando suprimentos. “Acho que foi tudo bem com o Ed”, ela comenta.

“Tão bem quanto possível”, digo.

“O que você está querendo dizer?”

“Não consigo imaginar vocês dois juntos. Sobre o que vocês conversam?”

“A gente não conversa. É por isso que estou aqui com você comprando antisséptico para as mãos”, declara Cheryl, irritada.

“Você está chateada por algum motivo específico?”

“Sofia tem uma quedinha por você”, ela diz.

“Ela só fala de você e do bar mitzvah e que divertido não seria se ela pudesse ir junto e que ela nem acredita que vai perder essa.”

“Não estou interessado nela”, afirmo. “Vai ver que ela quer é o que você tem. As mulheres são assim: quando saem para almoçar, gostam de pedir a mesma coisa para as duas.”

“Ela está de olho em você”, Cheryl afirma. “O marido está largando ela por um novo gênero de esposa para exibir aos amigos: uma física nuclear que é ótima no esquí.”

“Não vai acontecer nada”, prometo a Cheryl.

“Porque você já está ‘namorando’ a Amanda?”

“Porque não estou interessado na Sofia.”

“Você vai convidar a Amanda para a viagem?”, Cheryl pergunta.

“Ainda não convidei”, respondo. “Você está perguntando porque quer ir?”

“Eu não iria”, ela diz. “Seria esquisito. O que os meus filhos diriam se eu falasse que tenho que ir à África do Sul para o bar mitzvah do seu sobrinho? Eles nem te conhecem.”

“Era isso o que eu estava pensando, mas não queria falar. Só para você saber: o convite está aberto a você e à sua família, marido, filhos, qualquer um...”

“Que divertido, que nem uma família de seriado com adúlteros”, ela brinca.

“E...”, continuo, como um apresentador de televisão empilhando prêmio, “eu gostaria muito de conhecer seus filhos uma hora dessas — deixaria as coisas mais reais”.

“Conhecer de que jeito? Tipo você ir jantar conosco e eu falar para eles ‘Este é o cara com quem a mamãe brinca quando o papai está ocupado ‘fazendo vulcanização’?”

“Conhecer como se eu fosse um amigo seu”, sugiro.

“Vou pensar na ideia”, ela diz. “Mulheres casadas não têm

amigos homens.”

“Os tempos estão mudando”, afirmo.

Encho minha cestinha de miniaturas de pasta de dentes e xampu, enquanto Cheryl tenta me convencer a “comê-la” na nova seção de comestíveis batizada de “pegar e levar”. Ela acha que deveríamos realizar uma aventura sexual em cada uma das lojas do shopping. Avançamos cerca de um quarto do percurso da construção em forma de ferradura, mas estou certo de que os vendedores das lojas, os seguranças e os outros nos reconhecem. Não sei bem se é porque somos clientes — como as senhoras que vêm para caminhar, dando voltas para se exercitar —, ou porque estão comercializando uns vídeos de câmeras escondidas.

Estou colocando escovas de dentes descartáveis na cesta quando o meu celular toca. Ignoro. Após o quarto toque, ele para, e logo depois volta a tocar. “É ela”, Cheryl afirma. “Que outra pessoa te liga duas vezes seguidas? É melhor você atender.”

“Alô”, digo.

“Não acho o meu pai”, Amanda declara, em pânico. “Ele se perdeu.”

“Onde é que você está?”

“Do lado de fora, numa porra de um shopping”, ela diz, “perto do estacionamento”.

“O que foi que a sua mãe disse?”

“Eu mandei os dois para o Dairy Queen enquanto levava a capa do sofá na lavanderia; eu não queria que eles ficassem constrangidos quando eu explicasse à atendente que tinha fezes no sofá...” Apesar de não estar no viva-voz, todas as palavras são ditas em alto e bom som para que Cheryl e quem mais esteja num raio de três metros escute. “Minha mãe falou para o meu pai que ele não podia pedir nozes no sundae porque piora a diverticulite dele, daí ele se zangou e foi embora. Estou tentando achá-lo, mas ela não consegue andar rápido o suficiente para me acompanhar.”

“Que tal deixar sua mãe no carro enquanto você procura, ou ver se alguém não pode ficar uns minutinhos com ela?”

“Pergunta para ela se não tem um Home Depot”, Cheryl sussurra. “Os homens sempre vão para as ferragens.”

“Tem uma Home Depot?”

“Tem”, ela diz.

“Olha lá. Acha uma daquelas pessoas de colete laranja e fala que você está tentando localizar uma pessoa desaparecida.”

Um tempo se passa e então Amanda diz: “Os coletes laranja estão à procura. Espera aí, estão falando pelo radiocomunicador... Foi achado na seção de hidráulica... ele está fazendo xixi em um dos mostruários de vasos. Estou indo para lá. Ele me viu. Está indo na

direção oposta, está correndo. Meu pai está fugindo. Tenho que ir. Te ligo depois”, ela diz, desligando.

Enquanto eu conversava, Cheryl acrescentava artigos ao meu carrinho, artigos em que só reparo quando estou na fila do caixa: clisteres, Tampax, fraldas geriátricas, fita vedante, e agora ela está em algum lugar do corredor de maquiagem.

“O que é que você acha disso?”, Cheryl pergunta por mensagem de texto.

Viro a cabeça; parada no final do corredor, ela levanta a blusa e me mostra os seios nus — com uns cílios postiços grudados neles.

Meu coração dispara — será que mais alguém viu?

“Isto aqui é seu?”, o homem no caixa pergunta, pegando um tubo grande de K-Y da minha cesta.

“Não”, digo, enquanto cavouco as compras às pressas e tiro os supositórios de glicerina. “Só o Purell e as miniaturas são meus. Alguém deve ter confundido meu carrinho com outro.” Tiro uma caixa de Buscopan e a deixo no balcão.

Ela manda outra mensagem: “Não sou a única que está rindo.”

“Como é que você confunde o carrinho tendo fralda e um leite de magnésia grande?”, alguém murmura.

“Ele está com vergonha”, outra pessoa diz.

“Não estou com vergonha”, declaro. “Eu estava comprando miniaturas para uma viagem em família.”

O segurança se aproxima de mim. “Qual é o problema?”

“Esse pessoal fica dizendo que eu estou com vergonha do que está no meu carrinho — mas a questão é que alguém pôs esses produtos aí e ninguém acredita em mim.”

“Você quer comprar os produtos ou não quer?”

“Não”, afirmo, levantando as mãos, como se me rendesse. “Esquece, eu faço as compras outra hora.”

“Olha, meu senhor, compre o que você precisar. Não deixe que o pessoal intimide você.”

“Não estou intimidado”, retruco, meu bolso vibrando outra vez.

“Mau perdedor”, Cheryl diz por mensagem de texto.

Pago os meus produtos e o segurança me segue até a porta. Disparo o alarme na saída e fico ali parado — ciente de que Cheryl me observa de algum lugar, aos risos.

“Vai”, o cara ordena.

“Mas soou o alarme quando passei”, declaro.

“Você roubou algum produto?”, ele indaga.

“Claro que não.”

“Então vai logo.”

“Estou com um cílio postiço grudado no mamilo e não faço

ideia de como tirar — na hora em que os prendi, nem pensei em como os mamilos são mais sensíveis”, Cheryl relata quando a alcanço.

“Tenta removedor de esmaltes”, sugiro.

“Já tentei, no corredor três; foi por isso que me atrasei.”

“Bom, então você vai ter que ficar com ele até cair”, digo, impassível.

Ela enfia a mão no meu bolso de trás e pega um bando de sensores metálicos de códigos de barras. “Você está livre”, ela diz.

“Você está ficando esquisita demais”, comento.

“Eu assumo”, ela diz. “Estou com ciúmes.”

“De quê?”

“De você com aquela fulana de tal.”

“Amanda”, digo.

“Exatamente”, ela diz.

No domingo, quando levo Ricardo para a casa da tia Christina, conto a ela e ao marido dela que estou planejando um bar mitzvah para o Nate na África do Sul. Descrevo a viagem, explicando que, como parte da comemoração, talvez a gente abata e cozinhe um bode, que haverá dança e pessoas usando roupas tradicionais enfeitadas com contas, tambores à moda antiga e plumas. Dá para perceber que acham muito estranho.

Christina balança a cabeça. “Não sei por que você quer entrar no passado, quando o futuro está bem diante dos seus olhos.”

“Ele é historiador”, Ricardo explica. “Ele vive no passado. Passa o dia inteiro lendo livros sobre coisas que já aconteceram.”

O homem vira o carrinho a controle remoto de Ricardo e faz o brinquedo correr pelo piso, para frente e para trás, estalando as rodinhas.

“O Ricardo tem passaporte?”, pergunto.

“Acho que não”, a tia responde.

“Tudo bem para você se eu pesquisar do que a gente precisa para tirar um?”

Ela faz que sim.

Ricardo dança pela sala. “Eu vou fazer um safári”, ele diz. “No safári, eu vou capturar um ele-fante, um ele-fante.”

O tio bate o carro no pé de Ricardo — de propósito.

“Divirta-se”, ele diz.

Os convites chegam. São bonitos, atrativos, sérios. O envelope é elegante, com seu forro de tecido azul. Mando um para Nate por FedEx.

“Recebi o convite”, ele diz, e parece que está chorando.

“Você não gostou?”, pergunto, entristecido.

“Não”, ele responde. “Quer dizer, sim. Parece verdade verdadeira.”

“Mas é verdade”, retruco.

Ele interrompe o choro com uma fungada. “Estou meio perplexo. Desde que a situação ficou estranha com a mamãe e o papai, eu desisti das coisas normais — não me pareciam mais possíveis.”

“Então você acha que tudo bem?”

“Ótimo”, ele diz.

“Então está bom. De que tipo de bolo você gosta?”, indago, imaginando que devo cuidar de certos itens da minha lista de tarefas, agora que estou com ele ao telefone.

“Chocolate”, ele diz.

“E quanto à Torá — você resolveu o que quer fazer em termos de leitura?”

“Sabe”, ele diz, “hebraico como língua não é muito a minha praia. Eu meio que quero escrever meu próprio texto...”

“Que consistiria em quê?”

“Você já esteve no Burning Man?”

Sofia despacha os convites, todos endereçados com sua bela caligrafia. Ela me passa uma listagem eletrônica para eu acompanhar as confirmações de presença. Sei que os convites foram entregues quando o primo Jason começa a me mandar e-mails com artigos falando mal da África do Sul. São matérias dizendo que batidas de carro são a causa principal de mortes de turistas; que a quantidade de pessoas assaltadas nos aeroportos é enorme; que há uma alta de violência contra brancos e de doenças como ebola; que, se você parar no sinal vermelho à noite, as pessoas quebram as janelas e pegam o que houver dentro do carro, ou te sequestram...

“Obrigado por todas as recomendações”, respondo por escrito. “Imagino pelos anexos que você estará conosco em espírito, mas não em pessoa.”

Fazendo muitas compras tanto na Oriental Trading Company como

através do catálogo da Lillian Vernon, Sofia encomendou lápis, cadernos e mochilas para todas as crianças do vilarejo. Ela preparou gigantescos embrulhos de plástico contendo casacos de futebol, materiais escolares, instrumentos musicais, partituras, um toca-fitas e uma cópia gravada de todas as canções que ela quer que aprendam, além do preparado para o bolo de chocolate, a cobertura de chocolate, granulado e velas.

Enquanto isso, no andar do escritório de George há quatro malas que andei fazendo com roupas para as crianças — as mesmas peças para cada uma delas, mas de tamanhos e cores diferentes. Levo Ricardo e Ashley ao dr. Faustus para tomarem vacinas e tomo providências para que Nate tome na escola mesmo as que precisar.

E, à medida que me preparo, também me preocupo; não duvido que o afeto dos aldeãos por Nate seja genuíno, mas creio que, sem o dinheiro para respaldá-lo, ficariam menos entusiasmados. Sem querer depreciar seu momento, não digo nada a Nate, mas estou consciente de que estão nos manipulando em busca de comiseração, de qualquer coisa que possamos lhes dar, como é direito deles fazer — se existe uma população merecedora de reparações, é essa.

Durante um encontro amoroso vespertino cada vez mais raro, Amanda me diz que tem mais informações sobre a moça assassinada, Heather Ryan.

“Tipo o quê?”

“Tipo que, quando achei a carteira dela, achei outras coisas também.”

Eu a encaro. “Tipo o quê?”, repito.

“Roupas de ginástica, cadernos da escola... coisas.”

“Você já pensou em devolver para os parentes dela?”

“Não”, ela responde.

“Por que não?”

“Porque eles têm coisas da vida inteira dela, mas eu só tenho essas”, ela explica.

“Mas é a família dela...”

“E ela sou eu”, Amanda declara, interrompendo-me.

“Então, quando você falou que tem mais informações sobre ela, o que quis dizer?”

“O celular dela continua funcionando.”

“Imagino que os pais ainda não tenham desligado. Com certeza não é a primeira tarefa da lista deles.”

“Ela recebeu mensagens...”

“Que tipo de mensagens, e de quem?”

“Recado na caixa postal, da melhor amiga.”

“Sério?”, questiono, surpreso.

Amanda faz que sim e me entrega o telefone. “O primeiro é do dia que ela sumiu”, diz, apertando o botão das mensagens de voz e ligando o viva-voz. “Cadê você? Aloooou? Me liga. Olha, é sério, por que é que você está tão estranha? Liga. É para eu me preocupar? Se você não me ligar dentro de cinco minutos eu vou ligar para o Adam... Ok, o Adam também não sabe onde é que você está. Só para você saber, você é oficialmente uma pessoa desaparecida... Aloooou! Ok, então, a polícia falou para os seus pais que seu corpo foi encontrado numa caçamba de lixo. Sua mãe gritou e depois vomitou no chão da cozinha inteira. Seu pai pediu que eu e a senhora Gusky ficássemos com ela e saiu com a polícia. A senhora Gusky limpou a sujeira. Levei a sua mãe para a sala de estar. Não sei bem o que pensar. Passei a noite no seu quarto, com a sua irmã. Ficamos ali sentadas. Eu não parava de pensar que a qualquer momento você ia chegar em casa — e mostrar para todo mundo que essa coisa toda de cães farejadores e gente investigando não passou de um exagero gigantesco. Seu pai voltou às cinco da madrugada. Fizeram-no olhar seu cadáver para confirmar que era você. Como é possível você estar morta? É bizarro eu estar ligando para uma morta? Acho que eu não acredito de verdade. É como se eu não fosse acreditar até você me falar que é verdade. Você é a pessoa que sempre me diz o que é e o que não é, não é estranho? Com quem é que eu vou conversar agora? Fui para casa essa tarde, meus pais não paravam de perguntar se eu estou bem. Não estou bem, mas não estava aguentando o jeito como eles me olhavam, como se eu fosse um cachorro perdido. Tive de sair de casa, e aí um monte de repórteres ficaram me seguindo e eu fui para a sua casa e a sua família está péssima, o que faz sentido. O resto de nós está, tipo... em estado de choque. Encontrei com o Adam no parque; ele acha que é tudo culpa dele por conta de não ter acreditado quando você falou que não estava saindo com aquele cara, e que ele estragou tudo...”

“Tem quantos desses?”, pergunto a Amanda.

“Muitos”, ela diz. E continua a reprodução:

“Hoje foi o seu funeral, você teria amado. Estava todo mundo lá, até o senhor Krupatskini, que agiu como se estivesse no comando. E é claro que ninguém deu atenção a ele, mas os seus pais deixaram que ele anunciasse que agora existe uma bolsa de estudos em seu nome. E a sua mãe me convidou para ir à sua casa, me levou ao seu quarto e perguntou se tinha alguma coisa sua em especial que eu quisesse; peguei a pulseira que você roubou da loja na sétima série. ‘Era uma das preferidas dela’, sua mãe falou. ‘Eu sei’, eu falei. ‘Tenho

uma que combina com essa.’ E ela deu à minha irmã sua bicicleta azul. Seu pai parece estar à beira de um colapso; ele não para de fazer aquele negócio de jogar o cabelo para trás para tirá-lo da testa; mas, como ele está careca, é bizarro vê-lo jogar o cabelo invisível para trás o tempo inteiro.

“No entanto, você jamais imaginaria quem foi que te matou: foi o cara com perebas no rosto com quem o Adam achava que você estava saindo. A razão pela qual ele sabia tanto a seu respeito é que ele tinha seu diário antigo, então ele meio que te conhecia. Agora eu vivo sonhando que ele está me seguindo. Eu sei que a questão aqui é você, e no sonho é como se eu fosse a segunda opção.

“Você acha que existe alguma possibilidade de você voltar — é muito esquisito perguntar?

“Como é aí? É um lugar real? Tem mais gente?

“Estou com saudades.”

Amanda aperta o botão para saltar recados algumas vezes. “Desculpa por não te ligar há um tempo. Espero que você não leve a mal, mas o Adam e eu estamos meio que saindo juntos. Você não fica brava, né?”

“E então para”, diz Amanda. “O telefone foi desligado.”

“Quem ela é para você?”

“Não sei. Tipo... alguém que eu nunca fui. Eu me sinto íntima dela. Imagino que eles vão ficar aqui, contanto que eu mantenha a bateria carregada — ou será que eles, tipo, somem com o tempo?”, ela indaga.

“Não faço ideia”, digo, incomodamente hipnotizado.

Separamo-nos no mercado: ela tem que fazer compras e eu tenho que chegar em casa a tempo da passagem do ônibus de Ricardo.

“Vem jantar na sexta-feira”, digo quando estou de saída. “Leva seus pais.”

“Tem certeza?”, ela pergunta.

“Tenho”, afirmo. “Seis e meia. Vou fazer empanado de peixe e batata frita industrializada.”

“Eu levo bolo inglês”, ela diz.

Sexta à noite, as crianças ajudam a arrumar a mesa. Usamos uma bela toalha de mesa e a prataria boa, os pratos bons, todos os objetos que não saíram do armário desde que Jane morreu. Compro flores frescas e ensino a Ashley e Ricardo como cortar os caules e preparar arranjos.

Ashley faz a salada, Ricardo me ajuda com os empanados de peixe e as batatas. Quando Amanda e os pais chegam, as crianças estão paradas como pequenos embaixadores na porta da frente.

“Quer que eu guarde seu casaco?”, Ricardo pergunta, apesar de não haver casaco.

“Quer tomar um drinque?”, Ashley oferece quando ainda estão na entrada.

“Adoraria”, a mãe de Amanda, Madeline, responde.

Fico cheio de orgulho.

“Que recepção calorosa”, diz a mãe de Amanda, apertando a mão de Ricardo.

“Suas mãos são muito macias”, Ricardo elogia. “Parecem veludo.”

“Obrigada”, Madeline diz.

Enquanto termino os preparativos para o jantar, espio a sala de estar e vejo Madeline no chão, jogando Cinco Marias com Ashley, e Cy tentando explicar os detalhes mais refinados do gamão ao Ricardo.

Amanda está sentada no sofá, sozinha, braços cruzados sobre o peito — com cara de poucos amigos.

Chamo todo mundo à mesa. Os empanados de peixe e as batatas fazem sucesso. Num arroubo poético durante o jantar, Madeline e Cy voltam no tempo e falam das grandes viagens que fizeram, caminhando de vinícola em vinícola na França, aventuras na Itália, sobre como acabaram pedindo carona pelas montanhas próximas a Turim.

Amanda se lembra de ter sido deixada em casa com a irmã e uma vizinha solteira que não sabia nada sobre crianças.

Ricardo e Ashley contam histórias da visita a Williamsburg, inclusive alguns dos pormenores mais “coloridos” — que levam Cy a cair na gargalhada.

“Ele sempre adorou humor escatológico”, Madeline me sussurra.

Quando o jantar chega ao fim, dou-me conta de que estou gostando mais dos pais de Amanda do que dela própria.

Depois do bolo inglês e das uvas com chantilly, Ashley, Ricardo, Amanda e eu cuidamos da limpeza. Ao sairmos da cozinha, notamos que os pais de Amanda desapareceram. Vislumbro as costas do pai dela, subindo a escada.

“Jesus!”, Amanda exclama.

“Eu vou lá”, digo.

Os pais dela estão no quarto principal. “Será que você poderia me trazer um chá?”, a mãe pergunta. “E sinto dizer que as nossas bagagens ainda não chegaram.”

“Como a senhora toma o chá?”, indago.

“Não muito escuro”, ela diz.

“Duas colheradas”, ele diz.

“O senhor também vai querer?”

“Eu não — mas ela sempre reclama que está escuro demais ou que não está muito doce. Você teria uma dose de uísque escocês?”

“Posso olhar”, digo, e volto ao primeiro andar. “Parece que estão se preparando para dormir”, declaro, botando a chaleira no fogo.

“Eles vão passar a noite aqui?”, Ashley pergunta.

“Não tenho certeza”, respondo.

Amanda marcha escada acima e volta uns minutos depois. “Eles falaram que estão felizes porque vim com eles e muito contentes por voltar a viajar; e que tudo isso fez com que se lembrassem de como adoravam ir a lugares novos. E depois falaram que eu posso tirar o resto da noite de folga e que me veriam em breve.”

Faço chá para Amanda, para a mãe dela, para Ashley, sirvo o uísque e torno a subir.

“E aí?”, Amanda pergunta quando desço.

“Seus pais estão na cama — os dois estão usando pijamas do George. Sua mãe está sentada, lendo o livro que eu deixei na mesa de cabeceira — usando meus óculos de leitura. ‘Não achei a minha camisola’, ela explicou sorrindo quando entreguei o chá, ‘então pus uma roupa dele’. E o seu pai estava no banheiro, escovando os dentes com uma escova que eu imagino seja a minha.”

“Fala para eles se vestirem e descerem agora; está na hora de irmos para casa”, pede Amanda, estressada.

“Tive a impressão de que eles estão bem confortáveis”, declaro.

“Deixa os dois ficarem”, Ashley suplica.

“Por mim, tudo bem”, digo.

“Por mim também, se eu não tiver que dividir minhas coisas com a senhora”, Ricardo impõe.

Amanda nos olha como se estivessemos malucos.

“Posso falar para eles que a conta é fechada amanhã ao meio-dia, ou você pode deixá-los aqui...”

“Como assim, deixar?”, Amanda questiona.

“Eles falaram que estavam muito felizes de voltar a ocupar o quarto deles, uma cama grande em vez de quartos separados.”

“Eles não sabem que foram eles mesmos que escolheram viver em quartos separados?”, ela indaga, nervosa, como se estivesse levando a culpa.

“O que eu estou querendo dizer é que me agrada que passem a noite aqui. Você pode aproveitar umas horas sozinha... ir cuidar de uma coisa ou outra que você tem que fazer.”

“Não posso fazer muita coisa em uma noite”, Amanda declara com raiva.

“A gente pode preparar o café da manhã deles”, Ashley diz. “Panqueca e ovo.”

“Com bacon”, acrescenta Ricardo.

“Fique à vontade para ficar com a gente”, digo a Amanda.

“Vou embora”, ela anuncia, pegando a bolsa às pressas. “Uma noite inteira de folga. Não tenho ideia do que vou fazer.”

No dia seguinte, por volta do meio-dia, Amanda telefona para saber como eles estão. Digo-lhe que estão bem. “Tomamos o café da manhã e agora estão sentados na sala, lendo.”

Quanto mais lhe digo que adoro os pais dela, menos ela fala comigo.

“Eles estão piorando”, ela diz.

“Não mais do que todos nós”, constato. “Eles são animados.”

“Tudo bem”, ela diz. “Já que vocês todos se sentem tão à vontade uns com os outros, quem sabe eu não tiro o fim de semana para ir a algum lugar?”

“Por exemplo?”

“Sei lá, ver a minha irmã na Filadélfia? Visitar amigos dos velhos tempos em Boston? Eu poderia pegar os remédios deles e umas roupas limpas e deixar com você.”

“Eu devia ficar triste porque você não quer viajar comigo?”

“O mundo não gira ao redor do seu umbigo”, ela diz, com um ódio infantil no tom de voz. “A questão sou eu. Não me restou quase nada — tenho que preservar o que eu conseguir.”

Não dá para chamar alguém que está cuidando dos seus pais idosos de egoísta. “Está bem”, digo, “divirta-se”.

Ela passa o fim de semana fora e retorna. Sei que ela voltou porque, quando abro a porta de casa, noto que ela depositou ali sacolas de plástico gigantescas cheias de roupas e mais caixas de remédios penduradas na maçaneta. Ela deixa um recado no telefone de casa dizendo que saiu para tratar de algumas coisas: banco, lavanderia. Sua voz transparece um entusiasmo revigorado.

Ela vai e volta, e então, ao fazer uma visita, ela me entrega um cartão de banco, chaves da casa e uma lista de nomes e telefones — todos os médicos deles etc. Ela vem e vai embora, vem e vai embora. E então vai embora.

É Ashley quem me diz que Amanda não vai voltar. “É pé na estrada”, diz Ashley.

“Ela disse isso?”

Ashley faz que não. “Não com essas palavras.”

Telefone para a irmã de Amanda, na Filadélfia. “Estou com os seus pais e queria que você soubesse que eles estão bem.”

“Quem está falando?”

“Harold, sou amigo da sua irmã. Como foi o fim de semana?”

“Em que aspecto?”, ela indaga.

“Seu fim de semana com a Amanda?”

“Não vejo a Amanda há anos. Isto é um trote? Você está tentando conseguir alguma coisa comigo? Porque eu vou direto ao ponto, seu babaca...”

“Deixa para lá”, digo, desligando e me dando conta de que é grande a probabilidade de que Ashley tenha razão: Amanda foi embora.

Mando uma mensagem de texto para Cheryl, que não demonstra nenhuma compaixão. “Eu avisei que isso ia acabar mal.”

“Eu ligo para a polícia? E se ela estiver ferida ou morta?”

“Ela foi embora”, Ashley afirma, “você tem que relaxar...”.

Em pânico, ligo para o celular de Amanda. Cai direto na caixa postal. E aí percebo que ela deixou um recado no meu:

“Pus você como gestor das contas dos meus pais. Você tem poder de procurador: tem uns documentos que foram assinados por mim e que agora basta você também assinar — estão numa pasta, em cima da sua mesa. Eu sei que você tem perguntas a fazer... Eu não teria agido assim se não achasse que você está apto. Esta caixa postal vai ser cortada no dia primeiro. Não tenho capacidade para ser quem vocês ou qualquer outra pessoa querem que eu seja. Preciso sair dessa. P.S.: Não se dê ao trabalho de ligar para a minha irmã — ela é uma imprestável. Se você não os quiser, mande-os para casa. Eles dão um jeito — sempre deram.”

“Imaginei que ela ficaria porque gostava de mim”, escrevo para Cheryl no fim do dia. “Imaginei que ela ficaria porque fui legal com os pais dela, porque sou digno de confiança, um sujeito bacana.”

“Foi por isso que ela os deixou com você”, ela diz.

“Tenho que cancelar a viagem?”, pergunto a Cheryl.

“De jeito nenhum”, ela responde, e por ser tão incisiva acredito nela.

“Está tarde para comprar mais passagens aéreas, e não sei se consigo administrar dois adultos e três crianças, ainda mais sem saber se aguentam as durezas da viagem.”

Cheryl acha que pirei. “Eles não vão a lugar nenhum”, ela declara com firmeza. “Eles estão aí há bastante tempo e vão continuar aí quando você voltar.”

“Tem razão.”

Providencio para que durante nossa viagem o cuidador dos bichos traga a irmã, uma enfermeira experiente, e os dois cuidem dos bichos e dos velhinhos.

O ano letivo está chegando ao fim. Ashley me mostra o rascunho de sua extensa reflexão sobre a morte da novela — entremeada por suas opiniões sobre a encenação de *Romeu e Julieta* no teatro de marionetes. Em seu artigo, ela afirma ter se identificado com os personagens, embarcado em suas vidas e pensado neles entre um capítulo e outro. Fico surpreso com a capacidade de Ashley de achar um denominador comum entre novela, Shakespeare e as belas-artes do teatro de marionetes. Tem boas ideias, porém minha natureza professoral entra em ação: alguém já discutiu estrutura com ela? Informo que serão necessárias várias revisões. Explicito a ela minhas opiniões, com isso incitando ataques de raiva semelhantes a fortes trovoadas. Ela sai batendo portas, e por fim, depois de se acalmar, o artigo é revisado, às vezes passado por baixo da minha porta de madrugada. Ela quer se sair bem, e esse é um bom sinal. Finjo ser capaz de lidar com a histeria, mas observo que, se e quando eu me encontrar com o dr. Tuttle de novo, tenho que lhe perguntar sobre o cuidado em lidar com adolescentes do sexo feminino.

Nesse ínterim, Ricardo volta e meia fica até mais tarde na escola, ensaiando para a peça de sua classe, na qual interpreta o jovem Benjamin Franklin, um homem atarefado que sempre tem uma carta na manga — seu almanaque, as diversas invenções e proclamações. Como parte de sua preparação para o papel, Ricardo pede permissão para desmontar uma antiga máquina de escrever; ele quer tentar fazer sua própria prensa tipográfica. Digo sim e escondo minha satisfação. Sua tabela de incentivo está repleta de vistos e estrelas douradas — está se empenhando para ganhar ingressos para uma partida dos Yankees.

E Nate — a escola termina na segunda semana de junho, mas ele optou por ficar mais umas semanas no que chamam de minicolônia; a ênfase deste ano é em matemática, com foco especial em microfinanças.

A verdade é que, apesar de ser tudo muito estressante — para não falar da sensação esquisita de que, no instante em que você começa a pensar que está tudo indo bem, algo inevitavelmente parece

degringolar —, apesar de tudo, estou contente com o sucesso das crianças.

À medida que a hora da nossa partida vai chegando, minhas conversas com as pessoas do vilarejo se tornam mais frequentes, a lista de coisas que preciso levar cresce. Tiro casacos e camisetas da minha mala a fim de abrir espaço para pudim instantâneo da Jell-O, uma wok de trinta centímetros, pilhas recarregáveis, paracetamol, cimento cirúrgico, gotas de chocolate, fermento Fleischmann's e vitamina C efervescente.

O despachante que contratei para obter o passaporte de Ricardo pede mais duzentos e cinquenta dólares, já que também foi necessário dar mais explicações do que de hábito.

Sofia mandou para Sakhile, o líder do vilarejo sul-africano, um cronograma do que deve acontecer enquanto estivermos lá, momento a momento. “Gosto de ser organizada”, ela diz, na defensiva, quando sugiro que deixemos espaço para que as coisas transcorram naturalmente. “Tenho noção de que pode ser difícil para os outros perceberem a importância desse nível de detalhamento”, ela diz, “mas eu quero que tudo dê certo, e estou ciente de que talvez haja diferenças culturais relativas não só ao bar mitzvah, mas também a outros aspectos, e por isso quis deixar minhas expectativas claras”. O rosto de Sakhile surge na tela do computador. “Você já tem tudo que é necessário?”, ela pergunta a Sakhile. “Algum artigo de última hora que você precisa? Se for o caso, arranjamos espaço na mala.”

“Está tudo pronto”, Sakhile diz. “Estou com as suas instruções na mão.” Sakhile mostra uma prancheta com várias folhas presas.

“Estamos muito animados”, Sofia diz a Sakhile. “O Harold vai levar um convite impresso para você.”

“Você tem uma esposa poderosa”, Sakhile diz mais tarde, quando Sofia se ausenta.

“Não é minha esposa”, declaro, “é organizadora de festas”.

“Tipo o Colin Cowie?”, ele indaga. “Ele fez uma festa grande para a Oprah.”

“Exatamente”, confirmo. “Sakhile, estou curioso... como foi que o Nate conheceu o seu vilarejo?”

“Construímos a escola para salvar o nosso vilarejo, e disso coisas boas surgiram”, ele diz. “Minha geração teve que ir embora para achar trabalho — a maioria não voltou. A gente foi ficando cada vez menor, e aí tive uma ideia. Com a democracia vem o dinheiro — a gente pode se candidatar e conseguir dinheiro para uma escola que pode amparar nosso vilarejo. Então primeiro eu construí uma escola

pequena e depois eu falar que a gente precisa de dinheiro para construir uma escola maior onde as crianças dos vilarejos vizinhos podem vir. A maioria das crianças que vem só tem avós que não podem cuidar delas, e o mais importante de tudo é que elas têm educação.”

“Onde foi que você estudou?”

“Só frequentei uma escola missionária, dois anos, mas tem coisas que eu sei. Minha família está aqui faz muito tempo. Só restei eu.”

“Nobre”, digo.

Ele nega com a cabeça. “Não sou tão nobre assim, sou prático. Não quero que o meu vilarejo desapareça. Não restava nada, nenhuma razão para alguém ficar aqui a não ser o fato de que sempre estivemos aqui. Foi assim que o Nate chegou a nós. ‘Se você construir, eles virão’”, ele diz, e cai na risada. “Estou citando *Encontros imediatos de terceiro grau*, quando o Richard Dreyfuss faz a montanha de purê de batata...” A forma como Sakhile diz “batata”, pronunciando cada sílaba como se fosse uma palavra, faz com que as batatas pareçam deliciosas.

“Acho que é de *Campo dos sonhos*, o filme de beisebol com o Kevin Costner. Em *Encontros imediatos*, Dreyfuss diz: ‘Acho que você notou algo meio estranho no papai...’” Digo a frase sem saber nem como a sei e penso que preciso rever o filme — está claro que me causou um grande impacto.

“Boa viagem”, Sakhile deseja. “*Ulale kable.*”

Na noite anterior à nossa partida, todo mundo está lá fora jogando beisebol. Nate e Cy instruem Ricardo. Madeline torce para tudo dar certo. Escurece, os vaga-lumes começam a piscar e, à exceção dos mosquitos, o anoitecer é sublime. A aceitação de Ricardo por Ashley e Nate é incondicional — nunca se tem a impressão de que os dois se distanciam ou competem com ele. Ele é irmão deles; foi confiado a nós e nós a ele.

Estou parado na entrada, ligeiramente à parte, observando, como se agora eu soubesse de algo que me separa deles. Mas não é verdade. Estão simplesmente envolvidos no que há diante deles, e eu penso na hora que temos de sair, nos passaportes, no dinheiro e nas malas, enquanto eles pensam que é verão, que o dia está perfeito e eu preparo espaguete e almôndegas para o jantar.

“Joga com a gente”, Ricardo me pede. De início, não respondo. “Joga”, ele exige.

“Onde estão as bases?”, indago.

“A azálea é a primeira, o rododendro é a segunda, e as lilases da entrada da garagem são a terceira”, Nate explica.

Vou em direção ao taco. Ashley soca a luva com o punho. “Manda ver”, ela diz.

Estou em 0 a 2 tentando entender o lance vacilante de Cy, quando acerto a bola — a paulada oca de plástico contra plástico a faz desviar para a direita, quicando no poste de luz perto da porta, escorregar por baixo do arbusto e rolar morro abaixo centímetros à frente de Ashley, que avança atrás dela. Chego inteiro na terceira base. Madeline é a próxima; ela bate sem força e eu entro em casa (e respeitosamente peço licença para pôr gelo no que restou dos meus joelhos).

Na tarde seguinte, o carro em que vamos até o aeroporto chega cedo. Ricardo nunca voou e está confuso com os procedimentos de segurança — tirar os sapatos (e as meias), o cinto, esvaziar os bolsos, que contêm uma quantidade anormal de besteiras. Do outro lado, as crianças vão comprar chiclete; a fome de Ricardo por tudo é imensa — quer revistas em quadrinhos, refrigerante, chocolate, pistache. Seu entusiasmo é tão genuíno que fica difícil dizer não. “Escolhe um”, eu digo. “Um de cada?”, ele pergunta. “Só um”, respondo.

A bordo, ele senta-se entre Nate e eu, com Ashley à minha direita — somos quatro numa fileira do meio, de mãos dadas para o que Ricardo chama de “lançamento do foguete”. O que foi esquecido continuará esquecido até estarmos longe. Durante a noite, acordo com a cabeça dele deitada no meu peito como uma bola de boliche.

Em Johannesburg, Cecily arrumou uma cuidadora de gente, uma espécie de babá de aeroporto. Ela nos transporta num carrinho de golfe, deixando as crianças se revezarem na buzina, e partimos em um avião de menor porte rumo a Durban.

O avião se esvazia, desembarcamos, pegamos nossas bagagens, vemos pessoas chegando e partindo. Vários homens nos abordam, perguntando se precisamos de transporte.

“Não”, respondo. “Uma pessoa vem nos buscar.”

Passados vinte minutos, ligo para Sakhile.

“Não foi ninguém?”, ele indaga. “Está brincando? Já te ligo”, ele diz. Minutos depois, meu telefone toca. “Problema com o carro. Estamos bolando outro plano. Já te ligo com os detalhes.”

Sentamo-nos em cima das malas; são de uma brancura ostensiva num oceano em que nada o é. Acho que nunca estive em um

lugar tão completamente outro.

Trinta minutos depois, um homem chega. “Sou o Manelisi, primo do Nobuhle. Venham, por favor.” Manelisi nos leva ao carro, uma pequena picape com assentos extras. As crianças se sentam atrás de mim; divido o banco da frente com Manelisi. “Sou jardineiro”, ele explica. “É por isso que a picape tem cheiro de esterco — fiz um grande serviço hoje.”

A picape tem tanto cheiro de terra quanto de esterco. Andamos de janelas abertas; pergunto às crianças se o vento incomoda.

“Não”, elas dizem, contentes por estarem fora do avião e fora do aeroporto, “é bom”.

“Agora”, Manelisi anuncia, “vamos pegar uns pacotes”. Ele olha um mapa e, cerca de uns dez minutos depois, paramos diante de um lugar chamado Esther’s Kitchen. Manelisi entra e volta com dois ajudantes e inúmeras caixas, que enfiam na carroceria da picape. Só depois me dou conta de que é a comida do almoço de amanhã, acondicionada em gelo seco. Os ajudantes falam uma língua que desconheço, mas soa cadenciada e alegre.

“Pronto”, diz Manelisi. “Agora a gente cai na estrada boa.”

O rádio está ligado — uma mistura contemporânea de rock e hip-hop; sou confortado pelo fato de que o locutor fala minha língua.

“Você foi criado no vilarejo?” Não sei que nome tinha antes de se chamar Nateville.

“Não”, ele responde. “Somos das fazendas de cultivo de abacaxis de Hluhlwe.”

Na saída de Durban, passamos pelo que parecem ser favelas: barracos com telhados de zinco, casas feitas de restos de madeira, metal e tijolo. Meninos andam descalços na beira da estrada.

“Em que direção vamos seguir?”, pergunto.

“Norte”, diz Manelisi.

“E a que horas escurece?”

“No inverno, entre cinco e seis.”

Saindo de Durban, a extensão das terras parece infinita e intocada. Os pneus da picape zunem à medida que rodam pela estrada. Ao longe, fios elétricos se erguem como gigantescas figuras do século XXI. Habitações similares a pequenas cabanas salpicam a paisagem.

“O que é isso?”, Ricardo pergunta, apontando um animal à beira da estrada.

“Babuíno”, Manelisi diz, enquanto muda a estação de rádio para uma em que o locutor fala o que suponho ser zulu.

A paisagem é magnificamente verdejante e montanhosa sob a luz do fim de tarde. Abaixo o quebra-sol e olho as crianças atrás de mim pelo espelhinho. Ashley e Ricardo dormiram acalentados pelo

trajeto e o vento no rosto. Nate, desperto, está quieto demais.

“Tudo bem?”

“E se foi tudo uma fantasia, e se não foi como eu lembro?”, ele indaga.

“Vai ser diferente”, digo-lhe. “As coisas mudam, você mudou, mas seja o que for... será.”

E mergulhamos num longo silêncio.

“Chegamos”, Nate grita com empolgação quando viramos numa estradinha. Assim que o carro estaciona ao lado de um pequeno aglomerado de construções no meio do nada, ele já salta.

“*Ninjani*”, ele diz, saudando a todos. “*Ngikukhumbulile kangaka!* Vocês cresceram muito”, ele diz às crianças.

“*Ninjani*”, digo, descendo do carro e ajudando Ricardo e Ashley a saírem do banco de trás.

“Eu sou o Sakhile”, um homem declara, estendendo-me a mão — parece mais jovem pessoalmente. “Seja bem-vindo.”

“Obrigado”, digo.

“Vamos mostrar o quarto de vocês”, ele diz. “E depois a gente começa; perdemos a hora.” Ele exhibe o papel que Sofia lhe enviou.

O vilarejo é menor do que eu havia imaginado. É menos um vilarejo do que um pequeno agrupamento de umas quinze ou vinte casas com trilhas de terra entre as habitações. Sakhile nos conduz à escola; outros andam atrás de nós, carregando nossas malas e observando de longe, como se ficassem se perguntando Quem são esses caras para receberem tratamento diferenciado?

“Essa é a nossa escola”, Sakhile anuncia com orgulho, mostrando-me um prédio baixinho que parece um centro de recreação suburbano. “Nós arrumamos as acomodações de vocês aqui porque o vaso é bom.”

“Obrigado.”

“Não quero apressar vocês, mas a gente tem que ir logo para não perder o pôr do sol.”

Vislumbro o papel que Sakhile segura — vários elementos foram marcados em amarelo, verde ou rosa.

16:30. CHEGADA

16:35. SAUDAÇÃO DOS CHEFES DO VILAREJO

16:40. MOSTRAR ACOMODAÇÕES À FAMÍLIA

16:45. LAVAGEM DE MÃOS E ROSTO

17:00. PREPARAÇÃO PARA ACENDER AS VELAS (VER ANEXO)

17:15. PRECES DO SHABAT

18:00. JANTAR

FAVOR PROVIDENCIAR GARRAFAS DE ÁGUA PARA A FAMÍLIA E INCENTIVÁ-LOS A BEBER.

Não fazia ideia de como tudo isso seria orquestrado — somos recebidos como astros do rock ou chefes de estado.

Ashley pega um belo vestido da mala de mão e se troca com rapidez. Entro no banheiro e lavo o rosto e as mãos.

“A vida aqui é simples”, Ashley constata. “Gostei, é que nem acampar.”

“É, mas é assim que as coisas são o tempo todo”, digo. “As necessidades básicas são a batalha diária. Ninguém aqui está preocupado com a faculdade em que vai entrar.”

“Isso é bom, não é?”, Ricardo indaga.

“É diferente”, digo, conduzindo as crianças até a sala.

À mesa de uma das salas de aula, puseram um candelabro judaico de prata, uma taça de prata e uma *chalá* coberta com pano.

O vilarejo inteiro está presente, enchendo o ambiente, olhos voltados para Nate.

Ricardo e Nate assumem seus lugares diante da sala e começam a cantar “Lekhah Dodi” enquanto Ashley caminha até o altar — coberta por um xale de renda branca que faz par com um solidéu que eu nunca tinha visto.

Quando a canção termina, Nate começa:

“Agradeço por terem convidado a mim e a minha família para celebrar essa data especial com vocês. Minha família não segue muitas tradições, não é muito religiosa, portanto o que temos aqui na verdade são as tradições dos meus ancestrais. O que eu tiro do serviço das noites de sexta-feira é a importância de fazer uma pausa para percebermos uns aos outros, de agradecer pela semana que passou e por ainda estarmos aqui — e, em meio às nossas vidas atribuladas, tirar um tempo para nos aproximarmos das nossas famílias e nossas origens. Acima de tudo, quero que vocês saibam que estamos muito

felizes por estar aqui. Gostaria de lhes apresentar meu irmão, Ricardo, e minha irmã, Ashley, que vai acender as velas do shabat.”

Ashley dá um passo à frente. “No shabat nós fazemos três orações, uma enquanto acendemos as velas, uma pelo pão e outra para o vinho. Esta noite, na ausência da minha mãe, acenderei as velas.”

Todo mundo se espreme para ficar mais perto. Todos os olhos estão em Ashley, como se ela fosse realizar um truque de mágica. Ela acende as velas, depois tapa os olhos e recita:

“Baruch atah Adonai, Eloheinu, melekh ha’olam, asher kid’shanu b’mitzvotav v’ tzivanu l’ hadlik ner shel Shabbat.”

Ricardo diz: “Esta é a oração do pão: Bendito sejas Tu, Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que fazes surgir o pão da terra.”

“E a oração do vinho”, Nate anuncia: *“Baruch atah Adonai, Eloheinu, melech ha’olam borei p’ri hagafen.”*

O serviço fica a cargo de Nate: “Desde que estive aqui, dois anos atrás, passei por muitas coisas. É parte da nossa tradição que, após a morte de um parente próximo, fiquemos um ano de luto. Portanto, como minha mãe foi assassinada neste último ano, eu vou à capela da minha escola toda sexta-feira à noite e converso com ela em oração. Rezei pela minha mãe, pela minha família e por todos nós. E, embora não seja a maneira tradicional, sempre concluo com a seguinte prece, que eu acho que funciona bem para quem é cristão ou judeu:

“O Senhor é meu pastor, nada me faltará...”

Quando Nate começa a recitar, o vilarejo inteiro o acompanha — quem não sabe de cor segura uma folha de papel. Sinto o arrepio percorrer meu corpo.

“Na religião judaica há uma oração especial que fazemos, Av Harachamim — e queria pedir a Ashley e a Ricardo, que também perderam membros da família este ano, que me acompanhem.” As crianças entoam solenemente a oração em inglês. Quando terminam Nate declara, “Agora gostaríamos de convidá-los a vir provar a *chalá* e tomar um gole de vinho — suco de uva para as crianças”. Ashley e Ricardo partem a *chalá* e todas as crianças do vilarejo se aproximam para pegar um pedaço do pão.

“Que nem algodão-doce”, uma das crianças diz, e Ricardo ri, quebrando um pouco o gelo. Graças ao que as crianças são capazes de fazer, sem nenhum esforço, o clima na mesma hora passa de cerimonioso a alegre.

Há copinhos de vinho para cada um dos adultos. “Do bom”, um dos homens me diz, enquanto aguarda para pegar outro copo. *“Thela iwayini.”*

“Um para cada”, Nate decreta.

“Ubani iugama lakho?”, o homem me pergunta. Não faço ideia do

que seja.

“Ele quer saber o seu nome”, Nate diz, traduzindo para mim.

“Meu nome é Harold.”

“*Igama lami ngiungu*, Harold”, Nate traduz: “Ele disse ‘Obrigado pelo vinho, Harry’”.

“Quando foi que vocês organizaram isso tudo?”, pergunto a Ashley e Ricardo.

“A Sofia é muito mandona”, Ricardo explica. “O que ela manda fazer — você faz.” Na sala principal da escola, mesas compridas foram montadas.

“Temos umas coisas do mundo de vocês e umas do nosso”, Sakhile diz, gesticulando para que eu me sente a seu lado. As mulheres do vilarejo trazem tigelas de sopa de *kneidlelach*. Reconheço os pratos — são os que Sofia escolheu, de melamina, que a escola poderá manter e usar por anos e anos. Há também peixe com molho cremoso e fígado picado do serviço de bufê de Durban, com fatias de ovo cozido por cima, como os que minha tia-avó Lena preparava. E para as crianças há uma massa comum com molho vermelho e queijo gratinado de acompanhamento; parecem sentir grande alívio em comer algo familiar. Sinto-me profundamente grato a Sofia.

A sopa está quente e salgada — o elixir da vida. As *kneidlelach* estão rechonchudas, macias por fora e duras por dentro. Se George estivesse aqui, faria uma piada sobre mulheres judias adorarem servir as bolas do homem. Seja por minha lembrança fugaz de George ou por minha súbita consciência de que está tudo escuro lá fora, mas nesse instante encho-me de angústia. Quando ainda estava claro, eu podia vislumbrar uma saída, mas agora estamos presos aqui esta noite e preciso me entregar à experiência.

“E temos um guisado tradicional — *inyama yenkomo*”, Sakhile diz, capturando minha atenção. “Minha esposa que fez, você tem que provar.” Provo o guisado; a carne tem uma textura fibrosa, o molho é apimentado e doce. De início, não gosto, mas depois me acostumo. “E isso aqui”, ele diz, enchendo meu copo, “é cerveja caseira — *tshwala*”.

Ainda durante a refeição, o professor se levanta. “Nathaniel, eu ainda não tinha chegado quando você fez sua visita, dois anos atrás, mas volta e meia falamos da sua generosidade. Os meninos prepararam uma canção para você.” Todas as crianças pegam um gravador de plástico colorido. Weee-dee de de deee dee de deee dee dee weeamumuawahhhh. As notas ascendem e caem — wee — ummm mummm awah...

Sakhile se aproxima e diz, “*Eem boo beh* quer dizer ‘leão’. É uma velha canção sul-africana. Foi Sofia quem sugeriu — eu não sabia que era muito popular entre vocês”.

“É um clássico”, digo, cantando junto, “... *mighty jungle, the lion*

sleeps tonight".

Após o jantar, há dança ao som da música que sai de um gravador e em seguida tocam tambor. Um a um, os aldeões se retiram; Nate quer ficar com os amigos.

"Não", digo. "Amanhã é um dia importante, está na hora de dormir."

"Você tem que ouvir seu pai", Sakhile diz. Não sei se Sakhile percebe o erro que cometeu, mas Nate e eu sim. Nate não diz nada e fico satisfeito.

Antes de ir para a cama, entrego a Sakhile os artigos que ele me pediu. "Para quem é a wok?"

"É uma surpresa para a minha mãe", ele explica. "Na casa em que trabalha ela viu um programa de culinária na tevê e não parava de falar nisso." Ele pega a wok e a olha de um lado a outro. "Como é que liga?"

Não contenho a risada. "Você põe no fogo ou num fogão elétrico e ela fica bem quente..."

Ele assente. "Então... o que há de especial nisso? É uma panela como outra qualquer?", ele indaga, perplexo.

"Acho que é o formato e o material de que é feito", respondo.

"Obrigado. *Lala kable*", ele diz. "Durma bem."

Nossas camas parecem catres, um colchão bem fino, e pilhas de lençóis com cheiro de suor e terra; apesar disso, não é desagradável: é almiscarado, humano, real. As esteiras foram cobertas por lençóis de hotel emprestados (ou furtados), como se alguém lhes tivesse dito que americanos precisavam de lençóis passados a ferro e toalhas limpas para se sentirem confortáveis. Sobre nossas camas há rolos de papel higiênico com adesivos extravagantes nas pontas. Não faço ideia de que hora ou dia é — só sei que o amanhã logo chegará. As crianças adormecem quase imediatamente.

Logo após o amanhecer, sinto cheiro de café. Visto-me e saio; num forno aberto, três mulheres preparam ovos e panquecas — seguindo as instruções de Sofia. Ricardo e Ashley comem o mingau tradicional e eu, uma torrada com pasta de anchova, além de tudo mais que foi preparado para nos sentirmos em casa. Há também geleia de laranja e chá, que Ashley declara ser o melhor de sua vida. As crianças do vilarejo provam as panquecas e o xarope de bordo e chamam o xarope de "remédio bom".

Vilarejo afora, são penduradas serpentinas azuis e brancas como enfeites. Em torno das onze e meia, voltamos ao quarto para

trocar de roupa. Pus roupas melhores na mala que agora me parecem ridículas, como se fossem fantasias, mas, como Ricardo e Ashley querem, nós as vestimos. Nate acha que estamos esquisitos e põe jeans e uma camiseta verde e amarela da Bafana Bafana que ganhou de Sakhile.

Vamos ao centro do vilarejo, onde há um grande espaço circular ao ar livre. As crianças do local iniciam com uma canção zulu tradicional, que imagino dizer algo do gênero “Aí vêm nossas mães, trazendo-nos presentes...”. Em seguida, os homens do vilarejo cercam Nate, trajando o que têm, retalhos e sobras de vestuário zulu “tradicional” — a esta altura, não sei mais o que é tradicional e o que é para turista ver. Dançam em uma roda dinâmica em torno de Nate, a canção uma espécie de conversa entre Sakhile, os homens do vilarejo e Nate. Tudo vai ganhando força e termina de repente com um grito alto.

Sakhile me faz chegar a uma espécie de palco. Apresento-me e começo a falar sobre Nate e a contar a história de quando ele nasceu, do orgulho que o pai dele sentiu — ele via o filho como uma extensão de si —, e que portanto eu via Nate como uma extensão do meu irmão e inicialmente transferi para a minha relação com o jovem todas as complicações da minha relação com meu irmão. Prossigo declarando que foi só após essa atroz tragédia familiar que passei a ver o garoto como uma pessoa distinta. “Nate me instigou a ser uma versão melhor de mim mesmo, a esperar mais, a enfrentar a situação e não correr dela ou me afundar nela”, afirmo. “As circunstâncias da vida dele não foram uma escolha que ele fez, mas quando vejo Nate, Ashley e Ricardo, me impressiono com a resistência que os três têm. O que aprendi este ano é que a função de um pai é ajudar a criança a se tornar a pessoa que ela já é. Não sou apenas o tio do Nate, sou o maior fã dele, e agradeço-lhe por ter me trazido para conhecer vocês.” E então, como se estivesse anunciando um artista, digo, “Senhoras e senhores — Nathaniel Silver”.

“Hoje celebro o meu bar mitzvah, que na religião judaica acontece no décimo terceiro aniversário e marca o momento em que um garoto se torna oficialmente um homem. Celebro na ausência da minha mãe e do meu pai. Sinto que tive a sorte de sobreviver.

“Volta e meia eu penso em vocês e neste vilarejo desde a minha visita, dois anos atrás. Penso nas dificuldades econômicas e raciais, nas doenças que os atingem, e tomo consciência de como minha vida é privilegiada. Quando a situação complicou para mim, pensei em vocês e me senti obrigado a sobreviver, não só por mim, mas pelos outros. E o que me manteve vivo foi o que vocês me ensinaram dois anos atrás. Por isso eu volto e agradeço: vocês me deram a vida.”

Durante o discurso de Nate, Ricardo se aproxima e me diz que, quando fizer treze anos, ele quer voltar ali para o bar mitzvah dele, e que também é preciso “consertar” o pênis dele.

“Acho que é melhor ser do jeito que você é”, declaro, tentando não desviar a minha atenção de Nate.

“Por que é que você e o Nate têm um pênis melhor que o meu?”

“Ricardo, entendo o que você está falando, e prometo que a gente vai conversar sobre isso quando voltar para casa. Mas isso não é assunto para resolver aqui na África do Sul. E não existe essa coisa de pênis melhor... Você reparou que os meninos da África do Sul têm o mesmo tipo de pênis que você?”, digo, pedindo que volte a atenção dele para Nate.

“É”, ele diz, “meninos pobres têm pênis ruim”, ele murmura. “Eu quero ter pau de homem rico.” Ele olha para o próprio colo.

Fico devastado com sua interpretação do caso e seu uso da palavra “pau”.

Nate encerra com a leitura de um poema que escreveu na escola. Todos aplaudem.

Sakhile sobe ao palco. “Nate e família, vocês vieram ao nosso encontro para celebrar esse rito de passagem em que se passa de menino para homem, mas também vieram nos fazer uma visita, como a de amigos e parentes a uma família. Sua confiança no nosso vilarejo nos lembrou de acreditar em nós mesmos e exigir que façamos mais por nós, que temos de trabalhar com mais empenho. O trabalho duro nos fortalece — nós amolecemos e ficamos tristes e com pena de nós mesmos, vimos muitas coisas ruins. Vocês nos chegam como um ar fresco que diz ‘Pense além de si, pense à frente’, e agora estou muito feliz, porque não estamos sós — temos um mundo imenso. E nossa amizade me mostrou que preto e branco podem se unir, podem ser amigos de verdade. Vivemos muito tempo carregando um fardo pesado, e levaremos um bom tempo para ter a sensação de leveza. Alguém me disse uma vez que existem pessoas que a gente desconhece — estranhos — que têm muito carinho por nós. Não entendia o sentido disso até agora. Eu queria agradecer a vocês.” Ele faz uma pausa. “A amiga do pai de vocês, Sofia, e eu tivemos uma longa conversa sobre tradições. E para este dia de bar mitzvah resolvemos fazer uma coisa bem americana — uma comemoração de independência. Então, para o almoço, vamos fazer cachorro-quente e um grande churrasco de hambúrguer.”

“E um bufê sem limite de comida”, Ricardo acrescenta, “e é de graça...”.

Vejo as mulheres do vilarejo correndo de um lado para outro a fim de satisfazer nossa fantasia bem americana, preocupadas com algo que possa estar errado, mas ao mesmo tempo é evidente como estão adorando, como os símbolos da cultura americana viraram parte de seus sonhos. Sofia pensou em tudo: ketchup, mostarda, maionese, pickles, balões dependurados como enfeite.

Durante a refeição, Nate me pergunta: “O meu pai sabe que a gente está aqui?”

“Acho que não”, digo. “Você quer que ele saiba?”

Nate dá de ombros e pega outro cachorro-quente.

À medida que o almoço vai terminando, as crianças do vilarejo vão sumindo — suponho que tenham ido brincar, mas regressam usando os casacos azuis e brancos e trazendo o bolo. Cantam “Parabéns para você” e acrescentam alegremente o verso “É big, é big, é big, é big”, de que acham muita graça.

Nate corta o bolo. Ele se aproxima de mim e diz: “Eu sempre te achei um babaca, um cara igual a eles, alguém que não podia fazer nada, não era digno de confiança. Agora você é uma pessoa de verdade — é legal.”

Todo mundo está usando a blusa de Nate, todo mundo jogando futebol, até as mulheres idosas. Durante a partida, Sakhile me diz: “Tem uma pessoa que eu quero que você conheça esta tarde, uma pessoa que é muito especial para mim, Londisizwe, o *inyanga* — curandeiro — ele é um irmão para mim.”

“O que é que ele faz?”

“Um pouco de tudo. Ele me dá um pó para os pés para acabar com a coceira. Sou alérgico a terra — dá para imaginar que piada, viver aqui e ser alérgico a terra?” Sakhile ri e levanta a calça para me mostrar que está de sapatos e meias, meias brancas e altas.

Londisizwe chega durante o jogo de futebol; parece ser mais velho que Sakhile. Ele se apresenta. “Quero te agradecer pelos suprimentos. Muitas das coisas que você trouxe são para a minha bolsa de remédios. Estamos com os pés no século XXI, o bastante para as pessoas acreditarem que tudo pode ser curado — não sou mais um curandeiro, sou tipo um técnico de eletrodomésticos, que conserta as coisas.”

Eu rio.

“Não é tão engraçado assim quando você para pra pensar”, ele diz.

Concordo com a cabeça. Assistimos ao jogo de futebol.

“Você tem uma linda família.”

“Obrigado”, digo.

Ashley vem correndo: precisa da minha ajuda para prender o cabelo. Eu a apresento a Londisizwe, e ela aperta a mão dele.

“Está gostando da viagem?”, ele indaga.

“Sim, é tudo incrível”, ela responde.

“Fico contente”, Londisizwe diz, ainda segurando a mão de Ashley.

“Qual foi a parte preferida?”

Ela pensa. “Gostei de acender as velas na sexta à noite, e também quando todo mundo cantou ‘Wimoweh’.”

“Todas as coisas boas”, ele diz, assentindo. Londisizwe solta a mão dela; ela volta correndo para o jogo.

“Ela está triste há muito tempo”, o curandeiro constata.

“Ela está bem”, afirmo.

Londisizwe me encara como se eu estivesse me negando a escutá-lo. “Ela vai bem na escola?”

“É complicado”, digo.

“Ela tem medo, preocupa-se com o que vai acontecer com ela. E o menino gorducho...”

“Ricardo”, digo.

“Ricardo precisa de treinamento. Está transbordando de energia, que ele controla comendo alimentos pesados para desacelerar o ritmo. Ele devia fazer caratê ou esgrima até virar ele mesmo.”

“Como é que você sabe de tudo isso?”

“Tem certas coisas que dá para saber só de olhar”, ele explica.

“Fale mais.”

“O Nate precisa ser mais delicado. Ele usa a raiva para avançar, mas alguma hora ele vai desmoronar, ele precisa achar alimento mais nutritivo que a raiva.”

Concordo, pensando que o cara realmente sabe o que diz. E então ele olha para mim. Pede que eu mostre a língua, funga meu bafo — que imagino estar com cheiro de cachorro-quente e mostarda. Ele faz uma pausa, como se estivesse ponderando qual a melhor maneira de dizer o que viu.

“Você quase morreu”, Londisizwe diz. “Você pode até estar se sentindo bem agora, mas não está bem por dentro. Está guardando alguma coisa ruim — precisa sair e você tem medo de largar. É algo de muito tempo atrás; você guardou como uma companhia para não se sentir tão só, mas agora você tem uma família e, para ser saudável, essa coisa precisa sair de você.”

Faço que sim, ciente de que tem razão. A capacidade que tenho de descrever minha experiência é limitada, com as nuances pouco claras. Como é que alguém se explica? É como se só pudesse grunhir e esperar que, por meio da entonação, a pessoa me entenda. Poderia pôr a culpa no AVC, mas estaria mentindo. Como é que posso

contar a alguém que sempre houve dentro de mim uma sensação rançosa de enfado — uma água turva, salobra, que desconfio que seja o cerne de minha alma?

“O que é que precisa sair?”, pergunto a Londisizwe.

“É o que eu te pergunto”, ele diz. “É algo que te afastou da vida. Queria te dar alguma coisa para limpar o que é velho. Vamos começar com um chá — vai te dar sonhos fortes e vento, mas você vai ter que continuar tomando por quatro dias. Você vai se sentir muito pior antes de se sentir melhor.”

A ideia de me sentir muito pior antes de me sentir melhor não me faz exatamente dar pulos de alegria e dizer ok, vamos começar logo. “O que você quer dizer com ‘vento?’”, indago.

“Nuvens de fumaça que saem do estômago”, Londisizwe explica. “Mas, independentemente de como você se sentir, vai ter que continuar bebendo até o vento parar, e depois você vai sentir seu espírito bem mais leve. Vamos começar agora”, ele anuncia. “Vou fazer o chá.” Londisizwe se retira.

Concentro-me na partida de futebol.

Vinte minutos depois, Londisizwe volta com uma caneca grande. Bebo o chá, que tem gosto terroso, pesado, como turfa fervida com cogumelo. “É feito do quê?”, pergunto, até certo ponto para ganhar tempo entre os goles.

“Não posso te contar”, Londisizwe diz. “Porque, se eu falar, vou ter que te matar.” Ele sorri. Percebo que só tem quatro dentes na boca, os quatro dianteiros, e há buracos grandes de ambos os lados. Está gargalhando. “Brincadeirinha”, ele diz.

Decorridos quarenta e cinco minutos, sou tomado pela exaustão. Não me resta alternativa além de deitar; não sei se é o chá ou o fato de que o bar mitzvah acabou, mas sinto a exaustão de uma vida inteira, como se algo escoasse de mim. Vou para o quarto e passo horas dormindo. Meus sonhos são incômodos, vívidos, num colorido incrível — como se supersaturados. São tão intensos que enquanto os vivencio tenho a certeza de que jamais os esquecerei. E então desperto, como se embriagado, e não me recordo de nada — bom, quase nada. Há fragmentos esquisitos, por exemplo, estou em reunião com um grupo de homens; estamos sentados em um escritório e, enquanto falam, dou-me conta de que estamos na década de 1960 e estou numa comitiva, e os homens que se pronunciam são os homens de Nixon e estou trabalhando para Nixon, e todos os homens se viram e me olham, esperando algo com ansiedade. E depois uma parte em que meu pai dança pela casa de cueca e com o sutiã da minha mãe, enquanto ela corre atrás dele, dando-lhe golpes de toalha e dizendo “Vai logo arrumar o ar-condicionado”.

Levanto-me e cambaleio para achar as crianças. Não tenho

noção de quanto tempo dormi e agora estou tendo um ataque paranoico de ansiedade — imaginando que me drogaram para pegar as crianças.

Encontro todo mundo perto de onde os deixei: Nate na escada, trabalhando com os aldeões para consertar o aquecedor de água; Ricardo brincando com uma turma de meninos; Ashley ajudando a preparar o jantar. É tão salutar e bucólico como seria de se imaginar.

“Você está suando”, Ashley diz, e só então vejo que estou banhado em suor, e que durante o cochilo empapei minha roupa.

Faço que sim e me retiro sem dizer nada. Volto à escola, ao nosso quarto, e tomo um banho. Londisizwe vai ao meu encontro. “Como está indo? O meu *umuthi* já entrou em ação?”

Assinto.

“Você está bem?”

Assinto de novo.

Para o jantar, todo mundo come um belo banquete. Ganho uma tigela de mingau e outra xícara de chá. Desta vez é um líquido mais verde, mais graminoso. Bebo rápido e vomito praticamente no mesmo instante.

“Vai ver que tive uma reação alérgica a algum ingrediente”, digo, desculpando-me com Londisizwe.

Ele faz que não. “Esse chá faz todo mundo vomitar.”

Eu o encaro como se perguntasse: então por que você dá isso para as pessoas beberem?

“Se eu te falasse que você ia vomitar depois de tomar o chá, você teria tomado? Daqui a pouco, vou te trazer outro chá, e prometo que ele não vai te fazer vomitar.”

Após o jantar, há fogos de artifício. Sofia contratou uma equipe de pirotecnia para fazer o espetáculo. O rosto das crianças é tomado pelo deleite. Ali, mesmo os mais velhos raramente tinham visto, se é que viram, fogos de artifício. Londisizwe me serve a outra xícara de chá, e esse é doce e saboroso, e bebo-a rápido, um pouco por estar distraído e querer simplesmente andar logo com aquilo.

Explosões enchem o céu. Peônias vermelhas, círculos azuis, salgueiros-chorões dourados em forma de abóbadas, crisântemos em chamas, aranhas, cintilantes cascatas douradas incendeiam a noite, como flocos de neve, como um buquê de flores delicadas, como gemas ou estrelas cadentes. Pergunto-me até que distância são visíveis e, apesar de me parecer contra a natureza da celebração, pergunto-me quanto aquilo tudo terá custado.

Enquanto os fogos sibilam e zunem, estouram e estrepitam, meu estômago começa a roncar. Começo a expelir flatos estrelados por arquetípicos gases arcaicos, elementos evolucionários primitivos — dióxido de carbono, metano, amônia. Enormes nuvens biliosas que

imagino serem das cores azul e verde e que parecem gigantescas bolhas de sabão iridescentes de formatos irregulares saem de mim, hesitando, expandindo-se, explodindo. Antes nunca interessado em escatologia como as pessoas costumam ser, agora me impressiono com o que está saindo de mim; a certa altura tenho a sensação de que é sincronizado com os fogos de artifício.

O espetáculo termina com a tradicional salva de fogos brancos, próximas ao chão, com um estrondo altíssimo ecoando nas colinas. Enquanto a fumaça branca se dissipa, cada uma das crianças ganha uma estrelinha faiscante para balançar no ar. Assisto com atenção.

Em seguida há o sorvete — em enormes caixas de papelão, nos sabores baunilha, chocolate e morango, vindas de Durban, todas mantidas em gelo seco durante a noite. Há ali crianças que nunca tomaram sorvete, e de novo é incrível ver crianças e adultos se divertindo tanto.

Nessa noite, ao voltarmos às nossas acomodações, as crianças reclamam que não aguentam ficar perto de mim: meu cheiro está nojento. Arrasto minha cama até o corredor da escola e penso em ir para fora, e iria mesmo se não tivesse medo do escuro.

No dia seguinte, após o café da manhã, distribuímos as mochilas e lápis e todos os artigos que Sofia encomendou como presentes. As crianças são educadas, mostram-se gratas, foram treinadas para reverenciar os brancos. São amáveis, um pouco frágeis, como se o direito que têm à vida ainda fosse tênue. Um dos meninos entrega a Ricardo um caminhão de metal que fez com latas de refrigerante; as meninas dão a Ashley um colar de contas e uma cestinha; Sakhile presenteia Nate com um antigo acessório de cabeça tribal, feito de couro e contas; e em seguida me entrega uma pequena pochete que contém um pedaço antigo de chifre de rinoceronte cheio de um ingrediente mágico que dá ao guerreiro a invencibilidade. “É misturado com gordura animal e esfregado nos pulsos. É bom para o sexo, deixa os cães com ereção.”

“Obrigado”, digo.

Londisizwe me traz um kit contendo os materiais de que vou precisar nos três dias seguintes — chás com rótulos de “café da manhã”, “almoço” e “jantar” —; ele me lembra de não comer carne animal enquanto estiver tomando os chás, e que devo beber bastante água.

Também me dá uns chás para levar para os Estados Unidos. “Beba este aqui no dia da sua volta”, ele recomenda, “vai te ajudar a soltar o que você ainda guarda. Beba esses uma vez por dia durante três dias — e depois, quando necessário, depois que você sentir que está voltando a ser a velha versão de si. Eles vão te libertar”. Antes de partir, ele me traz mais uma xícara de chá, “para a viagem”. Esse tem um gosto horrível, como bosta de cavalo mergulhado em cerveja e curado por dias e dias — é fermentado, escuro, ruim; é muito difícil tomá-lo.

“Talvez eu tenha cometido um erro”, ele diz, pegando a xícara de volta quando termino. “Pus canela para tentar deixá-lo mais gostoso — eu devia ter deixado como era.”

Dois Land Rovers chegam para nos pegar; há homens brancos ao volante que se apresentam como Dirk Kruger e Pieter Goosen, e dois homens negros que servem de ajudantes são apresentados apenas como Kopano e Josia. Eles recolhem nossas malas.

Partimos. O vilarejo desaparece ao longe, olhamos o máximo de tempo possível; tenho certeza de que todo mundo ainda está lá acenando. As crianças caem no choro, primeiro Nate, depois Ash e por fim Ricardo, que diz: “Por que é que eu estou chorando? Estou feliz e triste ao mesmo tempo.”

“É que nem quando chove e tem arco-íris”, Ashley diz.

O que fazer com a sensação estranha de ter estado lá e partir tão rápido? A impressão é de que não fizemos o bastante. No entanto, o que mais poderíamos ter feito? Assim é a vida naquele vilarejo; será que precisa de conserto?

Passamos horas falando do lugar e das pessoas que conhecemos. Nate está vibrando por ter dividido conosco aquele mundo e pelas coisas terem corrido bem. O cara que dirige o carro tenta participar, dizendo coisas do tipo “Então quer dizer que vocês se divertiram, né?”.

Viajamos algumas horas até chegarmos à cachoeira, de fato espetacular. “Essa aí quebra até as nozes mais duras”, Pieter diz ao sairmos do carro. “Se vocês quiserem, a gente pode dar uma andada”, ele sugere. E, no momento oportuno, Josia e Kopano abrem o portamalas do segundo Rover e pegam bastões de caminhada, cordas e arneses para as crianças.

Dominado pelas cólicas estomacais, peço desculpas e entro na floresta. Tenho diarreia, em seguida mudo de lugar e tenho mais e mais. No fim, estou me segurando no galho de uma árvore, minha calça tirada e enrolada no pescoço e nos ombros enquanto involuntariamente esguicho projéteis de merda na floresta. Meu corpo solta e prende e solta e prende. “Você está bem aí?”, um dos guias berra de poucos em poucos minutos. “Cuidado para não aparecer nada que te dê uma mordida na bunda.”

“Estou bem”, respondo com fraqueza, não porque estou mesmo e sim porque não tenho nada a dizer. “Por que vocês não vão sem mim?”, sugiro.

“A gente vai levar os meninos para passear e te encontra aqui daqui a uma hora”, um deles declara. “Vou deixar o carro destrancado. Tem água — não deixa de beber quando terminar aí.”

Quando retornam, estão todos radiantes. “Foi incrível, a gente amarrou a corda e escalou uma rocha imensa”, Ricardo conta.

“A cachoeira era tão linda, eu senti os borrifos no meu rosto”, Ashley relata. “E vi um arco-íris — legal, não é? Porque eu falei a palavra ‘arco-íris’ hoje de manhã, quando a gente foi embora do vilarejo, e lá estava ele...”

“São e salvos que nem gatinhos na boca da mãe”, Dirk, a quem Ricardo mais tarde chama de Dirtik, declara.

“E também teve uma tirolesa e a gente saiu voando pela floresta”, Nate acrescenta, como se eu precisasse ouvir mais. “Está se sentindo melhor?”

“Espero que sim”, digo, já que, sinceramente, não consigo imaginar sensação pior.

“Deve ter sido alguma coisa que você comeu”, Pieter diz. “A culinária zulu é capaz de matar.”

“Sério?”, Ashley indaga.

“Não é sério”, Pieter faz o favor de lhe dizer. Existe algo em seu tom de voz — digamos que seja racismo — de que não gosto nem um pouco.

No final da tarde, chegamos ao acampamento. “Bem na hora do chá”, Dirk diz. Eles nos mostram nossa tenda, que é meio Lawrence da Arábia, exagerada. É menos um “quarto” e mais uma casa em forma de tenda — com uma ampla varanda coberta, uma sala de estar com tapetes orientais, sofás, poltronas confortáveis, baús antigos que fazem papel de otomanas, abajures, uma mesa de acampamento militar para o caso de precisarmos escrever cartas, um banheiro munido de uma banheira com pés de garras com vista para o mato. Há tigelas de balas em formato de cobras e bichinhos de pelúcia para as crianças. Dois criados negros servem chá, limonada e cookies recheados de creme de limão, além de sanduíches de pasta de amendoim e geleia. Não consigo entender se as coisas são sempre assim ou se Sofia pediu tratamento especial.

Descansamos por uma hora e então um dos guias aparece para conversar conosco a respeito do passeio de safári que faremos ao

anoitecer. As normas são recapituladas: câmeras são bem-vindas, nada de falar alto, jamais gritar porque isso pode levar algum bicho a debandar, nada de sair do carro, nada de tentar alimentar ou atrair os animais para perto, mãos dentro do veículo o tempo inteiro.

Bebo o chá e me preocupo com a possibilidade de que, ao observar os leões jantando, surja a urgência de me aliviar de novo. Penso em cancelar, mas a ideia de mandar as crianças passearem no lusco-fusco com Pieter e Dirk simplesmente não me parece correta.

Descansamos; dou às crianças os kits de safári que Sofia lhes preparou, câmeras, chapéus com um broche enorme de metal onde se lê “O GRANDE BM DO NATE”.

Dirk me serve um drinque especial. “Vai fazer você se sentir melhor”, ele diz.

“O que é?”

“Gatorade”, ele diz. “A gente sempre tem à mão para as grávidas.”

Não sei se ele está zombando ou não, mas de fato me sinto melhor depois de beber.

Quem divide o carro conosco no passeio vespertino é um casal mais velho da Holanda. “Sempre quis fazer isso”, o marido diz. A esposa, que não fala inglês, concorda com a cabeça. “Meu avô veio aqui anos atrás e levou couro de elefante para casa.”

“Ele matou um elefante?”, Ricardo indaga.

O homem confirma com orgulho. O resto de nós se cala.

“Como vocês sabem, este safári é fotográfico”, Pieter diz. “A única coisa que vocês podem disparar é a câmera.”

O homem de Amsterdã assente de cara amarrada, como se desejasse de verdade ter contratado algo mais.

“Sabemos que um grupo de leões vive nesta área; há inúmeras fêmeas, uns machos e uns filhotes com alguns meses de idade.” O carro desacelera. Pieter sussurra: “O que vemos aqui, do outro lado da estrada, são pegadas recentes do grupo: eles estão por perto.”

De repente um dos caras negros aponta para o lado e vemos um leão emergir do matagal, seguido por uma fêmea e uns filhotes. O leão parece seguir algo; seu rabo se contorce.

“Conheço esse leão”, Pieter declara.

Os leões se aproximam e todos começamos a tirar fotos da leoa e dos filhotes. Então outra fêmea chega perto e os seguimos com os olhos até uma área em que vários leões mastigam o que é, graças a Deus, uma carcaça irreconhecível.

“O que é que eles estão comendo?”, o homem de Amsterdã pergunta.

“Antílope”, Pieter esclarece.

“Os animais estão presos num cercado?”, indago. “Tem alguma chance de a gente topar com um leão selvagem na estrada?”

“Muito pouca”, Pieter diz. “A maioria dos nossos bichos grandes estão em reservas. Você pode até ver macacos, babuínos ou um antílope andando por aí, mas é pouquíssimo provável que você veja um elefante, leão, rinoceronte ou búfalo...”

“E as pessoas ainda caçam esses animais?”

“Caçam”, Pieter responde.

“Num parque cercado, parece meio patético”, Nate observa.

E ninguém diz mais nada, até que Ricardo constata: “Então isso aqui é tipo um zoológico meio fechado, meio aberto?”

“Mais ou menos”, Ashley diz.

Vemos dois leões machos se estranhando, e a cena nos rende cerca de cem boas fotos. Fazemos o trajeto de volta ao acampamento quando o sol está se pondo. O céu é de uma grandiosidade imensa. Antes de chegarmos, as estrelas todas aparecem e, a título de brincadeira, nomeamos e renomeamos as constelações.

Nossa tenda foi rearrumada para a noite. Cada um dos três sofás enormes que cercavam a cama king-size foi transformado em cama, com cobertores branquíssimos e travesseiros rechonchudos cobertos por um mosquiteiro — ao mesmo tempo farto e rústico. Temos a opção de jantar com os outros hóspedes ou no nosso terraço.

Escolhemos o terraço. Cada uma das tendas tem um “mordomo”. O nosso é o Bongani, um rapaz ágil de pele esplendidamente negra e que exala bondade. Quando as crianças lhe pedem que se sente à mesa e divida com elas o macarrão com queijo, faz que não. “Já comi”, ele diz, “mas é bom ver que vocês gostaram”. Bongani me traz mais Gatorade, umas torradas e um bule de água quente para fazer o chá. Ao abrir o kit que Londisizwe me deu, percebo que há pelotas de chá, todas rotuladas com a hora e o dia da semana em que devem ser tomados. A desta noite é preto-arroxeadas.

“Quer creme e açúcar?”, Bongani me oferece.

“Mel, se tiver”, peço.

“No acampamento do safári temos de tudo”, ele declara. E trata-se de uma verdade incômoda.

Após o jantar, bebo o chá, que é aveludado e calmante, e tomo um banho enquanto as crianças veem filmes. Eu as escuto conversar.

Ashley diz aos meninos que é muito difícil ser menina na África do Sul — meninas não são respeitadas. Os meninos lhe dizem que não haviam percebido; fico impressionado por ela ter notado. “É deprimente”, ela lhes diz. “As mulheres fazem todo o trabalho de cozinhar e limpar, mas não têm voz, ninguém liga para elas.”

“Tenho certeza de que as pessoas ligam, sim”, digo, ao sair do banheiro. “Mas pode ser que a luta pela igualdade racial tenha engolido a luta pela igualdade feminina.”

“Basicamente, meninas não têm vez”, ela declara, indo acomodar-se na cama.

Bongani se oferece para acender uma fogueira onde as crianças possam assar marshmallows. Elas ficam radiantes.

Besuntadas de repelente, elas saem para fazer sanduíches de biscoito recheados com marshmallow; da tenda vejo a luz do fogo bruxuleando em suas faces.

Fico na tenda. Estou exausto, mas me sinto um pouco melhor, quase eufórico, de uma forma estranha. Contabilizo nove pelotas de chá restantes.

Ricardo adormece ao lado do fogo; Bongani o carrega para dentro. “Quer que eu tire a roupa dele e bote o pijama?”, ele me indaga.

“Eu faço isso, mas obrigado”, respondo.

Enquanto Ashley e Nate se preparam para dormir, Bongani lhes pergunta se querem ouvir uma história.

“Queremos”, elas dizem.

E somos embalados pelo sono ouvindo a ascensão e queda melódica da voz de Bongani, ele narrando anedotas de elefantes heroicos e leões de outrora.

Cerca de uma hora depois, Ricardo acorda e se aproxima da minha cama. “Estou com medo”, ele anuncia, subindo na cama grande. Um pouco depois, Ashley diz “Não consigo dormir”, e se acomoda ao lado de Ricardo. Às duas horas da madrugada, Nate se junta a nós sem dar um pio. Somos como uma matilha, embolados uns com os outros, roncando baixinho, fazendo manobras para conseguir travesseiros e cobertas. É a melhor noite de sono que tenho no ano.

Assim que amanhece, Bongani já está preparando o café da manhã. Ele percebe que estou acordado e me serve o chá. Quando as crianças despertam, tomo mais chá e umas torradas sem nada ao mesmo tempo em que vejo as crianças consumindo um café da manhã colossal. Enquanto comemos, pergunto pela família de Bongani. Diz que estão

todos bem e que ele vive ali desde que nasceu.

Somos instruídos a pegar roupas de banho e uma muda de roupas e partimos num passeio matutino à procura de elefantes. Dessa vez, o casal da Holanda está em outro carro e ficamos a sós. Uma criança de outro carro tem um ataque histérico e atira o bichinho de pelúcia pela janela; todos os carros estancam. Dirk se aproxima do menininho; preocupo-me com a possibilidade de que ele lhe passe um sermão sobre infringir as normas. Mas ele dá um pirulito para acalmar o menino, enquanto Josia desce para pegar o ursinho no mato. Depois seguimos em frente.

Na parada seguinte, enquanto os outros tiram fotos, menciono a Dirk como acho mágica a presença de Bongani. Dirk me conta que o pai de Bongani foi assassinado; a mãe dele, então, teve de se prostituir para sobreviver, e mais tarde morreu de aids.

No almoço, fazemos um piquenique que mais parece um banquete num local intocável debaixo de uma árvore imensa, que por acaso tem vários balanços — dependurados em cordas ridículas de tão compridas para permitir que as crianças planem no ar. O ar tem um aroma delicioso de terra e grama. “Piquenique”, neste caso, significa coquetéis e poltronas grandes e confortáveis, assim como belas mesas com pratos de verdade e comidas que se materializam a partir de inúmeros cestões de vime. No trajeto de volta ao acampamento, paramos à margem de um rio em que “tendas” que servem de vestiário foram erguidas. Ali nos informam que podemos nadar, sem sermos incomodados por crocodilos, enquanto um “salva-vidas” armado fica de vigia. As crianças mergulham. Recuso o deleite, temendo parasitas ou qualquer coisa que possa piorar meu trato digestivo.

Nessa noite, após o jantar, não há teatro a respeito de quem vai dormir onde: todos vestimos o pijama, pulamos na cama grande e bebericamos chocolate quente enquanto Bongani nos conta histórias para dormir.

“O que você quer?”, Tuttle havia me perguntado, no que parece ter sido meses atrás.

Eu quero que isso, seja lá o que isso for, nunca acabe.

Na manhã seguinte, enquanto as crianças visitam fazendas de criação de crocodilos, ocupo-me enfiando tudo que trouxemos e tudo que acumulamos ao longo do caminho nas nossas malas. De repente,

resolvo não levar a maioria das nossas roupas para casa, preservando apenas o que posso usar para embalar itens frágeis.

As malas estão repletas de lembranças para turistas — entre elas chapéus e blusas que pareciam imprescindíveis e importantes no início da semana, mas que provavelmente nunca mais serão usadas.

Deixo de lado uma pilha enorme de roupas e, quando Bongani volta, peço que fique com elas.

“Sim”, Bongani diz, levando muito a sério a função. “Vou guardar para quando vocês voltarem.”

“Quero que você use as roupas”, explico, “ou dê para alguém que vá usar. Não as quero de volta”.

“Obrigado”, ele diz. “Vou usar bastante.”

Quando estamos de saída, dou-lhe dinheiro e ele me devolve uma parte. “Não é bom para mim ter muito dinheiro. Se alguém achar que estou rico, vai tentar me roubar. Só posso aceitar um pouco. Gostei de estar com o senhor e a sua família.”

Penso em levá-lo para os Estados Unidos — ele poderia frequentar uma escola, instruir-se. Anoto meu nome, endereço, telefone e e-mail num pedaço de papel e o entrego a ele. “Não hesite em me contatar”, digo.

Despedimo-nos com um abraço.

“Até mais, foi bom conhecer o senhor”, ele diz.

A caminho de Durban, paramos duas vezes para fazer compras. Ashley escolhe uma pintura para o quarto dela e uns brincos. Decidida a levar a coisa certa para Madeline e Cy, ela vem fazendo compras para eles, assim como fizera para a adorada senhorita Renee. Compra uma coisa, depois acha outra e compra também. Ashley e Ricardo miram uma loja de miudezas e imploram ao motorista que pare. Percebendo que se trata de uma cliente cuidadosa, a dona incentiva Ashley a olhar com calma, o que ela faz, decidindo-se pelo que imagina ser o presente perfeito — bonecas negras, simulando bebês bem grandes, menino e menina, corretas do ponto de vista anatômico. Digo-lhe que tudo bem se ela quiser levar uma para si, mas que não imagino ser o presente adequado para os pais de Amanda.

“Você está enganado”, ela diz sem rodeios. Então preciso me decidir entre declarar que não só sou o único adulto no comando como sou eu quem paga a conta, ou simplesmente engolir em seco e deixá-la fazer o que quer. “Está bem”, digo. “Mas agora chega, esse é o último presente perfeito.”

“Sei o que eu estou fazendo”, ela afirma. “Vi isso num dos meus programas preferidos e agora vou reproduzir na vida real — verificação factual, como a gente chama na escola. Fizeram um estudo em que idosos dementes ganharam bonecas para cuidar e eles ficaram mais felizes.” Ela leva as bonecas ao caixa. “Eles se sentiram mais

envolvidos e úteis.” No último instante, quando a dona da loja está prestes a passar o cartão de crédito, Ashley acrescenta um pedaço de tecido enfeitado para cada uma. Não me pronuncio e assino a conta. Imediatamente, Ashley tira as bonecas do embrulho, cobre-as com os tecidos e declara que são seus gêmeos.

Ricardo diz que quer uma arma de brinquedo que pareça verdadeira — do tipo que a polícia vê e por conta do qual acaba lhe dando um tiro acidental.

“De jeito nenhum”, imponho.

“Quais são os nomes dos gêmeos?”, Nate pergunta, quando estamos saindo da loja e a dona já está fechando a porta de metal.

“Vamos esperar para ver”, Ashley diz.

Voltamos ao carro e estamos nos arredores de Durban quando as coisas começam a dar errado. O motorista aparenta nervosismo; pisa no acelerador, costurando entre os carros numa estrada que de modo geral tem trânsito leve.

“Está tudo bem?”, indago.

“Estão me seguindo”, ele responde.

“Quem é que está te seguindo?”

“Um carro”, ele diz, entrando na contramão, tentando ultrapassar um caminhão vagaroso. Outro veículo vem em nossa direção e com isso, antes de fazer a ultrapassagem, o motorista tem que reduzir e voltar para a nossa pista. À medida que nos aproximamos de um sinal vermelho, o motorista desacelera, verifica o cruzamento, mas não para.

“Ei”, digo, “tem criança no carro.”

“Confia em mim”, ele retruca. “Às vezes é melhor não parar.”

Dou uma olhada para trás: o outro veículo tampouco parou. São três homens dentro do carro. Pouco depois estão ao nosso lado, forçando-nos para fora da pista. Ashley grita. Nosso motorista segue em frente, pisando o pedal até o fundo; nuvens grandes de fumaça se erguem. O carro branco continua ao nosso lado, afastando-nos cada vez mais da pista.

“Pode ser melhor parar”, digo.

“Não”, rebate o motorista. “Não pode resultar em boa coisa.”

A situação se prolonga por uns minutos — ou talvez tenha sido apenas trinta segundos —, então ouve-se um barulho alto que soa como uma pancada e o carro é jogado para a direita. O motorista luta para manter o controle; devagar, rolamos até parar e a poeira vai baixando ao nosso redor.

“A gente sofreu um acidente?”, Ricardo pergunta.

“Pneu furado”, o motorista esclarece.

Os três homens estacionam atrás de nós, descem do carro e se aproximam. Assim que chegam muito perto, começam a empurrar o

carro, fazendo-o balançar de um lado para outro — é apavorante.

“Sequestro”, Nate sussurra. “Dá o seu dinheiro para eles.”

“Meus bebês, meus bebês”, Ashley berra de repente. “Meus bebês pararam de respirar.”

Abro a porta do carro, derrubando um dos homens, que estava apoiado nela. Ricardo, Nate e Ashley saltam, carregando os bebês morenos enrolados nos panos.

Ashley fica à beira da estrada, lamentando: “Meus bebês, meus bebês pararam de respirar.”

Nate está curvado sobre os bebês, de orelha encostada em seus peitos, a boca colada nas bocas plásticas. Ele grita: “Você sabe fazer massagem cardíaca?”

Ricardo e eu estamos ajoelhados à margem da estrada, inclinados em direção ao bebê moreno, enquanto Nate aperta o peito da menina — gritando, “Respira. Respira.”

“Ele não está bem”, Ricardo constata. “Precisamos de ajuda, rápido! Precisamos de um defrigerador...”

O motorista permanece dentro do carro, imobilizado pelo medo.

O berro de Ashley se transformou de grito cortante em uivo agudo; é como se reunisse toda a dor, o sofrimento pela morte de Jane. Está à beira da estrada, lamentando-se, totalmente histérica, e não sei quem ajudar primeiro. “Você matou os meus bebês”, ela choraminga sem parar.

Os sequestradores estão profundamente perplexos; voltam para o carro de onde saíram e partem às pressas. Esperamos se distanciarem bastante e aí Nate e eu pegamos os bebês e vamos ao encontro de Ashley, que não consegue se acalmar. Nate lhe mostra as bonecas. “Olha”, ele diz, “eles estão bem; aqui, segura”. Ele põe as bonecas nos braços dela. Ashley está ofegante; seus olhos estão arregalados, como se não soubesse muito bem onde está. Pego o saco de papel que era a embalagem original das bonecas. “Respira aqui”, instruo, amassando a abertura para fazer um bocal e levando-o a seus lábios.

“Foi incrível”, Ricardo declara, “e muito assustador”.

Todos concordamos. E, quando Ashley recobra o fôlego, voltamos para o carro.

Nosso motorista continua ao volante, lágrimas silenciosas escorrendo-lhe pelo rosto.

“Você tem estepe?”, pergunto.

Ele faz que sim. Trocamos o pneu rapidamente e vamos embora, trêmulos.

“É muito comum”, Nate diz. “Sequestro. Às vezes eles levam o carro, às vezes querem só o dinheiro.”

“Vocês tiveram muita sorte”, o motorista diz. “De vez em quando eles também querem os brancos ricos.”

“Você está legal?”, pergunto a Ashley.

Ela assente, mas não se pronuncia.

“O que você fez foi incrível. De onde foi que você tirou essa ideia?”

“Tevê”, ela diz. “Lembra que a tevê estava sempre ligada lá em casa?”

“Lembro”, digo.

“Bom, eu sempre via mulheres chorando, mães e tias, e me dava muita tristeza e medo. Elas estavam na entrada de casa, soluçando, e o repórter tentava entrar, ou então tinha uma vigília à luz de velas em que elas se jogavam no chão. Sei lá”, ela explica. “Simplesmente me veio à cabeça.”

“Você se saiu muito bem”, elogio.

“Tipo ganhadora do Oscar”, Nate confirma.

“Não acredito no que aconteceu”, Ricardo diz. “E nós todos entramos em ação, que nem super-heróis, que nem os caras dos filmes.” Ele abre um sorriso. “Gostou quando eu pedi um defrigerador?”

Não paro de reprisar o acontecido na minha cabeça; quanto mais penso, mais traumatizado fico. Olho para as crianças. Parecem estar bem, como se não se dessem conta de que tudo poderia dar errado. Penso no que poderia ter acontecido e sei que, num piscar de olhos, eu faria qualquer coisa para proteger os três. Pela primeira vez estou ciente do laço que criei com eles, do apego.

No aeroporto, meu ânimo começa a cair. Ainda estou chateado com a tentativa de sequestro e preocupado, nestes momentos finais da volta para casa. Como conservar o sentimento de esperança e expectativa, a sensação que vinha permeando nossa viagem até aqui? De repente sou tomado pela apreensão e me pergunto se sou o único. Estávamos nos saindo tão bem fora de casa, fora de nós mesmos, contra um mundo tão imenso. Nós nos unimos, formamos um time, e me preocupo com o que vai acontecer quando chegarmos em casa, quando todos os acordos e expectativas não estiverem mais em jogo.

O voo de Durban a Johannesburgo é tranquilo e, ao nos prepararmos para embarcar no avião que nos levará para casa, as crianças, ainda empolgadas, correm para as compras de última hora: batatinhas chips, refrigerante de limão, como se nunca mais fossem voltar à África do Sul. Johannesburgo é uma espécie de estação de transferência para a humanidade inteira; felizmente Sofia, mais uma vez, providenciara uma cuidadora de gente para nos levar de um avião ao outro.

Penso na casa, em George e Jane. Sei que estou extremamente

cansado, mas é como se eu visse, sentisse tudo de novo, ou talvez seja mais como se sentisse pela primeira vez. De repente está tudo vivo para mim, está tudo bem ali, em detalhes sanguinolentos, passíveis de serem tocados. Parece meio irreal, não acredito que aconteceu, não acredito que foi no começo deste ano e que agora estamos no aeroporto da África do Sul, aguardando o embarque.

Penso no que Londisizwe me falou a respeito de soltar o que está dentro de mim e me dou conta de que não tomei o chá do meio-dia. Vou pedir um pouco de água quente assim que embarcarmos. Penso em Londisizwe, do cheiro ruim que escapuliu — as crianças rindo enquanto eu me contorcia de dor. “Muito bem”, Londisizwe disse na manhã seguinte à primeira dose, quando lhe contei como me senti mal. “É bom que você se sinta mal — é só o começo do que está dentro de você... Mas você sentiu”, ele disse, dando-me um tapinha de satisfação no ombro. “Quer dizer que você não está morto.”

Tenho de novo aquela mesma sensação, ali no aeroporto; a bile me sobe à garganta, com gosto de folhas fermentadas e bosta de animal. Engulo; queima e dá um gosto azedo no caminho de volta.

“Esse garoto está com quem?”, um agente do embarque aponta para Ricardo.

“Está conosco”, Nate diz.

“Sou irmão deles”, Ricardo diz.

Pego a declaração assinada pela tia do menino e a entrego ao agente, que chama outro homem. Eles me perguntam se tenho um telefone que faça ligações internacionais. Digo que sim e entrego o aparelho para que liguem para ela, que confirma que Ricardo não foi sequestrado. Satisfeito, o agente pergunta a Ricardo se ele se divertiu na África do Sul. “Você andou de elefante?”

“Não.”

“Pulou de bungee-jump?”

“Não.”

“O que foi que você fez?”

“Joguei futebol”, ele diz.

“Fez bem”, o agente responde, sorrindo, exibindo pedacinhos de tabaco nos dentes, ao nos devolver os passaportes e dar uma balinha a cada uma das crianças, de tamanho suficiente para asfixiá-las; confisco tudo no mesmo instante.

Nossa aterrissagem em Nova York é atrasada pelo mau tempo; sobrevoamos o aeroporto pelo que me parecem horas e depois pousamos em Boston para abastecer e voltar ao aeroporto J. F. Kennedy. Mando uma mensagem para o cuidador dos bichos quando estamos na pista de decolagem do Logan, a fim de avisar do atraso. Ele responde com uma alegria ímpar: “Estamos prontos, aguardando ansiosos para recebê-los”. Algo em seu tom me deixa apreensivo. “Tudo bem?”, indago. “Magnífico”, ele responde. Ai não...

Aterrissando em Nova York, sinto certo alívio inesperado por estarmos de volta à terra dos Mets e dos Yankees, do trânsito e do povo agressivo.

O agente da alfândega dos Estados Unidos pede que eu abra minha mala.

“Cadê suas roupas?”, ele inquire.

“Doei”, justifico.

“Você está abrindo um negócio?”, ele questiona, examinando as mercadorias adquiridas.

“Não, eu viajei com três crianças e elas compraram essas coisas; não tinha espaço para roupas.”

“Por que você não comprou outra mala?”

“Não queria outra mala.”

“Quer segurar os meus bebês?”, Ashley pergunta ao agente.

“Você sabia que na África do Sul as pessoas vendem as roupas que a gente põe nas caixas de recicláveis dos estacionamento da igreja?”, Nate diz. “Você acha que está doando roupas para gente necessitada do país, mas as suas roupas são vendidas para gente miserável, para encher o bolso de alguns.”

“Imagino que tenha sido uma viagem com fins educativos”, o agente diz, fechando a mala e empurrando-a na minha direção para que eu feche o zíper.

“Uma missão para apurar os fatos”, Ashley declara.

“Quase fui circuncidado”, Ricardo contribui. “Ainda quero ser, mas ele falou que não.” Ricardo aponta para mim, como se eu fosse o vilão.

“Procure se conter”, o homem pede, carimbando nossos passaportes e nos mandando seguir em frente.

“O que é que ele quis dizer?”, Ricardo indaga.

“Que algumas coisas são muito íntimas para comentar por aí”, Nate explica.

Saímos ao ar livre e o calor nos atinge em cheio. A transição do ar frio

do avião à panela capaz de fritar ovo da calçada é abrupta demais; no mesmo instante ficamos grudentos e mal-humorados.

“Vocês estão atrasados”, diz um cara desgrenhado que segura um cartaz com “Silver” rabiscado em caneta litográfica.

“Houve um problema climático”, explico. “E tivemos de abastecer.”

O banco acolchoado do carro preto e espaçoso me dá a desconfortável sensação de que estou flutuando, divorciado da realidade. Flagro-me desejando um trajeto esburacado no velho Land Rover, com o cinto de segurança improvisado para as crianças, amarradas como em uma espaçonave de quintal.

Paramos diante de casa. As roseiras junto à porta estão florescendo, um intenso tom vermelho-sangue. Um pé de rosa trepadeira se estende pela fachada da casa, enrolando seus galhos nas janelas. Ashley pega uma flor cor-de-rosa e a encosta ao meu nariz. “Abraham Darby”, ela diz. “Fazem perfume com elas.”

Respiro fundo; o aroma forte fica preso nos meus pulmões — respiro de novo, agora não tão fundo.

“Delícia.”

Ricardo insiste em ir à porta da frente e tocar a campainha. Tessie late, animada.

Cheryl abre a porta — ela sorri.

É difícil descrever, mas o que eu temia se dissipa instantaneamente. Acho que nunca havia tido essa sensação. É como se a escuridão se levantasse, como se o sol saísse de trás da nuvem, tão literal e ilusória quanto ela possa ser.

Há balões, serpentinas em cores vivas e um bolo de chocolate enorme, com PARABÉNS PELO GRANDE BM escrito em letras azul-bebê.

Cheryl, Sofia, Cecily, o cuidador de bichos e a irmã, Madeline e Cy, Tessie e os gatos e outras poucas pessoas que nunca tinha visto formam uma fila de boas-vindas.

“A casa está diferente”, comento com uma surpresa agradável.

“Pode apostar”, Cheryl diz. “Nós fizemos uma reforma — pintamos a cozinha, sala de estar e sala de jantar, reorganizamos os móveis, compramos umas coisas novas, como poltronas mais confortáveis para Cy e Madeline.” Sigo Cheryl casa afora tapando a boca, boquiaberto, dizendo: “Não acredito. Eu não acredito mesmo”, várias vezes.

“A sua cara é impagável”, Cecily observa.

Ontem, em Durban, eu temia voltar para casa, cair na mesma

rotina, mas isso é incrível, uma recepção maravilhosa. Pela primeira vez me sinto parte de uma comunidade. Fico ali parado, os olhos marejados, e levanto um copo enorme de refrigerante de laranja dietético. “Meu coração está saciado.”

Na mesa há pizza, refrigerante e um bolo pavorosamente doce e esplendidamente americano que não consigo parar de comer. Como uma fatia, depois outra e mais outra, até ficar eufórico. Curto a euforia com café e fico trêmulo e zozzo.

“Fomos sequestrados”, Ricardo conta a todo mundo. “Empurrados para fora da estrada por uns doidos.”

“A Ashley e o Ricardo nos salvaram fingindo que as bonecas eram filhos dela e que tinham se ferido”, Nate relata.

“O que te levou a pensar nisso?”, Cheryl indaga.

“Ensinaaram para a gente na escola”, Ashley responde.

“Ensinaaram o quê?”, pergunto.

“Na aula de educação física tivemos uma sessão de autodefesa. Aprendemos a mirar nos olhos e nas bolas de verdade e que, se alguém nos abordasse e quisesse que a gente entrasse num carro ou tentasse nos machucar de alguma forma, a gente devia se fingir de louca. Ou entrar debaixo de um carro estacionado. Dizem que os malvados não gostam de se ajoelhar para tentar te puxar debaixo do carro, e que gente doida deixa eles nervosos. Quando era mais nova, sempre pensava no que eu faria numa situação dessas.”

“Genial”, comenta Madeline.

Apavorante — repito comigo mesmo.

Preparo o chá que Londisizwe mandou que eu trouxesse para casa; tem gosto do chão da África do Sul, da terra e do ar. Rodo o saquinho de musselina na xícara e seria capaz de jurar que vejo as cores azul, verde e roxo, como um arco-íris fajuto boiando.

Mais tarde, escuto Cheryl conversando com Nate.

“O que aconteceu com a sua mãe poderia ter acontecido com qualquer pessoa”, ela afirma.

“Duvido”, ele rebate, sem acreditar nela.

“Confia em mim”, ela diz, “tenho mais tempo de vida que você”.

“Você acha mesmo que poderia ter acontecido com qualquer pessoa?”, pergunto a Cheryl, depois que todo mundo vai embora e ela

e eu estamos na cozinha tentando entender o novo sistema de organização do armário.

“Acho, sim”, ela confirma.

“Não sei muito bem como interpretar isso...”

“Não tem nada a ver com você, tem a ver com o comportamento humano. Sabe aquelas reportagens na tevê em que uma mulher mata os filhos e se suicida, e aí todo mundo classifica como algo chocante?”

Assinto. “Acho que sei.”

“O que é chocante”, Cheryl continua, “é não acontecer com mais frequência. O que é chocante é que todo mundo diz que se apaixonou pelo filho no minuto em que ele nasceu; o que é chocante é que ninguém é franco quanto à dureza que é isso tudo. Portanto, acha que me surpreende uma mulher afogar os filhos e se matar? Não. Acho triste; queria que as pessoas tivessem notado que ela estava sofrendo, queria que ela tivesse pedido ajuda. O que me choca é o fato de saber que todos estamos totalmente sozinhos neste mundo”.

Ela se cala e me fita com atenção. “Você está diferente.”

Arroto a mistura de pizza, bolo, refrigerante de laranja e o chá do Londisizwe; fico surpreso por não sair uma fumaça verde-azulada da minha boca.

“Senti saudade”, Cheryl diz. “Sabe, a gente não fala de muita coisa, é só sexo, sexo, mas eu andei observando... você progrediu muito.”

“Como assim?”

“Agora você está... humano.”

“E o que eu era antes?”

“Um qualquer”, ela diz.

Entrego a Cheryl o presente que lhe trouxe: um falo de madeira, coisa antiga.

“Um consolo?”, ela indaga.

“É um símbolo africano importante.”

“É para me fazer pensar em você?”

“Não necessariamente”, respondo.

“As crianças viram você comprando?”

“Não.”

Deito-me no sofá com Tessie a meus pés, o focinho no meu quadril, um gato atrás de mim, outro no meu pescoço. Quando estou adormecendo, penso no vilarejo despertando para o café da manhã...

Ao longo de vários dias ficamos numa zona que não é nem lá nem cá,

existindo fora do tempo e da geografia, descomprimindo, reajustando. As crianças dormem, comem e assistem à tevê.

Para mim, é um período de reorganização, de percepção de que as coisas não precisam ser como sempre foram. Não quero perder a abertura que consegui, a sensação de possibilidade que tive durante a viagem. Para Ashley, Nate e Ricardo, as coisas jamais poderão ser como eram; isso também é verdade, em diversos sentidos, para Madeline e Cy. Pela primeira vez compreendo que, por mais que alguém deseje mudanças, é preciso estar disposto a correr o risco, a se entregar à queda livre, a fracassar; e que é necessário se desvencilhar do passado — em outras palavras, tenho de terminar meu livro. E depois? Voltar à faculdade; estudar religião, cultura zulu, literatura? Tornar-me um corretor imobiliário suburbano? Não se trata do tempo que tenho nas mãos, e sim da vida que tenho nas mãos. E é vida como moeda. Onde vou gastá-la? Qual é o melhor investimento? Sou limitado apenas pelo que posso sonhar e me permitir arriscar, e pelo fator real que são as crianças — não posso sair caminhando mundo afora em busca de mim mesmo. Parece inútil seguir em frente só para seguir em frente, se não há uma ideia maior, um espírito de melhorar a vida dos outros.

Sempre que têm a oportunidade, Ricardo e Nate recontam a história do sequestro; toda vez, os meninos desenvolvem o que aconteceu, o que estavam pensando e o que teriam feito caso os vilões “tentassem alguma coisa”. Ricardo diz que teria pegado pedras da beira da estrada e as atirado neles — os apedrejaria. Nate usaria seu conhecimento de artes marciais para “apagar os caras”. Quando me perguntam, declaro que eu tentaria negociar — persuadi-los pela palavra —, atitude que seria limitada apenas pela minha incapacidade de falar a língua deles.

Sempre que os meninos recontam a história, acrescentam algo. São esses seus desabaços sobre o acontecido, o despertar da compreensão de que foi um puta susto; de que poderíamos ter morrido; e de que, caso tivéssemos sido sequestrados, caso sofrêssemos ameaças contra nossa integridade física, pouco poderíamos fazer. O relato que fazem da história deixa claro quanto estamos indefesos. E me preocupa o fato de que, quando iniciam suas narrativas, Ashley não diz nada. Em certos aspectos, ela era a mais vulnerável ali — a menina, a criança, o prêmio e a heroína. Os meninos não falam nada sobre uma parte da história, mas penso nela — muito. E acho que Ashley também pensa. E foi por isso que ela

desatou a berrar à beira da estrada; por isso que seu treinamento de sobrevivência entrou em cena.

A África parece ao mesmo tempo muito distante e eternamente presente, como um forro atrás do qual eu funciono. Continuo tomando o chá de Londisizwe, imagino que esteja me ajudando.

Cozinho, limpo e preparo três bolsas grandes contendo materiais para um mês inteiro: cobertores, travesseiros, repelente, selos e papéis de carta, blusas, shorts e roupas de banho. Na verdade estou tendo é uma crise de identidade — uma crise que estou velho demais para ter — e a onda de calor que está fazendo, e os preparativos para três crianças que vão para a colônia neste fim de semana são o pano de fundo.

Em particular, Ashley e eu conversamos sobre “relacionamentos” e reafirmamos que não pode existir nenhuma troca de favores físicos entre adultos e crianças — ela não pode mexer com ninguém que tenha três anos a mais ou a menos que ela, e o que fizer deve se limitar às “artes leves”, uma expressão que cunhei para a ocasião. Ricardo e eu recapitulamos o plano que bolei com a colaboração de um colega do dr. Tuttle, a fim de que aos poucos pare com os remédios e passe a tomar vários suplementos. Nate e eu revisamos as leituras de verão e os projetos extracurriculares dele.

No jantar, Cy levanta um talo de brócolis como se fosse uma árvore e indaga: “O que é isso? Uma sempre-viva? Um bordo? Se eu não sei identificar, não posso comer.”

“Brócolis”, Ashley diz. “Não é árvore, é legume.”

“Ah, está certo”, Cy diz.

“Seja corajoso, prove”, Ricardo pede, e ele o faz.

“Ah, está certo”, ele diz, “eu conhecia brócolis, tinha me esquecido. Na verdade, a Madeline fazia um molho delicioso para pôr em cima dele”.

Pergunto a Madeline se ela se incomoda de eu me desviar de seu livro de receitas.

“De jeito nenhum”, ela diz, “eu jamais comeria aquela porcaria. Fazia era para a menina”.

No terceiro sábado de julho, Ashley parte para um mês de colônia. No domingo, há muita gente levando os meninos até o ônibus, parado no estacionamento da igreja — em cuja lixeira Amanda achou a carteira

de Heather Ryan. Vejo as lixeiras no canto, mas não digo nada —, na verdade não tenho ninguém a quem dizer algo. A tia de Ricardo, Christina, nos acompanha para lhe dar tchau; preparou um enorme pacote com comida para ele levar no ônibus. “Use para fazer amigos — dívida”, sussurro quando nos despedimos.

A caminho de casa, paramos em uma chácara e compramos um montão de plantas, umas rosas novas, petúnias, gerânios, tomates-cereja, abobrinha e rabanetes, já que Cy diz que sempre quis uma fazenda. Passamos a tarde no quintal.

“Você tem saudades da Amanda?”, pergunto a Madeline.

“Filho é um negócio complicado”, ela diz. “Você tem suas ideias e eles têm as deles. Tem muitas coisas que não sabemos uns sobre os outros.”

Plantamos uma roseira em homenagem a Amanda e, mais tarde, reparo que Madeline volta e meia conversa com aquela planta.

À tarde, enquanto Cy cochila, Madeline me conta que teve uma companheira, “uma vizinha muito bonita cujo marido também ficava muito tempo na cidade, trabalhando. Ela era atenciosa comigo de maneiras que nunca passaram pela cabeça do Cy...”, ela diz, a voz sumindo, fazendo-me pensar se eram amantes ou apenas amigas.

Preparamos uns aperitivos para antes do jantar: queijo-quento e gaspacho de verão, que Cy descreve como uma sopa que está esperando amadurecer e virar um Bloody Mary.

Há uma grande quietude na casa, um vazio estranho. “Faz um silêncio terrível por aqui”, Cy comenta.

E todos concordamos; está tranquilo demais.

Nessa noite, deparo-me com Madeline sentada na cadeira de balanço, a blusa levantada, um seio mirrado de fora e um dos bebês de Ashley ao peito. Ela me parece tão sossegada, tão contente consigo mesma, que não faço nada além de pôr uma manta de sofá em cima dela.

“Ela ainda leva jeito”, Cy diz.

“Quanto tempo eles vão passar fora?”, Madeline indaga, acariciando o bebê.

“Um mês”, respondo.

Manhã de segunda-feira, a irmã do cuidador dos bichos vem para passar o dia com Cy e Madeline, e assim volto ao trabalho na cidade.

A norma de vestuário do escritório de advocacia foi afrouxada durante o verão: calças leves, ternos de anarruga e homens com camisas de manga curta, parecendo mais contadores com estojos de

canetas do que grandes crânios da lei.

A edição dos contos está bem avançada. Ching Lan se empenhou: todos foram transcritos, cotejados e revisados. Releio todos mais uma vez, faço pequenas alterações e os devolvo a Ching Lan antes do almoço para um retoque final. Dando seguimento à conversa anterior que tive com Julie Nixon Eisenhower, telefono e volto a sugerir que sejam enviados para publicação. No decorrer da tarde, é tomada a decisão de que sejam enviados por intermédio do escritório a cinco ou seis publicações simultaneamente. Dada a lentidão com que a maioria das coisas acontece e a reação ávida e depois fria diante da minha primeira sugestão de que fosse apresentada, surpreendo-me com a velocidade com que a ideia adquire impulso.

Um dos sócios do escritório esboça uma apresentação anunciando uma revelação empolgante no campo dos estudos sobre Nixon, “os contos de RMN reunidos e organizados pelo ilustre especialista em Nixon, Harold Silver”. O esboço é aprovado pela sra. Eisenhower e “FDP” é enviado aos destinatários por meio de um mensageiro, na mesma tarde.

No final da tarde, meu telefone toca. “Aqui é o David Remnick, da *New Yorker*.”

Hesito, esperando algo mais, tipo o restante da mensagem gravada: “Estamos ligando para falar da emocionante oferta de publicação...”

“Espero não estar atrapalhando”, ele diz.

Levo o telefone para outro ambiente, deixando Madeline e Cy na frente da televisão.

“Conheci seu irmão”, Remnick diz, “não muito bem, mas um pouquinho”.

“Não sabia”, digo.

“Então, escuta”, ele diz, “estamos muito interessados no conto, mas antes de irmos além preciso saber se é autêntico”.

“Pelo o que sei, é”, declaro, e explico como fui contratado pela família e a procedência das caixas.

“Quantas narrativas Nixon escreveu?”, Remnick pergunta.

“Tem umas treze”, digo, e então, de súbito, não tenho certeza do que posso revelar sem violar meu acordo de confidencialidade.

“Você está aí?”

“Estou”, digo. “Mas acho melhor eu desligar.”

“Como você descreveria os outros contos?”, Remnick inquire. “Pessoais, políticos, de tom similar ao que nós recebemos? E são mesmo ficcionais?”

Respondo com todo o cuidado possível. Quando encerramos, sinto-me desossado, porém admirado com sua técnica. Dou um telefonema para a casa da sra. Eisenhower. Eu a imagino no sofá de

uma sala antiquada e formal, um testemunho desbotado de outra época.

“Ela não se encontra. Quer deixar recado?”

“Sim, eu queria avisá-la de que recebi alguns telefonemas da imprensa.”

Vinte minutos depois, a sra. Eisenhower retorna a ligação. “Espero que você não leve a mal”, ela diz. “Decidimos retirar o conto. A reação foi avassaladora; a gente vai recuar e pensar, com um pouco mais de cuidado, no que estamos fazendo.”

“Tem algo a ver com a qualidade do meu trabalho?”, sou forçado a perguntar.

“Não”, ela responde. “Apesar de ter estranhado a extensão das suas alterações, quando os examinei comparando às versões mais longas achei que você fez um bom trabalho. É uma questão familiar; a gente não tem certeza se apresentar meu pai como escritor de ficção é coerente com a marca Nixon.” Há uma longa pausa. “Como você deve imaginar, eu nunca tinha pensado no conceito da nossa marca; antes tudo se resumia a vermelho e azul, democratas e republicanos. Então vamos pensar bem e, se contornarmos a questão, você vai ser o primeiro a saber. Agradeço pelo seu entusiasmo; sei da afeição que você tem pelo meu pai.”

Pressiono mais, imaginando que seja minha última chance de colher algum vislumbre. “Como você sabe, venho trabalhando em um livro sobre o seu pai. Estou curioso: a impressão que você tinha dele mudou com o tempo? Você já descobriu coisas que te incomodaram?”

“Meu pai era uma figura complexa que fez o que acreditava ser o melhor para a família e o país. Você e eu jamais saberemos a profundidade dos desafios que ele enfrentou. Obrigada”, ela diz, “e boa noite”.

Mando um e-mail para Ching Lan pedindo que ela me encontre no escritório no dia seguinte, às nove.

Às 7 da manhã, a CNN está no ar com um senhor de Oregon que exhibe um caderno de Nixon, objeto que ele alega que seu avô ganhou do ex-presidente quando este era um capitão de corveta jogador de pôquer, na Marinha. O caderno é datado de 1944, coincidindo com a época de serviço militar de Nixon. O homem lê um trecho que reconheço no mesmo instante como um fragmento de “Bom povo americano”.

Ao sair de casa, tenho a impressão de que alguém me observa. Um carro desconhecido está parado de capô aberto do outro lado da rua; o motorista acena para mim com a cabeça de um jeito sinistro e eu poderia jurar ter ouvido os cliques de uma câmera, se as câmeras ainda clicassem.

O elevador do prédio no centro da cidade que abriga o escritório para em todos os andares, distribuindo sua carga humana munida de copos da Starbucks com muffin por cima. Sinto que há alguém atrás de mim. “Foi contundente demais”, ele diz por cima do meu ombro. Faço menção de me virar; o elevador escurece e para com um solavanco. Os outros passageiros perdem o fôlego.

“Estamos sofrendo um ataque”, uma mulher berra.

“Duvido”, um homem murmura.

“É sempre um problema”, uma voz conhecida afirma com tranquilidade por cima do meu ombro. “Sempre algo maior que você dirigindo o espetáculo.”

“Fale mais”, peço.

“O que mais eu posso dizer? Estou decepcionado”, ele diz. “Meus quinze minutos estão se esgotando rápido.”

O elevador se move para cima, as luzes piscam, a porta se abre. Passageiros avançam, correndo para sair, temendo que algo mais aconteça.

“Deve ter sido uma sobrecarga de energia”, um senhor que permaneceu no elevador comenta. “Isso acontecia o tempo todo no começo dos anos 1970; a gente chamava de braço comprido do John Lindsay.”

À minha frente, correndo em direção à escada de incêndio, vejo um homem de casaco azul, calça cáqui escura e boné de beisebol.

Ching Lan chora quando lhe digo que o projeto foi dado por encerrado. “Tento ser ninguém quando venho aqui. Sou folha em branco para você escrever seus livros”, diz ela.

“Não se preocupe”, declaro, “vou escrever uma carta de referência excelente, recomendando os seus serviços”.

Ela soluça.

“E vou te contratar para revisar meu livro.”

“Não é por isso que eu estou chorando”, ela explica. “Minha carreira vai ficar bem: ofereceram-me cargo profissional em tempo integral em um time de vôlei, mas eu falei que tinha que terminar esse trabalho primeiro. Estou chorando porque vejo que você ama muito o presidente Nixon — apesar de como ele se comportava. Você trabalha

duro, você é muito corajoso. Por sua causa tenho estudado tudo sobre a China. Aprendo muito mais sobre o meu país do que soube algum dia. Aprendi sobre mim através de você.”

“Obrigado”, digo.

“O que você acha que aconteceu?”, Ching Lan indaga.

“Medo”, declaro.

“Quem sabe”, Ching Lan diz, “depois eles tentam de novo e não pareça tão assustador”.

“Você já agiu assim, já se apavorou com alguma coisa?”, questiono.

“Não”, ela diz. “Não tenho muito pavor. Mas o meu pai, ele não gosta de rato. Rato assusta muito ele. Ele pula no barril dele que nem menininha. Minha mãe tem que correr atrás do rato que nem gato grande. Posso te fazer uma pergunta?”

“Claro.”

“Por que você gosta tanto da China?”

“Nunca me perguntaram isso. Pode soar estranho, mas eu gosto da grandeza: a China tem de tudo, do Monte Everest ao Mar da China Meridional, e também a quantidade enorme de pessoas que moram lá. Admiro como são esforçados, do vigor da história, de como a China é antiga, bela, misteriosa e diferente.”

“Você já esteve lá?”, ela pergunta.

“Não”, respondo. “Você já?”

Ela nega com a cabeça. “Meus pais falam que não querem voltar nunca, que o que existe lá é de muito tempo atrás e que a vida é muito difícil. Têm muita pena dos parentes que ficaram e carregam essa tristeza com eles; gostam mais daqui.”

O que não conto a Ching Lan é que também tenho um pavor secreto da China: imagino um lado negro que não valoriza a vida humana com a mesma intensidade que eu. Tenho receio de que, se eu fosse lá, algo me aconteceria; eu poderia adoecer, meu apêndice romper, eu ficar me contorcendo em um hospital chinês, incapaz de cuidar de mim mesmo. Imagino-me morrendo, ou por causa de um apêndice gangrenoso ou talvez devido a uma infecção decorrente de uma cirurgia realizada em condições pouco apropriadas. Não conto a Ching Lan que tenho pesadelos com chineses de jaleco ensanguentado, dizendo-me num inglês mal falado que sou o próximo. Tampouco conto a ela a única grande ideia que ainda não articulei. Não lhe conto que, às vezes, acho inevitável questionar se a crise econômica mundial de hoje pode estar vinculada ao fato de que Nixon estabeleceu uma relação com a China.

Quando terminamos, Ching Lan e eu nos despedimos de Wanda e Marcel e entregamos nossos crachás; adeus ao escritório, aos corredores, ao banheiro masculino, ao elevador.

Vamos almoçar na delicatessen; não estou com fome, mas a mãe dela insiste. “Por conta da casa”, ela anuncia.

Trouxe os badulaques da África do Sul, que agora são como presentes de despedida. Dou a Ching e à mãe dela xales que comprei no aeroporto e ao pai dela um prendedor de dinheiro. A mãe me brinda com uma barra de Hershey’s para eu comer na viagem. “Não fique estranho”, ela me diz quando estou de saída. “Volte logo.”

São duas da tarde. Estou em casa há dez minutos e já troquei de roupa e saí para regar as plantas, quando Sofia aparece.

“Visita não programada”, ela diz ao subir a entrada da garagem. Tenho certeza de que estava dando voltas no quarteirão, me esperando chegar em casa.

“Não paro de pensar em você e no Grande BM.” Ela põe as mãos no quadril com um suspiro encenado.

“Foi melhor do que eu esperava. Tenho uma dívida com você. Obrigado”, declaro.

“O prazer foi meu”, ela diz. “Aprendi muito sobre você, o Nate e a África do Sul! Que tal o bolo? Esqueci de perguntar.”

“Perfeito.”

“Fico contente”, ela diz. “Não tinha certeza se daria certo — água, altitude e fornos diferentes! Não sei se o Sakhile te disse, mas mandei quatro caixas extras de mistura para bolo a fim de que eles fizessem uma espécie de treinamento, antes.”

“Você realmente pensou em tudo. E todos os elementos da tradição judaica... não fazia ideia de que aquilo iria acontecer.”

Ela dá um sorriso orgulhoso. “Os *bars* e *bats*, é isso o que eu faço”, ela diz. “Os casacos ficaram ótimos, não ficaram?”

“Fantásticos”, confirmo, “e aquela história toda de ‘The Lion Sleeps Tonight’ — incrível”.

Sofia enrubescce e depois estica o braço e põe a mão em cima da minha, que naquele momento forma um punho que segura o bico da mangueira. Relaxo a mão, o bico acaba escorregando e a água esguicha num círculo maluco, parando de repente quando a mangueira bate no chão.

“Sabe de uma coisa?”, ela diz, sem reparar no que aconteceu com a mangueira. “A nossa relação é bem mais profunda do que é a praxe entre cliente e organizadora.”

Não me pronuncio.

“Estou muito interessada em você”, ela diz.

“Não posso.”

“Eu não lhe pareço atraente?”, ela indaga.

“Estou envolvido”, declaro, literalmente dando um passo para trás.

“Achava que ela tinha fugido.”

Não me pronuncio.

“Você conta o caso com uma mulher casada como envolvimento?”, ela inquire.

“Dá certo.”

Ela pondera por um instante. “Que tal uma relação a três?”

Faço que não.

“Não fica nem tentado?”

“Não posso.”

Estamos no quintal, fazendo uma dança esquisita: ela dá um passo para frente, dou dois passos para trás; ela vai para a direita, vou para a esquerda.

“Você é inacreditável”, ela diz. E, num ato impulsivo, ela está em cima de mim, derrubando-me na espreguiçadeira.

Vejo Madeline dar uma olhada pela janela da cozinha. “Cy”, ela grita, numa altura de doer os ouvidos. “Homem abatido.”

Como o *linebacker* que foi outrora, Cy sai porta afora e desce os degraus, avançando contra Sofia, como uma bola demolidora que chega pela esquerda. Ele bate com força, derrubando-a de lado.

Um momento se passa; Sofia se levanta, limpa-se e olha para Cy. “Obrigada”, ela diz, “devo ter tropeçado numa raiz”. Ao virar-se para mim, ela diz “Não vamos perder contato”, e então desaparece.

Mando uma mensagem para Cheryl dizendo que ela tinha razão quanto a Sofia. Ela responde perguntando se Sofia havia sugerido uma relação a três. “Sugeriu, como você soube?”

“Ela perguntou para mim primeiro”, Cheryl digita. “Eu disse que a decisão era sua, mas que ela teria que perguntar.” Há uma pausa. “Você me conhece”, ela escreve, “tenho interesse por tudo quanto é tipo de coisa...”.

Cheryl convida Madeline, Cy e eu para jantar no final da semana — antes de irmos passar um mês no Maine. “Um churrasco no quintal”, ela digita, “um churrasquinho, só o Ed e os meninos”.

Cy e Madeline se animam. “Faz tempo que não somos convidados para um jantar”, Madeline diz, e em seguida sussurra alto que, depois que Cy caiu em desgraça, eles foram abandonados socialmente por praticamente todo mundo que conheciam.

“Não caí de lugar nenhum”, Cy resmunga. “Roubei uma grana. É mais comum do que parece.”

Madeline e eu preparamos gelatina em camadas — com nacos de abacaxi suspensos na camada em tom amarelo, tangerinas na de verde e uvas verdes na de tom vermelho. Nunca tinha feito gelatina: é

mágico.

Chegamos na casa de Cheryl e nos deparamos com o quintal coberto de fumaça e o aroma denso de carne quente.

Os três meninos, Tad, Brad e Lad, ajudam o pai, que anda para lá e para cá ao lado do que parece uma mistura de forno escavado no chão e casebre antigo.

“Construímos nosso próprio defumador”, diz Ed ao nos receber.

“Este quintal está dentro da lei?”, indago.

Ele faz que sim. “Os proprietários têm seus direitos”, ele diz.

“Espero que os vizinhos não sejam vegetarianos.”

“Cresci assando carne”, Ed diz. “Meu pai e eu caçávamos e cozinávamos o que a gente matasse — ave, cervo, e assim por diante.” Ed me dá um tapinha nas costas. “Sinto falta de um parceiro de caça”, ele diz. “Meus filhos nunca tiveram propensão a caçadas; quem sabe a gente não vai junto?”

“Quem sabe”, digo, convicto de que sair para caçar com o marido da minha amante é uma péssima ideia.

Sentamo-nos para jantar. Acomodo Madeline e Cy a meu lado; Tad, Brad e Lad ficam do lado oposto da mesa, suas compleições inchadas ameaçando desequilibrá-la totalmente. Os meninos passam tigelas de batata, salada de repolho e broa de milho, enquanto Ed abre o forno, quase asfixiando a todos nós.

“Foram vocês que fizeram isso tudo?”

Ed e Cheryl fazem que sim. “Nós mesmos gostamos de preparar.”

Está tudo delicioso, mais que agradável, quase divino. “Não sei como você consegue”, digo a Ed, quando Cheryl se afasta da mesa para limpar os pratos. “Sou um cara de sorte, Har”, ele declara, cunhando um apelido novo para mim — Har. “A Cheryl e eu, a gente se entende... as coisas boas e as ruins. A vida é longa, então qual é o sentido de julgar os outros? Não tenho nenhuma regra solidificada, rígida — apenas seja feliz, aproveite.”

E não consigo concluir se Ed é um gênio ou um idiota.

Cheryl volta com a nossa gelatina em camadas despejada num prato — o conteúdo balançando como uma mulher gorda — e os meninos trazem também uma tina de sorvete de menta feito em casa.

Atacamos a sobremesa, e está tudo bem até Cy pedir a terceira porção, quando então, já saciado, ele se lembra de que tem uma forte intolerância a lactose. Saímos correndo para casa.

Apesar do calor de verão, dos dias de trinta e poucos graus, Madeline e Cy sempre sentem frio; usam casaquinhos de lã dentro e fora de casa. Retiro do porão as antigas telas das janelas, reinstalo todas e paro de ligar o ar-condicionado. É como um verão do passado: o calor aumenta gradativamente durante o dia. Tessie se deita nos azulejos do vestíbulo, ofegante; à tarde há trovoadas e à noite ouvimos as batidas melancólicas dos insetos contra as telas.

Julho está chegando ao fim; tudo se estende, torna-se lânguido e em câmera lenta, pelo calor. Madeline e Cy se refugiam num mundo de muito tempo atrás. Existe certa beleza em suas narrativas fantasmagóricas que evaporam devagar, que exibem marcas de revisão, rasuras e portas trancadas — acontecimentos há muito armazenados.

Eu os levo a concertos no auditório do parque e os vejo dançar no gramado como se tivessem voltado trinta anos no tempo.

“Qual é o segredo de vocês para um casamento longo?”, pergunto a Madeline certa manhã.

“Nós não sobrecarregamos um ao outro com os nossos sentimentos”, ela declara. “Uma amiga minha chamava isso de ‘continuar na dança’.”

“Dança?”

“Do cortejo. Quando você está cortejando, você dá o melhor de si, mas depois, em geral, a gente degenera e revela a nossa pior faceta. Por que alguém iria querer que a pessoa com quem vive acordasse e visse sua pior versão todo santo dia?”

Em outro momento, quando Cy se mostra irritado com um dos bebês-boneca da África do Sul, ele estoura, e começa a lhe dizer para “encaixotar seus pertences e dar o fora”. E ainda acrescenta, conversando com a boneca: “Você não tem futuro aqui, fica aí pensando que as coisas vão simplesmente cair nas suas mãos. Não é assim que funciona, seu babaca. Não quero mais te ver por aqui.”

“O bebê não é seu”, Madeline retruca, arrancando o bebê de plástico dos braços dele. “Esse é o meu.”

“Meu”, revida Cy, com uma possessividade surpreendente, pegando o bebê de volta.

No instante em que penso em intervir, eles fazem as pazes.

“Tudo bem”, diz Cy, irritado. Ele olha bem nos olhos do bebê. “Vou te dar mais uma chance, mas vê se não desperdiça.” Dali em diante, Cy circula carregando o bebê debaixo do braço — apoiado na cintura, como uma bola de futebol. Ele o leva a praticamente todos os lugares, chamando-o de irmão moreno e, vez por outra, de esposa.

Imponho a mim mesmo como prazo para terminar o livro o dia do retorno das crianças. Monto um escritório numa velha mesa de jogos do sótão — cercando-me de ventiladores que geram um ruído branco ventoso. Imobilizo minha papelada com pedras do jardim. Acho o calor inspirador, como um ginásio de boxe. Vestindo apenas um short de ginástica, digito enquanto regatos de suor escorrem pelo meu rosto, o cheiro de carne da minha própria maturação me impelindo a trabalhar com mais afinco — estando pronto ou não, o livro precisa ter um fim.

Usando uma lâmina afiada para arrancar a tinta velha, abro uma janelinha no beiral. O gramado ondula; a vista submersa na luz refletida como um arco-íris faz com que tudo pareça melhor do que é. Movimento-me com cautela, tomando cuidado para não bater a cabeça nas vigas. Há coisas ali em cima que são de priscas eras: um uniforme da Segunda Guerra; ursinhos de pelúcia antigos; um berço arcaico do qual tiro a poeira e levo para Madeline, que na mesma hora o aceita e monta uma creche para os bebês a seu lado da cama.

A expressão “enquanto você dormia” adquire um novo sentido à medida que avanço pelas páginas dos últimos quinze anos, percebendo que tudo que escrevi é escorado em um tom protetor, hesitando e gaguejando, postulando e recuando. Hora de me soltar das amarras — foda-se. Dick Nixon foi o americano da época, nadava na amarga suposição de que para todos os outros as coisas eram fáceis. Ele era a perfeita tempestade do presente, passado e futuro, da integridade e falsidade, de superioridade moral e arrogância, da droga que era e é o Sonho Americano, de querer mais, querer ter o que os outros tinham, querer ter tudo.

Concluo que a opinião pública da década de 1970 era burguesa e implacável por natureza; depois, que o destino de um político era decidido e seu papel na hierarquia da história global era designado, havia muito pouco espaço para movimentação. Pergunto-me se agora seria diferente: se Nixon admitisse (pouquíssimo provável) e atribuisse sua conduta, suas falhas, a um acontecimento traumático — ser criado no lar dos Nixon —, ele seria deposto? A ascensão ou queda da popularidade ou a relevância histórica são um jogo definido?

Quando me aproximo do fim, pego-me pensando em Claire. Imagino se Claire pudesse me ver agora... Ficaria impressionada? Quando paro para pensar bem, nada do que estou fazendo faria algum sentido para ela. Minha fantasia se desloca para Ben Schwartz, o chefe do departamento onde até há pouco tempo eu trabalhava. Ben, que achou que eu jamais terminaria o livro, o que pensaria agora? Arroto. O gosto é atordoante — o chá de Londisizwe! É a última dor, o cheiro ruim saindo; esses pensamentos são o caminho da velha mentalidade

precisando ser abandonada.

Ligo para Tuttle. Estamos no meio de uma tarde no começo de agosto; ele atende ao telefone.

“Por que é que você está aí?”, indago. “Eu achava que os psiquiatras tiravam férias em agosto.”

“Sou do contra”, ele diz. “Tiro em julho. Em agosto eu enlouqueço fazendo hora extra, cobrindo os meus colegas que preferem Wellfleet.”

Marcamos um horário. Faz um frio glacial no consultório dele. Na beirada da mesa, onde antes havia a coleção de copos do Smoothie King, há uma fila de xícaras de café do Dunkin’ Donuts. “Abriram um drive-thru”, ele justifica.

“Estou quase terminando o livro”, afirmo. “Mas é como se eu estivesse esperando algo acontecer, uma espécie de alívio ou sensação de alívio.”

“Você está satisfeito com o seu trabalho?”

“Quero que alguém o leia.”

“Qual é a sua fantasia, sua musa?”, ele indaga.

“Richard Milhous Nixon”, respondo.

“E o que você gostaria que ele te dissesse?”

“Obrigado?”, sugiro, em tom melancólico. “O mundo precisa de outros homens que nem você, Silver. Você é um cara bom.”

“Você vê o Nixon como uma figura paterna?”

“Eu não excluiria essa possibilidade”, digo, após uma longa pausa.

“Por que você não pode falar logo que sim?”, Tuttle questiona. “O que isso significaria para você?”

Olho para o chão, suo frio, não consigo olhar nos olhos de Tuttle.

“O que significaria?”, Tuttle repete.

“Eu o admiro, mas acho que fui injusto com ele”, solto.

“Você diz isso no seu livro?”

“Não exatamente.”

“Por que não?”

“O George é um valentão paranoico que não percebe o que é bom para ele, e me enxerga como o inimigo, independentemente do que eu faça.” Deixo escapar, e então há um longuíssimo silêncio.

“E o Nixon?”, Tuttle indaga.

“Não sei se Nixon poderia, psicologicamente, se dar ao luxo de aceitar que agiu errado. Ele tinha uma grande necessidade de se ver

como uma pessoa decente.”

“Você acha que o seu livro é bom?”

“Às vezes acho que é uma discussão revigorante, genial, não só sobre o Nixon como sobre a época inteira. Outras vezes me pergunto se não é só uma bola de pelo cultural que levei anos para pôr para fora.”

“Dentre os vivos, a opinião de quem te interessa?”

“Do Remnick?”, avento, hesitante. Por alguma razão, desde aquele telefonema estou obcecado por Remnick.

“Você terminou mesmo?”

“Praticamente. Só estou esperando algo acontecer.”

“Esperando algo acontecer? Por exemplo?”

Não tenho resposta.

“Não cabe a você”, Tuttle sugere, “fazer algo acontecer?”.

Passamos o resto da consulta em silêncio. Quando estou saindo, ele me entrega um papel verde dobrado. Fico confuso.

“A Avaliação Psiquiátrica do Departamento de Serviço Social de Nova York”, Tuttle explica.

“Obrigado.”

“Estou à disposição, para continuar trabalhando com você”, Tuttle diz. “Avise-me se quiser marcar alguma coisa.”

Do consultório de Tuttle, vou visitar minha mãe. No estacionamento do asilo, montaram uma grande piscina com um deque amplo de cedro, guarda-sóis, cadeiras e uma rampa comprida para cadeiras de rodas, que vai da porta do prédio à beirada da piscina, onde os moradores podem ser colocados num escorrega e — “uhu” — lá vão eles. “Mais”, um homem berra. “Eu quero mergulhar de novo. É que nem Coney Island.”

Vejo minha mãe debaixo de um guarda-sol, em um maiô de poá preto e branco, usando óculos de sol ao estilo Jackie O e bebericando um chá gelado em um copo de plástico. Está sendo cortejada por várias pessoas.

“Mãe”, chamo. “Você está parecendo dez anos mais nova.”

“Sempre gostei de ficar na orla”, ela diz.

“Cadê o seu marido?”, pergunto.

Olhando ao redor, percebo que todos os homens e mulheres usam variações do mesmo modelo — basicamente, uma versão masculina e outra feminina. Juntos, parecem uma atração circense geriátrica.

“Grande liquidação”, uma das serventes justifica. “Comprava-se um pelo preço normal e mais quantos a gente quisesse pela metade — compramos tudo.”

“São Gerônimo!”, um homem diz ao pular na água.

“Não se esqueça”, o salva-vidas brada. “É proibido empurrar, é

proibido espirrar água, é proibido fazer cocô na piscina.”

“Então, como é que você está?”, pergunto à minha mãe.

“Bem”, ela diz. “Fizemos uma excursão a um restaurante de frutos do mar e fomos cedo, bufê sem limite. Eu não comi muito, mas o Bobby achou que valeu a pena. E você, por onde andava?”

“Na África do Sul”, digo.

Ela me olha de um jeito estranho.

“O Nate esteve lá numa excursão da escola e queria voltar, então resolvemos celebrar o bar mitzvah dele por lá.”

“E você não convidou sua mãe?”

“Convidei”, afirmo. “Você devolveu o cartão de RSVP com um comentário grosseiro sobre negros.”

“Tenho direito de ter minhas opiniões”, ela diz.

“Se é que se pode chamar isso de opinião”, retruco. “A gente chama isso de outra coisa...”

“Que coisa?”

“Racismo?”

“Shhh”, ela pede. “Fala mais baixo, alguém pode te ouvir.” Ficamos calados um instante. “Não entendo”, ela diz.

“O quê?”

“Por que você é tão competitivo? Por que é que você acha que tem que ser melhor que todo mundo? O casamento no Pierre” — foi George, não eu — “festa no Four Seasons” — George outra vez — “não bastava um bar mitzvah normal e um belo Almoço da Irmandade, que nem a gente fez para você?”

“Na verdade”, digo, sem nem levar em consideração o George nisso tudo, “meu bar mitzvah foi junto com o do Solomon Bernstein”.

“Foi bom para os negócios do seu pai; ele conseguiu vários clientes novos.”

“E várias pessoas tiveram intoxicação alimentar.”

“Ninguém morreu”, ela diz.

Passamos uns minutos sem dizer nada. Vejo Bob na piscina, usando boias e conversando com outra mulher.

“Então”, digo, inclinando a cabeça na direção de Bob, “a lua de mel acabou?”.

“Acabou de começar”, minha mãe diz.

Sofia liga para dizer que quer me encontrar para um café. “A gente precisa conversar.”

“Pessoalmente?”, pergunto com nervosismo, ponderando que nosso último encontro por um triz não foi desastroso.

“Não vou te pressionar”, ela diz. “Eu gostaria de recapitular a festa e os gastos, além de te botar a par dos fundos que foram recebidos. Além disso, a gente nunca falou da minha remuneração.”

“Tudo bem”, concordo. Planejamos nos encontrar em um restaurante da região.

“Espero que você não fique bravo”, ela diz, quando nos encontramos. “Fiz uma página na internet sobre a viagem, você e as crianças. Pus a página no ar para que desconhecidos que lerem sobre você e o Nate possam fazer doações. Uma vez o Sakhile me falou uma coisa: tem estranhos, gente que não conhecemos, que se importam conosco. Achei interessante.”

Faço que sim.

“É incrível. Mais de cem pessoas mandaram contribuições, de dez dólares a quinhentos dólares, pessoas que não querem nada em troca.”

“Quanto tem na conta do BM?”, pergunto.

“Segundo o cálculo de ontem, os presentes totalizaram vinte e sete mil, trezentos e oitenta e nove dólares e oitenta e seis centavos. Acho que o Nate vai ter que pagar imposto. Não fazia ideia de que seria tanto, senão a gente poderia ter aberto algo sem fins lucrativos. Você quer deduzir os gastos da viagem?”, ela pergunta.

“Não”, respondo, “vou pagar o bar mitzvah à parte; as despesas não devem ser abatidas dos valores recebidos como doação”.

“É uma quantia enorme. Fico me perguntando se a gente deve doar tudo de uma vez... ou o que deveria ser feito.”

“Vou perguntar ao Nate quando ele voltar da colônia.”

“Combinado”, ela diz. “Bom, quanto à minha remuneração...”

Penso que ela vai dar uma facada, é assim que ela vai me pegar... Como eu não cederia, ela agora vai me explorar. Já me preparo.

“Em geral, cobro entre três mil e quinhentos e cinco mil, mas, nesse caso, quero doar uma parte da minha remuneração habitual. Mil e quinhentos está bom, se você concordar.”

Fico vermelho de surpresa. “Que bondade a sua... muita generosidade”, digo, com vergonha do que havia pensado.

“Eu não estava brincando quando falei que gostei de trabalhar para você — foi muito importante para mim”, ela declara.

“Obrigado”, respondo.

E agora ela me lança um olhar.

“Por favor”, suplico, “você prometeu”.

“Não dá para dizer que eu não tentei”, ela diz, sorrindo.

Toda sexta-feira à noite, levo Madeline e Cy a um restaurante chinês. O sr. e a sra. Gao, donos do restaurante, perguntam se conheço algum imóvel que esteja à disposição — a viagem dali para o Brooklyn está ficando cansativa demais.

Vem-me a ideia de que eu poderia lhes alugar a casa de Cy e Madeline, o que cobriria pelo menos os gastos com manutenção. Na manhã de sábado, levo o sr. e a sra. Gao para ver o imóvel.

“É a casa do Sonho Americano”, exclama a sra. Gao. “É *Leave It to Believer*”, ela comenta, e noto, pela forma que a sra. Gao toca nas coisas, que ela se comove com os mesmos artigos de decoração que me inquietaram — para ela, é como um museu do Sonho Americano.

“A gente não tem como pagar por esta casa”, o sr. Gao diz à esposa.

“Tem sim”, declaro. “A gente dá um jeito.” Pergunto quanto pagam atualmente e se as contas estão incluídas no valor. Eu lhes ofereço a casa, com as contas, por cem dólares a menos por mês.

“Você é duro de negociar”, o sr. Gao diz.

A esposa o estapeia. “Por que você é sempre tão pão-duro?” Ela levanta o dedo para ele. “Não estrague as coisas.” E ela se vira para mim. “Obrigada”, diz. “Ficamos muito agradecidos.”

“Espero que vocês sejam felizes aqui.”

Os dias de agosto são um forno, muito abafados; todas as tardes são pontuadas por trovoadas que começam entre as cinco e meia e seis, quase sempre provocando quedas de energia. Compro lanternas extras, pilhas e velas e faço questão de que o jantar esteja pronto às cinco — só para garantir.

“Do que foi que a Amanda morreu?”, uma tarde Madeline pergunta, enquanto nuvens negras se adensam e os primeiros estrondos baixinhos dos trovões ecoam bairro afora.

“A Amanda?”, repito, assustado.

Madeline confirma. “Do que foi que ela morreu? Não paro de pensar nas crianças sem a mãe... a gente precisa cuidar bem delas.”

Dou-me conta de que ela uniu Amanda e Jane numa única pessoa desaparecida.

“Foi de repente”, prossigo, “alguma coisa na cabeça”.

“Ela sempre tinha dor de cabeça”, Madeline diz.

“Ninguém poderia prever”, declaro.

“Tivemos outro bebê”, ela conta, “um bebê que faleceu antes de completar um ano. A Amanda e a irmã não se lembram dela — eram muito novinhas quando o bebê veio”.

“Acho que elas sabiam”, digo baixinho, pensando na ligação de Amanda com Heather Ryan.

“É capaz”, ela constata. “Elas sem dúvida sabiam que tinha algo errado. A Amanda não parava de me mandar cartões desejando melhoras.”

A exposição midiática gerada pelo conto recolhido de Nixon basta para me dar acesso a agentes. Começo a trocar correspondências com Franklin Furness, amigo de uma família antiga na política; ele tem uma agência literária de médio porte, com claro interesse em história e política americanas. “Gostamos de representar o que está nas extremidades — é o centro que me assusta”, Franklin Furness diz por escrito. “Do centro não sai nada de bom — a ação está nas pontas.” Furness aceita representar meus interesses e vai começar a enviar meu livro a editoras assim que eu lhe encaminhar o rascunho final.

Às cinco e trinta e sete da manhã de uma quinta-feira de agosto, hora de que me recordo somente porque o relógio parou para sempre — um raio atingiu o bordo que fica ao lado da casa, partindo-o com um estrondo explosivo que apenas os céus poderiam lançar. A árvore foi clivada de tal maneira que metade permaneceu onde estava havia meio século, e a outra metade desmoronou contra a casa, um galho grande atravessando a parede do que era o escritório de George, que de repente tomou ares de arboreto.

O choque do impacto e ao mesmo tempo o cheiro de queimado me tira da minha cama estreita no quarto de empregada, adjacente à cozinha. Pego o extintor de incêndio debaixo da pia e dou uma busca desvairada casa afora. Depois de descobrir a árvore no escritório de George, corro para o segundo andar e vejo os braços de Madeline em torno de Cy, que está sentado na cama, gritando “O papai disparou a pistola”.

“Pesadelo”, Madeline apazigua, afagando as costas do marido. Volto correndo ao vestíbulo e puxo a escada do sótão.

O cheiro de ozônio, de ovos queimados, de pólvora, de moléculas rompidas e rearranjadas enche o sótão.

Meu laptop está em cima da mesa de jogos, a tela de descanso não exhibe mais o slide com fotos da viagem à África do Sul; ela pisca, gagueja, procura a si mesma — apaga.

A parede em volta da tomada onde o fio está ligado está preta;

queimaduras se alastraram por mais uns trinta centímetros, marcando as tábuas com uma impressão digital elétrica fuliginosa.

Não há incêndio.

Tessie está junto à base da escada do sótão, lamuriosa. Madeline e Cy estão parados, com seus pijamas, olhando para cima. “Que tal a gente chamar a cavalaria?”, Cy pergunta.

Era isso o que eu estava esperando?

O livro acabou. Assou. Não há mais necessidade de perfeição, simplesmente terminou — ou, para ser mais exato, implodiu eletronicamente.

Não é que a versão que havia no computador fosse a única: tenho outras, diversas versões, cópias, três em pen drives, inclusive um que foi enterrado no quintal, numa cápsula do tempo — uma caixa à prova de fogo que comprei na loja de ferragens — e outra enviada por e-mail a Franklin Furness.

Em outros tempos, teria ficado histérico por ter perdido as alterações feitas desde o último backup, ou talvez me sentisse paralisado, idiotizado pelas piscadelas da tela preta. Curiosamente, sinto é alívio. É como se algo que levava comigo havia muito tempo tivesse evaporado, uma nuvem carregada se levantando. Não tenho que fazer nada — além de aceitar que acabou. *Finis*. Estou livre. Sinto uma alegria estranha.

E então me passa pela cabeça: seria o livro a coisa ruim que Londisizwe falou que eu estava guardando, a coisa à qual eu vinha me agarrando como se fosse uma companhia? Era aquilo o que vivia dentro de mim e precisava sair? Será?

Pouco antes da data de retorno das crianças, uma carta é encaminhada do hospital onde Jane faleceu, com um papel grudado. “Chegou umas semanas atrás, desculpe pela demora no envio, eu estava de férias. Mas, caso você queira responder, será uma satisfação agir em seu nome como mensageiro confidencial. Espero que esteja aproveitando o verão. Cordialmente.” E é assinada pelo médico responsável pelo caso de Jane.

Olá! Meu nome é Avery e estou escrevendo para lhe agradecer pelo dom da vida. Moro em Ohio e passei muito tempo na lista de espera de coração e pulmão até receber sua doação. Na época, não sabia se viveria o suficiente para sequer ter a chance de lhe escrever. Por meio da sua perda trágica, recebi um presente incrível, uma segunda chance na vida, e quero agradecer a você e à sua família. Espero que você encontre conforto em saber o que o coração e os pulmões de sua ente querida me ofereceu: desde o transplante ganhei bastante força e agora já respiro bem a ponto de andar e subir um lance de escadas. Pude voltar à faculdade e terminar minha graduação — é meu desejo dar prosseguimento à minha formação e me tornar assistente social ou talvez poeta. E a grande notícia é que estou noiva. Há anos sou apaixonada por um homem maravilhoso, mas não me sentia apta a aceitar o pedido de casamento dele até saber que havia a possibilidade de podermos construir uma vida longa juntos. E ultimamente pude viajar, fomos à Califórnia. É incrível. Em todo caso, parte da minha motivação para lhe escrever é dizer que, se você estiver aberto à ideia, gostaria muito de lhe conhecer e agradecer pessoalmente. Sei que é complicado, mas tenho esperança de que ver a oportunidade e alegria que você me deu lhe traga algum consolo para lidar com a perda de seu ente querido. Aguardo ansiosamente uma resposta.

Avery

Leio a carta e acho impossível não chorar. Choro por Avery, por Jane, por Ashley e Nate e Ricardo, choro por todo mundo. E então paro. Paro porque Cy e Madeline me esperam para levá-los a algum lugar, Tessie quer o almoço, as crianças vão chegar da colônia daqui a poucos dias e tenho providências a tomar. Deixo a carta de lado.

As crianças voltam, mais fortes e mais confiantes do que antes. Ricardo chega ostentando medalhas de natação, arco e flecha, remo. Está com a pele dourada, mais magro, mais alto, sabendo agora dar

uma tacada de golfe e um saque de tênis, e não está tomando remédios; substituiu-os por uma mescla de atividades físicas mais aminoácidos, além de um óleo de peixe qualquer que ele diz ter gosto de sorvete derretido — decido provar e quase vomito. Ashley tem seios que eu jurava que não existiam quatro semanas atrás. É uma mistura engraçada, parte menina, parte mulher, e de um acanhamento doloroso de se ver. E no buço de Nate há a inconfundível penugem escura, além do tom grave na voz. Estão cheios de histórias de amizades, aventuras e línguas secretas, o barato da viagem à África do Sul prolongada pelo tempo na colônia de férias, e vejo neles não só crescimento como uma nova forma de pensar — as coisas são possíveis.

Ricardo me presenteia com uma carteira que fez para mim, fragmentos de couro costurados, minhas iniciais filetadas à mão na parte da frente. Ashley montou uma caixa que parece uma tevê com um retratinho pintado de sua mãe na tela. Nate traz restos de animais que encontrou na floresta das redondezas de onde estiveram: o crânio de um esquilo, o couro de uma cobra, e dezenas de excrementos de coruja, os quais ele abre para nos mostrar como identificar o bicho que a coruja comeu.

Restam apenas dois finais de semana até o início do ano letivo. Reúno as crianças e lhes falo de Avery.

“Vocês querem conhecê-la?”

“Sim”, elas dizem, sem deixar dúvidas.

“Então”, Ashley pergunta, em busca de mais esclarecimentos, “ela é tipo uma nova mãe?”.

“Não”, respondo.

“Madrasta?”, ela tenta de novo.

“Não exatamente.”

“Uma mãe transplantada?”

“Que tal ela ser só uma moça de Ohio”, Nate sugere. “Ela não tem parentesco com a gente.”

“Mas ela está com o coração e os pulmões da mamãe... você não acha que isso muda quem ela é? Quer dizer, agora ela tem mais da mamãe do que qualquer outra pessoa, a não ser a gente.”

Nate dá de ombros. “Quer saber, Ashley? Ela pode ser o que você bem entender.”

“Obrigada”, diz Ashley.

Explico para as crianças e depois tento explicar a Cy e Madeline, que não acompanham o raciocínio. O máximo que conseguem entender é que a moça, Avery, herdou algo precioso que pertencera a Jane.

Cy fica nervoso. “Eu só vendia seguros”, ele diz várias vezes. “Não lidava com técnicas. Quando as pessoas morriam, geralmente não voltavam. Essa questão não tem mais a ver com a parte de bens?”

“Ela está vindo só agradecer”, declaro.

“Por que foi que a minha mãe não pôde doar os órgãos dela?”, Ricardo me pergunta em particular, naquela mesma noite. “É uma coisa que só os brancos ricos podem fazer?”

“Não”, esclareço, “todo mundo pode; mas é preciso planejar antes, e é preciso morrer de um jeito que preserve os órgãos, para que eles sejam viáveis”.

“O que é ‘viável’?”

“Sua mãe morreu ao sofrer um acidente de carro; a Jane morreu no hospital, onde podiam continuar a oxigenar o corpo dela, para garantir que os órgãos permanecessem saudáveis, e depois eles os retiraram o mais rápido que puderam.”

“Você tem que estar morto para doar os órgãos?”, Ricardo questiona.

“Em geral”, digo. “Tem certos órgãos que, se você tem dois, que nem os rins, pode doar um mesmo estando vivo.”

“Eu quero doar um órgão”, anuncia Ricardo.

Assinto. “É uma ótima ideia”, digo. “Mas você só pode doar órgãos depois de adulto.”

“Está bem”, ele diz, “mas, assim que eu for adulto, vou doar todos”.

Ao meio-dia de um sábado, conhecemos Avery e o noivo dela em um pub da cidade. É um local que George frequentava, pois o conheciam e ali sempre lhe garantiam um lugar de onde visse as duas tevês ao mesmo tempo. Sempre detestei esse pub porque me parecia o tipo de lugar para onde maridos infelizes iam ao fugir de casa — ainda que só por breves horas —, para se afundar no consolo de outros imbecis e na cerveja.

Avery e Mark, o noivo, já estão lá; eu os vejo mexer com nervosismo nas balas de menta próximas ao caixa, quando entramos.

Ela é pequenina, com cabelo joãozinho, ao estilo de Jean Seberg ou Mia Farrow.

“Imagino que você seja a Avery”, digo ao nos aproximarmos.

“Uau”, ela exclama. “Olha só quantos vocês são.”

“Eu sou a Ashley”, ela se apresenta, esticando a mão.

“Nate”, ele diz, hesitando, dando apenas um aceno.

“Ricardo”, ele diz, apertando as mãos tanto de Avery como de Mark.

Apresento Cy e Madeline e sugiro que nos sentemos a uma mesa.

“Que sensação boa”, ela diz, “bem familiar. Parece até que já vim aqui antes”.

“Eles servem hambúrguer”, diz Mark. “São todos parecidos.”

“Gostei deste aqui”, Avery diz.

Quando a garçonete anota nosso pedido, Avery pede a carne bem-passada e Ashley comenta que a mãe também pedia assim. Avery sorri.

“Então, por que é que você precisou do transplante? Tudo bem eu te fazer essa pergunta?”, Nate quer saber. “Quer dizer, não tem problema se você não quiser responder, se for íntimo demais.”

“Não tem problema nenhum”, Avery diz. “Tenho uma síndrome congênita. Agravou quando fiquei adolescente. Não podia sair ao ar livre no verão porque não podia transpirar; não podia praticar esportes, nada de comer sal, um monte de diuréticos, Lasix, Digoxina, ferro, vitaminas. A morte súbita era sempre um risco a encarar. Eu saía de casa pela manhã e me perguntava se voltaria. Foi nessa época que comecei a escrever poemas”, ela relata. “Escrevia poemas para controlar o estresse. Até escrevi um sobre a minha vinda aqui hoje.”

Nossas bebidas chegam. Ricardo quebra o gelo atirando o plástico que embrulha o canudo em Mark.

“Com o transplante”, Nate prossegue, “você pode escolher de quem vem o órgão? Tipo, você pode receber dessa mulher, ou daquele cara, ou...?”.

Ela faz que não. “Existe uma longa lista de espera por órgãos. Você passa muito tempo esperando, e aí os médicos precisam pensar em quem é compatível. E o mais engraçado é que as mulheres não têm muito sucesso com corações masculinos.”

“Onde vocês dois se conheceram?”, Ashley pergunta, olhando para Mark.

“Na sala de espera do cardiologista”, Mark responde. “Eu estava lá com a minha avó.”

“Qual é o parentesco que vocês têm com a gente mesmo?”, Madeline quer saber.

“Nenhum”, Nate responde com firmeza.

“Então, como é Ohio?”, indago, tentando manejar o constrangimento, perguntando-me se sou o único que está percebendo.

“Legal”, ela diz. “Bem legal. Acabei de me dar conta de que é a primeira vez que saio do estado com o meu coração novo.”

“Eles te contaram alguma coisa sobre ela?”, Nate inquire.

“Não”, ela diz. “É tudo confidencial. É um negócio sério, certas pessoas não têm vontade nenhuma de saber. Tem algo que você queira me contar?”

Os hambúrgueres são servidos.

“Minha mãe ficaria feliz por você. Ela gostava de fazer coisas pelos outros. Era uma pessoa muito generosa”, Nate diz, a voz embargada pela emoção.

Quando Avery precisa ir ao banheiro, Ashley a acompanha. Mais tarde, Ashley me fala que Avery lhe mostrou a cicatriz, que desce pelo centro de seu corpo, como um zíper.

Deixado a sós na mesa, Mark nos fala da satisfação de Avery em estar nos conhecendo. “Ela enfrentou dificuldades desde o transplante; está se sentindo diferente e não sabe explicar direito o que é. Ela tem tido pesadelos, pensamentos sinistros.”

“É uma cirurgia complicada”, afirmo.

“Morrer é pior”, ele diz, e então não resta mais nada a dizer.

“Eu queria mesmo era agradecer a vocês”, Avery diz, ao voltar do banheiro. Ela não se senta de novo. É uma dessas refeições que acabam antes de as pessoas comerem.

Cy embrulha o hambúrguer e o enfia no bolso do casaco; Ricardo vê e o imita, pegando também os waffles. Quando estamos de saída, Ashley pergunta se Avery e Mark não gostariam de ir à nossa casa. Nate fica chocado.

“Claro”, diz Avery. “Só uma passadinha.”

Vou na frente para mostrar o caminho, com Mark me seguindo de carro colina acima rumo à nossa casa. Olho para Nate através do espelho retrovisor. “Você está legal, garotão?”, pergunto.

“Não”, Nate diz categoricamente. “Não estou legal.”

Quando paramos na entrada de casa, Nate é o primeiro a descer do carro e entrar. A porta da frente fica aberta como um buraco com vista para o interior, uma ferida aberta.

Mark e Avery estacionam na esquina, enquanto Tessie sai correndo e para na beirada do gramado, latindo.

“Ela não gosta de gente?”, Avery indaga.

“Ela é muito simpática, mas não cruza a linha”, Madeline explica.

“A linha?”, Mark pergunta, indo até a porta do lado de Avery.

“A cerca invisível”, digo.

Avery desce do carro. Fica parada, olhando a casa, mas, de repente, trôpega, ela cambaleia e volta a se sentar no banco da frente. “Aiii. Aiii.”

“O que foi?”, Mark pergunta.

“Tessie”, imploro, “para de latir”.

“Minha cabeça”, Avery diz.

“Você bateu a cabeça?”, pergunto.

“Não”, Avery diz, como se irritada com as minhas várias perguntas. “Não é que nem dor de cabeça. É como se tivesse uma coisa batendo na minha cabeça, me dando golpes. Ai, não estou me sentindo bem, não estou nada bem.”

“Só um segundo”, Ashley pede, correndo para dentro de casa para pegar alguma coisa.

“Essa é a casa?”, Avery pergunta.

“É aqui que eles moram”, Mark responde.

“É”, confirmo, sabendo muito bem aonde ela quer chegar.

“Acho que minha cabeça dói porque foi aqui que aconteceu”, Avery elucubra.

“Acho que você está exagerando”, diz Mark. Percebo que ele luta contra a noção de que a noiva não é mais quem já foi.

“É verdade”, declaro, na esperança de reconfortá-los. “O coração da Jane sabe...” Falo sobre memória celular e repito a história da menina que recebeu o coração de uma vítima de assassinato que tinha dez anos: “A beneficiária do transplante começou a ter pesadelos tenebrosos e acabou que recorreram à polícia: os pesadelos da menina eram fiéis e deram pistas que solucionaram o assassinato.”

“Acho melhor a gente ir”, Mark decreta.

Ashley vem correndo com um presente que embrulhou para Avery. “É uma coisa que eu fiz para a minha mãe; quero que fique com você.”

“Obrigada”, diz Avery, a dor de cabeça castigando-a de forma visível.

Mark liga o carro e o põe em movimento. Ele avança, todos saímos do caminho.

“Preciso ir, querida”, ela diz a Ashley. “Mantenha contato...”

“Não entendi direito o que ela queria”, Madeline constata, observando o carro se afastar.

“Não quero vê-la nunca mais”, Nate afirma, quando já estamos todos dentro de casa. “Foi muito esquisito, que nem um desses filmes de que a gente vê o trailer — do M. Night Shyamalan.”

Nate passa a noite em claro. Ouço passos e o interpelo na sala de estar. “O que é que foi?” Ele não responde. “Virou sonâmbulo?”

Ele nega com a cabeça e senta no sofá. “Por que foi que ela

veio? É como se ela quisesse ouvir a gente falar que tudo bem ela ficar com o coração da mamãe; que a gente sente muito por ela ter sentimentos a respeito disso, como se devêssemos fazê-la se sentir melhor? E se não estiver tudo bem, se nada estiver bem? Como é que ninguém pensou nem por um instante em mim ou na Ashley quando tudo estava acontecendo?” Ele fala sem parar. Não interrompo. Olho para ele. Escuto. Afago suas costas. Ele fica se embalando, descarregando tudo — irrompendo em palavras e sentimentos. Todas as emoções que já sentiu estão saindo dele: a certa altura chora, ou arregala os olhos e grita. Ashley e Ricardo aparecem no patamar da escada e perguntam se vai ficar tudo bem.

“Vai”, respondo. “O Nate está muito chateado, mas ele vai ficar bem.” Na verdade, não tenho certeza. Ele está explodindo: tudo o que se esforçou para guardar por tanto tempo está saindo.

Tessie está conosco na sala de estar, ajudando também. Em certo momento da noite, começamos a falar da viagem à África do Sul — revisitar nossas aventuras parece acalmar Nate. Falo sobre a página na internet que Sofia fez para a viagem, explico que ela postou imagens e histórias sobre a experiência escolhidas a partir dos e-mails e fotos que mandei, e que desconhecidos andavam visitando o site e fazendo doações. Conto que já são quase trinta mil dólares na conta.

“Você está falando isso só para eu me sentir melhor.”

“Nate, já é uma e meia da manhã. Por que eu iria mentir?”

Eu o levo ao computador do pai, mostro a página e os comentários que as pessoas fizeram, de como estavam impressionadas por ver um garoto tão jovem comprometido com as mudanças sociais.

“O dinheiro é de verdade? Ele é nosso de verdade?”

“É”, digo, “está em uma conta bancária no seu nome”.

“Posso ligar para a Sofia amanhã e agradecer? Não sabia que ela estava tão envolvida. Quer dizer, é realmente incrível alguém que não tenha nada a ganhar com isso ter dado tanto apoio.”

“É”, concordo. “É incomum.”

“E a gente devia falar logo com o Sakhile sobre o que fazer com o dinheiro”, diz Nate. “Podemos escrever um e-mail para ele agora?”

“Claro”, digo, e é o que fazemos.

“Que tal tentar dormir um pouco?”, proponho. Ele faz que sim. “Escuta, eu sinto muitíssimo por hoje... eu não teria sugerido o encontro se imaginasse que iria te perturbar tanto.”

“Eu também não sabia”, Nate diz.

Eu o sigo escada acima e atravesso o corredor rumo ao quarto dele. “Lê para mim?”, ele pede.

“Claro”, respondo. Ele tira da prateleira um livro da época em que era mais novo e se enfia na cama. Começo a ler uma historinha

como se ele fosse uma criança, e durante a leitura Ricardo acorda outra vez e também escuta. Quando termino, dou um beijo de boa-noite na testa de Nate e também beijo Ricardo.

“Preciso me preocupar com ela?”, Nate me pergunta, quando estou saindo do quarto.

“Não”, afirmo.

De manhã, Sakhile já mandou vários e-mails, perguntando quando podemos conversar — para ele, qualquer hora é boa. Ele pergunta quanto dinheiro será destinado a eles e quando vão recebê-lo.

Marcamos uma conversa no Skype e deixo a cargo de Nate contar sobre o site e as doações.

“Quanto?”, Sakhile pergunta com empolgação, via Skype.

Com naturalidade, Nate protela uma resposta direta. “Bastante”, ele declara. “O suficiente para fazer diferença.”

E em pouco tempo a conversa é desviada para os desejos. Da África do Sul, ouvimos que o vilarejo devia ter um carro ou ônibus que fizesse o trajeto de ida e volta às grandes cidades.

“Ônibus é uma forma de sair”, Nate diz. “Vamos pensar em formas de entrada — coisas que melhorariam a vida no vilarejo.”

“Televisão a cabo e tevê bem grandona?”, um dos sul-africanos sugere.

“Eu estava pensando mais em algo do gênero de um poço d’água”, Nate explica, a voz cada vez mais tensa, triste.

“Sairia muito caro”, Sakhile diz.

“Exatamente”, diz Nate, “uma oportunidade que só se tem uma vez na vida”.

A conversa continua, com as pessoas do outro lado falando de tudo o que queriam comprar, de guitarras elétricas a Vespas e geladeiras.

“Chega”, retruca Nate. “Vocês estão ficando iguaizinhos a nós: não estão pensando no vilarejo, nos pais de vocês, nos filhos, no futuro; estão pensando só que vocês querem um carro chique e uma tevê gigantesca.”

Todos nos calamos.

“A criança está apontando o caminho”, Londisizwe declara.

“A gente não vai resolver isso esta noite”, digo. “Vamos refletir e em breve a gente volta a conversar.”

“Eu me sinto péssimo”, Nate admite quando saímos do computador. “Criei um monstro.”

“Não foi você quem criou”, afirmo.

“Bom, então eu o alimentei”, retruca Nate, com nojo de si mesmo.

“Ninguém está imune. É da natureza humana desejar, cada

geração querer mais e mais. As pessoas confundem objetos com conquistas, com outros tipos de progresso. É a medida do sucesso.”

“Quem tem mais brinquedos ganha?”, Ricardo diz.

“Você não precisa dar o dinheiro para eles”, sugiro.

“O dinheiro é deles”, diz Nate. “As pessoas me deram para que eu doasse a eles. O que nós fizemos com ele tem que ser para o vilarejo, para o futuro — comida, habitação, garantia de que a água que consomem seja de boa qualidade.”

“O fato de você simplesmente não virar as costas para eles é que me impressiona”, digo.

“Não posso virar as costas para eles”, Nate explica. “Fui eu que comecei tudo isso.”

“E você não pode botar a culpa neles. São de outro país, mas vivem no mesmo mundo que a gente.”

O Dia do Trabalho é empregado na arrumação das malas e nas compras de materiais escolares.

Na terça-feira, todos acompanhamos Nate na peregrinação de volta ao colégio. Ele parece gostar de mostrar o ambiente a Cy e Ricardo, e Ricardo pergunta se um dia ele vai estudar numa escola igual àquela. “Vai”, respondo. “Se você quiser.”

Levamos Nate ao quarto no dormitório, Cy lhe dá vinte dólares, “grana à beça”, e voltamos para casa. No dia seguinte, Ashley e Ricardo começam a frequentar a escola pública do bairro, e no fim da semana Madeline e Cy já estão inscritos num programa para idosos que vão frequentar três vezes por semana.

Até minha mãe participa na confusão de outono, informando-me que ela e o marido vão voltar a estudar. Os dois se matricularam na OLLI, uma organização dedicada à educação continuada, e estão tendo aulas de ciência política e radioteatro.

Ninguém parece notar que sou o único que não voltou a estudar. Agora estou oficialmente desempregado; a sensação é desconcertante: lido com o estresse organizando a vida de todo mundo.

A casa está cheia de vida. Tem sempre gente chegando e saindo. Ricardo arruma uma tartaruga e um sapo de estimação, de pelúcia, e começa a fazer aulas de bateria. Ashley retoma as aulas de piano. Nos finais de semana há atividades como limpar as folhas com o ancinho; Cy e Ricardo gostam de criar montes grandes e pular em cima deles, ou simplesmente bagunçá-los para depois fazer tudo de novo. Pegamos a minivan dos Gao emprestada e fazemos excursões

para ver a paisagem ou ir colher maçãs e abóboras. É tudo agradável e basicamente descomplicado — à exceção dos vinte minutos que Cy passou sumido num milharal labiríntico.

Encontro Hiram P. Moody para discutir o fluxo de caixa — ao que consta, ele acha que não há problemas. “Famílias são que nem países pequenos”, ele justifica. “É um ecossistema, um fluxo e refluxo. Entre o dinheiro que entra com o aluguel da casa de Cy e Madeline, os valores que eles recebem de aposentadoria e o lucro obtido com investimentos — está tudo bem. Com relação a Ashley e Ricardo, você parece funcionar como um caixa eletrônico humano. Mas, contando o seguro de vida da Jane, os valores de rescisão de contrato que o George recebeu do emprego na televisão, os investimentos que eles já tinham e o acordo da escola de Ashley... vocês estão além da prosperidade.”

Tento viver com os meus recursos; são limitados, mas tenho a vantagem do guarda-roupa cheio de George. Quando meu seguro acaba, contrato um seguro-saúde de freelancer. Fora isso, meus desejos e necessidades são mínimos.

Mantenho-me a par de todo o dinheiro usando cadernos separados — um para cada uma das crianças, um para Cy e Madeline, outro para a casa e outro para mim mesmo. Tomo o cuidado de anotar cada gasto e de que fonte veio o pagamento. Não só me dá alguma coisa para fazer, como me protege do receio torturante de ser acusado de “improbidade administrativa”.

Cy está cada vez mais frágil, mais esquecido, e tem dificuldades de se “conter”. Tudo isso induz a uma consulta ao médico, que basicamente diz: “Você tem que aguentar o que tem e não pode nutrir muita expectativa a respeito dele. Ninguém dura para sempre.”

Peço ao médico para termos uma conversa particular, fora da sala de exames. Deixamos Cy ali na maca, as pernas pálidas e lisas quase azuis, venosas como uma galinha depenada.

“Como assim, ‘ninguém dura para sempre?’”, digo, já do lado de fora da porta. O médico dá de ombros. “Quantos anos você tem?”, indago.

“Trinta e sete”, ele diz.

“Você é um puta cara de pau”, digo-lhe.

“O que é que você quer?”, ele inquire. “Quer analgésico, quer

Valium? Me diga”, ele tagarela.

“O que eu quero é compaixão, um pouco de compreensão do que é ficar sentado ali com uma camisola que é um passo para a mortalha; quero só um pouco de preocupação com o cerne disso tudo.”

“Certo”, ele diz. Voltamos ao consultório e o jovem médico pula na mesa de exames, fica ao lado de Cy e diz: “O senhor me escuta bem?”

“Não precisa gritar”, Cy reclama. “Sou velho, mas não sou cego. Estou vendo sua boca se mexer.”

“O senhor está indo muito bem”, o médico elogia. “Quanto mais o senhor sair e se exercitar, der caminhadas, melhor; não pare de se mexer e aproveite a vida.” Ele salta da mesa e me entrega umas receitas: estatina para o colesterol de Cy, Flomax para a próstata, Valium para a ansiedade — conforme o necessário. Ele dá uma piscadela em minha direção e vai embora.

Ashley, dando continuidade à sua adoção do judaísmo, pede-me para por favor comprar ingressos para os Dias de Penitência. Como me recusei a renovar a afiliação ao templo que George e Jane frequentavam, pego-me on-line comprando ingressos de um “cambista”. A ideia de que alguém “compre” ingressos para uma festa religiosa anual me incomoda; sei que para muitos judeus os Dias de Penitência marcam a visita anual que fazem ao templo, e também que sinagogas arrecadam fundos para o ano todo... mas não me parece correto esse tipo de intermediação.

Encontro um cara numa esquina e pago seiscentos dólares em dinheiro por dois ingressos de “afiliado” para as comemorações de Yom Kippur em um templo conservador de Scarsdale.

Animada, Ashley insiste que saíamos cedo para pegar lugares bons. Passamos horas sentados e, quando finalmente chegamos ao Viddui, a confissão comunal de pecados, pego-me acompanhando todo mundo, batendo no meu peito, arrependido “dos pecados que cometi diante do Senhor”. Existem pelo menos vinte e quatro pecados: da traição, ter um coração ruim, fazer com que os outros pequem, comer o que é proibido, dizer falsidades, fazer escárnio dos outros, ser insolente, perverso, cometer transgressões com rebeldia, o pecado de ter virado as costas a Deus... Bato no peito em compasso com o rabino, enquanto ele recita a ladainha de nossos delitos. Sou culpado. Sou culpado de ainda mais coisas do que eu achava que era culpado.

“Somos ruins”, Ashley me sussurra. “Escuta só tudo o que nós

fizemos, todo o mal e os problemas que causamos.”

Readquiro a sobriedade por um instante. “Somos humanos, Ashley. Expiamos nossas falhas porque, apesar de nos esforçarmos, vamos sempre fazer mal aos outros e a nós mesmos. É por isso que todo ano a gente pede perdão a quem magoamos e todo ano nos apresentamos a Deus e Lhe rogamos que sejamos perdoados.”

Ela cai no choro. “É uma coisa terrível”, diz.

“Qual parte?”, indago.

“A parte de sermos humanos.”

Do nada, recebo um telefonema do Departamento de Serviço Social a respeito do horário em que pode ser feita a visita residencial relativa a uma candidatura pendente a adoção. “Tivemos um cancelamento; a assistente social pode ir amanhã, ou quer que eu marque para 23 de dezembro...?”

“Amanhã está ótimo”, declaro. “A que horas?”

“Qualquer uma entre nove e cinco”, ela diz.

“Podemos restringir um pouco mais esse horário?”, indago.

“Não”, decreta a mulher.

“Ok, então.”

A assistente social aparece às duas da tarde num carro genérico, bem simples. Tessie late.

“Não gosto de cachorro”, a mulher anuncia, quando abro a porta.

“Quer que eu a deixe esperando em outro cômodo?”

“Por favor”, diz a mulher.

Ponho a coleira com a guia em Tessie e peço a Madeline que a segure firme. Escolto a assistente social e sua pasta gorda casa adentro.

“Então o menino já está morando aqui?”, ela pergunta.

“Desde a primavera”, declaro, “a pedido da tia dele”.

“Onde é que ele dorme?”, a assistente social quer saber.

Eu a levo ao quarto do Nate e lhe mostro o beliche — a cama de Ricardo é a de baixo, cheia de bichos de pelúcia. “Ele gosta de bichos”, afirmo, mostrando-lhe o sapo e a tartaruga.

“Como ele vai para a escola?”

“Ele e a Ashley, minha sobrinha, vão e voltam juntos, caminhando.”

“Você concluiu seu curso de cuidado com crianças?”

“Ainda não. Eu me matriculei para daqui a umas semanas — as turmas estão todas lotadas.”

“E você pensou no impacto que uma criança adotiva vai causar na família?”

“Sim”, digo. “A família está eufórica; na verdade, a ideia foi das próprias crianças.”

“Como você lida com a disciplina?”

“Sou firme, mas flexível.”

“Estou vendo que seus pais moram com você”, ela diz.

Faço que sim e não falo mais nada.

“E aquela construção no quintal?”

“É uma construção temporária”, explico. “Uma celebração do outono.”

“O menino não pode dormir lá”, ela diz com firmeza.

Assinto. “Claro que não.”

“Na sua candidatura você não menciona apenas um gato?”, a assistente questiona quando dois gatos passam correndo.

“Ela teve filhotes”, justifico, guiando a assistente pela casa.

“Quantas crianças vivem aqui?”, ela pergunta.

“Três”, respondo.

“Não se esquece dos nossos bebês pretos”, Madeline brada, “ao todo são cinco”.

A assistente social fica visivelmente furiosa com a expressão “bebês pretos”.

“São gêmeos”, Cy berra, para sobrepujar a narração do torneio de golfe.

“Os bebês são bonecas da África do Sul”, esclareço. “Bonecas fazem bem aos idosos, eles acham que são de verdade.”

A assistente social assente, desinteressada. “Caso seja aprovado, você vai receber pela pensão e cuidado; vai receber uma mesada para roupas; pode solicitar dinheiro para coisas especiais, como cursos extracurriculares, aulas particulares, casaco de inverno e roupas para eventos religiosos. Mas, dada a contenção orçamentária, não solicite. Para evitar a impressão de servidão, favor não deixar que a criança cozinhe, limpe, nada que possa ser visto como trabalho pago.” Ela me entrega uns papéis para assinar e vai embora.

“Espero que você não contrate essa mulher para trabalhar aqui”, opina Madeline. “A Tessie e eu achamos que ela tem ar petulante.”

Estou na A&P quando Amanda liga. Olho ao redor, imaginando que ela talvez esteja ali, observando-me em meio aos pães, espreitando por cima da montanha de laranjas. Venho aqui com frequência, pois agora

preciso fazer mais compras do que nunca: inúmeros apetites para atender, dos jovens aos idosos.

“Onde é que você está?”, pergunto.

Ela não quer dizer.

“Você está bem?”

“Estou. E você?”

A aleatoriedade do telefonema me pegou desprevenido. Minha sensação é de que ela está se intrometendo. “Que bom”, digo. “Olha que engraçado: eu estou na A&P; mudaram a arrumação, puseram um caminho novo, como se fosse uma estrada rural sinuosa. Dizem que fazer compras assim relaxa mais, é mais natural.”

Há uma longa pausa. “Que mais?”, ela pergunta.

“Terminei meu livro.” Deixo de lado a parte do raio. “Seus pais estão bem; as crianças estão na escola. O que você tem feito?”

“Complicado dizer”, ela responde.

Minha frustração cresce: sua opacidade, a característica que a tornava atraente, a impossibilidade de saber o que ela está realmente pensando, agora é irritante.

“Posso te fazer uma pergunta?” Faço uma pausa. “Quando ‘algo’ acontecer, você vai querer saber?”

“Não”, ela responde sem vacilar, “não quero mesmo. Gosto de não saber, só imaginar. Saber pode mudar alguma coisa; posso acabar agindo de outra forma. Não quero ficar sobrecarregada”.

“Ok”, digo. “Preciso que me faça um favor...”

“Qual?”, ela indaga.

“Não ligue mais para este número. O mundo não gira em torno do seu umbigo, Amanda. Você não pode abandonar seus pais com um desconhecido, como se fossem um casaco, e dar uma simples verificada quando te dá na telha, para ter certeza de que está tudo como você deixou.” Digo isso e me calo.

Ouç o barulho de um papel farfalhando no fundo. “Umas coisinhas”, ela diz, ignorando tudo o que falei. “Todo ano, meus pais vão a West Point para os jogos do Exército contra a Marinha — eles têm ingressos para a temporada. Eles por acaso mencionaram?”

“Não”, respondo. “Nem um pio.”

“E o aniversário de casamento deles é no dia 25 de setembro. Quarenta e cinco anos.”

Enquanto ela fala, passo pelo corredor de laticínios e encho o carrinho: leite com baixo teor de gordura para o Ricardo, sem lactose para Cy, de soja para Ashley, e Maxwell House International Instant Peppermint Mocha Latte para a Madeline, que o descreveu como seu “vício”. Vou andando de um corredor a outro, pegando pão, biscoitos, papel-toalha, e Amanda continua me dando detalhes sobre coisas como varrer a chaminé da casa, não deixar que as grades de proteção

das janelas sejam levantadas. Está descarregando informações, desvencilhando-se de cada item como se fossem folhas de outono, voando com a brisa a caminho do chão. Passados mais alguns minutos, digo: “Amanda, deixa para lá, você não precisa mais se preocupar com essas coisas. Não interessa, nada disso interessa, são só coisas.”

“As coisas da vida”, ela diz. “Andei anotando tudo para poder te passar.”

“São instruções operacionais, não são o que você precisa passar. Tenho que ir”, anuncio, preparando-me para desligar. “E se cuida.”

No carro, a caminho de casa, sou dominado por um medo esmagador: Será que passei do limite? Ela vai me retaliar? Imagino Amanda entrando de fininho na casa durante a noite e guiando os pais escada abaixo, reivindicando-os. Imagino-me sendo proativo — arrumando as trouxas de todo mundo e entrando na clandestinidade, como numa espécie de programa de proteção a testemunhas. Cy e Madeline agora são meus. Eu os estou usando — as crianças os estão usando. Não posso me dar ao luxo de perdê-los.

Cy diz que precisa da minha ajuda. “A gente tem que fazer uma viagenzinha — à casa antiga. Deixei uma coisa lá.”

“Não tem problema”, digo. “A senhora Gao pode trazer aqui, seja o que for.”

“Não, a gente precisa ir, só você e eu, esta noite, com uma pá”, ele diz.

“Sério?”, indago.

“Sim.”

Telefone para o sr. e a sra. Gao para avisar que faremos uma visita surpresa e peço que eles finjam não nos ver. Assim que escurece, vamos até lá com duas pás e uns capacetes com lanternas acopladas que comprei na loja de ferragens.

Cy dá dez passos a partir da porta do porão, três para a esquerda e começa a cavar. “Está a uns quarenta e cinco centímetros abaixo do chão”, ele diz.

“Olha, deixa comigo, minhas costas são mais fortes.” Ele me vê escavar por uns minutos e depois começa a escavar outro buraco, a cerca de trinta centímetros de distância.

“Tem mais de um?”, questiono.

“Sete ou oito”, ele declara.

Só paro de cavar quando ouço o som da pá batendo no metal.

“Bingo”, ele brada.

Ficamos de gatinhas e tiro o pó do que se revela um cartucho de munição militar calibre .50. De repente fico apavorado.

“Você guarda munição enterrada no quintal... explosivos? É perigoso. Nós podíamos ter explodido.”

“Não são explosivos — é dinheiro. Pus nos cartuchos de munição porque são à prova d’água. Por que é que você acha que nunca concordei em instalar um sistema de irrigação neste jardim? Eu teria destruído meu plano de aposentadoria.” Ele gargalha.

“Cy, você está querendo dizer que tem uns sete ou oito cartuchos de dinheiro enterrados aqui no quintal?”

Ele faz que sim, satisfeito. “É, nunca confiei nos mercados, então economizei tudo o que deu, um pouquinho aqui e um pouquinho ali, ao longo dos anos.”

“E esse não é o dinheiro que você roubou?”

“Não”, ele diz, balançando a cabeça. “Aquele eu devolvi; este aqui é meu.”

“Tem certeza disso, Cy?”

“Absoluta”, ele diz. “Continua cavando.”

E eu obedeço. Passo horas cavando; achamos seis cartuchos.

“Que estranho”, Cy comenta. “Eu jurava que tinha mais.”

Dou de ombros. Estou quase manco, minha cabeça lateja, imagino que possa sofrer outro derrame a qualquer instante. “Já chega, Cy. Seja lá quanto for, é suficiente.”

Ele faz que sim. “Tem dez mil dólares em cada cartucho.”

“Sessenta mil dólares?”

“É seguro vendido, filho, e eu era bom pra burro nisso. Seguro era importante naquela época, final da década de 1950, início da década de 1960. Todo mundo achava que a gente ia para o além... Eu era muito cuidadoso: cada bônus, cada dinheirinho extra, eu escondia. Olha...”, Cy diz, quando estamos encerrando a tarefa. “Sei que custa uma boa grana cuidar da Madeline e de mim. O Natal está chegando, e eu quero fazer alguma coisa para as crianças — quem sabe comprar uns títulos do Tesouro dos Estados Unidos. E, bom, vou falar a verdade, eu sempre quis um trenzinho Lionel. Todo Natal, apesar da idade, eu descia esperando que ele estivesse lá. E quer saber? Vai ser este ano, porque eu mesmo vou comprar. Você vem comigo”, ele diz. “A gente vai a Nova York e escolhe.” Ele faz uma pausa. “Então... você acha que o dinheiro dá para o trem?”

“Dá, Cy, acho que dá para você bancar um.”

Juntos, enchemos os buracos e planejamos voltar e consertar o estrago feito no gramado. “Antes que eles percebam”, Cy diz — o que é obviamente impossível, já que faz horas que os Gao estão nos observando pelas janelas dos fundos, perguntando-se que diabos

queremos com aqueles cartuchos verdes de metal.

“Eu devia ter perguntado antes de começarmos”, constata Cy, “mas suponho que você concorde em manter o que aconteceu aqui só entre nós”.

“Minha boca é um túmulo”, afirmo.

Uma carta chega sem selo, sem endereço para resposta. Foi belamente datilografada num papel de carta azul.

Franklin Furness me mostrou seu manuscrito — ele queria minha opinião como verificador de fatos extraoficial. Juntei dois mais dois e quis lhe escrever umas linhas, um bilhete de felicitações. Tive uma surpresa agradável ao ver que sua crença no sonho sobrevive junto com a sua esperança de que os corações dos homens não sejam tão sombrios quanto suas condutas podem nos levar a crer. A fumaça da história nunca se dissipa de verdade, há uma enorme porção que jamais conheceremos, basta dizer que o governo não é do povo há muito tempo. É uma empresa, uma multinacional — a terra dos livres e lar dos valentes como lhe é apresentada pela República Popular da China. Forças históricas são subestimadas — assim como a física descreve a gravidade como uma força insignificante —, e o molde da história é reformulado com uma facilidade surpreendente. E aqui estamos, você e eu, de novo no centro do *Zeitgeist*, do perfume e do fedor, mistura de fato com que se espera que seja ficção, que borbulha como um asfalto antigo. E, embora possamos nos deleitar com a precisão de nossas reflexões conspiratórias, sim, tínhamos razão desde o início: nossos sócias juvenis estão de olho novamente. Você se dá conta de que agora há mais de oitocentas e cinquenta mil pessoas empregadas com autorização de entrada Altamente Secretas? Ninguém sabe quem está fazendo o que, e mesmo quem é autorizado a saber não consegue se manter a par. Um plano ou dez podem ser bolados, trançados de tal forma que levaria anos para se desenrolar com uma pessoa no comando. Esse é o novo terrorismo, botões apertados por pessoas que estão simplesmente

exercendo suas funções sem noção de causa e efeito, da relação de um ato com outro. O drone... procure só a definição: zangão sem ferrão, isto é, um homem indefeso, o tipo mais perigoso. O drone nada mais é que um zumbido estranho no seu ouvido — não mais uma abelha humilde, mas um falso inseto que pode ser pilotado até a sua casa, pousar na sua mesa de jantar ou voar até o seu ouvido e, ao comando, com um toque no teclado, explodir você e sua casa sem você nunca saber o motivo. Estão entre nós e jamais saberemos quem são ou o que está acontecendo. É bem maior do que nós seríamos capazes de imaginar. Passaram-se quarenta e nove anos desde o grande acontecimento — a implosão da política americana, a inauguração da nossa idade das trevas —, e foi aqui que nós chegamos. Como você deve imaginar, estou escrevendo um livro — parece que alguns de nós ainda seguimos a mesma linha de pensamento —, carregando o fardo, algo que precisamos tirar do peito antes que seja tarde demais. De qualquer modo, tudo isso foi para dizer: Parabéns. Bom trabalho. O mundo precisa de outros homens como você, Silver.

Leio a carta várias vezes. Não tenho como não ficar satisfeito. Era o que eu queria escutar. Ela confirma meus sentimentos, minhas suspeitas, minha esperança de que não foi tudo em vão. Presumo que seja do meu “amigo” do escritório de advocacia, o cara do elevador — mas quem é ele? É alguém que eu devia conhecer — um nome familiar? Enfio a carta no bolso, pensando em revê-la com mais atenção depois; talvez haja algo nela, uma expressão, uma forma de falar, que me soe familiar.

Walter Penny liga para contar que George foi transferido outra vez. “Estava com problemas estomacais, então o mandamos para um lugar com assistência médica melhor. Posso te passar o endereço e as informações sobre visitação; já faz um tempo que você não o vê.”

“O incidente ainda está claro na minha memória”, declaro.

“Você recebeu o cheque?”, Penny indaga, como se isso consertasse a situação.

“Recebi, obrigado.”

Ele me passa os dados da prisão. “Fica a mais ou menos uma hora de onde você está, tem vista para o Hudson.”

Vou até lá no dia seguinte. Por fora, é bucólico, incrustado numa paisagem que é como um castelo antigo ou uma fortaleza. O estacionamento tem uma vaga para o funcionário do mês com o nome da pessoa escrito em vermelho com caneta pilot num retângulo branco. Quando estou estacionando, noto por acaso uma casa antiga à direita. Então, como se visse um fantasma, vejo um cara garboso trajando uma jaqueta de cotelê marrom. Ele está saindo pela porta da frente e seguindo em direção a uma caminhonete antiga. Parece mais o fantasma de John Cheever saindo para dar uma volta de carro.

Bucólico por fora, mas parecendo uma fornalha por dentro, suado, grudento, com cheiro nojento. Passo pelo detector de metais e entro na área de espera. Os guardas trazem o George, algemado, à área de visitação; conversamos por meio de buracos feitos no acrílico grosso — buracos cheios de cuspe de todos os parentes de criminosos que estiveram ali antes de nós.

“Como é que você está?”, pergunto.

“Como é que eu poderia estar?”

“Foi um acidente”, digo.

“Não pedi a sua opinião”, retruca George.

“Você está com uma cara péssima. O Walter mencionou que você esteve no hospital.”

“Tive proctite e gonorreia.”

“O que é que está acontecendo aí?”

“Tive que dar meu próprio jeito”, ele diz, balançando a cabeça com amargura. “Não tem nada de bom neste lugar. Meus dentes estão apodrecendo. Eu fazia limpeza quatro vezes por ano, agora tenho bafo de merda o dia inteiro. Você me vendeu. Você me entregou, e em troca de quê? Da receita dos cookies de chocolate da Lillian?”

“Do que você está falando?”

“Você se aproveitou do meu desejo por doces; você usou os cookies para ferrar comigo.”

“Eles já tinham você na mão, George”, explico. “Eu é que fui usado, que nem um escudo humano. Eu me entreguei para te proteger. Não tinha a opção de dizer não para eles”, afirmo. “Eles estavam com

meus colhões na mão.”

“Você não tem colhões”, George retruca.

“Legal, George.”

O presidiário da cabine ao lado cai no chão e sofre uma convulsão.

“Como vão as minhas rosas?”, George indaga, quando os guardas se mexem para vir até a sala levar o prisioneiro adoentado.

“Estão com pontos pretos. Vou regar de novo esta noite se não chover”, digo ao sair.

Na terça-feira anterior ao Dia de Ação de Graças, Nate volta da escola com um amigo chamado Josh. No dia seguinte, pegamos a minivan dos Gao emprestada e vamos à cidade de Nova York. Cy, Ricardo, Nate, Josh e eu nos dirigimos à Lionel Store, enquanto Ashley e Madeline têm como plano arrumar os cabelos e almoçar. A cidade está repleta de gente, e eu me sinto um turista — empurrado por tudo.

Na Lionel Store, levamos um tempo para que o vendedor entendesse exatamente qual era o intuito de comprar o trenzinho. Mas, quando entende, ele entra no jogo e só saímos da loja setecentos dólares depois — todos os meninos carregando sacolas pesadas, repletas de acessórios. Levo os meninos para tomar sorvete. Descubro que Nate nunca tomou banana split. Peço duas para a mesa e Cy me olha feio. “Hoje é meu grande dia”, ele diz. “Cada um toma o seu, individual.”

E é o que fazemos.

Quando acabamos, reencontramos Ashley e Madeline, que não só arrumaram o cabelo como também fizeram as unhas das mãos e dos pés.

“Mais uma parada”, Cy anuncia, enquanto nos apertamos na minivan. Ele me encaminha à entrada do Museu de História Natural, que fica na 81st Street.

“Não sei até que rua dá para chegar — eles fecham um monte de ruas antes do desfile.”

“Só estou pedindo para você dar o melhor de si”, Cy diz.

Paro em um estacionamento a alguns quarteirões do museu e, como numa fila de patos, seguimos Cy, tropeçando nas pessoas ao longo do caminho, ecoando o coro de “Desculpa, desculpa, desculpa”. Na barricada da esquina da 81st com o Central Park West, Cy sussurra algo para o policial e tira a habilitação velha da carteira. Olho para Madeline, que parece saber muito bem o que o marido está fazendo. Ela sorri.

“Claro”, diz o policial, abrindo a barricada e acenando para que a gente passe.

Cy sorri, satisfeito com seu ato. Agora estamos entre o seleto grupo de pedestres no quarteirão onde os balões do desfile da Macy’s ficam expostos no meio da rua e são inflados. “Tem uma mangueira saindo do rabo da Betty Boop”, Cy aponta.

“Betty Bunda”, Ricardo exclama.

“Como foi que a gente entrou aqui?”, Nate indaga.

“Ainda tenho umas cartas na manga”, Cy se vangloria.

“A gente morava exatamente neste quarteirão”, Madeline comenta. “Foram muitos e muitos anos. Nossas meninas cresceram brincando no Central Park quando fazia sol, ou no meio dos dioramas do Museu de História Nacional quando fazia frio ou estava chovendo.”

“Legal”, Nate diz.

“Esse desfile é coisa da minha infância”, Cy diz. “Eu estava aqui quando o Mickey Mouse voou pela primeira vez e quando Ethel Merman cantou.”

“Não sabia”, digo, enquanto andamos de um lado para outro. As crianças ficam encantadas com os balões gigantes, Betty Boop, o sapo Caco, Shrek, Super-Homem, todos ganhando vida. Sob luzes brancas quase forenses seguradas por trabalhadores em macacões Tyvek, os balões gigantes são amparados por redes, sacos de areia e cordas. É impossível não perceber que do outro lado do museu também há balões — e uma fila imensa que serpenteia por quarteirões —, tudo aberto à visita do público.

“É a coisa mais legal que eu já vi”, diz Ricardo. “Obrigado.”

É mágico, quase fantástico. E é o que eu chamaria de melancolia boa — por mais doce que seja, também é triste. Ficamos até ficar escuro e frio, e nossos ossos começarem a doer.

A caminho de casa, eles adormecem no carro. Estou sozinho e acordado. Pegando a avenida Henry Hudson rumo a Saw Mill, vejo os olhos brilhantes de um guaxinim me encarando à beira da estrada. Começa a nevar — primeiro floquinhos brancos, depois flocos grandes, quase do tamanho dos panos que ficam embaixo dos abajures na casa da tia Lillian. Abro a janela: a neve entra no carro, polvilhando todo mundo como se fosse um pozinho mágico.

Dia de Ação de Graças. Faz um ano — e uma vida inteira. A mesa já foi posta. Ashley e Madeline arranjaram um profuso enfeite de centro que derrama dádivas outonais na toalha de mesa recém-passada: veem-se abóboras, morangas e, se alguém olhar com atenção, os

sapatos de peregrina com fivelas prateadas que Ashley e eu compramos em Williamsburg. Do enfeite transbordam uvas vermelhas e verdes.

Manhã de Ação de Graças, levanto cedo, espalho massa de torta em latas. Olhando pela janela da cozinha — para além do toco de bordo, que foi cortado, lascado, cuspid no solo e espalhado pelo jardim inteiro, como cinzas fúnebres polvilhadas como recordação —, vejo quatro cervos andando de fininho e sem fazer barulho pelo quintal, um cervo pai seguido de dois filhotes e a mãe. Balançam o rabo enquanto se curvam para provar o jardim. Não contenho o sorriso. Os únicos cervos que já tinha visto aqui perto foram carcaças ensanguentadas à beira da estrada. Madeline entra arrastando os pés, vê que observo algo e vem olhar. Ela se debruça sobre a pia e batuca a janela. “Isso aqui não é mercado”, ela berra. As orelhas do cervo pai se encrespam, ele ergue o rabo, e todos vão embora, entendendo que não são mais bem-vindos.

Madeline pergunta se reparei que Cy está sentado no chão da sala de estar, de pijama, montando o trenzinho.

“Ele me parece feliz”, comento.

“Ele está”, diz ela, confessando que está contente por ele ter comprado o trem agora — acha que ele não vai viver até o Natal.

“O médico falou que ele está bem”, declaro.

“Ele está partindo”, ela diz, “aos pouquinhos ele está indo embora. Mas não está sofrendo. Tomara que a gente tenha essa sorte”.

As crianças estão de pijama, assistindo ao desfile pela tevê e ajudando Cy a montar o trem. Josh, o amigo de Nate, é disléxico. Chama Nate de “Ante”. Nate explica que, sempre que Josh manda uma mensagem, ele digita “Ante” em vez de “Nate” e que o apelido lhe soa péssimo. Minha desconfiança de que não sejam apenas amigos é aniquilada quando Nate aparece para tomar o café da manhã e me diz que Josh não é um aluno normal: no ano seguinte, depois que Josh se tornar Jenny, ele será transferido para uma escola mista para que a escola não precise lidar com a questão da flexibilidade de gêneros.

“Como foi que vocês ficaram amigos?”, pergunto.

“Nós dois tricotamos”, explica Nate. E ele então me ajuda a enfiar a ave recheada e amarrada de treze quilos no forno. “Escrevi para o meu pai”, Nate conta. “Bom, eu comecei a escrever uma carta, mas ficou muito longa — oitenta páginas. Fui ao meu orientador e ele me disse que não era uma carta, era um livro de memórias, e que ele quer que eu continue. Sou novo demais para escrever um livro de memórias?”, ele questiona.

Não existe resposta certa.

Entre fazer “ponche festivo” e procurar uma travessa grande o suficiente para a ave, troco mensagens de texto com Cheryl — convidei a família, mas o Dia de Ação de Graças é uma grande data para Ed. A irmã dele cozinha e Cheryl e Ed dobram a dose de Plavix e Lipitor na semana anterior. “Não deixe de enfiar um limão no buraco da ave antes de colocá-la no forno”, Cheryl recomenda.

“Tarde demais.”

“Nunca é tarde demais”, ela escreve. “E, antes que comece a ficar marrom, cubra com papel-alumínio; deixe o douramento para os últimos trinta minutos — ajuda a ficar com uma pele crocante.”

“Alguém realmente usa abóbora para fazer torta de abóbora?”, indago.

“Não”, ela responde.

O sr. e a sra. Gao chegam carregando um turducken quente, que fritaram no restaurante e levaram direto para nós.

“Não faço ideia do que é um turducken, mas o cheiro é bom”, Madeline comenta, recebendo o casal.

“Nós também não sabemos”, a sra. Gao admite. “Vimos na tevê e falaram que era bastante americano. Pedimos pela internet.”

Os tios de Ricardo surgem com uma caçarola gigantesca de batata-doce com marshmallow e uma tigela de vidro enorme de ambrosia. Como forma de cumprimento, Ricardo faz uma longa demonstração do que aprendeu a tocar na bateria.

Ching Lan e os pais dela pegaram o trem em Nova York carregando buquês de flores grandes e ossinhos da sorte para as crianças. “Vocês sabem que o peru só tem um”, a mãe de Ching Lan explica. “Bom, mas destes aqui vocês podem pegar quantos quiserem, espalhar a sorte por aí. Vendemos a semana inteira na delicatessen — faz sucesso.”

A cada convidado novo, todas as apresentações são feitas. No meio disso tudo, Ashley desce a escada usando o vestido da parte

colonial de Williamsburg, combinando com o xale e o solidéu que Sofia lhe deu para o bar mitzvah. Está se tornando cada vez mais religiosa, definindo-se ultimamente como “ortodoxa”. Aceito a ideia como uma fase, um rótulo adolescente sincero que lhe traz conforto e, espero, seja parte da evolução rumo a uma identidade saudável.

“Quero acender as velas de quinta-feira e rezar”, ela diz.

“Não existe vela de quinta-feira”, digo.

“Mas a tia Lillian e o Jason nunca me viram fazer as preces.”

“Entendi, mas hoje é Dia de Ação de Graças; este dia é dos nossos irmãos cristãos. Quer fazer uma prece agradecendo pela comida?”

“Deixa o Cy ou o Ricardo fazerem a prece, mas eu quero falar à mesa.”

“Sobre o quê?”

“Vou preparar alguma coisa”, ela diz, voltando lá para cima.

“Está bom”, respondo.

Jason e Lillian chegam com a famosa lata de cookies recheada de biscoitos.

“Ensinei o Jason a fazer”, Lillian anuncia com orgulho.

“Fizemos juntos ontem à noite”, conta ele. “Agora a gente pode comer esses cookies a qualquer hora, e quantos a gente quiser.”

“Você está querendo dizer que não precisa mais de mim, que você só me tolerava por causa dos meus cookies?”

“Não, estou querendo dizer que fico feliz por você ter confiado sua receita secreta a mim”, diz Jason.

Lillian olha ao redor. “Cadê a sua mãe? Eu tinha certeza de que ela viria — estava ansiosa pela nossa reaproximação.”

“Ela e o Bob saíram com os amigos”, digo.

“É meio estranho, não é? Você dar um jantar de Ação de Graças sem a sua mãe?”

Não faço menção da ansiedade que senti a respeito do que iria acontecer, ou de como apresentar Madeline e Cy à minha mãe e ao Bob. O que seriam uns para os outros? Será que brigariam pelo território?

“Bom, os filhos do Bob só convidaram o pai, mas não a mamãe para o jantar de Ação de Graças deles, e eles ficaram magoados”, explico. “Claro que eu convidei os dois, mas a mamãe disse: ‘Não quero sobrecarregar o Bob com a complexidade da família, ele já sofreu muito. A gente vai sair com os amigos, tem um horário mais cedo num restaurante perto daqui. A minivan vai nos levar; vamos nos divertir’”.

Antes de nos sentarmos para jantar, tiramos muitas fotos — retratos em grupo na sala de estar. Quase todo mundo tem câmera ou telefone, então nos revezamos, amigos e parentes.

“Que tal este ser o nosso cartão de Natal?”, Madeline pergunta a Cy.

“Por que tanto chinês aqui?”, ouço Lillian perguntar a Jason a caminho da mesa. “Eu achava que ele tinha se divorciado.” Ela se acomoda na cadeira. “Ele tem um internato?”, ela murmura. “É um espetáculo bizarro, um monte de gente que a gente não sabe de onde saiu.”

Estou à cabeceira da mesa, servindo de testemunha. Penso em Sakhile e no e-mail que ele me mandou de manhã: “Quando a estrada se estreita, o cara atrás de você tem a preferência.”

Penso em George e em sua proctite na cadeia e me pergunto o que estarão servindo no jantar de Ação de Graças a uma hora daqui. Penso em Cheryl e na família dela. Penso em Amanda, imaginando se ela está no país ou fora deste mundo; e nos pais de Heather Ryan passando essa primeira festa sem ela; e em Walter Penny provavelmente dando uma corrida antes da ceia.

Fique, digo a mim mesmo, enquanto respiro. Fique aqui, viva o momento. E respiro de novo — profundamente. Penso em Londisizwe, em seu chá e, embora já faça meses, eu arroto, e aquele mesmo gosto ruim na boca se repete.

Olho o tamanho da mesa e percebo os jovens e os velhos conversando, passando pratos de peru e recheio, doce e apetitoso, aproveitando a ocasião. Ricardo me entrega o molho de cranberry. “Foi a Ashley e eu que fizemos”, ele diz, orgulhoso. “Nós espremeeeeemos os limões.”

“Molho nunca é demais”, Cy diz, enquanto a vasilha circula.

Olho para Nate e Ashley e me lembro do Dia de Ação de Graças do ano anterior, quando estavam curvados em suas cadeiras como bobos invertebrados, aparelhos eletrônicos na mão, olhos concentrados nas telinhas; as únicas coisas que se mexiam eram seus dedos. Lembro-me de olhar para eles com desdém, já que estavam inertes, alheios à mãe deles, escravizada pela cozinha, o pai fazendo graça para os convidados. E agora Nate se vira para os convidados e pergunta: “Alguém está precisando de alguma coisa?” E Ashley dirigindo-se à Lillian: “Quer que eu pegue alguma coisa para você?”

Na sala de estar, a televisão está ligada — está passando o filme *Poderoso Joe*. Peço a Nate que a desligue, e ele obedece. Analiso a

situação, confortado pelo fato de que estou satisfeito. Na verdade, percebo que não sinto nada além de benevolência — uma boa vontade que voa livremente.

É Dia de Ação de Graças e me sinto à vontade; na verdade, nem estou de sapatos. Há uma ausência perceptível de tensão, de medo de que algo exploda ou simplesmente dê errado. Noto a falta de preocupação e avalio que no passado a falta de angústia estaria me causando pânico, mas agora simplesmente deixo a coisa rolar — seguindo em frente.

Estou examinando a mesa e pensando em todo mundo que conheci na vida; cada “oi” e cada “tchau” me atravessa como uma brisa de outono. Estou poroso, antiaderente.

“Uma prece?”, Cy sugere.

Abaixamos a cabeça.

“*Itadakimasu*”, Nate diz em japonês. “Recebo com humildade.”

“Pai-Nosso, neste dia, por esta comida, nós Lhe agradecemos”, diz a tia de Ricardo.

“Minha vez”, diz Ashley, levantando-se antes de a tia terminar. “Então, tipo, foi uma jornada bem doida”, ela diz. “Mas tem um livro que li neste verão e que gostaria de dividir um trecho com vocês.” Então, Ashley começa a ler da folha que imprimiu.

Eu não penso em todo o tormento, mas na glória que permanece. Saia pelos campos, pela natureza e o sol, saia e busque a alegria em você e em Deus. Pense na beleza que é depositada várias vezes dentro e fora de você e seja feliz.

“Muito bem”, diz Cy. “É Whitman? Longfellow?”

“Anne Frank”, esclarece Ashley.

Cy aguarda um instante antes de erguer seu copo. “Bom, quero agradecer a vocês, a todos vocês. O ano foi muito bom para a Madeline e para mim, que voltamos para a nossa casa. Não sei por que fomos embora. Lerraaaim!”

Madeline se inclina e sussurra alto para Cy: “Ação de Graças é uma festa americana, e não judaica.”

Lillian se curva e, apontando para Madeline e Cy, pergunta a Jason: “Esse pessoal é parente de quem?”

Jason encolhe os ombros. “Sei lá.”

“Não sabia que os pais da Claire eram caucasianos”, diz tia Lillian.

“Vai ver que a Claire foi adotada”, Jason infere.

“E cadê a Claire, aliás?”, ela ainda indaga. “Eu achava que tinham matado era a Jane. Mataram a Claire também?”

Comemos, aliás, devoramos, nos empanturramos, engolindo tudo com avidez. Pratos são passados para que as pessoas se sirvam pela segunda e terceira vez. A salada da Christina, tia do Ricardo, é estranhamente viciante; depois da minha terceira porção, ela me conta que o ingrediente secreto é maionese. Então pulo a quarta porção e me encho de peru. Comemos à saciedade e ainda assim continuamos comendo até sentirmos dor, até sofrermos, pois esta é a nova tradição americana.

“Nem gosto de batata-doce, mas comi e repeti”, Ashley comenta, afastando-se da mesa.

“A ave estava perfeita”, Madeline elogia.

Fazemos um intervalo antes da sobremesa; as crianças trabalham em equipe e tiram a mesa.

A sra. Gao e Ching Lan e a mãe insistem em ajudar na limpeza. A sra. Gao trouxe tupperwares — “meu presente para você”, ela diz. “Adoro essas coisas; elas soluçam quando são fechadas.”

Estou tão empanzinado que literalmente não consigo ir além do sofá da sala de estar. Fico ali deitado, pensando no George comendo peito de peru prensado, com molho empelotado e recheio de pão branco viscoso, fatias de cranberry gelatinosas que ainda trazem as marcas anelares da lata, e me pergunto: haverá torta de abóbora na cadeia? Se houver, terá algum sabor?

As crianças estão lá fora, jogando futebol americano na frente de casa com o tio de Ricardo e Cy; ouço gritos alegres à medida que a bola é passada de mão em mão.

Há conversas sobre uma nevasca antes da época, chuva gelada.

Faz trezentos e sessenta e cinco dias desde o alerta, trezentos e sessenta e cinco dias desde que Jane se esfregou em mim na cozinha; eu com os dedos enfiados nos restos da ave; nosso beijo molhado, gordurento.

Passou-se um ano inteiro, e pensar em Jane ainda me dá uma sensação de calor. Percebo que me entusiasmo ao pensar nisso.

Que sejamos perdoados: é uma oração, uma fórmula mágica.

Que Sejam Perdoados.

Agradecimentos

Agradeço muito, pelo apoio, amizade e habilidades editoriais, a Marie Sanford, Amy Hempel, Katherine Greenberg, Amy Gross, Elliott Holt, Lisa Randall, Laurie Simmons, a Syd Sidner, que ficou semanas ao meu lado e me trouxe uma quantidade absurda de café, e a Claudia Slacik, que literalmente me deu um lugar para escrever.

A Zadie Smith, que formulou a questão que fez toda essa engrenagem funcionar; William Boyd, que escolheu o primeiro capítulo para a edição número 100 da *Granta*; Salman Rushdie, que depois escolheu o trecho para a coletânea *The Best American Short Stories 2008*; e Heidi Pilator, da *Best American Short Stories*.

Aos agentes Andrew Wylie, Sarah Chalfant, Charles Buchan, Jin Auh e Peter Benedek na Costa Oeste. E aos advogados Marc H. Glick e Stephen F. Breimer.

A Paul Slovak, meu editor na Viking, que foi almoçar comigo várias vezes durante este percurso, e Sara Holloway na *Granta UK*, que tem sido uma amiga e editora maravilhosa nos últimos dez anos.

A Françoise Nyssen e Marie-Catherine Vacher na França; Carlo Feltrinelli, Fabio Muzi Falconi e Maria Baiocchi na Itália; Robert Ammerlaan na Holanda; e Helge Malchow e Kerstin Gleba na Alemanha.

A Elaina Richardson, Candace Wait e aos funcionários do Yaddo, sem os quais eu nunca teria escrito nada. Um agradecimento especial a Catherine Clarke, que se aposentou em 2011 depois de passar vinte e cinco anos na mesa de recepção dizendo a qualquer pessoa que ligasse “Boa tarde, Yaddo”, em um tom de voz maravilhosamente calmo.

A Andre Balaz, Philip Pavel e à equipe do Chateau Marmont — meu Yaddo da Costa Oeste.

Aos meus colegas no Pen American Center, no Poets and Writers e no Writer’s Room em Nova York.

E a meu irmão e aos meus pais — que jornada longa e estranha esta tem sido.